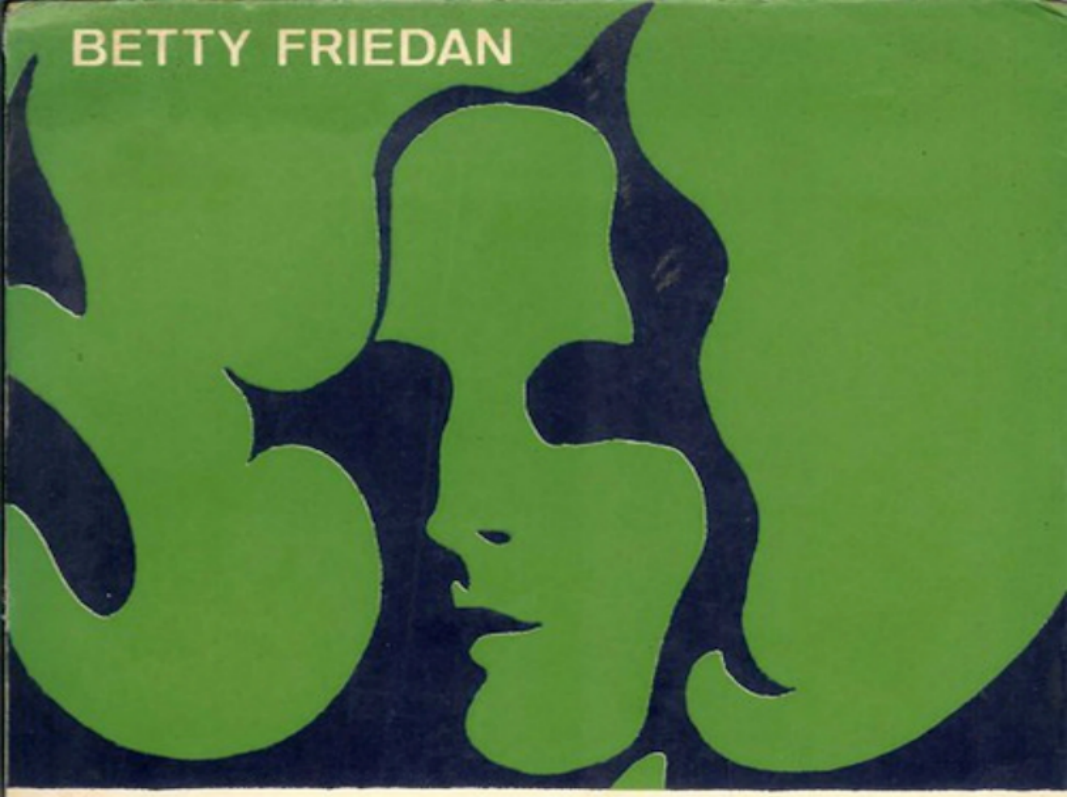
BETTY FRIEDAN



o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas

MÍSTICA FEMININA

MISTICA FEMININA

BETTY FRIEDAN

Editora Vozes Limitada
1971

Título original americano:
THE FEMININE MYSTIQUE
Copyright © 1963 by Betty Friedan

Tradução de
ÁUREA B. WEISSENBERG

© 1971 da tradução portuguesa
by Editora Vozes Limitada
Rua Frei Luís, 100
Petrópolis, RJ - Brasil

Para Carl Friedan
e nossos filhos
Daniel, Jonathan e Emily

Mistica Feminina
Betty Friedan

Editora Vozes Limitada 1971

Título original americano: THE FEMININE MYSTIQUE Copyright © 1963 by Betty Friedan

Tradução de ÁUREA B. WEISSENBERG

© 1971 da tradução portuguesa by Editora Vozes Limitada Rua Frei Luís, 100 Petrópolis, RJ - Brasil

A mulher brasileira e a sociedade de consumo

Rose Marie Muraro

PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA DOS ESTADOS Unidos, neste livro, Betty Friedan, psicóloga e escritora, denuncia a manipulação da mulher americana pela sociedade de consumo.

Contudo, a denúncia de Friedan não se aplica apenas aos Estados Unidos. Com a costumeira defasagem, a sociedade brasileira também se aproxima dos padrões mais elevados do consumo, principalmente nas grandes cidades. O problema por ela levantado começa, também, a ser o problema da mulher brasileira urbana.

Mais do que nunca as grandes indústrias (principalmente as estrangeiras ou suas subsidiárias brasileiras) utilizam-se entre nós, dos meios de comunicação de massa para ativar nas classes médias o consumo de produtos tanto mais sofisticados quanto inúteis, seja em vestuário como em comodidades domésticas. Apenas com uma diferença do caso americano: o nosso país, como subdesenvolvido que é, se quiser alcançar uma velocidade razoável de desenvolvimento, precisa poupar, ao menos nesse consumo desnecessário.

Vejamos, por exemplo, o caso dos próprios Estados Unidos: como conseguiram os americanos esse grau fantástico de desenvolvimento que o tornou o povo mais rico do mundo? Simplesmente através do trabalho duro das gerações sacrificadas do século XIX e do início deste, voltadas apenas para a produção e não para o consumo, como as de hoje. E este trabalho então sem horizonte, era fundamentado por uma severíssima ética protestante puritana, que salvava apenas as almas daqueles que apresentassem uma vida produtiva em termos de dinheiro e reprimida em matéria de sexo.

Vejamos, agora, outro país de cultura antagónica à americana: a União Soviética. Embora anti-religiosa, a ética marxista não era menos puritana em matéria de sexo e rígida em termos de produção. As primeiras gerações que saíram da revolução de 1917 trabalharam ainda mais duramente do que suas contemporâneas americanas, porque a Grande Sociedade Comunista que estava sendo construída tinha problemas muito mais graves a serem resolvidos que os de sua irmã, a futura Grande Sociedade Americana. E assim é que apenas hoje, no início da década de setenta, quando o ideal da Revolução começa a arrefecer, e o desenvolvimento a agigantarse, as mulheres soviéticas começam a pensar em ser frívolas e, portanto, a consumir. Antes estavam todas elas ocupadas na erradicação da fome, da miséria, do analfabetismo ou então trabalhando romanticamente na indústria pesada ao lado dos seus companheiros...

Ainda um terceiro exemplo: o Japão, país que atualmente mais cresce economicamente sobre este planeta. Sua cultura, em diversidade, está equidistante, tanto dos Estados Unidos como da União Soviética, e, portanto, é mais do que interessante para o nosso caso. É ainda hoje inimaginável para nós brasileiros o grau de austeridade e de produtividade do homem médio japonês (que o diga o futorologo americano Herman Kahn). E esta austeridade individual e produtividade social são concretamente traduzidas no que se chama a poupança pública reinvestida anualmente em desenvolvimento: 36,5%, a mais alta do mundo.

Ainda outro exemplo: a Grã-Bretanha, o país mais «prá frente » da era tecnológica, contudo em acentuada decadência como potência económica. Sua taxa de reinvestimento anual é de 18%, inferior à dos Estados Unidos e a da União Soviética. E o Brasil? Para começar, nossa taxa de reinvestimento público é muito mais fraca do que a da Grã-Bretanha: apenas 10%, radicalmente insuficiente para alcançar uma velocidade razoável de desenvolvimento nos atuais padrões do mundo tecnológico e que serve para nos garantir apenas um confortável lugar de eterno dependente das grandes nações, em que aquela taxa é pelo menos maior que o dobro da nossa...

Assim, fica evidente que o problema que se coloca em primeiro lugar para a nossa economia não é o incentivo ao consumo das classes médias a qualquer preço, mas o incentivo da sua poupança e a integração na economia do mercado dos restantes 6% da população brasileira que ainda são marginais a ela por não possuírem poder aquisitivo. E isto através da canalização pública da poupança provada das classes médias em erradicações da fome, da doença, do analfabetismo, em construção de infra-estruturas que possa absorver essa mão-de-obra não qualificada quase totalmente ociosa... aliás exatamente como foi feito nos três primeiros países acima descritos.

Mas que acontece com a sociedade que já atingiu o pleno desenvolvimento? Vejamos o exemplo americano. A partir de um certo grau de desenvolvimento, instala-se a sociedade em que o consumo passa a ser valorizado. É preciso dar vazão aos produtos fabricados em série. Não pode baixar a produtividade da indústria. Mesmo que o país esteja saturado, é preciso comprar, comprar sempre. «Todo cidadão que possui um carro e pode comprar outro, deve comprá-lo, para que não haja um colapso na indústria nacional», dizia apreensivo à nação o presidente Eisenhower na década de cinquenta.

A partir de uma segunda etapa, é tal o excesso de objetos, que a indústria vê-se coagida a lançar mão do que os técnicos chamam de «obsolescência planejada», isto é: os objetos são feitos cada vez com material mais fraco, a fim de que se inutilizem mais depressa. Deste modo, um liqúidificador, ao invés de durar cinco anos, passa a durar dois e o freguês fica obrigado a comprar outro. Além disto, a moda vai modificando a cada ano a forma, as qualificações, etc. dos objetos, de modo que, quem quiser ter certo *status* social, é obrigado a consumir sempre. A indústria não pode parar.

Ainda mais: «novas técnicas de convencer», isto é, o «marketing», a

propaganda em grande escala, cada vez mais aperfeiçoadas, são, numa terceira fase, capazes de manipular o ser humano a tal ponto e de tal maneira inconscientemente, que a vida mais íntima da pessoa se modifica. É assim que em fins da década de cinquenta a mulher americana, conforme denuncia Friedan neste livro, começa a ser manipulada pela «mística feminina».

Nos Estados Unidos a mulher é a grande consumidora. Ela compra 80% de tudo. Lá como aqui, o homem ganha e a mulher gasta. Por isso, quase toda a propaganda é dirigida a ela.

Habilmente os donos do poder económico convencem-na a voltar em massa para casa. Nas décadas anteriores tinha havido um movimento de libertação feminino que abriu às mulheres as portas da participação social e económica na construção da Grande Sociedade. Agora, por necessidades também económicas, mas não mais das próprias mulheres ou da sociedade e sim da grande indústria, eis que a sua atuação fora de casa é desvalorizada e «revalorizada » ao máximo a sua feminilidade, a sua maternidade, como se participar na construção da sociedade fosse incompatível com a sua condição de mulher.

Embora aparentemente correta a suposição, no fundo o que queria a grande indústria era que, mantida isolada, sem participação ativa, a mulher dedicasse mais atenção ao consumo. E foi justamente o que aconteceu, até que Friedan desse o grito de alarma e em torno deste seu livro se tivesse erguido o mais surpreendente movimento feminista de todos os tempos. Com este livro, a mulher americana começou a tomar consciência da manipulação de que vinha sendo vítima. E começou a reagir.

Assim chegamos à quarta fase da sociedade de consumo: a revolta. Não só a mulher, como também a juventude em peso começaram a contestar a sociedade de consumo, seja violentamente, como as revoltas estudantis e negras, seja aparentemente com não-violência *(hippies)*. Instala-se, pois, no fim da década de sessenta, o caos dentro da Grande Sociedade. Ela explode sob o peso do seu próprio consumo. Da sua própria opulência.

A lição está aí para quem quiser ver. Não adianta que as filiais brasileiras das indústrias estrangeiras queiram que mulher brasileira (e através dela todo o povo brasileiro) permaneça na inconsciência de sua importância como elemento dinamizador da sociedade. É evidente que mantendo a mulher manipulada, manterá, através dela, o controle de toda a sociedade. Mas a resposta vem da própria pátria desse poder económico.

Os países subdesenvolvidos têm pelo menos uma vantagem: a de poder servir-se do exemplo dos mais desenvolvidos. E assim, por um mecanismo regulador muito conhecido em economia sob o nome de «efeito de economia externa» podem prever e modificar o curso de suas sociedades. Esperemos que o mesmo aconteça, também, no que se refere ao consumo.

E o que tudo isto nos ajudou a ver com mais clareza foi o papel da mulher na construção da sociedade. Ela ao mesmo tempo pode ser um elemento libertador ou alienador. É libertador quando, como aconteceu na África e nos

países socialistas, assume na sociedade tarefas condizentes com a sua condição (veja-se «A Mulher na Construção do Mundo Futuro», *Vozes* 1969, 5ª edição). É alienador quando, como nos Estados Unidos e outras sociedades desenvolvidas, é manipulada e através dela toda a sociedade, em favor da manutenção do poder por uma minoria privilegiada.

Prefácio

Aos poucos, sem o perceber claramente a principio, comecei a notar que existe hoje algo de muito errado na maneira de viver da americana. De início senti uma dúvida sobre a minha própria vida de esposa e mãe de três filhos pequenos, que com algum remorso e, portanto, meio tolhida, usava capacidade e conhecimentos em trabalho que me afastava de casa. Foi essa dúvida pessoal que me levou, em 1957, a interrogar minuciosamente minhas colegas de turma de Smith, quinze anos após nossa formatura. As respostas de 200 mulheres a perguntas de caráter íntimo levaram- me a compreender que o erro não podia relacionar-se com a educação no sentido em que ela era então concebida. Os problemas e as alegrias de suas vidas e da minha, e a maneira como nossa educação para eles havia contribuído simplesmente não se adaptavam à imagem da americana moderna, tal como se apresentava nas revistas femininas e tal como era estudada e analisada em clínicas e salas de aula, incessantemente louvada ou condenada, desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Havia uma estranha discrepância entre a realidade de nossa vida de mulher e a imagem à qual nos procurávamos amoldar, imagem que apelidei de mística feminina, perguntando a mim mesma se outras mulheres, num círculo mais amplo, se defrontavam também com esta cisão esquizofrénico e qual seria o seu significado.

Foi assim que comecei a pesquisar as origens da mística feminina e seu efeito sobre as mulheres que viviam ou haviam sido criadas segundo seus princípios. Meus métodos eram simplesmente os de uma repórter na pista de um caso, mas breve descobri que este caso nada tinha de comum. Pois o surpreendente plano que começou a surgir, à medida que uma pista me conduzia a outros campos mais amplos da vida e do pensamento contemporâneos, desafiava não só a imagem convencional, como as suposições psicológicas básicas relativas à mulher. Descobri em estudos anteriores algumas peças do quebra-cabeças, mas não muitas, pois a mulher do passado fora estudada em termos da mística feminina. Havia o interessante estudo de Mellon sobre as alunas de Vassar, o de Simone de Beauvoir sobre suas conterrâneas e o trabalho de Mirra Komarovsky, A. H. Maslow e Alva Myrdal. Achei ainda mais estimulante o campo cada vez mais amplo da nova corrente psicológica em busca da identidade do homem, cujas implicações para as mulheres aparentemente não haviam sido notadas. Obtive novos testemunhos interrogando os que tratam dos males e problemas femininos, e esbocei a evolução da mística conversando com editores de revistas femininas, pesquisadores de publicidade e especialistas teóricos da mulher nos campos da psicologia, da psicanálise, da antropologia, sociologia e educação familiar. Mas o quebra-cabeças só começou a encaixar-se quando entrevistei mais profundamente, por duas horas de dois em dois dias, oitenta mulheres que se encontravam em momentos críticos de sua vida — jovens de curso secundário e universitárias, enfrentando ou fugindo à interrogação «Quem sou eu?»; jovens esposas e mães, para quem, se a mística era correta, não deveria existir dúvidas e que, por conseguinte, não sabiam que nome dar ao problema que as perturbava; e as mulheres que aos 40 se encontravam diante de uma

opção. Todas, algumas torturadas, outras serenas, forneceram-me as pistas finais e a mais severa acusação da mística feminina.

Eu não teria conseguido escrever este livro sem a assistência de eminentes especialistas teóricos e práticos e sem a cooperação de inúmeras pessoas que acreditavam e ajudaram a elaborar a mística. Fui auxiliada por atuais e antigos editores de revistas femininas, entre os quais John English, Peggy Bell, Bruce Gould, Mary Ann Guitar, James Skardon, Nancy Lynch, Geraldine Rhoads, Robert Stein, Neil Stuart e Polly Weaver; Ernest Dichter e sua equipe do Instituto de Pesquisas da Motivação; e Marion Skedgelt, antiga editora da Viking Press, que me forneceu dados de um inacabado estudo sobre heroínas da ficção. Entre os cientistas behavioristas, teóricos e terapeutas do ramo devo imensamente a William Menaker e John Landgraf, da Universidade de Nova York, A. H. Maslow, de Brandeis, John Dollard, de Yale, William J. Goode, de Colúmbia; a Margaret Mead; a Paul Vahanian, do Teachers College, a Elsa Siipola Israel e Eli Chinoy, de Smith. E ao Dr. Nathan Ackerman, de Nova York, aos Drs. Louis English e Margaret Lawrence, do Centro de Saúde Mental de Rockland; a diversos assistentes de saúde mental da comarca de Westchester, inclusive a Sra. Emily Gould, o Dr. Gerald Fountain, a Dra. Henrietta Glatzer e Marjorie Ilgenfritz, do Centro de Orientação de New Rochelle e o Rev. Edgar Jackson; o Dr. Richard Gordon e Katherine Gordon, da comarca de Bergen, Nova Jersey; ao falecido Dr. Abraham Stone, à Dra. Lena Levine e Fred Jaffe, da Associação de Planejamento Familiar, à equipe do Centro James Jackson Putnam, de Boston, à Dra. Doris Menzer e ao Dr. Somers Sturges, do Hospital Peter Bent Brigham, a Alice King, do Centro de Orientação de Alunos, e ao Dr. Lester Evans, do Commonwealth Fund. Sou grata ainda aos educadores que corajosamente lutam contra a mística feminina e me forneceram valiosos dados: Laura Bornholdt, de Wetlesley, Mary Bunting, de Radcliffe, Majorie Nicolson, de Columbia, Esther Lloyd Jones, do Teachers College, Millicent Mclntosh, de Barnard, Esther Raushenbush, de Sarah Lawrence, Thomas Mendenhall, de Smith, Daniel Aaron e vários outros membros do corpo docente de Smith. Acima de tudo sou grata às mulheres que me comunicaram seus problemas e maneira de pensar, começando com as 200 de Smith, 1942, e Marion Ingersoll Howell e Anne Mather Montero, que trabalharam comigo no questionário que originou esta pesquisa.

Sem a extraordinária instituição que é a Sala Frederick Lewis Allen da Biblioteca Pública de Nova York e a possibilidade que concede ao escritor de trabalhar em paz, com permanente acesso a fontes de pesquisa, esta mãe de três filhos talvez jamais houvesse iniciado um livro e muito menos terminado. Diga-se o mesmo do apoio de meus editores George P. Brockway e Burton Beals, de W. W. Norton & Companhia. Num sentido mais amplo, este livro jamais teria sido escrito se eu não me beneficiasse de uma educação psicológica fora do comum, graças a Kurt Koffka, Harold Israel, Elsa Siipola e James Gibson, de Smith; Kurt Lewin, Tâmara Dembro e ao seu grupo de Iowa; a E. C. Tolman, Jean Macfarlane, Nevitt Sanford e Erik Erikson, de Berkley — educação liberal no melhor sentido da palavra, destinada a ser usada, embora dela eu não tenha feito o uso planejado.

Os pontos de vista, interpretações da teoria e dos fatos e os valores implícitos neste livro são meus, inevitavelmente. Mas sejam ou não definitivas as respostas que aqui apresento — e há várias questões que os sociólogos precisam investigar mais profundamente é real o dilema da mulher americana. No momento, vários especialistas, finalmente obrigados a reconhecer o problema, redobram de esforços para ajustar a mulher em termos da mística feminina. Minhas

respostas talvez os perturbem e também às próprias mulheres, pois implicam numa transformação social. Mas não haveria sentido em escrever este livro se eu não acreditasse que a mulher pode afetar a sociedade, assim como ser por ela afetada; e que, como o homem, tem a capacidade de optar e criar seu próprio céu ou inferno.

Grandview, Nova York.
Junho de 1957 — Julho de 1962.

I
O problema sem nome

O PROBLEMA PERMANECEU MERGULHADO, INTACTO, durante vários anos, na mente da mulher americana. Era uma insatisfação, uma estranha agitação, um anseio de que ela começou a padecer em meados do século XX, nos Estados Unidos. Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar o sofá, comia com os filhos sanduíches de creme de amendoim, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: «É só isto?»

Há mais de quinze anos não havia menção desta ansiedade nos milhões de palavras escritas sobre a mulher e para a mulher nas colunas, livros e artigos de *especialistas*. Todos afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe. A voz da tradição e da sofisticação freudiana diziam que não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade. Especialistas ensinavam- lhe a agarrar seu homem e a conservá-lo, a amamentar os filhos e orientá-los no controle de suas necessidades fisiológicas, a resolver problemas de rivalidade e rebeldia adolescente; a comprar uma máquina de lavar pratos, fazer pão, preparar receitas requintadas e construir uma piscina com as próprias mãos; a vestir-se, parecer e agir de modo mais feminino e a tornar seu casamento uma aventura emocionante; a impedir o marido de morrer jovem e aos filhos de se transformarem em delinqüentes. Aprendiam a lamentar as infelizes neuróticas que desejavam ser poetisas, médicas ou presidentes. Ficavam sabendo que a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e oportunidades que as antigas feministas pleiteavam. Algumas, entre quarenta e cinquenta anos, lembravam-se ainda de terem renunciado com pezar a esses sonhos, mas a maioria já nem pensava neles. Mil vozes de *entendidos* aplaudiam sua feminilidade, seu equilíbrio, sua nova maturidade. Bastava-lhes orientar a vida desde a infância no sentido da busca de um marido e da formação da família.

Em fins da década de cinquenta, a média etária relativa ao casamento baixou para 20 anos entre as mulheres americanas e continuava a cair, descendo à adolescência. Havia quatorze milhões de moças noivas aos 17 anos. A proporção de mulheres universitárias em relação aos homens caiu de 47% em 1920 para 35% em 1958. Um século antes as mulheres lutavam por uma educação superior. Em 1950, as moças iam à universidade para arranjar marido. Em meados da década, 60% abandonaram a faculdade para casar, ou temendo

que o excesso de cultura fosse um obstáculo ao casamento. As universidades construíram dormitórios para estudantes casados, mas estes eram quase sempre os maridos. Surgiu uma nova cadeira para as esposas: «Ph. T.», ou seja (Putting Husband Through — Ajudar o Marido a Passar).

Em seguida, as jovens americanas principiavam a casar ainda no ginásio. E as revistas femininas, deplorando as infelizes estatísticas desses casamentos prematuros, insistiam em que houvesse nos ginásios cursos de preparação para o casamento e consultores matrimoniais. As meninas começaram a namorar firme aos doze ou treze anos. Os fabricantes de *lingerie* lançaram soutiens com enchimento de espuma de borracha para meninas de dez. E um anúncio de vestido de criança, publicado no *New York Times* do outono de 1960 dizia: «Ela também pode ingressar na turma das caçadoras de homens».

No final da década de cinquenta, o índice de natalidade nos Estados Unidos aproximava-se do da índia. O movimento em prol do controle de nascimentos, rebatizado de Planejamento Familiar, recebeu o encargo de descobrir um método segundo o qual as mulheres que haviam sido desaconselhadas de ter um terceiro ou quarto filho, que poderia nascer morto ou deficiente, pudessem tê-lo, de qualquer maneira. Os especialistas em estatística surpreendiam-se principalmente com o fantástico aumento do número de filhos entre as estudantes universitárias. Onde antigamente havia famílias com duas crianças viam-se então quatro, cinco ou seis. As jovens que nas décadas anteriores desejavam seguir uma carreira preferiram a maternidade. Era o que publicava, jubilante, a revista *Life* em julho de 1956, num hino de louvor ao movimento da mulher americana de regresso ao lar.

Num hospital de Nova York, uma mulher teve uma crise nervosa ao saber que não poderia amamentar o filho. Em outros hospitais, mulheres morrendo de câncer recusavam uma droga que a pesquisa provara ser capaz de salvar-lhes a vida: os efeitos colaterais eram antifemininos. «Se tenho apenas uma vida quero ser loura», gritava em anúncios de jornais, revistas e cartazes uma foto ampliada de mulher bonita e esguia. E de ponta a ponta dos Estados Unidos, três em cada dez mulheres tingiram o cabelo de louro e substituíram a alimentação por um pó chamado Metrecal, a fim de reduzirem- se às medidas das jovens modelos. Vendedores das grandes lojas revelaram que desde 1939 o manequim da mulher americana diminuíra três ou quatro pontos. «As mulheres adaptam-se às roupas e não vice-versa», dizia um vendedor.

Os decoradores planejavam cozinhas com murais de mosaico e quadros originais, pois a cozinha transformara-se no centro da vida feminina. Costurar em casa tornou-se uma indústria milionária. A maioria das mulheres só saía para fazer compras, levar as crianças de um local para outro, ou comparecer a compromissos sociais com o marido. Moças principiavam a educar-se sem jamais ter tido um emprego fora de casa. Em fins da década observou-se um fenómeno sociológico: um terço das mulheres americanas trabalhava, mas a maioria não era jovem e poucas estavam seguindo carreira. Eram geralmente casadas, secretárias ou vendedoras, com empregos de meio expediente, ajudando a pagar os estudos

do marido ou dos filhos, ou colaborando na liquidação de uma hipoteca. Um número cada vez menor dedicava-se a trabalho verdadeiramente profissional. A falta de enfermeiras, assistentes sociais e professoras provocou crises em quase todas as cidades americanas. Preocupados com a dianteira da União Soviética na corrida espacial, os cientistas observaram que o maior contingente intelectual em disponibilidade eram as mulheres. Mas estas não estudavam física: não era feminino. Uma jovem recusou uma vaga de ciência no John Hopkins para trabalhar no escritório de uma imobiliária. Sua ambição era a de toda jovem americana — casar, ter quatro filhos e viver numa bonita casa, num bairro agradável.

A dona de casa dos subúrbios tornou-se a concretização do sonho da americana e a inveja, dizia-se, de suas congéneres do mundo inteiro. A dona de casa americana, libertada pela ciência dos perigos do parto, das doenças de suas avós e das tarefas domésticas, era sadia, bonita, educada e dedicava-se exclusivamente ao marido, aos filhos e ao lar, encontrando assim sua verdadeira realização feminina. Dona de casa e mãe, era respeitada como companheira no mesmo plano que o marido. Tinha liberdade de escolher automóveis, roupas, utensílios, supermercados e possuía tudo o que a mulher jamais sonhou.

Nos quinze anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, esta mística de realização feminina tornou-se o centro querido e intocável da cultura americana contemporânea. Milhões de mulheres moldavam sua vida à imagem daquelas bonitas fotos de esposa suburbana beijando o marido diante do janelão da casa, descarregando um carro cheio de crianças no pátio da escola e sorrindo ao passar o novo espalhador de cera no chão de uma cozinha impecável. Faziam pão em casa, costuravam a roupa da família inteira e mantinham a máquina de lavar e secar em constante funcionamento. Mudavam os lençóis duas vezes por semana, em lugar de uma só, faziam cursos de tapeçaria e lamentavam suas pobres mães frustradas, que haviam sonhado seguir uma carreira. Seu sonho único era ser esposa e mãe perfeita. Sua mais alta ambição, ter cinco filhos e uma bonita casa. Sua única luta, conquistar e prender o marido. Não pensavam nos problemas do mundo para além das paredes do lar e, felizes em seu papel de mulher, desejavam que os homens tomassem as decisões mais importantes, e escreviam, orgulhosas, na ficha do recenseamento: «Ocupação: dona de casa».

Durante mais de quinze anos as palavras escritas para as mulheres e por elas usadas ao conversarem entre si, enquanto os maridos se reuniam a um canto da sala, falando de negócios, política ou novidades tecnológicas, referiam-se a problemas com os filhos, a manter feliz o marido, ajudar as crianças nos estudos, preparar pratos deliciosos, ou costurar capas de poltronas. Ninguém queria saber se as mulheres eram superiores ou inferiores: eram simplesmente «diferentes». Vocábulos como «emancipação» ou «carreira» pareciam estranhos e embaraçosos. Ninguém os usara há tanto tempo! Quando uma francesa chamada Simone de Beauvoir escreveu um livro intitulado «O Segundo Sexo», um crítico americano comentou que era óbvio que a autora «nada entendia da vida» e, além do mais, falava exclusivamente sobre a francesa. A «mulher-problema» deixara de

existir na América.

Se surgisse uma crise nas décadas de 50 e 60, a mulher sabia que havia algo de errado no seu casamento ou nela própria. Outras viviam satisfeitas com sua vida, segundo pensava. Que espécie de criatura seria ela que não sentia essa misteriosa realização ao encerar o chão da cozinha? Envergonhava-se de tal modo de confessar sua insatisfação que jamais chegava a saber que outras também a experimentavam. Se tentasse explicar ao marido ele não entenderia, pois nem ela própria se compreendia. Durante mais de quinze anos a mulher americana achou mais difícil falar sobre este assunto que sobre sexo. Mesmo os psicanalistas não sabiam que nome lhe dar. Quando uma mulher corria para eles, em busca de ajuda, conforme faziam muitas, dizia: «Estou tão envergonhada. Devo ser totalmente neurótica».

«Não sei o que está acontecendo às mulheres de hoje» — dizia um psiquiatra, inquieto. «Sei que deve haver algo errado, porque a maioria dos meus clientes são mulheres. E seu problema não é de ordem sexual». As que tinham esse tipo de dificuldade não consultavam o psiquiatra. «Não há nada realmente errado — repetiam a si mesmas. — Não existe problema algum».

Mas, em certa manhã de abril de 1959, ouvi uma mãe de quatro filhos, tomando café com quatro outras mães, num bairro residencial a quinze milhas de Nova York, falar do «problema» num tom de mudo desespero. As outras compreenderam tacitamente que ela não se referia ao marido, aos filhos, à casa e perceberam de súbito que partilhavam de um problema sem nome. E começaram, a princípio hesitantes, a falar no assunto. Mais tarde, depois de apanharem os filhos no jardim de infância e os deitarem para a sesta, choraram de puro alívio por saberem que não estavam sozinhas.

Aos poucos fui percebendo que o problema sem nome era partilhado por inúmeras mulheres do país inteiro. Quando redatora de uma revista, entrevistara muita gente a respeito de suas dificuldades com os filhos, o casamento, a casa, a comunidade, mas depois de algum tempo comecei a perceber sinais evidentes desse outro problema. Surpreendi-os em casas de bairros residenciais, em apartamentos de Long Island, Nova Jersey e Westchester. Em residências coloniais de uma cidadezinha de Massachusetts, em pátios de Memphis, em apartamentos dos subúrbios e do centro, em salões do Meio Oeste. Às vezes pressentia-o não como repórter, mas como dona de casa suburbana, pois nesse tempo eu também estava criando meus três filhos em Roackland Country, Nova York. Ouvi ecos do problema em dormitórios universitários, em enfermarias de maternidades, em reuniões de pais e mestres, em almoços da Liga das Mulheres Votantes, em coquetéis, em carros a espera de trens, em trechos de conversação surpreendidos no Schrafffs. As palavras hesitantes que ouvi em tardes tranquilas, quando as crianças estavam na escola, ou em noites em que os maridos faziam serão, creio que as compreendi primeiro como mulher, muito antes de perceber suas amplas implicações sociais e psicológicas.

Qual era exatamente esse problema sem nome? Quais as palavras usadas pelas mulheres ao tentar descrevê-lo? Às vezes diziam: «Estou me sentindo vazia... incompleta». Ou então: «Tenho a impressão de não existir». Às vezes apagavam a sensação com um tranqúilizante, julgavam que o problema relacionava-se com o marido ou os filhos. Ou então que precisavam redecorar a casa, mudar-se para um bairro mais agradável, ter um caso com alguém, ou mais um filho. De quando em quando consultavam um médico, apresentando sintomas que assim descreviam: «Sinto-me cansada.. . Zangome tanto com as crianças que chego a me assustar.. . Tenho vontade de chorar sem motivo». (Um médico de Cleveland denominouo «síndrome da dona de casa»). Um certo número de mulheres queixava- se de bolhas nas mãos e nos braços. «Chamo a isso doença das donas de casa», dizia um clínico geral da Pennsylvania. «Constato- o com frequência em jovens mães de quatro, cinco filhos, mergulhadas em esfregões. Mas não é causada por nenhum detergente e não se cura com cortisona».

Por vezes uma mulher dizia-me que a sensação tornava-se tão opressiva que ela saía de casa e punha-se a caminhar a esmo pelas ruas. Ou então desatava a chorar. Ou então as crianças contavam uma anedota e ela não ria simplesmente porque nem a ouvira. Conversei com mulheres que haviam passado anos em sofás de analistas, procurando «ajustar-se ao papel feminino», tentando resolver bloqueios para «sentir-se realizada como esposa e mãe». Mas o olhar e o tom desesperado dessas vozes eram o mesmo tom e olhar de outras mulheres que estavam certas de não ter problema algum, embora sentissem aquele mesmo estranho desespero.

Uma mãe de quatro filhos, que deixara a universidade aos dezenove anos para casar, disse-me:

"Experimentei tudo o que se espera das mulheres — *hobbies,* jardinagem, preparação de conservas, contacto social com os vizinhos, participação em comités, chás de Pais e Mestres. Sei fazer tudo isso e até gosto, mas nada me dá algo para pensar. Nada me diz quem eu sou. Nunca tive ambições de seguir uma carreira. Só queria casar e ter quatro filhos. Adoro as crianças, Bob e minha casa. Não tenho problemas que valha mencionar. Mas vivo desesperada. Começo a achar que não tenho personalidade. Sou uma copeira, babá, arrumadeira, a pessoa requisitada para qualquer coisa. Mas quem sou eu?"

Uma jovem mãe de vinte e três anos, vestindo *blue-jeans,* dizia:

"Pergunto a mim mesma por que me sinto tão insatisfeita. Tenho saúde, ótimos filhos, uma linda casa, bastante dinheiro. Meu marido tem um brilhante futuro como engenheiro eletrônico e não conhece esta insatisfação. Diz que eu preciso de férias e sugere um fim de semana em Nova York. Mas não é isso. Sempre achei que devíamos fazer tudo em grupo. Não consigo sentar-me e ler um livro sozinha. Se as crianças estão dormindo a sesta e eu tenho uma hora de liberdade não faço outra coisa senão andar pela casa, à espera de que acordem. Só tomo uma iniciativa depois de saber para onde pretende ir todo o resto da turma. É como se desde pequena houvesse alguém ou algo monopolizando minha vida: os pais, os estudos, o amor, a maternidade, a mudança para uma nova casa. Um dia, acordei e descobri que não tinha nenhum objetivo na vida".

Uma jovem esposa, num bairro de Long Island, declarou:

"Parece que estou sempre dormindo. Não sei por que me sinto tão cansada. Esta casa não dá tanto trabalho como o apartamento onde morávamos quando eu trabalhava fora. As crianças passam o dia na escola. Não é o trabalho. Tenho a impressão de que não estou viva".

Em 1960, o problema sem nome explodiu como uma bolha na imagem da feliz dona de casa americana. Nos anúncios de televisão, as bonitas garotas continuavam a sorrir empunhando toalhas de prato e o artigo principal do *Time* sobre «A dona de casa dos subúrbios, o fenómeno americano», afirmava: «Têm uma vida agradável demais para se lembrarem de ser infelizes». Mas sua infelicidade foi de súbito registrada, a começar do *New York Times* e o *Newsweek,* até *Good Hosekeeping* e a CBS («A Dona de casa Prisioneira »), embora quase todos os que mencionavam o assunto descobrissem uma razão superficial para liquidá-lo. Era atribuído à incompetência de profissionais de consertos *(New York Times),* ou ao longo percurso que as crianças precisavam cobrir nos subúrbios *(Time),* ou ao excesso de reuniões de pais e mestres *(Redbook).* Alguns diziam ser o velho problema: educação. A mulher estava recebendo educação cada vez mais elevada, de maneira que se sentia infeliz em seu papel de dona de casa. «De Freud a Frigidaire, de Sófocles a Spock, o caminho tornou-se acidentado», declarava o *New York Times* (28 de junho de 1960). «Inúmeras jovens casadas — nem todas, certamente — cuja educação as projetou no mundo das idéias, sentem-se sufocadas pela rotina da vida doméstica, achando-a incompatível com sua capacidade. Como todo prisioneiro, sentem-se abandonadas. No ano passado, o problema da dona de casa culta foi assunto de dúzias de discursos de preocupados educadores universitários, que continuam a afirmar, apesar de *tantas* queixas, que dezesseis anos de estudo acadêmico são um preparo realístico para a condição de esposa e mãe».

Ninguém dava muita atenção à dona de casa culta. («Uma espécie de esquizofrênica de duas cabeças... na faculdade escreveu um estudo sobre os poetas de Graveyard; agora escreve bilhetes para o leiteiro. Antigamente determinava o ponto de ebulição do ácido sulfúrico; no momento determina seu próprio ponto de ebulição diante do bombeiro que não aparece... E muitas vezes sua explosão reduz-se a gritos e lágrimas...Ninguém lhe dá atenção, nem ela própria. Ninguém atenta na espécie de pessoa em que se transforma ao passar de poetisa a megera»).

Especialistas em economia doméstica sugeriram um preparo mais realista para as futuras donas de casa, tal como aulas práticas nos ginásios. Educadores sugeriram grupos de debate sobre administração do lar e da família. Meia dúzia de artigos surgiram nas grandes revistas oferecendo «cinquenta e oito maneiras de tornar mais estimulante o seu casamento». Não passava mês em que não surgisse um novo livro, de autoria de psiquiatra ou sexologista, dando conselhos técnicos sobre a melhor maneira de se obter uma vida sexual mais satisfatória.

Uma humorista do *Harper's Bazaar* (julho de 1960) declarou que o problema poderia ser resolvido suprimindo-se o direito ao voto da mulher. («Na era

anterior à Emenda 19, a mulher americana vivia tranquila, protegida e segura de seu papel na sociedade. Deixava todas as decisões políticas ao marido e este, por sua vez, abandonava nas mãos dela todas as decisões domésticas. Hoje em dia a mulher tem que tomar todas as decisões, tanto domésticas como políticas, e isso é demais para ela»).

Alguns educadores sugeriram a sério que se deixasse de admitir a mulher nas faculdades: em face à crescente crise universitária, a educação que elas receberiam e não poderiam usar como donas de casa tornava-se mais que nunca urgente para os rapazes que precisavam enfrentar a era atômica.

O problema foi também afastado com drásticas soluções, que ninguém poderia levar a sério. (Uma escritora sugeriu no *Harper's* que as mulheres fossem obrigatoriamente convocadas como auxiliares de enfermeiras e *amas-sêcas).* Ou aplacado *com* a eterna panacéia: «A solução é o amor», «a única resposta é ajuda espiritual», «o segredo da realização: filhos», «um meio pessoal de realização intelectual», «para curar essa dor de dentes do espírito a fórmula mais simples é entregar-se nas mãos de Deus».

O problema era afastado dizendo-se à dona de casa que ela devia compreender o quanto era feliz: dona de si mesma, sem horários, sem competição. Caso contrário, acharia que os homens podem ser felizes neste mundo? Desejaria secretamente ser homem? Ignoraria o quanto vale ser mulher?

O problema foi também afastado com um encolher de ombros e as frases: «Não há solução. Faz parte da condição feminina. Que é que há com a mulher americana? Será que não sabe aceitar graciosamente seu papel?» É o que dizia o *Newsweek* de 7 de março de 1960:

> "Ela vive insatisfeita em meio a muita coisa com que nem sonham as mulheres de outros países. Seu descontentamento é profundo, persistente e impermeável a remédios superficiais, oferecidos com insistência... Um exército de exploradores profissionais já delineou as principais fontes desse descontentamento... Desde o inicio dos tempos o ciclo feminino definiu e confinou o papel da mulher. Atribui-se a Freud as palavras: "Anatomia é destino". Embora nenhum grupo feminino tenha jamais conseguido, como a mulher americana, afastar para tão longe essas restrições naturais, aparentemente ela ainda não as aceita de boa vontade... Uma jovem mãe de bonitos filhos, dotada de encanto, talento e inteligência é capaz de desculparse de sua condição, dizendo: "Que faço eu? Nada, sou uma simples dona de casa". Aparentemente uma educação requintada ensinou a esse paradigma feminino a valorizar todas as coisas, exceto a si *própria*..."

De modo que a mulher se viu forçada a aceitar o fato de que «a infelicidade da americana é simplesmente a mais recente conquista dos seus direitos» e a preparar-se para repetir como a feliz dona de casa descoberta pelo *Newsweek:* «Devemos abrir os braços à maravilhosa liberdade de que gozamos e nos orgulhar da vida que hoje levamos. Fiz um curso universitário e tive um emprego, mas ser dona de casa é minha função mais satisfatória e compensadora... Minha mãe jamais se imiscuiu nos negócios de meu pai... não podia sair de casa, afastar-se dos filhos. Eu vivo em plano de igualdade com meu marido, posso acompanhá-lo em suas viagens de negócios e em atividades sociais».

A alternativa oferecida às mulheres, poucas a desejariam. Nas palavras simpáticas do *New York Times:* «Todas confessam sentirse às vezes

profundamente frustradas pela falta de vida pessoal, pelos encargos físicos, a vida rotineira da familia, seu isolamento. Contudo, nenhuma renunciaria ao lar e à familia se tivesse que fazer nova escolha». *Redbook* comentava: «Poucas diriam adeus ao marido, aos filhos e à comunidade para viver sozinhas. As que o fazem podem ser talentosas, mas raro têm sucesso como mulher».

No ano em que o descontentamento explodiu, *Look* publicou que 21.000.000 de mulheres americanas solteiras, viúvas ou divorciadas, não deixam, nem mesmo depois dos cinquenta anos, de procurar desesperadamente um homem. E a busca principia cedo: setenta por cento das americanas casam-se antes dos vinte e quatro anos. Uma bonita secretária de vinte e cinco anos teve trinta e cinco diferentes empregos em seis meses, na vã esperança de *encontrar* um marido. As mulheres passam de um clube político a outro, fazem cursos noturnos de contabilidade ou navegação a vela, aprendem golfe ou ski, comparecem a uma série de igrejas, freqüentam bares sozinhas na incessante busca de um homem.

Entre os milhares que procuram tratamento psiquiátrico nos Estados Unidos, as casadas manifestam insatisfação no casamento, as solteiras sofrem de ansiedade e finalmente depressão. Alguns psiquiatras declararam que, estranhamente, segundo suas observações, as solteiras eram mais felizes que as casadas. E foi assim que a porta de todas aquelas bonitas casas de subúrbio entreabriu-se, revelando milhares de donas de casa sofrendo de uma crise sobre a qual, de repente, todo mundo se pôs a falar, encarando-a como um desses insolúveis problemas da vida americana, tais como a bomba de hidrogênio. Em 1962, a condição da dona de casa americana tornou- se um jogo de salão para todo o país. Números de revistas, colunas de jornais, livros sérios e frívolos, conferências educativas e programas de televisão eram dedicados ao assunto.

Mesmo assim a maioria dos homens, ao inverso das mulheres, continuava ignorando que o problema era real. Mas os que o haviam estudado com seriedade sabiam que todos os remédios superficiais, os conselhos amigos e as palavras de censura e de ânimo estavam, de certo modo, mergulhando o problema na irrealidade. Um riso amargo ouviu-se: o da mulher americana. Ela era admirada, invejada, lamentada e estudada até a náusea; ofereciam-lhe soluções drásticas ou tolas, que ninguém levaria a sério. Recebiam toda espécie de conselhos do crescente exército de consultores matrimoniais, psicoterapeutas e psicólogos, sobre a melhor maneira de se adaptar ao papel de dona de casa. Em pleno século XX ninguém sugeriu um novo caminho para a realização da mulher americana. A maioria adaptou-se ao papel e sofreu ou ignorou o problema sem nome. Talvez fosse menos doloroso desconhecer a estranha voz insatisfeita que gritava no seu íntimo.

Não é mais possível ignorar essa voz, desconhecer o desespero de tantas americanas. Ser mulher não é isso, apesar de tudo o que dizem os especialistas. Pois existe sempre uma razão para o sofrimento humano: talvez não fosse

encontrada por não se terem feito as perguntas corretas ou insistido bastante. Recuso a afirmação de que não existe problema porque a americana possui todo o conforto com que as mulheres de outras terras jamais sonharam; parte da estranha novidade da crise reside no fato de não poder ser analisada em termos dos velhos problemas materiais do homem: pobreza, doença, fome, frio. As que sofrem desse mal têm uma fome que o alimento não pode saciar. E esta ânsia existe em mulheres cujos maridos são médicos internos, funcionários de repartições, ou prósperos doutores e advogados; em esposas de operários ou executivos, ganhando de cinco a cinquenta mil dólares anuais. Não é causada por falta de conforto material; talvez nem seja sentida por aquelas que se encontram em luta com os desesperadores problemas da fome ou da doença. E as que julgam poder resolvê-lo ganhando mais dinheiro, uma casa maior, um segundo carro, ou mudando- se para um bairro mais aristocrático, muitas vezes descobrem que o problema se agrava mais ainda.

Não é mais possível lançar hoje a culpa à falta de feminilidade, dizer que cultura, independência e igualdade com os homens tornariam pouco feminina a mulher americana. Ouvi tantas procurando negar esta insatisfação por não se encaixar no bonito quadro de feminilidade que os *entendidos* haviam elaborado! Creio de fato ser esta a primeira pista do mistério: o problema não pode ser compreendido nos termos geralmente aceitos pelos cientistas ao estudarem a mulher, pelos médicos ao tratarem dela, pelos conselheiros que as orientam e os escritores que escrevem a seu respeito. A mulher que sofre deste mal, e em cujo íntimo fervilha a insatisfação, passou a vida inteira procurando realizar seu papel feminino. Não seguiu uma carreira (embora as que o façam talvez tenham outros problemas); sua maior ambição era casar e ter filhos. Para as mais velhas, produtos da classe média, nenhum outro sonho seria possível. As de quarenta ou cinqüenta anos, que quando jovens haviam feito outros planos e a eles renunciado, atiraram-se alegremente na vida de donas de casa. Para as mais moças, que deixaram o ginásio ou a faculdade para casar, ou passsar algum tempo num emprego sem interesse, este era o único caminho. Eram todas muito «femininas», na acepção comum da palavra, e ainda assim sofriam do mal.

E as que terminaram a faculdade, as que sonharam algo além da vida doméstica, serão as que mais sofrem? Segundo os especialistas, sim.

Mas ouçamos quatro mulheres:

"Meus dias são todos ocupados e aborrecidos também. Não faço outra coisa senão correr de um lado para outro. Levanto às oito, preparo o café, lavo a louça e a roupa, arrumo a casa de tarde. Depois lavo a louça do jantar e me sento alguns minutos, antes de levar as crianças para a cama... Este é o meu dia. Igual ao de qualquer outra dona de casa. Rotina. A grande diversão é correr atrás das crianças".

"Meu Deus, que é que faço com o tempo? Bem, levanto às seis, visto meu filho e sirvo o café. Depois lavo a louça, tomo banho e dou mamadeira ao bebê. Preparo o almoço e, enquanto as crianças dormem a sesta, coso, passo a ferro e faço tudo o mais que não consegui fazer pela manhã. Depois preparo o jantar para a família. Meu marido assiste televisão, enquanto eu lavo os pratos. Depois que deito as crianças, enrolo o cabelo e deito também".

"O problema é ser sempre a mamãe dos filhos, ou a senhora do ministro, nunca eu

própria".

"Se alguém filmasse uma típica manhã em minha casa teria a impressão de assistir a uma comédia dos irmãos Marx. Lavo a louça, levo as crianças mais velhas para a escolha, corro ao quintal para tratar dos meus crisântemos, vôo para dentro, a fim de dar um telefonema sobre uma reunião de comitê; ajudo o mais moço a construir uma casa de cubos, passo quinze minutos dando uma olhadela nos jornais, a fim de estar bem informada, depois vôo para a máquina, onde a roupa lavada três vezes por semana daria para vestir uma aldeia primitiva durante um ano inteiro. Lá pelo meiodia estou pronta para uma camisa-de-fôrça. Pouca coisa do que fiz foi verdadeiramente necessária ou importante. Pressões externas desabam sobre mim o dia todo. Contudo, considero-me uma das donas de casa mais tranqüilas da vizinhança. Diversas de minhas amigas são muito mais agitadas. Nos últimos sessenta anos percorremos um círculo completo: a dona de casa americana voltou a viver encerrada numa gaiola de esquilo. Mesmo que a gaiola seja agora uma casa moderna, toda de aço e vidro, ou um confortável apartamento, a situação permanece tão penosa como quando sua avó fazia tapeçaria num salão de veludo e móveis dourados, resmungando a respeito dos direitos da mulher".

As duas primeiras não cursaram a universidade. Moram em Levittown, Nova Jersey, e Tacoma, Washington e foram entrevistadas por uma equipe de sociólogos que estudavam a vida de mulheres de operários.{1} A terceira, esposa de um ministro, escreveu no questionário de seu colégio que nunca tivera ambições de seguir carreira, mas que estava arrependida.{2} A quarta, que tem um doutorado em antropologia, é hoje dona de casa em Nebraska e tem três filhos.{3} As palavras das quatro parecem indicar que mulheres de todos os níveis educacionais sofrem da mesma sensação de desespero.

O fato é que hoje em dia ninguém mais resmunga zangada a respeito dos «direitos da mulher», embora um número cada vez maior de jovens cursem escolas superiores. Num recente estudo abarcando todas as classes que se graduaram em Barnard{4} uma significativa maioria das mais antigas acusava a educação recebida de induzi-las a lutar por «direitos»; mais tarde, de fazê-las sonhar com carreiras; as mais recentes, porém, acusavam o colégio de levá-las a sentir que não bastava ser dona de casa e mãe de família. Não queriam ter remorsos por não lerem livros, ou participarem de atividades comunitárias. Mas se a educação não é a causa do problema, talvez seja uma pista o fato de que ela de certo modo irrita a mulher.

Se o segredo da realização feminina é ter filhos, nunca tantas mulheres, com liberdade de escolha, tiveram tantas crianças em tão poucos anos, de tão boa vontade. Se a resposta é o amor, nunca tantas o procuraram com tal determinação. Contudo, há uma crescente suspeita de que o problema talvez não seja de ordem sexual, embora possivelmente se relacione com sexo. Ouvi de vários médicos depoimentos sobre novos problemas entre marido e mulher — apetite sexual tão profundo na esposa, que o marido não a consegue satisfazer. «Transformamos a mulher numa criatura do sexo», dizia um psiquiatra da clínica de orientação matrimonial Margaret Sanger. «Ela não tem identidade, exceto como esposa e mãe. Não sabe quem é. Espera o dia inteiro que o marido volte para casa, a fim de se sentir viva. E agora é o marido quem se mostra desinteressado. É terrível para a mulher estar deitada ao seu lado, noite após noite, esperando que êle lhe dê a impressão de estar viva». Por que existe tal mercado de livros e artigos oferecendo conselhos sexuais? A espécie de orgasmo

sexual que Kinsey descobriu em plenitude estatística nas recentes gerações aparentemente não resolve o problema da mulher americana.

Pelo contrário, surgem novas neuroses femininas e problemas ainda não classificados como tais, que Freud e seus discípulos não previram, acompanhados de sintomas físicos, ansiedade e mecanismos de defesa iguais aos causados pelo recalque sexual. E estranhas dificuldades vêm sendo registradas nas crianças cujas mães estão sempre presentes, levando-as de um lado para outro, ajudando-as nos deveres escolares: uma incapacidade de suportar a dor e a disciplina, de trabalhar com persistência por um objetivo e um arrasador tédio da vida. Os educadores estão cada vez mais preocupados com a dependência, a falta de autoconfiança dos rapazes e moças que ingressam hoje nas faculdades. «Estamos continuamente lutando para que nossos alunos assumam sua condição de adultos» — declarou um deão de Colúmbia.

Uma conferência na Casa Branca versou sobre a deterioração física e muscular da criança americana: estariam sendo superprotegidas? Os sociólogos observaram a surpreendente organização da vida infantil entre os moradores de bairros residenciais afastados: aulas, festas, diversões, jogos, grupos de estudo organizados especialmente para a infância. Uma dona de casa de Portland, Oregon, indagou por que as crianças precisavam ali de escotismo. «Não vivemos em favelas. As crianças passam muito tempo ao ar livre. Creio que os adultos vivem tão entediados que organizam as crianças e depois procuram envolver todo mundo. E as coitadas não têm tempo nem para se deitar e sonhar um pouco».

Estaria o problema sem nome de certo modo relacionado com a rotina doméstica da dona de casa? Quando uma mulher tentava expressá-lo, limitava-se muitas vezes a descrever sua vida diária. Que haveria nessa récita de confortáveis detalhes domésticos capaz de causar tal desespero? Sentir-se-ia prisioneira simplesmente por causa das imensas exigências de seu papel de dona de casa moderna: esposa, amante, mãe, compradora, cozinheira, motorista, enfermeira, educadora, consertadora de utensílios domésticos, decoradora, nutricionista? Seu dia é fragmentado entre a máquina de lavar pratos e a de lavar roupa, o telefonema para a tinturaria, a ida ao supermercado, a entrega de Johnny ao grêmio esportivo, de Janey à aula de dança, o conserto do cortador de grama e a espera do trem das 6,45. Nunca pode passar mais de quinze minutos fazendo qualquer coisa. Não dispõe de tempo para ler livros, somente revistas. Mesmo que dispusesse, teria perdido a capacidade de concentração. Ao fim do dia está tão cansada que às vezes o marido a substitui na tarefa de levar as crianças para a cama.

Este terrível cansaço levou tantas mulheres ao médico na década de 50 que um deles resolveu investigar. E descobriu, surpreendido, que suas pacientes, queixando-se de «fadiga de dona de casa», dormiam mais que um adulto normalmente necessita — às vezes dez horas por dia — e que a energia despendida nas tarefas domésticas não era excessiva para sua capacidade. O verdadeiro problema devia ser outro, decidiu — talvez o tédio. Alguns médicos

aconselhavam suas pacientes a sair de casa por um dia inteiro, ir a um cinema na cidade. Outros receitavam tranqüilizantes. Muitas já os tomavam como quem chupa pastilhas para tosse. «Você levanta de manhã sentindo que não é possível viver mais um só dia igual aos outros, de modo que toma tranquilizante, porque ajuda a não dar muita atenção ao fato de que tudo o que você faz é sem importância».

É fácil descobrir os detalhes concretos que aprisionam a dona de casa, as contínuas exigências feitas ao seu tempo. Mas as cadeias que a prendem existem somente em seu espírito. São feitas de idéias errôneas e fatos mal interpretados, verdades incompletas e escolhas irreais. Não são fáceis de perceber, nem fáceis de romper.

Como pode a mulher apreender toda a verdade no âmbito de sua vida limitada? Como pode acreditar nessa voz íntima, quando ela nega as verdades convencionais e aceitas, pelas quais se vem orientando? Contudo, as mulheres com quem conversei e que finalmente começaram a dar ouvidos a essa voz parecem estar tateando em direção a uma verdade que não ocorreu aos especialistas no assunto.

Creio que peritos em diversos setores vêm há muito tempo colocando sob o microscópio parcelas dessa verdade, sem o perceber. Encontrei-as em recentes pesquisas e em desenvolvimentos teóricos de psicologia, sociologia e biologia, cujas implicações para as mulheres aparentemente jamais foram estudadas. Descobri inúmeras pistas conversando com médicos, ginecologistas, obstetras, pediatras, professores universitários, conselheiros conjugais, psiquiatras e ministros, discutindo não suas teorias, mas sua experiência no tratamento da mulher americana. E encontrei um crescente amontoado de evidências que lançam dúvidas sobre os padrões da normalidade, do ajuste, da realização e da maturidade femininas, pelos quais a maioria das mulheres vem pautando a vida.

E comecei a ver sob nova luz a volta da mulher americana ao casamento prematuro e às grandes famílias que estão causando a explosão demográfica; o recente movimento em prol do parto e da amamentação naturais, a conformidade suburbana, as novas neuroses, patologias caracterológicas e problemas sexuais registrados pelos médicos. E principiei a descobrir novas dimensões em velhos problemas que há muito vêm sendo aceitos sem discussão entre as mulheres: dificuldades menstruais, frigidez sexual, promiscuidade, medo do parto, depressão pós-puerperal, a alta incidência de crises emocionais e suicídios entre mulheres de vinte e trinta anos, as crises da menopausa, a pseudopassividade e imaturidade do homem americano, as discrepâncias entre a comprovada habilidade intelectual na infância e as realizações na vida adulta, a mudança na incidência do orgasmo sexual adulto na americana e os persistentes problemas psicoterápicos e educacionais da mulher.

Caso eu esteja certa, o problema sem nome, que fervilha hoje no íntimo de tantas mulheres, não é uma questão de perda de feminilidade, excesso de cultura, ou exigências domésticas. É muito mais importante do que parece à primeira vista. É a solução daqueles novos e velhos problemas que vêm há anos

torturando esposas, maridos e filhos, intrigando médicos e educadores. Pode muito bem ser a chave de nosso futuro como nação e como cultura. Não podemos continuar a ignorar essa voz íntima da mulher, que diz: «Quero algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa».

II
A heroína doméstica

POR QUE MOTIVO TANTAS AMERICANAS SOFRERAM durante tanto tempo esta insatisfação sem nome, julgando cada qual estar sozinha? «Chorei de puro alívio ao saber que meu tumulto íntimo é partilhado por outras mulheres», escreveu uma jovem mãe de Connecticut, quando comecei a agitar o problema.{5} Uma habitante da cidadezinha de Ohio escreveu-me: «Nas ocasiões em que consultar um psiquiatra pareceu-me a única solução, nos momentos de raiva, amargura e frustração, tantos que já nem sei, ignorava que centenas de outras mulheres sentiam-se da mesma maneira. Julgava- me tão sozinha». Uma dona de casa de Houston, Texas, escreveu: «A sensação de estar sozinha com meu problema tornava-o ainda mais difícil de suportar. Dou graças a Deus por minha família, meu lar e a possibilidade de dedicar-me a eles, porém minha vida não poderia limitar-se a isto. Senti-me ressuscitar ao saber que não sou um caso estranho e que não preciso envergonhar-me por ambicionar algo mais».

Esse penoso silêncio culpado e esse tremendo alívio quando o segredo é finalmente revelado são sinais psicológicos bem conhecidos. Que impulso, que parte de si mesmas estarão recalcando as mulheres de hoje? Nesta era pós-freudiana, suspeita-se imediatamente de sexo. Mas tal inquietação parece diferente: é muito mais difícil de expressar. Haveria outro impulso, uma parte de si mesmas tão profundamente recalcada como o sexo da era vitoriana?

Se existe, talvez a mulher o desconheça, como a vitoriana desconhecia suas necessidades sexuais. O modelo de mulher correta segundo os padrões daquela época simplesmente ignorava o assunto. O modelo da americana moderna, a orgulhosa imagem pública da jovem ginasiana namorando firme, da universitária apaixonada, da dona de casa com um marido de futuro e um carro cheio de crianças estaria também ignorando algo? Essa imagem, criada pelas revistas femininas, pela propaganda, a televisão, o cinema, as novelas, as colunas e os livros de *entendidos* em casamento, psicologia infantil, ajuste sexual e os divulgadores de psicologia e sociologia, amolda a vida da mulher de hoje e reflete seus sonhos. Talvez forneça uma pista para o problema sem nome, assim como o sonho pode conduzir a um desejo inconsciente de quem sonha. Um contador gêiger íntimo acusa uma discrepância muito aguda com a realidade. Esse contador soou aos meus ouvidos quando não consegui ajustar o mudo desespero de tantas mulheres com o quadro da dona de casa moderna, que eu própria estava ajudando a criar para as revistas femininas. Que faltaria na imagem da perfeita realização como esposa e mãe? Que faltaria na imagem que reflete e

identifica a mulher americana de hoje?

No início da década de 60, *McCall's* era a revista feminina em maior expansão e seu conteúdo constituía um reflexo bastante acurado da mulher americana, em parte criada pelas revistas de grande circulação. Aqui vai o conteúdo editorial de um número típico de *McCaWs* (julho de 1960):

1. Artigo principal sobre «a crescente calvície feminina, causada por excesso de escova e de tituras».
2. Um longo poema em tipo graúdo. Título: «Um Menino é um Menino».
3. Um conto a respeito de uma adolescente que não vai para a universidade e rouba o namorado de outra moça, universitária e inteligente.
4. Um conto a respeito das sensações de um bebé que joga a mamadeira fora do berço.
5. A primeira parte de uma matéria em que o duque de Windsor conta «Como a Duquesa e eu vivemos agora. A influência da roupa sobre a minha personalidade e vice-versa».
6. Um conto a respeito de uma garota de dezenove anos, enviada a uma escola de aperfeiçoamento, a fim de aprender a ser bem feminina e perder no ténis («Você tem dezenove anos e pelos padrões normais americanos tenho o direito de vê-la fugir à minha responsabilidade legal e financeira, levada por um desses rapazinhos imberbes, que a instalação num apartamento de uma só peça no Village, enquanto êle aprende as artimanhas de vender ações. É nenhum rapazinho imberbe fará isso enquanto você conseguir derrotá-lo no ténis»).
7. A história de um casal em lua de mel, movimentando-se entre um quarto e outro, depois de brigar por causa de jogo, em Las Vegas.
8. Um artigo ensinando «Como vencer um complexo de inferioridade».
9. Uma história chamada «Dia de Casamento.
10. História de mãe adolescente que aprende a dançar *rock-and-roll.*
11. Seis páginas de maravilhosas fotos de moda da parturiente.
12. Quatro páginas de matéria sobre «Como perder peso, segundo a receita dos modelos>.
13. Um artigo a respeito da demora em viagens aéreas.
14. Moldes para costurar em casa.
15. Moldes para fazer «Biombos — a Mágica Fascinante».
16. Um artigo intitulado «Método Enciclopédico para Encontrar um Segundo Marido».
17. Um «churrasco bonanza», dedicado «ao grande Homem Americano, que, boné branco na cabeça, garfo na mão, em terraço, varanda, pátio ou quintal, em qualquer parte do país, observa a carne tostando no espeto. E à sua mulher, sem cuja ajuda o churrasco jamais seria o indiscutível sucesso que sempre é, verão após verão...».

Há também as costumeiras colunas de «utilidades», falando sobre os novos medicamentos, progressos da medicina, novidades no campo da educação infantil, colunas por Clare Luce, e Eleanor Roosevelt e uma sessão de correspondência das leitoras.

A figura de mulher que emerge dessas bonitas revistas é frívola, jovem, quase infantil; fofa e feminina; passiva, satisfeita num universo constituído de quarto, cozinha, sexo e bebés. A revista não deixaria, com certeza, de falar em sexo, a única paixão, o único objetivo que se permite à mulher em busca do homem. Está atulhada de receitas culinárias, modas, cosméticos, móveis e corpos de mulheres jovens, mas onde estaria o mundo do pensamento e das ideias, a vida da mente e do espírito? Na imagem da revista as mulheres só trabalham em casa e no sentido de manter o corpo belo para conquistar e conservar o homem.

Esta era mulher americana no ano em que Castro liderava a revolução de Cuba e os homens eram treinados para viajar no espaço; em que o continente africano eclodiu em novas nações e um avião de velocidade superior a do som interrompeu uma conferência de Cúpula; em que artistas boicotaram um grande

museu em protesto contra a hegemonia da arte abstraía; em que os físicos exploraram o conceito da antimatéria; os astrónomos, por causa dos novos radiotelescópios, tiveram que alterar o conceito de expansão do universo; os biólogos abriram uma brecha na química fundamental da vida; e os jovens negros das escolas sulistas forçaram os Estados Unidos, pela primeira vez desde a Guerra Civil, a enfrentar um momento de verdade democrática. Mas a revista, publicada para mais de 5.000.000 de mulheres, quase todas ginasianas e tendo pelo menos parte de um curso superior, não continha nenhuma menção do universo para além do lar. Na segunda metade do século XX, o mundo da mulher estava confinado ao seu próprio corpo e beleza, ao fascínio a exercer sobre o homem, à procriação, ao cuidado físico do marido, das crianças e do lar. E isso não constituía anomalia, número excepcional entre as revistas femininas.

Certa noite compareci a uma reunião de escritores, homens na maioria, que colaboravam para todas as espécies de revistas, inclusive femininas. O orador principal era um líder na luta pela integração. Antes que ele falasse, um outro escritor esboçou as necessidades da grande revista feminina que êle editava:

> "Nossas leitoras são todas donas de casa, tempo integral. Não estão interessadas nos grandes assuntos públicos do momento, em negócios nacionais ou internacionais. Só se interessam pela família e o lar. Não querem saber de política, a menos que se relacione com alguma necessidade doméstica imediata, como o preço do café. Humor? Tem que ser leve, elas não suportam a sátira. Viagem? Desistimos quase completamente. Educação? É um problema. O nível educacional das leitoras está subindo, quase todas passaram pelo ginásio e muitas pela universidade. Estão tremendamente interessadas na educação dos filhos — aritmética para o quarto ano. Não é possível escrever sobre ideias e assuntos mais amplos. É por isso que publicamos agora 90 por cento de utilidades e 10 por cento de artigos de interesse geral".

Outro editor concordou, acrescentando, lamentoso: «Será que vocês não são capazes de nos dar algo além de 'A morte ronda o seu armário de remédios?' Será que não conseguem imaginar uma nova crise para a mulher? Continuamos interessados em sexo, naturalmente».

Escritores e editores passaram então uma hora ouvindo Thurgood Marshall a respeito do histórico da luta contra a segregação e seu possível efeito sobre a eleição presidencial. «Que pena não poder escrever sobre isto — disse um editor. — Impossível relacionar o assunto com o mundo feminino».

Enquanto eu os ouvia, a velha frase alemã ecoava em minha mente: *«Kinder, Kuche, Kirche», o slogan* com o qual os nazistas decretaram que a mulher deveria ser novamente limitada ao seu papel biológico. Mas não estávamos na Alemanha nazista. Estávamos na América. O mundo inteiro descerrava-se diante da mulher. Então, por que negá-lo? Por que limitá-lo a «uma paixão, um papel, uma ocupação»? Não faz muito as mulheres sonhavam e lutavam pela igualdade, por seu lugar ao sol. Que acontecera aos seus sonhos? Quando decidiram renunciar ao mundo e voltar ao lar?

O geólogo traz um punhado de lama do fundo do oceano e nela descobre camadas de sedimento nítidas como lâminas de metal, depositadas no curso dos anos e indicando transformações tão profundas na evolução geológica que passariam despercebidas durante a vida inteira de um homem. Permaneci vários

dias na Biblioteca Pública de Nova York percorrendo os volumes encadernados das revistas femininas dos últimos vinte anos e encontrei uma alteração na imagem da mulher americana, tão nítida e surpreendente como as mudanças reveladas por punhados de sedimento oceânico.

Em 1939, as heroínas dos contos nem sempre eram jovens, mas, de certo modo, o eram mais que hoje. Possuíam a juventude característica do herói americano de todos os tempos. Eram a Nova Mulher, criando com alegria e decisão uma nova identidade, uma vida pessoal. Havia ao seu redor uma aura de alguém que viria a ser muito importante, caminhando para um futuro que seria diferente do passado. A maioria das heroínas das principais revistas femininas — *Ladies Home Journal, McCall's, Good Housekeeping, Woman's Home Companion* — eram mulheres atraentes, que tinham sua carreira e viviam felizes, orgulhosas, amando e sendo amadas pelos homens. E a energia, a coragem, a independência, a determinação, a força de vontade que manifestavam no trabalho de enfermeira, professora, artista, atriz, escritora, comerciaria, faziam parte dos seus atrativos. Davam a nítida impressão de que sua individualidade era algo a ser admirado, e que os homens se sentiam atraídos tanto por sua energia e caráter, como por sua aparência.

Assim eram as revistas de grande circulação no tempo do apogeu. Os contos eram convencionais: Moça encontra rapaz e o conquista. Mas frequentemente este não era o ponto principal da história. As heroínas, ao encontrarem seu homem, estavam em geral caminhando em direção a um objetivo ou visão pessoal, lutando com algum problema de trabalho, ou então algo de caráter mais amplo. E essa Nova Mulher, menos frivolamente feminina, tão independente e decidida a conquistar uma vida pessoal, era heroína de um tipo diferente de história de amor. Era menos agressiva na conquista do homem. Seu apaixonado compromisso com o mundo, o senso do seu valor pessoal, sua autoconfiança davam um diferente sabor ao relacionamento com o outro sexo. A heroína e o herói de um desses contos encontram-se e apaixonam-se na agência de publicidade onde ambos trabalham. «Não quero encerrá-la num jardim rodeado de muros», diz o herói. «Quero que você caminhe ao meu lado. De mãos dadas realizaremos tudo o que desejamos», «A Dream to Share» (Um Sonho a ser Partilhado), *Redbook,* janeiro de 1939.

Essa Nova Mulher quase nunca era dona de casa; na verdade, as histórias quase sempre terminavam antes de nascerem os filhos. Eram jovens porque tinham um amplo futuro diante de si. Mas pareciam, em outro sentido, muito mais velhas, mais amadurecidas do que as heroínas domésticas, infantis e submissas de hoje. Uma, por exemplo, era enfermeira, «Mother-in-Law» (Sogra), *Ladies' Home Journal,* junho de 1939: «Êle a achou encantadora. Não parecia nem um pouco com as heroínas bonitinhas de livros de histórias, mas havia vigor em suas mãos, orgulho e nobreza na maneira de erguer o queixo, nos olhos azuis. Trabalhava há nove anos, desde que terminara o estágio de aprendizado. Era independente e só tinha uma coisa a considerar: seu coração».

Outra heroína foge de casa quando a mãe insiste em que ela faça seu *debut*

na sociedade, em lugar de ingressar numa expedição geológica. Sua firme determinação de viver uma vida independente não a impede de amar um homem, mas faz com que se revolte contra os pais, exatamente como o jovem herói, que precisa sair de casa para acabar de amadurecer. «Você é a garota mais corajosa que conheço», diz o rapaz que a ajuda a libertar-se, «Have a Good Time, Dear» (Divirta-se, querida), *Ladies' Home Journal,* maio de 1939.

Com frequência surgia um conflito entre um compromisso de trabalho e o herói. Mas a moral em 1939 dizia que se ela mantivesse o compromisso profissional não perderia seu homem, caso este fosse um tipo que vale a pena. Uma jovem viúva, «Between the Dark and Daylight» (Entre a Escuridão e o Dia), *Ladies' Home Journal,* fevereiro de 1939, encontra-se em dúvida entre ficar no escritório, corrigir o erro importante que cometera, ou comparecer ao encontro marcado com um hoemm. E pensa em seu casamento, no filho, na morte do marido.. . «no tempo que virá após, na luta por um raciocínio claro, sem medo de novos empregos, confiando na própria decisão». Como poderia o patrão esperar que ela renunciasse ao seu encontro? Mas acaba ficando. «Eles haviam dado tudo pela campanha. Não podia desapontá-los». E acaba ficando também com seu homem — o chefe!

Talvez nenhuma dessas histórias tenha grande valor literário, mas a personalidade das heroínas parece dizer algo sobre as donas de casa que, então como agora, liam as revistas femininas. E estas não eram escritas para mulheres que seguiam uma carreira. A Nova Mulher era o ideal da dona de casa de ontem: refletia os sonhos, os anseios de individualidade e o senso das possibilidades que existiam então para a mulher. E se esta não podia viver pessoalmente esses sonhos desejava que suas filhas os vivessem. Ambicionavam para elas mais que a função de donas de casa: queriam o ingresso no mundo que as negara.

Recordar o que «carreira» significava para a mulher antes que a palavra se tornasse um palavrão nos Estados Unidos é como evocar um sonho há muito esquecido. Emprego significava dinheiro, naturalmente, o que era importante ao final da depressão, mas para as leitoras dessas revistas, carreira representava mais do que emprego. Significava realizar algo, ser alguém e não apenas existir através de terceiros.

Encontrei em fins da década de quarenta, numa história chamada «Sarah and the See plane» (Sara e o Hidroavião), *Ladies' Home Journal,* fevereiro de 1949, a última nota nítida na entusiástica procura de individualidade simbolizada por uma carreira. Sara, que há dezenove anos representava o papel de filha dócil, estava secretamente aprendendo a pilotar. Certo dia, perde uma aula para acompanhar a mãe numa série de visitas sociais. Um médico idoso, inquilino da casa, observa: «Minha querida Sara, você se suicida diariamente, a todos os momentos. Não fazer justiça a si mesma é maior crime do que desagradar aos outros». Pressentindo um segredo, pergunta se ela está apaixonada. Achou difícil responder. Apaixonada? Apaixonada pelo bem humorado e bondoso Henry (professor de pilotagem). Apaixonada pela água faiscante, pelo avião alçando vôo, pela visão de um mundo sorridente e sem limites? «Sim -— respondeu.

Creio que estou».

Na manhã seguinte, Sara voa sozinha pela primeira vez. «Henry » se afasta, batendo a porta da cabine e girando o avião para ela. Estava sozinha. Houve um momento em que tudo o que aprendera apagou-se de sua mente, em que teve que adaptar-se a estar sozinha, inteiramente só, na cabine familiar. Inspirou profundamente e de súbito uma maravilhosa sensação de competência fê-la sorrir e sentar ereta. Estava sozinha! Era a única responsável por si mesma e sentia-se competente.

«Sou capaz! — repetiu para si mesma, em voz alta... O vento arrancava fios prateados dos flutuadores e sem esforço o avião ergueu-se e alçou vôo». Nem sua mãe poderia agora impedi-la de obter o *brevet*. Não temia «descobrir sua maneira de viver». À noite, deitada, sorriu sonolenta, lembrando o que Henry dissera: «Você é a minha garota».

«A garota de Henry! Sorriu ainda. Não, não era a garota de Henry. Era Sara e isso bastava. Começando tão tarde levaria algum tempo para conhecer-se a si mesma. Já meio adormecida perguntou- se: precisaria de alguém? E quem seria essa pessoa?»

Subitamente a imagem se torna pouco nítida. A Nova Mulher, totalmente livre, hesita a meio vôo, estremece naquele céu azul e voa de regresso ao confortável ninho do lar. No mesmo ano em que Sara voava sozinha pela primeira vez, o *Ladies' Home Journal* lança o protótipo dos inúmeros contos no estilo «ocupação: dona de casa», que começaram a aparecer nas revistas femininas de então, prolongando-se por toda a década de cinquenta. Começavam geralmente com uma mulher se queixando de que quando tem que escrever «dona de casa» no cartão do censo sente complexo de inferioridade («Quando escrevo essas palavras reconheço que eu, mulher de meia idade, com educação universitária, nunca fiz coisa alguma na minha vida. Sou apenas uma dona de casa»). Então o autor, que nunca é apenas uma dona de casa (neste caso é Dorothy Thompson, jornalista, correspondente estrangeira, famosa colunista do *Ladies' Home Journal,* março de 1949) ri às gargalhadas: «O problema é que vocês não compreendem que são especialistas simultaneamente em uma dúzia de carreiras. «Poderiam escrever: gerente, cozinheira, enfermeira, motorista, costureira, decoradora, contabilista, professora, secretária particular — ou então apenas filantropa... Passam a vida desgastando por amor suas energias, habilidade e talentos ». Contudo, a dona de casa continua a queixar-se: «Estou com quase cinquenta anos e nunca fiz o que desejava fazer na mocidade: estudar música. Desperdicei meu curso universitário».

Ora, exclama Miss Thompson, rindo. — Por sua causa seus filhos não saíram dotados para a música? E durante todos esses anos, enquanto seu marido escrevia aquela grande obra, você não manteve a casa encantadora com 3.000 dólares anuais, não costurou todas as roupas, suas e das crianças, empapelou sozinha a sala, correu os supermercados a procura de artigos mais baratos? E nos

momentos de folga não datilografou e reviu os manuscritos do seu marido, planejou festivais para cobrir as despesas da igreja, tocou duetos ao piano com as crianças, a fim de tornar mais interessantes as suas horas de estudo, leu livros de ginásio para acompanhar- lhes o adiantamento? «Mas toda essa vida através dos outros é vida de empréstimo — suspira a dona de casa». «Tão de empréstimo como a de uma rainha», resmunga Miss Thompson. «Recuso- me simplesmente a partilhar de sua autocomiseração. Você é uma das mulheres mais bem sucedidas que conheço».

Quanto a não ganhar dinheiro algum, continua o argumento, que a dona de casa faça um cálculo do custo de seus serviços e verá que economiza mais com seus talentos dentro de casa do que saindo para um trabalho externo. E o entusiasmo anulado pelas tarefas caseiras? Talvez, de fato, algum gênio feminino se tenha perdido, mas «Um mundo cheio de gênios e pobre em crianças rapidamente desapareceria... Grandes homens tiveram grandes mães».

E lembram à dona de casa americana que os países católicos, na Idade Média, «elevaram a meiga e humilde Maria a Rainha dos Céus e construíram suas mais belas catedrais em honra de Nossa Senhora... A dona de casa, formando seus filhos e o ambiente em **39** que vivem, é uma constante recriadora da cultura, da civilização e da virtude. Supondo que esteja cumprindo bem essa tarefa de criatividade e organização, deve escrever com orgulho: «Ocupação: dona de casa».

Em 1949, o *Ladies' Home Journal* publicou também «Male and Female» (Macho e Fêmea), de Margaret Mead. Todas as revistas falavam então na «Modern Woman: The Lost Sex» (Mulher Moderna: O Sexo Perdido), de Garnham e Lundberg, lançado em 1942, com seu aviso de que as carreiras profissionais e uma educação mais requintada estavam conduzindo a mulher à masculinização, com consequências profundamente perigosas para o lar, as crianças e a vida sexual, tanto do homem como da mulher.

E assim a mística feminina começou a espalhar-se pelo país, acrescida de velhos preconceitos e confortáveis convenções, que facilmente deram ao passado um apoio no presente. Por detrás da nova mística existiam preconceitos e teorias enganadoras em sua sofistificação e aparência de verdades consagradas. Essas teorias eram, supunha-se, tão complexas que só se mostravam acessíveis a uns poucos iniciados, tornando-se, portanto, irrefutáveis. Para examinar com mais atenção esses conceitos, essas verdades aceitas e compreender claramente o que aconteceu à mulher americana será necessário romper essa parede de mistério.

A mística feminina afirma que o valor mais alto e o compromisso único da mulher é a realização de sua feminilidade. Afirma ainda que o grande erro da cultura ocidental, no decorrer dos séculos, foi a desvalorização dessa feminilidade. Diz ainda que esta é tão misteriosa, intuitiva e próxima à criação e à origem da vida, que a ciência humana talvez jamais a compreenda. Contudo, por mais essencial e diferente que seja, de modo algum é inferior à natureza do homem; em certos aspectos pode até ser superior. O erro, diz a mística, a raiz do problema feminino no passado, é que as mulheres invejavam os homens,

tentavam ser como eles, em lugar de aceitar sua própria natureza, que só pode encontrar realização na passividade sexual, no domínio do macho, na criação dos filhos, e no amor materno.

Mas a nova imagem de que essa mística reveste a mulher é também uma velha imagem: «ocupação — dona de casa». Transforma a espôsa-mãe, que jamais teve oportunidade de ser outra coisa, em modelo para todas as mulheres; pressupõe que a história tenha atingido um final glorioso neste capítulo. Sob roupagens sofisticadas faz de certos aspectos concretos finitos, domésticos, da vida feminina, conforme era vivida pelas mulheres limitadas que estavam por necessidade a cozinhar, lavar, procriar, dentro de uma religião, dum padrão pelo qual deviam todas pautar-se, sob perigo de perder a feminilidade.

Realização como mulher só tinha uma definição para a americana, após 1949: espôsa-mãe. Rápido como num sonho, a imagem da mulher como indivíduo, transformando-se e ampliando-se num mundo em evolução, foi destruída. Seu vôo solitário em busca de uma identidade ficou esquecido na corrida para a segurança de uma situação a dois. Seu mundo ilimitado encolheu, confinando-se às confortáveis paredes do lar.

A transformação refletida nas páginas das revistas femininas tornou-se nitidamente visível em 1949 e prosseguiu pela década de 50. «A feminilidade começa em casa», «Talvez o mundo seja mesmo dos homens», «Tenha filhos enquanto jovem», «Como conquistar um homem», «Devo deixar de trabalhar quando nos casarmos?», «Você está treinando sua filha para dona de casa?», «Carreiras domésticas », «As mulheres precisam mesmo falar tanto?», «Porque nossos soldados preferem as alemães», «O que as mulheres podem aprender com Eva», «A política é o mundo dos homens», «Como conservar feliz seu casamento», «Não tenha medo de casar jovem», «O médico fala sobre amamentação natural», «Nosso filho nasceu em casa», «Para mim, cozinhar é poesia», «Dirigir uma casa é um grande negócio».

Em fins de 1949, somente uma em cada três heroínas das revistas femininas seguia uma carreira profissional e era retratada sempre no ato de renunciar à profissão, descobrindo que o que realmente desejava era tornar-se dona de casa. Percorri número após número das três maiores revistas de 1958 e também de 1959 (a quarta, *Woman's Home Companion,* morrera), sem encontrar uma só protagonista que seguisse carreira, ou tivesse compromissos com trabalho, arte, profissão ou missão, além de sua função de dona de casa. Apenas uma em cem heroínas tinha emprego e até as jovens solteiras não trabalhavam, exceto na tarefa de agarrar marido.{6}

Estas novas heroínas-donas de casa pareciam estranhamente imaturas em relação às decididas mulheres das décadas de trinta e quarenta, cada vez mais jovens na aparência e na dependência infantil. Não tinham planos de futuro, exceto no que se referisse aos filhos. A única figura em crescimento no seu universo era a criança. Eram sempre moças porque sua imagem terminava com o parto. Como Peter Pan, tinham que permanecer jovens, enquanto os filhos cresciam para o mundo. Precisavam ter bebês continuamente porque a mística

feminina diz que não há outra maneira de ser heroína.

Numa história típica, intitulada «The Sandwich Maker» (A Fazedora de Sanduíches), *Ladies' Home Journal,* abril de 1959, a protagonista fêz um curso de economia doméstica, aprendeu a cozinhar, nunca tivera emprego e ainda agia como recém-casada, embora já tivesse três filhos. Seu problema era de ordem financeira. «Ora, nada de importante como impostos, acordos mútuos, ou programas de ajuda exterior. Deixo toda essa confusão econômica ao meu representante constitucionalmente eleito, em Washington, e que Deus o ajude».

O problema é sua mesada de 42,10 dólares. Detesta ter que pedir dinheiro ao marido toda vez que precisa comprar sapatos, mas êle não quer confiar-lhe uma conta bancária. «Oh, como gostaria de ter um dinheiro meu! Não muito, para falar a verdade. Algumas centenas de dólares por ano bastavam. O suficiente para convidar uma amiga a almoçar de vez em quando, gastar em meias coloridas e outros pequenos itens, sem ter que recorrer a Charley. Mas, infelizmente, Charley tinha razão. Eu jamais ganhara um dólar em minha vida e não tinha a menor idéia de como fazê-lo. De modo que durante muito tempo limitei-me a ficar mal humorada e cozinhar, limpar, costurar, lavar, passar, cozinhar».

Finalmente surgiu uma solução: ela receberia encomendas de sanduíches dos homens que trabalhavam com seu marido. Ganhou numa semana 52,20 dólares, só que esqueceu de incluir a despesa no preço e como não se lembrava mais do valor de uma grosa, foi obrigada a esconder 8.640 pacotes de sanduíches atrás da fornalha. Charley dizia que seus sanduíches eram enfeitados demais e ela explicava: «Se fôr só presunto, parece que sou uma fazedora de sanduíches desinteressada. Os extras, os toques especiais é que constituem um trabalho criativo». Foi assim que começou a cortar, enrolar, descascar, passar manteiga, iniciando pela madrugada e *não* terminando nunca, por 9 dólares exatos, até não poder mais agüentar o cheiro de comida. Quando finalmente desceu aos tropeções a escada, depois de uma noite insone, a fim de cortar salame para as quatro merendeiras abertas dos filhos, pensou: «É demais!» Charley desceu naquele momento e depois de olhar rapidamente para mim, correu a apanhar um copo d'água. A heroína compreendeu naquele momento que estava esperando mais um filho.

«As primeiras palavras coerentes de Charley foram: «Vou cancelar suas encomendas. Você é mãe — este é o seu trabalho. Não precisa ganhar dinheiro também». Era tão maravilhosamente simples! «Sim, chefe, murmurei, obediente, aliviada». Naquela noite êle trouxe para casa um talão de cheques, depois de abrir uma conta conjunta. Assim, ela resolveu não falar nada a respeito dos 8.640 sacos de sanduíches. «De qualquer modo serão usados, pois terei que preparar sanduíches para as crianças levarem à escola até que o mais velho esteja em idade de ir para a universidade».

O caminho entre Sara e o hidroavião e a fazedora de sanduíches foi percorrido em dez anos apenas. Nessa década, a imagem da mulher americana parece ter sofrido uma cisão esquizofrênica. E a divisão dessa imagem vai muito

mais longe do que o violento arrancar de uma profissão dos sonhos da mulher. Anteriormente a imagem feminina era também dividida em duas — a mulher pura, no alto de um pedestal, e a prostituta, símbolo dos desejos carnais. A divisão da nova imagem cria uma cisão diferente — a mulher feminina, cuja virtude inclui os desejos da carne, e a mulher com uma profissão, cujo vício inclui todos os anseios de uma personalidade independente. A nova moralidade feminina exorciza o sonho proibido de uma carreira e termina com a vitória da heroína sobre Mefistófeles, na forma de uma profissional ameaçando conquistar o marido ou o filho da protagonista; ou então na forma de um demônio íntimo — sonho de independência, descontentamento e até anseio de individualidade, que precisam ser vencidos, a fim de que ela possa reconquistar o amor do marido e do filho.

Num conto do *Redbook,* «A Man Who Acted Like a Husband» (O homem que parecia marido), novembro de 1957, a heroína recém- casada, «uma moreninha sardenta, cujo apelido é Júnior, recebe a visita de uma antiga colega de universidade. Kay era uma moça de mentalidade masculina, com cabeça para negócios... Trazia os cabelos pretos e brilhantes presos num coque alto, enfeitado por dois grampos imensos. Era não só divorciada, como deixava o filho com a avó, enquanto trabalhava na televisão. Essa mulher diabólica tenta Júnior com a promessa de um emprego, para mantê-la afastada de seu bebê, ainda em fase de amamentação. Chega ao ponto de impedir a jovem mãe de atendê-lo quando chora às duas da manhã. Mas ouve o que devia quando George, o marido, encontra o bebê chorando, descoberto, sob o vento gelado da janela aberta, sangue escorrendo pelo rostinho. Kay, arrependida, abandona o emprego e vai buscar o filho para começar vida nova. E Júnior, amamentando às duas da manhã, suspira: «Estou feliz, feliz, feliz por ser apenas dona de casa». E começa a sonhar um futuro para a filhinha, idêntico ao seu.

Liqüidada a profissional, a dona de casa com interesses na comunidade torna-se o próximo demônio a ser combatido. Até as reuniões de pais e mestres adquirem uma conotação suspeita, para não mencionar o interesse em alguma causa internacional, «Almost a Love Affair» (Quase um caso de amor), *McCaWs,* novembro de 1955. A dona de casa com mentalidade própria vem a seguir. A heroína de «I Didn't Want to Tell You» (Eu não lhe queria dizer), *McCall's,* janeiro de 1958, equilibra sozinha o orçamento doméstico e briga com o marido por causa de um pequeno detalhe sem importância. Acontece que êle começa a desinteressar-se dela em favor de uma viuvinha, cujo principal atrativo é não entender coisa alguma de apólices ou hipotecas. A esposa traída diz: «Ela deve ter *sex appeal.* E que arma possui uma esposa contra isso?» Mas sua melhor amiga replica: «Você está simplificando demais. Esquece o quanto Tânia é de fato indefesa e como é capaz de ser grata a quem queira ajudá-la...»

«Eu não poderia desempenhar o papel de mulher indefesa, nem que fizesse um esforço», responde a mulher. «Tive um ótimo emprego quando saí da universidade e sempre fui muito independente. Não sou uma mulherzinha tonta e não sei fingir». Mas o conselho calou. Naquela noite, ouve um ruído e, embora

saiba que se trata apenas de um rato, grita pelo marido, reconquistando-o. Enquanto êle acalma seu fingido pânico, ela murmura que na briga daquela manhã a culpa fora toda sua. «Deitada na cama macia, sorriu, intimamente satisfeita e quase sem remorsos».

O final da história é o desaparecimento, quase literal, da própria heroína como ser independente e personagem de conto. É uma fusão, onde a protagonista não tem nem onde esconder-se, mesmo quando se sente culpada, existindo unicamente para o marido e os filhos, e através deles.

Lançado pelos editores de *McCall's* em 1954, o conceito de «união» foi avidamente transformado num movimento de significado espiritual por publicistas, pastores, editorialistas. Houve tempo em que chegou a ter uma finalidade de âmbito nacional. Mas rapidamente sofreu ásperas críticas sociais, tornando-se objeto de gracejos: união seria substitutivo de finalidades humanas mais amplas — para os homens. As mulheres foram censuradas por permitirem que os maridos as ajudassem nas tarefas domésticas, em lugar de estarem liderando o país e o mundo. Por que homens com capacidade para estadistas, antropólogos, físicos, poetas, eram obrigados a lavar pratos e a trocar fraldas à noite e nas manhãs de sábado, quando poderiam usar esse tempo extra em compromissos mais amplos para com a sociedade?

É significativo que as críticas só se referissem ao fato de que os homens estavam partilhando do «mundo das mulheres». Poucos indagavam dos limites desse mundo. Aparentemente não ocorreu a ninguém que no passado atribuía-se à mulher a capacidade e a visão dos estadistas, poetas e físicos. Poucos perceberam a grande mentira naquele conceito de «união».

Tomemos o número da Páscoa de 1954, da revista *McCaWs,* que anunciava o começo de uma nova era e dobrava a finados para os tempos em que a mulher lutava e conquistava igualdade de direitos políticos, e as revistas femininas «ajudavam as leitoras a desbravar novos horizontes, anteriormente proibidos ao seu sexo». A nova maneira de viver, segundo a qual «homens e mulheres, em número cada vez maior, casam-se jovens, têm filhos enquanto jovens e criam famílias mais numerosas, nisto obtendo sua mais profunda satisfação para os seus lares, — homens, mulheres e crianças a realizam em conjunto.. . não isolados uns dos outros, mas como uma família que são, partilhando de uma experiência em comum».

O artigo que descreve esta maneira de viver diz que «o lugar do homem é no lar» e aponta como novo ideal um casal de Nova Jersey, com três filhos, morando numa casa de dois andares, com telhado de ardósia. Ed e Carol «concentraram sua vida quase inteiramente nos filhos e na casa». E são vistos fazendo compras no supermercado, realizando trabalhos de carpintaria, vestindo as crianças, preparando juntos o café da manha. «Em seguida, Ed reúne-se ao grupo de amigos que seguem juntos de carro para o escritório».

Ed, o marido, é quem escolhe a combinação de cores para a casa e toma todas as decisões mais importantes relativas à decoração. Uma lista das coisas que gosta de fazer: pequenos consertos, pintar, escolher mobília, tapetes e

cortinas, enxugar pratos, ler para as crianças e levá-las para a cama, trabalhar no jardim, dar de comer e vestir os filhos, comparecer a reuniões de pais e mestres, comprar roupas para a mulher e mantimentos para a família.

Ed não gosta de: tirar o pó, passar o aspirador nos tapetes, terminar o que começou, pendurar cortinas, lavar panelas e pratos, pôr em ordem o que as crianças desarrumaram, abrir caminho na neve, mudar fraldas, levar a *ama-sêca* para casa, lavar roupa, passar. E é claro que não faz mesmo nada disso.

"A família tem seu chefe, para o bem de todos. E este chefe é o Pai, não a Mãe... Os filhos de ambos os sexos precisam compreender e respeitar os talentos e as funções de cada um... O pai não é apenas um substituto da mãe, embora esteja disposto a dar banho, alimentar, consolar e brincar com as crianças. É um elo entre a família e o mundo exterior onde trabalha. Se neste mundo êle fôr corajoso, tolerante, criativo e interessado transmitirá esses valores aos filhos".

Nessa época houve inúmeras reuniões, eivadas de angústia, do corpo editorial de *McCaWs*. «De repente, todo mundo começou a indagar o significado espiritual de «união», esperando que se criasse uma misteriosa corrente religiosa na vida que todos vinham vivendo nos últimos cinco anos — isto é, arrastar-se para casa e voltar as costas ao mundo. Mas nunca conseguimos encontrar um modo de expressá-lo que não fosse uma monstruosa chatice» — recorda um antigo editor de *McCaWs*. A história acabava sempre reduzida a «que bom, papai está no jardim preparando um churrasco». Colocamos homens em fotos de moda, culinária e até de perfumes. Mas do ponto de vista editorial estávamos esgotados».

«Recebemos artigos de psiquiatras que não podíamos publicar porque denunciavam abertamente o absurdo de casais concentrandose unicamente nos filhos. Mas que outra coisa se podia dizer sobre «união» fora desse campo? Ficávamos pateticamente gratos quando descobríamos algo em que papai podia ser fotografado com mamãe. Às vezes cogitávamos, sobre o que aconteceria às mulheres se os homens passassem a decorar, cuidar das crianças, cozinhar e fazer tudo o que ela costumava realizar sozinha. Mas não podíamos falar sobre a mulher abandonando a casa para seguir carreira. A ironia da história é que queríamos deixar de escrever para a mulher como tal e sim editar para ambos os sexos. Queríamos publicações para pessoas, e não para o sexo feminino».

Mas, proibida de penetrar no mundo masculino, conseguiria a mulher ser uma pessoa? Impedida de ser ela mesma, absorvera finalmente uma imagem de dependência tão passiva que passara a desejar que o homem tomasse todas as decisões, inclusive em casa. A ilusão de que o conceito de «união» levaria um conteúdo espiritual ao tédio da rotina doméstica, a necessidade de um movimento religioso para suprir a falta de individualidade revelam a medida da perda feminina e o vazio de sua imagem. Fazer com que o homem participasse dos trabalhos caseiros poderia compensá-la da perda do mundo? Passar o aspirador em conjunto na sala daria à mulher uma nova e misteriosa finalidade na vida?

Em 1956, no auge do movimento, os entediados editores de *McCall's* publicaram um artigo intitulado «The Mother Who Ram Away» (A Mãe que

Fugiu). Para surpresa geral foi o mais lido de todos os que jamais publicaram. «Foi o nosso momento de verdade », contou-me um antigo editor. «Compreendemos, de súbito, que todas aquelas mulheres com três filhos e meio viviam profundamente infelizes».

Mas a essa altura a nova imagem da americana tipo «ocupação: dona de casa» já se transformara numa mística aceita e que não permitia discussão, amoldando a própria realidade que distorcera.

Quando comecei a escrever para revistas femininas, na década de cinquenta, era fato aceito sem discussão por editores e escritores que a mulher não se interessava por política, pela vida fora dos Estados Unidos, por assuntos de âmbito nacional, arte, ciência, idéias, aventura, educação e até mesmo pela comunidade em que vivia, exceto quando se apelava para suas emoções como esposa e mãe.

Política, para a mulher, tornou-se o guarda-roupa de Mamie e a vida doméstica dos Nixons. Por senso de dever e uma questão de consciência, o *Ladies' Home Journal* publicou uma série intitulada «Politicai Pitgrim's Progress» (O Progresso Peregrino Político), mostrando a mulher empenhada em melhorar as escolas e os *play-grounds* de seus filhos. Mas até a política aproximativa, através do amor materno, não interessava de fato à mulher, era o que se julgava na profissão. Todo mundo conhecia as estatísticas sobre as leitoras. Um editor do *Redbook* tentou ingenuamente colocar a bomba atómica ao nível feminino descrevendo as emoções de uma mulher cujo marido viajara em área contaminada.

«As mulheres não suportam uma idéia em estado puro — afirmavam, unânimes, os editores de revistas». É preciso traduzi-la em termos acessíveis a sua mentalidade. Isto era de tal modo aceito por todos os que escreviam para as revistas femininas que um especialista em parto natural escreveu um artigo para uma publicação das mais importantes, intitulado «Who to Have a Baby in an Atomic Shelter» (Como dar à luz num abrigo atômico).

«O artigo não estava bem escrito, senão nós o teríamos comprado » — disse-me um editor. Segundo a mística, a mulher, em sua misteriosa feminilidade, estaria interessada nos detalhes biológicos concretos de um parto num abrigo atómico, mas nunca na idéia abstrata do poder da bomba para destruir a espécie humana.

Esta convicção tornou-se, naturalmente, uma profecia realizada. Em 1960, um psicólogo mostrou-me deprimentes estatísticas que provavam sem sombra de dúvidas que a mulher americana com menos de trinta e cinco anos não estava interessada em política. «Possui o direito de voto, mas não sonha em apresentar-se como candidata» — contou-me. «Não lê artigos políticos. É preciso traduzi-los em termos que ela compreenda: romance, gravidez, decoração do lar, roupas. Se alguém escrever um artigo sobre economia, a questão racial, os direitos civis, terá a impressão de que as mulheres jamais ouviram falar nisso».

E talvez não tivessem mesmo. Idéias não são como os instintos, que saltam intactos para a mente. São comunicados pela educação, pela palavra impressa. As

novas donas de casa que abandonam o ginásio ou a universidade para casar não lêem livros, é o que dizem os questionários psicológicos. Lêem somente revistas. E estas são de opinião que hoje a mulher não se interessa por idéias.

Mas, voltando aos volumes encadernados da biblioteca pública, descobri que, nas décadas de trinta e quarenta, as revistas de grande circulação, como *Ladies' Home Journal,* publicavam centenas de artigos sobre o mundo exterior ao lar: «The Inside Story of American Diplomatic Relations Preciding Declared War» (Nos Bastidores das Relações Diplomáticas Americanas Antes da Declaração de Guerra); «Can the U.S. Have Peace After This War?» (Podem os Estados Unidos Viver em Paz Depois Desta Guerra?), por Walter Lippman; «Stalin at Midnight» (Stalin à Meia-Noite), por Harold Stassen; «General Stilwell Reports on China» (General Stilwell Fala Sobre a China); artigos sobre os últimos dias da Checoslováquia, por Vincent Sheean; a perseguição dos judeus na Alemanha; o New Deal; a narrativa do assassinato de Lincoln, por Carl Sandburg; contos de Faulkner sobre o Mississipi, e a luta de Margaret Sanger pele controle da natalidade.

Na década de 50 não se publicou virtualmente artigo algum, *exceto* os que interessavam à mulher como dona de casa, ou permitiam uma identificação puramente feminina com a Duquesa de Windsor ou a Princesa Margaret. «Quando recebíamos um artigo a respeito de uma mulher que realizava sozinha algo aventuroso, fora do comum, imaginávamos logo que ela era terrivelmente agressiva e neurótica» — disse-me um editor do *Ladies' Home Journal.* Margaret Sanger jamais seria publicada hoje.

Em 1960 vi estatísticas demonstrando que mulheres com menos de trinta e cinco anos não podiam identificar-se com uma heroína decidida, trabalhando numa agência de publicidade e persuadindo um rapaz a lutar por seus princípios na cidade grande, em lugar de voltar correndo para a terra natal e a segurança da família. E as novas donas de casa não conseguiam também aceitar um jovem ministro agindo segundo suas convicções e desafiando atitudes convencionais. Mas não tinham a menor dificuldade em compreender um jovem paralítico de dezoito anos. («Quando voltei a mim descobri que não podia mover-me, e nem mesmo falar. Só conseguia movimentar um dedo de uma das mãos». Com a ajuda da fé e da psiquiatria «estou agora descobrindo motivos para viver tão plenamente quanto possível»).

Terá algum significado o fato de que a nova dona de casa, conforme qualquer editor poderá afirmar, é capaz de identificar-se completamente com vítimas da cegueira, surdez, incapacidade física, paralisia, câncer ou morte próxima? Artigos sobre cegos, surdos ou paralíticos têm sido um dos esteios das revistas femininas da era «ocupação: dona de casa». São narradas com detalhes realísticos, e minuciosos, substituindo os artigos a respeito do país, do mundo, das idéias, da arte e da ciência. E seja a vítima homem, mulher ou criança, seja a condenação câncer incurável ou paralisia progressiva, a leitora identifica-se imediatamente com o caso.

Quando eu escrevia para essas revistas, os editores recomendavam- me

continuamente que «as mulheres precisam identificar-se com o assunto». Uma vez quis escrever um artigo sobre uma artista e acabei falando sobre os pratos que preparava, as compras que fazia, como se apaixonou pelo marido e pintou um berço para o filho. Tive que deixar de lado as horas que passava pintando seus quadros — seu trabalho sério — e sua maneira de sentir em relação à arte. Às vezes conseguia-se escrever a respeito de uma mulher que não era de fato dona de casa, contanto que fosse possível dar a impressão de que o era, não se mencionasse seus compromissos para com o mundo fora do lar, e seus objetivos intelectuais ou espirituais. Em fevereiro de 1949, o *Ladies' Home Journal* publicou «Cozinha de Poeta», onde Edna St. Vincent Millay aparecia cozinhando. «Agora esperamos nunca mais ouvir dizer que cozinhar é tarefa inferior. Se uma das maiores poetisas de hoje e de todos os tempos encontra beleza em simples trabalhos domésticos, isto coloca um ponto final na antiga controvérsia».

A única «profissional» sempre bem-vinda às páginas das revistas femininas era a atriz. Mas sua imagem sofria também notável transformação: de indivíduo complexo, com temperamento ardente, dimensão interior e uma particular inclinação de espírito passava a ser um objeto sexual, uma recém-casada com cara de bebê, ou uma ativa dona de casa. É só comparar Greta Garbo, Marlene Dietrich, Bette Davis, Rosalind Russel, Katherine Hepburn com Marilyn Monroe, Debbie Reynolds, Brigitte Bardot e «I love Lucy».

Ao escrever a respeito de uma atriz para qualquer revista feminina falava-se de seu papel como dona de casa. Nunca surgia como atriz, a menos que eventualmente pagasse por isso perdendo o marido ou um filho, ou então confessando seu fracasso como mulher. Um perfil de Judy Holliday em *Redbook* (junho de 1957) descrevia como «uma mulher brilhante começa a descobrir no trabalho as alegrias que nunca encontrou na vida pessoal». Na tela, dizia o artigo, representa com calor e convicção o papel de esposa inteligente e amadurecida, esperando um filho, o que é diferente de tudo o que tentou até hoje. Precisa realizar-se profissionalmente porque se divorciou do marido e «sente-se inadequada como mulher... É uma ironia que Judy como atriz tenha encontrado sucesso quase sem fazer esforço, enquanto fracassou como mulher...»

O estranho é que, à medida que a mística feminina se divulgava, negando à mulher profissões ou quaisquer compromissos fora do lar, triplicava o número de mulheres trabalhando em diferentes empregos. É verdade que duas em três continuavam a ser donas de casa. Mas por que, no momento em que as portas do mundo se abriam finalmente para todas as mulheres, a mística negaria os sonhos femininos de a um século?

Descobri uma pista certa manhã, sentada no escritório de uma editora de revista feminina — uma mulher que, mais velha do que eu, se lembrava do tempo em que a antiga imagem estava em elaboração e observara seu deslocamento. A jovem profissional decidida fora criada em grande parte por escritores e editores do sexo feminino; foi o que me disse. A nova imagem da mulher como dona de casa-mãe fora concebida por uma maioria de escritores e editores do sexo masculino.

«A maior parte do material nos era fornecido por mulheres», disse, com nostalgia. «À medida que os rapazes começaram a voltar da guerra, muitas escritoras abandonaram o campo, começaram a ter filhos e deixaram de escrever. Foram substituídas por homens marcados pelo conflito e sonhando com o lar e uma tranquila vida doméstica ». Uma a uma, as criadoras das heroínas alegres e decididas da década de trinta começaram a aposentar-se. Nos fins da década de quarenta, os escritores que não conseguiam escrever segundo a nova imagem da dona de casa abandonaram o campo das revistas femininas. Os novos profissionais eram todos homens e umas poucas mulheres que sabiam escrever segundo a fórmula. Outros elementos começaram a surgir nos bastidores das revistas femininas, tais como uma nova espécie de escritora vivendo à imagem da dona de casa, ou fingindo viver; e um novo tipo de editora, menos interessada em alcançar a mente e o coração da mulher por meio de ideias do que em vender-lhe artigos de interesse do anunciante: detergentes, cosméticos, objetos de utilidade doméstica. Hoje é masculina a voz da decisão na maioria das revistas femininas. As editoras geralmente publicam colunas de serviço e executam as fórmulas ditadas pela nova imagem da dona de casa, mas estas são produto da mente masculina.

Durante as décadas de quarenta e cinquenta, os bons escritores de ficção de ambos os sexos desapareceram também das revistas de grande tiragem. Na verdade, a ficção foi quase completamente substituída por um tipo diferente de matéria: não o velho artigo sobre ideias, mas um novo, utilitário. Estes às vezes apresentavam a elaboração de um poema, ou a sinceridade de uma reportagem falando a respeito de tortas de limão, da compra de máquinas de lavar, dos milagres que uma camada de pintura pode fazer por uma sala, ou de regimes, drogas, roupas, e cosméticos para transformar o corpo numa visão de beleza física. Às vezes referiamse a assuntos muito sofisticados, como novas descobertas em psiquiatria, psicologia infantil, sexo, vida conjugal, medicina. Imaginava- se que as leitoras fossem capazes de aceitar essas ideias relacionadas com suas necessidades de esposa e mãe, mas somente quando reduzidas a detalhes físicos concretos, expressos em termos de vida doméstica e acompanhados de uma lista de «faça isto, não faça aquilo», para manter o marido feliz, resolver o problema do filho que molha a cama, afastar a morte do armário de remédios...

Mas ocorre então algo estranho. Dentro de seus estreitos limites esses artigos, fossem utilitários, ou um documentário a respeito da dona de casa, eram quase sempre superiores em qualidade ao material de ficção. Eram melhor escritos, mais honestos, mais elaborados. Esta observação foi feita inúmeras vezes por leitoras inteligentes, editores intrigados e pelos próprios escritores.

«Os bons autores de ficção tornaram-se demasiado interiorizados e, portanto, inacessíveis às nossas leitoras, de modo que só nos restaram os escritores convencionais», declarou um editor de *Redbook*. Contudo, antigamente, autores da importância de Nancy Hale e até William Faulkner escreviam para revistas femininas e eram considerados acessíveis. Talvez a nova imagem de

mulher não permitisse a sinceridade interior, a profundidade de percepção e a verdade humana essenciais à boa ficção.

Esta exige pelo menos um herói ou, no caso das revistas femininas, uma heroína, em busca de um objetivo humano ou um sonho. É limitado o número de histórias que se pode escrever sobre jovens à caça de maridos, ou donas de casa à procura de poeira debaixo do sofá. Assim, o artigo de serviço assumiu papel importante, substituindo a sinceridade íntima e a veracidade necessárias à ficção por uma riqueza de detalhes objetivos, concretos, realísticos, domésticos — a tonalidade correta das paredes ou do baton, a exata temperatura do forno.

A julgar pelas revistas femininas de hoje, esses detalhes são mais interessantes do que os pensamentos, as idéias, os sonhos. Ou será que a riqueza e o realismo dos pormenores, a cuidadosa descrição de pequenos acontecimentos mascaram a falta de sonhos, o vazio das ideias, o terrível tédio que desabou sobre a dona de casa americana?

No escritório de uma das poucas editoras que ainda restam no mundo das revistas, agora estranhamente dominada pelo homem, ouvi uma explicação de como teve início a mística feminina. «Várias de nós estávamos sendo psicanalisadas» — falou, reminiscente. «E começamos a nos sentir embaraçadas por seguirmos uma carreira. Sentíamos um medo terrível de estar perdendo a feminilidade e andávamos sempre à procura de meios para ajudar as mulheres a aceitarem seu papel feminino».

E não sendo elas próprias capazes de renunciar à carreira, mais razão tinham ainda para «ajudar» outras mulheres a se realizarem como esposa e mãe. Hoje, as poucas que ainda comparecem a reuniões editoriais não se curvam à mística feminina em sua vida particular, mas tal é a força da imagem que ajudaram a criar que muitas se sentem culpadas. E se encontram falhas de carinho em relação às crianças perguntam a si mesmas se a culpa não caberá à carreira.

Por detrás de uma escrivaninha atulhada de papéis, uma editora de *Mademoiselle* disse, embaraçada: «As jovens que recebemos agora como estagiárias, vindas das universidades, parecem sentir pena de nós. Por termos uma carreira, suponho. Num almoço com a última turma pedimos que cada uma nos contasse seus planos de futuro. Nem uma só das vinte ergueu a mão. Quando me lembro do quanto me esforcei por aprender esta profissão e de como gostava dela! Será que éramos todas loucas?»

Junto às editoras que assimilaram a própria ideia que divulgavam surgiu um novo tipo de escritora que começou a escrever sobre si mesma como se fosse apenas dona de casa, «satisfeita num mundo cómico de brincadeiras infantis, máquinas de lavar excêntricas e reuniões de pais e mestres». «Depois de arrumar diariamente a cama de um menino de doze anos, escalar o pico do Everest pareceria coisa sem importância», escreve Shirley Jackson *(McCall's,* abril de 1956). Quando a autora, que durante toda a sua vida adulta tem sido uma

excelente escritora, exercendo um mister muito mais exigente do que arrumar camas, e Jean Kerr, dramaturga, e Phyllis McGinley, poetisa, resolvem apresentar-se como donas de casa, talvez estejam esquecendo a empregada que é quem de fato arruma as camas, mas implicitamente negam o ideal e a satisfação de um trabalho exigente que constitui a elaboração de seus contos, poemas ou peças teatrais. Negam a vida que vivem, não como domésticas e sim como indivíduos.

São excelentes profissionais, as melhores Autoras-Donas de Casa. Alguns de seus trabalhos são cômicos. Sabem falar com graça das crianças, do primeiro cigarro de um garoto de doze anos, da bandinha dos «lobinhos», ou do jardim de infância, de episódios que sucedem na vida real, tanto a escritoras como as donas de casa. Mas nelas sente-se algo que nada tem de engraçado e parece dizer: «Riam quando se sentirem desesperadas, vazias, aborrecidas, encurraladas no papel de motoristas, arrumadeiras e copeiras. Não é engraçado? Estamos todas no mesmo barco». Será que as donas de casa da vida real desfazem em risos seus sonhos e seu desespero? Acreditam que sua capacidade frustrada e existência limitada são mesmo um gracejo? Shirley Jackson arruma camas, ama, brinca com o filho — e escreve outro livro. As peças de Jean Kerr são encenadas na Broadway. Delas ninguém ri.

Algumas dessas autoras-donas de casa vivem de fato segundo a mística feminina. *Redbook* nos apresenta uma especialista em amamentação natural, Betty Ann Countrywoman, que escreveu um artigo sobre sua especialidade: «Pretendia ser médica, mas antes de formar-se *cum laude* em Radcliffe assustou-se à ideia de que a profissão a afastaria de tudo o que realmente ambicionava, isto é, casar e ter filhos. Matriculou-se então na Escola de Enfermagem de Yale e ficou noiva de um jovem psiquiatra na primeira vez em que saíram juntos. Agora o casal tem seis filhos entre 2 e 13 anos, e a Sra. Countrywoman é orientadora de amamentação natural na Maternidade de Indianapolis» *(Redbook,* junho de 1960). É ela quem declara:

> "Para a mãe a amamentação é um complemento do ato da criação, dandolhe um senso mais pronunciado de realização e permitindo-lhe um relacionamento tão próximo da perfeição quanto a mulher pode aspirar... O simples fato de dar à luz não satisfaz essa necessidade e anseio... O instinto materno é um modo de viver que capacita a mulher a expressar sua personalidade total por meio da ternura, das atitudes protetoras e do amor absorvente".

Sendo embora a maternidade uma condição sagrada através dos tempos, defini-la como uma forma de vida total não será negar à mulher o resto do mundo e o futuro que diante dela se estende? Ou esta negação é que obriga a considerar completa a maternidade? Desaparece a fronteira entre a mística e a realidade; a mulher na vida real encarna a cisão da imagem. No espetacular número de Natal de *Life,* 1956, inteiramente dedicado à «nova mulher americana», encontramos «a profissional» — esse erro fatal que o feminismo propagou — não como um vilão e sim como fato documentário, em busca da ajuda de um psiquiatra. Inteligente, culta, ambiciosa, atraente, ganha mais ou menos o salário do marido, mas surge como uma pessoa frustrada, masculinizada

pela carreira, objeto da indiferença sexual do marido castrado, impotente e passivo. Este, recusando-se a assumir suas responsabilidades, afoga no álcool a masculinidade destruída.

Encontramos ainda a dona de casa descontente, moradora nos bairros elegantes, criando confusões nas reuniões de pais e mestres. Morbidamente deprimida, destrói os filhos e domina o marido, a quem inveja por fazer parte do mundo dos negócios. «A mulher que trabalhou antes do casamento, ou pelo menos preparou-se para algum tipo de trabalho intelectual, vê-se na lamentável situação de «simples dona de casa»... Em sua confusão é capaz de fazer tanto mal ao marido e aos filhos (e a si própria) do que se seguisse uma carreira. Às vezes mais até».

Finalmente, em brilhante contraste, vê-se a dona de casa e mãe, que vive feliz no seu papel «diferente», na sua «feminilidade sem par», na «receptividade e passividade implícitas na sua natureza sexual ». Dedicada à própria beleza e à função de procriar, «tem atitudes verdadeiramente femininas, é admirada pelos homens, pela maravilhosa capacidade, concedida por Deus, de usar saias, com tudo o que isso implica». Regozijando-se com o «reaparecimento da antiga família de três-cinco filhos, num setor extraordinário como são os bairros residenciais das classes média, superior e alta, *Life* declara:

"Aqui, entre mulheres que estariam melhor aparelhadas para a vida profissional, dá-se importância cada vez maior aos valores do lar e da criança. Supõe-se que, sendo essas mulheres melhor informadas e mais amadurecidas que a média, foram as primeiras a compreender as falhas do "feminismo" e a reagir contra elas... A maneira de pensar, de vestir ou decorar tende a descer dessas esferas para as camadas mais amplas da população... É esta contracorrente que pode eventualmente destruir a inclinação dominante e tornar o casamento o que êle deve ser: uma verdadeira sociedade, na qual... homens são homens, mulheres são mulheres e ambos vivem tranquilos, satisfeitos e seguros em seu papel, — e absolutamente encantados por se saberem casados com alguém do sexo oposto".

Look declarou, mais ou menos na mesma época (16 de outubro de 1956):

"A mulher americana está vencendo a batalha dos sexos. Cresce como uma adolescente e confunde os que a criticam... Deixando de ser uma imigrante psicológica no universo masculino, surge sem alarde como a terceira força de trabalho nos Estados Unidos, menos inclinada a uma "grande carreira" do que a adquirir um enxoval e comprar um novo congelador para a família. Cede graciosamente aos homens os lugares mais importantes. Esta criatura maravilhosa casa-se mais cedo que nunca, tem mais filhos, e aparência e maneiras muito mais femininas do que a emancipada jovem da década de vinte, ou mesmo de trinta. Executa os trabalhos domésticos, seja esposa de operário metalúrgico ou universitária das classes abastadas... Hoje, tendo feito uma opção "antiquada" preferindo cuidar de um jardim e uma ninhada de filhos, deve mais que nunca ser louvada".

Para a nova americana, fatos são mais importantes que a ficção. As imagens documentárias de *Life* e *Look* apresentando a mulher dedicada ao lar e às crianças são consideradas o modelo pelo qual devem todas pautar-se. Eis algo importante, que não pode ser desconsiderado com um simples encolher de ombros, como se heroínas de ficção. Quando uma mística é vigorosa extrai dos fatos sua própria ficção, alimenta-se dos que poderiam contradizê-la e alas- tra-se por todos os recantos de uma cultura, confundindo até os sociólogos.

Adiai Stevenson, em discurso inaugural pronunciado no Smith College em 1955 e transcrito no *Woman's Home Companion* (setembro de 1955), desconheceu os anseios da mulher culta por um papel político na «crise hodierna». A participação política da mulher deve ser feita através de seu papel de esposa e mãe, declarou o porta- voz do liberalismo democrático: «A mulher, principalmente a mulher culta, tem uma oportunidade ímpar de nos influenciar, ao homem e ao marido». Seu único problema é não perceber que seu verdadeiro papel na crise política é permanecer como esposa e mãe.

Uma vez imersas nos prementes problemas da vida doméstica, muitas sentem-se frustradas e distanciadas dos grandes acontecimentos e importantes polémicas, para os quais sua educação lhes deu compreensão e gosto. Há poucos anos escreviam poemas, agora fazem a lista da lavanderia. Antes discutiam arte e filosofia até tarde da noite. Agora vivem tão cansadas que adormecem mal acabam de lavar a louça do jantar. Sentem-se às vezes vítimas de uma contradição, de horizontes limitados e oportunidades perdidas. Esperavam representar um papel na crise de hoje, mas só fazem lavar fraldas.

O caso é que em parte alguma do mundo as mulheres jamais viveram uma vida tão satisfatória como a da americana de hoje. Em lugar do casamento e da maternidade a afastar dos grandes problemas, levam-na ao seu próprio centro e a uma responsabilidade mais íntima e profunda que a assumida pela maioria dos que fazem as manchetes e vivem num turbilhão de grandes acontecimentos, acabando totalmente incapazes de distinguir o essencial do acessório".

A tarefa política da mulher é «criar no seu lar um ideal de vida e liberdade... ajudar o marido na busca dos valores que darão finalidade ao seu trabalho especializado... indicar aos filhos a importância de cada ser humano».

"Esta missão pode ser realizada na sala, com uma criança ao colo, ou na cozinha, empunhando um abridor de latas. As espertas talvez consigam até praticar a arte da poupança às custas daquele homem crédulo que assiste televisão. Creio que no humilde papel de dona de casa há muita coisa a fazer em relação à nossa crise. Não lhes desejo vocação melhor que esta".

Assim a lógica da mística feminina deu nova definição à própria natureza do problema da mulher. Quando esta era observada como um ser humano de potencial ilimitado, igual ao homem, qualquer coisa que a impedisse de utilizar toda a sua capacidade era considerada um problema a vencer: obstáculos a uma educação superior e participação na política, discriminação ou preconceitos legais e morais. Mas agora que a mulher é considerada somente em termos de seu papel sexual, as barreiras à realização de sua total potencialidade e os preconceitos que lhe negam completa participação no mundo deixaram de ser problemas. Estes reduzem-se agora ao que poderia perturbar seu ajuste como dona de casa. De modo que uma profissão é um problema, cultura é um problema, interesses políticos e até a própria aceitação de sua inteligência e individualidade são problemas. E finalmente há o «problema sem nome», um desejo indefinido de

«algo mais» do que lavar pratos, passar a ferro, castigar e elogiar crianças. Nas revistas femininas isto se resolve com uma tintura loura de cabelo ou um novo filho. «Lembra-se de quando éramos crianças e sonhávamos ser «alguém»? — diz uma dona de casa no *Ladies' Home Journal* (fevereiro de 1960). Gabando- se de ter usado seis exemplares do livro do Dr. Spock em sete anos, exclama: «Sou uma pessoa de sorte! SINTO-ME TÃO FELIZ POR SER MULHER!»

Num desses contos («Holiday», «Férias», *Mademoiselle,* agosto de 1959), uma jovem mãe desesperada recebe ordens do médico para sair de casa um dia por semana. Resolve então fazer compras, experimentar vestidos, perguntando a si mesma qual deles Sam, seu marido, preferiria.

"Sempre Sam, tal um coro grego no fundo de sua mente. Como se ela não possuísse uma personalidade própria, uma luz inegavelmente sua... De repente, a diferença entre saia pregueada e saia *evasé* deixou de ter importância. Viu-se refletida de corpo inteiro no espelho: alta, ligeiramente mais cheia nos quadris, as linhas do rosto começando a tornar-se menos nítidas. Estava com vinte e nove anos, mas sentia-se uma mulher de meia idade, como se já tivesse vivido muitos e muitos anos e não houvesse perspectivas a sua frente... o que era ridículo, pois Ellen estava com três anos apenas. Tinha todo o seu futuro a planejar. Talvez um novo filho... Isso era algo que não podia ser adiado por muito tempo".

Quando a jovem esposa de «The Man Next to Me» (O Homem ao Meu Lado), *Redbook,* novembro de 1948, descobre que seu requintado jantar não ajudara o marido a conseguir um aumento fica desesperada. («Afinal, procurei ajudar. Deveria servir para alguma coisa... A vida é como um quebra-cabeças com uma peça faltando. Esta peça sou eu e não consigo absolutamente encontrar meu lugar»). Resolve, então, tingir de louro o cabelo e quando o marido reage satisfatoriamente na cama à sua nova aparência «sente- se penetrada de uma sensação de paz, como se todas as perguntas no seu íntimo obtivessem resposta».

Os contos das revistas femininas insistem em que a mulher encontra sua plena realização ao dar à luz. Negam assim todos os anos em que ela não pode mais encontrar satisfação nessa esperança, embora repita infinitamente o ato. Segundo a mística feminina, não há para a mulher outro meio de criar ou sonhar o futuro. Não há outro jeito de se imaginar, exceto como esposa e mãe. E os documentários falam das novas donas de casa que se formaram segundo a mística e nem sequer têm dúvidas íntimas. Diz uma delas em «How America Lives» (Como Vive a América), *Ladies' Home Journal,* junho de 1959: «Se ele não gosta que eu use determinada côr ou tipo de vestido eu também deixo de gostar. Só quero o que êle quer.. . Não acredito em casamentos pela metade». Renunciando sem remorsos à universidade e a um emprego para casar aos dezoito anos, «nunca tentava participar da conversa dos homens. Nunca desobedecia ao marido em coisa alguma.. . Passava muito tempo olhando pela janela a neve, a chuva e o aparecimento das primeiras flores. Um grande passatempo e consolo: bordado — pontos minúsculos em fio de seda ou de metal dourado, que exigem infinita concentração».

Não há problema, na lógica da mística, para a mulher sem desejos pessoais, que se define apenas como esposa e mãe. Se existe, só pode ser dos filhos ou do marido. Este é quem se queixa ao orientador de casais *(Redbook,* junho de 1955):

«Na minha opinião, é preciso duas pessoas para haver um casamento, cada qual vivendo a sua vida e reunindo-as depois. Mary parece achar que devemos viver uma só vida: a minha».

Mary insiste em acompanhá-lo quando êle sai para comprar camisas e meias; é ela quem indica ao vendedor a côr e o tamanho. Quando o marido volta para casa à noite pergunta com quem almoçou, onde e sobre o que conversaram. Se êle protesta, replica: «Mas, querido, só quero participar de sua vida, de tudo o que você faz... Quero que sejamos um só, como diz aquele trecho da cerimónia do casamento». Ao marido não parece razoável que «duas pessoas sejam uma só no sentido entendido por Mary. É ridículo. Isso não me agrada. Não gostaria de sentir-me tão ligado a uma pessoa que só tenha pensamentos ou gestos meus».

A solução do problema, segundo a Dra. Emily Mudd, famosa orientadora conjugal, é fazer com que Mary *sinta* que está participando da vida do marido: êle deve convidá-la, de vez em quando, a almoçar na cidade com a turma do escritório, pedir seu prato favorito e talvez proporcionar-lhe uma atividade física sadia, como a natação, para extravasar seu excesso de energia». O fato de Mary não ter vida pessoal não é problema seu.

O suprassumo da felicidade feminina foi alcançado pela dona de casa do Texas, focalizada em «How America Lives», *Ladies' Home Journal,* outubro de 1960: «Sentada num sofá de cetim verde pálido, olha para a rua através do janelão da sala. Mesmo àquela hora da manhã (mal soaram as nove) está de rouge, baton, pó de **57** arroz e vestido de algodão impecável. E diz, orgulhosa: «Às 8,30 da manhã, quando o mais moço vai para a escola, toda a casa já está arrumada e eu pronta para o resto do dia, livre para jogar bridge, ir a reuniões no clube, ou ficar em casa para ler, ouvir Beethoven, ou simplesmente preguiçar».

«Às vezes lava e prende o cabelo antes de se sentar à mesa de bridge à 1,30. As manhãs em que há jogo em sua casa são mais movimentadas, pois Janice precisa arrumar mesas, cartas, fichas, preparar café e organizar o almoço.. . Nos meses de inverno joga às vezes quatro dias por semana, de 9,30 às 3 da tarde.. . Janice faz questão de estar em casa antes que o filho volte da escola às 4 horas».

Não se sente frustrada, essa dona de casa moderna. Aluna brilhante no ginásio, casou aos dezoito anos, tornou a casar e engravidou aos vinte, e possui a casa que passou sete anos sonhando e planejando cuidadosamente. Orgulha-se de sua eficiência como dona de casa que tem tudo pronto às 8,30 da manhã. Faz os trabalhos mais pesados aos sábados, quando o marido sai para pescar e os filhos comparecem a reuniões de escoteiros. («Não tenho mais nada para fazer. Não há bridge. É um dia longo para mim»).

«Adoro minha casa...» A pintura verde pálido do *living* em forma de L tem cinco anos, mas está perfeita.. . As cortinas de damasco amarelo, pêssego e verde água continuam impecáveis após oito anos de uso. «Às vezes sinto que sou demasiado passiva, demasiado satisfeita», observa Janice, consultando o relógio-bracelete ornado com os brilhantes da família e que ela usa mesmo quando o relógio está no concerto.. . Seu bem predileto é uma cama de colunas trabalhadas, com dossel de tafetá cor de rosa. «Sinto-me como a rainha Elisabeth

quando estou deitada naquela cama», diz, muito satisfeita. (O marido dorme em quarto separado, porque ressona).

«Sou grata pelo que possuo: marido maravilhoso, filhos bonitos, com temperamentos tranquilos, uma grande casa confortável... Sou grata pela minha saúde e fé em Deus e também por bens materiais, como dois carros, dois televisores, duas lareiras».

Observando, inquieta, esta imagem, pergunto a mim mesma se às vezes não será melhor ter alguns problemas do que viver esta sorridente passividade vazia. Se são felizes essas jovens que vivem a mística feminina, teremos chegado ao fim da estrada? Ou são inerentes a esta imagem as sementes de algo pior do que a frustração? Não haverá uma crescente divergência entre este ideal de mulher e a realidade humana?

Consideremos como um sintoma a crescente atenção concedida à beleza nas revistas femininas: donas de casa de pintura nos olhos passando o aspirador no chão — «A Honra de Ser Mulher». Por que esse papel exigirá um embelezamento cada vez mais insistente com o correr dos anos? A própria insistência não indicará uma dúvida?

A imagem da mulher de outras eras exigia um recato cada vez maior, a fim de negar o sexo. Esta nova imagem parece exigir crescente ênfase nos bens materiais: dois carros, dois televisores, duas lareiras. Páginas inteiras de revista apresentam imensos legumes: alfaces, pepinos, pimentões, batatas, descritas como se fossem um caso de amor. A foto é ampliada a ponto de parecer uma gravura de jardim de infância. O novo *McCall's* espera francamente que a mulher seja desprovida de ideias, uma fofa gatinha; e o *Ladies' Home Journal,* competindo febrilmente, convida o cantor Pat Boone para conselheiro de adolescentes; *Redbook* e outras passam a imprimir em tipo mais graúdo. O tamanho dos caracteres tipográficos significará que a nova mulher, lisonjeada por todas as revistas, tem mentalidade de nível primário? Ou estará tentando esconder a trivialidade do conteúdo? Dentro dos limites do que é agora considerado o mundo feminino, um editor talvez não encontre nada mais importante a fazer do que ampliar uma foto de batata ou descrever uma cozinha como se fosse a Sala dos Espelhos; afinal está proibido pela mística de apresentar grandes ideias. Mas será que não ocorre a nenhum dos homens que dirigem as revistas femininas que o problema reside na pequenez da imagem com que estão trincando a mente da mulher?

Todas as publicações de grande tiragem estão hoje em má situação, competindo ferozmente umas com as outras e com a televisão, no afã de atingir um número cada vez maior de compradoras para os artigos que anunciam. Essa doida corrida forçará os homens que criam as imagens a considerar a mulher somente como aquisidora? Será que os leva a competir no esvaziamento da mente feminina? O fato é que seus problemas parecem aumentar na proporção direta da frivolidade das imagens. Nos anos em que a mística estreitou o mundo feminino, reduzindo-o às paredes do lar e conduzindo a mulher de volta à casa,

cinco das revistas de grande circulação deixaram de existir e outras estão às vésperas de fechar.

O crescente aborrecimento da mulher com a imagem vazia e estreita das heroínas de ficção talvez seja o indício mais promissor de seu afastamento da realidade. Mas há sintomas mais violentos entre as mulheres comprometidas com a mística. Em 1960, uma revista especificamente dedicada à feliz recém-casada — ou antes, aos jovens casais (as mulheres não são consideradas separadamente dos maridos e dos filhos) publicou um artigo intitulado «Por que se sentem prisioneiras as jovens mães?» {*Redbook,* setembro de 1960). Como recurso promocional convidaram todas as jovens que tivessem esse problema a escrever minuciosamente sobre o assunto, ganhando 500 dólares. Os editores ficaram escandalizados ao receber 24.000 respostas. A imagem feminina estaria reduzida às dimensões de uma gaiola?

Numa das mais importantes revistas, uma editora, sentindo que a dona de casa americana talvez precisasse desesperadamente de algo que ampliasse seu mundo, tentou durante alguns meses convencer seus colegas do sexo masculino a introduzir na revista algumas ideias fora do âmbito do lar. «Resolvemos contra» — declarou o homem a quem cabia a palavra final. — «As mulheres estão agora de tal modo divorciadas do mundo das ideias que não poderiam aceitá- las». Talvez seja irrelevante indagar: quem as afastou? É possível que esses Frankensteins não tenham mais o poder de deter o monstro feminino que criaram.

Ajudei a criar essa imagem. Observei a mulher americana tentar durante quinze anos submeter-se a ela. E não posso mais calar meu conhecimento das terríveis consequências. Não é uma imagem inócua, e talvez não haja termos psicológicos para descrever o mal que está causando. Que acontecerá quando a mulher tentar viver de acordo com algo que a conduza à negação da mente? Que sucederá quando negar a realidade do mundo em evolução?

Os detalhes materiais da vida, o encargo diário de cozinhar, lavar e atender às necessidades físicas do marido e dos filhos constituíam de fato o mundo feminino de há um século, quando os americanos eram pioneiros e a fronteira desafiava a conquista. Mas a mulher que viajou para o oeste nas caravanas partilhava de um objetivo pioneiro. Agora as fronteiras encontram-se na mente e no espírito. Amor, filhos e lar são excelentes, mas não constituem o mundo inteiro, mesmo que quase tudo o que agora se escreva para a mulher assim o pretenda. Por que deveria ela aceitar uma vida truncada, em lugar de participar plenamente do destino humano? Por que tentaria encontrar «algo mais» nas tarefas domésticas, em lugar de ampliar suas fronteiras, como as pioneiras que viajavam ao lado do marido?

Uma batata cozida, mesmo ampliada, não tem o tamanho do mundo e tirar o pó da sala — com ou sem pintura — não é trabalho que exija reflexão ou energia bastante para desafiar a capacidade total da mulher. Ela é um ser humano, não uma boneca, não um animal empalhado. O homem sabe através dos tempos que foi colocado em plano aparte dos outros animais pela

capacidade de raciocinar, idealizar e criar um futuro de acordo com seu sonho. Partilha com os outros animais da necessidade de alimentar-se e procriar, mas quando ama, ama como homem. Quando descobre, cria e amolda um futuro diferente do passado; é um homem, um ser humano.

Este é o verdadeiro mistério: por que tantas americanas, com capacidade e educação para criar e fazer descobertas, voltaram ao lar em busca de «algo mais» nas tarefas caseiras e na criação dos filhos? Pois, paradoxalmente, nesses mesmos quinze anos em que a decidida Nova Mulher foi substituída pela Feliz Dona de Casa, as fronteiras do mundo ampliaram-se, o ritmo da vida acelerou-se, e a própria natureza da realidade humana libertou-se cada vez mais das necessidades biológicas e materiais. A mística impedirá a americana de crescer com o mundo? Forçará a uma negação da realidade, como uma doente mental a nega para crer que é uma rainha? Condenará a mulher a ser uma pessoa deslocada, senão virtualmente esquizofrênica, em nosso complexo mundo em evolução?

É mais que um estranho paradoxo o fato de que, quando todas as profissões estão finalmente ao alcance da mulher americana, o vocábulo «profissional» se tenha transformado num palavrão; que quando uma educação de nível superior se encontra à disposição de qualquer mulher capacitada, a cultura se tenha tornado tão suspeita que um número cada vez maior de estudantes abandona o ginásio e a universidade para casar e ter filhos; que quando tantos papéis na sociedade moderna lhe estão ao alcance ela se limite com tal insistência a um só papel. Por que, com o desaparecimento das barreiras legais, políticas, económicas e educacionais que antigamente a impediam de estar em plano de igualdade com o mundo, uma pessoa nos seus direitos, um indivíduo livre para desenvolver suas potencialidades, aceitaria esta nova imagem que insiste em afirmar não ser ela uma pessoa e sim uma «mulher», por definição roubada da liberdade de existir como indivíduo e interferir no destino humano?

A mística feminina é tão poderosa que a mulher não mais cresce sabendo possuir os anseios e a capacidade que lhe foram negados. Mas essa mística não penetra uma ação inteira em tão poucos anos, invertendo a corrente de um século, sem uma causa. Que lhe dará força? Por que a mulher voltou ao lar?

III
A crise de identidade da mulher

DESCOBRI ALGO ESTRANHO QUANDO ENTREVISTAVA AS mulheres de minha geração, nos últimos dez anos. Na juventude, várias de nós não conseguíamos imaginar-nos com mais de vinte e um anos. Não tínhamos ideia alguma de nosso futuro de mulher.

Lembro-me de uma tranquila tarde de primavera, no *campus* de Smith, em 1942, quando cheguei a um assustador impasse em relação ao meu futuro. Alguns dias antes recebera notícia de que conseguira uma bolsa de pós-graduação. Enquanto recebia parabéns, sentia, por debaixo de minha excitação, uma estranha incerteza, uma interrogação na qual eu não queria pensar.

«Será isto mesmo o que eu desejo?» A pergunta separava-me, fria e sozinha, das moças que conversavam e estudavam na colina ensolarada, por detrás do colégio. Eu queria ser psicóloga. Mas, se não tinha certeza disso, que é então que eu desejava ser? Tive a impressão de que o futuro se fechava sobre mim e não conseguia visualizar-me dentro dele. Não fazia ideia alguma de mim mesma para além da universidade. Ali chegara aos dezessete anos, moça insegura, vinda de uma cidade do Meio Oeste. Os amplos horizontes do mundo e da vida do espírito abriram-se então para mim. Comecei a compreender quem eu era e o que desejava realizar. Não podia voltar atrás. Não podia voltar para casa, para a vida de minha mãe e das mulheres de nossa cidade, presas ao lar, ao bridge, às compras, às crianças, ao marido, às roupas, às obras de caridade. Mas agora que chegara o momento de concretizar o meu futuro, dar o passo decisivo, de súbito não sabia o que fazer.

Fiz o curso de pós-graduação, mas na primavera seguinte, ao sol estranho da Califórnia e de uma nova universidade, a pergunta tornou a ocorrer-me e não consegui afastá-la da mente. Conquistara outra bolsa de estudo que me prenderia à pesquisa para o doutorado, a carreira de psicóloga profissional. «É isso mesmo que eu quero ser?» A decisão agora aterrorizava-me de fato. Vivi apavorada e indecisa vários dias, incapaz de pensar em outra coisa.

A questão não era importante, disse a mim mesma. Nada era importante para mim naquele ano, exceto o amor. Enquanto passeávamos nas colinas de Berkelley, um rapaz me disse: «Não pode dar certo entre nós. Jamais conseguirei uma bolsa de estudo igual a sua». Julgaria eu estar escolhendo irrevogavelmente a fria solidão daquela tarde se continuasse os estudos? Desisti da bolsa, aliviada. Mas durante muitos anos não consegui ler uma só palavra da ciência que no passado julgara ser o objetivo de minha vida. Era demasiado penosa a lembrança

da perda.

Jamais consegui explicar, eu própria mal compreendi, por que desisti dessa carreira. Vivia no presente, trabalhando em jornais, sem qualquer plano definido. Casei, tive filhos, vivi segundo a mística feminina como dona de casa suburbana. Mas a pergunta continuava a perseguir-me. Não encontrava um objetivo na vida, não encontrava paz, até que finalmente resolvi enfrentá-la e descobrir a resposta.

Conversando com as diplomandas de Smith em 1959 percebi que a pergunta continua a ser hoje aterradora. Só que a resposta que lhe dão agora não é absolutamente uma resposta, segundo descobriu a minha geração, depois de viver metade da existência.

As moças estavam sentadas na sala da universidade, tomando café. A cena não era muito diferente das do meu tempo, exceto pelo fato de que um número maior de jovens usava aliança na mão direita. Perguntei às mais próximas o que pretendiam ser no futuro. As noivas falaram em casamento, apartamentos, arranjar emprego de secretária enquanto o marido terminasse os estudos. As outras, depois de um silêncio hostil, deram respostas vagas, falando de diversos empregos, de cursos de pós-graduação, mas nenhuma tinha planos definidos. Uma loura de «rabo-de-cavalo» perguntou-me, no dia seguinte, se eu acreditava no que me haviam dito. «Ninguém falou a verdade» — disse-me ela. «Não gostam de ser interrogadas sobre seus planos de futuro. Ninguém sabe o que vai fazer. E nem gostam de pensar nisso. As que vão casar logo são as mais felizes. Não precisam pensar no assunto».

Mas reparei naquela noite que várias das noivas, sentadas em silêncio ao redor da lareira, enquanto eu interrogava as outras sobre empregos, pareciam estar também zangadas. «Não gostam da ideia de interromper os estudos» — explicou minha loura informante. «Sabem que não vão ter ocasião de utilizar o que estudaram. Serão esposas e mães. Talvez até continuem a ler e a se interessar 63 pela comunidade, mas não é a mesma coisa. A verdade é que se deixa de estudar. É um desapontamento parar agora, sabendo que é impossível utilizar o que se aprendeu».

Em contraponto ouvi as palavras de uma mulher, quinze anos depois de sair da universidade, esposa de médico, mãe de três filhos, tomando café na cozinha de sua casa, na Nova Inglaterra:

> "A tragédia é que ninguém jamais nos olhou de frente, dizendo: Você precisa resolver o que pretende de sua vida, além de ser esposa e mãe. Nunca pensei no assunto até completar trinta e seis anos. Meu marido estava, por essa época, tão ocupado com sua clientela que nem sempre podíamos conversar à noite. Os três meninos passavam o dia inteiro na escola. Eu continuava insistindo em ter filhos, apesar de problemas com o fator Rh. Depois de dois abortos, os médicos disseram que eu precisava desistir. Julguei que minha evolução pessoal já terminara. Sempre pensei, quando criança, que ao crescer iria para a universidade, depois casaria. Para mim, este era o ponto culminante dos anseios de uma moça. Após, o marido decidiria e preencheria a minha vida. Só depois que, mulher de médico, me senti tão solitária e comecei a gritar com as crianças porque não me deixavam realizada, compreendi que precisava de interesses pessoais. Não decidira ainda qual seria a minha vida. Não acabara de evoluir. Levei dez anos para descobrir".

A mística feminina permite e até incentiva na mulher a ignorância da

questão de sua identidade. Afirma que é possível responder à pergunta «quem sou eu?» Dizendo — «Mulher de Tom... mãe de Maria». Mas não creio que a mística tivesse adquirido tal poder sobre a americana se ela não temesse enfrentar esse aterrador vazio que a impede de imaginar a si mesma depois dos vinte e um anos. A verdade é que — e há quanto tempo isto é exato não sei com certeza, mas era assim na minha geração e continua a ser para as jovens que se estão formando hoje em dia — a americana não possui mais uma ideia íntima que lhe diga quem ela é, ou deseja ser.

A imagem pública das revistas e anúncios de televisão destinase a vender máquinas de lavar, misturas de bolos, desodorantes, detergentes, cremes rejuvenescedores, tinturas de cabelo. Mas a força dessa imagem, pela qual firmas gastam milhões de dólares em tempo de televisão e espaço publicitário, provém do seguinte: a mulher americana ignora quem seja. Está precisando terrivelmente de um novo ideal que a ajude a encontrar sua identidade. Os pesquisadores vivem dizendo aos anunciantes que ela é tão insegura que espera de sua brilhante imagem pública a solução de cada detalhe do cotidiano. Procura uma imagem que não aceitará de sua mãe.

Em minha geração, muitas diziam claramente não desejar ser como suas mães, embora gostassem delas. Era impossível ignorar o desapontamento materno. Compreendíamos, ou apenas pressentía mos, a tristeza, o vazio que as levavam a agarrar-se a nós, tentando viver nossas vidas, dirigir a de nossos pais, passar os dias fazendo compras ou sonhando com coisas que aparentemente nunca as satisfaziam, por mais dispendiosas que fossem. Estranho: muitas mães que amavam de fato as filhas — e a minha era uma dessas — não queriam para elas uma vida igual a sua. Sabiam que precisávamos de algo mais.

Mas, embora insistissem, lutassem para que nos educássemos, falassem com nostalgia da carreira que não estava ao seu alcance, eram incapazes de nos dar uma ideia do que deveríamos ser. Só conseguiam dizer que tinham a vida vazia, presa ao lar; e que filhos, cozinha, roupas, bridge e obras de caridade não bastavam. Alguma talvez dissesse claramente: «Não seja apenas uma dona de casa como eu». Mas a filha, achando que a mãe era demasiado frustrada para apreciar o amor do marido e dos filhos, talvez pensasse: «Vencerei onde minha mãe fracassou. Eu me realizarei como mulher », ignorando a lição que era a própria vida materna.

Entrevistando recentemente garotas de secundário que haviam começado cheias de talento e promessa, mas de repente renunciaram aos estudos, comecei a perceber novas dimensões no problema da conformidade da mulher. Essas jovens, pareceu-me a princípio, estavam simplesmente seguindo a curva típica do ajuste feminino. Anteriormente interessadas em geologia ou poesia, interessavam-se agora somente em ser admiradas. Para agradar aos rapazes era melhor ser igual às outras. Estudando-as com mais atenção descobri que tinham tanto pavor de se tornarem como as próprias mães que não conseguiam imaginar a si mesmas no futuro. Tinham medo de crescer. Precisavam copiar, detalhe a detalhe, a imagem da jovem popular, negando o melhor de si mesmas por medo

à feminilidade segundo sua mãe. Uma delas, com dezessete anos, disse-me:

— Quero tanto ser igual às outras! Não consigo dominar a impressão de ser uma principiante, de estar "por fora". Quando me levanto para atravessar a sala sinto-me como uma novata, ou como alguém que sofre de um defeito terrível. É algo que não consigo dominar. Vou ao ponto onde se reúne a turma depois da aula e fico lá sentada horas seguidas, falando sobre vestidos, penteados, música popular. Não estou interessada em nada disso. É um verdadeiro esforço. Mas descobri que podia fazer com que gostassem de mim imitando o que todas fazem, vestindo como as outras, conversando igual a elas, em vez de me dedicar a algo diferente. Acho até que interiormente comecei a me identificar.

Costumava escrever poesia. O teste de orientação diz que tenho capacidade criadora, que deveria estar nos primeiros lugares da classe e que terei um grande futuro. Mas isso não é o tipo de coisa que torna a pessoa popular.

Agora saio com um rapaz depois do outro, o que é um esforço, porque não sou eu mesma junto deles. Isto faz com que eu me sinta ainda mais solitária. Além do mais, tenho medo de saber para onde me levará tudo isso. Daqui a pouco todas as minhas diferenças estarão anuladas e eu serei o tipo de moça talhada para ser dona de casa.

Não quero pensar em me tornar adulta. Se tivesse filhos gostaria que ficassem sempre pequenos. Vê-los crescer vai me lembrar que estou envelhecendo e isso eu não quero. Minha mãe diz que não consegue dormir à noite, preocupada com o que eu possa estar fazendo. Quando eu era pequena não me deixava atravessar a rua sozinha, mesmo depois que todos os de minha idade já tinham atravessado.

Não posso imaginar-me casada e com filhos. É como se eu não tivesse nenhuma personalidade. Minha mãe parece um rochedo alisado pelas ondas, um vazio. Dedicou-se tanto à família que não sobrou nada para ela e sente rancor porque nós não retribuímos seu carinho à altura. Mas às vezes tenho a impressão de que ela não existe. Minha mãe não tem nenhum objetivo, exceto arrumar a casa. É infeliz e infelicita meu pai. Se ela não gostasse nem um pouco dos filhos seria o mesmo que se gostasse demais. Quando eu era pequena e entrava correndo, toda excitada, para contar que aprendera a ficar de cabeça para baixo, ela nunca me dava atenção.

Ultimamente olho para o espelho temendo estar ficando parecida com ela. Assusto-me quando me surpreendo fazendo os seus gestos, usando suas palavras, ou qualquer coisa assim. Não somos muito parecidas, mas se me identificar num só ponto com ela sei que vou acabar ficando igual. E isso me apavora.

E assim a jovem de dezessete anos, que tinha tanto medo de se parecer com a mãe, voltou as costas a todas as suas riquezas interiores e às oportunidades que a tornariam uma mulher diferente, a fim de copiar a aparência das moças «populares». E finalmente, em pânico por se estar perdendo, voltou as costas à popularidade e desafiou o comportamento convencional que lhe daria uma bolsa universitária. Por falta de um ideal que a ajudasse a se tornar uma mulher autêntica, retrocedeu para o vazio dos *beatniks*.

Uma outra caloura de universidade da Carolina do Sul contou-me:

— Não quero interessar-me por uma carreira à qual terei que renunciar. Minha mãe queria ser jornalista desde os doze anos, e eu a vi frustrada durante vinte anos. Não me quero interessar por assuntos internacionais. Não me quero interessar por nada além da casa e de me tornar uma esposa e mãe maravilhosa. Talvez a cultura seja um perigo. Mesmo os rapazes mais inteligentes só querem saber de moças dóceis e bonitas. Às vezes pergunto a mim mesma como me sentiria crescendo à vontade e aprendendo tudo o que quisesse, em lugar de ter que me encolher.

Sua mãe, como a minha e a de quase todas nós, era dona de casa, embora algumas tivessem iniciado, sonhado ou lamentado renunciar a uma profissão. Tudo o que diziam revelava o vazio de sua vida. Não queríamos ser iguais a elas, mas que outro modelo possuíamos?

Os únicos outros tipos de mulher que conheci durante meus anos de formação eram as solteironas, professoras do ginásio, a bibliotecária, a médica de

nossa cidade, que cortava o cabelo como homem, e algumas das minhas mestras da universidade. Nenhuma delas vivia no ninho quente que eu conhecia em casa. Muitas não se casaram, nem tinham filhos. Temia tornar-me igual a elas, mesmo às que me ensinaram a respeitar minha inteligência e a usá-la, e a sentir que fazia parte do mundo. Jamais conheci uma mulher, nos meus anos de formação, que usasse a mente, representasse um papel no mundo e também amasse e tivesse filhos.

Creio que foi este o âmago do problema feminino na América durante muito tempo — a falta de uma imagem pessoal. A imagem pública, que desafia a razão e tem pouco a ver com a realidade, teve o poder de modelar excessivamente a vida da mulher. Mas essa imagem não possuiria tal força se não existisse uma crise de identidade.

O estranho e aterrador impasse que a americana atinge aos dezoito, vinte e um, vinte e cinco, quarenta e um anos — foi observado durante muito tempo por sociólogos, psicólogos, analistas, educadores, mas creio que não foi compreendido como devia. Foi chamado de «descontinuidade no condicionamento cultural»; de «crise de situação». A culpa foi atribuída à educação, que fez com que as americanas crescessem livres e em plano de igualdade com os rapazes, jogando baseball, andando de bicicleta, dominando a geometria e as cátedras dos colégios, cursando universidades, arranjando empregos, morando sozinhas em apartamentos de Nova York, Chicago, ou São Francisco, descobrindo e testando sua capacidade no mundo. Tudo isto lhes deu a sensação de poder ser a realizar o que bem entendessem, com a mesma liberdade que os rapazes. Não as preparou para o papel de mulher. A crise ocorre quando são obrigadas a se adaptar a esse papel. A alta incidência de conflitos emocionais e esgotamentos nervosos em mulheres de vinte e trinta anos é atribuída a essa crise de situação. Se fossem educadas para o seu papel não a sofreriam, dizem os orientadores.

Mas creio que estão vendo apenas meia verdade.

E se o terror que uma jovem sofre aos vinte e um anos, no momento de decidir sua vida, fôr simplesmente o medo de crescer, crescer como jamais se permitiu antes à mulher? E se o terror que enfrenta nesta idade fôr o medo da liberdade para decidir a própria vida, sem interferência de ninguém, com o direito de seguir caminhos que a mulher jamais trilhou no passado? E se as que escolheram o caminho do «ajuste feminino», fugindo a esse terror, casando aos dezoito anos, perdendo-se entre os filhos e os detalhes domésticos, estiverem simplesmente recusando-se a enfrentar a questão de sua identidade?

Minha geração foi a primeira que caiu direto na nova mística feminina. Antes, embora a maioria acabasse de fato casando e tendo filhos, o objetivo da educação era descobrir a vida da mente, procurar a verdade e encontrar seu lugar no mundo. Havia uma sensação, já começando a esbater-se quando entrei na faculdade, de que seríamos a Nova Mulher. Nosso mundo seria muito mais amplo que o lar. Quarenta por cento de minha turma de Smith planejava seguir uma profissão. Mas lembro-me agora que algumas das mais velhas, sofrendo o

temor do futuro, invejavam as poucas que escapavam casando-se imediatamente.

Mas justamente essas que invejávamos sofreram o mesmo terror aos quarenta. «Nunca descobri quem sou. Tive demasiada vida social na universidade. Gostaria de ter estudado mais ciência, história, política e me aprofundado em filosofia», escreveu alguém no questionário do colégio, quinze anos depois. «Ainda estou procurando a rocha sobre a qual devo construir. Gostaria de ter tido uma vida mais profunda e criativa, em vez de ficar noiva e me casar aos dezenove anos. Tendo colocado o ideal no casamento, que incluía um marido cem por cento dedicado, foi um choque descobrir que as coisas não se passam exatamente assim», escreveu uma mãe de seis filhos.

Muitas das que casam cedo na nova geração sofreram também esse terror. Julgavam ser desnecessário fazer uma opção, planejar o futuro, organizar a vida. Bastava esperar passivamente ser escolhida. Depois o marido, os filhos e a nova casa decidiram o resto. Deslizaram facilmente para a sua função sexual antes de saber quem eram como pessoa humana. Estas são as que mais sofreram do problema sem nome.

Minha tese diz que o âmago do problema feminino não é de ordem sexual, e sim de identidade — uma atrofia ou evasão do crescimento, perpetuada pela mística. É minha tese que assim como a cultura vitoriana não permitia à mulher aceitar ou gratificar suas necessidades sexuais básicas, a nossa cultura não lhe permite aceitar ou gratificar a necessidade básica de crescer e alcançar sua plenitude como ser humano, necessidade que não se define unicamente pela função sexual.

Os biólogos descobriram recentemente um «soro da juventude» que, injetado na lagarta em estado de larva, a impedirá de se transformar em mariposa. As perspectivas de realização feminina oferecidas pelas revistas, pela televisão, o cinema e os livros que divulgam meias verdades psicológicas, e pelos pais, professores e conselheiros que aceitam a mística, agem como uma espécie de soro da juventude, conservando a maioria das mulheres em estado de larva sexual, impedindo-as de atingir sua plena maturidade. E há provas cada vez mais numerosas de que o fracasso da mulher em descobrir sua identidade prejudicou, em lugar de enriquecer, sua realização sexual, condenando-a virtualmente ao papel de castradora do marido e dos filhos, causando neuroses ou problemas ainda não definidos como tais, e semelhantes aos provocados pelo recalque sexual.

O homem tem conhecido crises de identidade em todos os momentos cruciais da história, embora os que as sofreram não lhes tenham dado esse nome. Só recentemente os psicólogos, sociólogos e teólogos isolaram o problema e lhe deram um nome. Mas este problema é considerado apenas masculino. É definido como crise de crescimento, escolha de identidade, ou decisão do futuro, nas palavras do brilhante analista Erik H. Erikson:

"Batizei a crise principal da adolescência de 'crise de identidadÉ. Ocorre no período em que o jovem deve forjar uma perspectiva e diretivas pessoais, e uma unidade dinâmica, com os remanescentes efetivos de sua infância e as antecipações da vida adulta; precisa descobrir então

uma analogia significativa entre o que encontra em si mesmo e o que sua personalidade aguçada lhe diz que os outros dele esperam... Em certas pessoas, classes e épocas será claramente marcada por um período crítico, uma espécie de 'segundo nascimento', passível de ser agravado por neuroticismos difusos, ou por inquietação ideológica generalizada". {7}

Neste sentido, a crise de identidade do homem pode refletir-se, provocar um renascimento, ou um novo estágio no desenvolvimento da humanidade. «Em alguns períodos da história e em algumas fases de sua vida, o homem necessita de uma nova orientação ideológica, tão certo como precisa de ar e alimento» — diz Erickson, lançando uma nova luz sobre a crise do jovem Martinho Lutero, que deixou um mosteiro católico nos fins da Idade Média para criar uma nova identidade para si mesmo e para o homem ocidental.

A busca de identidade não é nova, porém, no pensamento americano, embora em todas as gerações o homem que sobre ela escreve pareça redescobri-la. Na América, desde seus primórdios, ficou entendido, de certo modo, que os homens devem atirar-se para o futuro. Assim o ritmo de vida foi sempre demasiado rápido para que essa identidade se fixasse. Em cada geração muitos sofreram miséria e incerteza por não poderem aceitar a imagem que haviam recebido de seus pais. A busca de identidade do rapaz que sente não poder voltar ao lar foi sempre itm tema importante entre os escritores americanos. E era considerado salutar sofrer essas dores de crescimento, procurar e descobrir a própria personalidade. O lavrador que vai para a cidade, o filho do alfaiate que se torna médico — Abraham Lincoln aprendeu a ler sozinho — constituem histórias mais significativas do que a simples passagem da miséria para a riqueza. Faziam parte integrante do sonho americano. O problema para muitos era dinheiro, raça, côr ou classe, que os impedia de escolher; não a ausência de objetivo, caso fossem livres para optar.

Mesmo hoje em dia o rapaz aprende bem cedo que precisa decidir seu futuro. Se não resolve no ginásio ou na universidade terá que enfrentar o problema de qualquer maneira, aos vinte e cinco ou aos trinta, senão estará perdido. Mas esta busca de identidade é considerada mais grave agora porque um número crescente de rapazes não consegue encontrar modelos na nossa cultura — os pais ou outros homens — que os ajudem nessa busca. As velhas fronteiras foram conquistadas, e os limites das novas não estão claramente definidos. Um número cada vez maior de americanos sofre hoje dessa crise por falta de um ideal digno de ser contemplado, por ausência de um objetivo que preencha verdadeiramente sua capacidade humana.

Mas por que não reconhecem os teóricos esta mesma crise de identidade na mulher? Em antigos termos convencionais e também nos da nova mística feminina ninguém espera que ela evolua a ponto de descobrir quem é e escolher sua identidade humana. A anatomia é o destino da mulher, dizem os teóricos da feminilidade. A personalidade feminina é determinada por sua condição biológica.

Mas será mesmo? Um número crescente de mulheres vem fazendo a si própria essa pergunta. Como que despertando de um coma indagam: «Onde estou?... Que faço aqui?» Pela primeira vez na história observam em sua vida

uma crise de identidade, crise que começou há muitas gerações, piorou com o passar dos anos e não terminará até que elas, ou suas filhas, tomem uma direção desconhecida e descubram a sua nova imagem, de que tantas agora necessitam desesperadamente.

Num sentido que vai muito além do individual, creio que se trata da crise de crescimento da mulher, do afastamento da imaturidade, batizada de feminilidade, em direção à plenitude humana. Creio que a mulher precisava sofrer esta crise iniciada há cem anos e precisa sofrê-la ainda hoje para se tornar um ser humano completo.

IV
A vibrante jornada

FOI A BUSCA DE UMA NOVA IDENTIDADE QUE LANÇOU a mulher, há um século, nessa impetuosa, criticada e mal interpretada viagem para fora do lar.

Tornou-se moda nos últimos anos rir do feminismo, considerando-o uma das piadas da história, e caçoar daquelas mulheres ridículas que lutavam pelos direitos de seu sexo a uma educação superior, ao voto e à vida profissional. Eram vítimas neuróticas da inveja do pênis, querendo ser iguais ao homem, é o que agora se diz. Na luta pelo direito de participar de tarefas importantes e tomar decisões na sociedade ao mesmo nível que seu companheiro, elas negavam a própria natureza feminina, que só encontra a sua realização através da passividade sexual, da aceitação do domínio masculino e da maternidade.

Mas, se não estou enganada, é esta primeira jornada que contém a pista de muita coisa que vem acontecendo à mulher desde então. É uma estranha cegueira da psicologia contemporânea não reconhecer a realidade do entusiasmo que levava aquelas mulheres a deixarem o lar, em busca de uma nova identidade, ou, caso permanecessem, ansiarem amargamente por algo mais. Seu gesto foi um ato de rebeldia, uma violenta negação da mulher como era então definida. Foi a necessidade de uma nova personalidade que conduziu as feministas a abrir trilhas inéditas para a mulher. Alguns desses caminhos eram excessivamente árduos, outros não tinham saída e outros ainda talvez tenham sido falsos, mas era autêntica a necessidade da busca.

O problema de identidade era então novo para a mulher. As feministas foram pioneiras na própria vanguarda da evolução feminina. Precisam provar que a mulher era humana. Precisavam despedaçar, com violência se necessário, a estatueta de porcelana que representava a mulher ideal do século passado. Precisavam provar que ela não era um espelho vazio, passivo, uma decoração inútil, um animal sem inteligência, um objeto a ser usado, incapaz de interferir no próprio destino, antes de começarem a combater pelo direito de igualdade com o homem.

Mulher imutável, infantil, seu lugar é em casa, diziam-lhe. Mas o homem estava evoluindo; seu lugar era o mundo e este mundo se ampliava. A mulher estava ficando para trás. A anatomia era o seu destino; podia morrer de parto, ou viver até os trinta e cinco, depois de doze filhos, mas era o homem que controlava seu destino com uma parcela da anatomia que nenhum outro animal possui: a mente.

As mulheres também tinham inteligência, e sentiam a necessidade humana

de evoluir, mas o trabalho que gerava a vida e a fazia progredir não era mais realizado em casa e não se ensinou a mulher a trabalhar no mundo. Confinada entre quatro paredes, uma criança entre outras crianças, passiva, incapaz de controlar qualquer setor de sua existência, a mulher só tinha uma função: agradar ao homem. Era totalmente dependente de sua proteção num universo que não ajudara a criar. Era incapaz, portanto, de formular a simples interrogação humana: «Quem sou eu? Que desejo?»

Mesmo que o homem a amasse como a uma criança, uma boneca, um objeto, que lhe desse rubis, cetins, veludos, que a agasalhasse em sua casa e a protegesse como aos filhos, não ansiaria a mulher por algo mais? Era naquela época de tal modo considerada um objeto, jamais uma pessoa, que nem sequer se esperava que encontrasse prazer no ato sexual. «Êle a possuiu..., êle a gozou», dizia- se. Será difícil compreender que a emancipação, o direito a ser totalmente humana fosse tão importante para várias gerações de mulheres que algumas chegassem a lutar com os próprios punhos, fossem encarceradas, ou até morressem pela causa? E que pelo direito de evoluir humanamente algumas tenham renegado seu sexo e o desejo de amar, ser amada e ter filhos?

Por estranha perversão da história, acredita-se que o entusiasmo e o ímpeto do movimento feminista nasceram do ódio ao homem, nutrido por solteironas amargas, esfomeadas de sexo, castradoras, assexuadas, que se consumiam em inveja tão profunda do órgão masculino que desejavam arrebatá-lo, destruí-lo, exigindo direitos apenas porque não tinham capacidade de amar como mulher. Mary Wollstonecraft, Angelina Grimké, Ernestine Rose, Margaret Fuller, Elizabeth Cady Stanton, Júlia Ward Howe, Margaret Sanger, todas amaram, foram amadas, casaram: várias parecem ter sido tão apaixonadas em suas relações com o amante ou o marido — numa época em que tanto a paixão como a inteligência eram negadas ao seu sexo — como o foram na luta pelo direito de atingir sua estatura humana total. Mas se algumas, como Susan Anthony, a quem o destino ou a amarga experiência afastaram do casamento, lutaram pelo direito de se relizar, não em relação ao homem, mas como indivíduo, essa luta nasceu de uma necessidade tão real e exigente como a do amor. («A mulher precisa não de agir ou dominar como mulher», disse Margaret Fuller, «e sim de uma natureza para evoluir, um intelecto para discernir, uma alma para viver livremente, e a possibilidade de desenvolver sua potencialidade»).

As feministas só possuíam uma imagem, uma visão de ser humano total e livre: o homem. Pois até recentemente apenas êle (mas não todos) tinha a liberdade e a educação necessárias para realizar sua potencialidade, abrir caminhos, criar, descobrir e planejar novas trilhas para as gerações futuras. Somente o homem tinha o direito de voto, a liberdade para traçar as grandes decisões da sociedade. Somente o homem era livre para amar, regozijar-se no amor e decidir sozinho, aos olhos de Deus, o que era certo ou errado. Desejaria a mulher essa liberdade por querer ser homem? Ou por ser também humana?

O verdadeiro sentido do feminismo foi simbolicamente representado por Henrik Ibsen em 1879, quando em «Casa de Bonecas» disse que a mulher era

simplesmente um ser humano, ferindo uma nota inédita na literatura. Milhares de mulheres da classe média europeia e americana, da época vitoriana, imaginaram-se no papel de Nora. E em 1960, quase um século depois, milhões de donas de casa americanas, assistindo a peça na televisão, identificaram-se com a heroína quando ela diz:

"Você foi sempre tão bom para mim. Mas nosso lar não passa de uma sala de brinquedos. Sou sua espôsa-boneca, assim como em casa fui o brinquedo de papai e aqui as crianças são meus brinquedos. Eu me divertia quando você brincava comigo, assim como elas se divertem quando brincamos juntos. Isto tem sido o nosso casamento, Torvald... Serei capaz de educar as crianças?... Há uma outra tarefa que preciso realizar antes. Preciso educar-me — e você não é o homem capaz de ajudar-me. Tenho que fazê-lo sozinha. E é por isso que vou partir agora... Preciso estar inteiramente só para compreender a mim mesmo e ao que me rodeia. É por esta razão que não posso permanecer ao seu lado..."

O marido, escandalizado, lembra a Nora que «o mais sagrado dever da mulher» é cuidar do marido e dos filhos. «Antes de mais nada você é esposa e mãe» — diz êle. Ao que Nora responde:

"Creio que antes de mais nada sou um ser humano dotado de raciocínio, assim como você — ou pelo menos preciso tornar-me. Sei muito bem, Torvald, que a maioria das pessoas julgará que você tem razão e essa maneira de pensar se encontra nos livros, mas não posso contentar-me com o que a maioria diz, ou com o que dizem os livros. Preciso raciocinar sozinha, procurar compreender..."

Nos dias de hoje é um cliché dizer que a mulher passou meio século combatendo por «direitos» e outro meio perguntando a si mesma se os desejava, afinal. «Direitos» é vocábulo sem vibração para quem se criou depois de sua conquista. Mas, como Nora, as feministas precisavam lutar por eles antes de viver e amar como seres humanos. Não muitas naquele tempo, ou mesmo agora, ousaram deixar a única segurança que conheciam, voltar as costas ao lar e ao marido para iniciar a busca de Nora. Muitas, então e agora, contudo, acharam sua existência de donas de casa tão vazia que se tornaram incapazes de apreciar o amor do marido e dos filhos.

Algumas — e até uns poucos homens, cônscios de que grande parte da humanidade não possuía o direito de ser totalmente humana — decidiram modificar as condições que mantinham escravizada a mulher. Essas condições, na forma de queixas contra o homem, foram enumeradas na primeira Convenção em Prol dos Direitos da Mulher, realizada em Séneca Falis, Nova York 1848:

"Êle a obrigou a submeter-se a leis em cuja elaboração ela não participou... Forçou-a, ao casar, a morrer civilmente aos olhos da lei. Tiroulhe todo direito à propriedade e até ao próprio salário... No contrato de casamento ela é obrigada a prometer obediência ao marido, tornando-se êle, para todas as finalidades e propósitos, seu mestre, e recebendo por lei o direito de privá-la da liberdade e ministrar-lhe castigos... Êle decide contra ela em todos os campos da riqueza e das honrarias, que considera mais apropriados a si mesmo. Ela é desconhecida como mestre de teologia, medicina ou direito. Êle negou-lhe a possibilidade de uma educação completa, uma vez que as universidades lhes fecham as portas... Criou uma falsa opinião pública com um código de moral diferente para o homem e a mulher, segundo o qual faltas que a excluem da sociedade são não só toleradas, como consideradas de pouca importância para êle. Usurpou a prerrogativa do próprio Jeová declarando direito seu determinar-lhe uma esfera de ação, quando isso pertence somente à sua consciência e a Deus. Esforçou- se de todas as maneiras por destruir sua autoconfiança e respeito próprio, levando-o a viver uma existência dependente e abjeta".

Estas foram as condições que as feministas decidiram abolir há um século e que fizeram da mulher o que ela é: «feminina», segundo a definição de então e de agora.

Não pode ser simples coincidência o fato de que a luta pela emancipação da mulher tenha começado na América logo após a Revolução, fortalecendo-se com o movimento em prol da libertação dos escravos.{8} Thomas Paine, o porta-voz da Revolução, foi um dos primeiros a condenar, em 1775, a situação da mulher, «mesmo nos países onde ela é considerada mais feliz», tolhida em seus anseios, na disposição de seus bens, por lei sem liberdade ou vontade própria, escrava da opinião pública...» Durante a Revolução, cerca de dez anos antes que Mary Wollstonecraft encabeçasse o movimento feminista na Inglaterra, uma americana, Judith Sargent Murray, afirmou que a mulher precisava educar-se para traçar novos objetivos e evoluir para alcançá-los. Em 1837, ano em que Mount Holyoke abriu suas portas às mulheres, dando-lhes a primeira oportunidade para instruir-se ao nível dos homens, as americanas organizavam também a primeira convenção nacional contra a escravatura, em Nova York. As que lançaram formalmente o movimento em prol dos direitos da mulher em Séneca Falis conheceram-se quando lhes foi recusada admissão numa convenção contra a escravatura, em Londres. Isoladas por detrás de uma cortina da galeria, Elizabeth Stanton, em lua-de-mel, e Lucrécia Mott, tranquila mãe de cinco filhos, descobriram que nem só os escravos precisavam ser libertados.

Sempre que houve uma explicação de liberdade humana em qualquer parte do mundo, a mulher soube conquistar para si uma parte. Não foi sexo que lutou na Revolução Francesa, libertou os escravos da América, derrubou o czar da Rússia, expulsou os ingleses da índia. Quando a ideia de liberdade agita a mente do homem inflama também a da mulher. As cadências da Declaração de Séneca Falis brotaram direto da Declaração de Independência:

> "Quando, no curso da História, tornou-se necessário a uma parte da família humana assumir entre os povos da terra uma posição diferente da que havia até então ocupado... consideramos evidente esta verdade: que todos, homens e mulheres, foram criados em condição de igualdade".

Feminismo não foi um mau gracejo. A revolução feminista precisava ser empreendida porque a mulher ficou simplesmente detida num estágio de evolução muito aquém de sua capacidade humana. «A função doméstica da mulher não esgota as suas potencialidades», pregava o Rev. Theodore Parker em Boston, em 1853. «Obrigar metade da raça humana a esgotar suas energias unicamente nas funções de governanta, esposa e mãe é um monstruoso desperdício do mais precioso material criado por Deus». Correndo como um fio brilhante, e às vezes perigoso, pela história do movimento feminista emergia também a ideia de que a igualdade entre os sexos era necessária a fim de libertar tanto o homem como a mulher para a verdadeira realização sexual.{9} Pois a

degradação feminina refletiase no casamento, no amor e em todas as relações entre homem e mulher. «Após a revolução sexual», declarou Robert Dale Owen, o monopólio do sexo perecerá junto com outros injustos monopólios; e a mulher não estará limitada a uma virtude, uma paixão, uma ocupação».3

Todos os que iniciaram a revolução previram «muito ridículo, muito erro de concepção e de interpretação». E foi o que aconteceu. As primeiras a falar em público pelos direitos da mulher na América — Fanny Wright, filha de nobre escocês, e Ernestine Rose, filha de um rabino — foram chamadas de «ruiva meretriz da infidelidade », e «mulher mil vezes mais baixa que uma prostituta». A declaração de Séneca Falis provocou tais protestos — como «Revolução », «Insurreição das Mulheres», «O Reino das Saias», «Blasfémia » — de jornais e ministros religiosos, que as timoratas retiraram sua adesão. Lúbricas narrativas de «amor livre e adultério legalizado » competiam com fantasias de sessões no tribunal, sermões nas igrejas e operações cirúrgicas interrompidas apressadamente para que uma senhora advogada, ministra ou médica presenteasse o marido com um filho.

A cada passo as feministas precisavam lutar contra a concepção de que estavam violando a natureza que lhes fora doada por Deus. Pastores interrompiam convenções pelos direitos da mulher agitando Bíblias e citando as Escrituras: «São Paulo disse... a cabeça da mulher é o marido».. . «Que a mulher fique em silêncio no templo, pois não lhe é permitido falar»... «E se nada aprender, que pergunte ao marido em casa, pois é uma vergonha a mulher falar no templo».. . «Não se permita à mulher ensinar, nem usurpar a autoridade do homem, mas fique em silêncio, pois Adão foi criado primeiro e depois Eva»... «São Pedro disse: esposas, sede sujeitas a vossos maridos»...

Conceder à mulher iguais direitos seria destruir aquela «natureza mais gentil, que não só as faz repelir, como as desqualifica para o tumulto e a luta da vida pública», declarou piedosamente um senador de Nova Jersey, em 1866. «Elas têm uma missão mais elevada e mais santa: forjar o caráter do homem futuro, no retiro do lar. Sua missão é permanecer em casa, acalmando com seu amor as paixões do homem que regressa da luta pela vida, e não participar do competição, lançando óleo às chamas».

«Aparentemente não se satisfazem em serem assexuadas, mas desejam também assexuar todas as mulheres do país», declarou um congressista de Nova York que se opôs a uma das primeiras petições pelo direito da mulher casada à propriedade e aquisição de bens. Já que «Deus fêz do homem o representante da raça», depois «tirou de seu flanco o material para criar a mulher», e colocou-a ao seu lado no matrimonio como «uma só carne, um só ser», a assembleia tranquilamente negou a petição. «Um poder mais alto do que as leis promulgou o mandamento segundo o qual homem e mulher não são iguais».{10}

O mito de que as feministas eram «monstros antinaturais» baseava- se na crença de que destruir a submissão da mulher, ordenada por Deus, seria destruir o lar e escravizar os homens. Tais mitos surgem em todas as revoluções que fazem progredir uma parcela da família humana no sentido da igualdade. Sejam

as feministas representadas como seres desumanos, furiosas devoradoras de homens, ofensoras de Deus, ou nos termos modernos como pervertidas sexuais, não diferem nisso do estereótipo do membro de sindicato anarquista, ou do negro encarado como animal primitivo. O que a terminologia sexual oculta é o fato de que o movimento feminista era uma revolução. Havia excessos, naturalmente, como em qualquer situação semelhante, mas os das feministas eram por si mesmos uma prova da necessidade da revolução. Brotavam, ao mesmo tempo que eram um apaixonado repúdio, das degradantes realidades da vida feminina, da subserviência impotente, oculta sob o gentil decoro, que tornava a mulher objeto de mal disfarçado desprezo dos homens, a tal ponto que ela própria passava a menosprezar-se. Evidentemente esses sentimentos eram mais difíceis de vencer do que as condições que os causavam.

É claro que a mulher invejava o homem. Algumas das primeiras feministas cortavam bem curtos os cabelos e usavam calças largas, tentando parecer com os homens. Baseadas na vida de sua mãe e na sua própria experiência, essas mulheres apaixonadas tinham boas razões para rejeitar a imagem convencional feminina. Algumas chegaram a repudiar o casamento e a maternidade. Mas, ao voltarem as costas à antiga imagem, ao lutarem pela libertação do seu sexo, algumas constituíram-se de fato num tipo diferente de mulher: tornaram-se seres humanos completos.

O nome de Lucy Stone evoca hoje uma fúria devoradora de homens, mulher usando calças e brandindo um guarda-chuva. O homem que a amava levou muito tempo a persuadi-la a casar-se. E embora Lucy gostasse dele e conservasse o seu amor durante toda a vida, jamais aceitou-lhe o nome. Ao nascer, sua mãe exclamara: «Oh, meu Deus! Que pena, é uma menina! A vida de uma mulher é tão difícil!» Algumas horas antes de o bebe nascer esta mãe, fazendeira do Massachusetts, em 1818, ordenhara oito vacas porque uma súbita tempestade levara todo o pessoal para o campo: era mais importante salvar a colheita de trigo do que atender a uma mulher a ponto de dar à luz. Embora esta mãe meiga e cansada executasse o infindável trabalho de uma fazendeira e tivesse nove filhos, Lucy criou-se sabendo que «só havia uma vontade em nossa casa: a de meu pai».

Revoltou-se por ter nascido mulher, já que isso, segundo a Bíblia e sua mãe, significava algo tão humilhante. Revoltou-se quando ergueu seguidamente a mão em reuniões paroquiais e seu voto nunca era contado. Num círculo de costura, onde fazia uma camisa para um rapaz que pretendia ingressar no seminário, ouviu Mary Lyon falar em educação para a mulher. Deixou a camisa por terminar e aos dezesseis anos começou a ensinar na escola, a um dólar por semana, economizando durante nove anos a fim de conseguir o bastante para ingressar na universidade. Queria aprender «a lutar não só pelos escravos, como por toda a humanidade sofredora, e especialmente pela exaltação de seu próprio sexo». Mas em Oberlin, onde foi uma das primeiras mulheres a se diplomar no «curso regular», teve que praticar secretamente, no bosque, os seus discursos. Mesmo ali

as moças eram proibidas de falar em público.

"Lavando a roupa dos homens, arrumando seus quartos, servindo-os à mesa, ouvindo-os falar enquanto permaneciam em respeitoso silêncio nas reuniões públicas, as estudantes de Oberlin preparavam-se para uma maternidade inteligente e uma vida de esposa corretamente submissa".{11}

Lucy Stone era pequenina, tinha voz suave e cristalina, capaz de acalmar uma multidão enfurecida. Discursava sobre a abolição aos sábados e domingos, como agente da Sociedade Anti-Escravagista, e pelos direitos da mulher no resto da semana, por conta própria — enfrentando e dominando homens que a ameaçavam com 5 Flexner, op. cit., p. 30. 78 cacetes, que lançavam contra ela ovos e livros de oração e, certa vez, em pleno inverno, até a água gelada de uma mangueira, através da janela.

Em certa cidade circulou o boato de que uma mulher alta, masculinizada, usando botas, fumando charuto e praguejando como um soldado, chegara para fazer conferências. As senhoras que acorreram para ouvir essa aberração manifestaram sua surpresa ao ver Lucy Stone, pequenina e delicada, vestida de preto, com uma gola de renda branca, «o protótipo da graça feminina, fresca como o ar da manhã».{12}

Sua voz de tal modo irritou as forças pró-escravagistas que o *Boston Post* publicou um poema grosseiro, prometendo que «as trombetas da fama soarão pelo homem que, com um beijo conjugal, fechar a boca de Lucy Stone». Esta considerava que «o casamento é para a mulher um estado de escravidão». Mesmo depois que Henry Blackwell a perseguiu de Cincinatti a Massachusetts («Ela nasceu locomotiva», queixava-se ele) e jurou «repudiar a supremacia tanto do homem como da mulher no casamento», e escreveu-lhe: «Eu a conheci em Niágara, sentei aos seus pés junto ao abismo, olhando para as águas escuras, com um anseio apaixonado e insatisfeito no coração, anseio que você jamais conhecerá ou compreenderá», e fêz um discurso público a favor dos direitos da mulher, mesmo depois que Lucy confessou amá-lo e escreveu «Você não me poderá dizer nada que eu já saiba sobre o vazio do celibato», ainda assim ela sofreu terríveis enxaquecas antes de tomar a decisão de se casar.

Depois da cerimonia, o ministro Thomas Higginson declarou que «a heroína Lucy chorou como qualquer camponesa», acrescentando: «Nunca celebro a cerimonia do casamento sem um renovado senso da iniquidade de um sistema segundo o qual marido e mulher são um só, e esse um é o marido». E mandou para os jornais, para que outros casais o copiassem, o pacto que Lucy Stone e Henry Blackwell escreveram em conjunto, antes de trocarem as promessas conjugais:

"Depois de reconhecer nossa mútua afeição assumindo publicamente a relação de marido e mulher... consideramos um dever declarar que este ato não implica, de nossa parte, em nenhuma sanção ou promessa de obediência voluntária às atuais leis do casamento, que não reconhecem a esposa como um ser independente e racional e conferem ao marido uma superioridade injuriosa e contra a natureza".{13}

Lucy Stone e sua amiga Antoinette Brown (que mais tarde casou com um irmão de Henry), Margaret Fuller, Angelina Grimké, Abbey, Kelley Foster — todas rebelaram-se contra uma união prematura, e na verdade só se casaram depois que na luta contra a escravidão e em prol dos direitos da mulher começaram a descobrir uma personalidade feminina desconhecida das gerações anteriores. Algumas, como Susan Anthony e Elizabeth Blackwell, nunca se casaram. Lucy conservou o nome de solteira, num temor mais que simbólico de que tornando-se esposa morreria como pessoa humana. O conceito conhecido como «femme couverte» (mulher coberta) inscrito na lei cancelava o «próprio ser ou a existência legal da mulher pelo casamento. Para a casada o novo ser é seu companheiro, superior e mestre».

Se é exato que as feministas eram «decepcionadas como mulheres », conforme diziam então seus inimigos, é porque quase todas, vivendo em tais condições, tinham razões para estar desapontadas. Num dos mais comoventes discursos de sua vida, Lucy Stone disse, em 1855:

> "Desde que me lembro de mim mesma fui uma mulher decepcionada. Quando, com meus irmãos, procurei as fontes do saber fui censurada com as palavras: "Isto não é para você, não é próprio das mulheres"... Na educação, no casamento, na religião, em tudo, a decepção é o nosso destino. Será a missão de minha vida aprofundar esse desapontamento no coração de todas, até que decidam não mais se curvar a êle".{14}

Durante sua vida Lucy Stone viu radicalmente modificadas em relação às mulheres as leis de quase todos os estados, viu ginásios abrindo-lhes as portas, assim como dois terços das universidades americanas. Depois de sua morte, em 1893, o marido e a filha, Alice Stone Blackwell, dedicaram-se exclusivamente à inacabada luta pelo direito de voto. Em fins de sua apaixonada carreira, Lucy pôde dizer que se alegrava por ser mulher. Escrevendo à filha na véspera de seu septuagésimo aniversário, disse:

> "Espero que minha mãe possa ver-me agora e saiba que me sinto satisfeita por ter nascido mulher e num tempo em que havia tanto a fazer. Querida mãe! Teve uma vida difícil e lamentou que eu fosse mais uma menina para sofrer a dura existência de mulher... Mas sinto-me plenamente feliz por ter nascido".{15}

Em certos homens e em certas épocas a paixão pela liberdade foi tão forte ou até mais forte do que a conhecida paixão do amor sexual. Parece ser fato que isso aconteceu a muitas das mulheres que lutaram pelo liberdade de seu sexo, não importa como se explique a força dessa outra paixão. Apesar das censuras e zombarias de pais e maridos, da hostilidade ou até de insultos por seu comportamento «antifeminino», as feministas prosseguiram em sua cruzada. Elas próprias viviam torturadas a cada passo por dúvidas íntimas. «Não é próprio de uma senhora viajar por toda a Inglaterra com uma bolsa de veludo verde, recolhendo dinheiro para abrir um colégio para mulheres», escreviam amigas a Mary Lyon. «Que faço eu de errado?», indagava ela. «Viajo de trem desacompanhada... Sinto-me deprimida e magoada com esse gracioso vazio, essa frívola atitude bem educada. Estou realizando um importante trabalho, não

posso interrompê-lo».

A encantadora Angelina Grimké teve a impressão de que ia desmaiar ao aceitar um convite, feito por gracejo, para falar diante da legislatura de Massachusetts sobre as petições anti-escravagistas, a primeira mulher a discursar para um corpo legislativo. Uma carta pastoral denunciava seu comportamento como indigno de uma mulher:

"Chamamos atenção para os perigos que no momento parecem ameaçar o caráter feminino com danos amplos e permanentes... A força da mulher é a sua dependência, oriunda da consciência daquela fraqueza que Deus lhe deu para sua proteção... Mas quando assume o lugar e a voz do homem como reformadora pública... seu caráter torna-se antinatural. Se a videira, cuja força e beleza residem no apoiar-se às latadas, ocultando-as em parte, resolve ser independente e sobrepujar a natureza do olmo, não só deixará de dar frutos como cairá de vergonha e desonra, no pó".{16}

Não foi só a inquietação e a frustração que levaram a mulher a recusar-se ao silêncio e conduziu donas de casa da Nova Inglaterra a caminhar duas, quatro ou seis milhas, em noites de inverno, só para ouvi-la.

A identificação da americana com a luta anti-escravagista pode ser ou não resultado do fermento inconsciente de sua própria rebeldia. Mas é fato inegável que ao se organizar, lutar e suplicar pela libertação dos escravos, a americana aprendeu a libertar-se a si mesma. No Sul, onde a escravatura mantinha as mulheres em casa, impedindo-as de educar-se, fazer pioneirismo ou participar das lutas sociais, a antiga imagem permanece intacta e houve poucas feministas. No Norte, as que participaram da Estrada de Ferro Subterrânea, ou trabalharam de outras maneiras para libertar os escravos, nunca voltaram a ser as mesmas. O feminismo viajou com os trens para oeste, onde a fronteira deu à mulher direitos quase iguais desde o princípio. (Wyoming foi o primeiro Estado a conceder-lhes o direito de voto). Individualmente, as feministas parecem não ter tido mais razões que outras mulheres de seu tempo para invejar ou odiar o homem. Mas o que tiveram foi respeito próprio, coragem, 10 Flexner, op. cit., p. 46. Mística Feminina — 6 **81** força. Amassem ou odiassem o homem, fugissem ou sofressem humilhações, identificaram-se com todas as do seu sexo. As que aceitavam as condições degradantes sentiam desprezo por si mesmas. As feministas, que combateram essas condições, libertaram-se desse desprezo, tendo assim menos razões para invejar os homens.

A chamada para a primeira Convenção em Prol dos Direitos da Mulher soou porque uma senhora culta, que já participara como abolicionista de uma luta social, viu-se frente a frente com as realidades do tédio e do isolamento, como dona de casa de cidade pequena. Tal a mulher diplomada, com seis filhos, morando hoje num subúrbio, Elizabeth Cady Stanton, mudando-se com o marido para a cidadezinha de Séneca Falis, sentia-se insatisfeita naquela vida de cozinhar, costurar, lavar e criar um filho após outro. O marido, líder abolicionista, ausentava-se com frequência. Elizabeth escreveu então:

"Compreendo agora as dificuldades práticas da maioria das mulheres que vivem num ambiente isolado, e a impossibilidade de evoluírem permanecendo em contacto com crianças e

criadas a maior parte do tempo... O descontentamento geral que senti em relação ao destino da mulher... o olhar cansado e ansioso da maioria, disseram-me que era preciso tomar drásticas medidas... Não sabia o que fazer, nem por onde começar. Minha única ideia era uma reunião pública para protesto e discussão". {17}

Colocou apenas um anúncio nos jornais e donas de casa e moças que jamais haviam conhecido outro tipo de vida acorreram em grandes grupos, vindas de um raio de cinquenta milhas, para ouvila falar.

Por mais dissemelhantes que fossem suas raízes sociais ou psicológicas, todas as que encabeçaram a luta pelos direitos da mulher possuíam uma inteligência acima da média, alimentada por uma educação incomum no seu tempo. De outro modo, fossem quais fossem seus sentimentos, não teriam podido ver para além dos preconceitos que justificavam a degradação da mulher, nem manifestado seu protesto. Mary Wollstonecraft educou-se sozinha a princípio, e foi depois orientada por um grupo de filósofos ingleses que pregavam os direitos do homem. Margaret Fuller aprendeu com o pai a ler os clássicos em seis idiomas e envolveu-se com o grupo transcendentalista que rodeava Emerson. O pai de Elizabeth Cady Stanton era juiz, obteve para a filha a melhor educação possível na época e suplementou- a permitindo-lhe assistir a sessões no tribunal. Ernestine Rose, filha de rabino, revoltou-se contra a doutrina de sua religião, que decretava a inferioridade da mulher em relação ao homem, tornou- se livre pensadora, graças à influência do filósofo utópico Robert Owen, e desafiou costumes religiosos ortodoxos casando com o homem a quem amava. Nos tempos da luta mais acirrada pelos direitos da mulher, insistia sempre em que o inimigo não era o homem. «Não combatemos o homem e sim os maus princípios».

Estas mulheres não foram devoradoras de homens. Júlia Ward Howe, bonita e brilhante filha de um dos «400» de Nova York, estudou profundamente tudo o que lhe interessava. Escreveu anonimamente o «Hino da República» porque o marido acreditava que devia dedicar-se em exclusivo a ele e aos seis filhos. Só começou a participar do movimento sufragista em 1868, ao conhecer Lucy Stone, que «durante muito tempo fora objeto de uma das minhas antipatias gratuitas. Quando olhei para aquele rosto suave e feminino e ouvi sua voz tão séria senti que o objeto do meu desagrado fora um simples fantasma, conjurado por interpretações sem sentido... Só poderia dizer: «Estou com você». {18}

A ironia do mito das devoradoras de homens é que os supostos excessos das feministas surgiram de seu próprio desamparo. Quando se considera que a mulher não tinha nem merecia direitos, que poderia ela fazer por si mesma? Aparentemente não havia outro recurso senão falar. A partir de 1848 houve convenções feministas todos os anos, de âmbito nacional ou estadual, em grandes e pequenas cidades, em Ohio, Pennsylvania, Indiana, Massachusetts. As feministas seriam capazes de falar até o dia do juízo final sobre os direitos que não possuíam, mas como conseguir que os legisladores lhes permitissem conservar suas economias, ou os filhos após o divórcio, quando não tinham direito de voto? Como organizar e financiar uma campanha se não tinham bens e

nem sequer o direito de possuí-los?

A sensibilidade à opinião pública, decorrente da completa dependência da mulher, tornava mais doloroso cada passo que a afastava de sua gentil prisão. Mesmo quando tentava, no que estivesse ao seu alcance, modificar essas condições, colidia com uma barreira de ridículo. As roupas extraordinariamente desconfortáveis que as senhoras então usavam eram um símbolo de sua escravidão: espartilhos tão apertados que mal as deixavam respirar, meia dúzia de saias e anáguas, pesando dez a doze libras e tão compridas que varriam o pó das ruas. O espectro das feministas usando calças masculinas provinha em parte da *bloomer* — túnica à altura dos joelhos e calças pelos tornozelos. Elizabeth Stanton usou-as, a princípio com entusiasmo, para fazer os trabalhos domésticos, como as donas de casa usam calças compridas ou shorts. Mas quando as feministas adotaram as *bloomers* em público, como símbolo de sua emancipação, as piadas grosseiras dos jornais, dos vadios de esquina e dos moleques de rua foram insuportáveis para a sensibilidade feminina. «Usamos esse traje para gozar de maior liberdade, mas o que é a liberdade física comparada à escravidão mental?» Disse Elizabeth Stanton, renunciando a sua *bloomer*. A maioria, como Lucy Stone, deixou de usá-la por uma razão mais feminina: não assentavam bem, exceto na magra e pequenina Sra. Bloomer.

Contudo, essa desamparada graça senhoril precisava ser combatida na mente dos homens, das outras mulheres e delas próprias. Quando decidiram fazer uma petição em favor do direito da mulher casada a possuir bens, até mulheres batiam-lhes a porta à cara, replicando que tinham marido e não precisavam de leis para protegê- las. Quando Susan Anthony e seu grupo reuniram 6.000 assinaturas em dez semanas, a Assembleia do Estado de Nova York recebeu- as às gargalhadas, observando ironicamente que, uma vez que as senhoras têm sempre direito aos bocados mais requintados à mesa, ao melhor lugar na carruagem e a escolher o lado da cama que mais lhes convém, «se houver qualquer desigualdade ou opressão, as vítimas são os cavalheiros». Contudo, decidiriam por uma emenda, caso marido e mulher tivessem assinado a petição. «Neste caso recomendariam a ambas as partes apelar para a lei, a fim de obter autorização para trocar de trajes; o marido usaria saias e a mulher, calças».

É espantoso que a mulher tenha conseguido conquistar um ponto sequer sem tornar-se megera amarga e, pelo contrário, continuando entusiasmada, cônscia de estar escrevendo uma página da História. Há mais decisão do que amargor em Elizabeth Stanton, grávida depois dos quarenta, escrevendo a Susan Anthony que este seria, de fato, o último filho e que a diversão estava apenas começando: «Coragem Susan, só chegaremos à flor da idade aos 50». Dolorosamente insegura e cônscia de sua falta de atrativos — não por desprezo dos homens (ela tinha admiradores), mas por causa de uma irmã mais velha muito bonita e da atitude da mãe, que considerava o estrabismo uma tragédia — Susan Anthony, de todas as líderes feministas do século XIX, foi a única que se aproximou do mito, sentindo-se traída quando as outras começaram a casar e ter filhos. Mas, apesar dessa mágoa, não era uma solteirona amarga, de gato ao colo.

Viajando sozinha de cidade em cidade, pregando as faixas que anunciavam as reuniões, usando ao máximo sua habilidade como organizadora e conferencista, abriu caminho em um mundo cada vez mais vasto.

No decorrer de sua vida essas mulheres transformaram a imagem que justificava a degradação feminina. Numa reunião, enquanto os homens zombavam da ideia de confiar o voto a mulheres tão indefesas que precisavam de ajuda para subir a uma carruagem ou saltar sobre uma poça de lama, uma orgulhosa feminista chamada Sojourner Truth ergueu seu negro braço:

> "Olhem para meu braço! Cavei, plantei, colhi... e não sou mulher? Era capaz de trabalhar e comer tanto quanto um homem — depois que consegui isto — e também suportar o açoite... Tive treze filhos e vi a maioria vendidos como escravos. E quando chorei pela dor que já foi a de minha mãe, ninguém senão Jesus me ajudou — e não sou mulher?"

A frívola imagem senhoril foi também esvaziada por milhares de mulheres que trabalhavam nas fábricas de tijolos: as moças das usinas Lowell, que combateram as terríveis condições de trabalho, resultantes em parte da suposta inferioridade feminina. Mas essas mulheres, que depois de um dia de doze ou treze horas na fábrica, tinham ainda que fazer os trabalhos domésticos, não poderiam liderar essa brilhante cruzada. Quase todas as feministas mais importantes pertenciam à classe média e foram induzidas, por uma diversidade de motivos, a se educar e despedaçar a imagem vazia.

O que as impulsionava? «Preciso descarregar minhas energias em nova direção» — escreveu Louisa May Alcott no seu diário, quando decidiu apresentar-se como enfermeira na Guerra Civil. «Uma viagem muito interessante, num mundo novo, cheio de sons, visões emocionantes, aventuras inéditas e da crescente percepção da grande tarefa que eu havia empreendido. Rezei minhas orações enquanto percorria o campo branco de tendas, vibrante de patriotismo e já vermelho de sangue. Uma hora solene, mas sinto-me feliz por vivê-la».

O que as impulsionava? Solitária e agitada por dúvidas íntimas, Elizabeth Blackwell, na sua inédita e monstruosa determinação de ser médica, ignorava gracejos — e cantadas — para fazer suas dissecções anatómicas. Lutou pelo direito de assistir à dissecção dos órgãos reprodutores, mas resolveu não participar do desfile inaugural do ano letivo, pois não seria próprio de uma mulher. Repelida até pelos colegas, escreveu:

> "Sou mulher, assim como sou médica... Compreendo agora por que esta vida jamais foi antes procurada. É dura, sem qualquer incentivo, exceto um propósito elevado. É viver contra toda espécie de oposição social... Gostaria de me divertir um pouco, de vez em quando. A vida é séria demais".{19}

No decorrer de um século de luta, a realidade desmentiu o mito de que a mulher usaria seus privilégios para o domínio vingativo do homem. Ao conquistar o direito de uma educação superior, o direito de falar em público, e possuir bens, e o direito de trabalhar num emprego ou profissão controlando seus ganhos, as feministas passaram a ter menos motivos de amargor contra os homens. Mas havia ainda uma batalha a vencer. É como disse em 1908 o

brilhante M. Carey Thomas, primeiro presidente de Bryn Mawr:

> "As mulheres constituem a metade da raça humana, mas até um século atrás ... viviam num crepúsculo, numa meia-vida isolada, olhando os homens como sombras ambulantes. O mundo era dos homens. As leis eram dos homens, o governo era dos homens, o país era dos homens. Agora a mulher conquistou o direito a uma educação superior e independência económica. O direito de se tornar cidadã do estado é a próxima e inevitável consequência da educação e do trabalho fora do lar. Chegamos a este ponto: precisamos ir mais além. Não podemos retroceder agora".{20}

É que o movimento pelos direitos da mulher se torna quase excessivamente respeitável; contudo, sem o voto, não conseguiriam que nenhum partido político as levasse a sério. Ao voltar à pátria em 1907, viúva de um inglês, a filha de Elizabeth Stanton, Harriet Blatch, descobriu que o movimento no qual sua mãe a criara estava reduzido a um estéril círculo de reuniões sociais. Observara as táticas usadas pelas inglesas para dramatizar o movimento, em estagnação semelhante: caçoar dos oradores em reuniões públicas, provocar deliberadamente a polícia, fazer greve de fome na prisão — o tipo da resistência dramática não violenta que Ghandi usava na índia, ou que os Cavalheiros da Liberdade usam agora os Estados Unidos, quando as táticas legais não afetam a segregação. As feministas americanas nunca tiveram que recorrer aos extremos de suas ainda mais sofredoras companheiras inglesas, mas dramatizaram o voto até despertar uma oposição muito mais poderosa que a sexual.

Assim como a batalha pela libertação da mulher teve início no século XIX com a luta pela abolição da escravatura, no século XX brotou do combate pelas reformas sociais de Jane Addams e Hull House, ao despertar do movimento sindicalista e das grandes greves e contra as intoleráveis condições de trabalho nas fábricas. Para as moças operárias, trabalhando a seis dólares por semana até 10 horas da noite, multadas por falar, rir ou cantar, a igualdade era mais uma questão de educação que de voto. Fizeram passeatas sob frio intenso, em meses de fome geral; muitas foram agredidas por policiais e levadas nos carroções da polícia. E as novas feministas conseguiam dinheiro para a fiança e o alimento das grevistas, como suas mães haviam auxiliado a Estrada de Ferro Subterrânea.

Por detrás dos gritos de «salve a feminilidade», «salve o lar» começava-se a sentir a influência da máquina política, estremecendo à ideia do que aquelas mulheres fariam se conseguissem o direito de voto. Afinal, estavam até tentando fechar os bares. Cervejarias e outros interesses comerciais, especialmente os que dependiam do trabalho mal pago de crianças e mulheres, lutavam abertamente contra o sufrágio feminino em Washington. Os políticos duvidavam de sua capacidade para controlar uma parcela do eleitorado que lhes parecia relativamente imune ao suborno, e era agressiva e inclinada a incómodas reformas que iam desde o controle do esgoto até a abolição do trabalho infantil, e, pior ainda, à «limpeza da política».{21} E os congressistas do Sul apressaram-se a lembrar que sufrágio feminino significava também sufrágio para a mulher negra.

A luta final pelo voto foi travada no século XX pelo crescente número de

universitárias, lideradas por Carrie Chapman Catt, filha das planícies do Iowa, professora e jornalista, cujo marido, engenheiro de sucesso, lhe dava seu decidido apoio. Um grupo, que mais tarde se chamou Partido das Mulheres, foi objeto de contínuas manchetes dos jornais por suas passeatas diante da Casa Branca. Maltratadas pela polícia e os tribunais, fazendo greves de fome nas prisões e finalmente martirizadas pela alimentação forçada, muitas eram *quakers* e pacifistas. Mas a maioria apoiou a guerra, ao mesmo tempo que prosseguia na campanha pelos direitos da mulher. Dificilmente seriam responsáveis pelo mito da devoradora de homens, que surgiu nos tempos de Lucy Stone e até hoje é evocado sempre que alguém tem motivos para se opor a que a mulher se afaste do lar.

Num período de cinquenta anos, a americana organizou para esta batalha final 56 campanhas plebiscitárias para os votantes masculinos; 480 para conseguir que as legislaturas promulgassem emendas sufragistas; 377 para obter que em convenções de partidos fossem incluídas as plataformas de sufrágio feminino; 30 para conseguir em convenções presidenciais a adoção de plataformas sufragistas; e 19 campanhas em 19 sucessivos Congressos.{22} Alguém tinha que organizar todas essas passeatas, discursos, petições, reuniões, pressões sobre o Congresso. As novas feministas não eram mais um punhado de mulheres dedicadas. Milhares, milhões de americanas com marido, filhos e lar, dedicavam à causa todo o seu tempo disponível. A desagradável imagem da feminista lembra hoje menos a autêntica lutadora do que a figura criada pelos interesses que tão acirradamente se opunham ao voto feminino, em estado após estado, ameaçando os legisladores de ruína política ou económica, comprando ou até roubando votos, mesmo depois que trinta e seis estados já havia ratificado a emenda.

As que lutaram pela emancipação conquistaram mais do que um vazio direito. Afastaram o desprezo e a autodepreciação que há séculos vinham degradando a mulher. A alegria, a excitação e as recompensas pessoais dessa luta são descritas por Alexa Ross Wylie, feminista inglesa:

> Para minha surpresa descobri que a mulher, apesar de ter joelhos pontudos e pernas que durante séculos não podiam sequer ser mencionadas, era capaz, de uma hora para outra, de correr mais que a média dos policiais londrinos. Com um pouco de prática, sua pontaria tornou-se bastante apurada para acertar legumes podres em olhos ministeriais, e seu engenho bastante aguçado para manter a Scotland Yard correndo em círculos, totalmente aparvalhada. Sua capacidade de improvisação, de sigilo e lealdade, seu iconoclástico desprezo pelas classes e a ordem estabelecida foram uma revelação para todos, mas especialmente para ela própria...
>
> O dia em que, com um soco de esquerda, mandei um policial de tamanho razoável para o poço da orquestra, no teatro em que estávamos fazendo uma tumultuada reunião, marcou minha entrada na vida adulta... Eu não era nenhum génio e o episódio não me transfigurou, mas libertoume para ser o que bem entendesse, até o ponto culminante de minha inclinação...
>
> Durante dois anos, riscos de aventuras loucas e às vezes perigosas, trabalhei e lutei ao lado de mulheres fortes, felizes, ajustadas, que davam gargalhadas em lugar de risadinhas e eram capazes de fazer jejum mais prolongado que o de Ghandi e sair dele com um sorriso e uma piada. Dormi no chão duro entre duquesas idosas, gordas cozinheiras e jovens comerciarias. Vivíamos com frequência cansadas, magoadas, e assustadas, porém mais satisfeitas que nunca. Sentíamos uma alegria de viver que jamais conhecêramos. A maioria das minhas companheiras eram esposas e mães. E estranhas coisas aconteceram em sua vida doméstica. Os maridos voltavam para casa com um novo entusiasmo... Quanto às crianças, sua atitude mudou rapidamente de afetuosa tolerância pela pobre mãe, para o espanto de olhos arregalados. Libertadas do carinho sufocante, pois a mãe vivia demasiado ocupada para se preocupar excessivamente com elas, descobriram

que a amavam mais ainda. Ela era fabulosa! Tinha uma coragem... As que ficaram por fora do combate — sinto dizer, eram a vasta maioria — odiavam as lutadoras com a raiva venenosa da inveja...{23}

A mulher terá voltado ao lar por reação ao feminismo? O fato é que, para as nascidas depois de 1920 o feminismo era caso encerrado. Na América terminou com a conquista do direito final: o voto. Nas décadas de trinta e quarenta, as que lutaram pelos direitos femininos preocupavam-se ainda com os direitos humanos, a liberdade dos negros, dos operários oprimidos, as vítimas da Espanha de Franco, e da Alemanha de Hitler. Mas ninguém se interessava mais pelos direitos da mulher: já haviam sido todos conquistados. Contudo, o mito da devoradora de homens prevalecia. As que demonstravam independência ou iniciativa eram chamadas «lucy stones». *Feminista* e *profissional* tornaram-se palavrões. As primeiras haviam destruído a antiga imagem da mulher, mas não conseguiram apagar a hostilidade, os preconceitos, a discriminação. E não podiam traçar uma nova imagem quando cresciam sob condições que não mais as tornavam inferiores ao homem, dependentes, passivas, incapazes de raciocínio ou decisão.

A maioria das moças que se criaram nos anos em que as feministas eliminaram as causas daquele vazio decoro tinham como imagem de mulher as mães ainda presas a ele. Essas mães foram provavelmente o verdadeiro modelo do mito das devoradoras de homens. O desprezo e a autodepreciação que poderiam transformar uma suave dona de casa numa megera dominadora levou algumas de suas filhas a agressivas imitações dos homens. As primeiras mulheres a ingressar no mundo dos negócios e em carreiras liberais foram consideradas aberrações. Inseguras em sua recém-adquirida liberdade, algumas temiam talvez ser suaves demais, amar e ter filhos, perdendo assim sua preciosa independência, voltando a ser prisioneiras como suas mães. E com isso reforçaram o mito.

Mas as que cresceram com os direitos conquistados pelas feministas não podiam voltar à velha imagem de vazio decoro, não tinham as razões de suas tias ou mães para se tornarem iradas cópias dos homens, nem temiam ser amadas. Haviam chegado, sem saber, ao ponto crítico da identidade feminina. Haviam, de fato, ultrapassado a velha imagem; estavam finalmente livres para ser o que bem entendessem. Mas que opção lhes era oferecida? De um lado, a feminista devoradora de homens, a profissional sem amor, solitária. Do outro, a suave esposa e mãe, amada e protegida pelo marido e rodeada de filhos carinhosos. Embora muitas continuassem a entusiástica jornada que suas avós haviam iniciado, milhares desertaram, vítimas de uma escolha errónea.

As razões dessa escolha eram naturalmente mais complexas que o mito feminista. Como terá a mulher chinesa, depois de viver com os pés amarrados durante várias gerações, finalmente descoberto que era capaz de correr? As primeiras mulheres cujos pés não foram atados devem ter sentido tanta dor, que algumas tiveram medo de ficar de pé e mais ainda de andar ou correr. Porém, quanto mais caminhavam, menos dor sentiam. Que teria acontecido se, antes que a primeira geração de chinesas crescesse de pés livres, os médicos, querendo

poupar-lhes dor e preocupação, as aconselhassem a atálos novamente? E se os mestres lhes dissessem que andar de pés amarrados era mais feminino, o único recurso para serem amadas pelos homens? E os sábios afirmassem que seriam melhores mães caso não se afastassem um momento dos filhos? E se os vendedores ambulantes, percebendo que as mulheres que não podiam andar compravam mais quinquilharias, espalhassem histórias sobre os riscos de correr e as maravilhas de viver atada? As chinesas não cresceriam desejando ter os pés firmemente amarrados, e sem jamais tentarem caminhar ou correr?

A verdadeira piada da História em relação à mulher americana não é a que faz as pessoas rirem com afetação das feministas mortas. É a peça que as teorias freudianas pregaram à mulher viva, destorcendo a lembrança das feministas, transformando-as no fantasma da mística feminina e reduzindo o próprio anseio de ser algo além de esposa e mãe. Encorajada pela mística a fugir a essa crise de identidade em nome da sua realização sexual, a mulher voltou a viver de pés atados a velha imagem da gloriosa feminilidade. E esta imagem, apesar de suas roupagens novas, a aprisionou durante séculos e levou as feministas à revolta.

V
O solipsismo sexual de Sigmund Freud

SERIA ERRADO, EM PARTE, DIZER QUE TUDO COMEÇOU com Sigmund Freud. Na América só teve início na década de quarenta. E foi menos um início do que a prevenção de um fim. Os velhos preconceitos — as mulheres são animais, inferiores como seres humanos, incapazes de raciocinarem como o homem, nascidas apenas para procriarem e servirem ao sexo masculino — não foram facilmente destruídos pelas feministas, pela ciência e a educação e, afinal, pelo espírito democrático. Reapareceram simplesmente naquela década sob um disfarce sofisticado. A mística feminina hauria sua força do pensamento freudiano, pois foi uma ideia originária do pai da psicanálise que levou a mulher e aqueles que a estudavam a uma interpretação errónea das frustrações maternas e dos ressentimentos e deficiências de pais, irmãos e maridos, e de suas emoções e possíveis opções na vida. Foi uma ideia freudiana, reforçada até adquirir a aparência de um fato, que encurralou tantas americanas nos dias de hoje.

A nova mística é muito mais difícil de combater, para a mulher moderna, que os velhos preconceitos, em parte por ser divulgada pelos próprios agentes da educação e da ciência social, que se supõe serem os principais inimigos dos preconceitos, e em parte porque a própria natureza do pensamento freudiano a torna virtualmente invulnerável à dúvida. Como pode uma americana culta, não analista, pretender pôr em dúvida uma verdade freudiana? Ela sabe que a descoberta dos mecanismos inconscientes da mente marcou um dos grandes progressos do homem em busca de conhecimento. Sabe que a ciência baseada nessa descoberta vem ajudando à humanidade sofredora. Disseram-lhe que somente depois de vários anos de treino analítico se pode compreender o significado da doutrina freudiana. Talvez saiba até como a mente resiste inconscientemente à verdade. Como pretenderia aventurar-se nas esferas sagradas, onde só se permite a presença dos analistas?

Ninguém pode pôr em dúvida a genialidade básica das descobertas de Freud, a contribuição que êle prestou a nossa cultura, ou a eficácia da psicanálise conforme é hoje praticada pelos que seguem a sua corrente ou são contra ela. Mas, baseada em minha experiência de mulher e meus conhecimentos de repórter em contacto com outras de meu sexo, ponho em dúvida a aplicação da teoria freudiana da feminilidade à mulher de hoje. Ponho em dúvida seu uso, não em terapia, mas no modo como se infiltrou na vida da americana — através de revistas populares e das opiniões e interpretações de pseudo-entendidos. Creio que grande parte da teoria relativa à mulher está obsoleta e tornou-se hoje um

obstáculo ao alcance da verdade na América, além de ser uma das causas principais do problema sem nome.

Há aqui vários paradoxos. O conceito freudiano do superego ajudou a libertar o homem da tirania dos «deveres» e da tirania do passado, que impede a criança de tornar-se adulta. Contudo, a teoria freudiana ajudou a criar um novo superego que paralisa a mulher culta de hoje — uma nova tirania de «deveres» que a acorrenta a uma velha imagem, impedindo-a de evoluir e optar, e negando-lhe identidade como indivíduo.

A psicologia freudiana, com sua ênfase na libertação de uma moralidade opressiva para atingir a realização sexual, fazia parte da ideologia de emancipação da mulher. A imagem da americana «emancipada » é a mulher da década de vinte: cabelos curtos, joelhos de fora, gabando-se de sua nova liberdade para viver num apartamento de Greenwich Village, ou da Zona Norte de Chicago, dirigir carro, beber, fumar, entregar-se a aventuras amorosas — e a falar sobre elas. Hoje, porém, por várias razões muito distantes da vida do próprio Freud, o pensamento freudiano tornou-se o baluarte ideológico da contra-revolução sexual na América. Sem sua definição da natureza sexual da mulher para dar nova força à imagem convencional da feminilidade, não creio que várias gerações de americanas cultas e decididas sejam tão facilmente afastadas da concepção do que eram e do que poderiam vir a ser.

O conceito de «inveja do pênis», que Freud concebeu para descrever um fenómeno observado na mulher — isto é, nas mulheres da classe média, suas pacientes na Viena da época vitoriana — foi divulgado neste país na década de quarenta como a explicação literal de tudo o que havia de errado na americana. Muitos dos que pregaram a doutrina da feminilidade ameaçada, fazendo reverter o movimento da mulher em direção à independência e à identidade, jamais souberam de sua origem freudiana. Muitos dos que usaram — não os poucos psicanalistas, mas os inúmeros divulgadores, sociólogos, educadores, publicistas, escritores de revistas, orientadores infantis e conjugais, ministros, «autoridades» sem autoridade — seriam incapazes de saber o que Freud queria dizer com «inveja do pênis». Basta saber o que ele estava de fato descrevendo na mulher vitoriana para perceber a falsidade de uma aplicação literal de sua teoria da feminilidade à mulher de hoje. E basta saber *por que* êle assim o descreveu para compreender que grande parte do conceito está obsoleta, anulada por descobertas que se incluem na maneira de pensar de todos os sociólogos contemporâneos, mas não eram ainda conhecidas no tempo de Freud.

Este é considerado, de modo geral, um observador minucioso e perspicaz de importantes problemas da personalidade humana. Mas, ao descrever e interpretar esses problemas, continuou prisioneiro de sua própria cultura. Embora criasse uma nova estrutura para a nossa, não podia fugir a que êle próprio havia recebido. Mesmo o seu génio não lhe poderia dar então o conhecimento dos processos culturais com que os homens de hoje — que não são génios — se formariam.

O conceito de relatividade na física, que modificou recentemente toda a

nossa maneira de encarar a Ciência, é muito mais difícil, e ao mesmo tempo mais fácil de compreender que a relatividade no âmbito social. Não é repetir um *slogan,* e sim uma declaração fundamentada na verdade, dizer que nenhum cientista social pode libertar-se completamente da prisão de sua própria cultura: pode somente interpretar o que observa segundo a estrutura científica de sua época. Isto é exato mesmo em relação aos grandes inovadores, que não podem deixar de traduzir suas observações revolucionárias em linguagem e padrões determinados pelo progresso da ciência até o seu tempo. E mesmo as descobertas que abrem novos caminhos são relativas ao ponto de observação de seu criador.

O conhecimento de outras culturas, a compreensão da relatividade cultural, que faz parte da bagagem da ciência social de nosso tempo, era desconhecida de Freud. Muito do que êle acreditava ser biológico, instintivo e imutável ficou provado pela pesquisa moderna ser resultado de causas culturais específicas. {24}

Muito do que Freud descreveu como característico da natureza humana universal era simplesmente característico de alguns homens e mulheres da classe média europeia, em fins do século XIX.

Por exemplo: a teoria da origem sexual das neuroses provém do fato de que vários dos pacientes que êle observou a princípio sofriam de histeria. E nesses casos descobriu que a causa era um recalque sexual. Os adeptos ortodoxos de Freud acreditam ainda na origem sexual de todas as neuroses, e como procuram memórias sexuais inconscientes e traduzem o que ouvem em símbolos sexuais, conseguem em geral descobrir o que estão procurando.

Mas o fato é que os casos de histeria observados por Freud são muito mais raros hoje em dia. No seu tempo, evidentemente, a hipocrisia cultural obrigava a recalcar o sexo. Alguns teóricos sociais suspeitam até que a própria ausência de outras preocupações, naquele moribundo império austríaco, era a causa da obsessão sexual dos seus pacientes.{25} Não há dúvida de que o fato de sua cultura negar o sexo levou-o a focalizar nesse ponto o seu interesse. Foi então que elaborou sua teoria, descrevendo todos os estágios da evolução humana, e encaixando todos os fenómenos que observava em termos sexuais.

Essa tentativa de traduzir os fenómenos psicológicos e encarar os problemas da personalidade como efeitos de fixações sexuais da infância originou-se na sua experiência de médico e na maneira de encarar a causalidade implícita no pensamento científico de seu tempo. Êle apresentou a mesma falha ao tratar dos fenómenos psicológicos em seus próprios termos, o que muitas vezes aflige os cientistas do comportamento humano. Algo que podia ser descrito em termos fisiológicos, ligado a um órgão anatómico, parecia mais sólido, real, científico, à medida que êle penetrava nas regiões inexploradas do inconsciente. Segundo seu biógrafo, Ernest Jones, Freud «fêz um desesperado esforço para ater-se à segurança da anatomia cerebral».{26} Na verdade, conseguiu descrever tão vividamente os fenómenos psicológicos que, recebessem seus conceitos terminologia retirada da fisiologia, da filosofia ou da literatura — inveja

de pênis, ego, complexo de Édipo — pareciam todos possuir uma realidade concreta. Fatos psicológicos, escreveu Jones, «eram para êle tão reais e concretos como o metal para o operário metalúrgico». {27} Esta capacidade deu origem à grande confusão, à medida que seus conceitos passavam a pensadores de menor gabarito.

Toda a superestrutura da teoria freudiana reside no severo determinismo que caracterizava o pensamento científico da era vitoriana. O determinismo foi hoje substituído por uma visão mais complexa de causa e efeito, em termos de processos e fenómenos tanto físicos como psicológicos. Segundo esta nova visão, os cientistas behavioristas não precisam pedir emprestado a terminologia fisiológica para explicar acontecimentos psicológicos, ou lhes dar uma pseudorealidade. Os fenómenos sexuais não são nem mais, nem menos reais do que, por exemplo, o fenómeno de Shakespeare escrevendo o *Hamlet,* que não pode ser «explicado» com exatidao se reduzido a termos sexuais. O próprio Freud não pode ser explicado segundo seus padrões deterministas e fisiológicos, embora seu biógrafo aponte como origem de seu génio, de sua «divina paixão pelo saber», uma curiosidade sexual insaciável, anterior ainda aos três anos de idade, em relação ao que acontecia entre seu pai e sua mãe, no quarto do casal». {28}

Hoje em dia, biólogos, sociólogos e um número cada vez maior de psicanalistas consideram o impulso humano para evoluir como uma necessidade humana primária, tão básica como o sexo. Os estágios «oral» e «anal», que Freud descreveu em termos de desenvolvimento sexual — a criança sente seu primeiro prazer sexual pela boca, ao sugar o seio materno, e depois pelo ato de defecar — são agora considerados estágios da evolução humana, influenciados tanto pelo sexo como por circunstâncias culturais e atitudes paternas. Quando nascem os dentes, a boca pode morder, além de sugar. Os músculos e o cérebro desenvolvem-se também; a criança torna- se capaz de controlar, dominar e compreender; e sua necessidade de evoluir e aprender aos cinco, vinte e cinco, ou cinquenta pode ser satisfeita, negada, reprimida, atrofiada, evocada ou desencorajada, tanto pela cultura como pelos impulsos sexuais.

Especialistas em crianças confirmam hoje a observação de Freud: problemas entre mãe e filho nos primeiros anos da criança são muitas vezes expressos em termos de alimentação, ou no controle das necessidades fisiológicas. Contudo, houve recentemente nos Estados Unidos um declínio nos «problemas de alimentação». Terá modificado a evolução instintiva da criança? Impossível, já que por definição o estágio oral é instintivo. Ou terá a cultura deslocado da alimentação o foco dos problemas da infância, como resultado da ênfase americana sobre a indulgência; ou será simplesmente que em nossa sociedade abastada a alimentação se tornou causa menor de ansiedade materna? Em razão da influência de Freud sobre a nossa cultura, pais cultos têm geralmente o cuidado de não exercer pressões causadoras de conflitos no controle das necessidades fisiológicas do filho. Tais conflitos ocorrem hoje com maior frequência quando a criança está aprendendo a falar ou a ler. {29}

Na década de 40, sociólogos e psicanalistas americanos já haviam começado

a reinterpretar os conceitos freudianos à luz de sua crescente bagagem cultural. Estranho, isso não impediu a aplicação literal da teoria freudiana à mulher americana.

O fato é que para Freud, mais ainda que para o editor de revistas da Madison Avenue, as mulheres constituíam uma espécie estranha, inferior, sub-humana. Considerava-as como bonecas que existiam somente em termos do amor masculino, para amar e servir ao homem. Esta é a mesma espécie de solipsismo inconsciente que levou o homem durante séculos a considerar o sol apenas como um objeto brilhante que girava ao redor da terra. Freud criou-se imbuído dessa atitude graças à cultura da Europa vitoriana e também à tradição judia, na qual o homem rezava diariamente: «Eu Vos agradeço, Senhor, porque não me criastes mulher». E a mulher rezava, submissa: «Agradeço-vos, Senhor, por me terdes criado segundo a Vossa vontade».

A mãe de Freud era a esposa bonita e dócil de um homem com o dobro de sua idade; seu pai dirigia a casa com a autoridade autocrática tradicional nas famílias judias, onde séculos de perseguição raramente permitiam aos pais estabelecer qualquer autoridade fora de lar. A mãe adorava o jovem Sigmund, seu primogénito, julgandoo misticamente destinado a grandes realizações e existindo, aparentemente só para satisfazer seus menores desejos. As lembranças de Freud relativas ao seu ciúme sexual do pai, cujos desejos sua mãe também satisfazia, constituíram a base de sua teoria do complexo de Édipo. Quando se casou, sua mulher, assim como a mãe e as irmãs, organizava a vida da família ao redor de suas menores vontades. Quando suas irmãs, estudando piano, interromperam seus estudos, «o piano desapareceu», recordava Ana Freud, anos mais tarde, «e com êle as oportunidades de suas irmãs tornarem-se musicistas».

Freud não viu nesta atitude nenhum problema, ou causa de problemas para as mulheres. Era próprio da natureza feminina ser dominada pelo homem, e infelicidade sua invejá-lo. As cartas de Freud a Martha, sua futura mulher, escritas durante os quatro anos de noivado (1882-1886) apresentam o tom carinhoso e condescendente de Torvald em «Casa de Bonecas», censurando Nora por suas pretenõses a ser humano. Freud estava começando a pesquisar os segredos da mente em seu laboratório de Viena; Martha, «suave criança», deveria esperar, sob a custódia de sua mãe, durante quatro anos, até que êle pudesse ir buscá-la. As cartas revelam que Freud a considerava menina-dona de casa, mesmo depois que ela deixara de ser menina e não era ainda dona de casa.

Mesas e cadeiras, camas, espelhos, um relógio para lembrar ao feliz casal a passagem do tempo, uma poltrona para uma hora de agradável devaneio, tapetes para ajudar a dona de casa a conservar limpo o assoalho, roupa de cama atada com fitas alegres nas prateleiras, vestidos da última moda e chapéus com flores artificiais, quadros nas paredes, copos para o uso diário e outros para o vinho dos dias de festa, travessas e pratos... a mesa de costura e a lâmpada aconchegante, tudo mantido em boa ordem, senão a dona de casa que dividiu seu coração em pedacinhos, um para cada peça de mobília, começará a sentir-se inquieta. E este objeto deve ser testemunho do sério trabalho que constitui a organização da casa, e aqueloutro, um gesto de beleza, uma lembrança de queridos amigos, de cidades que se visitaram, e horas que se deseja recordar... Devemos prender o coração a coisas insignificantes? Sim, e sem hesitação...

Sei o quanto você é carinhosa e como é capaz de transformar uma casa num paraíso, partilhar de meus interesses, ser alegre e dedicada ao mesmo tempo. Eu lhe deixarei governar a

casa como quiser, e você me recompensará com seu amor, erguendo-se acima de todas essas fraquezas pelas quais as mulheres são frequentemente desprezadas. Tanto quanto permitirem minhas atividades, estudaremos juntos o que desejarmos aprender e eu a iniciarei em assuntos que não interessarão uma jovem não familiarizada com seu futuro companheiro e suas ocupações...{30}

A 5 de julho de 1885, êle a censura por continuar a visitar Elise, uma amiga que evidentemente não é muito recatada em relação aos homens:

Que adianta você achar que atingiu agora tal madureza, a ponto de não prejudicá-la essa amizade?... Você é demasiado dócil, e isso é algo que preciso corrigir, pois o que um de nós fizer se refletirá sobre o outro. Você é minha preciosa mulherzinha e mesmo que cometa um erro não deixará de ser... Mas já sabe disso, minha doce menina...{31}

A mistura vitoriana de cavalheirismo e condescendência que se encontra nas teorias científicas de Freud sobre a mulher está bem explícita na carta que escreveu a 5 de novembro de 1883, ridicularizando as ideias de John Stuart Mills sobre a «emancipação feminina e a questão da mulher, de modo geral».

Em toda a sua apresentação não emerge nem uma vez o fato de que as mulheres são seres diferentes — não diremos inferiores, pelo contrário — dos homens. Êle acha na sujeição da mulher uma analogia com a dos negros. Qualquer jovem, mesmo sem sufrágio ou competência legal, cuja mão é beijada por um homem e por cujo amor êle está disposto a tudo enfrentar, poderia corrigi-lo. A ideia de lançar a mulher, exatamente como o homem, à luta pela existência é uma ideia que já nasceu morta. Se, por exemplo, eu imaginasse minha querida namorada como uma competidora acabaria por dizer-lhe, conforme fiz há dezessete meses passados, que a amo, e suplicaria que se afastasse da luta para uma atividade tranquila e sem competição, no lar. É possível que mudanças na educação suprimam todos os suaves atributos da mulher, tão carente de proteção e ao mesmo tempo tão vitoriosa, e ela aprenda a ganhar a vida como o homem. É também possível que se isso ocorrer não seria justo lamentar a morte da coisa mais deliciosa que o mundo nos pode oferecer — nosso ideal de feminilidade. Creio que toda reforma nas leis e na educação sucumbiria diante do fato de que, muito antes de o homem conquistar uma posição na sociedade, a Natureza decidiu o destino da mulher por meio da beleza, do encanto e da docilidade. A lei e os costumes têm muito a conceder à mulher, que lhe foi até então negado, mas sua posição continuará, com certeza, o que é agora: na juventude um ser adorado, e na maturidade, uma esposa amada. {32}

Como todas as teorias de Freud baseiam-se em sua penetrante e infindável auto-análise, e uma vez que a sexualidade era o foco de todas as suas teorias, certos paradoxos de sua vida sexual parecem importantes. Seus escritos, conforme foi observado por vários sábios, dão muito mais atenção à sexualidade infantil do que à sua expressão na maturidade. Seu mais importante biógrafo, Jones, verificou que, mesmo para a época, ele era excepcionalmente casto, puritano e moralista. Em sua vida pessoal mostrava-se rela^ tivamente desinteressado por sexo. As mulheres de sua vida foram apenas a mãe que o adorava, uma jovem chamada Gisela, com quem teve aos dezesseis anos um namoro inteiramente platónico, e Martha, com quem casou aos vinte e seis. Os nove meses que os dois viveram em Viena não foram muito felizes porque ela evidentemente o temia; mas, afastados durante quatro anos, ele manifestou grande paixão em 900 cartas de amor. Depois do casamento essa paixão parece ter rapidamente desaparecido, embora seus biógrafos observem que êle era um moralista demasiado rígido para procurar satisfações sexuais fora do casamento.

A única mulher, na vida adulta, em quem focalizou as violências do amor e do ódio foi Martha, nos primeiros anos de noivado. Mais tarde, essas emoções voltaram- se para os homens. Jonas, seu respeitoso biógrafo, comenta: «Seus desvios da normalidade, assim como sua pronunciada bissexualidade mental, podem muito bem ter influenciado, até certo ponto, as suas teorias».{33}

Biógrafos menos respeitosos, e até o próprio Jones, observam que quando se consideram as teorias de Freud em termos de sua própria vida, nota-se um puritanismo de solteirona, que vê sexo em toda parte. {34} É interessante observar que sua maior queixa com respeito à dócil *hausfrau* era de não ser bastante «submissa». Contudo, numa estranha ambivalência, dizia que ela «não ficava à vontade com ele», não conseguia ser uma boa «camarada».

Mas, como Freud dolorosamente descobriria, ela não era dócil no íntimo e possuía uma firmeza de caráter que não se prestava facilmente a ser amoldada. Sua personalidade estava plenamente desenvolvida e bem integrada: mereceria o maior cumprimento de um psicanalista, isto é, ser chamada normal.{35}

Percebe-se em Freud a «intenção, jamais concretizada, de amoldá- la à sua perfeita imagem», quando lhe escreveu que «deveria tornar- se bem jovem, uma namorada com uma semana de namoro, perdendo rapidamente todos os sinais de rebeldia». Mas, em seguida, censura-se:

> A amada não deve tornar-se uma boneca, e sim uma boa camarada, com uma palavra ajuizada a dizer quando o severo mestre esgota a sua sabedoria. Venho tentando acabar com a sua franqueza, para que reserve sua opinião até conhecer a minha.{36}

Conforme Jones averiguou, Freud ficava magoado quando ela não correspondia ao seu teste mais importante — «completa identificação com ele próprio, com suas opiniões, sentimentos e intenções. Ela só lhe pertenceria de fato quando ele pudesse imprimir-lhe o seu selo». Freud «até admitia ser aborrecido se nada encontrasse para corrigir na outra pessoa». E Jones sublinha que o amor de Freud «somente se libertava e manifestava sob condições muito favoráveis... Martha temia, provavelmente, seu marido dominador e refugiava- se no silêncio».{37}

Certo dia, Freud escreveu: «Renuncio ao que exigi. Não preciso de uma camarada, tal como esperava fazer de você. Sou bastante forte para lutar sozinho.. . Você continua para mim algo de precioso e amado».{38} Encerrava-se assim «a única época de sua vida em que tais emoções (amor e ódio) se concentraram numa mulher».{39}

O casamento foi convencional, sem paixão. Jones descreveu-o:

> Não poderia haver casamento mais tranquilo. Martha foi *com* certeza uma excelente esposa e mãe. Era uma admirável dona de casa, esse tipo raro que conserva infinitamente os mesmos criados — mas nunca foi a espécie de *hausfrau* que confronta as pessoas. O conforto e as conveniências do marido vinham sempre em primeiro lugar... Não se esperava que acompanhasse os vôos de sua imaginação, o que era dificil para a maioria. {40}

Martha era tão atenta às suas necessidades físicas como a maioria das dedicadas mães judias, planejando cada refeição segundo uma rígida escala adaptada às conveniências de «der Papa». Jamais sonhou, porém, com partilhar de sua vida em plano de igualdade. Nem Freud a considerava uma guardiã competente dos filhos, sobretudo no que respeita à educação, caso êle morresse antes dela. Recordava-se de um sonho em que se esquecia de chamá-la para o teatro. Segundo suas associações, «o esquecimento é permissível em questões sem importância».{41}

Esta submissão ilimitada da mulher, aceita sem discussões pela cultura de Freud, a falta de oportunidade para ação independente e identidade pessoal parece muitas vezes ter gerado o embaraço e a inibição da esposa e a irritação do marido que caracterizou o casamento do sábio. Segundo Jones, a atitude de Freud em relação às mulheres «poderia ser, provavelmente, chamada antiquada e seria fácil atribuí-la ao seu ambiente social, e ao período em que viveu a adolescência, mais que a fatôres pessoais».

> "Fossem quais fossem suas opiniões intelectuais sobre a questão, há vários sinais na sua caligrafia e correspondência desta atitude emocional. Seria excessivo dizer que êle considerava o homem como o senhor da criação, pois não havia sinais de arrogância ou superioridade em sua natureza, mas seria justo, talvez, descrever sua maneira de encarar o sexo feminino como a de alguém que esperava fossem as mulheres anjos zelando pelas necessidades e o conforto dos homens. A correspondência e a escolha amorosa tornam bem claro que tinha em mente um único tipo de objeto sexual: uma mulher suave e feminina...
>
> Não há dúvidas de que Freud achava a psicologia da mulher mais enig' mática que a do homem. Certa vez disse a Marie Bonaparte: "A grande pergunta que jamais foi respondida, nem mesmo por mim, apesar dos meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é: "Que deseja uma mulher?"{42}

Jones observou ainda:

> Freud interessava-se também por um outro tipo de mulher, de molde mais intelectual e talvez mais masculino. Algumas representaram um papel em sua vida, ao lado dos seus amigos, embora fossem de calibre mais requintado, mas não constituíam para êle nenhuma atração erótica.{43}

Entre essas mulheres estava a sua cunhada Minna Bernays, muito mais inteligente e independente do que Martha; e, mais tarde, analistas ou adeptas do movimento psicanalítico: Marie Bonaparte, Joan Rivière, Lou Andreas Salomé. Não há suspeitas, porém, nem de adoradores, nem de biógrafos hostis, de que tenha jamais procurado satisfação sexual fora do casamento. Assim, aparentemente, sexo estava divorciado de suas paixões humanas, que êle manifestou durante os anos produtivos de sua longa vida, em sua obra, e, em menor escala, por amizades com homens e mulheres que êle considerava suas iguais, «masculinas», portanto. Certa vez, disse: «Acho sempre absurdo não poder compreender alguém em termos de mim mesmo».{44}

Apesar da importância do sexo na teoria de Freud, suas palavras dão a impressão de que o ato sexual lhe parecia degradante; se a mulher surgia assim rebaixada aos olhos do homem, como poderia o sexo apresentar-se sob outra luz? Sua teoria não era esta, naturalmente. Para Freud, a ideia do incesto com a

mãe ou a irmã é que leva o homem a «encarar o ato sexual como degradante, sujando e contaminando não apenas o corpo».{45} De qualquer modo, a degradação da mulher era por êle aceita, e constituía a chave de sua teoria da feminilidade. A força motivadora da personalidade feminina, segundo sua teoria, era a inveja do pênis, que leva a mulher a sentir-se tão depreciada aos próprios olhos «como aos do menino e, mais tarde, do homem» e conduz, na feminilidade normal, a desejar o pênis do marido, desejo que só é plenamente realizado quando vem a possuí-lo dando à luz um filho. Em suma, ela é simplesmente um «homme manque», um homem a quem falta alguma coisa. Segundo a eminente psicanalista Clara Thompson: «Freud jamais se libertou da atitude vitoriana em relação à mulher. Aceitava como parte inevitável do seu destino a limitação de perspectivas e a maneira de viver da época vitoriana... O complexo de castração e o conceito de inveja do pênis, duas ideias básicas de seu sistema, apóiam-se na convicção de que a mulher é biologicamente inferior ao homem».{46}

Que significava para Freud o conceito de inveja do pênis? Pois mesmo os que compreendem que êle não poderia escapar à cultura de seu tempo não duvidam que êle tenha registrado verdadeiramente sob essa luz o que observava. Freud achou tão divulgado esse fenómeno entre as mulheres da classe média da Viena vitoriana que nele baseou toda a sua teoria da feminilidade. Numa conferência sobre «A Psicologia da Mulher» falou:

> "No menino, o complexo de castração surge depois que êle compreende, à vista do corpo feminino, que o órgão sexual masculino, por êle tão prezado, não é parte obrigatória do corpo de todas as mulheres ... e daí em diante cai sob a ansiedade da castração, a maior força motivadora de sua evolução. O complexo de castração surge igualmente na menina à vista dos órgãos genitais do outro sexo. Ela nota imediatamente a diferença e, devese admitir, sua importância. Sente-se, então, em grande desvantagem, e muitas vezes declara que gostaria de possuir também algo assim, tornando-se vítima da inveja do pênis, o que deixa raízes indeléveis em sua evolução e formação do caráter, e mesmo nos casos mais favoráveis só é vencido com grande desgaste de energia mental. O fato de reconhecer não possuir um pênis não significa que aceite com indiferença a sua ausência. Pelo contrário, agarra-se por muito tempo ao desejo de obter algo semelhante, acreditando nessa possibilidade durante um número extraordinário de anos; e mesmo quando o conhecimento da realidade a leva a abandonar a realização desse desejo como totalmente impossível, a análise prova que êle persiste no inconsciente, conservando uma considerável carga de energia. O desejo de obter o pênis pode até contribuir para os motivos que levam uma mulher adulta à análise, e o que ela espera razoavelmente daí obter, tal como a capacidade de seguir uma carreira intelectual, pode muitas vezes ser reconhecido como uma modificação sublimada desse desejo reprimido".{47}

"A descoberta de sua castração é um ponto decisivo na vida da menina", continua Freud. "Sente seu amor-próprio ferido pela comparação desfavorável com o menino, muito melhor equipado". Sua mãe, e todas as mulheres, ficam depreciadas aos seus olhos, assim como pela mesma razão estão depreciadas aos olhos do homem. Isto conduz ou à completa inibição sexual e à neurose, ou a um "complexo de masculinidade", no qual se recusa a renunciar à atividade "fálica" (isto é, "atividade geralmente característica do homem"); ou à "feminilidade normal", em que esses impulsos são reprimidos e ela se volta para o pai em busca do pênis. "A situação feminina, contudo, estabelece-se somente quando o desejo do pênis é substituído pelo desejo de um filho, tomando este o

lugar do pênis". Quando brincava com bonecas não estava de fato "expressando a sua feminilidade", já que isso era atividade e não passividade. O "mais forte desejo feminino", o desejo do pênis, encontra sua verdadeira realização somente "se a criança fôr um menino, trazendo consigo o tão desejado órgão... A mãe pode transferir para êle todas as ambições que reprimiu em si mesma e obter por seu intermédio a satisfação de tudo o que restou do seu complexo de masculinidade".{48}

Mas sua deficiência inata, e a resultante inveja do pênis, é tão difícil de vencer que o superego da mulher — consciência, ideais — numa se forma tão completamente como o de um homem: «A mulher tem pouco senso de justiça, e isto liga-se, sem dúvida, à preponderância da inveja na sua vida mental». Pela mesma razão, seus interesses sociais são mais fracos que os do homem, e «sua capacidade para a sublimação dos instintos é menor». Finalmente, Freud não pode deixar de mencionar «a impressão contínua que se tem no trabalho analítico» — de que nem mesmo a psicanálise pode fazer muita coisa pela mulher, por causa da deficiência inata da feminilidade.

> Um homem de cerca de trinta anos parece jovem e, em certo sentido, um indivíduo não de todo desenvolvido; dele se espera um bom uso das possibilidades de evolução que a análise lhe apresenta. Mas a mulher da mesma idade com frequência nos surpreende pela rigidez e inflexibilidade psicológica... Não há caminhos abertos ao seu desenvolvimento mais profundo; é como se todo o processo houvesse terminado, permanecendo inacessível a influências sobre o futuro; na verdade, é como se a difícil evolução que conduz à feminilidade tivesse esgotado todas as possibilidades do indivíduo... mesmo quando conseguimos fazer desaparecer o sofrimento pela solução do conflito neurótico.{49}

Que estava êle, de fato, expondo? Caso se interprete a «inveja do pênis» como os outros conceitos freudianos, à luz de nossos recentes conhecimentos, isto é, levando em conta que o que Freud julgava biológico era com frequência uma reação cultural, verificase que a cultura vitoriana dava à mulher muitas razões para invejar o homem, pois ela vivia exatamente nas condições combatidas pelas feministas. Se a mulher se visse privada da liberdade, do «status» e dos prazeres gozados pelo homem, ansiando em segredo possuí-los, na linguagem dos sonhos poderia desejar ser homem e ver-se possuidora da única coisa que o torna inequivocamente diferente — o pênis. Naturalmente aprenderia a ocultar a inveja e a ira, agindo como criança, como boneca, como brinquedo, uma vez que seu destino dependia de fascinar o homem. Mas no íntimo esses sentimentos continuariam a fermentar, levando-a a uma procura doentia de amor. Desprezando secretamente a si mesma e invejando o homem pelo que ela não podia ser, talvez fingisse amor e até adoração de escrava, mas seria capaz de um sentimento livre e cheio de alegria? Não se pode explicar a inveja feminina do homem, ou o seu desprezo por si mesma, como uma simples recusa em aceitar sua deformidade sexual, a menos que se julgue que a mulher, por natureza, seja inferior ao homem. Neste caso, seu desejo de igualdade é neurótico.

É fato agora reconhecido que Freud nunca deu muita atenção, mesmo no

homem, ao desenvolvimento do ego, ou personalidade — «o impulso para dominar, controlar ou chegar a termos de auto-realização com o ambiente».{50} Os analistas que se libertaram da dualidade freudiana e se reuniram a outros cientistas behavioristas no estudo da necessidade humana de evolução começaram a crer que este é o impulso básico do homem, e que qualquer interferência, em qualquer dimensão, torna-se fonte de perturbações psíquicas. O sexo é apenas uma das dimensões do potencial humano. Freud, é preciso lembrar, julgava que todas as neuroses tinham origem sexual; via a mulher unicamente em termos de seu relacionamento sexual com o homem. Mas em todos os casos em que encontrou problemas dessa natureza deve ter havido sério bloqueio de evolução, não atingindo esta a sua plena identidade humana e deixando o ser incompleto, imaturo. A sociedade de então, negando explicitamente à mulher educação e independência, impedia-a de realizar sua plena potencialidade, ou alcançar os interesses e ideais que poderiam estimular seu desenvolvimento. Freud registrou essas deficiências, mas só conseguiu explicá-las como penalidade da «inveja do pênis». Via na inveja feminina, exclusivamente, uma doença sexual. Observava que as que secretamente ansiavam ser iguais ao homem não gostariam de ser seu objeto; e parecia estar descrevendo um fato. Mas quando classificou o anseio de igualdade da mulher como «inveja do pênis» não estaria simplesmente manifestando um ponto de vista pessoal, segundo o qual a mulher jamais poderia de fato ser igual ao homem, assim como nunca possuiria seu pênis?

Freud não se preocupava com as transformações sociais, mas sim em ajudar o homem e a mulher a se adaptarem a elas. E conta o caso de uma solteirona de meia idade, que êle conseguira libertar de um complexo de sintomas que a impedia, há quinze anos, de participar da vida. Libertada desses sintomas, «mergulhou num torvelinho de atividades, a fim de desenvolver seus talentos, que não eram de modo algum insignificantes, e haurir um pouco de alegria, sucesso e aceitação antes que fosse tarde demais». Mas todos os seus esforços cessaram ao verificar que não havia lugar para ela. Já que não podia recair nos sintomas neuróticos, principiou a sofrer acidentes; luxou o tornozelo, o pé, a mão. Quando isso foi também analisado, «em vez de acidentes passou a contrair ligeiras moléstias, como tosse, dor de garganta, resfriados, inchações reumáticas, até que afinal, resignando-se à ínatividade, fêz desaparecer todos os sintomas».{51}

Mesmo que Freud e seus contemporâneos considerassem a mulher inferior por desígnio divino e natureza irrevogável, a ciência não justifica hoje tal ponto de vista. Essa inferioridade, sabemos hoje, foi causada por falta de cultura, confinamento no lar. A ciência já provou que a inteligência da mulher é igual a do homem e que ela possui capacidade idêntica em todos os setores, exceto na pura força muscular; uma teoria explicitamente baseada na inferioridade natural da mulher pareceria tão ridícula como hipócrita. Mas esta permanece a teoria freudiana, apesar da máscara de verdade sexual eterna, que disfarça hoje suas elaborações.

Uma vez que os discípulos de Freud só consideravam a mulher segundo a

imagem por êle traçada — ser inferior, infantil, desamparado, incapaz de ser feliz, exceto quando ajustada ao papel de objeto passivo do homem — desejavam ajudá-la a libertar-se da inveja reprimida e do desejo neurótico de igualdade. Queriam levála a encontrar satisfação sexual como mulher confirmando sua natural inferioridade.

Mas a sociedade, que determinou esta inferioridade, modificara drasticamente, na época em que os discípulos de Freud transportaram para a América do século XX tanto as causas como as curas da condição que Freud chamava «inveja do pênis». À luz de recentes descobertas sobre processos culturais e a evolução humana, conclui-se que as mulheres que cresceram com a liberdade, os direitos e a educação negados às suas companheiras da época vitoriana são diferentes das pacientes de Freud. Pode-se concluir também que tenham muito menos razões de invejar o homem. Mas Freud foi interpretado para a americana em termos tão estranhamente literais que o conceito de inveja do pênis adquiriu uma mística própria, como se existisse independente das mulheres nas quais fora verificado. Foi como se a imagem vitoriana da mulher segundo Freud se tornasse mais verdadeira do que a americana do século XX à qual se aplicava. A teoria freudiana da feminilidade foi adotada na América de modo tão literal que a mulher de hoje não é considerada diferente da de um século atrás. As verdadeiras injustiças contra ela então cometidas foram consideradas simples racionalizações da inveja do pênis. E as verdadeiras oportunidades que a vida lhe oferece agora, tão numerosas, comparadas às de então, proibidas em nome da mesma inveja.

A aplicação literal da teoria freudiana pode ser encontrada nestas passagens de «Mulher Moderna: O Sexo Perdido», da psicanalista Marynia Farnham e do sociólogo Ferdinand Lundberg, parafraseando *ad nauseara* nas revistas e nos cursos de preparação para o casamento, a ponto de muitas de suas declarações tornarem-se parte da verdade aceita e convencional de nosso tempo. Equacionando o feminismo com a inveja do pênis, declaram categoricamente:

> O feminismo, apesar da validade externa de seu programa político e da maior parte de seu programa social (não todo) era, no âmago, uma profunda doença... A direção dominante hoje no estudo e evolução femininos... desencoraja exatamente as características necessárias à obtenção do prazer sexual: receptividade e passividade, inclinação para aceitar a dependência sem medo ou ressentimento, com uma profunda interioridade e disposição para o objetivo final da vida sexual — impregnação...
>
> O organismo feminino não tem capacidade para atingir o bem-estar por intermédio das realizações masculinas... Foi um erro das feministas tentar colocar a mulher no caminho essencialmente masculino das realizações, distante do âmbito da procriação...
>
> A regra básica que começa a esboçar-se então é a seguinte: quanto mais culta é a mulher, mais chances tem de sofrer perturbações sexuais, de maior ou menor severidade. Quanto mais desordenada a sexualidade num determinado grupo de mulheres, menos filhos elas terão... O destino deulhes o castigo sofrido por Lady Macbeth: ficaram assexuadas, não só no que se refere à procriação, mas também às sensações de prazer. {52}

Assim os divulgadores de Freud aprofundaram cada vez mais na argamassa pseudocientífica seus preconceitos tradicionais inconscientes contra a mulher. Freud estava bem cônscio de sua tendência a elaborar uma série de deduções a partir de um único fato — método fértil e criativo, mas espada de dois gumes,

caso fosse mal interpretada a importância desse fato único. Freud escreveu a Jung em 1909:

> "Sua conjectura de que após a minha morte os meus erros serão adorados como santas relíquias divertiu-me imensamente, mas não a aceito. Pelo contrário, julgo que meus acólitos se apressarão a demolir, tão rápido quanto possível, tudo o que não seja bastante firme e seguro". {53}

Mas, com respeito à mulher, os seguidores de Freud não só endossaram seus erros como, em tortuosas tentativas para encaixar a mulher real na sua estrutura teórica, encerraram questões que êle deixara em aberto. Por exemplo, Helene Deutsch, cuja obra em dois volumes, «The Psychology of Woman — A Psychoanalytical Interpretation » (A Psicologia da Mulher — Uma Interpretação Psicanalítica), surgiu em 1944, não conseguiu interpretar todas as perturbações femininas como inveja do pênis, de modo que faz o que Freud considerava imprudente: equaciona «feminilidade» como passividade, e «masculinidade» com atividade, não só no campo sexual, como em todas as esferas da vida.

Embora reconhecendo inteiramente que a posição da mulher está sujeita a influências externas, aventuro-me a dizer que as identificações fundamentais "feminino-passiva" e "masculino-ativa" afirmam-se em todas as culturas e raças conhecidas, de formas e proporções quantitativas diversas. Muitas vezes a mulher resiste a essa característica que lhe foi dada pela natureza e; apesar de certas vantagens daí derivadas, apresenta diferentes modalidades de comportamento, que sugerem não estar inteiramente satisfeita com sua constituição... a manifestação desse desagrado, unido às tentativas para remediá-lo, resultam no "complexo de masculinidade". {54}

O «complexo de masculinidade», segundo a nova definição da Dra. Deutsch, origina-se diretamente do «complexo de castração». Assim, a anatomia continua a ser destino e a mulher permanece um «homme manque». Naturalmente a autora menciona de passagem que: «com relação à menina, porém, o ambiente exerce uma influência inibidora, tanto para suas agressões, como para sua atividade». Assim, inveja do pênis, anatomia feminina deficiente e a sociedade «parecem congregar-se para produzir a feminilidade», {55}

A feminilidade é «normal», porém, somente quando a mulher finalmente renuncia a todos os objetivos pessoais, a toda a sua «originalidade », a fim de identificar-se e realizar-se por intermédio das atividades e objetivos do marido ou do filho. Este processo pode ser sublimado de maneiras não-sexuais — como, por exemplo, na mulher que faz a pesquisa básica para as descobertas de seu chefe. A filha que dedica sua vida ao pai realiza também uma «sublimação » feminina satisfatória. Somente a atividade pessoal ou originalidade, numa base de igualdade, merece o opróbrio de «complexo de masculinidade». Esta brilhante discípula de Freud declara categoricamente que as mulheres que em 1944, nos Estados Unidos, haviam- se distinguido em atividades independentes em diversos campos fizeram-no às custas da sua realização feminina. Não menciona nomes, mas todas estariam sofrendo de «complexo de masculinidade».

Como poderiam uma jovem ou mulher madura não-psicanalista despertar

declarações tão agourentas, que na década de quarenta começaram de súbito a brotar de todos os oráculos do pensamento sofisticado?

Seria dirículo sugerir que o modo como foram aplicadas as teorias freudianas para influenciar duas gerações de mulheres cultas americanas fazia parte de uma conspiração psicanalítica. Fora iniciada por divulgadores bem intencionados e destorcistas incautos; por convertidos ortodoxos e espalhafatosos maníacos; pelos que sofreram, e os que se curaram, e os que transformaram o sofrimento em lucro; e, acima de tudo, por um aglomerado de forças e impulsos peculiares ao povo americano naquela determinada época. Na verdade, a aceitação literal da teoria freudiana da realização feminina estava em contraste tragicômico com a luta pessoal de inúmeros analistas americanos no sentido de conciliar o que observam em suas pacientes com a teoria freudiana. Esta dizia que a mulher deveria realizar-se como esposa e mãe, se conseguisse, pela análise, libertarse de seus «impulsos masculinos», e da «inveja do pênis». Mas não era tão fácil assim. «Não sei por que a americana é tão insatisfeita», insistia um analista de Westchester. «A inveja do pênis parece tão difícil de se erradicar na americana».

Um analista de Nova York, dos últimos a formar-se no próprio Instituto Psicanalítico de Viena, contou-me:

> Durante vinte anos analisei a mulher americana e me encontrei com frequência na situação de ser obrigado a sobrepor à teoria da feminilidade de Freud a vida psíquica de minhas pacientes, de um modo que não me agradava. Cheguei à conclusão de que a inveja do pênis simplesmente não existe. Observei mulheres totalmente expressivas sexualmente, organicamente e que, no entanto, não eram amadurecidas, integradas, realizadas. Tratei de uma paciente durante quase dois anos antes de descobrir seu verdadeiro problema — não lhe bastava ser dona de casa e mãe. Certo dia, sonhou que estava dando uma aula. Não pude ignorar e interpretar como inveja do pênis o forte anseio daquela dona de casa. Era a expressão de sua necessidade de auto-afirmação. Disse-lhe: "Não posso simplesmente analisar este sonho. A senhora precisa agir".

Este mesmo analista ensina a uma classe, numa clínica de pósgraduados, em importante universidade do leste: «Se o paciente não se encaixa nas regras, jogue fora as regras e ouça o paciente».

Contudo, inúmeros analistas jogaram as regras *contra* seus pacientes e as teorias freudianas tornaram-se aceitas mesmo entre as mulheres que jamais se deitaram num divã de psicanalista, limitando- se a saber o que liam ou ouviam. Até hoje não chegou à cultura popular o fato de que a crescente frustração da americana talvez não seja uma questão de sexualidade feminina. Alguns analistas, é verdade, modificaram drasticamente as teorias, a fim de ajustá-las aos seus pacientes, ou mesmo abandonaram-nas completamente. Mas tais fatos não chegaram ao domínio público. Freud foi aceito tão completa e rapidamente nos fins da década de quarenta que durante mais de dez anos ninguém levantou objeções à corrida da mulher culta para o lar. Quando finalmente as perguntas começaram a surgir, porque era óbvio que alguma coisa estava errada, foram feitas de tal modo no contexto freudiano que somente uma resposta era possível: educação, liberdade, direitos são nocivos à mulher.

A aceitação passiva da doutrina freudiana nos Estados Unidos foi causada,

em parte pelo menos, pelo alívio que trazia a questões incomodas sobre realidades objetivas. Passada a depressão de pósguerra, a psicologia freudiana tornou-se muito mais que uma ciência de comportamento humano, uma terapia para os sofredores. Transformou-se numa ampla ideologia americana, numa nova religião, enchendo o vácuo de ideias e objetivos de muitos para quem Deus, bandeira ou conta bancária não mais bastavam — e que, contudo, estavam cansados de se sentir responsáveis por linchamentos, campos de concentração e crianças esfomeadas da índia e da África. Era uma fuga conveniente da bomba atómica, de McCarthy e de todos os desconcertantes problemas que afetavam o sabor do bife, a vista do carro, da televisão a cores e da piscina do jardim. Davanos permissão para afogar as perguntas inquietantes do mundo mais vasto e dedicar-nos aos nossos prazeres pessoais. E se a nova religião psicológica — que transformava o sexo em virtude, despia o vício da ideia de pecado, e lançava suspeitas sobre as aspirações da mente e do espírito — teve um efeito pessoal mais devastador sobre a mulher do que sobre o homem, assim ninguém o planejara.

A psicologia, há muito preocupada com seu complexo científico de inferioridade, há muito obcecada com pequenas experiências de laboratório, que davam a ilusão de reduzir a complexidade humana ao simples comportamento mensurável de ratos num labirinto, transformou- se numa cruzada renovadora, varrendo as áridas planícies do pensamento americano. Freud era o líder espiritual, suas teorias, a Bíblia. E como tudo era excitante, real e importante! A misteriosa complexidade do assunto fazia parte do seu encanto, para os entediados americanos. E se algo permanecia indecifrável, quem confessaria não entendê-lo? A América tornou-se o centro do movimento psicanalítico, à medida que discípulos de Freud, Jung e Adler fugiam de Viena e Berlim e novas escolas floresciam graças às neuroses e aos dólares dos americanos.

Mas a prática da psicanálise como terapia não foi a principal responsável pela mística feminina. Esta foi criação de escritores, editores de publicações para as massas, pesquisadores de publicidade, apoiados pelos divulgadores e tradutores do pensamento freudiano em colégios e universidades. Teorias freudianas e pseudofreudianas 109 espalharam-se por toda parte, como cinzas de um vulcão. A sociologia, a antropologia, e até o estudo da história e literatura ficaram impregnados e transfigurados pela ideia freudiana. Os mais zelosos missionários da mística feminina eram os funcionalistas, que se enchiam apressadamente de teses de Freud pré-digeridas, a fim de iniciar cursos de «Educação para o Casamento e a Família». Esses cursos ensinavam às universitárias a «representar o papel» da mulher — o velho papel transformara-se em ciência. Movimentos correlatos fora dos colégios — educação dos pais, grupos de puericultura — divulgaram o novo superego psicológico por todo o país, substituindo o bridge e a canastra na vida das jovens donas de casa instruídas. E esse superego freudiano agiu sobre um número crescente de moças impressionáveis, exatamente como Freud afirmara que age o superego — perpetuando o passado.

"A humanidade nunca vive completamente no presente; as ideologias do superego perpetuam o passado, as tradições de raça e povo, que cedem com lentidão à influência do presente, às novas evoluções e, enquanto agem por intermédio do superego, representam uma parte importante na vida do homem, independente de condições económicas". {56}

A mística feminina, elevada pela teoria freudiana à uma religião científica, apresentava à mulher uma única perspectiva ultraprotetora, cerceadora e negadora do futuro. As jovens que se criaram jogando baseball, trabalhando como amas-sêcas e dominando a geometria — quase independentes, mas não muito ricas de recursos para enfrentar os problemas da era atómica — ouviram dos mais avançados pensadores de nosso tempo que deveriam voltar atrás e viver sua vida como se fossem Noras, limitadas à casa de boneca dos preconceitos freudianos. E seu respeito e temor pela autoridade da ciência — antropologia, sociologia, psicologia, gozam agora dessa autoridade — impediu-as de debater a mística feminina.

VI
O congelamento funcional O protesto feminino e Margaret Mead

EM LUGAR DE DESTRUIR OS VELHOS PRECONCEITOS que cerceavam a vida da mulher, a ciência social deu-lhes na América uma nova autoridade. Por um curioso processo circular, os estudos de psicologia, antropologia e sociologia, que deveriam ser poderosas armas na sua libertação, de certo modo cancelaram-se uns aos outros, aprisionando-a.

Nos últimos anos, sob o impacto catalítico do pensamento freudiano, psicanalistas, antropólogos, sociólogos, psicólogos sociais e outros pesquisadores das ciências do comportamento humano reuniramse em seminários e conferências em diversos centros universitários. A influência mútua aparentemente os fêz florescer, mas surgiram também estranhos produtos híbridos. À medida que os psicanalistas começaram a dar novas interpretações a conceitos freudianos, como personalidade «oral» e «anal», à luz da ideia, pedida de empréstimo à antropologia, de que processos culturais deviam estar em ação na Viena de Freud, os antropólogos partiram para as ilhas do sul, a fim de estudar a personalidade tribal de acordo com esses conceitos. Armados de «sugestões psicológicas para pesquisadores do campo etnológico», os antropólogos muitas vezes encontraram o que estavam justamente procurando. Em lugar de traduzir, peneirando, a dualidade cultural das teorias de Freud, Margaret Mead e outros pioneiros nos campos da cultura e da personalidade, endossaram o erro, adaptando suas observações antropológicas ao esquema freudiano. Mas nada disto teria tido efeito paralisador para a mulher se não fosse a aberração generalizada dos cientistas sociais americanos, chamada funcionalismo.

Centralizado, a princípio, na antropologia cultural e na sociologia e atingindo seus extremos no campo aplicado da educação familiar, o funcionalismo teve início como uma tentativa de tornar a ciência social mais «científica», pedindo emprestado à biologia a ideia de estudar instituições como se fossem músculos e ossos, em termos de «estrutura» e «função» no corpo social. Estudando uma instituição apenas em termos de sua função na sociedade, os cientistas sociais pretendiam evitar juízos não-científicos. Na prática, o funcionalismo era menos um movimento científico do que um jogo de palavras. «A função é» frequentemente traduzia-se por «a função deveria ser»; os cientistas sociais não reconheciam seus preconceitos sob o disfarce funcional, assim como os analistas não reconheciam os seus sob o disfarce freudiano. Emprestando um significado absoluto e um valor beato ao termo genérico de «papel da mulher », o

funcionalismo colocou a americana numa espécie de profundo congelamento — Bela Adormecida à espera de que um Príncipe Encantado viesse despertá-la, enquanto à sua volta o círculo mágico do mundo continuava a girar.

Os cientistas sociais, homens e mulheres, que em nome do funcionalismo apertaram esse círculo ao redor da mulher americana, pareciam também partilhar de uma certa atitude, que chamarei de «protesto feminino». Se existe algo como protesto viril — o conceito analítico adotado pelos funcionalistas para descrever a mulher que inveja o homem e deseja ser igual a êle, negando, portanto, sua condição de mulher e tornando-se mais masculina que qualquer homem — seu correspondente pode ser hoje encontrado no protesto feminino, manifestado igualmente por pessoas de ambos os sexos, que negam a verdadeira natureza da mulher, embora promovam exageradamente a «condição feminina». O protesto feminino, na sua forma mais direta, é simplesmente um meio de proteger a mulher dos perigos inerentes ao ato de assumir uma verdadeira igualdade com o homem. Mas por que o cientista social, com a superioridade de um deus, resolve proteger a mulher da dor do crescimento?

Essa proteção abafou muitas vezes o ruído de portas que se fechavam e acobertou um verdadeiro preconceito, oferecido sob o nome de ciência. Se um avô antiquado censurasse Nora porque estuda para ser física, com um «o lugar da mulher é no lar», Nora daria uma risada indignada e replicaria: «Vovô, estamos em 1963». Mas não se pode rir de um professor de sociologia, fumando o seu cachimbo; ou do livro de Margaret Mead, ou da obra definitiva em dois volumes sobre a sexualidade feminina, quando todos dizem a mesma coisa. A linguagem misteriosa e complexa do funcionalismo, da psicologia freudiana e da antropologia cultural ocultam o fato de que suas afirmativas são tão mal fundamentadas como as de vovô.

Nora sorriria da carta da rainha Vitória, escrita em 1870: «A Rainha está ansiosa por contratar alguém que saiba falar ou escrever, a fim de deter essa loucura de «direitos da mulher», com todos os seus horrores, para onde se encaminha seu frágil sexo, esquecendo todo o senso de decoro... Este é um assunto que enfurece de tal modo a Rainha, que ela chega a não conter-se. Deus fêz o homem e a mulher diferentes — que permaneça cada qual em sua posição».

Mas não sorri ao ler em «Marriage for Woman Moderns» (Casamento para a Mulher Moderna):

> Os sexos são complementares. É o mecanismo do relógio que move os ponteiros e me permite ver as horas. Serão os mecanismos mais importantes que o mostrador? ... Nenhum dos dois é superior, nem inferior. Cada qual deve ser julgado em termos de suas funções. Juntos formam uma unidade em funcionamento. Cada qual isolado é, de certo modo, incompleto. São complementares... Quando o homem e a mulher se dedicam às mesmas ocupações, ou executam funções comuns, o relacionamento complementar talvez se rompa.{57}

O livro foi publicado em 1942. As moças o estudaram no colégio nos últimos vinte anos. Sob o disfarce de sociologia, «Marriage and Family Life» (Casamento e Vida Familiar), ou «Life Adjustment» (Adaptação à Vida), com

frequência ofereciam esta espécie de conselho:

> Contudo, permanece o fato de vivermos no mundo das realidades, do presente e do futuro imediatos, onde repousa a pesada mão do passado, um mundo onde a tradição ainda tem valor e os costumes exercem uma influência mais forte do que o teorista... um mundo onde a maioria dos homens e das mulheres casam e a maioria das casadas são donas de casa. Falar sobre o que poderia ser feito se a tradição e os costumes fossem radicalmente mudados, ou o que sucederá no ano 2000 pode ser um interessante exercício mental, mas não ajuda os jovens de hoje a ajustar-se à inevitabilidade da vida, ou a erguer seu casamento a um plano mais satisfatório. {58}

Esse ajuste à «inevitabilidade da vida» nega a velocidade com que se estão modificando as condições da existência — e o fato de que muitas jovens assim ajustadas aos vinte viverão ainda no ano 2000. Este funcionalista previne especificamente contra qualquer atitude em relação às «diferenças entre homem e mulher», exceto o «ajuste» a essas diferenças conforme se apresentem. Se uma mulher, como Nora, estiver pensando numa carreira, êle agitará um dedo, pedindo cautela.

Pela primeira vez na história, um grande número de jovens americanas deíronta-se com as seguintes interrogações: devo preparar-me voluntariamente para uma carreira celibatária permanente? Ou para uma vocação temporária, a que renunciarei quando me casar e assumir as responsabilidades do lar e da maternidade? Ou tentarei conciliar o lar e uma carreira?... A grande maioria das mulheres casadas são donas de casa... Se a mulher conseguir expressar-se adequadamente através de uma profissão, e não do casamento, muito bem. Inúmeras jovens, contudo, esquecem o fato de que diversas carreiras não proporcionam meios ou oportunidades de auto-expressão. Além disso, não percebem que somente uma minoria de mulheres, —- e de homens — possui algo particularmente digno de ser manifestado.{59}

E assim Nora fica com a animadora impressão de que se escolher uma carreira terá também escolhido o celibato. Se tiver ilusões com respeito a conciliar profissão e casamento, o funcionalista previne:

> Quantos indivíduos... podem, com êxito, exercer duas profissões ao mesmo tempo? Não muitos. Uma pessoa excepcional talvez o consiga, mas não as outras. O problema de conciliar casamento e lar com uma carreira torna-se particularmente difícil uma vez que provavelmente as duas atividades demandarão qualidades de diferentes tipos. A primeira, para ter êxito, exige abnegação; a segunda, autopromoção. A primeira exige cooperação; a última, competição... Há maior chance de felicidade quando marido e mulher se complementam, do que quando existe uma duplicação de funções... {60}

E, caso Nora tivesse dúvidas com respeito à renúncia da carreira, vinha a consoladora racionalização:

> Uma mulher, para ser dona de casa eficiente, deve conhecer algo de decoração, cozinha, dietética, psicologia, fisiologia, relações sociais, recursos comunitários, roupas, equipamento do lar, instalação, higiene e uma quantidade de outras coisas... É mais um clínico geral que um especialista.
>
> A jovem que resolve dedicar-se ao lar não deve sofrer nenhum complexo de inferioridade... Pode-se dizer, como fazem algumas, que "os homens podem seguir uma profissão porque as mulheres cuidam da casa"; e ainda que as mulheres são libertadas da necessidade de ganhar

salário, ficando livres para dedicar seu tempo à questão extremamente importante de dirigir a casa, porque os homens se especializam em ganhar o pão. Ou pode-se dizer que, juntos, o profissional e a doméstica, formam uma combinação complementar inigualável.{61}

Este livro sobre o casamento *não* é o mais sutil de sua escola. É muito fácil perceber que seu argumento funcional não se baseia em nenhum encadeamento de fatos científicos (não é científico dizer «é o que é, portanto, é o que deve ser»). Mas esta é a essência do funcionalismo que penetrou toda a sociologia americana do período, fosse ou não «funcionalista» o sociólogo. Em universidades que jamais se curvariam a «aulas de interpretação» do chamado curso funcional familiar, as jovens estudavam a «análise de papéis sexuais na estrutura social dos Estados Unidos», do eminente Talcott Parsons, que não considera nenhuma alternativa para a mulher, além do papel de «dona de casa», baseado com ênfase variável em «domesticidade», «glamour» e «companheirismo».

Talvez não seja demasiado dizer que somente em casos muito excepcionais pode um homem adulto ter respeito por si mesmo e gozar do respeito alheio se não ganhar a sua subsistência numa função ocupacional bem aceit a . . . No caso da mulher, a situação é radicalmente diferente... Seu papel fundamental é o de esposa e mãe... {62}

Parsons, sociólogo respeitado e principal teórico do funcional, descreve com minúcia e profundidade as fontes de tensão nesta «segregação de papéis sexuais», e observa que o aspecto doméstico da função de dona de casa «declinou de importância, a ponto de mal se nivelar a uma ocupação de tempo integral para uma pessoa vigorosa »: que o «padrão de glamour» é «inevitavelmente associado com a juventude, com sérios resultados para o problema de adaptação, à medida que a idade avança»; e que o padrão de bom companheirismo — que inclui o cultivo das artes e o bem-estar da comunidade — sofre de falta de «status» plenamente institucionalizado.. . Somente as pessoas com muita iniciativa e inteligência conseguem adaptar-se satisfatoriamente neste sentido». Declara ainda que «é bem claro que no papel feminino adulto há bastante tensão e insegurança, de modo que se deve esperar amplas manifestações na forma de comportamento neurótico». Mas Parsons avisa:

> É possível, naturalmente, à mulher adulta seguir o padrão masculino procurando uma profissão nos campos de realização ocupacional, em direta competição com os homens de sua classe. Contudo, nota-se que, apesar da grande emancipação da mulher, que a afasta dos tradicionais padrões domésticos, somente uma pequena fração evoluiu, de fato, neste sentido. É claro também que sua generalização somente seria possível com profundas alterações na estrutura da família.

A verdadeira igualdade entre homem e mulher não seria «funcional »; o *status quo* só pode ser mantido se a esposa e mãe for exclusivamente dona de casa ou, no máximo, tiver um «emprego», e não uma carreira que lhe dê situação de igualdade com o marido. Parsons acha, portanto, que a segregação sexual é «funcional» nos termos da conservação da estrutura social vigente, o que parece **ser** a principal preocupação dos funcionalistas.

Absoluta igualdade de oportunidades é claramente incompatível com a solidariedade da família... Sempre que a mulher casada se emprega fora do lar, a grande maioria ocupa situações que não estão em direta competição com as dos homens de sua classe. Os interesses femininos, e o padrão de julgamento a eles aplicado em nossa sociedade inclinam-se muito mais na direção do adorno pessoal... Sugere-se que esta diferença seja funcionalmente relacionada com a manutenção da solidariedade da família em nossa estrutura de classes.{63}

Até a eminente socióloga Mirra Komarovsky, cuja análise funcional do processo pelo qual as meninas aprendem a «representar o papel de mulher» em nossa sociedade é de fato brilhante, não pode fugir ao rígido molde imposto pelo funcionalismo: ajuste ao *status quo*. Pois limitar o seu campo de pesquisa à função de uma instituição em determinado sistema social, sem considerar quaisquer alternativas, prevê número infinito de racionalizações de todas as desigualdades e desníveis daquele sistema. Não surpreende que os cientistas sociais tenham começado a confundir sua função com a de ajudar o indivíduo a «ajustar-se ao seu papel» naquele sistema.

Uma ordem social só pode funcionar quando a grande maioria consegue ajustar-se ao seu lugar na sociedade e realizar as funções que se espera de cada um... As diferenças de educação entre os sexos... relacionam-se, evidentemente, com seus respectivos papéis na vida adulta. A futura dona de casa pratica para a sua função no lar, mas o menino se prepara para a sua recebendo mais independência fora de casa, distribuindo jornais, ou trabalhando durante as férias. Um chefe de família lucrará habituando-se à independência, ao mando, à agressividade e à competição.{64}

O risco da «educação tradicional» das meninas, segundo esta socióloga, é sua possível falha em «desenvolver na menina a independência, os recursos interiores e o nível de auto-segurança que a vida dela exigirá» — em seu papel de esposa. E segue o aviso:

> Mesmo que os pais corretamente (sic) considerem sem valor alguns atributos convencionais do papel feminino, criarão para a menina certos perigos, se a forçarem a afastar-se muito das atitudes aceitas em seu tempo... As medidas tomadas pelos pais no sentido de preparar as filhas às exigências económicas e responsabilidades familiais da vida moderna talvez despertem aspirações e desenvolvam hábitos que entrem em conflito com determinadas facetas de seu papel feminino, conforme hoje definido. A própria educação, que deve transformar a dona de casa diplomada em fermento cultural da família e da comunidade, pode nela desenvolver interesses, frustrados por outros aspectos da vida doméstica... Corremos o risco de despertar interesses e habilidades que vão de encontro à atual definição de feminilidade.{65}

E prossegue citando o caso recente de uma jovem que desejava ser socióloga e estava noiva de um rapaz que não queria que sua mulher trabalhasse fora. A própria moça esperava não encontrar emprego no ramo da sociologia.

> "Um emprego pouco satisfatório tornaria mais fácil ceder eventualmente aos desejos de seu futuro marido. As necessidades do país em relação a especialistas, a incerteza quanto ao futuro e seus interesses do momento não pesaram contra a resolução de aceitar um emprego rotineiro. Somente o futuro dirá se a decisão foi prudente. Se o noivo regressar da guerra, se o casamento se realizar, se êle conseguir sustentar a família sem sua ajuda, se seus desejos

frustrados não eclodirem, ela não lamentará sua decisão...

No atual momento histórico; a jovem melhor ajustada é provavelmente aquela bastante inteligente para se sair bem nos estudos, mas não com demasiado brilhantismo... competente, mas não em setores relativamente novos para as mulheres; capaz de ganhar a vida, mas não a ponto de competir com o homem; capaz de executar corretamente uma tarefa (no caso de ficar solteira ou ser obrigada a trabalhar), mas não identificada com uma profissão, a ponto de necessitá-la para a sua felicidade".{66}

Assim, em nome do ajuste à definição cultural de feminilidade — na qual esta brilhante socióloga obviamente não crê (a palavra «corretamente» a traiu) termina virtualmente endossando a *infantilização* da americana, até o ponto em que «a transição do papel de filha para o de esposa se torne mais difícil para ela do que para o filho».

Essencialmente conclui-se que, enquanto a mulher permanecer "infantil", menos capaz de tomar decisões, mais dependente dos pais para a iniciação e orientação no comportamento e atitudes, mais presa a eles, a ponto de achar difícil separar-se, ou enfrentar sua desaprovação, mostrar indícios de pouca emancipação emociona^ terá maiores dificuldades que o homem em habituar-se à norma cultural de lealdade primária à família que ela mais tarde estabelecer. É possível, naturalmente, que o único efeito da superproteção seja a criação de uma dependência generalizada, que se transferirá para o marido e lhe permitirá aceitar mais prontamente o papel de esposa numa família que apresenta ainda várias características patriarcais.{67}

A socióloga descobre em diversos estudos evidências de que as universitárias são na verdade mais infantis, mais dependentes e presas aos pais que os rapazes, e não crescem aprendendo a agir sozinhas. Mas não acha provas — baseada em vinte textos psiquiátricos — de que haja mais problemas com os sogros da mulher que com os do marido. É óbvio que apenas com tais provas um funcionalista poderia tranquilamente pôr em dúvida a deliberada infantilização da jovem americana!

O funcionalismo foi uma fácil saída para os sociólogos americanos. Não pode haver dúvidas de que descreviam as coisas «como elas eram». Mas, ao fazê-lo, livravam-se da responsabilidade de tirar dos fatos a teoria, ou de procurar uma verdade mais profunda. Livravam-se também da necessidade de formular perguntas e respostas que seriam inevitavelmente controvertidas (numa época em que nos círculos académicos, assim como em todo o país, a controvérsia não era bem aceita). Presumiram um presente eterno, baseando seu raciocínio na negação da possibilidade de um futuro diferente do passado. É claro que este raciocínio só se sustentaria enquanto o futuro não mudasse. Conforme C. P. Snow observou, a ciência e os cientistas voltam-se para o porvir. Os cientistas sociais, sob o estandarte do funcionalismo, estavam tão fixados no presente que chegaram a negar o futuro; suas teorias reforçaram os velhos preconceitos, impedindo mudanças.

Os próprios sociólogos chegaram recentemente à conclusão de que o funcionalismo era «embaraçoso» porque, afinal, nada tinha a oferecer. Kingsley

Davis observou em seu discurso sobre «Thé Myth of Functional Analysis as a Special Method in Sociology Anthropology » (O Mito da Análise Funcional como Método Especial de Sociologia e Antropologia), na Associação Americana de Sociologia, em 1959:

> Durante mais de trinta anos a "análise funcional" vem sendo debatida entre sociólogos e antropólogos... Por mais estratégica que tenha sido no passado, tornou-se agora mais um empecilho que um impulso ao progresso científico... A afirmação de que o funcionalismo não pode realizar transformações sociais porque supõe uma sociedade estática integrada é verdadeira por definição...{68}

Infelizmente, o objeto feminino da análise funcional foi por ela profundamente afetado. Numa época de grandes mudanças para a mulher, quando a educação, a ciência e a sociologia deveriam ajudá- la a transpor essas alterações, o funcionalismo transformou «o que era», ou «o que é» em «o que deveria ser». As que manifestaram o protesto feminino, e exageraram a importância do fato de ser mulher, em nome do funcionalismo, ou por qualquer conjunto de razões pessoais ou intelectuais, fecharam as portas do futuro para o sexo feminino. Em toda essa preocupação de ajuste uma verdade ficou esquecida: a mulher estava sendo adaptada a um estado inferior às suas capacidades. Os funcionalistas não aceitaram inteiramente o argumento freudiano de que «Anatomia é destino», mas aceitaram com entusiasmo uma definição igualmente restritiva: a mulher é o que a sociedade afirma que ela seja. E a maioria dos antropólogos funcionalistas estudava sociedades nas quais o destino da mulher era definido pela anatomia.

A mais poderosa influência sobre a mulher moderna, tanto em termos de funcionalismo, como de protesto feminino, foi Margaret Mead. Sua obra sobre a cultura e a personalidade, — livros e estudos — tem influenciado profundamente as mulheres de minha geração, as da anterior e as da que está agora em formação. Margaret Mead era e ainda é o símbolo da pensadora americana. Escreveu incansavelmente nos trinta e poucos anos desde «Conning of Age in Samoa» (Maioridade em Samoa), 1928, até seus últimos artigos sobre a mulher americana, no *New York Times Magazine,* ou *Redbook*. É estudada por meninas que fazem cursos de antropologia, sociologia, psicologia, educação e vida conjugal e familiar; nos cursos superiores, por todos os que um dia ensinarão e orientarão a mulher; em escolas de medicina, por futuros pediatras e psicólogos; e até em seminários, por jovens ministros avançados. É lida nas revistas femininas, e nos suplementos dominicais, com tanto interesse como nas revistas científicas. Margaret Mead é sua própria melhor divulgadora, e sua influência vem-se fazendo sentida em quase todas as camadas do pensamento americano.

Mas esta influência sobre a mulher tem sido um paradoxo. Uma mística toma o que lhe convier de qualquer pensador da época. A mística feminina poderia ter haurido de Margaret Mead sua visão da. infinita variedade de padrões sexuais e a enorme plasticidade da natureza humana, visão baseada nas diferenças de sexo e temperamento que encontrou em três sociedades primitivas: a

Arapesh, onde tanto os homens como as mulheres eram «femininos» e «maternais », na personalidade e na passividade sexual, uma vez que ambos foram educados para não se mostrarem agressivos, cooperarem e serem sensíveis às necessidades e exigências dos outros; a Mundugumor, onde tanto o marido como a mulher eram violentos, agressivos, positivamente sexuados, «masculinos»; e a Tchambuli, onde a mulher era o elemento dominante, impessoal, nas decisões, e o homem dependente emocionalmente e menos responsável.

Se essas atitudes temperamentais, que tradicionalmente consideramos femininas — tais como passividade, simpatia e inclinação para cuidar das crianças — podem tão facilmente ser atribuídas aos homens de uma tribo, e em outra serem consideradas ilegais para a maioria das mulheres, não temos bases para encarar tais aspectos de comportamento como relacionados ao sexo... O material permite-nos afirmar que, senão todos, pelo menos vários dos traços da personalidade que consideramos masculinos ou femininos têm tão pouco a ver com o sexo como as roupas, as maneiras e os penteados de uma sociedade em determinado período.{69}

Dessas observações antropológicas, Margaret Mead poderia ter transmitido à cultura popular uma visão verdadeiramente revolucionária da mulher livre, afinal, para se realizar plenamente em uma sociedade que substituía- as definições sexuais arbitrárias por um reconhecimento dos dons individuais genuínos de ambos os sexos. Margaret Mead teve mais de uma vez esta visão:

> Onde a função de escritor é aceita como profissão facultada a ambos os sexos, os indivíduos que têm essa habilidade não serão,, nem precisarão ser embaraçados por considerações desse tipo, ninguém duvidará de sua masculinidade ou feminilidade... E é aqui que encontramos as bases para a construção de uma sociedade que substituiria diferenças reais por arbitrárias. Devemos reconhecer que sob as classificações superficiais de sexo e raça existem as mesmas potencialidades, geração após geração, e que estas somente perecerão quando a sociedade para elas não mais encontrar um lugar.
>
> Assim como a sociedade permite agora a prática de uma arte a pessoas de ambos os sexos, poderia também permitir o cultivo de dotes temperamentais contrastantes para o homem e a mulher, abandonando suas tentativas de forçar os meninos a lutar e as meninas a serem passivas, ou todas as crianças a brigar... Nenhuma criança deveria ser amoldada segundo determinado padrão de comportamento. Diversos deveriam existir em uma sociedade que aprendeu a permitir a cada indivíduo a regra de conduta mais adaptada aos seus dotes.{70}

Mas não foi esta a visão que a mística pediu emprestada a Margaret Mead, e nem é a que ela continua a oferecer. Em seus escritos, a interpretação torna-se gradativamente difusa, transformando- se numa sutil glorificação da mulher em seu papel feminino, definido pela função biológica sexual. De vez em quando parece esquecer seus conhecimentos antropológicos sobre a maleabilidade da personalidade humana e consultar dados antropológicos do ponto de vista freudiano — a biologia sexual tudo determina, anatomia é destino. Outras vezes parece argumentar em termos funcionais: embora o potencial da mulher seja tão grande e variado como o próprio e ilimitado potencial humano é melhor conservar as limitações biológicas sexuais determinadas pela cultura. Às vezes diz ambas as coisas na mesma página e até emite uma nota de aviso, prevenindo

contra os perigos que a mulher enfrenta ao procurar realizar dotes humanos que a sociedade definiu como masculinos.

A diferença entre os sexos é uma das importantes condições sobre as quais edificamos a imensa variedade de culturas humanas, que dão aos seres dignidade e estatura... Às vezes uma qualidade é designada para um sexo, às vezes para outro. Às vezes julga-se que os meninos precisam de carinho especial, por serem muito vulneráveis, às vezes são as meninas... Há quem considere as mulheres demasiado frágeis para trabalhar fora de casa, outros as julgam capazes de suportar grandes fardos "por terem a cabeça mais forte que a dos homens"... Algumas religiões, inclusive as europeias tradicionais, deram à mulher um papel inferior na hierarquia religiosa, outras basearam todo o seu relacionamento simbólico com o mundo sobrenatural em imitações masculinas das funções naturais a mulher... Estejamos lidando com assuntos insignificantes ou importantes, com as frivolidades de enfeites e cosméticos, ou a santidade da posição do homem no universo, achamos muitas vezes inteiramente contraditória essa variedade onde foram calcados os papéis de ambos os sexos.

Mas padrões encontramos sempre. Não conhecemos cultura que afirme não existir diferença entre o homem e a mulher, exceto na maneira de contribuir para a formação da geração seguinte; e não diga que em todos os sentidos sejam simples seres humanos, com diferentes dotes, nenhum dos quais exclusivamente limitados a este ou àquele sexo.

Estaremos diante de algo inevitável, de tão enraizado em nossa natureza biológica de mamíferos, que não ousamos escarnecer, temendo penalidades sociais ou individuais? Ou de algo que, embora não tão profundamente enraizado, seja ainda socialmente conveniente e aceito, a ponto de não se tornar económico abandoná-lo — algo que afirme, por exemplo, ser mais fácil ter filhos e criá-los se estilizarmos de maneira bem diversa os dois sexos, ensinando-lhes a caminhar, a vestir e a agir de maneiras contrastantes, e a especializar-se em diferentes tipos de trabalho?{71}

É preciso indagar também: quais as potencialidades dos diferentes sexos?... Se os meninos precisam enfrentar e assimilar o choque de saber que jamais terão um filho, com a certeza e a irrevocabilidade que são direitos inatos da mulher, de que modo isso os torna mais ambiciosos, e mais dependentes de realizações? Se as meninas têm um ritmo de crescimento que revela que seu próprio sexo lhes parece a princípio menos seguro que o de seus irmãos, dando-lhes uma falsa inclinação para realizações compensadoras, que morrem quase sempre ante a certeza da maternidade, isto não significa provavelmente uma limitação de suas ambições? Mas que outras potencialidades positivas existem ainda?{72}

Nesses trechos de «Male and Female» (Macho e Fêmea), livro que se tornou a pedra angular da mística feminina, Margaret Mead denuncia sua orientação freudiana, embora cautelosamente prefacie cada declaração de fato aparentemente científico com a palavrinha «se». Mas é um «se» muito significativo. Pois quando as diferenças sexuais se tornam a base da maneira de encarar a cultura e a personalidade, e quando se supõe que a sexualidade seja a

força propulsora da personalidade humana (uma suposição tirada de Freud), e quando, além do mais, como antropóloga, a pessoa sabe não existirem diferenças sexuais válidas para todas as culturas, exceto as que incorrem no ato da procriação, inevitavelmente se dará a essa diferença biológica no papel reprodutor uma importância cada vez maior na definição da personalidade feminina.

Margaret Mead não oculta o fato de que, após 1931, os padrões freudianos, baseados em zonas do corpo, faziam parte do equipamento que ela transportou em suas viagens antropológicas.{73} Assim, começou a equacionar «os aspectos afirmativos, criativos e reprodutivos da vida, dos quais repende a superestrutura de uma civilização, com o pênis, e a definir a criatividade feminina em termos da «receptividade passiva» do útero.

> Ao discutir homens e mulheres, eu me preocuparei com as diferenças primárias entre eles, as desigualdades em seus papéis reprodutores. Dos corpos destinados a funções complementares na perpetuação da raça, que diferenças surgem em capacidade, sensibilidade, vulnerabilidade? Que relação existe entre as ações do homem e o fato de que sua função reprodutora se realiza num só ato e entre as ações da mulher e o fato de seu papel reprodutor incluir nove meses de gestação e, até recentemente, vários meses de amamentação? Qual é a contribuição de cada sexo separadamente, não como uma simples versão imperfeita do outro?
>
> Vivendo no mundo de hoje, vestidos e abrigados, forçados a manifestar o sentido de nosso corpo em termos de símbolos remotos, como bengalas, guarda-chuvas e bolsas, é fácil perder de vista a proximidade do plano do corpo humano. Mas quando se vive entre povos primitivos, onde as mulheres usam apenas tangas de palha e são capazes de desfazer-se até disto para se insultarem, ou se banharem em grupo; e os homens usam somente um cordão de casca de árvore, atado bem solto... e as crianças, nada absolutamente, a comunicação básica... entre os corpos torna-se bastante real. Em nossa sociedade inventamos um método terapêutico capaz de penosamente deduzir das recordações dos neuróticos, ou das fantasias sem peias dos psicóticos, de que modo o corpo humano, como suas entradas e saídas, amoldou originalmente a visão do mundo no indivíduo em desenvolvimento.{74}

A verdade é que o conceito de «anatomia é destino» parecia particularmente apropriado ao estudo das culturas e personalidades de Samoa, Manus, Arapesh, Mundugumor, Tchambuli, Iatmul e Bali; talvez mais apropriado que nunca para a Viena de fins do século XIX, ou a América do século XX.

Nas civilizações primitivas das ilhas dos mares do sul, a anatomia era ainda destino quando Margaret Mead as visitou pela primeira vez. A teoria de Freud, segundo a qual os instintos primitivos do corpo determinavam a personalidade adulta, poderia ali encontrar demonstração convincente. Os objetivos complexos das civilizações mais avançadas, onde instinto e ambiente são cada vez mais controlados e transformados pela mente humana, não constituíam então a irreversível matriz de toda existência humana. Deve ter sido muito mais fácil considerar as diferenças biológicas entre homem e mulher como a força vital básica daqueles povos primitivos que viviam despidos. Mas somente no caso de se ir para uma ilha usando as lentes freudianas, aceitando antecipadamente o que certos antropólogos irreverentes chamam «a teoria do papel higiénico da história », é possível retirar das observações da função do corpo nu, masculino e feminino, nas civilizações primitivas, uma lição para a mulher moderna, lição que supõe poder o corpo despido determinar o curso da vida e da personalidade

humanas também numa civilização moderna complexa.

Os antropólogos de hoje estão menos inclinados a ver na civilização primitiva um laboratório para a observação de nossa própria civilização, um modelo em escala com todas as irrelevâncias apagadas. A civilização não é irrelevante a esse ponto.

Uma vez que o corpo humano é o mesmo, tanto entre as tribos dos mares do sul como nas cidades modernas, o antropólogo que inicia com uma teoria psicológica que reduz a personalidade humana e a civilização a analogias físicas é capaz de terminar aconselhando a mulher moderna a viver através do seu corpo, como as nativas dos mares do sul. O problema é que Margaret Mead não podia recriar o mundo dos mares do sul para nós — mundo onde ter filho é o pináculo da realização humana. (Se a reprodução fosse o principal e único fator da vida humana todos os homens sofreriam hoje de «inveja do útero»?).

"Em Bali, meninas de dois ou três anos caminham quase sempre com a barriguinha propositalmente saliente, e as mulheres mais idosas batem nelas de brincadeira, ao passar, dizendo: "Grávida". Assim a menina aprende que, embora sejam ainda ligeiros os sinais de seu sexo (os seios não passam de botões do tamanho dos de seu irmão, o aparelho genital, uma simples dobra invisível), algum dia ela ficará grávida, terá um filho e ter filho é uma das mais emocionantes e importantes ocupações aos olhos das 123 crianças daquele mundo simples, onde às vezes a construção mais alta não passa de quinze pés e o maior barco tem vinte pés de comprimento. Além disso, a menina aprende que terá um filho, não por ser forte, enérgica ou ativa, não porque trabalhe, lute e se esforce, mas simplesmente porque é uma menina e não um menino, e as meninas tornam-se mulheres e finalmente — caso protejam sua feminilidade — têm filhos". {75}

Para uma americana do século XX competindo num campo que exige iniciativa, energia e persistência, e no qual os homens se ressentem do seu êxito; para uma mulher com menos força de vontade e capacidade de competição do que Margaret Mead, como é tentadora essa visão dos mares do sul, onde a mulher é invejada pelo homem justamente por ser mulher!

"Segundo a visão ocidental da existência, a mulher, tirada de uma costela de Adão, pode no máximo tentar imitar a força superior e a mais alta vocação do homem. O tema básico do culto de iniciação, porém, é que a mulher, em virtude de sua capacidade de procriar, guarda o segredo da vida. O papel do homem é incerto, indefinido e talvez desnecessário. Com um grande esforço o homem descobriu o método de compensar sua inferioridade básica. Equipado de vários instrumentos misteriosos e barulhentos, cuja força reside no fato de sua forma ser desconhecida de quem os ouve (isto é, as mulheres e as crianças não devem jamais saber que se trata de flautas de bambu, ou troncos ocos...) afastam os meninos das mulheres, tachando-as de incompletas, e os transformam pessoalmente em homens. As mulheres, é verdade, fazem seres humanos, mas somente os homens podem fazer um homem". {76}

É exato que esta primitiva sociedade possuía «uma estrutura instável, protegida por infindáveis tabus e precauções» — vergonha feminina, medos vagos, indulgência pela vaidade masculina — e sobrevivia somente enquanto todos obedeciam às regras. «O missionário que mostrar as flautas às mulheres destrói a cultura». {77} E Margaret Mead, que poderia ter revelado às americanas «as flautas» de seus tabus instáveis e arbitrários, as precauções, os medos, os temores e a vaidade masculina, não usou neste sentido seus conhecimentos. Da vida como era vivida em Samoa e Bali, onde os homens invejavam as mulheres,

retirou um ideal para a americana, que deu nova realidade à instável estrutura dos preconceitos sexuais, a mística feminina.

A linguagem é antropológica, a teoria apresentada como fato é freudiana, mas o anseio é de regresso ao Paraíso Terrestre — um jardim onde a mulher só precise esquecer o «descontentamento divino» oriundo da educação para regressar ao mundo no qual as realizações masculinas se tornam simplesmente um inadequado substituto do ato de dar à luz.

O eterno problema da civilização é definir satisfatoriamente o papel masculino — seja este construir jardins ou criar gado, matar animais ou inimigos, construir pontes ou fazer transações bancárias — a fim de que o homem, no decorrer de sua vida, consiga um sólido senso de realização irreversível, do qual seu conhecimento infantil das alegrias da maternidade lhe deu uma visão. No caso da mulher, basta que a organização social vigente permita sua realização no papel biológico, para que ela alcance este senso de satisfação irreversível. Se a mulher permanece inquieta e insatisfeita mesmo em face da procriação, isto se dá por causa da educação." –

O que a mística feminina hauriu de Margaret Mead não foi a visão do grande potencial inexplorado da mulher, e sim a glorificação da função sexual feminina, que na verdade foi testada em todas as culturas, mas raro nas civilizadas, e tão prezada como o ilimitado potencial da criatividade humana, explorado principalmente pelo homem. A visão que a mística hauriu de Margaret Mead foi a de um mundo onde a mulher, pelo simples fato de ser mulher e ter filhos, merecerá o mesmo respeito concedido ao homem por suas realizações criativas — como se possuir útero e seios concedesse à mulher uma glória que o homem jamais conseguirá, embora passe a vida esforçando-se por criar. Em tal universo, tudo o mais que a mulher possa ser ou realizar é mero substituto da concepção de uma criança. A feminilidade torna-se mais do que a sua definição social; torna-se um valor que a sociedade deve proteger do ímpeto destruidor da civilização, como o búfalo em vésperas de desaparecimento.

As páginas eloquentes de Margaret Mead fizeram com que muitas americanas invejassem a serena feminilidade das nativas de Samoa e tentassem transformar-se em langorosas selvagens, seios livres de sutiens e cérebro não afetado nem mesmo por um pálido conhecimento dos objetivos do progresso humano.

A carreira biológica da mulher possui uma estrutura climática natural que pode ser sufocada, abafada, diminuída e publicamente negada, embora permaneça um elemento essencial da visão pessoal de ambos os sexos... A jovem balinesa a quem se pergunta: "Seu nome é I Tewa?" E que, erguendo- se, responde: "Sou Men Bawa" (Mãe de Bawa) está falando em termos absolutos. Ela é mãe de Bawa; Bawa pode morrer amanhã, porém ela continuará a ser sua mãe. Se êle tivesse morrido sem receber um nome, os vizinhos a chamariam de "Men Belasin", (Mãe Desolada). Sucedem-se assim, estágio após estágio, irrevogáveis, indiscutíveis, completos, os episódios da vida de uma mulher, dando à menina uma base natural para a importância de ser e não de realizar. O menino aprende que deve agir como homem realizar feitos, provar que é um menino, insistentemente, enquanto a menina aprende que, sendo menina, basta-lhe deixar de agir como seu companheiro do sexo oposto.{78}

E assim a história continua indefinidamente, até que a pessoa se pergunta — e daí? A mulher nasce, cresce, é fertilizada, tem um filho, êle cresce; isto acontece em todas as culturas, com ou sem registros, as próximas e as remotas, conhecidas apenas de alguns antropólogos. Mas basta isso para a vida da mulher moderna?

Não é negar a importância da biologia pôr em dúvida uma definição de natureza feminina tão completamente baseada na sua diferença biológica do homem. A biologia feminina, a «carreira biológica da mulher», pode ser imutável — a mesma entre as mulheres da Idade da Pedra, há vinte mil anos passados, entre as nativas de Samoa, ou as americanas do século XX — mas a natureza do relacionamento humano com a biologia modificou-se. Nosso crescente saber e a potência cada vez maior da inteligência humana deramnos um conhecimento de propósitos e finalidades que vão além das simples necessidades biológicas da fome, da sede e do sexo. Mesmo estas, nos homens e nas mulheres de hoje, não são as mesmas da Idade da Pedra e das culturas dos mares do sul, porque fazem parte de um padrão mais complexo de vida humana.

Como antropóloga, Margaret Mead sabia disso, naturalmente. E para cada uma de suas palavras de glorificação do papel feminino há outras narrando as maravilhas de um mundo onde a mulher seria capaz de atingir sua plenitude. Mas esse quadro é quase invariavelmente abafado pela cautela terapêutica e a superioridade manipulativa, típicas de tantas cientistas sociais americanas. E quando essa cautela se combina com uma possível supervalorização do poder das ciências sociais, não só para interpretar a cultura e a personalidade, como também para orientar nossa vida, suas palavras adquirem uma aura de justa cruzada — uma cruzada contra as alterações. Margaret Mead une-se aos outros cientistas funcionais na ênfase ao ajuste a uma sociedade conforme a encontramos e à **vida** segundo a definição cultural convencional das funções feminina e masculina. Esta atitude é bem explícita nas últimas páginas de *Male and Female.*

> Dar a cada sexo o que lhe é devido, isto é, o total reconhecimento de sua particular vulnerabilidade e necessidade de proteção, significa ver para além das semelhanças superficiais dos fins de infância, quando rapazes e meninas, tendo resolvido vários problemas de ajuste sexual, parecem ávidos de aprender e, portanto, capazes de aprender as mesmas coisas... Mas cada ajuste que minimize a diferença, a vulnerabilidade, de um dos sexos e a força diferencial do outro diminui a possibilidade de ambos se complementarem, o que corresponde — simbolicamente — a selar a receptividade construtiva da fêmea e a vigorosa atividade construtiva do macho, levando-os ambos, afinal, a uma versão mais monótona da existência humana, onde cada qual vê negada a plenitude que poderia alcançar. {79}
>
> Nenhum dom humano é bastante forte para florescer totalmente numa pessoa ameaçada de perder a participação no seu sexo... Por mais boa vontade que se coloque num programa onde homem e mulher serão educados para dar, por meio da cultura, sua especial e total contribuição a todo o complexo processo da civilização — seja por intermédio da medicina, do direito, das artes, da religião e das ciências — ainda assim a tarefa será muito difícil...
>
> É de valor duvidoso empenhar os dons femininos em campos reservados ao homem, caso isso o assuste, torne a mulher assexuada, abafe e distorça a sua contribuição, ou caso modifique a qualidade dos homens que trabalhem nestes setores... É loucura ignorar os sinais de aviso: as atuais condições em que a mulher é atraída — por sua própria curiosidade e impulso — evoluíram sob o mesmo sistema educacional dos meninos... e são danosas para ambos, homens e mulheres. {80}

O papel de Margaret Mead como porta-voz profissional da feminilidade teria sido menos importante se a americana tivesse copiado o exemplo de sua própria vida, em vez de dar atenção ao que ela diz nos seus livros. Margaret Mead viveu uma existência de franca contestação, e viveu-a com orgulho, embora às vezes embaraçada, como mulher. Abriu novas fronteiras para o pensamento e trouxe contribuições à superestrutura do saber. Demonstrou também uma capacidade feminina que vai muito além da procriação, abrindo caminhos onde até hoje é considerado «o mundo dos homens», sem negar sua condição de mulher. Na verdade, demonstrou em sua obra uma cultura ímpar, com a qual nenhum antropólogo poderia competir. Após tantos séculos de incontestável autoridade masculina, como parece natural proclamar uma autoridade feminina! Mas os grandes ideais humanos — liquidar as guerras, curar doenças, ensinar os novos a viverem unidos, construir novas e belas estruturas de vida — valem muito mais do que «outras tantas maneiras de dar à luz».

Não é fácil combater velhos preconceitos. Como cientista social e como mulher abalou a imagem preconceituosa do seu sexo com golpes que talvez se prolonguem para além de sua própria vida. Insistindo em que a mulher é um ser humano singular, e não um homem em que falta alguma coisa, — deu um passo além de Freud. Contudo, pelo fato de basear suas observações nas analogias físicas de Freud, cerceou sua visão, glorificando o milagre da feminilidade, que a mulher realiza sendo simplesmente fêmea, possuindo seios e um ciclo menstrual, e permitindo que os filhos suguem seu leite. Ao prevenir a mulher que procura realizar-se para além de seu papel biológico do perigo de se tornar assexuada, fêz uma opção desnecessaria, persuadindo jovens a desistir de parte de sua humanidade tão duramente conquistada, a fim de não perder a feminilidade. E no final fêz exatamente aquilo contra o qual havia prevenido as outras, recriando em sua obra o círculo vicioso que rompera com sua vida:

> Podemos subir na escala, passando das simples diferenças físicas às distinções complementares que sublinham o papel da diferença sexual e o prolongam inadequadamente a outros aspectos da vida; e a estereótipos de atividades complexas, como as que envolvem o uso do intelecto nas artes, no governo e na religião.
>
> Em todos esses complexos feitos da civilização, que são a glória do homem e dos quais depende nossa esperança de sobrevivência no mundo que construímos, houve tendência a definições artificiais que limitam uma atividade a determinado sexo e, negando a potencialidade do ser humano, limitam não só o homem e a mulher, como também o desenvolvimento da própria atividade...
>
> Eis um círculo vicioso no qual não é possível apontar princípio ou fim e onde a supervalorização do papel feminino, ou masculino, pela mulher, conduz um sexo ou o outro a negligenciar, ou até abandonar, parte de nossa duramente conquistada humanidade. Os que gostariam de romper o círculo são dele produto, manifestando alguns de seus defeitos em cada gesto, capazes de desafiá-lo, mas não de rompê-lo. Contudo, uma vez identificados e analisados, deveria ser possível criar um clima de opinião no qual os outros, um pouco menos produtos do sombrio passado pelo fato de terem sido criados empunhando uma lâmpada capaz de iluminar em todas as direções, possam por sua vez dar um passo à frente.{81}

Talvez o protesto feminino fosse uma medida necessária após o protesto viril de algumas das feministas. Margaret Mead foi uma das primeiras a alcançar

um lugar de destaque na vida americana depois da conquista dos direitos da mulher. Sua mãe era socióloga, sua avó, professora; tinha ideias próprias de mulheres plenamente humanas, recebeu educação igual a de qualquer homem e pôde dizer com convicção: é bom ser mulher, não é preciso copiar o homem, cada qual deve respeitar-se no seu papel. Ergueu, com sua vida e sua obra, um vigoroso protesto feminino. E deu um passo à frente quando incentivou a mulher moderna a optar livremente por gerar filhos e criá-los com um orgulho que negava a dor, amamentá- los ao peito e dedicar-se de corpo e alma ao seu cuidado. A mulher culta deu passo à frente na vibrante jornada — que só por isso se tornou possível — quando disse «sim» à maternidade como um objetivo humano consciente e não um fardo imposto pela carne. Pois o movimento pelo parto natural e a amamentação ao seio, inspirado por Margaret Mead, não foi absolutamente um retrocesso à maternidade primitiva. Era um apelo à americana independente, culta, decidida — e às suas companheiras da Europa ocidental e da Rússia — pois capacitava-a a dar à luz não como uma fêmea irracional, um objeto manipulado pelo obstetra, mas como uma pessoa total, capaz de controlar o corpo com a força do espírito. A obra de Margaret Mead contribuiu ainda para a humanização do sexo, talvez menos importante que o controle da natalidade e os outros direitos que equacionaram homem e mulher. Era preciso uma supercientista para recriar na vida moderna americana uma aparência das condições sob as quais o homem primitivo ciumentamente imitava a maternidade (o marido moderno faz os mesmos exercícios respiratórios da mulher que se prepara ao parto natural). Mas terá exagerado?

Não foi por sua culpa, talvez, que a interpretaram tão literalmente, tornando a procriação um culto e uma carreira, com a exclusão de qualquer outra espécie de esforço criador, ao ponto de a mulher passar a ter filhos por não conhecer nenhuma outra forma de criação. Era com frequência mencionada fora de contexto por funcionalistas de menor gabarito e pelas revistas femininas. Os que encontraram em seus trabalhos uma confirmação de seus inconfessados temores e preconceitos ignoraram não só a complexidade do conjunto da obra como o exemplo de sua vida. Com todas as dificuldades que deve ter encontrado, pioneira no campo do pensamento abstrato, domínio do homem (uma crítica de uma só linha, de *Sex and Temperament,* mostra o ressentimento de que muitas vezes foi vítima: «Margaret, já descobriu uma cultura onde os homens é que têm os bebés?»), jamais recuou no difícil caminho da auto-realização, que tão poucas trilharam no seu encalço. Com frequência disse à mulher para permanecer nesse caminho. Se esta só ouviu suas outras palavras de aviso, inclinando-se à sua glorificação da feminilidade talvez fosse por não estar muito segura de si mesma e de sua potencialidade humana.

Margaret Mead e funcionalistas menos importantes conheciam as dores e os riscos de romper velhas restrições sociais.{82} Este conhecimento foi sua justificativa para reforçar declarações sobre a capacidade feminina com o conselho de não haver competição com o homem e sim a busca do respeito e da singularidade como mulher. O conselho não era revolucionário, não abalava a

imagem tradicional, assim como não o haviam feito os conceitos freudianos. Talvez fosse sua intenção subverter a velha imagem, mas em vez disso emprestou à nova mística autoridade científica.

Por ironia, em 1960, Margaret Mead principiou a manifestar alarme pelo «regresso da mulher às cavernas» — a volta da americana a uma estreita domesticidade, enquanto o mundo estremecia às vésperas do holocausto tecnológico. Num excerto do livro intitulado «American Women: The Changing Image», publicado no *Saturday Evening Post* (março de 1962), indagava:

> "Por que regressamos, apesar dos progressos da tecnologia, ao quadro da Idade da Pedra?... A mulher voltou atrás, cada qual à sua caverna, esperando ansiosamente pelo marido e os filhos, aguardando ciumentamente o companheiro, quase de todo ignorante da vida exterior ao lar... Neste regresso à fecundidade, a culpa não lhe cabe individualmente. É o clima de opinião que se criou neste país..."

Aparentemente Margaret Mead não aceita, ou talvez não perceba, seu papel de protagonista na criação desse «clima de opinião ». Aparentemente passou por cima de grande parte do próprio trabalho, que ajudou várias gerações de americanas, «em desesperado estilo das cavernas, a dedicar toda a sua vida a uma estreita domesticidade — primeiro como escolar em devaneio, a procura de uma função, o que empresta a sua ignorância um ar comovedor, e depois como mãe e avó.. . restringindo suas atividades à preservação de sua existência pessoal, muitas vezes tediosa.

Embora pareça agora que Margaret Mead esteja procurando tirar a mulher de casa, na verdade continua a atribuir uma particularidade sexual a tudo o que ela realiza. Tentando atraí-la para o mundo da ciência como «mãe e mestra de futuros cientistas», continua traduzindo em termos de sexo as novas possibilidades que lhe são facultadas e os novos problemas com que se defronta como membro da raça humana. Mas agora «essas funções que historicamente pertencem à mulher» foram ampliadas, a fim de incluir a responsabilidade política pelo desarmamento nuclear, isto é, «o amor não só dos próprios como dos filhos do inimigo». Já que, partindo da mesma premissa e examinando o mesmo conjunto de evidências antropológicas ela atinge uma função sexual um tanto diferente, pode-se duvidar seriamente das bases em que, a seu ver, repousam as funções femininas — uma vez que ela acha muito fácil modificar as regras do jogo de uma década para a outra.

Outros sociólogos chegaram a uma espantosa conclusão: «ser mulher é, nem mais nem menos, ser humana».{83} Contudo, há um atraso cultural inerente à mística feminina. Ao tempo em que alguns sociólogos descobriram as suas falhas, os educadores dela se apoderavam como de um mágico sésamo. Em lugar de educar a mulher para a maturidade mais profunda exigida pela participação na vida contemporânea — com todos os seus problemas, conflitos e dificuldades — os educadores começaram a orientá-la para «representar o papel feminino».

VII

A educação orientada para o sexo

A HISTÓRIA JÁ VINHA ACONTECENDO HÁ DEZ OU quinze anos quando os educadores mais antiquados começaram a desconfiar. Os novos, orientados para o sexo, estranharam de alguém se mostrar admirado, escandalizaram-se por alguém ainda se escandalizar.

O choque, a surpresa para os ingênuos que tinham grandes esperanças na educação superior da mulher foi o fato de um número crescente de americanas ingressar nas universidades, e um número cada vez menor diplomar-se em física, filosofia, poesia, direito, com a intenção de ser estadistas, pioneiras sociais ou mesmo professoras de nível superior. Poucas entre as recém-diplomadas conseguiram distinguir-se numa carreira ou profissão. O número é menor que o das turmas anteriores à Segunda Guerra Mundial, a Grande Divisora. Uma cifra cada vez mais reduzida de universitárias prepara- se para qualquer profissão que exija além de um compromisso casual. Duas em três jovens que ingressam na universidade abandonam os estudos antes de terminá-los. Na década de 50, as que ficaram, mesmo as mais capazes, não demonstravam sinais de desejar algo além de ser dona de casa e mãe de família. Na verdade, os professores de Vassar, Smith e Barnard, recorrendo à métodos desesperados para despertar o interesse das alunas em *qualquer* matéria, fosse qual fosse, tinham a impressão de que elas de súbito se haviam tornado incapazes de ambição, de ideais, de paixões, exceto na busca de uma aliança de casamento. E essa busca desespeiada começava já no primeiro ano.

Por lealdade para com aquela ilusão cada vez mais fútil — a importância da educação superior para a mulher — os puristas mantiveram-se calados a princípio. Mas o desaproveitamento e a resistência a essa educação começaram finalmente a emergir nas estatísticas{84}: no afastamento de presidentes, intelectuais e educadores das universidades femininas; no desapontamento, frustração e frio ceticismo dos que permaneceram; e finalmente no ceticismo, em colégios e universidades, quanto ao valor de um investimento pedagógico em meninas ou mulheres, por mais capazes e ambiciosas que fossem aparentemente. Alguns colégios femininos fecharam as portas; professores de universidades mistas declararam que não se deviam mais desperdiçar vagas com mulheres; a diretora de Sarah Lawrence, colégio feminino de excelente gabarito, falou em abrir suas portas aos homens; a de Vassar predisse o fim de todas as grandes universidades americanas, pioneiras na educação superior para a mulher.

Quando li as primeiras alusões cautelosas ao que estava acontecendo, no

relatório preliminar do estudo psicológico, sociológico e antropológico das alunas de Vassar, realizado em 1956 pela Fundação Mellon, pensei: «Como Vassar deve ter deteriorado!»

> Severo compromisso com qualquer atividade ou carreira, exceto a de dona de casa, é raro. Várias estudantes, talvez um terço, estão interessadas em diplomar-se e seguir carreiras como a do magistério, por exemplo. Contudo, poucas pretendem continuar, caso isso entre em choque com as exigências da família... Em relação a períodos anteriores, à "era feminista", por exemplo, poucas estão interessadas em profissões exigentes, como direito ou medicina, a despeito de pressões pessoais ou sociais. Encontram-se ainda poucos exemplos de pessoas, como Edna St. Vincent Millay, completamente dedicadas à sua arte desde a adolescência, e resistindo a quaisquer tentativas de interferência"... {85}

Um relatório posterior declarava:

> "As estudantes de Vassar... estão também convencidas de que os males sociais aos poucos serão corrigidos com pequena ou nenhuma influência direta das universitárias americanas... As alunas de Vassar, em sua grande maioria, não esperam alcançar a fama, fazer uma contribuição duradoura à sociedade, ampliar fronteiras, ou criar agitação na plácida ordem das coisas... Não só o celibato é considerado uma tragédia pessoal, como os filhos essenciais a uma existência completa. A estudante de Vassar julga-se inclinada a adotar crianças, se necessário, a fim de ter uma família. Em suma, sua futura identidade é em grande parte circunscrita ao papel de esposa e mãe... Ao descrever as qualidades do marido ideal, a maioria é bastante explícita na preferência pelo homem que assumirá o papel mais importante, isto é, souber dedicar-se à carreira e tomar a maioria das decisões relativas a assuntos externos ao lar... Em sua opinião, usurpar as prerrogativas masculinas é algo desagradável, que afetaria seriamente seu futuro papel de companheira e fiel complemento do chefe da família". {86}

Notei a mudança, e bastante drástica, ao regressar a Smith em 1959, a fim de conviver com as estudantes durante uma semana e depois entrevistar jovens de colégios e universidades de todo o país.

Um estimado professor de psicologia, em vésperas de se aposentar, queixou-se:

> São bastante inteligentes. Precisam ser para chegar até aqui. Mas não se mostram interessadas. Parecem temer que os estudos atrapalhem seu casamento com jovens promissores e comprometam a criação de um bando de filhos. Não pude planejar meu seminário final para as estudantes do último ano. Inúmeros chás de panela interferiram. Nenhuma delas considerava o seminário suficientemente importante para adiar os chás.

Ele está exagerando, pensei.

Lendo um exemplar do jornal do colégio, que eu há tempos editara verifiquei que a editora de então descrevia uma **aula** sobre sistema de governo, onde quinze das vinte alunas tricotavam «com a concentração de casa de pedra de Madame Defarge. O professor, mais por desafio que a sério, anunciou que a civilização ocidental estava em vésperas de se extinguir. As estudantes voltaram aos **seus** cadernos de notas e escreveram: «Civ. ocid. terminando» sem perder uma só malha».

Por que precisarão de tais sacudidelas? — perguntei a mim mesma, recordando como nos costumávamos reunir depois da aula, discutindo o que o professor havia dito sobre Teoria Económica, Filosofia Política, História da Civilização

Ocidental, Sociologia, Ciência e a Imaginação, e até Chaucer. «Quais são os cursos que mais interessam agora?» perguntei a uma loura veterana de bata e capelo. «Física Nuclear? Arte Moderna? As civilizações africanas?» Fitando- me como se eu fosse um dinossauro, respondeu:

As moças não se interessam mais por matérias assim. Não queremos seguir carreiras. Nossos pais esperam que tenhamos um curso universitário, então todo mundo vai para a faculdade. Será um pária quem não fôr. Mas quem levar a sério o estudo, a ponto de pretender continuar e fazer pesquisas, será considerada "esquisita", pouco feminina. Acho que todas gostam de se diplomar, com um anel de brilhante no dedo. Isto é o mais importante.

Descobri uma regra tácita que proibia discussões intelectuais em alguns alojamentos de estudantes. Nos *campus,* as jovens pareciam estar sempre com pressa, correndo de um lado para outro. Ninguém, exceto alguns membros do corpo docente, reunia-se para conversar nos cafés e confeitarias. Costumávamos passar horas discutindo sobre a verdade, a arte pela arte, religião, sexo, guerra e paz, Freud e Marx, e todos os males do mundo. Uma novata disse-me friamente:

— "Não perdemos tempo com isso. Não discutimos assuntos abstratos. Geralmente conversamos a respeito de namorados. Passo três dias por semana fora do campus. Estou interessada num rapaz. Prefiro estar com êle". Uma veterana de olhos negros, vestindo um impermeável, confessou

Uma veterana de olhos negros, vestindo um impermeável, confessou confidencialmente que gostava de vaguear entre as estantes da biblioteca e «escolher os livros que me interessam».

No primeiro ano aprende-se a fugir da biblioteca. Mais tarde, porém, quando se percebe que no ano seguinte não se estará mais no colégio, de repente surge uma vontade de ler mais, conversar mais, fazer cursos difíceis que se deixaram de lado, a fim de descobrir em que se está interessada. Mas acho que nada disso importa depois do casamento. Então o principal é a casa, ensinar as crianças a nadar e a patinar, e à noite conversar com o marido. Acho que seremos mais felizes do que as antigas universitárias costumavam ser.

Essas jovens davam a impressão de que a universidade era um período a ser transposto com impaciência e eficácia, tedioso mas necessário, a fim de que a «verdadeira» vida pudesse iniciar. E a verdadeira vida era casar, morar numa bonita casa com o marido e os filhos. Seria natural esse tédio, essa pressa? Seria natural essa preocupação com o casamento? As que rapidamente negavam quajquer interesse na própria educação, dizendo com frequência «quando eu me casar», muitas vezes não estavam interessadas em nenhum rapaz, segundo descobri. As que terminavam às pressas os estudos, passando três dias por semana fora do campus, às vezes nem tinham namorado firme.

No meu tempo, as jovens populares, que passavam vários fins de semana em Yale, levavam os estudos tão a sério como os «crânios ». Mesmo que alguém estivesse séria — ou temporariamente — apaixonada, durante a semana vivia a vida do espírito, achando-a absorvente, exigente, às vezes emocionante e sempre verdadeira. Poderiam essas jovens, que agora precisam estudar muito mais,

possuir muito talento, a fim de ingressar no colégio apesar da crescente competição, estar de fato tão entediadas da vida intelectual?

Gradualmente fui sentindo a tensão, o protesto quase sombrio, o esforço proposital — ou deliberadamente evitado — por detrás da fria aparência. O tédio não era bem o que parecia. Era uma defesa, uma recusa, a envolver-se. Como a mulher que inconscientemente julga o sexo um pecado nunca está de todo presente quando executa o ato sexual, aquelas moças pareciam estar sempre ausentes. Fingiam, mas na verdade defendiam-se contra as paixões impessoais da mente e do espírito, que o colégio poderia despertar, as perigosas paixões assexuais do intelecto.

Uma bonita segundanista explicou-me:

A moda é ser muito sofisticada, não levar nada a sério. Não se entusiasmar com os estudos, nem com coisa alguma. Quem leva os estudos a sério é objeto de pena ou de ridículo. Como alguém que insistisse em cantar, sem ter voz, deixando todo mundo embaraçado. Uma esquisita.

Outra acrescentou:

Talvez motivo de compaixão. Acho que se pode estudar com seriedade sem ser considerada "intelectual", caso se faça uma pausa de vez em quando, para lembrar que o curso não é razão para histeria. Estudar com um ar de brincadeira, entende?

Uma moça com um distintivo de associação estudantil na suéter côr-de-rosa explicou:

Talvez valha a pena levar os estudos mais a sério, mas ninguém quer se diplomar e depois ir para algum lugar onde não terá a menor ocasião de usar o que aprendeu. Se o marido fôr um chefe de empresa, então vale a pena ser culta. Isto é muito importante para a sua carreira. Mas não é possível interessar-se demais pelas artes, ou coisas assim.

Uma estudante que abandonara o curso de História, apesar de estar saindo-se com brilhantismo, contou-me:

Eu adorava a matéria. Ficava tão entusiasmada com o estudo que às vezes ia às oito da manhã para a biblioteca e só saía às dez da noite. Até pensei em me matricular na escola de pós-graduação e depois no curso de direito, usar de fato a cabeça. De repente fiquei com medo do que poderia acontecer-me. Queria levar uma vida feliz e rica de valores. Queria casar e ter filhos, uma casa bonita. Então, perguntei a mim mesma: para que estou gastando meu cérebro? Este ano resolvi levar tudo na calma. Faço o curso, mas não leio oito livros, pensando ainda em ler o nono. Vou ao cinema. Ano passado foi mais difícil, mais emocionante. Não sei por que parei. Acho que perdi o entusiasmo.

O fenômeno aparentemente não está limitado a esta ou àquela universidade: surge em todos os colégios que ainda sujeitam as estudantes à existência intelectual. Uma caloura de universidade do sul contou-me:

Desde pequena vivi fascinada pela ciência. Pretendia diplomar-me em bacterologia e fazer pesquisas sobre o câncer. Agora resolvi estudar economia doméstica, pois compreendi que não vale a pena estudar coisa alguma profundamente. Se continuasse, tenho a certeza de que seria

uma dessas pessoas dedicadas aos estudos e ficaria tão ocupada nos dois primeiros anos que nunca sairia do laboratório. Eu adoraria, mas estaria, ao mesmo tempo, perdendo tanta coisa! Se as meninas saíssem para nadar à tarde eu ficaria lidando com minhas plaquetas e *slides*. Não há ninguém estudando bacteriologia aqui, eu seria a única moça numa classe de sessenta rapazes. Acabaria não me dando bem com as colegas e deixaria de gostar da ciência. Não estou muito interessada em economia doméstica, mas compreendi que é preferível integrar-me na turma, não levar os estudos tão a sério. Depois voltarei para casa e trabalharei no comércio até me casar.

Para mim não há mistério em que essas jovens resistam a um aprofundamento na vida intelectual. O surpreendente é que os educadores ainda se espantem com a resistência das alunas, ou lancem a culpa à «cultura estudantil», conforme fazem alguns. Algo a que dificilmente alguém escaparia na universidade, entre 1945 e 1960, era o interesse — e sério interesse — em assuntos além do casamento e da formação da família. Isto se desejasse ser uma pessoa normal, feliz, ajustada, feminina, com um marido próspero e uma vida sexual equilibrada. Talvez trouxesse de casa parte desta formação; parte seria aprendida com as colegas, mas o principal lhe adviria das pessoas encarregadas de desenvolver sua inteligência crítica e criativa: os mestres.

Uma mudança sutil, quase imperceptível, ocorreu na cultura académica da mulher americana, nos últimos quinze anos: a nova orientação sexual dos educadores. Sob a influência da mística feminina, alguns diretores e professores universitários, encarregados da educação da mulher, passaram a preocupar-se mais com a futura capacidade para o orgasmo sexual, do que com o uso da inteligência de suas alunas. Na verdade, alguns dos mais importantes começaram a empenhar-se conscienciosamente em protegê-las da tentação de usar a inteligência crítica e criadora pelo engenhoso método de as educar para *não serem* críticas ou criativas. Assim, a educação superior prestou sua contribuição ao processo pelo qual a americana deste período foi amoldada cada vez mais para sua função biológica e cada vez menos para a realização de sua potencialidade individual. As jovens que ingressavam na universidade não escapariam aos trechos de Freud e Margaret Mead, nem poderiam evitar um curso de «Casamento e Vida de Família», com sua doutrinação funcional sobre «como representar o papel feminino».

A nova orientação sexual na educação da mulher não era, porém, confinada a qualquer curso específico ou departamento académico. Estava implícita em todas as ciências sociais. Mais ainda: tornara- se parte da própria cultura, não só porque o professor de inglês, ou o orientador, ou o diretor da faculdade liam Freud e Mead, mas porque a educação era o principal objetivo da nova mística. Se os freudianos e os funcionalistas estavam com a razão, os educadores eram culpados de masculinizar a mulher americana, condenandoa à frustração como dona de casa e mãe, a carreiras que obrigavam ao celibato e a uma existência sem orgasmo. Era uma acusação séria e inúmeros diretores de estabelecimentos e teoristas educacionais confessaram sua culpa sem um murmúrio, caindo na linha orientada para o sexo. Houve alguns protestos, naturalmente, dos educadores antiquados, que ainda acreditavam que o intelecto era mais importante que o leito conjugal, mas estes estavam próximos à aposentadoria e breve foram substituídos por outros mais jovens, melhor doutrinados sobre sexo; ou então

estavam muito ocupados com seus estudos e não se envolviam na política geral da universidade.

O clima educacional estava pronto visando a nova linha orientada para o sexo, com ênfase na adaptação. O velho objetivo da educação, o desenvolvimento da inteligência através o domínio de disciplinas intelectuais importantes, já encontrava menos aceitação entre os educadores concentrados na criança. Teachers College e Columbia eram o campo de fermentação natural do funcionalismo. Assim como a psicologia, a antropologia e a sociologia haviam penetrado toda a atmosfera educacional, a educação para a feminilidade partiu de Mills, Stephens e das escolas de aperfeiçoamento *(onde* sua base era mais tradicional que teórica), chegando aos mais vigorosos bastiões da Ivy League, os colégios pioneiros na educação superior da americana, notáveis por seus padrões intelectuais.

Em vez de abrir novos horizontes e mundos mais vastos, o educador orientado para o sexo ensinava a adaptar-se ao mundo do lar e da criança. Em vez de ensinar verdades para combater os preconceitos populares do passado, ou métodos críticos de pensamento, servia às alunas uma sofisticada sopa de prescrições e pressentimentos, muito mais restritivos para a mente e prejudiciais para o futuro do que todo o tradicional «faça isto, não faça aquilo». Tal era executado conscienciosamente, pelos melhores motivos, por educadores que acreditavam na mística exatamente como os sociólogos a haviam ensinado. Mesmo que um professor ou diretor não considerasse a mística um verdadeiro consolo, uma confirmação de seus preconceitos, continuava sem razão para não aceitá-la.

As poucas diretoras e professoras universitárias que não seguiram a linha geral viram-se contestadas. Se eram solteiras, se não tinham filhos estavam proibidas pela mística de falar como mulher (Modern Woman: The Lost Sexe, as proibiria até de ensinar). A intelectual brilhante, que não casava, mas inspirava várias gerações de universitárias na busca da verdade, tornava-se incompetente como educadora de mulheres, não era nomeada para a diretoria do colégio feminino, cuja tradição intelectual mantivera e levara ao ápice. A educação das jovens era colocada em mãos de um homem bem apessoado, casado, melhor capacitado a orientá-las no seu papel feminino. O intelectual muitas vezes abandonava o colégio de moças para dirigir um setor de grande universidade, onde o potencial dos diplomandos eram seguramente homens, e o facínio do diploma, a busca da verdade não eram considerados empecilho à realização sexual.

Nos termos da nova mística, a intelectual era suspeita pelo simples fato de ser intelectual. Não estava apenas trabalhando para sustentar o lar; devia ser culpada de um compromisso pouco feminino para ter continuado a batalhar em sua especialidade durante tantos anos difíceis, mal pagos, até alcançar o doutorado. Em autodefesa, às vezes adotava blusas cheias de babados, ou outra qualquer versão inócua de protesto feminino. (Em congressos psicanalíticos, segundo um observador, as analistas usavam uma camuflagem de chapéus

floridos, bonitos, elegantes, que fariam qualquer dona de casa parecer, em comparação, positivamente masculina). As blusas e os chapéus gritavam: *que ninguém ponha em dúvida a nossa feminilidade.* Mas o fato é que essa feminilidade era posta em dúvida. Um famoso colégio adotou, como defesa, o *slogan:* «Não educamos a mulher para ser uma intelectual e sim dona de casa e mãe». (As próprias jovens acabaram tão cansadas de repetir o *slogan* por inteiro que o abreviaram, usando apenas as iniciais).

Ao planejar o curriculum orientado para o sexo nem todas chegaram ao extremo de Lynn White, antiga presidente do Mills College. Mas, caso partissem da premissa de que a mulher não devia ser educada como o homem e sim para o seu papel feminino, era mesmo possível acabar substituindo a química por um curso avançado de culinária.

O educador orientado para o sexo começa aceitando a responsabilidade da educação pela frustração geral e sexual da mulher americana.

Em minha escrivaninha vejo a carta de uma jovem mãe, saída há poucos anos da universidade:

> "Acabei compreendendo que me eduquei para ser um homem de sucesso e agora tenho que aprender sozinha a fazer sucesso como mulher". A inutilidade básica da maior parte do que constitui a educação feminina nos Estados Unidos não poderia ter sido expressa com maior concisão... O fracasso do nosso sistema educacional ao levar em conta essas simples diferenças básicas entre os padrões do homem e da mulher médios é em parte responsável pelo profundo descontentamento e agitação que afetam milhões de americanos...
>
> Se a mulher deseja recuperar o respeito de si mesma, aparentemente deve reverter às táticas do antigo feminismo, que negava, indignado, as diferenças inerentes às tendências emocionais do homem e da mulher. Somente reconhecendo e insistindo na importância de tais diferenças pode a mulher salvar-se, aos seus próprios olhos, de ser condenada como um ser inferior". {87}

O educador orientado para o sexo considera masculinas a nossa «superprestigiada criatividade cultural», «nossa aceitação não crítica do progresso como um bem em si mesmo», o «individualismo egoísta», a «inovação», a «construção abstrata», o «pensamento quantitativo », dos quais o símbolo assustador, naturalmente, é o comunismo, ou a bomba atómica. Contra estes fatôres, considerados femininos, estão «o senso do próximo, do imediato, dos intangíveis relacionamentos qualitativos, uma aversão às estatísticas e quantidades », «o intuitivo», «o emocional», e todas as forças que cultivam e incentivam o que é «bom, verdadeiro, belo, útil e santo».

Uma educação superior feminilizada poderia incluir sociologia, antropologia, psicologia. («Há estudos pouco relacionados com o génio vigoroso do homem», diz o protetor da feminilidade. «Dedicamse a explorar as forças tranquilas da sociedade e da mente... e abraçam as preocupações femininas, cultivando-as e acarinhandoas »). A ciência pura dificilmente aí estaria incluída (já que a teoria abstrata e o pensamento quantitativo não são femininos), ou as belas-artes, que são masculinas, «vibrantes e abstraías». As artes menores aplicadas, porém, são femininas: cerâmica, tecelagem, trabalhos executados mais com as mãos que com o cérebro. «A mulher ama a beleza tanto quanto o homem, mas deseja vê-la unida aos processos da vida.. . a mão é tão notável e

digna de respeito quanto o cérebro».

O educador assim orientado cita com aprovação o cardeal Tisserant: «A mulher deve ser educada a fim de poder discutir com o marido». O melhor é desistir completamente do treinamento profissional, insiste: todas as mulheres devem ser educadas para donas de casa. Até a economia doméstica e a ciência do lar, conforme são agora ensinadas nos colégios, tornaram-se masculinas porque «foram elevadas ao nível de treinamento profissional».{88}

Eis uma educação verdadeiramente feminina:

> "Pode-se predizer com certeza que quando a mulher principiar a exercer influência no curriculum, não só todos os colégios femininos e instituições co-educacionais facultarão aos alunos cursos nucleares sobre a Família, como daí se irradiarão séries curriculares relativas à nutrição, tecelagem, roupas, saúde, enfermagem, planejamento do lar, decoração, jardinagem, botânica aplicada e puericultura... Seria possível apresentar um curso preliminar de dietética tão emocionante e difícil de decifrar como um curso de filosofia kantiana?... Deixemos de lado a menção de proteínas, carboidratos e coisas assim. Ensinemos que brócolos supercozinhados são inferiores em sabor e contextura, como também em conteúdo de vitaminas. Por que não estudar a teoria e a preparação de uma *paella* basca, de um *shish kebob* em escabeche, de rins de carneiro *sautée au sherry,* um *curry* bem preparado, o uso de temperos, e até a sofisticada simplicidade da alcachofra servida com leite fresco?"{89}

O educador orientado para o sexo não se impressiona com o argumento de que um curriculum universitário não deveria estar contaminado ou diluído em assuntos como culinária, e trabalhos manuais, que poderiam ser muito bem ensinados ao nível secundário e depois «com maior intensidade e imaginação», às universitárias. Em sua opinião, os meninos deveriam também receber um pouco de instrução orientada para o lar, mas não no precioso tempo da universidade; nos princípios do curso secundário um treinamento manual basta para «capacitá-los a trabalhar no futuro em carpintaria, na garagem ou no jardim, rodeados de um círculo de admiradores infantis... ou então junto à churrasqueira».{90}

Este tipo de educação, feita em nome do bom ajuste, tornouse um fato em várias universidades, ginásios e colégios. Ninguém sonhava em inverter a evolução da mulher, mas não há dúvida de que a nova tendência para isso muito contribuiu. Quando os educadores americanos finalmente começaram a investigar as causas do desperdício dos recursos nacionais de inteligência descobriram que os Einsteins, Schweitzers, Roosevelts, Edisons, Fords, Fermis e Frosts perdidos eram do sexo feminino. Apenas metade dos mais brilhantes diplomandos americanos seguia para a universidade. Da metade que interrompia os estudos, *dois em três eram meninas.* {91} Quando o Dr. James B. Conant percorreu o país com a finalidade de descobrir o que havia de errado na educação secundária americana, verificou que um número excessivo de estudantes ingressava em cursos práticos fáceis, a fim de evitar esforço intelectual. A maioria dos que deveriam — mas não estavam — estudando física, álgebra avançada, geometria analítica e línguas em quatro anos eram moças. Tinham inteligência e um talento especial não orientado para o sexo, mas haviam sido instruídas no sentido de que esses cursos não eram «femininos».

Às vezes uma jovem queria estudar uma matéria difícil, mas ouvia de um orientador ou professor que seria perda de tempo. Foi o que aconteceu a uma aplicada aluna de secundário, que desejava ser arquiteta. A orientadora aconselhou-a com insistência a não fazer o curso, baseada no fato de serem raras as mulheres na profissão. Teimosa, inscreveu-se em duas universidades com curso de arquitetura e ambas, para sua surpresa, a aceitaram. A orientadora disse então que, embora aceita, não havia futuro para uma mulher na arquitetura: passaria a vida numa sala de desenho. E aconselhou-a a ir para um colégio onde os cursos seriam mais fáceis e onde aprenderia todo o necessário para a vida de casada.{92}

A influência da educação orientada para o sexo foi talvez mais insidiosa ao nível do secundário do que nas universidades, pois muitas das que sofreram então sua influência jamais chegaram ao curso superior. Obtive um plano de aula de um desses cursos de adaptação à vida, ensinados agora nos ginásios do bairro onde moro. Intitulado «The Slick Chick» (A Garota Bacana), oferece conselhos práticos a meninas de onze, doze e treze anos, para saídas com rapazes — num reconhecimento forçado e prematuro de sua função sexual. Embora muitas ainda não tenham nada com que encher um soutien, recebem o conselho de não usar suéter sem êle, e não esquecer da combinação, para que os meninos não vejam através das saias. Não é para admirar que no segundo ano de faculdade várias estudantes que se destacaram no ginásio se tornem cada vez mais cônscias de seu papel sexual, se aborreçam com as matérias que devem estudar e só tenham uma ambição: casar e ter filhos. Não se pode deixar de pensar — especialmente quando algumas engravidam no segundo ano do secundário e casam aos quinze ou dezesseis anos — que foram educadas prematuramente para a função sexual, enquanto suas outras habilidades ficaram ignoradas.

Esta atrofia de meninas inteligentes ocorreu no país inteiro. Dos 10% mais brilhantes entre os diplomandos de Indiana em 1955, somente 15% dos rapazes não prosseguiram os estudos; entre as meninas, 36%. 10 Exatamente numa época em que uma educação mais apurada torna-se necessária para quase todos os que desejam uma verdadeira função em nossa sociedade em expansão, *a proporção de mulheres entre os estudantes universitários tem declinado de ano para ano.* Na década de cinquenta, as mulheres também abandonavam as universidades mais depressa que os homens: apenas 37% diplomavam- se, contra 55% dos homens.{93} Na década de sessenta, era igual a proporção de rapazes que abandonavam as faculdades.{94} Mas nesta era de séria competição por vagas a jovem que ingressa, na proporção de uma para dois rapazes, é «mais altamente selecionada» e menos capaz de abandonar os estudos em consequência de fracasso académico. As mulheres se afastam, conforme diz David Riesman, ou para casar, ou por temer que demasiada cultura seja um «empecilho para o casamento». A idade média para primeiro casamento, nos últimos quinze anos é a mais baixa na história dos Estados Unidos e de todos os países ocidentais, quase tão baixa como a dos países chamados subdesenvolvidos. Nas jovens nações da África e Ásia, com o advento da ciência e da educação, a idade para casar está começando a subir.

Hoje, graças em parte à educação orientada para o sexo, a média anual do aumento de população nos Estados Unidos está entre as mais altas do mundo — quase o triplo das nações europeias ocidentais, quase o dobro da do Japão e próxima às da África e índia.{95}

Os novos educadores desempenharam um papel duplo nessa tendência: educaram ativamente a mulher para as funções sexuais (que talvez pudesse cumprir sem essa educação, que a impede de evoluir também em outros sentidos), e abdicaram de sua responsabilidade nessa formação, no sentido estritamente intelectual. Com ou sem cultura, ela é capaz de cumprir seu papel biológico e gozar do amor sexual e da maternidade. Mas sem estudos, nem o homem nem a mulher cultivarão interesses para além dos biológicos.

A educação deveria, e pode, «tornar a pessoa mais aberta a novas experiências, com visão mais ampla, independente e disciplinada na maneira de pensar, profundamente comprometida com uma atividade criativa, imbuída de convicções baseadas na compreensão do mundo e na integração de sua personalidade».{96} *A* principal barreira a esta evolução na jovem é sua rígida concepção do papel feminino, que os educadores orientados para o sexo reforçam, ou explicitamente, ou não assumindo sua responsabilidade em derrubá-la.

Tal impasse criado pela nova orientação é revelado pelo profundo estudo de mil páginas, «The American College» (A Universidade Americana), onde «fatôres motivacionais do ingresso nas universidades » são analisados graças a uma pesquisa feita entre 1045 rapazes e 1925 moças. O estudo reconhece a necessidade de ser independente e identificar-se com a sociedade, não primordialmnte através da função sexual, e sim por intermédio do trabalho; e isso é que faz com que os rapazes evoluam na universidade. Entre as moças, a fuga à evolução é explicada pelo fato de sua identificação ser de ordem exclusivamente sexual. A própria universidade é considerada pela jovem não como um meio para a obtenção de uma identidade mais ampla e sim como uma «disfarçada válvula de escape dos impulsos sexuais».

A questão da identidade para o menino é, em primeiro lugar, ocupacional e vocacional enquanto que a autodefinição para a menina depende mais diretamente do casamento. Uma série de diferenças daí resultam. A identidade da menina concentra-se mais exclusivamente em seu papel sexual — com quem se casará, que espécie de família terá; já a autodefinição do menino concentra-se em dois núcleos — será marido e pai (identidade sexual), mas também e principalmente um profissional. Segue-se uma diferença relativa, particularmente importante na adolescência: a identidade ocupacional é em todos os sentidos uma questão de escolha pessoal, que pode começar cedo e para a qual todos os recursos de um planejamento racional são orientados. O menino começa a refletir e fazer planos muito cedo em relação a esse aspecto da sua identidade... Quanto à menina, cuja identidade sexual é tão crítica para o seu desenvolvimento, não pode exercer este esforço consciente e ordeiro. É uma questão romântica e misteriosa, cheia de fantasia, mística, ilusão. Uma jovem

pode adquirir certos talentos superficiais, assim como exercer atividades da função feminina, mas será considerada desgraciosa se seus esforços forem demasiado aparentes. O verdadeiro cerne do ajuste feminino — viver intimamente com o homem amado — é uma perspectiva longínqua, para a qual não há ensaio. Notamos que meninos e meninas, quando adolescentes, têm maneiras diferentes de encarar o futuro; os primeiros planejam e preparam-se de modo ativo para sua identidade profissional, aparentemente jogando com alternativas, a fim de descobrir a função que melhor se adaptará aos seus gostos e interesses pessoais, características de temperamento e necessidade. As meninas, pelo contrário, entregam-se muito mais a fantasias, principalmente sobre rapazes, popularidade, amor e casamento.

O sonho com os estudos aparentemente serve de substituto para uma preocupação direta com o casamento: as meninas que não pretendem fazer curso superior têm um desejo mais explícito de casar, um senso mais desenvolvido de seu papel sexual, uma percepção mais franca de sua sexualidad e . . . A fantasia como válvula de escape para os impulsos sexuais segue a concepção psicanalítica geral, segundo a qual os impulsos que não são diretamente manifestados procuram uma maneira disfarçada de gratificação.{97}

Não ficaram surpreendidos, portanto, quando 70% das calouras de uma universidade do meio-oeste responderam à pergunta «Que espera obter da faculdade?» com «O homem da minha vida», entre outras coisas. Houve também respostas que indicavam o desejo de sair de casa, viajar; e algumas, relativas a ocupações possíveis, podiam ser interpretadas como «curiosidade pelos mistérios sexuais».

Universidade e viagens são alternativas de um interesse mais franco pela sexualidade. As jovens que interrompem os estudos no ginásio estão mais próximas de assumir um papel sexual adulto em casamentos prematuros, e têm uma concepção mais evoluída de seus impulsos sexuais. As que ingressam na universidade adiam, por outro lado, a realização direta e a fixação da sua identidade sexual, pelo menos por algum tempo. Nesse intervalo, a energia sexual é convertida e gratificada por intermédio da fantasia, que se fixa nos estudos, nos encantos da vida universitária e na sublimação de uma experiência sensual generalizada.{98}

Por que consideram os educadores as meninas, e somente elas, em termos tão completamente sexuais? Os adolescentes também têm mais impulsos, cuja realização será adiada pelos estudos. Mas, no que respeita ao sexo masculino, os educadores não se preocupam com a «fantasia» sexual e sim com a «realidade», esperando que os meninos alcancem uma autonomia pessoal, «comprometendo-se na esfera de nossa cultura dotada de maior valor moral — o trabalho — onde serão reconhecidos por sua capacidade e realizações». Mesmo que as imagens vocacionais e os objetivos dos meninos não sejam a princípio realísticos — e

esse estudo demonstrou que não o são — os educadores orientados para o sexo aceitam que, no caso deles os motivos, os objetivos, os interesses e as concepções infantis possam mudar. Reconhecem também que para a maioria a última chance de modificar está na universidade. Aparentemente, porém, não se espera que as meninas modifiquem e nem sequer tenham oportunidade para tal. Mesmo em colégios mistos, poucas jovens recebem a mesma educação que os rapazes. Em vez de estimular nas moças o que os psicólogos sugerem ser um desejo latente de autonomia, os educadores orientados para o sexo estimulam a fantasia sexual de realizar todos os desejos de sucesso, prestígio e identidade através do homem. Em vez de contestar o preconceito infantil, rígido e limitado do papel feminino, apóiam-no oferecendo-lhes uma vasta escolha de cursos de artes liberais, capazes de dar apenas um verniz à dona de casa, ou então estreitos programas, como «dietética institucional », muito abaixo de sua capacidade e válidos somente como ocupação temporária entre a universidade e o casamento.

Conforme os próprios educadores confessam, o estudo em nível universitário para a mulher muitas vezes não a prepara a ingressar no mundo profissional em caráter significativo; não está engrenado com possibilidades de carreira que justiquem todo o planejamento e o trabalho exigidos por um treinamento profissional superior. Com ar aprovador, os educadores afirmam que a universidade é o melhor lugar para a mulher encontrar marido. Se o *campus* é õ «melhor mercado de casamentos do mundo», conforme observou um deles, isso afeta a ambos os sexos. Professores e alunos concordam em que hoje são as moças as perseguidoras, na caçada do casamento. Os rapazes, casados ou solteiros, ali se encontram para ampliar horizontes, encontrar sua personalidade, cumprir um plano de vida; as moças, apenas para realizar sua função sexual.

Pesquisas revelam que 90% ou mais do crescente número de estudantes casadas, motivadas para o casamento pela «fantasia e necessidade de adaptar-se», estão literalmente trabalhando para sustentar o marido que termina os estudos. {99} A que abandona o ginásio ou a universidade para casar e ter filhos, ou arranjar um emprego enquanto o marido termina os estudos fica privada da compreensão e desenvolvimento mental que a educação superior deve facultar, do mesmo modo como o trabalho infantil cerceava o desenvolvimento físico da criança. E fica ainda privada de uma preparação realística para qualquer carreira ou compromisso que utilize suas habilidades e seja de alguma importância para a sociedade e ela própria.

No período em que os educadores orientados para o sexo dedicavam- se ao ajuste sexual feminino, os economistas planejavam uma revolucionária modificação nos empregos: sob o vaivém da prosperidade e das crises descobriram um declínio absoluto, em espiral, nas possibilidades de emprego para as pessoas sem cultura ou sem habilidades. Mas quando os economistas do governo, fazendo o estudo sobre o «Womanpower», visitaram as universidades, descobriram que as jovens não se sentiam afetadas pela probabilidade estatística de passarem vinte e cinco anos ou mais de sua vida adulta em empregos fora do lar. Mesmo sendo virtualmente certo que a maioria não passará a vida

unicamente como dona de casa, os educadores lhes afirmam que é melhor não fazer planos de seguir carreira, sob o risco de perturbar seu ajuste sexual.

Há alguns anos, esse tipo de educação finalmente infiltrou-se num famoso colégio feminino, que antigamente orgulhava-se do grande número de suas diplomandas que haviam representado papéis de destaque na educação, direito, medicina, artes e ciências, governo e assistência social. Este colégio contava como diretora uma ex-feminista, que começava talvez a sofrer de um ligeiro complexo de culpa à ideia de tantas jovens educadas exatamente como os homens. Um questionário distribuído entre alunas de todas as idades mostrou que a grande maioria estava satisfeita com sua educação não-orientada- para-o-sexo; uma minoria queixou-se, porém, de que os estudos as tornavam excessivamente cônscias dos direitos da mulher e da igualdade com os homens, demasiado interessadas em carreiras, vítimas da irritante sensação de que deveriam fazer algo pela comunidade, ou pelo menos continuar a ler, estudar, desenvolver suas habilidades e interesses. Por que não haviam sido educadas para serem felizes como esposas e mães de família?

A presidente, que sentia remorsos por ter aquela situação de destaque, além de uma grande família e um marido bem sucedido, e culpado ainda por ter sido ardente feminista na mocidade e progredido em sua profissão antes de casar, bloqueada pelos cientistas sociais que a acusavam de amoldar tantas jovens a uma imagem impossível, fora de moda, enérgica, exigente, visionária, pouco realística e feminina, introduziu no curriculum um curso sobre casamento e vida de família, obrigatório para todo o segundo ano.

As circunstâncias que levaram o colégio a essa decisão, dois anos mais tarde, de abandonar esse curso prático estão envoltas no maior sigilo. Ninguém oficialmente ligado à instituição quer falar. Mas um educador vizinho, êle próprio batalhador do funcionalismo, declarou com um certo desdém pelas ingénuas educadoras, que estas certamente haviam ficado escandalizadas porque todas as alunas que faziam o curso casavam muito depressa. (A classe de 1959 contava com 75 diplomandas casadas, quase um quarto das que continuaram os estudos). E acrescentou calmamente:

> Por que se afligem tanto vendo as moças casar cedo demais? Não há mal em casar jovem, uma vez que se esteja preparada. Creio que não conseguem vencer a antiga ideia de que a mulher deve desenvolver a mente. Negam isso, mas é impossível não desconfiar que ainda acreditem numa carreira para a mulher. Infelizmente a ideia de que as moças vão para a universidade a fim de arranjar marido é anátema para alguns educadores.

No colégio em questão, «Casamento e Família» voltou a ser ensinado como curso de sociologia, adaptado à análise crítica das instituições sociais em evolução, e não à ação prática, ou terapia de grupo. Mas na instituição vizinha, meu professor informante é o segundo na linha de comando de um próspero departamento de «educação familiar», treinando no momento uma centena de jovens para o ensino em cursos de orientação prática, nos colégios do estado, instituições particulares e ginásios de todo o país. Sente-se que esses novos educadores consideram-se verdadeiros cruzados, batalhando contra valores

intelectuais que não são nem terapêuticos, nem funcionais, contra a velha educação exigente, desprovida de sexo, limitada à vida da mente e à busca da verdade, que nem sequer orientava uma jovem na melhor maneira de conquistar um homem, atingir o orgasmo, ou ajustar-se ao seu papel. Meu informante entra em minúcias:

> Essas meninas estão preocupadas com namoro e sexo, com a questão de ter ou não relações antes do casamento. Talvez estejam preocupadas também com os estudos, com a carreira, mas pensam principalmente em casamento. Então, arquitetamos uma situação semelhante e a dramatizamos, a fim de ajudá-las a resolver seu problema e verificar o efeito sobre os filhos. Percebem então que não devem sentir remorsos por serem apenas donas de casa.

Quando se pede a um educador assim orientado para definir, para os não iniciados, o «ponto de vista funcional», êle apresenta geralmente um ar de defesa. Um deles declarou a um repórter:

> É muito bonito falar em generalizações intelectuais, conceitos abstratos, Nações Unidas — mas precisamos começar a enfrentar os problemas das relações interpessoais em escala mais modesta. Precisamos deixar de nos fixar tanto no mestre e mais nos alunos. O importante não é o que pensamos que eles precisam e sim o que eles julgam que precisam. Este é o ponto de vista funcional. Quando se entra numa classe, a finalidade não é mais atingir determinado objetivo, e sim estabelecer uma atmosfera agradável para os alunos, de modo que conversem livremente sobre relações interpessoais em termos básicos, e não em altissonantes generalizações. Na adolescência, as alunas têm tendências a ser muito idealistas. Julgam que poderão adquirir um novo padrão de valores, casar com um rapaz de origem diferente, sem que isso perturbe sua vida futura. Nós lhe mostramos que perturba sim e que não devem considerar levianamente um casamento misto, ou outros problemas desse tipo.{100}

O repórter perguntou então por que «Seleção do Companheiro», «Adaptação ao Casamento» e «Educação para a Vida Familiar» são ensinadas em universidade, uma vez que os professores se comprometem a não dar aulas, nenhuma matéria deve ser aprendida ou corrigida e a única finalidade do ensino é ajudar a estudante a compreender suas emoções e problemas pessoais. Depois de assistir para a revista *Mademoiselle* a um certo número de cursos sobre o casamento, concluiu: «Somente nos Estados Unidos se ouviria uma estudante dizer para outra, com absoluta ingenuidade: «Você deveria ter assistido à aula hoje! Discutimos e dramatizamos a função masculina e uns dois alunos expressaram-se francamente, de modo bastante pessoal».

A ideia da dramatização, técnica adotada em terapia de grupo, é levar os estudantes e compreender problemas «ao nível sentimental ». Emoções mais excitantes do que as em geral encontradas nas salas de aula são sem dúvida despertadas quando um professor convida uma dupla a dramatizar os sentimentos de «uma moça e um rapaz na noite de núpcias».

Existe um ar pseudoterapêutico enquanto o professor ouve pacientemente os infindáveis e complicados discursos do aluno sobre seus sentimentos pessoais («verbalização»), na esperança de despertar uma «visão de grupo». Embora o curso prático não seja terapia de grupo, é com certeza uma doutrinação de opiniões e valores por intermédio da manipulação das emoções dos alunos; e nesse disfarce manipulativo êle fica livre do raciocínio crítico exigido por outras

disciplinas académicas.

Os estudantes consideram verdades bíblicas os trechos escolhidos que explicam Freud ou mencionam Margaret Mead; não possuem ainda a bagagem de referências que provém do estudo da psicologia ou da antropologia. Na verdade, proibindo explicitamente as habituais atitudes críticas no ensino universitário, esses cursos pseudocientíficos sobre o casamento ensinam o que muitas vezes não passa de opinião popular, o *fiai* da lei científica. A opinião pode estar em moda no momento, ou já ultrapassada nos círculos psiquiátricos, mas não passa muitas vezes de um preconceito reforçado por palavreado psicológico ou sociológico e estatísticas escolhidas para lhe dar uma aparência de verdade científica indiscutível.

O debate sobre relações pré-conjugais conduz geralmente à conclusão de que são erróneas. Um professor apresentou suas ideias contra as relações sexuais antes do casamento ilustrando-as com estatísticas escolhidas para demonstrar que a experiência conduz a um ajuste mais difícil no casamento. O estudante ignora as outras estatísticas que combatem esse ponto de vista. Se o professor as conhece, pode ainda assim deixá-las de lado, considerando-as não funcionais («Nossa sociedade está doente. Os estudantes precisam de um tipo de conhecimento definitivo»). Segundo esse «conhecimento funcional», «somente a mulher excepcional pode dedicar-se a uma carreira com êxito». Já que a maioria das mulheres não seguia antigamente uma profissão, as poucas que o fizeram eram consideradas 148 «excepcionais» — no mesmo sentido em que um casamento misto é «excepcional» e relações pré-conjugais para a jovem são consideradas excepcionais. Todos os fenómenos que atinjam menos de 51% tem esse caráter. Toda a finalidade da educação funcional muitas vezes parece ser: o que 51% da população fizer hoje, 100% devem fazer amanhã.

Assim, o educador promove o ajuste de uma jovem dissuadindoa de qualquer compromisso não considerado «normal», como o casamento e família. Um deles vai além da dramatização imaginária; convida mães que trabalham fora a fazer palestras sobre seus sentimentos de culpa ao deixar as crianças pela manhã. As estudantes raro ouvem falar de uma mulher que tenha rompido com êxito uma convenção — a jovem médica, cuja irmã atendia aos seus clientes enquanto ela tinha seus bebes, a mãe que organizou as horas de sono dos filhos, sem problemas, de acordo com sua escala de trabalho, a feliz protestante que casou com um católico, a esposa sexualmente ajustada, cuja experiência pré-conjugal não prejudicou o casamento. Casos excepcionais não têm interesse prático para o funcionalista, embora este confesse de vez em quando que haja exceções. («Criança excepcional», em palavreado pedagógico, traz conotações de cegueira, aleijões, retardamento mental, mau génio, desafio às convenções; todo mundo que se mostrar diferente de um grupo, singular em qualquer sentido, traz uma vergonha em comum: é «excepcional»). E assim a estudante acaba decidindo não ser uma «mulher excepcional».

A conformidade é inserida de diversas maneiras na educação para ajuste à vida. O curso de preparação ao casamento é o mais fácil em quase todas as

universidades, por mais que os professores procurem dificultá-lo, exigindo muita leitura e relatórios semanais. Ninguém espera que casos verídicos (lidos sem um motivo sério não passam de novelas radiofónicas), dramatização, conversas sobre sexo em classe, ou a elaboração de ensaios para conduzir ao raciocínio crítico; esta não é a finalidade da preparação para o casamento.

O que não quer dizer que o estudo das ciências sociais resulte em conformidade para o homem ou a mulher. Dificilmente produz tal efeito quando realizado com espírito crítico, motivado pelos costumeiros objetivos de disciplina intelectual, ou quando dominado por razões profissionais. Mas, para as jovens proibidas pela mística de assumir compromissos intelectuais e de carreira, o estudo da sociologia, da antropologia e da psicologia acaba por tornar-se muitas vezes meramente «funcional». E no curso assim orientado as alunas adotam, não só literalmente e fora de contexto, mas de modo pessoal, pequenos trechos de Freud e Mead, e estatísticas sobre sexo, utilizando-os em sua própria maneira de viver. É este, afinal, o objetivo da educação de ajuste à vida. Pode acontecer entre adolescentes de qualquer curso que inclua material emocional básico e acontecerá com certeza quando esse material for propositalmente usado não para fornecer conhecimentos críticos, mas para agitar emoções pessoais. A terapia, segundo a tradição psicanalítica ortodoxa, exige a supressão do pensamento crítico (resistência intelectual), a fim de que as emoções venham à tona e sejam analisadas. Em terapia pode dar resultado, mas educação misturada com terapia será eficaz? Um só curso talvez não seja decisivo na vida de um homem ou de uma mulher, mas quando se decide que o próprio objetivo da educação feminina não será a evolução intelectual e sim o ajuste sexual, certas questões podem tornar-se cruciais.

É o caso de indagar: se uma educação orientada para o desenvolvimento da mente enfraquece a feminilidade e se a que é orientada para a feminilidade debilitará o desenvolvimento da mente. Que é feminilidade, uma vez que pode ser destruída ou cultivada, segundo se estimule ou se interrompa a evolução da inteligência? É possível até indagar em termos freudianos: que acontece quando o sexo se transforma não só em *id* para a mulher, como também em ego e superego? Quando a educação, em lugar de desenvolver a personalidade, se concentra em desenvolver as funções sexuais? Que acontece quando a educação empresta uma nova autoridade aos «deveres» que já trazem o peso da tradição, das convenções, dos preconceitos, da opinião popular — em vez de dar à mulher a capacidade do raciocínio crítico, a independência e a autonomia para contestar uma autoridade cega, nova ou velha? Em Pembroke, o colégio feminino da Universidade de Brown, em Providence, uma psicanalista visitante foi recentemente convidada a orientar um debate sobre «o que significa ser mulher». As estudantes ficaram embaraçadas quando a analista Dra. Margaret Lawrence disse em inglês singelo, sem fraseado freudiano, que era uma tolice repetir às mulheres de hoje que seu lugar é no lar, quando a maior parte do trabalho que ela costumava executar é agora feito fora de casa e quando toda a família se ausenta quase o dia inteiro. Não seria melhor que fossem educadas para se

reunirem ao resto da família lá fora, no mundo?

Isto não era o que as moças esperavam ouvir de uma psicanalista. Ao invés da costumeira lição prática, orientada para o sexo, ela alterava um dos «deveres» convencionais da mulher. E sugeria também que começassem a tomar certas decisões pessoais com respeito à educação e planos de futuro.

A lição funcional é muito mais tranquilizadora para a estudante insegura, que ainda não se libertou completamente da infância. Não contesta as convenções seguras e confortáveis; fornece-lhe uma terminologia sofisticada para aceitar os pontos de vista dos pais e da maioria, sem precisar procurar os seus próprios. Afirma-lhe que não precisa esforçar-se na faculdade — pode ser preguiçosa, seguir seus caprichos. Inútil adiar o prazer do momento em benefício de um objetivo futuro; não é preciso ler oito livros para fazer um trabalho de história, nem seguir um difícil curso de física. Poderia ficar com complexo de masculinidade. Afinal, não leu que:

> A intelectualidade na mulher é em grande parte compensada pela perda de valiosas qualidades femininas. Todas as observações apontam para o fato de que a intelectual é masculinizada, seus conhecimentos intuitivos cedem diante do frio raciocínio improdutivo.{101}

Uma jovem não precisa ser muito preguiçosa, nem muito insegura para aceitar a sugestão. Raciocinar, afinal, é um trabalho difícil. Na verdade teria que fazer um raciocínio bastante frio sobre seus conhecimentos intuitivos, a fim de contestar esta declaração cheia de autoridade.

Não é para admirar que várias gerações de universitárias americanas, cheias de inteligência e disposição, tenham recebido a mensagem dos seus orientadores e abandonado estudos e carreira para casar e ter filhos antes que se tornassem «intelectuais» e, portanto, incapazes de gozar do sexo «de modo bem feminino».

Mesmo sem a ajuda desses novos educadores a jovem inteligente e decidida aprende a acautelar-se, a «ser como as outras». Aprende a não esforçar-se não pensar muito, nem fazer demasiadas perguntas. Nos ginásios, em estabelecimentos mistos, as moças hesitam em falar na classe, por medo de serem chamadas de «génios». Este fenómeno foi verificado por diversos estudos{102}; qualquer jovem ou mulher mais brilhante pode afirmá-lo, baseada em experiência pessoal. As alunas de Bryn Mawr têm um termo especial para sua maneira de falar diante dos rapazes, diferente da que usam quando não têm medo de se mostrar inteligentes. Nos colégios mistos, as moças são consideradas — pelos outros e por si mesmas — sobretudo em termos de sua função sexual, como namoradas e futuras esposas. Procuram segurança no rapaz, em lugar de procurá-la em si mesmas, e cada ato de traição própria inclina a balança mais um pouco na direção da autodepreciação e da passividade.

Existem exceções, naturalmente. O estudo Mellon revelou que algumas veteranas de Vassar, comparadas às calouras, haviam evoluído imensamente em quatro anos, no sentido da conquista da personalidade e da auto-realização, que os cientistas sabem ocorrer aos vinte, trinta, quarenta e até cinquenta anos, muito depois que o crescimento físico terminou. Mas várias não revelaram qualquer

sinal de evolução. Foram justamente as que não quiseram envolver-se com o trabalho académico, as disciplinas intelectuais, os valores mais amplos. Resistiram ao progresso intelectual a favor de sua condição «feminina», pouco cerebrais, pouco interessadas, pouco diferentes das outras moças. Não que seus interesses sexuais interferissem; na verdade, os psicólogos tiveram a impressão de que inúmeras se mostravam «interessadas em rapazes e no casamento como uma espécie de defesa contra a evolução intelectual». Para estas, mesmo o sexo não é real — é simplesmente uma espécie de conformidade. O educador orientado para o sexo não encontraria erros nesta espécie de ajuste. Mas diante de outras evidências é possível indagar: estaria tal ajuste encobrindo o fracasso em evoluir, o qual acabará transformando- se numa deformidade?

Há vários anos, um grupo de psicólogos da Califórnia, que vinha acompanhando a evolução de 140 jovens brilhantes, notou uma súbita queda no QI de algumas adolescentes. Investigando, descobriu que, embora a maioria das curvas permanecesse no mesmo nível elevado, ano após ano, todas as variações registradas eram referentes a meninas. A queda nada tinha a ver com as transformações fisiológicas da adolescência e não se registrava em todos os casos, mas, nas fichas onde ocorria, foram encontradas insistentes declarações no sentido de que «não vale a pena ser inteligente». Essas meninas haviam de fato interrompido seu desenvolvimento mental aos quatorze ou quinze anos, de conformidade com a imagem feminina.{103}

O fato é que as jovens de hoje e os responsáveis por sua educação estão diante de um impasse. Precisam optar entre o ajuste, a conformidade, a fuga ao conflito, a terapia, ou a individualidade, a personalidade humana e a educação no seu sentido mais verdadeiro, com todas as dores do crescimento. Mas não precisam fazer a escolha errada, indicada pelos novos educadores, com seus avisos contra a perda da feminilidade e a frustração sexual. Pois o psicólogo perspicaz que estudou as alunas de Vassar descobriu evidências surpreendentes sobre as alunas que preferiram dedicar-se seriamente aos estudos. Aparentemente as veteranas que demonstraram os mais marcantes sinais de evolução eram as mais «masculinas», no sentido de serem menos passivas e convencionais; porém eram mais femininas na vida emotiva interior, e na capacidade de vivê-la. E também marcavam mais pontos, muito mais que no tempo de calouras, em certas escalas que servem para medir as neuroses. O psicólogo comentou: «Chegamos à conclusão de que a subida nessas escalas era prova de que a educação estava se processando». {104} Descobriu que jovens em conflito demonstravam maior evolução do que as ajustadas, sem ímpetos de independência. As menos ajustadas eram também as mais evoluídas — «já preparadas para maior independência e também outras transformações». Fazendo a súmula do estudo de Vassar, seu diretor não pode evitar o paradoxo psicológico: a educação torna a mulher menos feminina e ajustada — porém mais evoluída.

"Ser menos feminina está estreitamente relacionado com ser mais culta e mais amadurecida... É interessante notar, porém, que a Sensibilidade Feminina, que talvez tenha

origem na fisiologia e nas mais remotas identificações, não decresce durante os quatro anos de estudo; o comportamento e os interesses "femininos", isto é, a convencionalidade e a passividade, podem ser compreendidos como aquisições mais tardias e superficiais e, portanto, mais suscetíveis de diminuir, à medida que o indivíduo se torna mais culto e amadurecido... Pode-se dizer que se estivéssemos interessados apenas na estabilidade faríamos bem em traçar um programa para manter a caloura exatamente como ela é, em lugar de torná-la mais culta, madura e flexível em relação ao seu papel sexual. As veteranas são mais instáveis porque há mais a ser estabilizado, estão menos certas de sua identidade, vêem mais possibilidades abertas a sua frente". {105}

Depois de se diplomarem, essas jovens encontravam-se, porém, apenas a meio caminho da autonomia. Seu destino dependia de «procurar uma situação em que pudessem continuar a evoluir, ou encontrar um meio fácil, embora regressivo, de aliviar a tensão». A fuga para o casamento é o meio mais fácil e mais rápido de aliviar a tensão. Para o educador inclinado a orientar a mulher para a autonomia pessoal, o casamento é um processo regressivo. Para o orientado ao sexo, é a realização da feminilidade.

Um terapeuta de outra universidade falou-me de jovens que jamais se comprometiam, nem com os estudos, nem com qualquer atividade estudantil, declarando que ficariam desesperadas caso os pais se recusassem a deixá-las abandonar a universidade para casar com o rapaz em quem haviam encontrado «segurança». Quando, finalmente, depois de orientadas, principiaram a aplicar-se aos estudos, ou até a tomar parte em atividades extracurriculares, ou jornal do colégio, perderam a necessidade «desesperada» de segurança. Terminando os estudos, começaram a trabalhar, a sair com rapazes mais amadurecidos, e casaram-se mais tarde em bases emocionais muito diferentes.

Ao contrário do educador orientado para o sexo, esse terapeuta era de opinião que a jovem que chega quase ao ponto de esgotamento no último ano, defrontando-se com uma decisão pessoal relativa ao seu futuro — ou até a um conflito irreconciliável entre os valores e interesses que a educação lhe faculta e o papel convencional de esposa e dona de casa — é mais «sadia» do que a jovem calma, ajustada, estável, que não assimilou a cultura e passa tranquilamente do papel de filha para o de esposa, convencionalmente feminina, sem jamais despertar para uma penosa identidade individual.

No entanto, o fato é que hoje a maioria não assimila a educação, pára antes de chegar bem próximo a uma identificação. Verifiquei isto nas jovens de Smith e nas que entrevistei em outros colégios. Isto ficou bem claro na pesquisa de Vassar, que demonstrava tão logo a jovem começara sentir-se em conflito, pára de evoluir, detendo mais ou menos conscientemente o seu crescimento, a fim de representar seu papel feminino. Ou, em outras palavras, foge a novas experiências que conduzem ao desenvolvimento. Até agora este cerceamento e evasão têm sido considerados ajustes femininos normais. Mas quando o estudo de Vassar acompanhou a mulher para além do último ano de faculdade — quando se encontrava às vésperas desse passo crucial do seu desenvolvimento — até à vida pessoal, onde a maioria representava o papel convencional feminino, emergiram os seguintes fatos:

1. Vinte ou vinte e cinco anos depois da faculdade, essas mulheres encontravam- se em escala inferior a das veteranas, segundo a «Escala de Desenvolvimento » que cobre toda a gama da evolução mental, emocional e pessoal. Não perderam tudo o que conquistaram nos tempos de colégio, mas — apesar da disponibilidade psicológica para maior evolução aos vinte e um anos — não continuaram a desenvolver-se.

2. Essas jovens eram, na maioria, donas de casa, ajustadas, mães conscienciosas, ativas na comunidade. Mas, à *exceção* das profissionais, não haviam prosseguido na busca de interesses pessoais. Parece haver razões para crer que a cessação do crescimento está relacionada com a falta de compromissos individuais.

3. As que, vinte anos depois, mostraram-se mais inquietantes para o psicólogo eram as mais convencionalmente femininas — as que não se interessavam, nem mesmo na universidade, por qualquer coisa além de encontrar marido. "{106}

Na pesquisa de Vassar havia um grupo de estudantes que, no último ano, nem entraram em conflito sério, nem interromperam a evolução fugindo para o casamento. Eram as que se preparavam a uma profissão. No colégio havia interesses bastante profundos para encaminhá-las a uma carreira. O estudo revelou ainda que quase todas pretendiam casar-se, mas o casamento não era uma atividade que escolheriam obrigatoriamente, e sim algo necessário à obtenção de uma identidade pessoal. Estas estudantes tinham um nítido senso de orientação, maior grau de independência e autoconfiança que a maioria. Poderiam estar noivas, ou profundamente apaixonadas, mas não queriam sacrificar a personalidade e a carreira no caso de contraírem casamento. Junto a estas os psicólogos não tiveram a impressão, como aconteceu em relação a tantas outras, que o interesse pelos homens e o casamento era uma espécie de defesa contra o .desenvolvimento intelectual. Seu interesse por determinado rapaz era verdadeiro, mas ao mesmo tempo não interferia na educação.

Mas a que ponto a mística feminina influiu sobre os educadores americanos ficou bem claro quando o diretor do estudo de Vassar descreveu para seus colegas a jovem que «não só ganha notas altas, como apresenta fortes probabilidades de seguir carreira profissional ou liberal».

A mãe de Julie B. é professora e intelectual e a força propulsora da família... Critica o marido por ser muito bonachão. Este não se importa que a mulher e a filha tenham gostos e ideias requintados, contanto que não o envolvam. Julie torna-se não conformista, domina o irmão mais velho, sente remorsos quando não lê tudo o que devia, ou quando as médias baixam, firme na intenção de estudar para ser professora. O irmão mais velho conquista uma cátedra e Julie forma-se e casa com um rapaz diplomado em ciência natural.

Quando ela era caloura apresentamos sem interpretação os dados de uma entrevista sua a um grupo de psiquiatras, psicólogos e cientistas sociais. Julie era,

a nosso ver, uma jovem promissora. Pergunta geral: "Que há de errado com ela?" Resposta: precisaria de psicoterapia. Ficou noiva de um futuro cientista no segundo ano, tornou-se cada vez mais embaraçada por não ser intelectual, embora não negligenciasse os estudos. "Se pelo menos eu conseguisse fracassar em alguma matéria...", suspirava.

Hoje em dia é preciso ser um educador ousado para atacar a linha orientada para o sexo, pois torna-se necessário contestar em essência a imagem convencional da feminilidade. Esta imagem diz que a mulher é passiva, dependente, conformista, incapaz de raciocínio crítico ou contribuição original à sociedade; e nas melhores tradições de uma profecia realizada, a educação orientada para o sexo continua a criá-las assim, como em outros tempos a ausência de cultura que lhes dava tais características. Ninguém pergunta se uma mulher simplória, passiva, dependente — vivendo numa aldeia primitiva ou num subúrbio — goza de fato de maior ajuste sexual e é mais feliz do que a que se compromete na universidade a ter sérios interesses além da vida de família. Ninguém, até recentemente, quando os russos lançaram homens e satélites ao espaço, indagou se o bom ajuste deveria ser a finalidade da educação. Na verdade, os educadores orientados para o sexo de tal modo inclinaramse neste sentido, que seriam capazes de citar alegremente os mais agourentos fatos sobre as donas de casa americanas — seu vazio, preguiça, e desespero após os quarenta anos, quando as funções sexuais já foram cumpridas — sem se desviar nem um pouco de sua cruzada para educar todas as mulheres com essa finalidade exclusiva.

Assim, o educador orientado para o sexo dispõe dos trinta anos que a mulher provavelmente viverá depois dos quarenta com três alegres propostas:

1. Um curso sobre «A Lei e a Ordem para a Dona de Casa», a fim de ensinar-lhe, quando viúva, a lidar com seguros, impostos, e investimentos.

2. O marido poderia aposentar-se mais cedo para fazer companhia à mulher.

3. Uma rápida experiência em «serviços comunitários voluntários, política, artes, ou similares», embora, uma vez que a mulher não tem preparo, será a terapia pessoal seu principal valor. «Para dar um só exemplo, a mulher que deseje uma experiência realmente inédita talvez inicie uma campanha para livrar a cidade ou o país daquela doença do mundo moderno, o cartaz».

«Os cartazes continuarão a existir e se multiplicarão como bactérias, infestando a paisagem, mas pelo menos ela cumprirá uma enérgica educação adulta no setor da política local. Em seguida, poderá descansar dedicando-se às atividades de uma instituição beneficente no colégio onde se diplomou. Muitas antigas alunas, ao chegarem à meia-idade, encontraram novo vigor e entusiasmo identificando-se com a vida de seu colégio e dando vazão aos instintos maternais, no momento em que seus filhos já estavam crescidos, pela adoção da nova geração de estudantes que moram no *campus*».{107}

Poderia também arranjar um emprego de meio expediente, prossegue, mas não deve ocupar o lugar de homens que precisam sustentar a família. Aliás, não terá o preparo e a experiência necessárias a um emprego muito interessante.

... há grande procura de mulheres experientes e responsáveis para auxiliar outras mais jovens nos encargos familiares, em determinados dias, ou à tarde, a fim de que elas possam dedicar-se a interesses da comunidade, ou ter seus próprios empregos de meio expediente... Não há razão por que mulheres de cultura e boa educação, que de qualquer modo durante vários anos executaram trabalhos caseiros, se recusem a essa espécie de atividade em benefício dos outros.{108}

Se a mística feminina não destruiu seu senso de humor, a mulher poderá rir desta ingénua descrição da vida para a qual seus dispendiosos estudos a prepararam: uma ocasional reunião de exalunas e trabalho doméstico alheio. O triste fato é que na era de Freud, do funcional e da mística feminina poucos educadores tenham escapado à distorção sexual de seu código de valores. Max Lerner {109} e até Riesman, em «The Lonely Crowd» (A Mulher Solitária), sugeriram que a mulher não precisa procurar autonomia através de uma contribuição eficaz para a sociedade. É melhor que ajude o marido a proteger seus direitos. Uma educação assim orientada segregou as últimas gerações de americanas capazes, tão certo como uma educação do tipo «separados, mas iguais» segregou os negros americanos, negando-lhes oportunidade para se realizarem plenamente no curso da vida do país.

Dizer que nesta era de conformidade os colégios não educam ninguém é não explicar coisa alguma. O relatório Jacob {110} que lançou esta acusação contra os colégios americanos em geral, e o outro libelo ainda mais sofisticado de Sanford e seu grupo, não reconhecem que o fracasso dos colégios no sentido de educar para uma identidade além do papel sexual foi sem dúvida um fator crucial na perpetuação, senão na criação, daquela conformidade contra a qual está em moda manifestarem-se os educadores. Pois é impossível educar a mulher para dedicar-se tão cedo e tão completamente ao seu papel sexual (como dizia Freud, elas podem ser bastante ativas para alcançar um fim passivo) sem arrastar o homem à mesma confortável armadilha. Com efeito, a educação orientada para o sexo conduz, no caso da mulher, a uma falta de identidade, facilmente resolvida por um casamento prematuro. E um compromisso prematuro com qualquer função — casamento ou vocação — impede as experiências, as tentativas, os fracassos e os êxitos em diversas esferas de atividade, tão necessários para que a pessoa alcance a sua plena maturidade e identidade.

O perigo de interromper a evolução de um rapaz pela domesticidade prematura foi reconhecido pelos educadores modernos, entre os quais Margaret Mead:

Uma vida doméstica prematura é característica da maioria dos povos selvagens, dos camponeses e dos moradores urbanos pobres... Caso haja filhos, isto significa que os estudos do pai se misturam com as mamadeiras do bebé... Casamentos entre estudantes vêm domesticando

os rapazes tão cedo que eles ficam sem oportunidade para atingir seu pleno desenvolvimento intelectual. Não há tempo para dedicar-se totalmente aos estudos, fazer consultas em bibliotecas, realizar experiências, meditar, discutir a noite inteira, enfim, evoluir como indivíduo. Isto é importante não só para os intelectuais, os futuros estadistas, advogados, médicos, como para todos os tipos de profissionais.{111}

Mas que dizer das jovens que nem chegam a fazer os trabalhos de estágio por causa das mamadeiras? Por culpa da mística feminina, poucas consideram uma tragédia o fato de se encontrarem presas a uma só paixão, uma só ocupação, um único papel na vida. Educadores avançados, em princípios da década de 60, faziam planos de adiamento da educação da mulher até depois da formação da família, reconhecendo assim que se resignavam quase unanimemente aos casamentos prematuros, que continuam a grassar.

Mas, escolhendo a feminilidade de preferência a uma penosa evolução até a plena identidade, o que não se consegue pela fantasia e sim pelo domínio da realidade, essas jovens estão condenadas a sofrer mais tarde aquela sensação difusa de tédio, falta de objetivos, não-existência e não-envolvimento com o mundo, a que se pode chamar *anomia,* falta de identidade, ou simplesmente problema sem nome.

Contudo, é demasiado fácil transformar a educação em bode expiatório. Sejam quais forem os erros dos educadores orientados para o sexo, outros combateram inutilmente na retaguarda, procurando levar as mulheres inteligentes a «visualisar novos objetivos e a evoluir para alcançá-los». Em última análise, milhões de pessoas decidiram neste país não fazer uso da porta que a educação poderia abrir-lhes. A escolha — e a responsabilidade — do retorno para o lar é delas, afinal.

VIII
A escolha errônea

NINGUÉM É OBRIGADO A ACEITAR UMA MÍSTICA. PARA que a mística feminina tivesse varrido da mente da mulher americana, durante quinze anos, qualquer objetivo não-sexual, foi preciso preencher uma verdadeira necessidade dos que a adotaram para si e para os outros. Esta necessidade talvez não tenha sido a mesma para todos, mas nos Estados Unidos, e nessa época em particular, havia uma série de diferentes anseios que levaram muita gente a apoiá-la. Eram tão insistentes que impediram o raciocínio crítico, o que em geral ocorre em face a uma verdade intuitiva. O problema é que, quando a necessidade é muito forte, até a intuição pode mentir.

Pouco antes de a mística tomar conta do país, houve a guerra, precedida de um período de depressão e terminando com a explosão da bomba atómica. Após a solidão do conflito, o horror indizível da bomba, a instabilidade e a fria imensidão do mundo em transformação, homens e mulheres buscaram a confortadora realidade do lar e dos filhos. Nas trincheiras, os soldados penduravam fotos de Betty Grable, e as músicas que gostavam de ouvir eram as canções de ninar. Mas quando saíram do exército estavam demasiado velhos para voltar para mamãe. A necessidade de sexo e amor é inegável em homens e mulheres, mas por que nessa época tantos julgaram serem estes as únicas necessidades?

Estávamos todos vulneráveis, solitários, amedrontados. Um recalcado anseio por casamento, lar e filhos manifestou-se simultaneamente em diferentes gerações; era um desejo que, na prosperidade do após-guerra, todo mundo podia concretizar. O jovem soldado amadurecido pelo conflito satisfaria seu anseio por carinho materno recriando o lar de sua infância. Em vez de sair com diferentes garotas até terminar os estudos e iniciar-se numa profissão, casava-se, graças à pensão dos ex-combatentes e prodigalizava aos filhos o carinho que não podia mais buscar para si mesmo. Os homens um pouco mais velhos, que adiaram o casamento por causa da guerra, queriam recuperar o tempo perdido. E que dizer dos de trinta anos, que haviam esperado primeiro a depressão e depois a guerra para casar e gozar dos prazeres de um lar confortável?

Quanto às moças, os anos de solidão deram ainda mais urgência a sua busca de amor. As que casaram na década de trinta viram os maridos partir para a guerra. As que cresceram na década de quarenta temiam, e com razão, jamais alcançar o amor, o lar e os filhos, a que poucas renunciariam de boa vontade.

Quando os homens regressaram houve uma verdadeira corrida para o casamento. Os anos de solidão, enquanto noivos e maridos lutavam, ou corriam

o perigo de ser convocados a qualquer momento, tornaram as mulheres particularmente vulneráveis à mística feminina. Disseram-lhes então que a fria solidão dos tempos de guerra seria o preço de uma carreira ou qualquer interesse fora do lar. A mística apresentava uma opção: amor, filhos, casa, ou outros objetivos na vida. Diante disso é para surpreender que tantas americanas escolhessem o amor?

O crescimento populacional infantil nos anos do após-guerra ocorreu em todos os países, mas não estava imbuído, como nos Estados Unidos, da mística de realização feminina. Não conduziu a um aumento de natalidade ainda maior na década de cinqüenta, acompanhando a maior cifra de casamentos de adolescentes. O número de americanas com três ou mais filhos duplicou em vinte anos. E a mulher culta, depois da guerra, liderava todas as outras na corrida.{112} (A geração anterior à minha, a das mulheres nascidas entre 1910 e 1919, acusou nitidamente a mudança. Quando estavam com seus vinte anos, a baixa de natalidade levara a predizer que, graças à cultura, a raça humana estava em vias de desaparecer; quando estavam com trinta, as estatísticas mostraram um nítido aumento no número de mulheres grávidas, apesar da diminuição na capacidade biológica, que declina com a idade).

Nascem sempre mais crianças depois de uma guerra, mas a explosão demográfica americana provém sobretudo de casamentos de adolescentes. O número de filhos desses casais prematuros subiu 165% entre 1940 e 1957, segundo estatísticas da «Metropolitan Life Insurance». As jovens que normalmente iriam para a universidade, mas abandonam os estudos para casar (dezoito e dezenove anos são hoje as idades mais frequentes para casamento; 50% de todas as americanas estão casadas aos vinte) são produto da mística. Renunciam à educação sem o menor remorso, acreditam sinceramente que se realizarão como esposas e mães. Suponho que uma jovem de hoje, que conheça as estatísticas, ou simplesmente tenha espírito de observação, resolvendo esperar para casar só depois de terminar os estudos, descobrirá que então a maioria dos rapazes já está comprometida e temerá com boas razões não realizar sua vocação feminina, conforme aconteceu com a moça da década de quarenta, em consequência da guerra. Mas isso não explica por que abandonam os estudos para sustentar o marido, enquanto êle continua na universidade.

Isto não aconteceu em outros países, nem mesmo naqueles em que mais homens morreram e maior número de mulheres foram obrigadas a renunciar ao casamento. Nem por isso voltaram, em pânico, ao lar. E nesses outros países, hoje em dia, as moças procuram tanto os rapazes como a cultura, que é a estrada para o futuro.

A guerra tornou a mulher particularmente vulnerável à mística, mas, apesar de todas as frustrações que acarretava, não foi a única razão do seu regresso ao lar. Este, nem sequer pode ser explicado pelo problema da falta de empregadas, desculpa que a maioria das mulheres cultas dão a si mesmas. Durante a guerra, quando cozinheiras e arrumadeiras passaram a trabalhar nas fábricas de material bélico, o problema era ainda mais sério que recentemente. Mas naquele tempo

mulheres decididas muitas vezes planejavam a vida de modo pouco convencional, a fim de continuarem com seus compromissos profissionais. Conheci duas jovens mães, durante a guerra, que resolveram juntar forças enquanto os maridos lutavam. Uma delas, atriz, ficava com os bebes das duas pela manhã, enquanto a outra fazia seus trabalhos de estágio; a segunda cuidava das crianças à tarde, enquanto a primeira ensaiava ou trabalhava no espetáculo vespertino. Conheci também uma mulher que trocou o horário de sono do bebe, a fim de que êle dormisse na casa de uma vizinha, enquanto ela estudava na escola de medicina. A necessidade de creches e centros de puericultura que cuidassem das crianças durante o dia foi então percebida e providenciada.

Mas nos anos do após-guerra, mesmo as mulheres que conseguiam encontrar e pagar uma babá ou empregada preferiam cuidar pessoalmente da casa e dos filhos. Nas cidades, na década de cinquenta, as creches e centros que aceitavam crianças das mães que trabalhavam fora desapareceram quase de todo; a própria sugestão de sua necessidade provocava gritos histéricos de donas de casa e dos promotores da mística.{113}

Quando terminou a guerra, os ex-combatentes preencheram empregos e vagas em universidades e colégios, durante tanto tempo ocupados quase exclusivamente por mulheres. Houve um curto período de séria competição, e o reaparecimento dos velhos preconceitos antifemininos nas profissões liberais e nos negócios criou dificuldades para a jovem que quisesse continuar ou progredir no emprego. Isto levou inúmeras a voltar correndo para o abrigo do casamento e do lar. Uma sutil discriminação contra a mulher, para não mencionar as diferenças salariais, vigora tacitamente até hoje, e seus efeitos são quase tão arrasadores e difíceis de combater quanto a flagrante oposição enfrentada pelas feministas. Uma pesquisadora do *Time,* por exemplo, não consegue, por maior talento que possua, chegar a redatora: uma lei não-escrita decreta que os homens sejam redatores e editores, e as mulheres, pesquisadoras. Elas não se zangam, pois gostam do emprego e dos chefes. Não são batalhadoras na luta pelos direitos da mulher e isto não é caso a ser apresentado ao sindicato dos jornalistas. Contudo, é desencorajador. Já que não adianta se esforçar, para que continuar?

Muitas vezes a mulher se afasta, amargurada, da carreira escolhida, quando, embora mais competente que outro candidato, vê seu lugar entregue a um homem. Em alguns empregos é ela quem faz o trabalho, enquanto ele recebe o crédito pelas realizações. Ou então, se seu emprego é melhor, tem que enfrentar a hostilidade masculina. Uma vez que a corrida para o sucesso numa grande organização americana, ou em qualquer profissão, é tão terrivelmente árdua para o homem, a competição da mulher então afigura-se-lhes simplesmente o cúmulo, reconhecendo no entanto ser mais fácil combatê- la invocando a lei não-escrita. Durante a guerra, o talento feminino e a inevitável competição foram bem-vindos; depois ela teve que enfrentar a polida mas impenetrável cortina de hostilidade. Era mais fácil amar, e ser amada, tendo uma desculpa para não competir com o homem.

Contudo, durante a depressão, jovens decididas e capazes haviam- se

sacrificado, lutado contra os preconceitos e enfrentado a competição para continuar na carreira, embora as oportunidades fossem menores. E a maioria não via conflito entre lar e profissão. No próspero após-guerra havia muitos empregos em todos os setores; não existia verdadeira necessidade de renunciar a tudo por causa do amor e do casamento. As moças menos cultas, afinal, não abandonaram as fábricas para voltar a ser domésticas. A proporção de mulheres na indústria vem aumentando firmemente desde a guerra, mas não a das profissionais em carreiras que exijam treino, esforço e envolvimento pessoal.{114} «Vivo por intermédio do meu marido e dos filhos», declarou um membro muito franco de minha geração. «É mais fácil assim. No mundo de hoje é melhor ser mulher quando se sabe tirar vantagens disso».

Neste sentido, o que aconteceu à mulher é, em parte, o que aconteceu a todos no após-guerra. Procuramos desculpas para fugir aos problemas que antes enfrentávamos. O espírito decidido da americana caiu num estranho torpor; tanto os homens como as mulheres, liberais assustados, radicais desiludidos, conservadores confusos e frustrados pelas mudanças — toda a nação parou de evoluir. Voltamos todos ao calor do lar, exatamente como quando éramos crianças e dormíamos tranquilos lá em cima, enquanto os pais liam ou jogavam bridge na sala, ou embalavam-se nas cadeiras da varanda, nas noites de verão da cidadezinha natal.

As mulheres voltaram para casa exatamente como os homens procuraram esquecer a bomba com um encolher de ombros, apagar da mente os campos de concentração, e ignorar a corrupção mergulhando em passiva conformidade; e exatamente como os pensadores evitavam os problemas mais complexos do após-guerra. Era mais fácil, mais seguro pensar no amor e no sexo, do que em comunismo, McCarthy e no controle da bomba. Era mais fácil procurar raízes freudianas no comportamento do homem, nas suas ideias e nas guerras, do que olhar com espírito crítico a sociedade e agir de modo construtivo no sentido de corrigir seus erros. Houve uma espécie de retirada pessoal, mesmo por parte dos mais perspicazes, dos mais decididos; afastamos os olhos do horizonte e passamos a contemplar o próprio umbigo.

Tudo isto pode ser visto agora em retrospecto. Naquele tempo era mais fácil transformar a necessidade de carinho e sexo na finalidade máxima da vida, evitando comprometimentos pessoais com a verdade, em base de lar e família. Para o orientador social, o psicólogo e os numerosos conselheiros familiais, a terapia da análise em problemas de sexo, personalidade e relações interpessoais era mais segura e lucrativa do que a tentativa de penetrar profundamente nas causas do sofrimento humano. Se a pessoa não quisesse preocupar- se com toda a humanidade, pelo menos podia «ajudar» indivíduos, sem se envolver em complicações. Irwin Shaw, que antigamente agitava a consciência do país com assuntos como guerra e paz ou lutas raciais, passou a escrever sobre sexo e adultério; Norman Mailer e os jovens escritores *beatniks* limitavam o espírito revolucionário ao sexo, às emoções e às drogas, chamando atenção sobre si mesmos por meio de palavrões. Era mais fácil e mais em moda para os escritores

pensar em psicologia e não em política, em razões particulares, e não em questões públicas. Os pintores recuaram para um expressionismo abstrato, que ridicularizava a disciplina e glorificava a ausência de conteúdo. Os dramaturgos reduziram os objetivos humanos a um *nonsense* amargo e pretensioso: «O teatro do absurdo». O sistema freudiano deu a todo esse processo de fuga uma dimensão de fascinante e infinito mistério intelectual — processo dentro de processo, um significado oculto dentro de outro, até que a própria significação desapareceu e o mundo exterior, tedioso e sem esperanças, quase deixou de existir. É como disse um crítico teatral, numa rara nota de repulsa ao mundo de Tennessee Williams: nenhuma realidade restava ao homem, exceto suas perversões sexuais e o fato de amar e odiar sua mãe.

A mania freudiana em nossa cultura, além da própria psicote rapia, preenchia uma verdadeira necessidade das décadas de quarenta e cinquenta: era uma ideologia, um propósito nacional, uma aplicação da mente aos problemas do povo. Os próprios analistas sugeriram recentemente que a falta de uma ideologia pode ser em parte responsável pelo vazio que envia aos psicoterapeutas tanta gente em busca de uma identidade, que só a terapia jamais poderá conceder. O renascimento religioso na América coincidiu com a mania da psicanálise e talvez tenha ocorrido pela mesma razão: por detrás da busca de identidade e de segurança existia o vácuo de uma finalidade mais alta. É significativo que vários ministros religiosos dediquem hoje a maior parte do tempo à psicoterapia — conselho pastoral — junto aos membros de suas congregações. Será que estão também fugindo às questões mais vastas, à verdadeira busca?

Quando eu andava fazendo entrevistas em *campus,* nos fins da década de cinquenta, capelães e sociólogos aludiram ao «privatismo » da nova geração. O motivo principal dos casamentos prematuros, segundo eles, era o fato de os jovens não encontrarem outros valores autênticos na sociedade contemporânea. É fácil para o crítico social acusar a nova geração de preocupar-se exclusivamente com o prazer pessoal e a segurança material, ou de entregar-se ao vazio negativista dos *beatniks.* Mas se pais, professores e pregadores renunciaram a finalidades mais amplas do que o ajuste emocional, o sucesso material a segurança, onde encontrarão os jovens de hoje objetivos mais elevados?

Cinco filhos, o êxodo para os subúrbios, os métodos práticos e até a vida *beatnik* preenchiam as necessidades domésticas e também substituíam os impulsos e propósitos superiores, que no passado preocupavam os espíritos mais vigorosos do país. «Basta de política. .. aliás, não se pode mesmo fazer nada». Quando o dólar estava valorizado ou desvalorizado demais para ser um objetivo de vida, e uma sociedade inteira parecia não ter outra preocupação além de dinheiro, pelo menos a família, seus amores e problemas surgiam como valores autênticos. A absorção literal de Freud dava a esses valores importância exagerada para toda a sociedade sofredora, enquanto uma oca terminologia iludia os indivíduos com uma aparência de cura, embora na verdade não houvessem sequer enfrentado seus verdadeiros problemas.

Sob o microscópio freudiano, porém, um conceito de família muito

diferente começou a surgir. Complexo de Édipo tornou-se uma expressão caseira. Frustração de infância era perigo tão sério como a escarlatina. E, em local à parte, recebendo especial atenção, figurava a «mãe». Descobriu-se de repente que ela podia ser culpada de quase tudo. Em casos de perturbações infantis, ou de adultos alcoólatras, suicidas, esquizofrênicos, psicopatas, neuróticos, impotentes, homossexuais; de mulheres frígidas e promíscuas, vítimas de úlceras e de asma, ou de qualquer outra moléstia, a mãe era a culpada. Frustrada, recalcada, perturbada, martirizada, insatisfeita, infeliz mulher. Esposa exigente, irritante, colérica. Mãe dominadora, superprotetora, ou desnaturada. A Segunda Guerra Mundial revelou que milhões de americanos eram psicologicamente incapazes de enfrentar o choque da guerra, a vida longe da «mamãe». Era claro que havia algo de errado nesta controvertida figura.

Por infeliz coincidência, esse ataque às mães ocorreu ao tempo em que a mulher americana estava fazendo uso de sua emancipação, começando a ingressar em número cada vez maior nas universidades e escolas profissionais, a subir na indústria e no comércio, em inevitável competição com os homens. Estava começando a representar um papel na sociedade americana, um papel que não dependia de seu sexo, mas de sua capacidade individual. Para o soldado que regressava da guerra era bem evidente que a mulher americana estava na verdade mais independente, mais decidida, mais segura de sua opinião, menos passiva e feminina, por exemplo, que a alemã e a japonesa que, gabavam-se eles, «até nos esfregavam as costas». Era bem claro que as moças estavam muito diferentes de suas mães. Talvez por isso, por uma estranha distorsão da lógica, todas as neuroses das crianças passadas e presentes foram atribuídas à independência de nossa geração de americanas — independência e individualidade que as mães-donas-de-casa da geração anterior jamais conheceram.

A evidência parecia inelutável: as cifras das baixas psiquiátricas e as mães nos históricos dos casos; as primeiras estatísticas Kinsey sobre a incapacidade da americana para o orgasmo, sobretudo entre as mulheres cultas; o fato de que tantas eram frustradas e descarregavam a frustração nos maridos e filhos. Um número cada vez maior de americanas sentiam-se inadequadas, impotentes. Muitas da primeira geração de profissionais sentiam falta de amor e de filhos, e tinham ressentimento dos homens com quem competiam. E um número cada vez maior de homens, mulheres e crianças ingressavam em clínicas e hospitais para doentes mentais, ou consultavam psiquiatras.

Tudo isso era atribuído à frustração da mãe americana, «masculinizada» pela educação, impedida de realizar-se sexualmente por insistir na igualdade e na independência. Tudo isso encaixava tão bem com o raciocínio freudiano que ninguém se deteve para investigar como eram as mães de antes da guerra. Eram frustradas, com certeza. Não eram independentes e cultas, e sim abnegadas, dependentes, martirizadas, essas mães de soldados desajustados, inseguros e impotentes.

Em 1940, menos de um quarto das mulheres americanas trabalhava fora de acsa; as que o faziam eram quase todas solteiras. Uma minoria de 2,5% eram

profissionais de carreira. As mães dos soldados com 18 a 30 anos em 1940 haviam nascido no século XIX, ou em princípios do século XX, criando-se portanto antes que a mulher conquistasse o direito do voto, gozasse de independência, liberdade sexual, cultura e as oportunidades profissionais da década de vinte. A maioria não era feminista, nem produto do feminismo, e sim mulheres que viviam a tradicional existência da dona de casa e mãe. Seria de fato a educação, os sonhos de carreira, a independência que as deixavam frustradas e descarregando essa frustração nos filhos? Até um livro que contribuiu para a formação da nova mística — «Their Mother's Sons» (Filhos da Mamãe), de Edward Strecker — confirma o fato de que elas não eram nem profissionais, nem feministas, nem poriam em prática a educação recebida, caso a tivessem. Viviam para os filhos, não tinham interesses além do lar, das crianças, da família ou da própria beleza. Na verdade correspondiam à própria imagem da mística feminina.

Esta é a «mamãe» que o Dr. Strecker, consultor do Hospital Geral de Cirurgia da Marinha e do Exército, considerou culpada na vasta maioria dos casos de homens considerados incapazes para o serviço militar — 1.825.000 — por causa de perturbações psíquicas; dos 600.000 que receberam baixa do exército por motivos neuro- psiquiátricos, e mais os 500.000 que tentaram fugir à convocação — quase 3.000.000 de homens dos 15.000.000 na ativa que mergulharam em neuroses, muitas vezes alguns dias somente depois de convocados, por não terem maturidade, «capacidade para enfrentar a vida, conviver com os outros, pensar com independência e agir por conta própria».

"Mamãe" é a mulher cuja atitude maternal é motivada pela procura de recompensa emocional pelos abalos que a vida causou ao seu ego. Em seu relacionamento com os filhos, cada gesto é inconsciente, mas exclusivamente destinado a absorvê-los ao nível emocional, prendendo-os a si mesma com segurança. A fim de realizar esse propósito necessita estampar um padrão imaturo de comportamento nos filhos... As mães dos homens e mulheres capazes de enfrentar a vida com maturidade talvez não pertençam ao tipo tradicional de "mamãe". Esta é geralmente carinhosa, suave, abnegada... não se poupa ao trabalho, chega a escolher a roupa de seus filhos crescidos. Fiscaliza o penteado, a escolha de amigos e companheiros, os esportes a que se dedicam, as atitudes sociais, as opiniões. Tudo o que pensa relaciona-se com eles... (Este domínio) é às vezes difícil e arbitrário, com mais frequência suave, persuasivo e um tanto insidioso... O mais frequente é o método indireto, pelo qual a criança sente que mamãe está magoada, mas procura ocultar sua mágoa. O método suave é infinitamente mais eficaz no bloqueio das manifestações de raciocínio e ação do jovem...

A mamãe "abnegada", depois de alguma insistência dos outros, talvez admita com hesitação que parece abatida e que se sente um tanto cansada, mas acrescenta alegremente: "E daí?"... Isto significa que não se importa com sua aparência e cansaço, pois sente alegria em prestar serviço aos outros. Desde cedinho até tarde da noite sente-se feliz em trabalhar pelos filhos. A casa pertence a eles. As refeições são servidas na hora certa, quentes e apetitosas. Há comida a qualquer momento... Não faltam botões nas roupas, naquela casa ordeira. Tudo está sempre no lugar certo. Mamãe sabe onde é. Alegre, sem queixas, coloca nos lugares os objetos depois que as crianças os espalharam por toda parte... Tudo o que os filhos queiram ou necessitem, mamãe arranjará para eles. É o lar perfeito... Incapaz de encontrar um abrigo assim tranquilo no resto do mundo, é muito provável que um ou vários da ninhada permaneçam ou regressem a esse lar feliz, para sempre crianças no seio materno". {115}

A mamãe pode ser também «a bonitona», com seu culto da beleza, roupas, cosméticos, perfumes, penteados, regimes e exercícios; ou então «pseudo-

intelectual, eternamente atrás de cursos e conferências, sem estudar seriamente qualquer assunto, saltando de higiene mental para economia, de arquitetura grega para jardins de infância». Estas eram as «mamães» dos rapazes que não conseguiram ser homens na frente de batalha, em casa, na cama e fora dela, porque na verdade queriam continuar a ser bebes. Todas tinham algo em comum:

"... uma satisfação emocional, quase física, ao ver os filhos engatinhando à sua volta, numa espécie de líquido amniótico psicológico, em lugar de deixá-los nadar para longe, com as braçadas decisivas da maturidade... Sendo ela própria imatura, cultiva a imaturidade nos filhos, condenando-os a uma vida de insuficiência pessoal e social e infelicidade..."{116}

Cito extensamente o Dr. Strecker porque, por mais estranho que. pareça, ele foi uma das autoridades em psiquiatria mais citadas nos artigos e discursos do após-guerra, condenando a mulher americana pela feminilidade perdida e insistindo em que voltasse ao lar e cuidasse dos filhos. Na verdade, a moral nos casos de Strecker era exatamente oposta; os filhos imaturos tiveram mães que se dedicaram demasiado, conservando-os quais bebés, senão elas próprias não teriam razão de ser, mães que jamais alcançaram ou foram encorajadas a alcançar a maturidade: «o estado ou qualidade de ser maduro; pleno desenvolvimento... independência de pensamento e ação» — a qualidade de ser plenamente humano. O que não é o mesmo que feminilidade.

Os fatos são absorvidos por uma mística pelo mesmo estranho fenómeno que um sanduíche comido por um cão transforma-se em cão, e o sanduíche comido por um ser humano transforma-se em elemento humano. As neuroses dos soldados, em 1940, tornaram-se «prova» de que a americana foi afastada do seu papel feminino por uma educação orientada para carreiras, independência, igualdade com os homens, auto-realização a todo custo — embora a maioria dessas mulheres frustradas fossem simples donas de casa. Por um fascinante paradoxo, a prova maciça do dano psicológico feito aos rapazes e moças por mães frustradas, que se dedicavam inteiramente a suprir as necessidades dos filhos, foi destorcida pela mística feminina, até transformar-se num chamado de volta ao lar e à dedicação familíal para as jovens da geração seguinte.

Nada poderia tornar o sanduíche mais saboroso do que os primeiros resultados do relatório Kinsey, demonstrando que a frustração sexual na mulher se relacionava com a cultura. Mil vezes mastigado foi o horrendo fato de que 50 e 85% das universitárias entrevistadas jamais haviam sentido o orgasmo sexual, e menos de um quinto das ginasianas registravam o mesmo problema. «The Modern Woman: The Lost Sex», assim interpretou os primeiros resultados do relatório:

"Entre as mulheres de instrução primária ou menos, a completa incapacidade para experimentar o orgasmo diminuía, até desaparecer completamente. O Dr. Kinsey e seus colegas declararam que praticamente 100% das reações orgásticas completas foram registradas entre as mulheres negras sem instrução... A regra psicossexual que começa a delinear-se é, portanto, a seguinte: quanto mais educada a mulher, maior a chance de perturbações sexuais mais ou menos graves..."{117}

Quase uma década transcorreu antes que fosse publicado o relatório Kinsey completo sobre a mulher, contradizendo totalmente as primeiras descobertas. Quantas compreenderão, mesmo hoje em dia, que os 5940 casos estudados mostravam que o número de mulheres capazes de atingir o orgasmo na vida conjugal, e o atingiam em quase 100% dos coitos, se relacionava de fato com a educação? Quanto mais culta a mulher, maior sua possibilidade de realização sexual. A mulher com uma educação de nível primário mais dificilmente chegaria ao orgasmo, enquanto que a que terminava a faculdade, fazia curso de pós-graduaçao, ou cursava uma escola profissional mais facilmente chegava ao orgasmo em 100 por cento das relações. Segundo Kinsey:

Descobrimos que o número de mulheres que chegam ao orgasmo num período de cinco anos era nitidamente mais alto entre as de nível educacional mais elevado... Em cada fase do casamento, desde o primeiro até pelo menos o décimo quinto ano, um grande número de mulheres estudadas, com educação mais limitada, não haviam conseguido atingir o orgasmo nas relações conjugais e um pequeno número das melhor educadas haviam igualmente fracassado neste sentido... Estes dados não estão de acordo com um cálculo preliminar, não publicado, que fizemos há alguns anos. Baseados em uma amostragem menor e em método menos adequado de cálculo, aparentemente havíamos encontrado um número maior de mulheres de nível educacional inferior alcançando o orgasmo nas relações conjugais. Esses dados precisam ser agora corrigidos... {118}

Contudo, a mística, alimentada pelos primeiros dados incorretos, não foi facilmente corrigido.

E havia ainda as assustadoras cifras dos casos de crianças abandonadas e rejeitadas porque as mães trabalhavam fora. Quantas compreenderão, mesmo hoje em dia, que os filhos nesses casos tão divulgados e que definharam por falta de carinho materno não tinham mães educadas, de classe média, que os deixassem aos cuidados de outra pessoa durante algumas horas, a fim de exercer uma profissão, ou escrever um poema, ou lutar numa campanha política. Eram crianças verdadeiramente abandonadas, muitas vezes no próprio dia do nascimento, produtos de mães solteiras e pais bêbados, e que jamais conheceram lar e carinho. Qualquer estudo sugerindo que a mãe que trabalha fora era responsável pela delinquência juvenil, problemas escolares e perturbações emocionais partia direto para as manchetes. Recentemente um psicólogo Dr. Lois Meek Stolz, da Universidade de Stanford, analisou uma série desses estudos e descobriu que no momento é possível dizer *qualquer coisa,* a favor ou contra as crianças de mães que trabalham fora e apoiar a declaração com resultados de pesquisas. Mas não há provas definitivas de que esses filhos sejam menos felizes, saudáveis e ajustados *porque* as mães trabalham fora.8 {119}

Os estudos que demonstram que a mulher com uma profissão é mãe mais feliz, melhor e mais amadurecida, não recebem muita publicidade. Uma vez que a delinquência juvenil está aumentando, assim como o número de mulheres que

trabalha fora, ou «são educadas para qualquer espécie de trabalho intelectual», diz-se que aí existe, com certeza, um relacionamento de causa e efeito. Mas a evidência prova que não. Há vários anos fêz-se muita publicidade em torno de um estudo comparativo de grupos de rapazes delinquentes e não delinquentes. Entre outras coisas descobriu-se que não havia maior delinquência ou abandono dos estudos quando as mães trabalhavam regularmente do que quando eram somente donas de casa. Contudo, manchetes espetaculares apontavam que havia mais delinquentes quando as mães trabalhavam irregularmente. Esta descoberta provocou sentimentos de culpa nas mães cultas que haviam renunciado a promissoras carreiras, mas continuado a trabalhar em regime de meio expediente nos seus respectivos setores, ou como *free-lances,* ou aceitando empregos temporários em casa. «Veja só: há anos venho aceitando empregos temporários e de meio expediente, procurando coordenar o trabalho com os interesses das crianças, e agora tudo indica que estive agindo da pior maneira possível!» declarou uma senhora ao *New York Times.*

Na verdade, esta mãe, dotada de preparo profissional, vivendo confortavelmente num bairro de classe média, estava-se igualando a outras que, segundo o estudo, não só viviam em má situação socioeconómica, como em vários casos haviam sido delinquentes juvenis. Além disso, muitas vezes eram casadas com homens emocionalmente perturbados.

Os pesquisadores sugeriram que os filhos tinham conflitos emocionais porque as mães eram movidas a esse trabalho esporádico «nàò tanto para complementar os ganhos da família, como para fugir às responsabilidades maternas e domésticas». Mas um outro especialista, analisando as mesmas descobertas, julgou que a causa básica tanto do emprego esporádico da mãe como da delinquência do filho era a instabilidade emocional dos pais. Fosse qual fosse a razão, a situação não podia ser comparada à das mulheres cultas que com ela se identificaram. Na verdade, conforme apontou o Dr. Stolz, vários estudos mal interpretados «provaram» que a mulher não podia conciliar carreira e maternidade, quando na verdade, em iguais condições, os filhos de mães que trabalham assim o desejam são menos aptos a perturbações, a encontrar problemas na escola, ou a ser «desprovidos do senso do próprio valor», do que os filhos das que são apenas donas de casa.

Os primeiros estudos sobre crianças cujas mães trabalhavam fora foram elaborados numa época em que poucas mulheres casadas trabalhavam, em creches diurnas, para atender a crianças cujas mães não tinham marido por viuvez, divórcio ou deserção. Esses estudos foram organizados por assistentes sociais e economistas, com o objetivo de conseguir reformas legais, como pensões para as mães. As perturbações e a incidência de mortes mais elevadas entre essas crianças não foram encontradas em estudos realizados na última década, quando entre os milhões de mulheres casadas e trabalhando fora somente 1 em 8 não viviam com o marido.

Em recente pesquisa baseada em 2000 mães, as únicas diferenças

significativas encontradas entre os dois grupos foram as seguintes: relativamente às que trabalhavam fora, um número maior de donas de casa declararam "ficar irritadas com as crianças"; e estas tinham mais filhos que as primeiras. Um famoso estudo realizado em Chicago, provando aparentemente que entre os delinquentes há um número maior de mães trabalhando fora, demonstrava apenas que a maioria dos delinquentes provêm de lares desfeitos. Um outro estudo de 400 crianças seriamente perturbadas (numa população escolar de 16.000) demonstrou que nos casos em que não havia lar desfeito, o número de mães domésticas era três vezes maior que o das que tinham uma profissão.]

Outros estudos demonstraram que os filhos de mães que trabalhavam fora eram menos aptos a mostrar-se excessivamente agressivos, ou excessivamente inibidos, menos propensos a fracassar nos estudos, ou a ser desprovidos de "senso do próprio valor", e que as mães que trabalhavam fora se sentiam mais felizes na gravidez e eram menos inclinadas a entrar em conflito por causa da "função materna".

Parecia também haver um relacionamento mais íntimo e positivo para com os filhos, entre as mães que trabalhavam fora e gostavam do seu trabalho, do que entre as donas de casa que não gostavam das tarefas domésticas. E um estudo feito na década de trinta entre mães com curso superior e com maior autonomia para escolher o trabalho que mais lhes agradasse não demonstrava nenhum efeito negativo do emprego sobre o equilíbrio conjugal e emocional, nem no número ou gravidade de problemas entre os filhos. De modo geral, as mulheres que trabalhavam tinham em comum apenas dois atributos: educação mais elevada e o fato de viverem na cidade.{120}

Em nossa época, porém, quando multidões de mulheres cultas se tornaram donas de casa, qual delas não se preocupa, quando o filho molha a cama, chupa o dedo, come demais, recusa-se a comer, vive calado, sem amigos, ou é incapaz de ficar sozinho, mostra- se agressivo, tímido, lê devagar, lê demasiado, ignora a disciplina, é rígido, inibido, exibicionista, sexualmente precoce, ou desinteressado em sexo, pensando que esses problemas são sinais de uma neurose incipiente? Caso não exista verdadeira anormalidade ou delinquência, talvez sejam sintomas de fracasso na educação e presságio de futuras neuroses. Às vezes são mesmo. A paternidade, e principalmente a maternidade, do ponto de vista freudiano, precisa ser um emprego de tempo integral e uma carreira, senão um culto religioso. Um passo em falso significa desastre. Sem profissão, sem qualquer compromisso fora do lar, as mães poderiam dedicar-se totalmente aos filhos; toda a sua atenção se voltaria para a busca de sinais de neurose incipiente, produzindo-os, talvez.

Em cada caso é possível encontrar, naturalmente, fatos significativos sobre a mãe, principalmente quando se procuram acontecimentos, ou memórias daqueles supostos cinco primeiros anos críticos. Nos Estados Unidos, afinal, a mãe está sempre presente; ou supõe-se que esteja. Estará justamente o fato da sua presença constante, e somente como mãe, ligado às neuroses dos filhos?

Várias culturas passam adiante seus conflitos por intermédio das mães, porém entre as culturas modernas, do mundo civilizado não são muitas as que educam seus elementos mais capazes para transformar os filhos numa carreira pessoal.

Não há muito o Dr. Spock confessou, meio embaraçado, que as crianças russas, cujas mães têm em geral outros objetivos na vida além da maternidade — trabalhavam em medicina, ciência, educação, indústria, governo, arte — pareciam mais estáveis, ajustadas, amadurecidas do que as crianças americanas, cujas mães, sempre presentes, não fazem outra coisa senão preocupar-se com elas. Seriam as russas melhores mães por terem uma finalidade séria na vida? Pelo menos são mais seguras de si, declarou o Dr. Spock. Não vivem, como as americanas, dependentes da última palavra dos especialistas, da última novidade em puericultura. " Evidentemente é uma terrível responsabilidade para aquele pediatra saber que 13.500.000 mães são tão inseguras que educam os filhos literalmente de acordo com seu livro, gritando por socorro toda vez que o sistema não funciona.

Manchete alguma anunciou a crescente preocupação dos psiquiatras{121} com o problema da «dependência» da criança e do adulto infantil nos Estados Unidos. O Dr. David Levy, num famoso trabalho sobre a «superproteção materna», estudou minuciosamente vinte mães que haviam prejudicado os filhos a ponto de levá-los a um estado patológico, por meio de «infantilização, indulgência e superproteção ». {122} Caso típico foi o do menino de doze anos que «fazia manhas infantis quando a mãe se recusava a passar manteiga no seu pão. Exigia ainda que ela o ajudasse a se vestir.. . E resumiu o que desejava da vida dizendo: gostaria que a mãe passasse manteiga no seu pão até o dia do seu casamento, após o que sua mulher o faria.. .»

Todas essas mães — segundo índices fisiológicos tais como fluxo menstrual, amamentação e sinais prococes de «comportamento maternal » — tinham uma excepcional base feminina instintiva, se é que assim se pode dizer. Apenas duas entre as vinte, conforme declarou o próprio Dr. Levy, eram responsáveis, estáveis e agressivas: «O traço ativo ou agressivo do comportamento responsável era considerado um tipo de conduta distintamente materno; caracterizava desde a infância a vida de 18 das 20 mães superprotetoras». Em nenhuma havia qualquer vestígio de rejeição inconsciente da criança ou da maternidade.

Que levou essas vinte mulheres extremamente maternais (evidentemente a força e até a agressão não são masculinas quando o psiquiatra as considera parte do instinto materno) a produzir filhos patologicamente infantis? Por um lado, a «criança era utilizada como meio de satisfazer um anseio anormal de carinho». Essas mães mudavam de roupa e colocavam baton antes que o filho chegasse da escola, como uma esposa a espera do marido ou a jovem, do namorado, porque não tinham vida pessoal além do filho. A maioria, apontou Levy, tinha ambições profissionais frustradas. A «superproteçao materna» era na verdade causada por sua força, sua energia feminina básica — responsável, estável, ativa ou agressiva — que tornava a criança patológica porque a mãe bloqueara «outros meios de

expressão».

A maioria dessas mães tivera, por sua vez, mães dominadoras e pais submissos, e os maridos haviam sido filhos submissos de mães dominadoras; em termos freudianos, a castração geral era extrema. Filhos e mãos receberam terapia psicanalítica intensiva durante anos, destinada, esperava-se, a romper o círculo vicioso. Mas quando, alguns anos após o primeiro estudo, os pesquisadores examinaram mães e filhos, descobriram que os resultados não eram exatamente os esperados. Na maioria dos casos a psicoterapia não fora eficaz. Contudo, algumas das crianças, miraculosamente, não se tornaram adultos patológicos por causa da terapia, mas porque, em vista das circunstâncias, a mãe cultivara um interesse ou atividade externa e simplesmente deixara de viver a vida do filho. Em outros, a criança sobreviveu porque, por sua própria habilidade, criara uma área independente, na qual a mãe não podia penetrar.

Outras pistas para o verdadeiro problema do relacionamento mãe-filho nos Estados Unidos têm sido descobertas por cientistas sociais, porém jamais abalaram a mística. Um sociólogo chamado Arnold Green, quase por acaso, descobriu uma outra dimensão no relacionamento entre o amor da mãe que amamenta, ou sua falta, e a neurose.

Parece que na cidade industrial de Massachusetts onde Green nasceu toda uma geração foi criada sob condições psicológicas que deveriam ser traumáticas: autoridade paterna irracional, vingativa, e até brutal, e completa falta de carinho entre pais e filhos. Os pais, imigrantes poloneses, procuravam impor as regras severas do velho mundo, que os filhos americanos não respeitavam. O ridículo, a ira e o desprezo dos filhos levaram os pais a recorrerem a uma «autoridade irracional, vingativa, pessoal, que não mais se justificava por esperanças e ambições quanto ao futuro dos filhos».

Exasperados e temendo perder todo controle sobre os filhos americanizados, os pais usavam os punhos e o chicote indiscriminadamente. O som de golpes, gritos, urros, ralhos, gemidos de dor e ódio eram tão comuns nas fileiras de casas em mau estado que os transeuntes nem mais lhes prestavam atenção.{123}

Com certeza aqui se encontram as raízes de futuras neuroses, diriam todos os bons pais da era pós-freudiana. Mas, para surpresa de Green, que para lá voltou mais tarde, a fim de investigar as neuroses que, segundo as regras, deveriam *ser* muitas, não houve nenhum caso de rejeição pelo exército em consequência de psiconeurose na comunidade polonesa local; e Green não encontrou no comportamento franco de toda uma geração «expressões de ansiedade, sentimentos de culpa, rigidez de reação, hostilidade recalcada — os vários sintomas característicos do temperamento neurótico básico». Green ficou intrigado. Por que não se tornaram aquelas crianças neuróticas? Por que não foram destruídas pela autoridade paterna brutal, irracional?

Não haviam recebido nem um pouco do amor atento e constante prodigalizado pelas mães de classe média; como os pais, estas trabalhavam o dia

inteiro na fábrica. As crianças ficavam aos cuidados de irmãos ou irmãs mais velhas, corriam livremente pelos campos e pela floresta, evitando os pais sempre que possível. Nessas famílias, a ênfase recaía sobre o trabalho e não sobre os sentimentos pessoais: «respeito, não amor, é o laço que une». Demonstrações de afeto não estavam ausentes de todo, observava Green, «mas tinham pouco em comum com as definições de carinho pai-filho das revistas femininas da classe média».

Ocorreu ao sociólogo que talvez a própria ausência dessa mãe onipresente explicasse por que essas crianças não sofreram os sintomas neuróticos tão frequentemente encontrados nos da classe média. A autoridade dos pais poloneses, por mais brutal e irracional, era «externa ao âmago da personalidade», segundo Green. Eles não tinham os conhecimentos ou as oportunidades para «absorver a personalidade da criança». Talvez, sugere Green, «falta de amor» e «autoridade irracional» não causem por si mesmos neuroses, mas somente dentro de determinado contexto de «absorção da personalidade» — o insulamento físico e emocional da criança, acarretando uma dependência abjeta dos pais, e que se encontra entre os americanos brancos da classe média, de nível universitário.

Será a falta de amor causa de neuroses, ou a educação dos pais de classe média, absorvendo a responsabilidade independente da criança, que cria uma excessiva necessidade de amor? Os psicanalistas concentraram-se sempre nas causas das neuroses; Green queria «descobrir o que existe no pai de classe média, que fertiliza o solo da neurose de seu filho, esteja onde estiver plantada a semente do individualismo».

Como sempre, a seta apontava para a mãe. Green, porém, não estava interessado em ajudar a americana moderna a ajustar-se ao seu papel; pelo contrário, descobriu que lhe faltava qualquer função verdadeira na sociedade contemporânea.

"Casa-se e talvez tenha um filho sem um papel definido e uma série de funções, como antigamente... Sente-se inferior ao homem porque foi e é relativamente mais limitada. A amplitude da verdadeira emancipação feminina tem sido exagerada...

Por intermédio de um "bom" casamento, a moça da classe média alcança um *status* muito mais alto que por meio de uma carreira. Mas o período de indecisão ou de iniciação numa carreira deixam-na mal preparada para a limpeza rotineira da casa, fraldas, preparação das refeições... A mãe tem pouco que fazer, dentro e fora de casa; é a companheira única de seu filho. A educação moderna em bases científicas insiste numa constante supervisão e preocupação com a saúde e a alimentação da criança e o desenvolvimento do ego; tudo isto é complicado pelo fato de que se gasta muita energia forçando a criança a caminhar cedo, a controlar suas necessidades fisiológicas e a falar, porque num ambiente intensamente competitivo, os pais de classe média comparam constantemente o desenvolvimento de seus filhos com o dos vizinhos".

E Green especula que talvez as mães da classe média

"...tenham dado suprema importância ao 'amor' em seu relacionamento com o filho, em parte por causa do complexo amoroso de nossos tempos, particularmente enraizado na classe média, e em parte como compensação dos muitos sacrifícios que fizeram por sua causa. A necessidade de amor da criança surge precisamente porque ela foi condicionada para tal... condicionada para uma

dependência emocional completa... Não é a necessidade do amor dos pais, e sim a constante ameaça de sua recusa depois que a criança foi condicionada a necessitá-lo o que jaz na raiz das mais características neuroses modernas: "Mamãe não gosta de você se não comer o espinafre, ou não parar de derramar o leite, ou não sair do sofá. Conforme o grau de personalidade absorvida, a criança entrará em pânico maior ou menor ao ser assim tratada... Um olhar reprovador pode causar mais terror do que uma surra de vinte minutos no jovem Stanislas Wojcik".

Green só se interessava pelas mães em termos de sua influência sobre os filhos, mas ocorreu-lhe que somente a «absorção da personalidade » não poderia, afinal, explicar neuroses. Por que, então, as mulheres da classe média da geração anterior teriam todas sofrido as mesmas neuroses sem que alguém registrasse tal coisa? — observa Green. A personalidade da jovem da classe média de fins do século XIX foi «absorvida» pelos pais, pelas exigências do «amor» e por uma obediência sem discussões. Contudo, a «incidência de neuroses sob estas condições não era provavelmente muito alta », conclui o sociólogo, porque, embora a personalidade da mulher estivesse absorvida, isto ocorria consistentemente «dentro de um papel que pouco modificava da infância à adolescência, ao noivado e finalmente ao casamento». A mulher jamais podia ser ela mesma.

O menino de classe média de hoje, por outro lado, é forçado a competir com os outros, a realizar — o que exige um certo grau de independência, firmeza de propósitos, agressividade, segurança pessoal. Assim, no menino, a necessidade de amor criada pela mãe e a incapacidade de estabelecer seus próprios valores são neuróticas, ao passo que na menina não.

Esta especulação, feita em 1946 por um sociólogo, é fascinante, mas nunca ultrapassou os círculos da teoria social, nunca impregnou os baluartes da mística feminina, apesar de uma crescente percepção nacional de que algo andava errado com as mães americanas. Mesmo este sociólogo que conseguiu penetrar a mística e estudar a criança em outros termos que não a necessidade de mais carinho materno, preocupava-se somente com o problema dos filhos. Mas isso não indicaria que o papel da dona de casa americana forçasse muitas a abafar, absorver a personalidde tanto dos filhos como -das filhas? Houve quem apontasse o trágico desperdício de americanos incapazes de realizações, de criar valores pessoais, agir com independência, mas passou despercebido o trágico dseperdício das filhas, ou das mães, a quem o mesmo havia acontecido na geração anterior. Se uma cultura não espera que suas mulheres alcancem a maturidade, também não considera a sua falta um desperdício, ou a possível causa de neuroses e conflitos. O insulto, o verdadeiro reflexo sobre a definição do papel feminino em nossa cultura é que como nação só chegamos a notar que havia algo de errado nas mulheres ao verificar os efeitos sobre os filhos.

Surpreende que não tenhamos compreendido onde estava o erro? E como poderíamos compreender nos termos estatísticos do funcionalismo e do ajuste?

Educadores e sociólogos aplaudiram quando a personalidade da moça de classe média foi «consistentemente» absorvida desde a infância até a idade adulta por sua «função feminina ». Que viva a função, se o ajuste for o resultado. O desperdício de uma personalidade humana não era considerado um fenómeno a ser estudado nas mulheres, e sim somente a frustração causada por «inconsistências culturais no condicionamento ao papel» que foi, como a grande socióloga Ruth Benedict descreveu, o destino da mulher americana. Até as que sentiam a dor e a impotência causadas pela falta de personalidade não compreendiam seus sentimentos; estes tornaram-se o problema sem nome. E, envergonhadas e cheias de remorso fugiam, voltando-se novamente para seus rebentos. Assim completava-se o círculo vicioso, da mãe aos filhos, geração após geração.

O incessante ataque à mulher, que se tornou uma preocupação de todo o país nos últimos anos, poderia também ter origem nos mesmos movimentos escapistas que enviaram homens e mulheres de volta à segurança do lar. Diz-se que o amor materno é sagrado nos Estados Unidos, mas apesar de todo o respeito que lhe tributam, a «mamãe» é alvo obrigatório de ataques, por mais correta ou erroneamente que seus fracassos sejam interpretados. Ninguém jamais caiu na lista negra ou foi despedido por ter atacado a «mulher americana ». Além das pressões psicológicas de mães e esposas tem havido inúmeras outras de caráter não-sexual na última década — a comprometedora e incessante competição, o trabalho anónimo e muitas vezes sem finalidade nas grandes organizações — que também impediram o homem de se sentir homem. Era mais seguro lançar a culpa na mulher ou na mãe do que reconhecer o fracasso em si mesmo e no sacrossanto modo de viver americano. Os homens nem sempre estão brincando quando dizem que as mulheres têm sorte por poder ficar em casa o dia inteiro. É tranquilizador racionalizar a corrida de ratos em que vivem, dizendo que assim agem «pela família ». E desse modo os homens recriaram a própria infância nos subúrbios, substituindo a mãe pela esposa. Concordaram com a mística sem um murmúrio de protesto, uma vez que ela lhes prometia ter mãe pelo resto da vida, o que constituía uma razão e uma desculpa a todos os seus fracassos. Seria assim tão estranho que os rapazes que foram objeto de tanto amor se tornassem homens insaciáveis?

Mas por que motivo suportou a mulher impassível essa barragem de acusações? Quando uma cultura ergue barreira após barreira contra a sua personalidade independente; quando cria obstáculos legais, políticos, sociais, económicos e educacionais à sua maturidade, torna-se mais fácil procurar o abrigo do lar mesmo depois que a maioria desses obstáculos já desapareceu. É mais simples viver por intermédio do marido e dos filhos do que abrir caminho no mundo. Pois ela é também filha de outra mãe que tanto dificultou o desenvolvimento das próprias crianças. E liberdade é algo de assustador. É assustador crescer e ser livre para adotar uma passiva dependência. Por que dar-se ao trabalho de ser algo mais que esposa e mãe se todas as forças de sua cultura dizem que não é forçada a isso e até se sairá melhor se não evoluir?

E assim a mulher americana fez uma escolha errónea. Correu para casa, a fim de viver somente seu papel sexual, trocando a individualidade pela segurança. O marido seguiu-a e a porta fechouse ao mundo exterior. Puseram-se a viver a bonita mentira da mística feminina, mas poderiam nela acreditar? Afinal, a mulher era americana, produto irreversível de uma cultura que se deteve às vésperas de lhe dar uma personalidade independente. E êle era, afinal, americano, homem cujo respeito pela individualidade e liberdade de escolha são o orgulho da nação. Frequentaram juntos a escola; êle sabe quem ela é. Sua boa vontade para encerar o chão e lavar os pratos ao voltar cansado no trem das 6,55 não ocultará de ambos um complexo de culpa diante da realidade escondida pela bonita mentira? O que os impele a nela acreditar, apesar dos sinais de aviso que surgiram em todos os bairros de subúrbio? O que conserva em casa as mulheres? Que força em nossa cultura é bastante poderosa para escrever «Ocupação: dona de casa», obscurecendo todas as outras possibilidades das mulheres?

Poderosas forças neste país devem ser alimentadas por essas bonitas fotos domésticas que encontramos em toda parte, proibindo a mulher de usar no mundo as suas potencialidades. A preservação da mística feminina, neste sentido, poderia ter implicações em nada sexuais. Quando se começa a pensar no caso, a América depende muito da passividade, dependência e feminilidade da mulher. A feminilidade, caso ainda se pretenda chamá-la assim, torna a americana o alvo e a vítima do comércio sexual.

IX
Sexo e comércio

HÁ ALGUNS MESES COMECEI A ARMAR O QUEBRAcabeças do regresso ao lar, com a sensação de que faltava alguma peça. Consegui traçar os caminhos percorridos pelas idéias sofismáticas — um círculo perpetuando uma imagem obsoleta de feminilidade — e percebi que a imagem permeada de preconceitos e frustrações mal interpretadas ocultava às próprias mulheres o vazio da função doméstica. Mas o que impulsionava o conjunto?

Se, apesar do desespero sem nome de tantas americanas e das oportunidades abertas agora a todas as mulheres, tão poucas têm qualquer finalidade na vida além de ser esposa e mãe, alguém muito poderoso deveria estar em ação. A energia que impulsionava o movimento feminista era demasiado dinâmica para esgotar-se tão depressa; deve ter sido desviada, interrompida, por algo mais forte do que aquele subestimado poder da mulher.

Há certos fatos da vida tão óbvios e correntes que ninguém os comenta. Somente uma criança perguntaria: «Por que nos livros as pessoas nunca vão ao banheiro?» Por que nunca se diz que a função verdadeiramente crucial, o papel de fato importante da mulher como dona de casa é *fazer compras para a família?* Em toda essa conversa de feminilidade as pessoas esquecem que o importante neste país são os negócios. Mas a perpetuação e a expansão da mística feminina faz sentido (e dólares) quando se percebe que as mulheres, nos Estados Unidos, são as principais clientes em todos os setores. Alguém, algum dia, em algum lugar, deve ter descoberto que elas compram mais se forem mantidas no estado de anseio indefinido, de energia desperdiçada que caracteriza a dona de casa.

Não tenho a menor ideia de como isso aconteceu. Tomar uma decisão na indústria não é tão simples, nem tão racional como pensam os que crêem em teorias complicadas da história. Tenho a certeza de que os diretores da General Foods, General Electrics, General Motors, Macy's, Gimbel's e mais os diretores de todas as empresas que fabricam detergentes, batedeiras elétricas e fornos vermelhos com cantos arredondados, peles sintéticas, ceras, tinturas de cabelo, moldes para costurar em casa, loções para mãos e produtos para clarear a roupa jamais se reuniram ao redor de uma mesa, em Madison Avenue ou Wall Street, para apresentar uma moção: «Senhores, no interesse de todos sugiro que iniciemos uma campanha conjunta, no valor de cinquenta milhões de dólares, para deter este perigoso afastamento do lar, por parte da mulher americana. Precisamos conservá-la como dona de casa, não esqueçamos».

Um vice-presidente observa: — Há mulheres cultas demais. Não querem ficar em casa. Se todas resolverem ser cientistas, ou algo assim, não terão tempo

para fazer compras. Mas como mante-las em casa? Hoje em dia todas querem ter uma profissão.

— Nós lhes ofereceremos a carreira do lar — sugere um executivo de óculos de aros grossos e diploma de psicologia. — Nós as tornaremos criativas no lar.

Naturalmente nada disso aconteceu. Não houve uma conspiração económica contra as mulheres. Foi tudo um subproduto de nossa confusão geral com respeito a meios e fins. Algo que aconteceu quando produzir, vender e investir com lucro — o sistema em que se baseia a nossa economia para servir com eficiência às necessidades do homem — começou a confundir-se com os objetivos na nação e a finalidade da própria existência. Não é mais surpreendente a alteração da vida feminina na América em função dos negócios do que a subversão das ciências do comportamento humano com o propósito de iludir a mulher sobre suas verdadeiras necessidades. Assim como seria preciso um economista para decidir um curso de ação caso não houvesse ameaça de guerra, seria necessário outro mais inteligente para descobrir o que manteria próspera a nossa economia se o mercado da dona de casa começasse a cair.

É fácil ver por que isso aconteceu. Soube *como* ao visitar um homem que ganha aproximadamente um milhão de dólares por ano para manipular as emoções da mulher americana de modo a obter lucros comerciais. Esse homem ingressou no ramo da persuasão subliminar em 1945, começando de baixo e subindo sempre. A sede de seu instituto de orientação motivacional é uma mansão suntuosa em Westchester. As paredes de um salão de baile com altura de dois andares estão cobertas de prateleiras de aço contendo mais de mil estudos destinados ao comércio e à indústria e 300.000 entrevistas pessoais minuciosas, na maioria de donas de casa americanas.{124}

Permitiu-me ver o que eu queria, disse que eu poderia usar qualquer material não confidencial, específico de determinada companhia. Nada havia ali de escuso, nada que desse remorsos — exceto o fato de, página após página, revelar alegremente a vida vazia, sem objetivos, árida e sexualmente insatisfatória da maioria das donas de casa americanas. Em termos muito francos, este simpático persuasor oculto mostrou-me as vantagens de manter a americana como doméstica: o reservatório criado pela falta de personalidade e de objetivos é transformado em dólares nos pontos de venda de todo o país.

Corretamente manobradas («se é que não teme a palavra», disse êle) as donas de casa são capazes de obter senso de identidade, objetivos, criatividade, auto-realização e até satisfação sexual por meio da aquisição de objetos. Compreendi de repente o significado da frase: as mulheres controlam 75% do poder aquisitivo na América. E vi a americana como vítima de um terrível dom, o poder aquisitivo. Esta visão que êle tão liberalmente partilhou comigo revelou-me ainda uma série de coisas...

O dilema do comércio ficou bem delineado num estudo feito em 1945 para o editor de uma grande revista feminina, estudo relativo às atitudes da mulher

diante de eletrodomésticos. A mensagem foi considerada de interesse para todas as companhias que, terminada a guerra, precisavam substituir material bélico por produtos de consumo geral. Era um estudo sobre «a psicologia da vida doméstica»: «a atitude da mulher em relação aos aparelhos domésticos não pode ser isolada de sua atitude para com a vida doméstica em geral».

Com base em uma amostragem nacional de 4.500 mulheres (classe média, educação ginasial e universitária), divididas em três categorias — A Verdadeira Dona de Casa, A Mulher Profissional, e a Dona de Casa Equilibrada — 51% foram classificadas no primeiro tipo. («Do ponto de vista psicológico, o trabalho doméstico é o interesse dominante deste tipo de mulher, que tem o maior orgulho e satisfação em manter a casa bem organizada e confortável para a família. Conscientemente ou não, ela se julga indispensável, acha que ninguém a pode substituir. Tem pouco ou nenhum interesse por uma posição fora de casa e se o ocupa é por necessidade ou por força das circunstâncias»). Era bem claro que este grupo estava diminuindo, e provavelmente continuaria caindo à medida que a educação abrisse novos campos de interesse à mulher.

O maior mercado de objetos domésticos, porém, era este da «Verdadeira Dona de Casa» — embora ela apresentasse uma certa relutância em aceitar novidades, relutância que precisava ser reconhecida e vencida. («Talvez chegue a temer que os novos aparelhos domésticos tornem obsoleta a maneira antiga de fazer as coisas, que sempre fora do seu agrado»). Afinal, o trabalho doméstico era a justificativa de toda a sua vida. («Não creio que haja meios de facilitar minhas tarefas domésticas», disse uma Verdadeira Dona de Casa, «porque não acredito que uma máquina possa substituir um trabalho bem feito»).

O segundo tipo — A Profissional ou Pseudoprofissional — era a minoria, mas extremamente desagradável do ponto de vista do vendedor; os anunciantes foram avisados de que seria conveniente não deixá-lo ampliar-se, pois essas mulheres, embora nem sempre tenham uma profissão, «não acreditam que o lugar da mulher seja o lar». («Muitas deste grupo nunca chegaram a ter um emprego, mas sua atitude é a seguinte: «Serviços domésticos são uma terrível perda de tempo. Se meus filhos já tivessem mais idade e eu pudesse sair de casa faria coisas mais interessantes. Se alguém pudesse se encarregar das refeições e da roupa, eu ficaria muito feliz em ter um emprego »). O que se deve ter em mente em relação à profissional, dizia o estudo, é que embora compre aparelhos modernos não é a cliente ideal. *Têm o espírito demasiado crítico.*

O terceiro tipo — A Dona de Casa Equilibrada — do ponto de vista do mercado, é o tipo ideal. Tem alguns interesses externos, ou trabalhou em algum emprego antes de ser exclusivamente dona de casa; «aceita prontamente» a ajuda de eletrodomésticos, mas «não espera que realizem o impossível», uma vez que precisa de usar sua própria habilidade «na direção de uma casa bem organizada». A moral do estudo era bem explícita: «Já que a Dona de Casa Equilibrada representa o mercado de maior potencial futuro seria conveniente para o fabricante desses objetos convencer a um número cada vez maior de mulheres das vantagens de pertencer a esse grupo, e educá-las, anunciando que é possível

ter interesses externos conservando-se alerta a influências intelectuais mais amplas (sem se tornar uma Profissional). A arte de dirigir o lar deveria ser o objetivo de toda mulher normal».

O problema se foi percebido na ocasião por um persuasor oculto a serviço da indústria de eletrodomésticos, foi com certeza descoberto também por fabricantes de outros produtos para o lar — era o fato de que «uma geração inteira de mulheres está sendo educada para trabalhar fora de casa. Além disso, é evidente seu desejo de emancipação cada vez maior». A solução, muito simples, era incitá- las a ser donas de casa «modernas». As Profissionais, que detestavam francamente lavar, passar, arrumar, mostravam-se menos interessadas em uma nova cera ou sabão em pó. Ao contrário da Verdadeira Dona de Casa e da Dona de Casa Equilibrada, que preferem possuir aparelhos e fazer pessoalmente o trabalho doméstico, a Profissional «prefere criados — serviço doméstico toma tanto tempo e energia!» Compra os utensílios, porém, tenha ou não empregadas, mas é mais propensa a queixar-se de sua utilidade e mais difícil de contentar».

Era tarde demais — impossível até — transformar essas profissionais de verdade ou de aspiração em Verdadeiras Donas de Casa, mas o estudo indicava em 1945 o potencial da Equilibrada — a carreira do lar. «Que economizem tempo, tenham mais conforto, combatam a sujeira e a desordem, tenham supervisão mecanizada e, no entanto, não renunciem ao senso de realização pessoal e orgulho pela casa bem organizada, resultante de sua atenção pessoal aos trabalhos domésticos. Segundo uma jovem dona de casa: «É bom ser moderna — é a mesma coisa que dirigir uma fábrica instalada com maquinário do último tipo».

Mas a tarefa não era simples, nem para comerciantes, nem para os publicistas. Novas utilidades domésticas capazes de fazer quase todo o trabalho caseiro superlotavam o mercado; tornava-se necessária uma habilidade cada vez maior para dar à mulher «senso de realização», e ao mesmo tempo transformar as tarefas domésticas no principal objetivo de sua existência. Cultura, independência, personalidade em evolução, tudo o que lhes apontasse outras finalidades precisava ser constantemente combatido e encaminhado de volta ao lar.

Os serviços do publicista tornaram-se cada vez mais valiosos. Nos últimos estudos, a Profissional deixou de ser entrevistada; não estava em casa durante o dia. As mulheres das amostragens eram Equilibradas ou Verdadeiras Donas de Casa. Produtos domésticos ou de consumo geral são, afinal, fabricados para a mulher, isto é, para a dona de casa, que tem tempo para fazer compras. Naturalmente as entrevistas minuciosas, testes projetivos e «laboratórios vivos » eram destinados a impressionar o cliente, mas com frequência continham um estudo aprofundado de hábil sociólogo, que poderia ser usado com proveito.

Dizia-se aos clientes que eles precisavam tomar uma providência em relação à crescente necessidade de trabalho criativo revelada pela mulher americana — «o sonho irrealizado da dona de casa moderna». O publicista a que aludi escreveu, por exemplo, em um relatório:

Precisamos fazer todos os esforços para vender X Mix, baseados no impulso criativo da mulher. A publicidade deve dar ênfase ao fato de que X Mix ajuda a dona de casa a expressar seu espírito criador, uma vez que faz desaparecer a monotonia do trabalho. Ao mesmo tempo, deve-se dar destaque à culinária em si, à alegria de preparar um prato, sentindo que X Mix é a mistura ideal.

Mas surge um novo dilema: como induzir a dona de casa a gastar dinheiro numa mistura que elimina o trabalho de preparar um bolo, dizendo que «ela poderá empregar suas energias em tarefas que realmente valem a pena», e simultaneamente impedi-la de ficar «ocupada demais para cozinhar»? («Não uso a mistura porque não cozinho, dá trabalho demais. Moro num apartamento grande e entre arrumá-lo, cuidar de meu filho e sair para o emprego de meio expediente não sobra tempo para cozinhar»). Como evitar a «sensação de desapontamento quando o que sai do forno parece pão e não biscoito? Onde vai parar o senso de realização criativa? («Para que fazer biscoitos em casa quando os há tão gostosos à venda? Não faz sentido ter tanto trabalho preparando a mistura e untando formas »...). Que fazer quando a mulher de hoje se recusa a pensar como sua mãe, que achava necessário preparar pessoalmente o bolo? («Quando minha mãe fazia um bolo, peneirava a farinha, acrescentava os ovos e a manteiga e o resultado era algo de que realmente se podia orgulhar»).

O problema pode ser resolvido, afirma o relatório:

Usando o X Mix, a mulher afirma-se como esposa e mãe, não só cozinhando, como passando mais tempo com a família... Naturalmente é preciso insistir em que o alimento preparado em casa é preferível ao comprado no supermercado...

O mais importante é dar ao X Mix um «valor terapêutico», minimizando as receitas fáceis e destacando «o esforço estimulante de cozinhar». Do ponto de vista publicitário, isto significa que «com X Mix em casa você será uma mulher diferente.. . e mais feliz».

Além disso, o cliente fica sabendo que uma frase do seu anúncio — «você prepara um bolo do modo mais fácil, menos cansativo» — evoca uma relação negativa entre as donas de casa americanas, trazendo à tona o seu «complexo de culpa». («Já que nunca acham estar fazendo um esforço suficiente, é erróneo dizer-lhes que com X Mix podem preparar um bolo calmamente»). Suponhamos, sugere o estudo, que essa dedicada esposa e mãe, diante do forno, esteja simplesmente dando vazão à sua gula por doces. O fato de cozinhar ser trabalho próprio de dona de casa ajuda-a a combater qualquer dúvida relativa às suas motivações pessoais.

Mas há maneiras de contornar até o complexo de culpa, afirma o relatório:

É possível sugerir, por meio de anúncios, que não aproveitar as vantagens dos 12 diferentes sabores de X Mix é limitar seus esforços para agradar a família. Mas pode-se transferir o complexo de culpa: em vez de fazer com que a mulher se sinta culpada por ter usado X Mix para preparar uma fácil sobremesa, pode-se levá-la a ter remorsos por não usar as 12 deliciosas misturas. "Não desperdice seus talentos, não se limite.

Em meados da década de cinquenta, os estudos revelaram alegremente que

a Profissional («que clamava por igualdade e quase identidade em todas as esferas, que reagia com indignação e veemência contra a escravidão doméstica») desaparecera, substituída por uma mulher «menos mundana, menos sofisticada», cuja atividade nas reuniões de pais e mestres proporciona contactos mais amplos com o mundo para além das paredes do lar», mas que «acha nos trabalhos caseiros um meio de expressão para sua feminilidade e personalidade ». Não se parece com a antiga e abnegada dona de casa, pois considera-se igual ao homem, mas sente-se «preguiçosa, negligente e culpada» por não ter bastante o que fazer. O anunciante deve orientar esse impulso criativo para a compra de um produto.

Após a resistência inicial, ela tende a aceitar café solúvel, alimentos congelados, já preparados, e utensílios que poupam trabalho, introduzindoos na rotina doméstica. Mas precisa de uma justificativa e a encontra na ideia de que "usando alimentos congelados fico mais livre para realizar outras tarefas importantes como esposa e mãe moderna".

Criatividade é a resposta dialética da mulher moderna ao problema de sua nova posição na família. Tese: Sou dona de casa. Antítese: detesto trabalho. Síntese: sou criativa!

Em essência, isto significa que embora a dona de casa compre alimentos enlatados, por exemplo, economizando tempo e esforço, não se detém aí. Sente grande necessidade de "elaborar o prato", a fim de provar sua participação pessoal e preocupação em agradar a família.

A sensação de criatividade serve também para outro fim: é válvula de escape para talentos ocultos, ocasião para manifestar seu bom gosto, dar largas à imaginação e mostrar espírito de iniciativa, utilizando em casa *todas as faculdades que poria em ação numa carreira fora do lar.*

A ânsia de oportunidades e momentos para usar o espírito criador é o principal aspecto da motivação aquisitiva.

O único problema, prevenia o estudo, era que «a mulher procura raciocinar e julgar por si mesma. Afasta-se cada vez mais rápido de opiniões coletivas ou majoritárias, criando padrões independentes ». «Não me importo com os vizinhos. Não quero manter as aparências, nem viver me comparando com eles»). Nem sempre é possível afastá-la desse ângulo. O anunciante precisa fazer um apelo mais direto.

"Faça um apelo a este anseio... Diga-lhe que gozará melhor a vida e que está ao seu alcance fazer novas experiências. Mais ainda: que você lhe está facultando uma lição de bem viver".

«Arrumar a casa deve ser um divertimento», anunciava o fabricante de um produto de limpeza que, embora talvez menos eficiente que o aspirador de pó, permitiria à dona de casa usar mais energia na tarefa. Além disso, dava-lhe a ilusão de ter-se tornado uma profissional ao escolher os produtos certos para cada tarefa específica ».

Esta profissionalização é uma defesa psicológica da dona de casa contra a

ideia de ser uma simples empregada da família, numa época de emancipação geral do trabalho.

O papel de especialista convém a uma dupla função emocional: 1) dá *status* à dona de casa, e 2) coloca-a fora da órbita do lar, no mundo científico moderno, por meio da busca do melhor método para executar seu trabalho.

Como resultado, jamais houve um clima psicológico mais favorável aos produtos e aparelhos de utilidade doméstica. A dona de casa moderna... chega a ser agressiva na procura de produtos que, em sua opinião de especialista, resolvem verdadeiramente o seu problema. Esta é a causa da popularidade de diferentes ceras e líquidos para lustrar diversos materiais, do crescente uso de enceradeiras e da variedade de esfregões e produtos de limpeza para paredes e assoalho.

A dificuldade é conseguir o «senso de realização» que a mulher foi levada a procurar na profissão doméstica, quando na verdade o trabalho de dirigir a casa é não só incessante como de tipo para o qual a sociedade contrata indivíduos e grupos de baixa categoria.. . Qualquer pessoa que tenha bons músculos e um mínimo de cérebro •é capaz de executar esses trabalhos manuais. Mas até esta dificuldade pode ser vencida e manobrada de modo a fazê-la comprar mais:

Uma das maneiras de aumentar o seu prestigio como dona de casa é usar produtos especializados para tarefas especializadas...

Quando usa um produto para lavar roupa, outro para lavar pratos, um terceiro para as paredes, um quarto para o assoalho, um quinto para as venezianas, etc, em vez de um produto de limpeza geral, sente-se menos operária sem qualificativos e mais como um engenheiro, um especialista.

Outra maneira de erguê-la aos próprios olhos é aconselhar: "faça como eu" — atribuindo-lhe uma função de especialista e a capacidade de descobrir truques pessoais. Por exemplo: "Eu sempre ponho um pouco de goma em todas as minhas roupas, até as estampadas. Assim elas parecem limpas de verdade!"

«Ajude-a a justificar o trabalho manual dando maior importância ao seu papel de protetora da família, destruidora de milhões de germes e micróbios», aconselhava o estudo. «Destaque sua importante função na família. . . ajude-a a ser uma especialista, e não uma operária manual... faça do trabalho doméstico uma questão de habilidade e conhecimentos, e não de tedioso e infindável esforço». Um modo eficaz de consegui-lo é lançar um novo produto. Pois existe uma onda crescente de donas de casa aguardando novos produtos que, além de diminuir o trabalho diário, atraíam seu interesse intelectual e emocional pelo mundo do progresso científico.

É de ficar boquiaberta de admiração diante de tanto engenho — a dona de casa participando do progresso científico simplesmente.* pelo fato de comprar um novo produto, — ou algo antigo que recebeu um tratamento renovador.

Além de erguer seu *status* profissional, um novo produto ou instrumento de limpeza aumenta a sensação de segurança económica e de luxo, exatamente como um automóvel age sobre o homem. Isto foi registrado em 28% das respostas, que eram unânimes no seguinte ponto: "Gosto de experimentar

produtos novos. Comecei a usar um novo detergente líquido e, não sei por que, sinto-me como uma rainha.

A ideia de fazer com que a mulher use a mente e até participe do progresso científico através do trabalho caseiro não deixa de ter seus perigos. A ciência não deve eliminar completamente o trabalho. Em vez disso, precisa empenhar-se em criar uma *ilusão* daquele senso de realização de que necessita a dona de casa.

A fim de provar este ponto, 250 mulheres responderam a um teste aprofundado. Pediram-lhes que escolhessem entre quatro métodos imaginários de limpeza. O primeiro era um sistema completamente automático de remoção do pó e da sujeira. No segundo, a dona de casa teria que apertar um botão para pôr em funcionamento o sistema; o terceiro era portátil — precisava ser carregado até o local onde seria feita a limpeza. E o quarto era um objeto totalmente novo, com o qual ela poderia remover pessoalmente a poeira. A maioria mostrou-se a favor do último. «Já que é moderno, ela prefere o que lhe permite trabalhar», diz o relatório. «A razão compulsiva é o desejo de participar, não apenas apertar um botão». Uma das entrevistadas observou: «Se de fato existisse esse sistema mágico onde basta apertar um botão, como é que eu faria exercício, como me sentiria realizada e o que faria a manhã inteira?»

Este fascinante estudo revelou por acaso que um determinado instrumento eletrônico de limpeza — há muito considerado um dos nossos mais importantes «quebra-galhos» — «dificultava o serviço mais que necessário». Pelas respostas de 80% dessas donas de casa, parecia, assim que o aparelho era ligado, que ela se sentia «obrigada a fazer limpezas que não eram de fato necessárias». O aparelho eletrônico determinava verdadeiramente a extensão e o tipo de limpeza a ser feito.

A dona de casa deverá, então, ser incitada a voltar ao esfregão barato, que só faz a limpeza que ela própria determina? Claro que não, responde o informe. O que se deve é atribuir ao esfregão antiquado o *status* de um aparelho eletrônico, um objeto necessário para poupar a dona de casa moderna, e depois sugerir, naturalmente, que ela possua ambos.

Ninguém, nem mesmo os pesquisadores, negavam que o trabalho caseiro é infindável, e que sua tediosa repetição não causava tanto prazer assim, nem exigia conhecimentos especializados. Mas o fato de ser infindável era uma vantagem do ponto de vista do vendedor. O problema era manter à distância a ideia subconsciente que começava a emergir perigosamente «em milhares de entrevistas feitas para uma dúzia de diferentes produtos de limpeza»: «É uma droga! Tenho que fazer, então faço. É um mal necessário e pronto», dizia uma dona de casa entrevistada. Como reagir? Lançando cada vez mais produtos, tornando mais complicadas as explicações, obrigando de fato a dona de casa a ser uma «especialista». (Lavar roupa, dizia o relatório, deve ser mais que o simples ato de jogar as peças na máquina e salpicar sabão em pó por cima. As peças devem ser cuidadosamente separadas, um monte recebendo o tratamento A, o segundo o tratamento B e sendo algumas lavadas à mão. A dona de casa ficará então «muito orgulhosa por saber exatamente qual dos produtos deve usar

em cada ocasião»).

Capitalize «o sentimento de culpa na dona de casa, por sujeira escondida», prosseguia o relatório, de modo que ela ponha a casa abaixo numa grande operação limpeza, que a tornará uma mulher realizada pelo menos durante algumas semanas. («Nos dias de limpeza geral ela está mais inclinada a experimentar novos produtos, e os que prometem 'limpeza em profundidadÉ prometem também senso de realização»).

O vendedor deve ainda insistir na alegria de realizar cada tarefa em especial, lembrando que «quase todas as donas de casa, inclusive as que detestam seu trabalho, paradoxalmente encontram um meio de fuga aceitando sua sorte, «atirando-se de coração à limpeza».

> Perdendo-se nesse trabalho, rodeada de utensílios, cremes, pós, sabões, esquece durante algum tempo que terá que refazê-lo muito breve. Em outras palavras, a dona de casa permite a si mesma esquecer por um momento que a pia novamente se encherá de pratos, e que o assoalho breve estará sujo, agarrando-se aos momentos de realização da tarefa como se estivesse criando uma obra-prima que a tornará merecedora de um monumento.

Este é o tipo de experiência criativa que o vendedor oferece à dona de casa. Nas palavras de uma delas:

> Não gosto de trabalho doméstico. E sou péssima em todos eles. Mas de vez em quando me animo... É quando surge um novo produto de limpeza, como aqueles líquidos para polir os móveis. Fiquei encantada e corri a casa toda com êle, lustrando móveis e objetos. Gosto de ver as coisas brilharem. Sinto-me bem quando o banheiro está todo rebrilhante.

E o publicista aconselhava:

> Identifique seu produto com a recompensa física e espiritual derivada do sentimento quase religioso de segurança básica, representado pelo lar. Fale sobre "sentimentos de tranquilidade, alegria, e profunda realização"... Mas lembre-se de que ela não deseja elogios gratuitos... Lembre-se também que sua disposição não é propriamente alegre. Está cansada e um tanto solene. Adjetivos ou coloridos superficiais não refletirão seus sentimentos. Reagirá muito melhor a uma mensagem simples, cordial, sincera.

Na década de cinquenta, houve a descoberta revolucionária do mercado adolescente. Este, ao lado do de jovens casais, começou a figurar com destaque nas entrevistas. Descobriu-se que as recémcasadas que haviam cursado apenas o secundário e nunca trabalharam eram mais inseguras, menos independentes, mais fáceis de convencer. Era possível dizer aos jovens casais que comprando este ou aquele produto alcançariam um *status* de classe média, sem estudo ou esforço. O «faça como seu vizinho» voltou a funcionar; a personalidade e a independência que a mulher americana começara a adquirir com o estudo e o trabalho fora de casa não chegavam a ser problema entre as recém-casadas adolescentes. Na verdade, segundo as pesquisas de mercado, caso se pudesse estabelecer o padrão da felicidade por meio de aquisições nesta faixa de idade, elas continuariam nesse ritmo e acabariam arranjando um emprego de meio expediente só para ajudar o marido a adquirir todos os objetos que desejavam. O principal era convencê-las de que a «felicidade através de aquisições» deixou de ser uma prerrogativa dos ricos e talentosos, estando ao alcance de todos os que aprendam a «fazer como

os outros», poupando a si mesmos o embaraço de ser diferentes.

Ou, nas palavras de um desses relatórios:

"49 por cento das recém-casadas eram adolescentes; hoje mais que nunca a mulher se casa aos 18 anos. Esta prematura formação da família representa um número maior de jovens no limiar de grandes responsabilidades, fazendo aquisições de vulto.

O mais importante, porém, é um fato de natureza psicológica: hoje em dia casamento não só é a culminação de uma atração romântica, como também a decisão de estabelecer uma sociedade e um lar confortável, equipado com um grande número de produtos desejáveis.

Falando a dezenas de jovens noivos e casais descobrimos que, via de regra, seus sonhos giravam em torno do futuro lar e de sua decoração. Gostavam também de discutir as vantagens e desvantagens de diversos produtos...

A noiva moderna está profundamente convencida do valor sem paralelo do amor conjugal, das possibilidades de encontrar a verdadeira felicidade no casamento, cumprindo assim seu destino pessoal.

Mas o período de noivado, hoje em dia, não é apenas um tempo de sonhos e romantismo. Pode-se dizer com segurança que se inclina a ser um ensaio dos deveres materiais e das responsabilidades conjugais. Enquanto esperam pelo dia de núpcias, os noivos trabalham com afinco, economizando para determinadas compras, que às vezes são feitas a prazo.

Qual é o significado mais profundo desta combinação entre uma fé quase religiosa na importância e beleza da vida conjugal, e esse ponto de vista orientado para a aquisição de produtos?...

A noiva moderna procura como objetivo consciente o que em muitos casos sua avó considerava destino cego e sua mãe, escravidão: pertencer a um só homem, ter um lar e filhos, escolher entre todas as carreiras a de espôsa-mãe-dona-de-casa".

O fato de a noiva procurar hoje no casamento sua completa realização, e a prova de que é capaz de participar, através do lar, das interessantes ideias do presente e do futuro, tem imensas aplicações práticas, afirmam os publicistas. Tudo o que a jovem procura no casamento, até o temor de ser deixada para trás, pode ser canalizado para a compra de produtos. Por exemplo: um fabricante de prataria, produto de difícil venda, recebeu o seguinte conselho:

Afirme que somente com talheres de prata poderá sentir-se segura em seu novo papel... Prata simboliza seu êxito como mulher moderna. Dramatize principalmente o orgulho que sentirá ao polir os talheres. Estimule a vaidade em possuí-los. Quanto orgulho numa breve e divertida tarefa...

Concentre-se nas mais jovens adolescentes, aconselhava ainda o informe. Elas hão de querer o que as outras querem, mesmo contra a vontade das mães. (Disse uma das adolescentes: «Toda a turma começou a comprar faqueiros de prata. Estamos entusiasmadas, comparamos modelos e estudamos juntas os catálogos. Minha família nunca teve talheres de prata e acha que nós nos estamos exibindo, gastando tanto dinheiro. Para eles os niquelados têm o mesmo valor. Mas a turma acha que eles não entendem nada»). Entre em contacto com elas nas escolas, nos clubes, nas associações, através de professoras de economia doméstica, líderes de grupo, programas de televisão para adolescentes, anúncios. «Este é o grande mercado do futuro e o contacto pessoal, junto a pressões de grupo, não só é a mais poderosa influência, como, na ausência de tradição, a mais necessária».

Quanto à mulher mais velha e independente, sua infeliz tendência a usar materiais que exijam pouca manutenção — aço inoxidável, louça de plástico, guardanapos de papel — pode ser combatida fazendo- se com que ela se sinta

culpada dos efeitos sobre as crianças. («Uma jovem esposa nos disse: Passo o dia inteiro fora de casa, de maneira que não posso preparar e servir as refeições conforme desejaria. Não gosto disso — meu marido e as crianças merecem melhor. Às vezes pergunto a mim mesma se não seria melhor tentarmos viver apenas com um salário e ter uma verdadeira vida doméstica. Mas precisamos de tanta coisa...»). Esse complexo de culpa, afirma o relato, pode ser utilizado para mostrar que o produto, prata, é um meio de conservar unida a família, dando-lhe «maior valor psicológico». Além disso, o produto pode até preencher o anseio de personalidade da dona de casa: «Sugira que a prata reflete a personalidade da pessoa. Não tema a sugestão mística de que a prata se adaptará a qualquer casa e a qualquer pessoa».

A indústria de peles está em má situação, revela outro estudo, porque as secundaristas e universitárias consideram inúteis os casacos de pele, além de considerá-los «luxo para amantes». Também neste caso o conselho era atingir as muito jovens, antes que se formassem essas infelizes conotações. («Facultando às adolescentes uma experiência positiva no setor de peles é provável que se consiga torná- las futuras compradoras»). Sugerir que «usar um casaco de peles é afirmar a própria feminilidade e sexualidade». («É o tipo de coisa que faz uma garota suspirar. É significativo. É feminino». «Estou educando muito bem minha filha. Ela sempre quer usar o casaco da mamãe. É uma garota de verdade»). Mas não esqueça de que «um casaco de *mink* trouxe um simbolismo negativo a todo o mercado de peles». Infelizmente, duas em cada mulheres achavam que quem usa mink é «exploradora... egoísta... dependente... parasita social...»

A feminilidade, hoje em dia, não pode ser claramente exploradora, dizia o relatório, nem possuir as antigas conotações de alta moda, exclusividade, egocentrismo. Assim, a «ego-orientação» no mercado de peles deve ser minimizada, substituída pelo novo sentido de feminilidade da dona de casa, e traduzida em termos de orientaçãofamilial, união.

> Insinue a ideia de que um casaco de peles é uma necessidade — uma deliciosa necessidade... dando assim à compradora a justificativa moral de que sua aquisição a deixará plenamente satisfeita... Dê à feminilidade das peles um caráter mais amplo, desenvolvendo a ideia de *status* e símbolos de prestígio... mulher feliz... esposa e mãe que conquista a afeição e o respeito do marido e dos filhos por ser quem é, e não pelas tarefas que cumpre...
>
> Coloque artigos de pele em ambiente familiar, mostrando o prazer e admiração do marido e das crianças, seu orgulho pela aparência da mãe, e pelo fato de que ela possui um casaco de valor. Transformá-los era presentes de família, reduzindo seu aspecto de egoísmo e eliminando o remorso pela pseudo-autocomplacência.

A única maneira de jovem dona de casa poder expressar-se sem remorsos é comprando produtos para o lar. Qualquer impulso criativo deverá ser também orientado neste sentido, conforme observa outro relatório sobre a indústria da costura doméstica.

Atividade como a costura adquire um novo significado e importância, uma vez que não é mais associada à absoluta necessidade... Além disso, com a elevação moral das atividades domésticas, a costura, assim como a culinária, jardinagem e decoração — é reconhecidamente meio de expressão da

criatividade e personalidade, e um modo de conseguir a boa qualidade ditada pelo gosto do momento.

As mulheres que costuram, descobriu o estudo, são as donas de casa ativas, enérgicas e inteligentes, voltadas para o lar, com um grande anseio irrealizado de criar e desenvolver a própria personalidade — o que pode ser conseguido com uma atividade doméstica. O grande problema para a indústria caseira era a ideia de monotonia ligada à costura. Por qualquer motivo, não dava a sensação de se estar realizando algo de importante. Ao vender seus produtos, a indústria deve destacar o seu ângulo «duradouro».

Mas até coser pode ser excessivamente criativo e pessoal, segundo o conselho dado a um fabricante de moldes. Estes exigiam inteligência para serem recortados, e deixavam amplo espaço para expressão individual, o que criava problemas para o próprio fabricante. Seus moldes sugeriam que uma «mulher sabe o que quer e têm ideias bem definidas». Recebeu então o conselho de ampliar essa «personalidade demasiado limitada» apelando para a «conformidade na moda», para a mulher insegura na maneira de vestir», para o «elemento conformista, que afirma não ser elegante estar vestida de modo demasiado original». Naturalmente o problema do fabricante não era satisfazer à personalidade da mulher, o seu anseio de criatividade, e sim vender mais moldes — o que se consegue com maior conformidade.

De vez em quando esses estudos analisam com perspicácia tais anseios e até as frustrações secretas da dona de casa americana, mostrando sempre que, se corretamente manobrada, ela será induzida a fazer mais aquisições. Em 1957, uma pesquisa declarou às lojas de departamentos que seu papel no mundo de hoje era não só vender à dona de casa como satisfazer-lhe a necessidade de «cultura » — preenchendo o anseio que ela sente de participar do mundo em transformação, mesmo quando sozinha em casa. A loja venderá mais se compreender que a verdadeira necessidade que a cliente procura satisfazer por meio de uma compra não pode ser satisfeita por coisa alguma que ali se encontre.

> A maioria das mulheres tem não só uma necessidade material, como uma compulsão psicológica para visitar lojas de departamentos. Vive em relativo isolamento, com uma visão e experiência limitadas. Sabe que existe um mundo muito mais amplo para além de seus horizontes, e teme que a vida a deixe para trás. As lojas de departamentos quebram seu isolamento. Ao entrar, tem a impressão de ficar a par de tudo o que se passa no mundo. Mais que as outras lojas, a televisão, ou qualquer outro meio de comunicação de massa, em lojas de departamentos são para a mulher a principal fonte de informação sobre os diversos setores da vida...

Há inúmeras necessidades que as lojas de departamentos precisam satisfazer, prossegue o relatório. Entre estas, «o desejo feminino de aprender e prosseguir na vida».

«Nossa posição social é simbolizada pelos objetos com que nos rodeamos. Uma mulher cujo marido ganhava 6.000 dólares há alguns anos e passa a ganhar 10.000 precisa aprender toda uma nova simbologia. As lojas de departamentos são os melhores mestres no assunto».

Para outro, a necessidade de realizar-se pode ser preenchida por uma «pechincha».

Descobrimos que em nossa economia próspera a preocupação com os preços é menos necessidade financeira que psicológica, na maioria das mulheres... Comprar uma pechincha não mais significa adquirir algo que não poderia ser comprado a um preço mais alto e sim ser uma boa dona de casa, contribuindo para o bem-estar da família, tanto quanto o marido que traz seu salário no fim do mês.

O preço não importa, diz outro relatório:

"Uma vez que a compra é o clímax de um complicado relacionamento baseado em grande parte no desejo feminino de ser mais atraente, melhor dona de casa, mãe extraordinária, etc, use esta motivação em suas promoções e publicidade, aproveitando ainda todas as oportunidades para explicar como sua loja a judará a realizar suas mais caras funções...

Se as lojas são as escolas da mulher, os anúncios são seus livros de estudo. Demonstram verdadeira avidez pela propaganda, que lhes dá a ilusão de estar em contacto com o que se passa no mundo dos objetos inanimados, através dos quais manifestam tantos de seus impulsos..."

Em 1957, uma pesquisa declarou, muito corretamente, que apesar de «vários aspectos positivos» da nova «era centralizada no lar», infelizmente demasiados impulsos estão agora aí concentrados, e o lar não pode realizá-los todos. Isto será causa de alarme? Não. Mesmo esses impulsos podem ser manobrados.

"A família nem sempre é ideal do ponto de vista psicológico, conforme tem sido representada. Na verdade, tantas exigências neste sentido lhe são feitas que não poderia cumpri-las todas...

Felizmente para os produtores e publicistas americanos (e também para a família e o bem-estar psicológico dos nossos cidadãos) grande parte dessas falhas podem ser compensadas, e o estão sendo, pela aquisição de bens de consumo.

Centenas de produtos preenchem toda uma gama de funções psicológicas, que produtores e anunciantes deveriam saber usar para obter vendas mais eficientes. Assim como antigamente produzir servia de válvula de escape para tensões sociais, hoje em dia o consumo preenche a mesma finalidade".

A aquisição de objetos esgota os impulsos que não podem ser verdadeiramente satisfeitos pelo lar e a família, «algo que transcenda a si mesmas e com que gostariam de identificar-se», «o senso de caminhar com os outros em direção a objetivos que dêem um significado à existência», «um alvo de caráter social, ao qual os indivíduos dediquem seus esforços».

A necessidade de ocupar um lugar significativo num grupo que lute por objetivos sociais encontra-se profundamente enraizada na natureza humana. Sempre que isso não ocorre, o indivíduo torna-se insatisfeito, o que explica por que, quando conversamos com pessoas do país inteiro, ouvimos repetidamente estas perguntas: 'Que significa tudo isso?' 'Para onde vou?' 'Por que não tem a vida mais valor, quando trabalhamos tanto neste sentido e possuímos tantos meios para torná-la significativa?'"

A questão é: seu produto é capaz de preencher esta lacuna?

«A necessidade frustrada de um canto só seu na vida de família », nesta época de «união», foi outro desejo secreto descoberto por uma pesquisa em profundidade. Esta servia para vender um segundo carro..

Além do carro usado por toda a família, um só para cada membro do casal — 'Sozinho no

carro respira-se mais livremente. Um carro é como um castelo, ou o instrumento da vida pessoal reconquistada'. Pode-se também falar em pasta dentifrícia, sabonete, shampoo 'individual', 'pessoal'.

Uma outra pesquisa revelou que existia uma surpreendente «assexualização da vida conjugal», apesar do grande destaque dado à família e ao sexo. Problema: que poderia compensar o que os pesquisadores chamaram «ausência de interesse sexual»? Solução: o relatório aconselhava os vendedores a «trazer a libido de volta ao anúncio ». Apesar da impressão de que nossos fabricantes procuram vender tudo por meio do sexo, este elemento nos anúncios de televisão e nas revistas do país é demasiado restrito e pouco agressivo. O «consumismo» está assexualizando a libido do povo americano porque «deixou de refletir as poderosas forças vitais do indivíduo, que vão muito além do relacionamento entre os sexos». Aparentemente os vendedores assexualizaram o sexo.

"A maior parte dos anúncios reflete e exagera a tendência nacional para menosprezar, simplificar e diluir os aspectos turbulentos e emocionantes da humanidade... Ninguém sugere que a publicidade deva tornar-se obscena. O problema é que por sua timidez e falta de imaginação corre o perigo de se tornar pobre de libido e, por conseguinte, irreal, desumana e tediosa".

Como apelar novamente para a libido, restituir-lhe a perdida espontaneidade, impulso, amor à vida, e personalidade que o sexo nos Estados Unidos parece ter perdido? Num momento de distração o relatório conclui que «amor à vida, assim como ao sexo oposto, deve permanecer puro de motivos externos... que a esposa seja mais do que dona de casa... uma mulher»...

Certo dia, mergulhada nas diversas facetas desses relatórios que vêm sendo entregues aos anunciantes nos últimos quinze anos, fui convidada a almoçar com o homem que dirige esta operação de pesquisa motivacional. Êle me ajudara tanto a denunciar as forças comerciais agindo por detrás da mística feminina, que eu também gostaria de ajudá-lo. Uma vez que achara tão difícil proporcionar à mulher um verdadeiro senso de criatividade e realização no trabalho, tentando acalmar sentimentos de culpa, decepções e frustrações por meio de aquisições, ingenuamente perguntei por que não as incentivava a comprar objetos pelo seu verdadeiro valor, de modo a ter tempo para sair de casa e dedicar-se a objetos verdadeiramente construtivos no mundo exterior.

— Mas nós a ajudamos a redescobrir o lar como expressão de criatividade — protestou êle. — «Nós a levamos a encará-lo como um artista considera o seu estúdio e o cientista, seu laboratório. Além disso, a maioria dos fabricantes com quem lidamos produzem algo relacionado com a vida doméstica».

— Numa economia de livre empresa — prosseguiu — precisamos criar a necessidade de novos produtos. Fazendo o que sugeie. libertaríamos a mulher do desejo de novidades. Nós a ajudamos a redescobrir que dirigir a casa é tarefa mais criativa do que competir com o homem. Isto é fácil de manobrar. Nós lhe vendemos o que deveria desejar, agitamos o inconsciente e a levamos a desejar mais ainda. O grande problema é libertar a mulher do temor do que lhe aconteça caso não tenha que passar tanto tempo cozinhando e fazendo a limpeza.

— É exatamente o que quero dizer — respondi. — Por que a mistura de

bolos não diz à mulher que poderia empregar o tempo assim economizado para ser astrónoma?

— Não seria difícil — replicou. — Umas poucas imagens: a astrónoma agarrando o seu homem, a astrônoma-heroína, é elegante dedicar-se à astronomia... mas, não! O cliente ficaria assustado. Êle quer vender sua mistura de bolos. A mulher precisa ficar em casa. O fabricante quer vê-la na cozinha e nós lhe indicamos a melhor maneira de consegui-lo. Se afirmar que não pode passar de esposa e mãe ela cuspirá no seu rosto. Mas nós lhe indicamos como demonstrar que culinária é uma tarefa criativa. Liberamos a criatividade na cozinha. Se dissermos à mulher que deve ser astrónoma, ela poderá afastar-se demais do fogão. Além disso, se alguém quisesse uma campanha para induzi-la a ser astrónoma teria que arranjar uma entidade como a Associação Nacional de Cultura para financiá-la.

Os pesquisadores motivacionais têm o crédito de haver penetrado na realidade da vida e das necessidades da dona de casa — uma realidade que muitas vezes escapou aos seus colegas sociólogos e psicólogos académicos, que só enxergavam através do véu freudiano. Em seu próprio proveito e no dos clientes, descobriram que milhões de donas de casa americanas, que todos julgavam muito felizes, possuem complexos anseios que o amor, a família, e os filhos não conseguem satisfazer. Mas, por uma moralidade que vai além do dólar, são culpados utilizando de astúcia para vender utilidades que, por mais engenhosas que sejam, jamais preencherão esses desesperados anseios. São culpados de persuadir a mulher a ficar em casa, mesmerizada pela televisão, com desejos humanos não sexuais insatisfeitos, indefinidos, canalizados pelo impulso sexual para a aquisição de bens.

Eles e seus clientes comerciantes dificilmente seriam acusados de criar a mística feminina, mas são seus mais poderosos perpetuadores. São os seus milhões que cobrem o país de imagens convincentes, lisonjeando a dona de casa, desviando seu complexo de culpa e disfarçando a crescente sensação de vazio. Agiram com tanta eficácia, empregando técnicas e conceitos da moderna ciência social e transpondo-as para propagandas e anúncios aparentemente simples, mas na verdade inteligentes e ofensivos, que um observador do ambiente americano de hoje aceita como um fato que a grande maioria das mulheres deste país não têm outra ambição além de ser dona de casa. Se não são os únicos responsáveis por levar a mulher de volta ao lar, são responsáveis por manterem-na ali. É difícil escapar aos seus insistentes argumentos nesta época de comunicação de massa; inseriram profundamente no espírito da mulher, do marido, filhos e vizinhos, a mística feminina. Tornaram-na parte do tecido da vida cotidiana, insistindo em que quem não fôr melhor dona de casa não ama a família ou está ficando velha.

Pode alguém sentir-se bem cozinhando num fogão sujo? Até agora fogão algum podia ser absolutamente limpo. Hoje, o RCA Whirlpool tem portas que podem ser retiradas, gavetas para gordura que são lavadas na pia, bandejas que deslizam facilmente... O primeiro fogão que qualquer mulher é capaz de conservar absolutamente limpo... e que cozinha tudo com melhor sabor.

O amor pode ser expresso de diferentes maneiras. É dar e receber. É proteger e optar...

sabendo o que é mais seguro para as pessoas amadas. Seu papel higiénico deve ser sempre Scott... Em branco e quatro dife-* rentes tonalidades.

Com que habilidade canalizam o anseio de realização para fantasias sexuais que prometem juventude eterna, amenizando a passagem do tempo. Até dizem que é possível detê-lo:

Será que sim... ou será que não? Ela se diverte tanto quanto os filhos... e parece tão jovem como eles! Sua naturalidade, o brilho de seu cabelo ao sol... É como se tivesse descoberto o segredo de parar o tempo. De certo modo, foi o que fêz...

Com habilidade cada vez maior os anúncios vão ampliando o papel da dona de casa, sabendo que sua própria falta de personalidade a levará a aceitar qualquer sugestão.

Quem é ela? Mostra-se tão alegre quanto o filho de seis anos no primeiro dia de aula. Seus dias são uma corrida permanente: chegar a tempo para o trem, preparar merendas, fazer curativos em dedos, mil e um detalhes. É bem possível que ela seja você, precisando de um vestido especial para seus dias ocupados e compensadores.

É você esta mulher, proporcionando aos filhos as alegrias e oportunidades que deseja para eles? Levando-os de um lado para outro e ajudando- os a fazer isto e aquilo? Representando o papel que se espera de você na paróquia e nas atividades comunitárias?... desenvolvendo seus talentos de modo a tornar-se uma pessoa mais interessante? Você pode ser a mulher que ambiciona graças a um Plymouth só seu, e de mais ninguém...

Mas um novo fogão, ou um papel higiénico mais macio não tornam ninguém melhor esposa e mãe, mesmo que a pessoa julgue que sim. Tingir o cabelo não faz parar o tempo; comprar um Plymouth não confere uma nova personalidade; fumar Malboro não granjeia um convite a ir para a cama, mesmo que a pessoa julgue que basta isso. Mas essas promessas irrealizadas poderão mantê-la indefinidamente ansiosa por novas aquisições, impedindo-a de saber o que realmente precisa ou deseja.

Um anúncio de página inteira no *New York Times,* 10 de junho de 1962, era «Dedicado à mulher que passa a vida realizando toda a sua potencialidade!» Sob a foto de uma bonita mulher em vestido de noite, coberta de jóias, ladeada por duas lindas crianças, a legenda: «O único programa totalmente integrado de *make-up* e produtos medicinais, destinado à realçar ao máximo a beleza da mulher. Quem usa «Última» experimenta um profundo senso de realização. Um novo orgulho. Pois esta luxuosa Coleção de Cosméticos é o *suprassumo*. . . Para além nada mais existe».

Soa tão ridículo quando se compreende a verdadeira intenção!. . . Talvez a dona de casa não tenha ninguém a acusar, exceto a si mesma, quando se deixa lisonjear ou ameaçar para adquirir objetos que não correspondem às suas necessidades ou às da família. Mas se os anúncios e a propaganda são um caso nítido de processo, a promoção sexual disfarçada no editorial de uma revista ou num programa de televisão é ao mesmo tempo mais ridículo e mais insinuante. Neste caso a dona de casa é em geral vítima inocente. Escrevi para algumas revistas onde êssé tipo de venda está indissoluvelmente ligado ao conteúdo editorial. Consciente ou inconscientemente os editores sabem o que querem os

anunciantes.

A finalidade da revista X é *servir* — dar o serviço completo à mulher total que é a dona de casa americana; serviço em todos os setores de maior interesse do anunciante, que é também um homem de negócios. A publicação fornece uma vigorosa concentração de donas de casa sérias, conscienciosas, dedicadas, interessadas no lar e em produtos de utilidade doméstica. Mulheres mais capazes e desejosas de gastar dinheiro...

Não é preciso escrever memorandos, ou pronunciar uma só frase na reunião dos editores; os homens e mulheres responsáveis pelas decisões muitas vezes baixam seus altos padrões pessoais no interesse dos dólares do anunciante. Como antiga editora de McCall's revelou recentemente ~, muitas vezes a influência do anunciante não é nada sutil. A imagem do lar apresentada nas páginas de «serviço» é ditada nitidamente pelos rapazes da publicidade.

Contudo, uma empresa precisa lucrar com seus produtos; uma revista, uma série comercial precisam de publicidade para sobreviver. Mas, ainda que o lucro seja o único objetivo, o único padrão de sucesso, pergunto a mim mesma se a publicidade não está cometendo um erro quando oferece ao cliente o que julga que êle deseja. Pergunto a mim mesma se o desafio e as oportunidades para a economia americana não residirão, a longo prazo, em deixar a mulher evoluir, em vez de enganá-la com soros de juventude, conservando-a frívola e ávida de compras.

O verdadeiro crime, por mais proveitoso que seja para a economia americana, são a fria aceitação do conceito propagandístico («Conserve a juventude» é um anúncio de televisão que as crianças cantam ou recitam mesmo antes de aprender a ler), as bonitas propagandas fáceis de interpretar e as revistas para adolescentes claramente destinadas a transformá-las em compradoras de produtos domésticos, antes de chegarem à idade adulta.

A garota lê a revista X do princípio ao fim... Sabe fazer compras, cozinhar, costurar e tudo o mais que uma jovem deve saber. Planeja seu guarda-roupa inspirando-se nos figurinos da revista X, lê seus conselhos de beleza ... consulta suas páginas para estar a par das últimas entre a turma adolescente... E como compra o que a revista anuncia! Hábitos de compra começam aqui. É mais fácil iniciar um hábito do que interrompê-lo! (Aprenda como a revista X, publicação sem igual, leva seus anúncios às classes de economia doméstica).

Como uma cultura primitiva que sacrificava meninas aos deuses tribais, nós sacrificamos as nossas à mística feminina, encaminhando- as com crescente eficiência, por meio da publicidade sexual, ao papel de consumidores de utilidades a que se dedica proveitosamente o país. Dois anúncios foram recentemente publicados numa revista de âmbito nacional, destinados não às adolescentes, mas a empresas que produzem e vendem objetos. Um deles apresenta a foto de um menino:

Eu vou à lua... você não pode, porque é menina! As crianças crescem mais depressa hoje em dia. Seus interesses abrangem uma área imensa — dos patins aos foguetes. A companhia X cresceu também, apresentando uma vasta gama de produtos eletrônicos de aplicação no governo,

na indústria e na navegação espacial.

O outro mostrava um rosto de menina:

> Deve uma menina talentosa ser educada para dona de casa? Especialistas em educação calculam que o dom da inteligência excepcional cabe somente a uma em cada cinquenta crianças do país. Quando essa criança é uma menina, surge inevitavelmente a pergunta: Será este raro dom desperdiçado, caso ela se torne dona de casa? Que essas meninas talentosas respondam pessoalmente. Mais de 90% casam e a maioria acha a carreira doméstica cheia de desafio e recompensas, capaz de permitir-lhe o pleno uso de sua inteligência, tempo e energia... Em seu papel cotidiano de enfermeira, educadora, economista e simples dona de casa procura constantemente novos métodos de tornar a vida mais agradável para os seus... Milhões de mulheres — fazendo compras para a metade das famílias de todo o país — realizam este sonho economizando selos de bonificação.

Se aquela menina talentosa chegar a ser dona de casa, será que o propagandista a convencerá de que o uso de selos de supermercado é capaz de esgotar-lhe toda a energia e inteligência humanas no mesmo século em que ela pode viver e o rapaz vai à lua?

Nunca subestime o poder de uma mulher, diz outro anúncio. Mas esse poder era e é subestimado nos Estados Unidos, ou antes, é estimado somente em termos que possam ser manipulados para 200 conduzir a uma aquisição. A inteligência e a energia da mulher não são de fato levadas em conta, no entanto existem para serem usadas com uma finalidade mais alta que o trabalho doméstico e a compra de coisas — ou então desperdiçadas. Talvez se trate apenas de uma sociedade doente, relutando em enfrentar seus problemas, incapaz de conceber objetivos e finalidades à altura da capacidade e dos conhecimentos de seus membros e preferindo ignorar a força da mulher. Talvez se trate apenas de uma sociedade doente ou imatura, que procura transformá-la em «dona de casa», e não em gente. Talvez se trate apenas de homens e mulheres doentes ou imaturos, hesitando em enfrentar os grandes desafios de nossa sociedade e capazes de se recolher por muito tempo, sem grande perturbação, a uma casa entulhada de coisas, transformando-a na própria finalidade da sua existência.

X
Expande-se a função doméstica para encher tempo livre

COM A VISÃO DA FELIZ DONA DE CASA CONFORME é descrita pelas revistas e a televisão, pelos sociólogos funcionalistas, os educadores orientados para o sexo e os manipuladores da opinião pública dançando diante dos meus olhos, saí à procura dessa criatura mística. Como Diógenes com sua lanterna, percorri subúrbio após subúrbio no papel de repórter, em busca de uma mulher talentosa, culta e que se sentisse realizada como dona de casa. Dirigi-me primeiro aos centros de saúde mental e às clínicas de orientação, a analistas de fama, a médicos de prestígio e, expondo meu propósito, pedi-lhes que me orientassem não a donas de casa neuróticas e frustradas, mas às inteligentes, capazes e cultas, que se tenham dedicado exclusivamente ao papel de esposa e mãe.

— Conheço várias donas de casa que se realizaram como mulheres — disse um psicanalista.

Pedi-lhe que me desse o nome de quatro e fui visitá-las.

Uma, após cinco anos de análise, deixara de ser uma pessoa desequilibrada, mas não era apenas dona de casa. Tornara-se programadora de computador. A segunda era uma pessoa exuberante, com um marido muito bem sucedido e três filhos cheios de vivacidade. Durante toda a sua vida de casada fora analista profissional. A terceira, entre dois filhos, prosseguia muito a sério sua carreira de dançarina. E a quarta, após a psicoterapia, estava-se envolvendo cada vez mais na carreira política.

Voltei ao analista e observei que, embora as quatro parecessem mulheres realizadas, nenhuma era apenas dona de casa e uma delas era sua colega de profissão.

— É pura coincidência no caso dessas quatro — respondeu.

Mas perguntei a mim mesma se seria de fato coincidência.

Em outra comunidade, indicaram-me uma senhora que, afirmou meu informante, era verdadeiramente realizada como dona de casa («ela até prepara o pão que a família come»). Descobri que quando seus quatro filhos tinham menos de seis anos e ela escrevia na folha do censo «Ocupação: dona de casa», estudara um idioma (obtendo certificado para ensinar) e usara seus conhecimentos de música primeiro como organista voluntária da igreja, e mais tarde, como profissional remunerada. Pouco depois que a entrevistei começou a lecionar.

Em vários casos, porém, as mulheres que interroguei encaixavam- se de fato na nova imagem feminina: quatro, cinco ou seis filhos, faziam pão, ajudavam a construir sua casa com as próprias mãos, costuravam a roupa das crianças. Não haviam sonhado com carreiras, não tinham visões de um mundo

mais amplo que o lar; toda a sua energia concentrava-se na vida doméstica; sua única ambição, seu único sonho já realizado. Mas seriam mulheres satisfeitas?

Em um bairro próspero que percorri, entrevistei vinte e oito mulheres casadas. Algumas tinham curso superior e estavam com trintaquarenta anos; as mais jovens haviam abandonado os estudos para casar. Os maridos viviam muito envolvidos em profissões competitivas. Apenas uma trabalhava em caráter profissional; as outras haviam transformado a maternidade em carreira, com ligeiro envolvimento em atividades comunitárias. Dezenove das vinte e oito tinham tido partos sem dor (há alguns anos, em reuniões sociais, muitas vezes maridos e mulheres deitavam-se no chão para praticar juntos os exercícios de relaxamento). Vinte das vinte e oito haviam amamentado os filhos. Nas imediações dos quarenta, várias estavam grávidas. A mística de realização feminina era seguida tão literalmente naquela comunidade que se uma meninazinha dissesse: «Quando crescer serei médica», a mãe a corrigiria: «Não, querida, você é menina. Vai casar e ter filhos, como a mamãe».

Mas o que era a mamãe? Dezesseis das vinte e oito estavam sendo analisadas. Dezoito tomavam tranquilizantes; várias tentaram suicidar-se e algumas haviam estado hospitalizadas diversas vezes por depressão ou estados psicóticos vagamente diagnosticados. («Você ficaria admirada se soubesse a quantidade de felizes donas de casa que simplesmente enlouquecem uma noite e saem gritando pela rua, completamente nuas» — falou o médico local, não psiquiatra, que era chamado em tais emergências). Das que amamentaram os filhos, uma continua desesperadamente a tentar, até que a criança ficara tão subnutrida que o pediatra precisara intervir à força. Doze estavam envolvidas em casos amorosos extraconjugais, platónicos ou não.

Eram todas mulheres inteligentes, invejadas pelos maridos, filhos, e casa que possuíam, além das suas qualidades intelectuais e espirituais. Por que tantas eram desequilibradas? Mais tarde, quando verifiquei que o padrão se repetia em outros bairros semelhantes, compreendi que não podia ser simples coincidência. Todas se pareciam num ponto: tinham dotes incomuns de inteligência e habilidade, alimentados por um mínimo de educação superior — e a vida que estavam vivendo negava-lhes o pleno uso de suas faculdades.

Foi em tais mulheres que comecei a notar os sinais reveladores do problema sem nome; suas vozes eram monótonas, desprovidas de inflexões, ou então nervosas e agitadas; elas pareciam apáticas e entediadas, ou então ocupadíssimas na casa e na comunidade. Falavam de «realização» como esposa e mãe nos termos da mística, mas estavam desesperadamente ansiosas para falar sobre aquele outro «problema», que, ao que tudo indica, lhes era bastante familiar.

Uma delas havia liderado a procura de boas professoras para o sistema escolar antiquado da comunidade e fizera parte da diretoria da escola durante algum tempo. Depois que todos os filhos estavam estudando, ela, com trinta e nove anos, começara a pensar seriamente no futuro: voltaria à universidade, para diplomar-se num curso de arte e ensinar profissionalmente? Mas, de repente, decidiu não estudar e ter o quinto filho. Notei-lhe a falta de entusiasmo na voz

quando disse que se afastara das atividades comunitárias para poder dedicar-se melhor à família.

Senti a mesma tristeza e tédio na voz de uma mulher mais velha, que me falou:

> Estou à procura de algo que me satisfaça. Acho que seria a coisa mais maravilhosa do mundo trabalhar, ser útil. Mas não sei fazer nada. Meu marido não gosta de mulheres que trabalham fora. Daria qualquer coisa para que meus filhos fossem novamente pequeninos. Meu marido diz que devo procurar algo para me ocupar, para me distrair. Para que trabalhar? Então jogo golfe quase todos os dias, sozinha. De pois de caminhar três, quatro horas por dia, pelo menos se dorme à noite.

Entrevistei outra mulher que prepara, na imensa cozinha de uma casa que ela ajudara pessoalmente a construir, a massa de seu famoso pão caseiro; o vestido que ela estava acabando para a filha jazia sobre a máquina de costura; a um canto, um tear manual. Tintas e brinquedos das crianças espalhados por toda a casa, da sala da frente ao fogão. Nesta luxuosa moradia moderna não havia nenhuma porta entre a cozinha e o living. E aquela mãe não possuía nenhum desejo, sonho, ideia ou frustração que fosse independente das crianças. Estava grávida do sétimo filho e era completamente feliz, dizia, passando o dia inteiro junto às crianças. Talvez ali estivesse, de fato, uma dona de casa realizada.

Mas, pouco antes de sair, observei que ela devia estar brincando ao dizer que invejava a vizinha, desenhista profissional e mãe de três filhos.

Não, não estava brincando — respondeu a serena dona de casa, batendo a massa para o pão que sempre preparava em pessoa. — Eu a invejo profundamente. — E começou a chorar. — Ela sabe o que quer. Eu não sei. Nunca soube. Quando estou grávida e as crianças são pequenas sou *alguém,* afinal, sou mãe. Mas quando crescem... E não posso ter filhos toda a vida.

Embora eu nunca tivesse encontrado alguém que se encaixasse verdadeiramente na imagem da dona de casa feliz, notei algo nessas mulheres inteligentes que viviam à sombra protetora da mística. Estavam sempre muito ocupadas: comprando, dirigindo, usando a máquina de lavar, o secador, a batedeira elétrica, encerando, polindo, tratando do jardim, ajudando os filhos nos deveres, fazendo coletas para instituições caritativas, dedicando-se a milhares de pequenas tarefas. Durante minhas entrevistas observei que havia algo de peculiar no tempo dedicado aos serviços domésticos, hoje em dia.

Numa rua de bairro residencial havia duas casas coloniais, ambas com um living grande e confortável, uma pequena biblioteca, uma sala de jantar, uma cozinha alegre, quatro quartos, um grande jardim com relvado; e em cada família um marido trabalhando na cidade e três filhos em idade escolar. Ambas as casas eram bem conservadas, com empregada dois dias por semana, só para a limpeza. A cozinha e as outras tarefas domésticas eram feitas pelas donas de casas, ambas com mais de trinta anos, inteligentes, sadias, atraentes e bem educadas.

Na primeira residência, a sra. W., dona de casa de expediente integral,

passava o dia inteiro ocupada cozinhando, arrumando, fazendo compras, cuidando das crianças. Na casa vizinha, a sra. D., microbiologista, estava com o serviço quase todo pronto antes de sair para o laboratório às nove horas, ou então terminava ao chegar em casa às cinco e meia. Em nenhuma das duas famílias as crianças estavam desatendidas, embora as da sra. D., parecessem ligeiramente mais desembaraçadas. Ambas recebiam com frequência os amigos. A sra. W., dona de casa, dedicava-se a um trabalho comunitário rotineiro, mas não tinha tempo para ocupar cargo de destaque, que lhe foi oferecido muitas vezes por ser uma mulher inteligente. No máximo dirigia um comité encarregado de organizar uma festa, ou reunião de pais e mestres. A sra. D., cientista, não se dedicava a trabalho comunitário, mas além do emprego e da casa, fazia parte de um quinteto de cordas (a música era o seu principal interesse além da ciência) e tinha um lugar de destaque numa organização mundial pela qual se interessara desde os tempos da universidade.

Como poderiam casas e famílias do mesmo tamanho, em condições idênticas de salário, ajuda externa, estilo de vida, tomar tanto tempo a mais da sra. W., que na verdade nunca estava ociosa, nunca tinha tempo à noite para ler, como a sra. D.?

Num edifício grande e moderno, em uma cidade do leste do país, havia dois apartamentos de seis peças, ambos um tanto desarrumados, exceto quando a mulher que fazia a limpeza acabava de sair, ou então antes de uma festa. Tanto os G. como os R. tinham três filhos de menos de dez anos, um ainda bebê. Os maridos mal ultrapassaram os trinta anos, ambos com carreiras exigentes. Mas o sr. G., cuja esposa trabalhava em casa o dia inteiro, tinha que fazer — e fazia — muito mais trabalhos domésticos ao chegar à noite em casa, ou aos sábados, do que o sr. R., cuja mulher era ilustradora *free-lance* e evidentemente fazia os trabalhos de casa entre as horas que passava na prancheta. A sra. G. não conseguia ter tudo pronto antes que o marido chegasse à noite e estava então tão cansada que êle era obrigado a ajudá-la. Por que a sra. R., que não considerava a casa seu principal trabalho, terminava tudo em muito menos tempo?

Reparei que isso se repetia infinitamente, enquanto entrevistava mulheres que se definiam como «donas de casa», e as comparava com as poucas que tinham uma profissão, trabalhando meio expediente ou o dia inteiro. O mesmo acontecia ainda quando havia ajuda de uma empregada, embora as donas de casa preferissem fazer pessoalmente todo o serviço, podendo pagar, embora, até duas pessoas. Mas descobri também que muitas senhoras ocupadíssimas em casa conseguiam terminar em uma hora o trabalho que levavam cinco ou seis para realizar — e às vezes não estava terminado na hora do jantar — tão logo começavam a fazer um curso, trabalhar fora ou dedicar-se a um compromisso sério, fora de casa.

Estudando a questão — como pode uma hora de trabalho caseiro esticar-se até seis (mesma casa, mesmas tarefas, mesma pessoa), voltei ao paradoxo básico da mística feminina: glorificava o trabalho doméstico da mulher no momento exato em que caíam as barreiras à sua total participação na sociedade, e em que a

ciência, a cultura e sua própria engenhosidade lhe possibilitavam a função de esposa e mãe e ainda a participação ativa da vida fora do lar. A glorificação do «papel da mulher» parece estar em proporção com a relutância social em tratá-la como um ser total, pois quanto menos função verdadeira tem o papel, mais decorado com detalhes sem importância, para esconder seu vazio. Este fenómeno foi observado, em termos gerais, nos anais da ciência social e da história — a Cavalaria na Idade Média, por exemplo, e o pedestal artificial da mulher vitoriana — mas talvez seja um choque para a emancipada americana descobrir que se aplica, de modo concreto e em grau extremo, à dona de casa dos Estados Unidos.

A nova mística de «separados mas iguais» teria surgido porque a evolução da mulher não mais podia ser reprimida pela velha mística da inferioridade feminina? Poderia a mulher ser impedida de compreender toda a sua capacidade, igualando seu papel no lar ao do homem na sociedade? «O lugar da mulher é em casa» não podia mais ser dito em tom pejorativo. Lavar pratos, mudar fraldas precisavam ser glorificados por uma nova mística, a ponto de equiparar- se à fissão do átomo, viajar no cosmos, dedicar-se à arte criativa que ilumina o destino humano, abrir fronteiras sociais. Precisava tornar-se a própria finalidade da vida, a fim de ocultar o fato evidente de que mal chega a ser o começo.

Quando se considera a história desse ponto de vista o duplo logro da mística feminina torna-se bem evidente:

1. Quanto mais privada de sua função na sociedade ao nível de sua capacidade, tanto mais o trabalho doméstico, materno e conjugal se expandirá — e tanto mais ela resistirá a terminá-lo, a fim de não ficar sem função. (Evidentemente a natureza humana detesta o vácuo, mesmo nas mulheres).

2. O tempo necessário para o trabalho doméstico varia no sentido inverso das exigências de qualquer outro trabalho que a mulher execute. Não tendo nenhum interesse externo, é virtualmente forçada a dedicar todos os seus instantes às ninharias domésticas.

O princípio segundo o qual «o trabalho se expande para encher o tempo disponível» foi pela primeira vez formulado pelo inglês C. Northcote Parkinson, baseado em experiências de caráter administrativo, na Segunda Guerra Mundial. A Lei de Parkinson pode ser facilmente adaptada à dona de casa americana: «A Carreira Doméstica Se Expande para Encher o Tempo Disponível», ou «A Carreira Materna Se Expande para Preencher o Tempo Disponível», ou até «O Sexo Se Expande para Encher o Tempo Disponível». Esta é, sem dúvida, a verdadeira explicação do fato segundo o qual, mesmo com todos os utensílios que poupam trabalho, a dona de casa americana provavelmente passa hoje mais tempo ocupada que sua avó. E também explica em parte a preocupação nacional com sexo e amor, e o aumento da natalidade.

Deixando de lado, no momento, as implicações de ordem sexual, que são vastas, consideremos parte da dinâmica da própria lei, como explicação para o dreno da energia feminina nos Estados Unidos. Voltando atrás várias gerações: sugeri que a verdadeira causa tanto do feminismo, como da frustração feminina era o vazio da função doméstica. O trabalho principal e as decisões sociais são

tomadas fora do lar e a mulher sente a necessidade, ou mesmo lutou pelo direito de participar deste trabalho. Se tivesse continuado a usar sua educação recém-adquirida, encontrando uma nova personalidade no trabalho fora de casa, a mecânica da carreira doméstica teria assumido o mesmo lugar subsidiário que o carro, um jardim ou uma mesa de carpintaria na vida de um homem. A vida de mãe, de esposa, o amor sexual, as responsabilidades da família teriam adquirido apenas uma nova dimensão emocional, como no caso do homem. (Vários observadores notaram no americano um prazer novo no convívio com os filhos, à medida que suas horas de trabalho se tornam mais curtas, prazer sem aquela ponta de irritação das mulheres, que não fazem quase mais nada senão cuidar deles).

Mas quando a mística da realização feminina impeliu a mulher de volta ao lar, a carreira doméstica precisou expandir-se, tornando- se emprego *fui time*. Amor físico e maternidade tornaram-se a vida inteira e tinham que usar e desgastar toda a criatividade feminina. A própria natureza da responsabilidade familiar precisava expandir- se, a fim de assumir o lugar da responsabilidade social. Quando isto começou a acontecer, cada utensílio destinado a poupar trabalho trouxe consigo maior elaboração das tarefas caseiras. Cada avanço científico que poderia ter libertado a mulher do trabalho de cozinhar, lavar, passar, proporcionando-lhe tempo para outras atividades, passou a impor-lhe maiores esforços, fazendo com que as tarefas domésticas não só preenchessem o tempo disponível, como nem sequer pudessem ser realizadas no decorrer do dia.

O secador de roupa automático não poupa as quatro ou cinco horas por semana que ela passava pendurando roupas se, por exemplo, resolver ligá-lo diariamente. Afinal, ainda é preciso carregar e descarregar a máquina, separar as peças, guardá-las. É como dizia uma jovem mãe:

— Agora podemos ter lençóis limpos duas vezes por semana. Há dias, quando o secador enguiçou, a roupa de cama teve que durar mais tempo. Todo mundo se queixou. Todos nos sentimos sujos. Eu fiquei com remorsos. Não é um absurdo?».{125}

A moderna dona de casa americana gasta muito mais tempo lavando, secando e passando do que sua mãe costumava gastar. Caso possua um congelador e um liqtiidificador, passa mais horas na cozinha do que a que não possui utensílios que economizem trabalho. O congelador, pelo simples fato de existir, ocupa tempo: ervilhas cultivadas no quintal precisam ser preparadas para congelamento. É necessário usar o liqiiidificador, aventurando-se naquelas receitas complicadas, com purée de amêndoas e nozes, que levam mais tempo no preparo que costeletas de carneiro.

Segundo um estudo feito por Bryn Mawr imediatamente depois da guerra, numa fazenda típica americana, os trabalhos domésticos ocupavam 60.55 horas por semana; 78.35 nas cidades de menos de 100.000 habitantes; 80.57 em cidades de mais de 100.000.{126} Com todos os seus utensílios, as donas de casa citadinas gastam mais tempo nos trabalhos domésticos que a ocupada mulher de fazendeiro. Pois esta, naturalmente, tem muitas outras tarefas a cumprir.

Na década de 50, sociólogos e especialistas em economia doméstica registraram surpresa e inconsistências em relação ao tempo que a americana ainda gasta com serviço doméstico. Estudo após estudo revelaram que ela continua a gastar na casa tantas horas, ou talvez mais, que a mulher de há trinta anos passados, apesar das residências menores e mais fáceis de manter, e apesar do fato de possuir agora sete vezes mais em capital de equipamento caseiro. Havia, porém, algumas exceções. As mulheres que trabalhavam várias horas por semana fora de casa, em empregos assalariados ou atividades comunitárias, faziam os serviços domésticos na metade do tempo gasto pela dona de casa *full-itime*. Embora realizando todas as atividades normais, como preparar as refeições, fazer compras e limpeza, cuidar das crianças e ter um emprego de trinta e cinco horas semanais, sua semana de trabalho era apenas meio dia mais longa que a das outras. Esse estranho fenómeno não causou maiores comentários em vista da sua relativa escassez. Pois anomalia ainda mais estranha, cujo verdadeiro sentido a mística ocultava, era o fato de que, apesar do aumento da população americana e do êxodo do campo para a cidade — com o desenvolvimento paralelo da indústria e do comércio — nos primeiros cinquenta anos do século XX, a proporção de americanas trabalhando fora pouco aumentou e a de mulheres com profissões liberais claramente declinou.{127} Constituindo quase metade da mão-de-obra da nação em 1930, caíram para apenas 35% em 1960, apesar de ter triplicado o número de diplomadas em cursos superiores. O fenómeno foi o grande aumento no número de mulheres formadas que decidiram ser domésticas.

Contudo, para a moradora da cidade, permanece o fato de que inúmeras tarefas que costumavam ser feitas em casa não mais o são: fazer pão, tecer, costurar, instruir as crianças, cuidar dos doentes e das pessoas idosas. A mulher pode inverter o curso da história — ou enganar a si mesma julgando que pode — pelo ato de preparar o pão, mas a lei não lhe faculta instruir sozinha os filhos. Poucas, aliás, teriam a capacidade do médico ou da enfermeira num simples caso de amigdalite ou pneumonia tratados em casa.

Existe, portanto, uma base real para a queixa de tantas domésticas: «Sinto-me tão vazia, tão inútil, como se não existisse...» «Às vezes tenho a impressão de que o mundo passa pela minha porta e eu fico apenas olhando...» Esta sensação de vazio, esta negação do mundo exterior conduz muitas vezes a maiores esforços domésticos, a fim de apagar a ideia de futuro. E as escolhas feitas para preencher o vazio, embora aparentemente fundamentadas em razões lógicas e necessárias, envolvem-na mais ainda na rotina doméstica.

Por exemplo: a mãe de dois filhos, aborrecida e inquieta no apartamento da cidade, é compelida por uma sensação de utilidade a mudar- se, «por causa das crianças», para uma espaçosa casa de subúrbio. A casa dá mais trabalho, as compras, o jardim, o transporte e as outras tarefas são tão absorventes que durante algum tempo o vazio parece povoado. Mas depois da casa decorada e das crianças na escola, com o lugar da família firmemente estabelecido na comunidade, não há mais nada a fazer, conforme observou uma entrevistada. E volta a sensação de vazio e ela faz nova decoração no *living* e encera o chão da

cozinha com mais frequência que o necessário. Ou tem mais um filho. Cuidar do bebe, além de todo o trabalho doméstico, acaba por deixá-la tão exausta que talvez à noite precise mesmo da ajuda do marido na cozinha. No entanto, nada disso é verdadeiramente necessário conforme parece.

Uma das grandes transformações verificadas nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial foi o explosivo êxodo para os subúrbios, aqueles bairros feios e infindáveis que se estão transformando em problema nacional. Os sociólogos observam que uma de suas facetas características é o fato de suas moradoras serem mais cultas que as mulheres que moram na cidade, de modo geral, e que a grande maioria seja dona de casa em expediente integral.{128}

À primeira vista é possível julgar que a própria existência e evolução dos subúrbios leva a mulher culta a tornar-se ou permanecer exclusivamente dona de casa. Ou seria o êxodo para os subúrbios resultante, pelo menos em parte, da escolha coincidente de milhões de americanas desejosas de realizar-se na vida do lar? Entre as que entrevistei, a decisão de mudar-se para o subúrbio «por causa das crianças» vinha em seguida à renúncia a um emprego ou profissão, geralmente por causa do nascimento do primeiro filho, ou do segundo, dependendo da idade da mãe imbuída da mística. As mais jovens começavam a ser influenciadas tão cedo, que a escolha de casamento e maternidade excluía naturalmente qualquer profissão. E a mudança para o subúrbio vinha com o casamento, ou tão logo ela conseguisse largar o emprego com que sustentava o marido, enquanto ele estudava Direito.

As famílias em que a mulher pretende seguir determinada profissão raro mudam-se para os subúrbios. Na cidade, naturalmente, há empregos melhores, mais faculdades, às vezes gratuitas, com cursos noturnos, destinados aos homens que trabalham durante o dia e também mais convenientes que os programas diurnos convencionais para uma jovem mãe desejosa de terminar os estudos, ou fazer um curso de pós-graduação. Além disso, há também babás e empregadas por hora ou permanentes, creches e programas de recreação infantil após o horário escolar. Mas essas considerações têm importância apenas para a mulher com compromissos fora de casa.

Na cidade, há também menos ocasião para a carreira doméstica expandir-se. Aquela sensação de inutilidade ocorre cedo na mulher culta e inteligente, embora enquanto as crianças são pequenas seu tempo esteja mais que ocupado: é preciso sair com o carrinho a passeio no parque, ficar sentada no *play-ground* porque as crianças ainda não podem brincar sozinhas. Contudo, não há lugar no apartamento da cidade para o congelador, nem jardim para cultivar flores. Além disso, na cidade todas as organizações são tão vastas, as bibliotecas já estão organizadas e as creches e os programas recreativos são dirigidos por profissionais.

Não é para admirar, portanto, que tantas quiseram mudar-se para o subúrbio o mais depressa possível. Como as planícies desertas do Kansas tentaram os imigrantes irrequietos, os subúrbios, por sua própria novidade e falta de serviço estruturado, oferecem, pelo menos a princípio, um ilimitado desafio à

energia da mulher culta- As mais fortes e independentes agarraram a oportunidade e tornaram- se líderes e inovadoras nessas novas comunidades. Mas, na maioria dos casos, haviam estudado antes da era da mística feminina. A capacidade da vida suburbana para preencher ou utilizar o potencial da mulher culta parece depender de sua anterior autonomia ou autorealização — isto é, de sua força para resistir às pressões do conformismo, ou do ativismo doméstico e comunitário e descobrir ou criar a mesma espécie de sério compromisso externo que teria assumido caso vivesse na cidade. Este compromisso, pelo menos a princípio, seria em bases voluntárias, mas estimulante e necessário.

Quando a mística se expandiu, porém, um novo tipo de mulher mudou-se para os subúrbios à procura de abrigo, perfeitamente inclinado a aceitar a comunidade tal qual era (seu único problema era «adaptar-se») e concordando em encher os dias com trivialidades. Quase todas, assim como a maioria das que entrevistei, pertenciam à geração após a década de 50. Recusavam-se a assumir posições de destaque nas organizações comunitárias, limitando-se a fazer coletas para a Cruz Vermelha ou os Escoteiros, tornando-se guias de bandeirantes, ou assumindo cargos menores nos grupos de Pais e Mestres. Sua resistência a um compromisso sério com a comunidade era em geral explicada com a frase: «Não posso roubar tempo à minha família». No entanto, passava grande parte do dia em tarefas sem significado. O trabalho comunitário que escolhia não era um desafio à inteligência, nem sequer, muitas vezes, preenchia uma função. Dele não colhia nenhuma satisfação pessoal.

E foi assim que aos poucos as tarefas voluntárias realmente interessantes — direcão de creches coletivas, bibliotecas públicas, diretoria de escolas e em alguns casos até a presidência da organização de pais e mestres — passaram a ser preenchidas por homens.{129} A dona de casa sem tempo para assumir uma responsabilidade na comunidade, ou para seguir uma carreira profissional foge a um sério compromisso através do qual poderia realizar-se. E foge ativando a rotina doméstica, até ficar realmente encurralada.

As dimensões da armadilha parecem fisicamente inalteráveis, assim como a agitação dos dias parece inevitável. Mas não será essa armadilha doméstica uma ilusão criada pela mística feminina, apesar de sua sólida realidade? Tomemos, por exemplo, o plano contemporâneo da casa em dois níveis, de 14.990 a 54.990 dólares, construídas aos milhões de Roslyn Heights a Pacific Palisades, e que dão a ilusão de mais espaço por muito menos dinheiro. As mulheres que as adquirem são quase obrigadas a viver a mística feminina. Não existem portas ou paredes de fato nesta casa; a mulher, numa bela cozinha eletrônica, jamais está separada dos filhos, não se sente sozinha nem por um instante, e é capaz de esquecer a própria personalidade naquele recinto aberto e barulhento. O plano ajuda também a expandir o trabalho doméstico a todo tempo disponível. No que é praticamente uma só peça, em lugar de salas separadas por paredes e escadas, a desordem das crianças e a necessidade de arrumação é constante. O homem fica ausente a maior parte do dia, é claro, mas a mística proíbe isso à mulher.

Uma amiga minha, escritora talentosa que passou a ser exclusivamente

doméstica, mandou um arquiteto desenhar a casa de seus sonhos de acordo com todas as suas especificações, no período em que deixou de escrever e se dedicou exclusivamente ao lar. A casa, que custou aproximadamente 30.000 dólares, era literalmente uma grande cozinha. Havia um gabinete separado para o marido, que era fotógrafo, e cubículos para dormir, mas não existia lugar em que ela pudesse escapar da cozinha e das crianças durante o dia. Os lindos armários de mogno e aço inoxidável e os aparelhos elétricos eram de fato um sonho, mas quando visitei a casa perguntei a mim mesma onde colocaria a máquina de escrever, caso um dia quisesse voltar à antiga profissão.

É estranho que nessas casas espaçosas, em subúrbios amplos, não haja um único lugar onde se possa estar sozinha. O estudo feito por um sociólogo sobre as mulheres de nível abastado, que casaram cedo e despertaram, após quinze anos de dedicação aos filhos, Pais e Mestres, jardim e quintal, para a ideia de realizar um trabalho significativo, revelou que as decididas a levar avante o projeto precisaram voltar à cidade.{130} Mas entre as que entrevistei, esse momento de verdade pessoal era geralmente marcado pela adição de uma peça com porta na casa aberta, «para que eu possa ter um canto só meu, uma barreira entre mim e as crianças quando quero pensar, estudar, trabalhar ou ficar sozinha».

A maioria das donas de casa americanas, porém, não fecham essa porta. Talvez temam ficar sozinhas no quarto. Segundo um outro sociólogo, seu dilema é não ter liberdade para cultivar interesses pessoais. Mas, ainda que tivessem tempo e espaço para si mesmas, não saberiam o que fazer com eles.{131} Se transformar casamento e maternidade em carreira, conforme exige a mística, se encher a casa de filhos, se desgastar suas energias nessas tarefas, além de acompanhar minuciosamente a carreira do marido, a ponto de só dispor de alguns minutos para trabalho comunitário e nenhum para interesses mais amplos, quem dirá que sua vida não é tão importante como as dos que dominam os segredos atómicos ou das estrelas, compõem sinfonias e elaboram novos conceitos para a sociedade?

Para a mulher muito talentosa, capaz de criar tanto no âmbito cultural como no biológico, a única racionalização possível é convencer- se — ajudada pela nova mística — de que são criativos os mínimos detalhes do cuidado de uma criança; que seus filhos ficarão tragicamente marcados se ela não estiver presente a cada minuto; que o jantar servido à mulher do chefe é tão decisivo para a carreira do marido como os casos que êle maneja no tribunal, ou os problemas que resolve no laboratório. E uma vez que marido e filhos estão ausentes quase o dia inteiro, ela precisa ter um bebé atrás de outro, a fim de tornar as trivialidades domésticas bastante importantes, necessárias, difíceis e criativas, justificando assim sua própria existência.

Se a vida de uma mulher precisa ser justificada deste modo, se seu trabalho é de fato tão importante, tão necessário, porque alguém se abalaria no caso de a esposa de um cientista pedir ao marido para deixar de lado o trabalho a fim de ajudá-la numa tarefa que se supõe seja a própria essência da vida: trocar as fraldas

do bebe, não esquecendo de lavá-la na pia, antes de colocá-la no balde, para em seguida encerar o chão da cozinha.

A prova mais gritante de que, por mais elaboradas que sejam, as tarefas domésticas não são substitutos de um trabalho verdadeiramente importante surgiu na comédia da «união». As mulheres que representaram nesta peça de costumes julgaram receber o papel de protagonistas, mais destacado talvez que o do marido no mundo exterior. Seria extraordinário que, representando função tão vital, insistissem em que êle as ajudasse no trabalho doméstico? Não há dúvida de que foi por sentimento de culpa e tácita compreensão do aprisionamento da esposa que muitos cederam, com boa ou má vontade, às suas exigências. Mas a participação do marido não compensava verdadeiramente o fato de estar isolada do resto do mundo. Pelo contrário, diminuindo-lhe as funções, aumentava o senso de vazio pessoal. E assim a mulher passava a viver cada vez mais a vida do marido e dos filhos. «União» era um triste substituto para igualdade. A glorificação do papel feminino, mau substituto para a livre participação na vida do universo.

O vazio da rotina da dona de casa revelou-se de diversas maneiras. Recentemente, em Minneapolis, um professor chamado Maurice K. Enghausen leu um artigo no jornal local sobre a longa semana de trabalho da dona de casa. Declarando em carta ao editor que «qualquer mulher que gaste tantas horas no trabalho de casa é incrivelmente lenta, má organizadora do tempo, ou claramente ineficiente », ofereceu-se a quem quisesse para orientar o trabalho doméstico da família.

Dezenas de donas de casa furiosas desafiaram-no a prová-lo. Êle apresentou-se ao casal Robert Dalton, com quatro filhos entre dois e sete anos, para ficar três dias. No primeiro, arrumou o térreo, lavou três montes de roupa, pendurou-as para secar, passou a que havia aglomerada, inclusive lingerie e lençóis, preparou um almoço de sopa e sanduíche e um grande jantar servido no quintal, fêz dois bolos, duas saladas para o dia seguinte, vestiu, despiu e deu banho nas crianças, lavou paredes e esfregou o chão da cozinha. A sra. Dalton declarou que êle cozinhava melhor do que ela. «Quanto à limpeza, a minha é mais caprichada, mas talvez isso não seja necessário ».

Observando que êle, como solteiro, cuidara da própria casa durante sete anos e ganhara dinheiro na universidade fazendo esse tipo de serviço, Enghausen acrescentou: — «Se ensinar a 115 alunos fosse tão fácil como cuidar de quatro crianças e uma casa. .. Insisto em que o trabalho doméstico não é tão interminável como as mulheres pretendem».{132}

Esta alegação, periodicamente manifestada pelos homens, em público e em particular, foi recentemente apoiada por um estudo de tempo-movimento. Registrando e analisando cada gesto feito por um grupo de donas de casa, o estudo concluiu que a maior parte da energia gasta em trabalho doméstico é supérflua. Uma série de pesquisas intensivas patrocinadas pela Associação Heart do Michigan, na Universidade de Wayne, revelou que «as mulheres trabalhavam o dobro do que precisavam», desperdiçando energias por hábito e iradição, em

gestos e passos inúteis.

A estranha questão da «fadiga de dona de casa» lançou mais alguma luz sobre o assunto. Em vários congressos médicos recentes, registraram-se fracassos na sua cura ou na descoberta das causas. Numa reunião do Colégio Americano de Obstetras e Ginecologistas, um médico de Cleveland declarou que as mães que não conseguem vencer esta sensação de cansaço e se queixam que os médicos são uns inúteis, não estar doentes nem desajustadas, mas sim, de fato, cansadas. «Não é preciso psicanálise» — declarou o dr. Leonard Lovshin, da Clínica de Cleveland. «Trabalha dezesseis horas por dia, sete dias por semana... Conscienciosa, toma parte em atividades de escoteiros, bandeirantes, pais e mestres, paróquia, transporta as crianças para aulas de dança e música». Mas observou algo estranho: nem o volume de trabalho, nem o cansaço alteravam-se com o número de filhos. A maioria tinha apenas um ou dois. «A que tem um só filho preocupa-se quatro vezes mais que a que tem quatro, e tudo vem a dar no mesmo», declarou o dr. Lovshin.

Alguns médicos, não encontrando nenhuma causa orgânica nessas mães cronicamente fatigadas, diziam-lhes: «É puramente mental». Outros receitavam pílulas, vitaminas, injeções antianêmicas, contra a pressão baixa, para o metabolismo, ou sugeriam regimes (em média, a dona de casa pesa de doze a quinze libras a mais do que devia), ou privavam-nas de bebida (existe aproximadamente um milhão de casos de alcoolismo registrados entre as donas de casa americanas), ou receitavam tranquilizantes. Todos esses tratamentos eram inúteis, declarou o dr. Lovshin, porque as mulheres estavam verdadeiramente cansadas.{133}

Outros médicos, achando que elas dormem mais do que deviam, declararam que a causa era o tédio e não a fadiga. O problema tornou- se tão sério que as revistas femininas o abordaram ofensivamente, nos termos da mística feminina. Numa série de artigos publicados em fins da década de cinquenta, os tratamentos sugeridos eram em geral do tipo «mais-reconhecimento-e-elogio do marido», embora os médicos entrevistados dissessem claramente que a causa era a função de dona de casa e mãe. Contudo, as revistas tiravam suas habituais conclusões: este é e será sempre o destino da mulher e ela tem que suportá-lo do melhor modo possível. *Redbook (Why young Mothers Are Always Tired* «Por que as Jovens Mães Estão sempre Cansadas» setembro de 1959) publica as descobertas do estudo Baruch sobre os pacientes de fadiga crónica:

> ...Fadiga de qualquer espécie é sinal de que algo anda errado. A fadiga física protege o organismo de males, através de excessiva atividade de qualquer parte do corpo. A fadiga nervosa, por outro lado, é em geral um sinal de perigo para a personalidade. Isto revelou-se claramente na mulher que se queixa amargamente de ser «apenas dona de casa» e de estar desperdiçando seus talentos e educação em trabalhos domésticos, perdendo seus atrativos, inteligência e a própria identidade, conforme explica o dr. Harley C. Sands, um dos diretores do estudo Baruch. Na indústria, os trabalhos mais fatigantes são os que ocupam apenas em parte a atenção do operário, mas ao mesmo tempo o impedem de concentrar-se em outra coisa. Muitas jovens mães declaram que esse desgaste mental é o que mais as aborrece nos trabalhos da casa e no cuidado das crianças. «Após algum tempo a mente fica embotada», dizem elas. «Não é possível concentrar-se em coisa alguma. Vivemos como sonâmbulas».

A revista cita ainda um psiquiatra do John Hopkins, segundo quem o principal fator na fadiga crónica era «a monotonia, não compensada por vitórias ou desastres importantes», observando que «esta é a súmula das queixas de muitas jovens mães». E chega a citar os resultados do estudo da Universidade de Michigan, no qual 524 mulheres, quando interrogadas sobre o que consideravam de fato útil e importante, não responderam «o trabalho doméstico», exceto em raras exceções. Entre as que tinham emprego, «a grande maioria, casadas ou solteiras, achavam que um emprego era mais compensador que o trabalho doméstico». A essa altura a revista acrescentou: «Isto não significa, naturalmente, que uma profissão seja a cura da fadiga de uma jovem mãe. Esta pode vir a ter uma vida ainda mais difícil». Conclusão da revista: «Já que as exigências do trabalho caseiro e da maternidade são inflexíveis, não existe solução absoluta para o problema da fadiga crónica. Muitas poderão reduzi- la se deixarem de exigir demais de si mesmas. Procurando cada uma compreender com realismo o que é capaz e sobretudo o que não é capaz de fazer, conseguirá, com o tempo., ser melhor esposa e mãe, mesmo cansada».

Outro artigo *(Is Boredom Bad for You?* «Tédio é Mau Para Você?», *McCall's,* abril de 1957) indagava se a fadiga crónica da dona de casa era na verdade tédio e respondia: «Sim. A fadiga crónica de inúmeras donas de casa é causada pela repetição das tarefas, a monotonia do ambiente, o isolamento e a falta de estímulo. Descobriu-se que o volume dos trabalhos caseiros não bastam para explicar a fadiga. Quanto mais a inteligência exceder às exigências da tarefa, tanto maior o tédio. Isto é tão exato que chefes experientes nunca entregam a inteligências acima da média trabalhos rotineiros. .. É o tédio, além das frustrações cotidianas, que torna o trabalho da dona de casa média mais fatigante do ponto de vista emocional que o do marido». Cura: «sincera satisfação em um setor do trabalho, como a cozinha, por exemplo, ou um incentivo, como uma festa. E, acima de tudo, elogios masculinos. Estes são ótimos antídotos para o tédio doméstico».

Para as mulheres a quem entrevistei, o problema não era, em sua opinião, que se exigisse demasiado de sua pessoa, pelo contrário. «Sinto uma espécie de torpor quando volto para casa, depois das compras», contou-me uma delas. «Tenho a impressão de não haver nada necessário a fazer, embora haja tanto serviço pela frente. De maneira que conservo uma garrafa de martinis na geladeira e tomo um, para me animar, pelo menos até que Don volte para casa».

Outras lambiscavam enquanto trabalhavam, só para encher o tempo. Obesidade e alcoolismo de fundo neurótico já foram várias vezes relacionados com padrões de personalidade vindos da infância. Mas explicariam por que tantas donas de casa de quarenta têm a mesma expressão entediada, sem vida; explicariam sua falta de vitalidade, a mortal mesmice de suas vidas, as gulodices furtivas entre as refeições, os drinks, tranquilizantes, soporíferos? Mesmo levandose em conta as diferentes personalidades dessas mulheres, deve haver algo na natureza do seu trabalho, ou de sua vida, que as force a fugir assim.

Isto é exato também em relação ao trabalho da maioria dos americanos que se agitam nos escritórios das grandes corporações — é um trabalho que não exige a capacidade total da pessoa, deixando- a com uma necessidade de fuga — televisão, tranquilizantes, álcool, sexo. Os maridos das mulheres que entrevistei, porém, muitas vezes tinham profissões exigentes, demandando habilidade, senso de responsabilidade e decisão. Notei que quando alguns deles se encarregavam de uma tarefa doméstica terminavam-na em menos tempo que a mulher. É claro que para eles não se tratava de algo que justificasse sua própria vida. Ou punham mais energia no que faziam exatamente por esse motivo, para acabar mais depressa, ou trabalhavam mais rápido para se aborrecer menos.

Críticos sociais, na época da «união», queixavam-se com frequência de que as carreiras masculinas acabavam ficando comprometidas com tantas tarefas domésticas. A maioria dos maridos que entrevistei, porém, não julgava assim. O trabalho era feito à noite, e nos fins de semana, ou porque a mulher trabalhasse fora e exercesse apenas o mister de dona de casa, e não conseguia terminá-lo sozinha, ou por ser ela demasiado passiva, dependente, impossibilitada, ou simplesmente por espírito de vingança em relação ao marido, esse trabalho não se desenvolvia.

Mas reparei que tinha tendência a alastrar-se nas mãos de alguns que usavam as tarefas domésticas como fuga aos desafios de sua profissão. «Preferia que êle não insistisse em passar o aspirador na casa inteira, nas terças à noite. Não é necessário e êle poderia estar trabalhando no seu livro — disse-me a esposa de um professor universitário. Assistente social muito capaz, organizara sua vida profissional de maneira a dispensar a ajuda de uma empregada no cuidado da casa e das crianças. Ajudada pela filha, fazia limpeza geral aos sábados. A casa não precisava do aspirador às têrças-feiras.

Executar sua plena cota de trabalho é sinal de maturidade. Não são as exigências da casa e dos filhos, ou a ausência de empregada, que impedem a marioria das americanas de darem o seu máximo. Numa era anterior, quando havia abundância de empregadas, a maioria das mulheres de classe média que as contratavam não usavam de sua liberdade para participar mais ativamente na vida social; ficavam confinadas ao ócio do papel feminino. Nos países como a Rússia e Israel, onde se espera da mulher mais que trabalhos domésticos e empregadas praticamente não existem, nem por isso a casa, a vida conjugal e as crianças são negligenciadas.

É a mística da realização feminina e consequente imaturidade que impede a mulher de dar o seu máximo rendimento. Não é para admirar que as que vivem há dez ou vinte anos a ela ajustadas, incapazes de agir por conta própria, temam enfrentar uma verdadeira profissão e se agarrem à função de dona de casa, embora assim se condenem à sensação de vazio, inutilidade, irrealidade. A carreira domestica pode e deve expandir-se para preencher todo o tempo disponível, uma vez que não há outro objetivo na vida. Afinal, se o trabalho fosse realizado em uma hora, com as crianças na escola, a enérgica dona de casa acharia insuportável o vazio de seus dias.

Foi assim que uma senhora despediu a empregada. E mesmo fazendo os trabalhos domésticos e as habituais atividadcs comunitárias não conseguia desgastar toda a sua energia.

— Resolvemos o problema — disse, falando de si mesma e de uma amiga que tentara suicidar-se. — Jogamos boliche três vezes por semana, senão enlouqueceríamos. Assim, pelo menos dormimos à noite.

— Há sempre um jeito — ouvi uma senhora dizendo a outra, durante um almoço no Schrafft's, discutindo a questão da tarde de folga recomendada pelo médico.

Alimentos dietéticos e ginásios de educação física tornaram-se negócios lucrativos no combate ao excesso de peso que não se transforma em energia. E é ainda mais chocante pensar que mulheres inteligentes e cultas sejam forçadas a perder peso ingerindo um pó que parece cal, ou lutando com uma máquina de emagrecer. Mas ninguém se escandaliza com esse desperdício de energia criadora, que poderia ser usada para uma finalidade social mais ampla, uma vez que esta é a própria essência da carreira doméstica.

Viver de acordo com a mística feminina supõe uma reversão da história e uma desvalorização do progresso humano. Trazer a mulher de volta ao lar, não como os nazistas, gritando ordens, mas por meio de propaganda, «com a finalidade de restabelecer o prestígio e a auto-estima da esposa e mãe, na realidade ou em potencial... da mulher que vive como mulher», significava que a classe precisava resistir ao seu «desemprego tecnológico». As fábricas de enlatados e massas não fecharam as portas, mas até os criadores da mística precisaram defender-se da pergunta: «será que nós, sugerindo que a mulher, de livre e espontânea vontade, volte às suas funções domésticas, tais como cozinhar, conservar e decorar, estaremos revertendo a marcha do progresso?»{134}

Progresso não é progresso, argumentavam; teoricamente, a libertação da mulher dos trabalhos caseiros as deixaria livres para o cultivo de objetivos mais elevados, porém «muitos são os chamados e poucos os escolhidos, tanto entre os homens como entre as mulheres». Que voltem, portanto, ao trabalho doméstico, fácil para todas, e que a sociedade o oriente de modo a «prestigiar as que a servem mais plenamente como mulheres».

Durante quinze anos ou mais houve uma campanha, tão unânime neste país democrata como na mais severa ditadura, para prestigiar a dona de casa. Mas a auto-estima, que no passado se baseava em tarefas necessárias ao lar, poderá ser reconstituída com trabalho desnecessário, pouco exigente, num país e numa época em que a mulher está finalmente livre para se sobrepujar? É erróneo, seja qual for a razão, passar o dia fazendo algo que não progrida com o resto do mundo, onde a mulher não usa suas faculdades criadoras. Elas próprias estão descobrindo que, embora «sempre haja um jeito», só ficarão em paz quando utilizarem toda a sua potencialidade.

Há com certeza, neste momento, inúmeras americanas felizes como donas de casa, utilizando plenamente todo o seu potencial. Mas felicidade não é o mesmo que realização. E inteligência e habilidade não são coisas estáticas. O

trabalho doméstico, embora expandido para preencher todo o tempo livre, dificilmente esgotará o engenho de uma mulher de inteligência mediana, e muito menos o dos 50% da população feminina que já desde a infância acusavam Q.I. acima da média.

Há algumas décadas, certas instituições dedicadas aos retardados mentais descobriram que o trabalho doméstico era peculiarmente apropriado para jovens debilóides. Em diversas cidades, os internos em instituições para doentes mentais eram muito procurados para trabalhos caseiros, num tempo em que estes eram bem mais complicados que agora.

As decisões básicas relativas à educação dos filhos, decoração, planejamento das refeições, orçamento, educação e recreação exigem, naturalmente, inteligência. Mas, conforme observou um dos poucos especialistas em assuntos domésticos que perceberam o absurdo da mística feminina, a parte do trabalho doméstico que ocupa mais tempo «pode ser feita com eficiência por uma criança de oito anos».

> O papel da dona de casa é, portanto, análogo ao do presidente de uma corporação que não só determinasse a política e fizesse o planejamento geral, como gastasse a maior parte do seu tempo e energia em atividades como varrer a fábrica e lubrificar as máquinas. A indústria, naturalmente, é demasiado avara da capacidade de seu pessoal para desperdiçá-lo desta maneira.
>
> A verdadeira satisfação de dirigir uma casa, o relacionamento pessoal com o marido e os filhos, a atmosfera de hospitalidade, serenidade, cultura, cordialidade ou segurança que a mulher transmite ao lar provém de sua personalidade e não da vassoura, do fogão, do pano de pratos. Sentir-se totalmente compensada e recreada com a multiplicidade de tarefas monótonas que são sua vida cotidiana seria tão irracional como se um operário se sentisse o criador de um automóvel só porque ajustou uma porca. É difícil compreender como lavar louça três vezes por dia, fazer listas de compras (3 limões, 2 pacotes de sabão em pó, uma lata de sopa), tirar o pó do radiador com o utensílio de borracha do aspirador, esvaziar latas de lixo e lavar o chão do banheiro dia após dia, semana após semana, ano após ano, poderá chegar a uma soma total de qualquer coisa, exceto minúcias, que não conduzem a parte alguma.{135}

Uma quantidade de desagradáveis fenómenos sexuais de nossa era podem ser considerados como resultado inevitável da ridícula condenação de milhões de mulheres a passarem o dia fazendo um trabalho que uma criança de oito anos poderia executar. Por mais que a carreira doméstica seja racionalizada para justificar tal desperdício de potencial humano; por mais engenho que os psicólogos usem na escolha de termos científicos, a fim de dar a impressão de que jogar a roupa na máquina é um ato semelhante a decifrar o código de genética; por mais que o trabalho doméstico se expanda, ocupando todo o tempo disponível de uma pessoa, a verdade é que apresenta pouquíssimo desafio à mente de um adulto. Neste vácuo mental caiu uma série infindável de livros de culinária, tratados científicos de puericultura e, principalmente, conselhos sobre técnicas de amor conjugal. Também isto é pequeno desafio para uma inteligência adulta. Os resultados eram previsíveis. Para grande espanto dos homens, de súbito as mulheres tornaram-se «especialistas», cuja inabalável superioridade em casa, domínio por ambos ocupado, as tornava de difícil competição e mais difícil convivência. É como disse Russel Lynes: as mulheres começaram a tratar os maridos como empregados por hora — ou então como o último lançamento em

utilidade doméstica.{136} Com um curso relâmpago de economia doméstica ou vida conjugal e exemplares do dr. Spock e Van de Velde lado a lado na prateleira, com tanto tempo, energia e inteligência orientados para o marido, filhos e casa, a jovem americana, fácil, desastrosa e inevitavelmente começou a dominar a família mais tirânicamente que sua mamãe.

XI
Em busca do sexo

NÃO ESTUDEI O RELATÓRIO KINSEY, MAS QUANDO estava investigando o problema sem nome, as donas de casa que entrevistei davam-me com frequência uma resposta explicitamente sexual a uma pergunta que nada tinha a ver com sexo. Eu indagava de seus interesses pessoais, ambições, o que faziam, o que gostariam de fazer, não exatamente como esposas e mães, mas quando tivessem tempo livre das exigências da casa e da família. A pergunta talvez se referisse até ao uso que faziam da educação recebida. Mas algumas entendiam que eu as interrogava sobre sexo. Seria o problema sem nome de ordem sexual? Julgaria que sim, se houvesse uma tonalidade falsa, estranha, irreal em suas palavras. Faziam misteriosas alusões, pareciam ansiosas por ser interrogadas a respeito. E mesmo que eu não perguntasse, tinham orgulho em contar com detalhes alguma aventura amorosa. Não as inventavam, eram reais. Mas o que as tornava tão irreais e assexuadas?

Uma entrevistada de trinta e oito anos, mãe de quatro filhos, disse-me que sexo era a única coisa que lhe dava a sensação de estar viva. Mas algo não ia bem. Os dois tinham relações, porém êle não se mostrava interessado e ela começava a sentir desprezo pelo marido.

— Preciso de sexo para me sentir viva, mas tenho a impressão de que não atinjo meu marido.

Num tom de voz prático, sem entonações, que acrescentava às palavras uma nota de irrealidade, uma senhora de trinta anos, mãe de cinco filhos, calmamente tricotando uma suéter, contou-me que estava pensando em viajar, talvez para o México, a fim de viver com um homem com quem tinha um caso. Não o amava, mas achava que entregando-se completamente a êle talvez encontrasse o que sabia ser «a única coisa importante na vida». E as crianças? Disse vagamente que as levaria. Êle não se importava. O que é que ela estava procurando? Julgava ter encontrado esse sentimento ao lado do marido, a princípio. Pelo menos recordava que quando se casaram — ela tinha *então* dezoito anos — sentira-se «tão feliz, que dava vontade de morrer». O marido, porém, não se entregara completamente; precisava dedicar-se tanto ao trabalho! Durante algum tempo as crianças a satisfizeram, mas pouco depois que deixou de amamentar o quinto filho, há três anos, teve seu primeiro caso amoroso. Descobriu que voltava a ter «aquela sensação maravilhosa de me entregar totalmente a alguém ». Mas o caso não podia durar; êle tinha muitos filhos e ela também. Quando os dois se separaram, êle declarou: «Você me proporcionou

senso de identificação». E ela perguntou a si mesma: «E a minha identidade, qual é?» Resolveu, então, viajar sozinha durante um mês, deixando as crianças com o marido. «Procurava algo, não sabia o quê, mas o único jeito de encontrá-lo era apaixonar-se por alguém ». E teve outro caso, mas desta vez o sentimento não apareceu. Ao atual amante queria entregar-se completamente. «Agora que sei como obtê-lo, continuarei tentando até encontrá-lo novamente» — falou, tricotando com toda a tranquilidade.

Viajou para o México com esse homem descarado, levando os cinco filhos; porém seis meses depois estava de volta, crianças e tudo. Evidentemente não encontrara o que procurava. E o acontecimento, fosse qual fosse, não teve realidade bastante para afetar seu casamento, que prosseguiu como antes. Que sentimento era esse que ela esperava encontrar no sexo? E por que parecia estar sempre fora do seu alcance? A vida sexual se tonará irreal, uma fantasia, quando a pessoa a necessita para sentir-se «viva», para encontrar a própria personalidade?

Em outro subúrbio, conversei com uma atraente mulher de mais de trinta anos, com interesses culturais, embora meio vagos e desfocados. Começava a pintar quadros e não os terminava, fazia coletas para concertos a que não assistia, dizendo que ainda não havia «encontrado seu meio de expressão». Descobri que estava envolvida numa espécie de busca de *status* sexual, com as mesmas pretensões vagas e desfocadas de suas tentativas culturais. Gabava-se das proezas intelectuais, e das distinções profissionais do homem com quem gostaria de ter um caso. «Isso faz com que a pessoa se sinta orgulhosa. Não gostaria de escondê-lo e sim contar a todo mundo, uma vez que se tratava de alguém de tal gabarito», afirmou. Se ela de fato queria ir para a cama com esse homem, com ou sem distinção profissional, era outra questão. Mais tarde soube pelas vizinhas que eia era objeto de gracejos de toda a comunidade. Todos «sabiam», mas o que ela tinha a oferecer sexualmente era tão impessoal e previsível que somente um marido novato na comunidade a levaria a sério.

Mas a fome sexual, claramente insaciável, de uma javem mãe de quatro filhos, moradora do mesmo subúrbio, nada tinha de cómico. Sua procura de sexo, jamais satisfeita, apesar de um caso após outro, acrescida de «carinhos extramaritais», como diria Kinsey, teve desastrosas consequências para dois outros casais, pelo menos. Essas entrevistadas, e outras parecidas com elas, viviam literalmente nos estreitos limites da mística feminina. Eram inteligentes, mas estranhamente «incompletas». Haviam desistido de preencher o tempo com trabalho doméstico ou comunitário, voltando-se para o sexo. Mas continuavam a sentir-se irrealizadas. Os maridos não as satisfaziam, alegavam; e os casos extraconjugais ainda menos. Nos termos da mística feminina, sempre que a mulher se sente vazia, irrealizada, a causa deve ser de ordem sexual. Neste caso, por que sexo nunca a satisfaz?

Assim como as universitárias, que usavam da fantasia da futura vida de casada para proteger-se dos conflitos e compromissos com a ciência, as artes, a sociedade, as mulheres casadas estariam colocando nesta insaciável busca sexual os impulsos agressivos que a mística feminina lhes proíbe usar em objetivos

humanos mais amplos? Estariam usando o sexo ou fantasias sexuais para satisfazer impulsos de outro tipo? Seria por tal motivo que no seu caso as aventuras sexuais pareciam sempre fantasiosas, mesmo quando reais? Seria por isso que, mesmo quando atingiam o orgasmo, se sentiam irrealizadas? Estariam impelidas a essa busca incessante por não terem encontrado no casamento a satisfação sexual prometida pela mística? Ou o senso de realização, de identidade, que procuram seria algo que o sexo sozinho não pode conferir?

Sexo é a única fronteira aberta à mulher que sempre viveu nos limites da mística. Nos últimos quinze anos, fora forçada a expandir- se talvez além dos limites do possível, a fim de preencher o tempo livre, o vácuo criado pela negação de objetivos mais amplos. O crescente apetite sexual da americana foi documentado *ad nauseara* por Kinsey, pelos sociólogos e romancistas dos subúrbios, pela propaganda, anúncios, televisão, cinema e revistas femininas que lisonjeiam todos, o voraz anseio da mulher por fantasias sexuais. Não é um exagero dizer que várias gerações de americanas inteligentes foram reduzidas a objetos sexuais. É evidente que alguma coisa anda errada.

Em lugar de concretizar a promessa de gozo infinito, o sexo na América da mística feminina está-se transformando numa estranha compulsão nacional, sem alegria, ou então numa farsa desprezível. Os romances empanturrados de sexo tornam-se cada vez mais explícitos e tediosos; o tom sexual das revistas femininas tem uma tristeza doentia; o caudal inesgotável de manuais descrevendo novas técnicas sugere falta de excitação. Esse tédio manifesta-se no tamanho cada vez maior do busto das *starlets* de Hollywood, no repentino aparecimento do órgão masculino como atrativo publicitário. Sexo tornou-se despersonalizado, visto em termos desses exagerados símbolos.

Mas de todos os estranhos fenómenos da era mística feminina os mais irónicos são o frustrado apetite sexual da americana e seus conflitos sobre a feminilidade, à medida que ela fôr passando das atividades independentes para a busca exclusiva de seu papel no seio da família. E à medida que voltava a atenção para essa procura exclusiva, explícita e agressiva da realização sexual, ou de fantasias sexuais, aumentava o desinteresse e até a hostilidade do homem americano em relação à mulher.

Encontrei provas desse fenómeno em toda parte. Conforme já mencionei, existe hoje em dia um forte aspecto de irrealidade no que se refere ao sexo, esteja este representado nas páginas francamente lascivas de um romance popular, ou no corpo quase assexualizado das mulheres que posam para fotos de moda. Segundo Kinsey, não houve aumento de válvulas de escape sexual nas últimas décadas, mas na anterior houve um expressivo exagero de preocupação com sexo e fantasia sexual.{137}

Em janeiro de 1950 e também em janeiro de 1960, um psicólogo estudou todas as alusões ao sexo encontradas em jornais, revistas, televisão, rádio, teatro, canções populares, *best-selters* e livros de nãoficção, descobrindo um extraordinário aumento de referências explícitas a desejos e expressões sexuais («nudez, órgãos genitais, escatologia, obscenidade, lascívia e relações sexuais»).

Estas constituíam 50% das referências à sexualidade humana, vindo em segundo lugar o «coito extraconjugal» («fornicação, adultério, promiscuidade sexual, prostituição e doenças venéreas»). Em 1960, os 200 veículos de comunicação estudados acusaram, em relação a 1950, mais do dobro de alusões ao sexo e um aumento de 509 para 1.341 referências «libertinas». As chamadas revistas masculinas não só chegaram a novos excessos na preocupação com os órgãos sexuais femininos, como acusaram uma explosão francamente orientada para o homossexualismo. O mais extraordinário dos novos fenómenos, porém, foi a multiplicação e a lascívia insaciável dos *best-sellers* e das revistas de público sobretudo feminino.

Embora aprovando profissionalmente a atitude «permissiva», por considerá-la vantajosa em relação à negativa hipócrita que anteriormente caracterizava o sexo, o psicólogo não pode deixar de especular:

> Descrições de órgãos sexuais... são tão frequentes nos romances modernos que é válido indagar se são obrigatórias para que uma obra de ficção vá para a lista dos *best-sellers*. Já que as antigas e ligeiras descrições de relações sexuais aparentemente perderam a capacidade de excitar e até as perversões tornaram-se banais nos romances de ficção modernos, a medida lógica parece ser descrições minuciosas dos próprios órgãos sexuais. É difícil imaginar qual será a próxima etapa. {138}

De 1950 a 60 o interesse masculino pelos detalhes de relações amorosas empalideceu diante da avidez das mulheres, tanto as descritas nos meios de comunicação, como a do próprio público. Já em 1950, os detalhes salgados do ato sexual encontrados nas revistas masculinas surgiam em menor número que entre os *best-sellers,* vendidos principalmente às mulheres.

No mesmo período, as revistas femininas exibiam uma crescente preocupação com o sexo, sob um disfarce meio doentio.3 Colunas como «Faça um Sucesso do Seu Casamento», «Podemos Salvar este Casamento? » e «Diga-me, Doutor» descreviam os mais íntimos detalhes sexuais sob o disfarce moralista de «problemas», e as mulheres os liam com a mesma disposição com que se atiravam aos exemplos de seus textos de psicologia. O cinema e o teatro traziam uma crescente preocupação com doenças, perversões e cada novo filme ou peça era um pouco mais sensacional do que o anterior, numa tentativa de escandalizar ou excitar.

Ao mesmo tempo, via-se a sexualidade humana reduzida aos seus mais estreitos limites fisiológicos, paralelamente em inúmeros estudos sociológicos dos subúrbios e nos relatórios Kinsey. Estes, publicados em 1948 e 1953, consideravam a sexualidade como um jogo em busca de *status,* onde o objetivo era o maior número possível de válvulas de escape — orgamos obtidos por meio de masturbação, ejaculação noturna durante o sono, relações com animais e em diversas posições com o sexo oposto, pré, extra, ou após o casamento. O que registraram os pesquisadores de Kinsey foi que tanto os romances, revistas, peças e novelas constituíam os sintomas da crescente despersonalização, imaturidade, ausência de alegria e de sentido em nosso excesso de preocupação sexual.

Esse vórtice de sensualidade, sedução e lascívia não era exatamente um sinal de sadia afirmação do relacionamento humano, conforme ficou bem claro à

medida que a imagem do homem sedutor da mulher cedia lugar à da mulher perseguidora de homens. Situações sexuais exageradas e pervertidas pareciam necessárias para excitar tanto o herói como o público. Talvez o melhor exemplo dessa perversa inversão seja o filme italiano *La Dolce Vita,* que com todas as suas pretensões artísticas e simbólicas foi um sucesso nos Estados Unidos por causa de sua muita divulgada excitação sexual. Embora comentário sobre a sociedade e o comportamento sexual italiano, o filme, em suas principais características de preocupação sexual, adaptava-se perfeitamente ao ambiente americano.

Como no caso dos romances, peças teatrais e filmes americanos, os personagens ávidos de sexo eram principalmente as mulheres, preocupadas com vestidos ou quase despidas (a estrela de Hollywood), ou parasitas histéricas (a namorada do jornalista). Além disso, havia a ricaça promíscua, que precisava do estímulo anormal da cama de uma prostituta, as mulheres agressivamente ávidas de sexo, na orgia do castelo mal iluminado, e finalmente a divorciada que fêz seu *striptease* para um público solitário, aborrecido e indiferente.

Na verdade, todos os homens estavam demasiadamente ocupados ou entediados para se preocupar com sexo. O herói, indiferente e passivo, passa de uma mulher ávida à outra, um Don Juan implicitamente homossexual, atraído em fantasia pela meninazinha assexuai, fora do seu alcance. As extremadas situações terminam finalmente numa despersonalização que cria um profundo tédio — tanto no herói como no público. (O próprio tédio do sexo despersonalizado pode também explicar a queda de público nos teatros da Broadway, nos filmes de Hollywood e no romance americano). Muito antes das cenas finais de *La Dolce Vita,* quando todos saem para olhar o imenso peixe morto — a mensagem do filme já está bem clara: a doce vida é aborrecida.

A imagem da mulher sexualmente agressiva emerge também em romances como *Peyton Place* e *The Chapman Report,* propositalmente destinados a satisfazer a mulher ávida de fantasia sexual. Seja ou não exato na vida real esse quadro de fêmeas agressivas, é bem verdadeiro o seu insaciável apetite por livros relacionados com o ato sexual, apetite que, tanto na ficção como na realidade, nem sempre é compartilhado pelo homem. Esta discrepância talvez tenha uma explicação muito simples: as donas de casa suburbanas, de modo especiais, procuram aventuras amorosas, mas são poucas as que encontram, não só por causa de problemas como a presença dos filhos, carros estranhos estacionados na calçada, empregadas tagarelas, como simplesmente por não haver muitos homens disponíveis. Estes, em geral, passam a maior parte do tempo em atividades que nada têm de sexual e precisam menos de encher o tempo com interesses de tal ordem. De modo que, desde a adolescência até a meia idade, a mulher americana está condenada a contentar-se, em grande parte, com fantasias amorosas. Mesmo quando existe um caso autêntico — ou «carinho extraconjugal» que, segundo Kinsey, é cada vez mais frequente — nunca é tão real como o espera a mulher imbuída pela mística.

O autor de *The Exurbanites* explica:

— Embora o parceiro considere o caso bastante passageiro, acompanhando- o, naturalmente, de palavras destinadas a persuadi-la do contrário, a mulher muitas vezes deixa-se envolver sinceramente pelo que julgava ser o verdadeiro amor de sua vida. Decepcionada pelas falhas de seu casamento, confusa e infeliz, zangada e muitas vezes humilhada pelo comportamento do marido, está psicologicamente preparada para o homem que saiba usar de habilidade, encanto, espírito e sedução... Assim, nas festas de praia, nas reuniões de sábado à noite, nos longos passeios de carro, ocasiões em que os casais naturalmente se separam, dizem-se as primeiras palavras, prepara-se o terreno, despertam-se as primeiras fantasias, trocam-se os primeiros olhares, o primeiro beijo desesperado. E mais tarde, quando a mulher compreende que o que para ela era importante, para êle não passava de uma simples aventura, chora, enxuga as lágrimas e torna a olhar à sua volta.{139}

Mas que acontece quando a mulher baseia toda a sua identidade no papel sexual, quando o sexo é necessário para sentir-se viva? Para falar com clareza, ela faz exigências impossíveis ao seu corpo, à sua condição de «fêmea», assim como ao marido e à sua condição de «macho». Um orientador de casais contou-me que várias das donas de casa suburbanas com quem teve contacto «fazem grandes exigências ao amor e à vida conjugal, mas não há vibração, mistério e às vezes literalmente nada acontece».

Toda essa informação e preocupação sexual, todo esse bem organizado plano para ser esposa e mãe dedicada é algo para o qual foi orientada e educada. Não existe o mistério de dois estranhos, homem e mulher, dois seres independentes, procurando-se um ao outro. É tudo previsto, um *script* seguido sem os tropeços, a beleza e o misterioso respeito pela vida. Ela diz: faça alguma coisa, faça com que eu sinta algo. Mas dentro de si mesma não encontra nada que possa evocar esse poder.

Um psiquiatra declara que viu muitas vezes o sexo morrer «morte lenta e torturante» quando mulheres ou homens usam da família «para compensar com carinho e afeição o fracasso em atingir objetivos numa comunidade mais ampla». {140} Às vezes, contou-me, existe tão pouca vida real que finalmente até o sexo se desintegra e morre, passando-se meses sem que os dois sintam qualquer desejo, embora sejam ambos jovens. O ato sexual «tende a tornar-se mecanizado e despersonalizado, um escape físico que deixa os parceiros ainda mais solitários. A manifestação de um terno sentimento míngua e desaparece. Sexo torna-se a arena da luta pelo domínio. Ou então uma rotina sem profundidade, feita por tabela».

Embora não encontrem satisfação, as mulheres continuam em sua busca infindável. Para a que vive segundo a mística, não há realizações, status ou identificação, exceto os de ordem sexual: a realização da conquista, o *status* como objeto sexual desejável, e a identificação com o papel de esposa e mãe sexualmente bem sucedida. Contudo, uma vez que o sexo não satisfaz realmente estas necessidades, procura apoiar seu vazio em objetos, até que o próprio sexo, e o marido e os filhos em quem repousa a identidade sexual, tornam-se também objetos. A mulher que não passa de instrumento, acaba vivendo em um mundo de coisas, incapaz de atingir nos outros a personalidade que ela própria não possui.

Será a necessidade de realizações que impele a mulher suburbana a oferecer-se com insistência a estranhos e vizinhos, tornando o marido simples «mobília» do lar? Num recente romance sobre adultério nos subúrbios, o autor diz, pela boca de um açougueiro que se aproveita das esposas solitárias da vizinhança:

> «Sabe o que é a América? Um grande esfregão ensopado de tédio... e marido algum estende esse esfregão. E uma mulher não pode explicar a outra porque todas estão mergulhadas no mesmo tédio. De modo que basta a um homem ser compreensivo. «Sim, meu bem, eu sei, eu sei, sua vida é horrível, tome estas flores, tome este perfume, eu te amo, tire as calças... Você e eu somos mobília em nossas próprias casas. Mas se andarmos até o vizinho... ah! No vizinho somos heróis! Todo mundo está à procura de romance porque é o que se vê nos livros e no cinema. E que há de mais romântico para uma mulher do que um homem disposto a arriscar-se a receber uma bala do marido para possui-la?... E a única coisa interessante no camarada é o fato de ser um desconhecido... Ela não o possui. Diz a si mesma que está apaixonada, disposta a renunciar ao seu lar, à família, à felicidade, ao orgulho, a tudo, só para estar com o estranho que a satisfaz uma vez por semana... Onde houver uma dona de casa há uma amante em potencial para qualquer estranho ».{141}

Entrevistando 5.940 mulheres, Kinsey descobriu que as americanas, principalmente as de classe média, após dez ou quinze anos de casamento, sentiam desejo sexual mais forte do que o marido era capaz de satisfazer. Aos quarenta anos, uma em quatro mulheres estava envolvida em algum caso extraconjugal, geralmente esporádico. Algumas pareciam eternamente capazes de múltiplos orgasmos. Um número crescente entregava-se a «carinhos extraconjugais», mais característicos da adolescência. Kinsey descobriu também que o desejo sexual do marido americano, principalmente nos grupos educados da classe média, parecia decrescer, à medida que aumentava o da mulher.{142}

Mais perturbador ainda que os sinais de crescente apetite sexual insatisfeito entre as donas de casa desta era de mística feminina, são os sintomas de crescente conflito com sua própria feminilidade. Há provas de que esses sintomas, batizados com o eufemismo de «doenças de senhoras», ocorrem mais cedo que nunca, e de forma intensificada, nesta época em que as mulheres procuraram realizar-se tão prematura e exclusivamente em termos sexuais.

O chefe do serviço de ginecologia de um famoso hospital disseme que vem encontrando um número crescente de jovens mães com as mesmas perturbações ovarianas — corrimentos vaginais, períodos atrasados, irregularidade no fluxo menstrual, insónia, fadiga, incapacidade física, que costumava encontrar somente na menopausa. E observou :

> A questão é saber se essas jovens mães se sentirão patologicamente destruídas quando perderem suas funções biológicas. Tenho encontrado inúmeras clientes com perturbações da menopausa exageradas, estou certo, pelo vazio de sua vida. Passaram 28 anos agarrando-se ao último filho, até que isso não foi mais possível. Pelo contrário, as que tiveram crianças e vida sexual ativa, mas cuja personalidade é mais entusiasta, não precisam estar continuamente lembrando a si mesmas que são mulheres, graças a um novo filho; estas sentem menos calores súbitos, insónia, nervosismos e irritação.
>
> As que apresentam tais perturbações negaram sua feminilidade, ou são patogênicamente fêmeas. Mas observamos agora esses sintomas em jovens esposas de 20 anos, obrigadas a dedicar-se aos filhos e que não desenvolveram seus recursos pessoais — as mesmas perturbações do ciclo ovariano e dificuldades menstruais características da menopausa. Uma jovem de 22 anos, com três filhos, apresentava todos os sintomas da menopausa. Disse-lhe que seu problema era ter tido os filhos, uns em seguida aos outros, reservando para mim a conclusão, isto é, «sua

personalidade não evoluiu no mesmo ritmo».

Nesse mesmo hospital foram realizados estudos em pacientes recuperando-se de histerectomia, perturbações menstruais e problemas de gravidez. As que mais se queixavam de dores, náuseas, vómitos, disfunções físicas e emocionais, depressão, apatia e ansiedade eram mulheres cuja vida girava quase exclusivamente ao redor da função reprodutora e de sua gratificação por meio da maternidade. O protótipo dessa atitude era a paciente que dizia: «Para ser mulher preciso ter filhos».{143} As que sofriam menos tinham a personalidade bem integrada, recursos de inteligência e estavam voltadas para interesses externos, mesmo no hospital, em lugar de se preocuparem consigo mesmas e com seus sofrimentos.

Os obstetras observaram o mesmo. Um deles contou-me:

> É engraçado: as mulheres que sentem dores nas costas, hemorragias e têm gravidez e parto difíceis são justamente as que julgam que os filhos são o único objetivo de sua vida. As que têm outros interesses além de serem simples máquinas reprodutoras sofrem menos ao dar à luz. Não me peça para explicar. Não sou psiquiatra. Mas todos nós reparamos nisso.

Outro ginecologista falou de várias pacientes, nesta época de mulheres realizadas, para quem nem o ato sexual, nem os filhos trouxeram realização. Em suas palavras, elas são:

> As mulheres que se sentem muito inseguras e precisam ter um filho atrás do outro para provar que são femininas; querem quatro ou cinco por não terem mais nada para fazer; são dominadoras e assim arranjam algo para dominar. Às vezes são universitárias confusas, em busca de um diafragma e trazidas pela própria mãe. Sendo imaturas, para elas o ato sexual nada significa, não sentem orgasmo, nada. É o mesmo que tomar um remédio. Casar é uma evasão.

A alta incidência de cólicas menstruais, náuseas e vómitos durante a gravidez, depressão após o parto, e sérias perturbações fisiológicas e psicológicas na menopausa são aceitas como «normais» na biologia feminina.{144} Serão os estigmas que marcam os estágios do ciclo sexual — menstruação, gravidez, menopausa — parte da natureza eterna e imutável da mulher, conforme a crença popular, ou estarão relacionadas, de certo modo, com a desnecessária escolha entre feminilidade e evolução humana, sexo e personalidade? Quando uma mulher se torna objeto sexual verá inconscientemente em cada passo de seu ciclo uma desistência, uma espécie de morte de sua própria razão de ser? As pacientes que enchem as clínicas são a personificação da mística feminina. A falta de orgasmo, o aumento das «doenças de senhoras», a insaciável procura de sexo, a depressão no momento de ser mãe, a estranha avidez em mandar remover os órgãos sexuais por meio de histerectomias sem causa clínica — tudo isto trai a grande mentira da mística. Como a profecia da morte de Samarra, a mística feminina, com seus protestos contra a perda da feminilidade, está dificultando cada vez mais a afirmação desta mesma feminilidade, criando obstáculos para que o homem seja verdadeiramente masculino e para que ambos gozem do amor sexual humano.

O aspecto de irrealidade que pairava sobre minhas entrevistas com donas de casa suburbanas ávidas de sexo, a mesma que impregna romances, peças teatrais, e a conversa em reuniões sociais — subitamente revelou-me o seu valor humano numa ilha ostensivamente afastada dos subúrbios, onde a procura de sexo é onipresente, em pura fantasia. Durante a semana, essa ilha é um subúrbio ampliado, pois está inteiramente desligada de estímulos externos, do mundo do trabalho e da política. Os homens nem sequer vão à noite para casa. As mulheres que ali passavam o verão eram extremamente atraentes, haviam casado cedo, viviam através do marido e dos filhos e não tinham interesses para além do lar. Naquela ilha, à diferença dos subúrbios, as mulheres não podiam organizar comités, nem fazer com que o trabalho de casa se expandisse para encher tempo. Mas descobriram um novo divertimento que matava dois coelhos de uma só cajadada: diversão que lhes dava um passageiro senso de *status* sexual, mas não as obrigava à temível necessidade de prová-lo. Nessa ilha havia uma colónia de rapazes que parecia saída do mundo de Tennessee Williams. Durante a semana, enquanto os maridos trabalhavam na cidade, as jovens donas de casa organizavam orgias que duravam a noite inteira com esses rapazes assexuados. Com uma espécie de surpresa bem humorada, um marido que voltou para casa inesperadamente no meio da semana, a fim de consolar a esposa solitária e entendiada, pôs-se a especular o assunto: «Por que agem assim? Talvez isto tenha algo a ver com o fato de este lugar ser um matriarcado».

Talvez tenha também algo a ver com o tédio. Afora isso, não havia nada que fazer. Parecia sexo e era isto o que tornava a situação tão excitante, embora não houvesse, naturalmente, relações sexuais. Talvez essas donas de casa e seus «namorados» se reconhecessem uns aos outros, como a *call girl* de «Breakfast a Tiffany's», de Truman Capote, que passava uma noite sem sexo com o homossexual passivo, ambos infantis ao fugir da vida, procurando um no outro a mesma segurança não-sexual.

Mas nos subúrbios, onde durante o dia não se vê um só homem, pelo menos para trazer uma lembrança de sexo, as mulheres que só se identificam com esta faceta de sua personalidade necessitam buscar segurança através da posse de «objetos». De súbito compreende- se por que os psicólogos estimulam o apetite sexual para vender produtos que nada têm de sexual. Enquanto o anseio feminino de realização puder ser canalizado para essa procura de *status,* a mulher torna-se presa fácil de qualquer produto que o prometa, uma vez que este não pode ser alcançado por seus próprios esforços. E como a busca infindável de *status* sexual poucas vezes se concretiza para a dona de casa americana (que no melhor dos casos apenas *tenta* parecer com Elizabeth Taylor) acaba traduzindo-se facilmente pela procura de prestígio através objetos.

Assim, as mulheres são as agressoras e sua procura tem a mesma falsidade e irrealidade tanto no que se refere à posição social como ao companheiro de sexo. Prestígio, afinal, é o que os homens procuram e conquistam por meio do trabalho na sociedade. O trabalho feminino, doméstico, não pode dar uma

posição. É o mais humilde da escala social. Nesse caso, a mulher procura prestigiar-se por meio da posição do marido. Este e até os filhos tornam-se símbolos de *status,* pois quando a mulher se define como «dona de casa», o lar e tudo o que êle contém tornam-se, de certo modo, sua personalidade; a mulher precisa desse apoio exterior para proteger-se do vazio interior, para sentir-se alguém. Torna-se uma parasita, não só porque as coisas de que necessita para ter posição lhe advêm do marido, mas porque precisa dominá-lo por não ter personalidade própria. Se o homem não lhe dá o que deseja, despreza-o, assim como o despreza se não conseguir satisfazer seus anseios sexuais. Sua insatisfação pessoal manifesta-se em insatisfação com o marido e a situação sexual entre os dois. Um psiquiatra esclarece: «Ela exige demais das relações conjugais. O marido ressente-se disso e torna-se incapaz de satisfazê-la sexualmente».

Seria esta a razão da onda de ressentimento entre os maridos recém-casados contra as moças cuja única ambição era casar? A velha hostilidade contra a mãe dominadora e as profissionais agressivas pode, a longo prazo, empalidecer diante da nova hostilidade contra as jovens, cuja ativa procura da carreira doméstica resultou em uma nova espécie de domínio e agressão. Ser apenas um instrumento sexual, alguém à mão em casa, não é evidentemente o sonho de homem algum.

Em março de 1962, um repórter registrou em *Redbook* um fenómeno inédito no ambiente suburbano: «jovens pais sentem-se encurralados » :

> Inúmeros maridos acham que a mulher, mencionando autoridades em organização do lar, puericultura e amor conjugal, estabeleceram um plano severo e estreito de vida familiar, que pouca oportunidade deixa ao homem para exercer sua autoridade e manifestar pontos de vista. (Um deles observou: «Sinto que perdi o entusiasmo depois que casei. Não sou mais um homem. Sou jovem, mas pouco me divirto. Não quero conselhos, mas às vezes tenho a impressão de que algo aqui dentro vai explodir»). Os maridos apontaram as esposas como a principal fonte de frustrações, ultrapassando as crianças, os chefes, a preocupação financeira, parentes, comunidade e amigos... O jovem pai não tem mais o direito de cometer seus erros ou fazer valer sua opinião numa crise familiar. Sua mulher, depois de ler o capítulo VII, sabe exatamente o que se deve fazer.

E o artigo prossegue, mencionando um assistente social:

> A insistência da mulher moderna em obter satisfação sexual pode constituir um sério problema para o marido. Este pode ser irritado, lisonjeado e forçado a representar o papel de um hábil amante, mas se a mulher o despreza e censura, caso não consiga carregar uma arca para o sótão ficará em má situação... É alarmante reparar que após cinco anos de casamento um número considerável de americanos comete adultério e uma proporção ainda maior sente-se tentada a fazê-lo. Muitas vezes a infidelidade é menos a procura do prazer que um meio de auto-afirmação.

Há quatro anos passados, entrevistei um grupo de mulheres numa zona pseudo-rural de um subúrbio elegante. Tinham tudo o que se possa desejar: lindas casas, filhos, maridos dedicados. Hoje, na mesma rua, há um número cada vez maior de lindas casas onde, por diferentes motivos, as mulheres vivem sozinhas com as crianças, enquanto os maridos — médicos, advogados,

industriais — mudaram-se para a cidade. O divórcio, nos Estados Unidos, segundo os sociólogos, em quase todos os casos é procurado pelos maridos, embora ostensivamente sejam as esposas que o solicitem.{145} Há, naturalmente, inúmeras razões para divórcio, mas a principal parece ser a crescente aversão e hostilidade do homem pelos encargos que as mulheres acumulam sobre eles, hostilidade que nem sempre é dirigida contra a esposa e sim contra a mãe e as mulheres com quem trabalha — a mulher em geral.

Segundo Kinsey, a maioria das válvulas de escape sexual do homem de classe média não se situam nas relações com a própria esposa, após o décimo quinto ano de casamento; aos cinquenta e cinco, metade dos homens americanos está envolvida num caso extraconjugal.{146} Essa busca de aventuras sexuais por parte do homem — o romance do escritório, um caso violento ou passageiro, e até o despersonalizado sexo por si mesmo, satirizado no filme «O Apartamento» é com frequência motivado simplesmente pela necessidade de fugir a uma esposa devoradora. Às vezes êle busca o relacionamento humano que se perdeu quando se tornou apenas um instrumento da «carreira doméstica» da mulher. Às vezes sua aversão pela esposa leva-o a procurar nas aventuras um objeto totalmente divorciado de qualquer relacionamento humano. Às vezes ainda, mais em fantasia que na realidade, procura uma criança, uma Lolita, um objeto sexual, para fugir à mulher madura que está dedicando toda a sua agressividade, e também suas energias sexuais, a viver através dele. Não há dúvida de que a sensação de ultraje masculino contra a mulher — e inevitavelmente contra o sexo — aumentou imensamente na era da mística feminina.{147} Um homem escreveu ao *Village Voise,* o jornal da Greenwich Village de Nova York, em fevereiro de 1962: «O problema não é mais saber se um Branco é bom demais para casar com um Preto, ou vice-versa, mas se as mulheres estão à altura de casar com os homens, uma vez que parecem estar demissionárias».

O símbolo público dessa hostilidade masculina é o afastamento dos dramaturgos e romancistas dos problemas mundiais e sua aproximação obsessiva das imagens de mulher devoradora, do herói passivo e martirizado (em roupagens homo ou heterossexuais), da heroína infantil e promíscua, e dos detalhes físicos da evolução sexual frustrada. É um mundo todo especial, mas não tanto: milhões de homens e mulheres, rapazes e moças, conseguem identificar-se com ele. «De repente, no último verão», de Tennessee Williams, é um flagrante exemplo.

O homossexual idoso, membro de antiga família sulista, perseguido por pássaros monstruosos que devoram filhotes de tartaruga, percebe que desperdiçou a vida na busca de sua mocidade dourada. Êle próprio foi devorado pela mãe sedutora e feminina, assim como no fim é literalmente devorado por um bando de garotos. É significativo que o herói da peça jamais apareça; não tem rosto, não tem corpo. O único personagem verdadeiramente real é a mãe devoradora de homens. Esta figura surge com frequência nas peças de Tennessee Williams e nos romances de seus contemporâneos, ao lado de filhos

homossexuais, filhas ninfomaníacas e vingativos don juans. Todas essas peças são um angustiante grito de obsessivo amor-ódio à mulher. É significativo que inúmeras foram escritas por autores sulistas, vindo portanto de uma parte do país em que a feminilidade pregada pela mística permanece ainda intacta.

Esse ultraje masculino é com certeza resultado de um ódio implacável pelas mulheres parasitas, que impedem maridos e filhos de crescer, a fim de mantê-los imersos num estágio doentio de fantasia sexual. Pois o fato é que também os homens estão sendo afastados do vasto mundo real para o universo de fantasia, onde suas filhas, mulheres e mães foram obrigadas a procurar sua «realização». Também para os homens o sexo está adquirindo um caráter irreal, despersonalizado, insatisfatório e finalmente desumano.

Haverá, afinal, um elo entre o que está acontecendo com as mulheres nos Estados Unidos e a homossexualidade masculina cada vez mais flagrante? Segundo a mística, a «masculinização da mulher americana, causada pela emancipação, educação, iguais direitos, profissões, está produzindo uma raça de homens cada vez mais «femininos». Mas será esta a verdadeira explicação? Para ser exato, as cifras de Kinsey não indicam aumento de homossexualidade nas gerações que assistiram à emancipação da mulher. O relatório Kinsey revelou em 1948 que 37% dos homens americanos haviam tido pelo menos alguma experiência homossexual, que 13% eram predominantemente homossexuais (durante três anos pelo menos, entre os 16 e os 35), e 4% exclusivamente homossexuais — cerca de 2.000.000 de homens. Mas não havia «evidência de que o grupo homossexual fosse maior ou menor hoje do que nas gerações anteriores».{148}

Tenha ou não havido um aumento de homossexualidade nos Estados Unidos, a verdade é que nos últimos anos houve uma explosão de suas mais francas manifestações.{149} Não creio que isso se relacione com a adoção nacional da mística feminina, que glorifica e perpetua, em nome da feminilidade, uma imaturidade passiva, transmitida de mãe a filhos. Os homossexuais — e também os don juans, cuja compulsão para provar sua potência é muitas vezes causada por uma homossexualidade inconsciente — são, assim como as mulheres ávidas de sexo, eternamente infantis, temerosos da velhice, agarrandose à mocidade em sua contínua procura de tranquilidade por meio da magia sexual.

O papel materno na homossexualidade foi esmiuçado por Freud o os psicanalistas. Porém a mãe cujo filho se torna homossexual não é geralmente emancipada, competindo com o homem no mundo, e sim o verdadeiro paradigma da mística — uma mulher que vive através do filho, e cuja feminilidade é virtualmente usada em seduzi-lo, prendê- lo a si, de tal modo que êle jamais consegue amadurecer para amar outra mulher, ou enfrentar sozinho a vida de adulto. O amor por outros homens disfarça o sentimento proibido e excessivo pela mãe; o ódio e repulsa por todas as outras mulheres é uma reação à única mulher que o impediu de se tornar homem. São complexas as condições deste sentimento exagerado entre mãe e filho. Freud escreveu :

> Em todos os casos examinados observamos que os futuros invertidos passam na infância

por uma fase de intensa, mas curta fixação em uma mulher (em geral a mãe) e depois de superá-la identificam-se com essa mulher e transformam a si mesmos em objeto sexual, isto é, agindo em bases narcisistas, procuram rapazes que se parecem com eles próprios fisicamente, e a quem desejam amar como sua mãe os amou.{150}

Baseando-se nas palavras de Freud, poderíamos dizer que tal excesso de amor-ódio é quase implícito no relacionamento mãe-filho, quando seu papel exclusivo de esposa e mãe e sua limitação ao lar a forçam a viver através do filho. A homossexualidade masculina era e é muito mais comum que a feminina. O pai não é tantas vezes forçado ou tentado pela sociedade a viver através da filha, ou a seduzi- la. Não são tantos os homens que se tornam abertamente homossexuais, porém muitos têm bastante amor-ódio recalcado para sentir não só uma profunda repugnância pela homossexualidade, como uma repulsa sublimada e generalizada pela mulher.

Hoje em dia, quando não só a profissão, como qualquer compromisso sério fora de casa se tornou inatingível para uma esposa e mãe verdadeiramente «feminina», a dedicação mãe-filho, capaz de gerar homossexualidade franca ou latente, tem inúmeras oportunidades de se expandir para encher o tempo disponível. O menino sufocado por esse sentimento parasitário é impedido de crescer não só sexualmente, como em todos os outros sentidos. Os homossexuais muitas vezes não têm maturidade bastante para terminar os estudos e manter um compromisso profissional estável. (Kinsey encontrou a homossexualidade com mais frequência entre os homens que não ultrapassam o nível médio, do que entre os diplomados em cursos superiores). {151} A irrealidade rasa, a imaturidade, a promiscuidade, a falta de satisfação humana duradoura que caracterizam a vida do invertido sexual manifestam-se também em todos os seus outros interesses. Essa falta de compromisso pessoal com o trabalho, os estudos, a vida não-sexual é nitidamente «feminina». Como as filhas da mística, esses filhos passam a maior parte da vida em fantasias desse teor; os tristes e alegres homossexuais talvez sintam afinidade com as jovens donas de casa ávidas de sexo.

Mas a homossexualidade que está grassando como um nevoeiro peçonhento pelo ambiente americano é menos lúgubre do que a avidez imatura e inquieta das jovens, que são as agressoras nos casamentos prematuros, agora regra e não exceção. E é menos assustadora que a passividade dos rapazes que concordam com essas uniões prematuras, em lugar de enfrentar sozinhos o mundo. Essas vítimas da mística iniciam muito cedo a busca do consolo proporcionado pelo sexo. Nos últimos anos entrevistei jovens de abastadas famílias suburbanas, de comportamento promíscuo e inclusive algumas — cujo número é cada vez maior{152} — que casaram na adolescência por estarem grávidas. Conversando com elas e com os assistentes sociais que procuravam orientá-las, nota-se logo que no seu caso o sexo nada tem de sexo. Nem sequer principiaram a sentir uma reação sexual e muito menos a sua plenitude. Usam esse pseudo-sentimento para disfarçar a falta de personalidade; pouco importa quem seja o rapaz; a jovem literalmente não o vê quando ainda não possui o

senso de si mesma. E este não o terá jamais se usar das fáceis racionalizações da mística feminina para fugir aos esforços que conduziriam a uma identidade.

Iniciação sexual e casamento prematuros têm sido sempre características das civilizações subdesenvolvidas e, nos Estados Unidos, da zona rural e dos cortiços. Uma das mais extraordinárias descobertas de Kinsey, porém, foi que o atraso da atividade sexual era menos uma característica de origem sócio-econômica do que da destinação última do indivíduo, determinada, por exemplo, pela cultura. Um menino de origem pobre que consiga fazer um curso superior e tornar-se juiz ou cientista demonstra o mesmo adiantamento de atividade sexual na adolescência que outros que mais tarde se tornam juízes ou cientistas, e não os que provinham do mesmo ambiente sem recursos. Contudo, rapazes de famílias abastadas que não terminam o curso superior revelam atividade sexual prematura, que é característica dos ambientes miseráveis.{153} Seja qual for a relação assim indicada entre sexo e intelecto, um certo atraso de atividade sexual parece acompanhar a evolução da atividade mental requerida pela educação superior e dela resultante e do exercício de profissões do mais alto valor para a sociedade.

Entre as jovens do estudo Kinsey havia aparentemente até um relacionamento entre a satisfação sexual e o nível de evolução mental ou intelectual determinado pela educação. As que casaram adolescentes — nos casos registrados por Kinsey, geralmente abandonavam os estudos em nível secundário — começaram a ter relações sexuais cinco ou seis anos mais cedo que as que continuavam os estudos superiores ou preparavam-se para uma carreira profissional. Esta atividade prematura, porém, de modo geral não conduzia ao orgasmo; e essas moças sentiam menos satisfação física dez, quinze anos após o casamento do que as que continuavam a estudar.{154} Como no caso das jovens promíscuas dos subúrbios, a preocupação sexual prematura parecia indicar uma fraqueza íntima que nem o casamento é capaz de compensar.

Será esta a verdadeira razão da espécie de avidez sexual compulsiva, revelada hoje em promiscuidade prematura ou tardia, hetero e homossexual? Será por mera coincidência que os muitos fenómenos de sexo despersonalizado se estão tornando tão frequentes na era em que a mulher americana é ensinada a viver só de sexo? Será simples coincidência que seus filhos e filhas cresçam tão fracos que precisam recorrer, cada vez mais jovens, ao sexo desumanizado e descarado? Os psiquiatras explicaram que o problema-chave da promiscuidade é geralmente «pouca auto-estima», que parece originar-se frequentemente de uma ligação excessiva entre mãe e filho; o tipo de sexo procurado é relativamente sem importância. Clara Thompson, falando de homossexualidade, observa:

> Franca homossexualidade pode expressar medo do sexo oposto, medo de responsabilidades. .. pode representar uma fuga da realidade para a absorção num estímulo físico muito semelhante às atividades auto-eróticas do esquizofrénico, ou pode ser um sintoma de destruição de si mesmo e dos outros... As pessoas que têm pouca auto-estima... tendem a agarrar-se aos do seu próprio sexo porque isso é menos assustador... Contudo, as considerações acima não produzem invariavelmente homossexualidade, pois o temor da desaprovação do ambiente e a necessidade de aceitá-lo impelem muitas vezes essas mesmas pessoas para o casamento. O fato de ser casado de maneira alguma prova que a pessoa seja amadurecida... Uma fixação mãe-filho é

às vezes parte importante do quadro... Possivelmente a promiscuidade é mais frequente entre homossexuais do que entre heterossexuais, mas seu significado na estrutura da personalidade é em ambos os casos muito semelhante. Nos dois o principal interesse reside nos órgãos genitais e no estímulo físico. A pessoa escolhida para partilhar da experiência não tem importância. A atividade sexual é compulsiva e o único interesse». {155}

Atividade sexual compulsiva, homo ou heterossexual, geralmente disfarça a impotência em outras esferas da vida. Ao contrário do que diz a mística feminina, a satisfação sexual não é obrigatoriamente um sinal de realização, tanto no homem como na mulher. Segundo Erich Fromm:

Com frequência os psicanalistas encontram pacientes cuja capacidade de amar e, portanto, de aproximar-se dos outros está perturbada. Contudo, sexualmente funcionam muito bem e transformam a satisfação sexual num substituto do amor porque a potência física é a única força em que confiam. Sua incapacidade de produzir em outras esferas da vida, com a resultante decepção, é contrabalançada e disfarçada pela atividade sexual. {156}

Há um subtom semelhante na fome de sexo verificada nas universidades, embora o potencial de habilidade para produzir em todas as outras esferas da vida seja ali bastante alto. Um consultor psiquiatra dos estudantes de Harvard-Radcliffe observou recentemente que as universitárias muitas vezes procuram segurança num intenso relacionamento sexual por sentirem-se inadequadas quando, talvez pela primeira vez na vida, têm que estudar com seriedade, enfrentar verdadeira competição, pensar ativa e não passivamente, o que «não só é uma estranha experiência, como algo que se aproxima da dor física»:

Os fatos mais significativos são a pouco auto-estima e a queda de vivacidade, energia e capacidade para funcionar de modo criador. A depressão parece ser uma espécie de declaração de dependência, de incapacidade e também um abafado grito de socorro. Ocorre com diferente intensidade em quase todas as jovens, durante o período universitário. {157}

Tudo isto talvez represente apenas «a primeira resposta de uma adolescente sensível e ingénua a um ambiente novo, e assustadoramente complicado, observa o psiquiatra. Mas se o adolescente é uma menina evidentemente não se espera que, como o menino, enfrente o desafio, domine o trabalho penoso, e a competição. O psiquiatra considera «normal» que a jovem procure segurança no amor, embora o rapaz talvez seja também «extremamente imaturo, adolescente e dependente, uma cana ao vento, pelo menos do ponto de vista das necessidades de sua companheira». A mística feminina oculta o fato de que essa busca de sexo tão prematura, relativamente inócua para o rapaz ou a moça que não procure nada de sério, não pode dar às jovens «uma imagem mais nítida de si mesmas, a auto-estima de que precisam e a força para viver uma existência satisfatória e criativa». A mística, porém, nem sempre oculta do rapaz o fato de que a dependência da moça em sua pessoa não é na verdade de caráter sexual e pode comprometer a evolução de sua personalidade. Daí sua hostilidade, mesmo quando ceder, impotente, ao convite sexual.

Um estudante de Radcliffe escreveu recentemente, com grande sensibilidade, a história da crescente irritação de um rapaz para com uma moça que não pode estudar sem êle — irritação que não é mitigada nem pelo sexo,

graças ao qual todas as noites fogem juntos ao estudo.

Ela estava dobrando o canto da página e êle teve vontade de pedir-lhe que não o fizesse; o pequeno gesto mecânico irritou-o absurdamente e êle perguntou a si mesmo se estaria tão tenso porque os dois não se amavam há quatro dias... Aposto como ela quer agora, pensou êle. É por isso que está tão nervosa, quase chorando, e talvez seja por isso que me saí mal no exame. Mas sabia que a desculpa não bastava e sentiu aumentar a irritação enquanto dizia a si mesmo que devia ter feito uma revisão... O relógio não lhe deixava esquecer o tempo que estava desperdiçando... Fechando os livros com força, começou a empilhá-los. Eleanor ergueu a cabeça e êle viu o terror nos seus olhos...

— Olhe, vou levá-la embora agora mesmo... — falou. — Preciso estudar um pouco esta noite. — Lembrou-se de que tinha um longo caminho a percorrer, mas ao inclinar-se para dar-lhe um beijo apressado, ela enlaçou-o e êle precisou desvencilhar-se à força. Deixando-o finalmente afastar-se, sem sorrir, murmurou: —• Hal, não vá embora... Êle hesitou. — Por favor, não vá... — Colocou-se na ponta dos pés para beijá-lo e quando abriu a boca êle sentiu-se acuado, pois se pusesse a língua entre seus lábios não conseguiria afastar-se... Puxou-a contra si e ouviu-a gemer de dor e excitação. Mas afastou-se novamente, e disse com voz alterada: — Para onde podemos ir?... Ela olhou à volta, ansiosa e esperançada, e êle perguntou a si mesmo quanto haveria de paixão e quanto de posse no seu desejo. As meninas costumam usar do sexo para agarrar os rapazes, êle sabia. E tão fácil para elas fingir excitação.{158}

Estes são os primeiros filhos que se criaram na época da mística feminina, jovens que se utilizam do sexo como de um fácil consolo ao surgirem os primeiros obstáculos da vida. Por que é tão difícil para eles suportar desconforto, fazer um esforço, adiar um prazer imediatamente em proveito de objetivos distantes? Sexo e casamento prematuros são as mais fáceis saídas. Brincar de casados aos dezenove anos evita a responsabilidade de crescer sozinhos. E mesmo que um pai procurasse tornar o filho «másculo», independente, ativo, forte, tanto a mãe como o pai incitariam a filha a ser passiva, frágil, dependente, «feminina», esperando encontrar «segurança» junto a um rapaz, e não vivendo sua vida com independência.

E assim estreita-se o círculo vicioso. Sexo sem personalidade, sacralizado pela mística feminina, lança uma sombra cada vez mais escura sobre a imagem da mulher conforme o homem a vê e ela própria se visualiza. Torna-se mais difícil tanto para o filho como para a filha escapar, encontrar seu lugar no mundo, amar a um outro ser no interrelacionamento humano. Os milhões que se casaram antes dos dezenove anos, num travesti cada vez mais precoce de avidez sexual, revelam imaturidade, dependência emocional e passividade. A sombra do sexo despersonalizado pode dissolver-se momentaneamente numa ensolarada casa de subúrbio. Mas o que essas mães infantis e pais imaturos farão de seus filhos nesse paraíso de fantasia, onde a busca do prazer e das posses materiais ocultam

o afastamento da complexa realidade atual? Que espécie de filhos e filhas são educados por jovens que se tornam mães antes de enfrentarem a realidade, ou rompem com ela seus laços?

Há assutadoras implicações para o futuro do país na debilitação parasítica que está sendo transmitida à nova geração, como resultado de nossa teimosa adoção da mística feminina. A tragédia de crianças representando as fantasias sexuais de suas mães-donas de casa é apenas um dos sinais da progressiva desumanização que vem ocorrendo. E nesse desempenho de crianças, a mística pode ser vista finalmente em todo o seu caráter doentio, perigoso e obsoleto.

XII
Crescente desumanização: Um confortável campo de concentração

A.S VOZES QUE AGORA DEPLORAM O ÊXODO DA MULHER americana rumo ao lar tranquilizam-nos dizendo que o pêndulo pode oscilar também na direção contrária. Mas será que vai mesmo? Já há sinais de que as filhas de mulheres competentes e enérgicas, que voltaram ao lar para viver a imagem da dona de casa, acham mais difícil que as mães abrir caminho no mundo. Nos últimos quinze anos, uma sutil e corrosiva mudança parece ter-se operado no caráter das crianças americanas. Evidência de algo similar ao problema da dona de casa, em caráter mais patológico, manifestou-se em seus filhos e foi registrada por clínicos, analistas e sociólogos. Notaram todos, com crescente preocupação, uma nova e assustadora passividade, fraqueza e tédio nessas crianças. O sinal de perigo não é o espírito de competição provocado pelos esportes ou a luta para entrar na universidade, e sim uma espécie de infantilismo que as torna incapazes desse esforço, de resistência à dor e à frustração, e da disciplina necessária para competir nos esportes, ou nos estudos. Registrou- se também uma nova apatia, uma mania de «representar» entre os garotos que fazem só o que se espera deles e o que fazem os outros, mas não parecem viver, sentir a realidade do que estão fazendo.

Num subúrbio do leste, em 1960, ouvi uma secundarista perguntar a um psiquiatra que acabava de fazer uma conferência, «o nome da pílula que serve para auto-hipnose, de modo que a gente acorde sabendo tudo para os exames, mesmo sem estudar». Naquele mesmo ano, duas universitárias viajando de trem para Nova York na semana de provas disseram-se que estavam indo a algumas festas para «arejar a mente», em vez de estudar para os exames. «A psicologia provou que quando a pessoa está realmente motivada aprende instantaneamente» — explicou uma delas. «Se o professor não é capaz de dar uma aula bastante interessante para que os alunos aprendam sem esforço, a culpa é dele, não nossa». Um menino inteligente que desistira dos estudos disse-me que não ensinavam nada nas universidades, as aulas eram pura perda de tempo. «Intuição » era o mais importante e isso não se ensina em classe. Trabalhou algumas semanas num posto de gasolina, um mês em uma livraria. Depois desistiu também de trabalhar e passava o tempo literalmente ocioso — levantava, comia, deitava e nem sequer abria um livro.

Notei essa mesma condição de sonambulismo numa menina de treze anos que entrevistei em um subúrbio de Westchester, quando fazia uma pesquisa

sobre a promiscuidade sexual no adolescente. Mas conseguia passar de ano, embora fosse uma garota inteligente. Não se aplicava aos estudos, dizia o orientador. Parecia estar sempre aborrecida, desinteressada, desligada, não inteiramente desperta, como uma marionete da qual os outros puxavam os cordéis, quando à tarde entrava num carro com um grupo de meninos mais velhos, todos fugindo às aulas, em busca de divertimento.

Vários observadores já registraram esse fato: os garotos parecem viver num mundo irreal. Um educador do Texas, preocupado porque seus alunos não pareciam interessados nas aulas, transformadas em passaporte automático para um bom emprego, descobriu que também não se interessavam por mais nada que fizessem fora da escola. Quase sempre limitavam-se a «matar tempo». Um questionário revelou que não havia absolutamente nenhum objetivo que considerassem bastante poderoso para darem a vida por êle, assim como nada havia que lhes desse a impressão de estar vivos. Ideias, conceitos, que são exclusivos do homem, estavam completamente ausentes da vida e da mente desses rapazes.{159}

Um crítico de sociologia e um ou dois psicanalistas perspicazes tentaram definir essa mudança na jovem geração classificando-a como uma transformação básica de todo o caráter americano. Vantagem ou desvantagem, saúde ou doença, via-se que a personalidade humana, caracterizada por seu âmago forte e estável, estava sendo substituída por «uma personalidade vaga, amorfa, desorientada».{160} Na década de 50, David Riesman não encontrou menino ou menina com aquela nascente consciência de si mesmo que costumava marcar a adolescência, «embora tenha procurado jovens autónomos em diversas escolas públicas e particulares».{161}

No Colégio Sarah Lawrence, onde os estudantes assumem em grande parte a responsabilidade da própria educação e a organização de suas atividades, descobriu-se que a nova geração era desamparada, apática, incapaz de orientar sua liberdade. Se deixados à vontade para organizar suas atividades, nada era organizado; um currículo orientado para os interesses dos próprios estudantes não funcionava, uma vez que eles não tinham fortes interesses pessoais. Harold Taylor, então presidente da instituição, assim descreveu a mudança:

> Antigamente era possível contar com a forte motivação e iniciativa dos estudantes para orientarem sua vida, formar novas organizações, inventar projetos, tanto no campo da assistência social, como nos setores intelectuais. Mas tornou-se bem claro agora que para inúmeros estudantes a responsabilidade de se autogovernar era muitas vezes um fardo e não um direito a conservar. .. Estudantes que recebem total liberdade para dirigir sua vida e tomar decisões com frequência não desejam fazê-lo... Os universitários parecem achar cada vez mais difícil divertir-se, acostumados que estão a depender de distraçoes organizadas, onde seu papel é simplesmente participar de planos previamente elaborados... Os estudantes eram incapazes de planejar qualquer coisa; nada parecia bastante interessante para atraí-los.{162}

Os educadores a princípio lançaram a culpa no espírito conservador e cauteloso da era macartista, na impotência gerada pela bomba atómica; mais tarde, a face do progresso soviético na corrida espacial, os políticos e a opinião pública culparam a «moleza» geral dos educadores. Mas, fossem quais fossem

suas fraquezas, os melhores sabiam muito bem que se encontravam diante de uma passividade que ia com as crianças para a escola, uma assustadora «passividade básica que... fazia exigências heróicas aos que precisavam lidar diariamente com elas dentro e fora da escola».{163} A passividade física da nova geração revelava-se na deterioração muscular, que finalmente assustou a Casa Branca. A passividade emocional era visível entre os *beatniks* barbados e indisciplinados — rebeldia adolescente sem paixão e sem finalidade. A deliqüência juvenil, acusando índices tão altos como os dos bairros miseráveis da cidade, começou a surgir nos bonitos subúrbios, entre os filhos da classe média bem sucedida, educada, respeitada, gozando de todas as vantagens e oportunidades. Um filme intitulado «Fui um Frankenstein Adolescente» não deve ter parecido muito engraçado aos pais de Connecticut e Westchester que foram visitados por um esquadrão da polícia em 1960 porque seus filhos estavam ingerindo drogas em festas e nas salas de jogos de suas residências. Nem aos pais de Bergen County, cujos filhos foram detidos em 1962 por violação dos túmulos de um cemitério suburbano; ou os de um bairro de Long Island, cujas filhas de treze anos estavam operando um verdadeiro serviço de *call-girls*. Por detrás do vandalismo sem sentido, da alta de doenças venéreas entre adolescentes, tumultos nas férias de primavera na Flórida, promiscuidade, gravidez ilegítima e a alarmante desistência dos estudos no ginásio e na universidade encontrava-se esta nova passividade. Para os garotos aborrecidos, preguiçosos, exigentes, a excitação era a única maneira de matar a monotonia do tempo livre.

Esta passividade era mais que uma questão de tédio, assinalando a deterioração do caráter, observaram os que estudavam o comportamento do soldado americano prisioneiro de guerra na Coreia, na década de 50. Um médico do exército, o major Clarence Anderson, que tinha licença de movimentar-se livremente entre os prisioneiros para tratá-los, observou:

> Em marcha, nos acampamentos provisórios e nos permanentes, os mais fortes sistematicamente tomavam alimentos dos mais fracos. Não havia disciplina que o impedisse. Muitos ficavam doentes e, em vez de serem ajudados e tratados pelos outros, eram ignorados, ou pior ainda. Desinteria era um mal comum, tornando alguns demasiadamente fracos para caminhar. Nas noites de inverno, homens enfraquecidos pela desinteria eram empurrados para fora das barracas pelos camaradas, que os deixavam morrer de frio.{164}

Cerca de 38% dos prisioneiros morreram, uma incidência mais alta do que em qualquer outra guerra americana, inclusive a Revolução. A maioria dos prisioneiros tornava-se inerte, inativa, recolhendo- se no próprio abrigo construído para proteger-se da realidade. Nada faziam para conseguir alimentos, lenha, lavar-se ou comunicar-se com os outros. O major ficou surpreendido com o fato de que esses novos soldados americanos eram quase universalmente desprovidos «da velha engenhosidade ianque», isto é, da capacidade para enfrentar uma situação nova em condições primitivas. E concluiu: «Isto era em parte — mas apenas em parte, creio — resultado do choque psíquico de aprisionamento. Era também, penso, resultado de fracasso na educação da criança e do adolescente que foram os nossos rapazes — um excesso de

brandura». Descontando a propaganda do exército, um psicólogo comentou: «Havia algo de terrivelmente errado naqueles rapazes. Eu diria fracasso do ego, colapso de identidade... A evolução do adolescente pode e deve conduzir à idade adulta plena, definida como o desenvolvimento de uma estável consciência de si mesmo. ..»{165}

Os prisioneiros coreanos, neste sentido, eram modelos de uma nova espécie de americano, evidentemente educado de maneira «contrária à clareza e evolução», em mãos de indivíduos também «insuficientemente caracterizados» para desenvolver «o tipo de mentalidade e de caráter demasiado firme para trair a si mesmo».

A admissão escandalizada de que essa passiva despersonalização era «algo novo na história» ocorreu somente, e tão-sòmente, quando se manifestou nos rapazes. Mas o ser apático, dependente, infantil, sem objetivos, tão desumano e chocante quando se considera que é este o caráter do novo americano, lembra estranhamente a personalidade feminina definida pela mística. Não são as principais características da feminilidade — que Freud erroneamente relacionou com a biologia sexual — a passividade, um senso pessoal deficiente, um fraco superego, ou consciência humana, a renúncia a objetivos diretos, ambições e interesses próprios, para viver através dos outros, a incapacidade para o pensamento abstrato, um afastamento da atividade dirigida para o mundo exterior, em favor de atividade interior, ou fantasia?

Que significa esse aparecimento, tanto nos rapazes como nas moças, de uma personalidade truncada ao nível da fantasia e da passividade infantis? Os meninos e meninas em quem a observei eram filhos de mulheres que viviam limitadas pela mística, cumprindo seu papel feminino da maneira mais aceita e normal. Algumas possuíam capacidade acima da média e outras, educação além da normal, mas eram parecidas na intensidade da preocupação com os filhos, seu principal e único interesse.

Certa mãe, terrivelmente preocupada porque o filho não aprendia a ler, contou-me que quando êle voltara do jardim de infância com seu primeiro boletim «ficara tão excitada como uma criança, ou uma garota à espera de um convite para sábado à noite». Estava convicta de que as professoras não tinham razão quando lhe disseram que o menino andava pela classe como um sonâmbulo e era incapaz de concentrar-se para fazer o teste de leitura. Outra mãe me disse que não podia suportar que os filhos sofressem qualquer espécie de aborrecimento. Era como se ela própria estivesse sofrendo:

> Costumava deixar que desarrumassem tudo, construindo casas no *living,* que ficavam armadas dias seguidos. Às vezes eu não tinha nem onde sentar para ler. Não conseguia obrigá-las a fazer o que não queriam, nem mesmo tomar o remédio quando estavam doentes. Não suportava vê-los tristes, brigando, ou zangados comigo. Não conseguia separá-los de mim mesma. Era sempre compreensiva e paciente. Sentia-me culpada se os deixava somente por uma tarde e cada página de seus deveres era uma preocupação. Estava sempre concentrada em ser boa mãe. Orgulhava-me porque Stephen não brigava com os outros garotos da vizinhança e nem percebi que havia alguma coisa de errado até o dia em que começou a se sair mal nos estudos, a ter pesadelos e a dizer que não queria ir para a escola porque tinha medo dos outros meninos.

Outra mãe contou-me:

> Eu pensava que devia estar sempre em casa quando os meniaos voltavam da escola. Lia todos os livros que eles precisavam ler, a fim de ajudá-los nos deveres. Nunca me senti tão excitada como quando ajudei Mary a escolher seu enxoval para a universidade. Mas fiquei tão perturbada quando ela não quis seguir um curso de arte! Este fora o meu sonho antes de casar, naturalmente. Talvez seja melhor viver seus próprios sonhos.

Não creio que seja coincidência a crescente passividade e irrealidade das crianças de hoje, tão comum exatamente nos anos em que a mística feminina incitava a grande maioria das americanas — inclusive as mais capazes e cultas — a renunciar aos seus sonhos e até à cultura, para viver através dos filhos. A absorção da personalidade da criança pela mãe de classe média — já observada por um sociólogo perspicaz na década de 40 — tem aumentado inevitavelmente no decorrer dos últimos anos. Sem sérios interesses externos e com o trabalho doméstico rotinizado por aparelhos elétricos, a mulher podia dedicar-se quase exclusivamente ao culto da criança, do berço ao jardim de infância. Mesmo quando ingressava na escola, a mãe podia continuar a participar de sua vida por delegação e às vezes virtualmente. Para muitas, o relacionamento com o filho era um caso de amor, uma espécie de simbiose.

«Simbiose» é um termo biológico. Refere-se ao processo segundo o qual dois organismos vivem como um só. Entre os seres humanos, quando o feto se encontra no ventre materno é sustentado pelo sangue da mãe; o alimento que ela ingere faz com que ele se desenvolva, seu oxigénio chega pelo ar que ela respira. No princípio há 248 uma unidade biológica entre mãe e filho, um processo maravilhoso e complicado. Mas o relacionamento termina com a cisão do cordão umbilical e o ingresso da criança no mundo, como um ser humano independente.

A esta altura, os psicólogos infantis imaginam uma simbiose psicológica e emocional entre mãe e filho, na qual o amor materno substitui o líquido amniótico que banhava e alimentava o feto no útero. Esta simbiose emocional alimenta a psique da criança até que ela esteja pronta para nascer psicologicamente, por assim dizer. Os escritores psicólogos — como os eulogistas literários e religiosos do amor materno, na era anterior à nossa — descrevem uma condição em que mãe e filho conservam uma união mística, não sendo de fato seres independentes um do outro. A simbiose, segundo os divulgadores da psicologia, sugeria com insistência que o carinho constante da mãe era absolutamente necessário ao crescimento da criança durante um número indefinido de anos.

Mas recentemente o conceito de simbiose tem surgido, cada vez mais frequentemente, nos históricos de crianças perturbadas. A patologia infantil parece originar-se cada vez mais dessa relação simbiótica com a mãe, que impede o filho de tornar-se um ser independente. E aparentemente esses filhos perturbados representam os desejos e conflitos inconscientes da mãe, os sonhos infantis que ela não sobrepujou ou a que não renunciou, procurando satisfazê-los na pessoa da criança.

O termo «acting-out» (representação) é usado em psicoterapia para descrever o comportamento de um paciente que não está de acordo com a realidade de determinada situação, mas é a expressão de desejos ou fantasias infantis inconscientes. Parece misticismo dizer que os sonhos inconscientes que a criança perturbada procura representar não são seus e sim os de sua mãe. Mas os terapeutas podem determinar os passos pelos quais a mãe, que usa o filho para satisfação de seus desejos infantis, inconscientemente o impele para um comportamento que cerceia sua evolução. A mulher de um alto funcionário de Westchester induziu a filha de treze anos a uma vida de promiscuidade sexual estimulando o desenvolvimento de seus atrativos físicos — de um modo que ignorava a personalidade da criança. Antes ainda que seu busto começasse a desenvolver-se levou-a, por meio de observações e muitas perguntas, a agir na vida real segundo suas próprias fantasias de prostituição.

Nunca se considerou patológico que mães ou pais procurassem viver seus sonhos através dos filhos, exceto quando esses sonhos ignoravam e destorciam a realidade da criança. Há inúmeros romances e «casos verídicos» sobre o tema do menino que se tornou um mau homem de negócios porque o comércio era a carreira que o pai sonhara para o filho, embora o rapaz desejasse ser violinista; ou do menino que terminara num hospital de doentes mentais para frustrar o sonho materno, que era vê-lo um grande violinista. Se nos últimos anos o processo está assumindo aspecto patológico é porque os sonhos maternos estão-se tornando cada vez mais infantis. As próprias mães tornaram-se imaturas e, uma vez que são forçadas a procurar satisfação cada vez maior através da criança, sentem-se finalmente incapazes de dela se separarem. Assim, ao que parece, é a criança que sustenta a vida da mãe nesse relacionamento simbiótico, sendo destruída no processo.

Esta simbiose destruidora está literalmente inserida na mística feminina. E o processo é progressivo. Começa numa geração e continua na seguinte, mais ou menos assim:

1. Permitindo que as jovens fujam à realidade, a verdadeiros compromissos na escola e no mundo, com a promessa de mágica realização através do casamento, a mística feminina interrompe o seu desenvolvimento ao nível infantil, antes da formação da personalidade, com o inevitável enfraquecimento pessoal.
2. Quanto maior a imaturidade e mais fraca a personalidade, tanto mais cedo a jovem procurará a «realização» como esposa e mãe e mais exclusivamente viverá através do marido e dos filhos. Assim, seus elos com a realidade tornar-se-ão cada vez mais fracos.
3. Já que o organismo humano tem uma necessidade intrínseca de evoluir, a mulher que foge a essa evolução agarrando-se à proteção infantil do papel de dona de casa sofrerá uma patologia cada vez mais séria, tanto fisiológica como emocional. A maternidade será progressivamente patológica, tanto para ela como para os filhos. Quanto maior a imaturidade da mãe, menos provável é que a criança consiga atingir sua personalidade humana no mundo real. Mães infantis terão filhos ainda mais infantis, que se recolherão cada vez mais cedo na fantasia, fugindo aos problemas da realidade.
4. Os sinais dessa retirada patológica serão mais evidentes nos meninos, já que mesmo na infância se espera se comprometam com a realidade, enquanto que a mística permite à menina escapar por meio de fantasias sexuais. Mas essa mesma atitude leva posteriormente os meninos a adquirirem personalidade mais forte e faz entre as meninas as suas maiores vítimas, como que «transmissoras de tifo» da progressiva desumanização dos próprios filhos.

De psiquiatras e clínicos soube como funciona o processo nos bairros de subúrbio. Andras Angyal, psiquiatra, descreve-o, não obrigatoriamente em relação à mulher, mas como «evasão neurótica do crescimento». Há dois métodos-chaves para fugir ao processo evolutivo. Um deles é o «não-envolvimento»: a pessoa vive sua vida — estudos, carreira, casamento — sem se empenhar totalmente em nada do que faz, com a vaga impressão de quem representa um papel. Aparentemente vive uma vida normal, mas na verdade está apenas representando.

O outro método foi apelidado por Angyal de «viver por intermediários ». Consiste na negação sistemática e repressão da própria personalidade e na tentativa de substituí-la por outra, uma «concepção idealizada, um padrão de absoluta bondade, pelo qual a pessoa procura pautar-se, suprimindo todos os impulsos genuínos incompatíveis com esse padrão exagerado e pouco realístico», ou simplesmente assumindo a personalidade que é «o cliché popular da época».

«A mais frequente manifestação dessa vida falsa é a dependência de outra pessoa, muitas vezes confundida com o amor. Essas fixações extremamente intensas e tenazes são desprovidas de todos os elementos essenciais do verdadeiro amor — dedicação, compreensão intuitiva, alegria na pessoa do outro tal qual é. Essas fixações, pelo contrário, têm um caráter extremamente possessivo e tendem a privar seu objeto de vida pessoal... A outra pessoa é necessária não como alguém com quem relacionar-se e sim para encher um vazio, o próprio nada. Esse nada, a princípio, era apenas uma fantasia, mas com o constante auto-recalque aproxima-se de um estado real.

Todas essas tentativas de obter personalidade falsa a fim de viver uma vida fictícia não conseguem libertar a pessoa de um vago sentimento de vazio. A repressão de impulsos genuínos e espontâneos deixa uma penosa sensação de vácuo emotivo, quase de não-existência...»{166}

O não-envolvimento e a vida por intermediário, conclui Angyal, «podem ser compreendidos com tentativas de solução do conflito entre o impulso para evoluir e o medo de enfrentar novas situações» — mas embora temporariamente aliviem a tensão não chegam a resolver o problema; «o resultado, mesmo que não seja esta a intenção, é sempre uma fuga à evolução pessoal».

O não-envolvimento e a vida por intermediário encontram-se no próprio âmago da definição convencional de feminilidade. É assim que a mística feminina ensina às jovens a procurar sua «realização como mulher»; é assim que a maioria das americanas vive hoje. Mas se o organismo humano tem o impulso inato para crescer, expandirse e buscar sua plenitude, não é para admirar que o corpo e a mente de mulheres sadias comecem a revoltar-se quando tentam adaptar-se a um papel que não permite o seu desenvolvimento. Os sintomas que intrigam médicos e analistas são um aviso de que elas não podem destruir sua existência, fugir sem luta à própria evolução.

Estudei essa batalha em mulheres a quem entrevistei, e em membros de minha comunidade e sei que infelizmente é, muitas vezes, uma batalha inútil. Uma menina, primeiro no ginásio e mais tarde na universidade, renunciou a todos os seus interesses e ambições para tornar-se «popular». Casando cedo, representou o papel de dona de casa convencional, exatamente como representara o de aluna popular. Não sei em que ponto ela deixou de distinguir a

realidade da fantasia, mas depois que se tornou mãe, às vezes atirava-se ao chão e dava pontapés, fazendo «birra» idêntica às que não conseguia controlar na filha de três anos. Aos trinta e oito anos cortou os pulsos, numa tentativa de suicídio.

Uma outra, extremamente inteligente, que desistiu da carreira de pesquisadora do câncer para tornar-se dona de casa, sofreu uma séria depressão antes de o filho nascer. Depois de recuperada, descobriu que se prendera tanto ao garoto que foi preciso ficar com êle no jardim de infância durante quatro meses, senão a criança tinha violentas crises de choro. No primeiro ano, o menino muitas vezes vomitava pela manhã quando tinha que se separar da mãe. Sua violência no *play-ground* tornou-se um perigo para êle próprio e para os outros. Quando um vizinho lhe tirou um bastão de *base-ball* com que ia agredir outra criança, a mãe protestou violentamente contra a «frustração» do filho, a quem tinha a maior dificuldade em controlar.

No período de dez anos, em que executou corretamente todas as funções da mãe de subúrbio, exceto na incapacidade de educar com firmeza os filhos, aparentava estar cada vez menos viva, cada vez menos segura do seu valor. Na véspera do dia em que se enforcou no porão de sua casa impecável, levou os três filhos ao pediatra para um *check-up* e tomou providências para a festa de aniversário da filha.

Poucas donas de casa recorrem ao suicídio, mas há provas de que a mulher paga um alto preço físico e emocional por fugir ao seu desenvolvimento. Ela não é biologicamente mais frágil, conforme sabemos agora. Em todos os grupos etários morrem menos mulheres que homens. Mas nos Estados Unidos, desde que as mulheres assumiram o papel exclusivo de donas de casa, perderam o entusiasmo, a alegria, o sentido de vida que são as características da verdadeira saúde humana.

Na década de 50, psiquiatras, analistas e médicos de todas as especialidades observaram que a síndrome da dona de casa parecia tornar-se cada vez mais patológica. Os ligeiros sintomas impossíveis de diagnóstico — bolhas, mal-estar, nervosismo e fadiga — tornaram- se ataques cardíacos, úlceras, hipertensão, broncopneumonia. A perturbação emocional indefinida tornou-se colapso nervoso. Entre as jovens donas de casa dos subúrbios ensolarados, somente nesta última década, houve um fantástico aumento de «psicoses maternas», depressões leves e suicidas e alucinações puerperais. Segundo as fichas médicas compiladas pelo dr. Richard Gordon e sua mulher Katherine (psiquiatra e assistente social respectivamente) nos subúrbios de Bergen County, N. J. na década de 50, cerca de uma em três 252 jovens mães sofriam de depressão ou colapso nervoso após o parto. As observações médicas anteriores revelavam um colapso para 400 partos e, entre depressões menos sérias, uma em 80.

Em Bergen County, no período 1953-57, entre 746 pacientes de psiquiatria, uma em cada grupo de dez sofria de depressão puerperal. Na verdade, donas de casa (18 a 44 anos) sofrendo não só de depressão pós-puerperal, como de todas as perturbações psiquiátricas e psicossomáticas em grau cada vez mais sério, tornaram-se na década de 50 o grupo adulto predominante entre os pacientes de psiquiatria. O número de mulheres perturbadas era o dobro do de jovens maridos e o triplo de qualquer outro grupo. (Outros estudos de pacientes, tanto em

clínicas públicas como particulares, revelaram resultados semelhantes). Do princípio ao fim da década, as donas de casa ultrapassaram os homens entre as vítimas de ataques coronários, úlceras, hipertensão e pneumonia brônquica. No hospital que atendia a essa região suburbana as mulheres constituem agora 40% dos casos de úlcera».{167}

Fui visitar os Gordons, que haviam atribuído a crescente patologia entre as jovens donas de casa — patologia que não se encontrava em mulheres de áreas rurais, cidades e subúrbios mais antigos — à «mobilidade» da nova população suburbana. Mas neste caso os maridos não sofriam o mesmo que as mulheres e os filhos. Estudos anteriores sobre depressão puerperal indicavam que mulheres com carreiras profissionais bem sucedidas às vezes sofriam «conflito de função » quando se tornavam donas de casa e mães. Mas essas novas vítimas, cuja incidência em depressão ou colapso puerperal era tão mais marcante que em estudos anteriores, jamais haviam desejado ser outra coisa senão donas de casa e mães: era o que delas se esperava. Os Gordons observaram que suas descobertas não indicavam que as pacientes vivessem sujeitas a maiores tensões que os maridos; por qualquer razão mostravam tendência crescente a sucumbir à estafa. Será o papel de dona de casa demasiado exigente, ou será que não o é bastante?

Nem todas essas mulheres tinham as mesmas sementes de neurose vinda da infância; algumas não apresentavam nenhuma. Contudo, havia uma impressionante similaridade no histórico de seus casos: o fato de terem abandonado os estudos abaixo do nível de sua plena capacidade, no ginásio ou na universidade. Com mais freqiiência que outras de sua idade começavam um curso superior e o abandonavam em geral ao fim de um ano.{168} Muitas provinham de «grupos étnicos mais restritivos» (italianos ou judeus), ou de pequenas cidades do sul, onde as mulheres são protegidas e dependentes. A maioria não havia nem estudado, nem trabalhado, nem agido com independência em qualquer capacidade que fosse. Algumas haviam tido empregos relativamente insignificantes, ou interesses a que renunciaram quando se tornaram donas de casa suburbanas. Mas a maioria não conhecia outras ambições além de casar com um homem de futuro; muitas estavam realizando não só seus sonhos pessoais como os sonhos frustrados de prestígio social de suas mães, casando com homens ambiciosos e competentes.

O dr. Gordon as descreveu para mim:

> Não eram mulheres de grande capacidade. Nunca haviam realizado coisa alguma. Não eram nem capazes de organizar comités locais. Nunca haviam sido obrigadas a aplicar-se a coisa alguma, aprender uma profissão, seguir uma carreira. Muitas haviam saído da escola no primário. É mais fácil ter um bebé que tirar boas notas. Nunca souberam resistir a tensões, dores, trabalho difícil. Assim que as coisas se tornavam mais complexas, entravam em colapso.

Talvez essas jovens fossem mais passivas, mais dependentes do que outras mulheres presas nos subúrbios, tornando-se às vezes tão infantis quanto seus filhos. Estes, por sua vez, manifestavam uma passividade e um infantilismo patológico, surgindo muito cedo nos meninos. Hoje em dia encontra-se nas clínicas para doentes mentais dos subúrbios uma arrasadora maioria de meninos,

em dramática e aparentemente inexplicável inversão do fato de que a maioria dos pacientes adultos são, atualmente, mulheres, isto é, donas de casa. Pondo de lado os termos teóricos de sua profissão, um analista de Boston, que conta entre suas pacientes inúmeras mulheres, disse-me:

> É verdade, há muito mais mulheres que homens entre os doentes mentais. Suas queixas são variadas, mas quando se estuda profundamente cada caso encontra-se uma sensação de vazio. Não de inferioridade. De nada mesmo. O caso é que elas não têm nenhum objetivo pessoal. Outro médico, clinicando numa instituição para doentes mentais, situada num subúrbio, contou-me o caso da mãe com uma filha de dezesseis anos que, desde que a família se mudara para o subúrbio não fazia outra coisa, à exceção de ligeiro trabalho comunitário, senão preocupar-se com a filha. Apesar da constante ansiedade materna («Penso nelo o dia inteiro — não tem amigos, será que vai entrar na universidade?») *esqueceu* o dia em que a filha teria que fazer o exame de admissão à faculdade.

A ansiedade em relação à filha e às suas atividades era uma ansiedade com ela própria e o que estava deixando de realizar. Quando essas mães sofrem pelo que não estão fazendo, os filhos em geral têm pouco verdadeiro contacto com elas. Lembro-me de outra criança, esta com dois anos e sérios sintomas por não ter contacto quase nenhum com sua mãe, que ficava em casa o dia inteiro. Precisei ensinar-lhe a comunicar-se mesmo fisicamente com a criança. Mas o problema só se resolve quando a mãe enfrenta sua necessidade pessoal de auto-realização. Contacto com os filhos nada tem a ver com a quantidade de tempo que lhes é dedicada. Atender a cada criança no que ela precise pode ser uma questão de segundos. E a mãe pode estar em casa o dia inteiro, mas afastada dos filhos por só se preocupar consigo mesma. É assim que a criança perde o fôlego em crises de manha, luta furiosamente; recusando-se a ir para o jardim da infância e mesmo aos 9 anos ainda é capaz de pedir a mãe que a acompanhe ao banheiro, ou deite ao seu lado até adormecer. Ou é capaz de ficar introvertida até a esquizofrenia. Ao mesmo tempo, a mãe entra em desespero, procurando atender a todas as exigências da criança. Se fosse uma pessoa realizada estaria presente para os filhos. Precisa ser uma personalidade completa para ajudá-los a crescer, a enfrentar a realidade e a conhecer os próprios sentimentos.

Em outra clínica, um terapeuta contou-me de certa mãe que estava em pânico porque o filho não aprendia a ler na escola, embora o teste revelasse ser muito inteligente. A mãe havia abandonado a universidade, atirando-se às funções de dona de casa, esperando ansiosamente o dia em que a criança iria para a escola, a fim de poder realizar-se por seu intermédio. Até que a terapia conseguiu «separar» mãe e filho, este não tinha a menor ideia de ser uma pessoa independente. Não podia e não queria, mesmo de brincadeira, fazer nada que não fosse mandado, nem aprender a ler, o que lhe daria uma personalidade independente.

O estranho era que, como tantas mulheres desta época, em seus esforços para ser uma boa esposa e mãe, ela estava na verdade representando um papel muito masculino, observou o terapeuta... Dominava a vida dos filhos, dirigia a casa com mão de ferro, fazia trabalhos de carpinteiro, insistia em que o marido fizesse tarefas que ele jamais terminava, dirigia as finanças, supervisionava a

recreação e a educação. O marido era apenas o homem que pagava as contas.

Em uma comunidade de Westchester, cujo sistema escolar é mundialmente famoso, descobriu-se recentemente que diplomandos com excelentes boletins no curso secundário saíam-se mal na universidade e não se destacavam mais tarde na vida. Investigações revelaram uma causa psicológica muito simples. Durante o secundário as mães faziam literalmente os deveres e os trabalhos de estágio dos filhos, impedindo- os de evoluir mentalmente.

> Geralmente o mais dominante dos pais — quase sempre a mãe, embora o pai também estivesse envolvido de algum modo — encorajava inconscientemente o comportamento amoral e anti-social do filho. Os impulsos neuróticos dos pais... são gratificados por intermédio do comportamento da criança. Esses impulsos existem em consequência de qualquer incapacidade (dos pais) para satisfazê-los na vida adulta, ou por causa de frustrações da infância, ou ainda por uma combinação de ambos os fatôres.{169}

Os que observaram e procuraram orientar jovens delinquentes viram em ação este processo progressivo de desumanização e descobriram que o amor não basta para combatê-lo. O amor simbiótico, ou *permissiveness,* que foi a tradução do amor materno nestes anos de mística feminina, não basta para dar à criança uma consciência social e força de caráter. Para tal é preciso mãe amadurecida, de firme personalidade, e cujos impulsos sexuais e instintivos estejam integrados na consciência social. «A firmeza revela os pais que aprenderam... que todos os objetivos importantes podem ser alcançados com um modo de agir criativo»...{170}

Um terapeuta conta o caso de uma menina de nove anos que roubava. Isso vai passar, dizia a mãe, que queria protegê-la, com uma indulgência nascida de sua necessidade de satisfação por intermédio de outrem. À certa altura a menina perguntou à terapeuta: «Quando é que minha mãe vai roubar por conta própria?»

Levado ao extremo, esse padrão de desumanização progressiva pode ser observado em crianças esquizofrênicas, «autísticas» ou «atípicas », como são às vezes chamadas. Visitei uma famosa clínica que vinha estudando esse tipo de criança há quase vinte anos. Nesse período de tempo, casos surpreendidos em estágio muito primitivo, subinfantil, parecem estar tornando-se cada vez mais frequentes. Autoridades no assunto divergem quanto às causas dessa estranha condição, e se de fato está mesmo em aumento ou se agora os casos são diagnosticados com maior frequência. Até recentemente a maioria dessas crianças eram consideradas mentalmente retardadas. Mas a condição tem sido notada com crescente frequência em hospitais e clínicas, por médicos e psiquiatras, e não é idêntica aos tipos orgânicos e irreversíveis de atraso mental. Pode ser tratada e às vezes curada.

Essas crianças muitas vezes identificam-se com objetos inanimados — carros, rádios, etc. — ou com animais — porcos, cães, gatos. O ponto crucial do problema parece ser o fato de não possuírem personalidade bastante equilibrada ou desenvolvida para enfrentar sequer a realidade infantil; não conseguem distinguir-se do mundo exterior, vivem ao nível das coisas ou dos impulsos biológicos instintivos, sem qualquer estrutura humana organizada. Quanto às causas, as

autoridades acham que «é preciso examinar a personalidade da mãe, por cujo meio a criança primitiva se transforma num ser social humano».{171}

Na clínica que visitei (O Centro James Jackson Putnam, de Boston) os orientadores eram muito cuidadosos quando se tratava de tirar conclusões a respeito dessas crianças profundamente perturbadas. Mas um dos médicos falou, meio impaciente, sobre o crescente caudal de «egos ausentes, egos frágeis, egos mal desenvolvidos»: «É a história de sempre: se os pais têm uma personalidade fraca, o filho também tem».

A maioria das mães das crianças que não desenvolveram interiormente sua personalidade humana eram «pessoas extremamente imaturas», embora superficialmente dessem a impressão de ser bem ajustadas. Eram muito dependentes das próprias mães, fugiram de sua interferência por uma casamento prematuro e «lutaram heroicamente para construir e manter a imagem que haviam elaborado de ótima esposa, mãe, mulher».

> A necessidade de ser mãe, a esperança de que por meio de tal experiência possa tornar-se uma verdadeira pessoa, capaz de verdadeiras emoções é tão desesperada que pode por si mesma criar ansiedade, ambivalência, medo do fracasso. Por ser tão vazia de manifestações espontâneas dos sentimentos maternos, estuda com atenção todos os métodos de educação e lê tratados de higiene física e mental.{172}

Seus cuidados constantes baseiam-se não na espontaneidade, mas na preocupação de seguir o figurino de uma boa mãe, na esperança de que «através da identificação com o filho, sua carne e sangue, experimente as alegrias de uma vida real e de sentimentos autênticos».

E assim a criança passa da «inércia passiva» aos «gritos noturnos », e a um comportamento não-humano. «A criança passiva constitui menor ameaça porque não faz exigências exageradas à mãe, a qual se sente constantemente em perigo de revelar que emocionalmente pouco ou nada tem a oferecer e que ela é uma fraude». Quando descobre que não pode encontrar a realização através do filho:

> ...luta desesperadamente para controlar, não mais a si mesma, e sim à criança. As lutas para o desmame e o controle das necessidades fisiológicas do filho são em geral batalhas nas quais procura redimir-se. A criança torna- se uma verdadeira vítima da incapacidade da mãe, o que, por sua vez, gera uma agressividade chegando à destruição. Para a criança, a única maneira de sobreviver é recuar, introverter-se, afastar-se não só da mãe perigosa, como do mundo em geral.{173}

É assim que ela se torna uma coisa, ou um animal, «irrequieta, à procura de ninguém e de lugar algum, vagueando pela sala, oscilando para a frente e para trás, arrastando-se pelas paredes, como se estas fossem barras que gostaria de romper».

Nesta clínica, os médicos puderam muitas vezes traçar um perfil similar em diversas gerações. A desumanização fora realmente progressiva.

> «Diante destas observações clínicas podemos admitir que o conflito que descobrimos em duas gerações pode bem ter existido em gerações anteriores e continuar nas vindouras, a menos que o padrão seja rompido pela intervenção terapêutica, ou a criança seja salva por uma figura

paterna, esperança que nossa experiência não leva a acalentar». {174}

Mas nem a terapia, nem o amor seriam bastante para ajudar essas crianças se a mãe continuasse a viver por intermédio do filho. Notei esse mesmo padrão de comportamento em várias das mulheres que entrevistei e que dominavam as filhas, ou as criavam em passiva dependência e conformidade, ou inconscientemente as impeliam a atividades sexuais. Um dos casos mais trágicos que encontrei foi o da mãe que tinha uma filha «sonâmbula» de treze anos. Esposa de um homem rico, gozando de todos os recursos, vivia a própria imagem da mulher suburbana, só que tudo não passava de aparência. A vida do marido estava concentrada no trabalho, que êle não podia ou não queria partilhar com a mulher. Essa tentara recapturar uma sensação de vida impelindo inconscientemente a filha de treze anos à promiscuidade sexual, e vivendo essa pseudo-existência, que para a menina era totalmente desprovida de sentido, a ponto de transformála num simples objeto.

Vários terapeutas e orientadores estavam tentando ajudar mãe e pai, baseados na premissa, suponho, de que se as necessidades sexuais e emocionais da mãe se concretizassem por meio de sua vida conjugal, ela não sentiria o impulso de resolvê-las por intermédio da filha e esta sairia do estado de «coisa» para assumir sua condição de mulher. Mas como o marido tinha muitos problemas pessoais e as perspectivas de proporcionar à mulher amor suficiente eram muito remotas, os orientadores procuraram levar a mãe a adquirir outros interesses na sua vida particular.

Mas no caso de outras mulheres que fugiram à própria evolução por falta de interesses pessoais e vida de empréstimo, nem o mais carinhoso dos maridos impediu os danos cada vez maiores à sua vida e a dos filhos. Observei o que acontece quando a mulher inconscientemente impele a filha a uma sexualidade prematura porque para ela a aventura sexual é a única verdadeira, o único meio de alcançar uma posição ou personalidade. Hoje, essas filhas que «representaram os sonhos ou ambições frustradas de suas mães, vivendo a vida «normal » feminina ao lado de homens competentes e ambiciosos sentemse em geral tão frustradas e irrealizadas como a própria mãe. Nem todas correm descalças à delegacia, temendo assassinar o marido ou os filhos que, segundo pensam, as aprisionam em casa. Nem todos os filhos se tornam ameaças para a vizinhança e os colegas de escola, nem todas as filhas concretizam as fantasias sexuais da mãe e engravidam aos catorze anos. Nem todas as donas de casa começam a beber às 11 da manha para abafar o ruído da máquina de lavar e do secador, que são os únicos sons na casa vazia, depois que as crianças saem para a escola.

Mas em subúrbios como Bergen County, o índice de «separações » subiu 100% na década de 50, à medida que os maridos ambiciosos evoluíram na cidade e as mulheres fugiam à própria evolução, não se comprometendo e representando seu papel feminino em casa. Enquanto as crianças não estavam na escola e os maridos continuavam presentes, elas sofriam doenças cada vez mais sérias, porém recuperavam-se. Mas em Bergen County, nesta década, houve um trágico aumento de suicídios de mulheres com mais de quarenta e cinco anos e

hospitalização de outras em clínicas para doentes mentais, depois que os filhos saíam de casa.{175} As que precisaram ser hospitalizadas e não se recuperaram rapidamente eram, acima de tudo, as que não desenvolveram seus talentos para trabalhar fora de casa.{176}

O colapso maciço que pode ocorrer à medida que um número crescente de donas da casa chegam aos quarenta é assunto para especulação. Mas a progressiva imaturidade de seus filhos e filhas, refletida nos casamentos prematuros já se tornou um fato alarmante. Em março de 1962, na conferência nacional da Associação para o Estudo da Criança, os casamentos e paternidades prematuros, que antigamente eram considerados sinal de maturidade emocional da jovem geração, finalmente foram interpretados como alarmante evidência de imaturidade. Os milhões de jovens americanos que em 1960 estavam casando com menos de vinte anos traíam um infantilismo e uma dependência emocional que procurava no casamento uma espécie de atalho para atingir mais depressa a maturidade, uma solução mágica para problemas que não podiam resolver sozinhos, foi o que julgaram os peritos no campo da família. Noivas e noivos infantis foram diagnosticados como vítimas «do triste e doentio caso de amor com os próprios filhos».

> Várias moças confessam que querem casar-se para deixar de trabalhar. Acalentam sonhos de alguém que cuide delas pelo resto da vida, livrando-as de preocupações e dando-lhes o estrito necessário em mobília para não terem que fazer muito trabalho doméstico, poderem sair a compras na cidade, ter filhos felizes e vizinhos interessantes. Nos sonhos, o marido parece menos importante, mas em geral tem a força indestrutível de um pai e a suavidade, dedicação e generosidade de uma boa mãe. Os rapazes apresentam como motivo para casar o desejo de ter uma esposa maternal e vida sexual regular em casa, sem o trabalho de ter que procurá-la fora... Na verdade, o que parece maturidade e independência é na realidade o desejo oculto de dependência, de prolongamento da relação pai-filho, com os privilégios do filho e o mínimo de suas limitações.{177}

E há outros sinais dramáticos em todo o país, manifestando-se na violência incontrolável dos jovens pais e dos filhos encurralados numa passiva dependência. Um psiquiatra observou que as mulheres estavam reagindo à hostilidade dos maridos tornando-se cada vez mais dependentes e passivas, até se tornarem literalmente incapazes de dar um passo sozinhas. Isso não lhes grangeava mais amor e sim mais irritação. E o que acontecia com a agressividade que elas não ousavam manifestar? Estudemos uma notícia recente sobre a *«Battered- Child Syndrome»* — «Síndrome da Criança Aniquilada» *(Time,* 20 de julho de 1962):

> Para vários médicos, o incidente está-se tornando perigosamente corriqueiro. Uma criança, em geral com menos de três anos, é trazida para o consultório com múltiplas fraturas, inclusive, às vezes, de crânio. Os pais manifestam preocupação, declaram que a criança caiu da cama, ou rolou escadas abaixo, ou foi machucada por um colega. Mas os raios X e a experiência levam o médico a uma conclusão diferente: a criança levou uma surra dos pais.

Com documentação recolhida em 71 hospitais, a universidade do Colorado encontrou casos de 302 crianças espancadas em um só ano; 33 morreram, 85

sofreram danos cerebrais permanentes. Os pais, que «davam pontapés, batiam, torciam os braços, agrediam com martelos ou correias, queimavam com ponta de cigarros ou ferros elétricos, tanto moravam em cortiços como em confortáveis residências. A Associação Médica Americana predisse que quando as estatísticas sobre as síndromes das crianças maltratadas estivessem prontas «é provável que isto seja considerado causa de morte mais frequente do que as doenças bem conhecidas e estudadas, como leucemia, fibrose cística e distrofia muscular».

Dos pais, o que tem mais oportunidade de bater nas crianças *é,* naturalmente, a mãe. Uma, com quatro filhos, disse ao médico, confessando que queria matar-se:

> «Não tenho mais motivos para viver. Não tenho mais objetivos na vida. Jim e eu nem mais falamos um com o outro, exceto sobre contas e consertos que precisam ser feitos na casa. Sei que êle se ressente por estar tão amarrado sendo ainda jovem, e joga a culpa em mim porque fui eu quem quis casar cedo. Mas o pior é que sinto tanta inveja de meus filhos! Chego quase a odiá-los por terem toda a vida diante de si, enquanto a minha está terminada».

Pode ser ou não uma coincidência simbólica, mas na mesma semana em que a profissão que se dedica à criança reconhecia o verdadeiro significado dos casamentos prematuros, o *New York Times Book Review* (domingo, 18 de março de 1962) registrava uma popularidade sem precedentes entre os adultos americanos dos livros versando sobre casos de «amor» entre seres humanos e animais. Em meio século não se escreveram tantos livros sobre bichos, que tivessem chegado às listas de *best-sellers* como nos últimos três anos (1959-62). Embora os animais sempre dominassem a literatura infantil, chegando à maturidade o ser humano se interessa por outros seres humanos. (É apenas um símbolo, mas no teste Rorschach, a preponderância de animais sobre seres humanos é sinal de imaturidade). E assim uma progressiva desumanização, nos últimos quinze anos, vem afastando a mente do americano do culto da juventude para o doentio caso de amor com os filhos; da preocupação com os detalhes sexuais físicos, divorciados do contexto humano, para o caso de amor com animais. Aonde iremos parar?

Acho que isto não terá fim enquanto a mística feminina disfarçar o vazio do papel da mulher, incitando as jovens a fugirem à própria vocação e a viverem por intermédio de outros, sem comprometer- se. Há muito tempo censuramos ou lamentamos as mães uma vez que elas próprias não alcançaram seu total desenvolvimento. Se a mãe é culpada, porque não romper a corrente despertando todas essas Belas Adormecidas e levando-as a evoluir e viver a própria vida? Jamais haverá Príncipes Encantados ou terapeutas suficientes para romper o círculo vicioso. A tarefa cabe à sociedade e a cada mulher individualmente, pois não é no vigor das mães que está a falta, e sim na sua fraqueza, dependência passiva e imaturidade, confundida com «feminilidade». Nossa sociedade força os meninos a crescerem, a suportar os percalços da evolução, a estudar para trabalhar e progredir. Por que as meninas não são também obrigadas a crescer, a desenvolver a própria personalidade, a fim de acabar com o desnecessário dilema, com a errónea opção entre ser feminina e ser

humana, implícito na mística?

É tempo de parar de exortar as mães a «amar» melhor os filhos, e enfrentar a paradoxo entre a exigência de dedicação total ao lar, e o fato de que a maioria dos atuais problemas tratados nas clínicas de orientação infantil são resolvidos somente quando as mães criam interesses autónomos, em vez que procurar satisfazer suas necessidades emocionais por intermédio dos filhos. É tempo de deixar de exortá-las a serem mais «femininas» quando isso significa passividade e dependência que despersonaliza o sexo e sobrecarrega exageradamente o marido, criando ainda uma crescente passividade nos filhos.

Não é exagero chamar de doença a estagnação de milhões de americanas, doença na forma de um enfraquecimento progressivo do próprio ego, e transmitida aos filhos numa época em que os aspectos desumanizantes da atual cultura de massa tornam necessária uma forte personalidade, para manter a individualidade através das pressões assustadoras e imprevisíveis do nosso ambiente em mutação. A força da mulher não é a causa e sim a cura desta doença. Somente quando lhe permitirem usar de todo o seu vigor, desenvolver-se plenamente poderão destruir a mística feminina e deter a progressiva desumanização de seus filhos. E a maioria já nem sequer consegue usar sua força total ou evoluir ao máximo de sua capacidade no papel de dona de casa.

É urgente compreender que a própria condição doméstica pode criar uma sensação de vazio, não-existência, negação. Há aspectos desse papel que quase impossibilitam a mulher inteligente e adulta de conservar o senso de identidade, o seu «eu» profundo, sem o qual o ser humano, homem ou mulher, não pode de fato viver. Para a mulher capaz na América de hoje há algo de perigoso na condição de dona de casa, disto estou convencida. Em certo sentido a afirmativa não é tão exagerada como parece. As que se adaptam ao papel doméstico e crescem desejando ser «apenas donas de casa» estão em perigo tão sério como as que caminharam para a morte nos campos de concentração, por se recusarem a crer que eles existiam.

Na verdade, há um perturbador estudo sobre as razões de a mulher perder tão facilmente a personalidade como doméstica em certas observações psicológicas feitas em prisioneiros dos campos de concentração nazistas. Nesse ambiente, propositalmente elaborado para a destruição do homem, os prisioneiros tornavam-se literalmente cadáveres ambulantes. Os que se «adaptavam» às condições existentes renunciavam a sua identidade humana e encaminhavam-se quase com indiferença para a morte. Estranho, as condições que destruíam a personalidade de tantos prisioneiros não eram a tortura e as brutalidades, mas outras similares às que destroem a personalidade da dona de casa americana.

Nos campos de concentração, os prisioneiros eram forçados a adotar um comportamento infantil, a renunciar à própria individualidade e a desaparecer em uma massa amorfa. Sua capacidade de autodeterminação, de predizer o futuro e preparar-se para ele era sistematicamente destruída. Era um processo gradual que ocorria em estágios imperceptíveis, terminando pela destruição do respeito

próprio, da estrutura mental adulta e total desumanização. Este foi o processo observado por Bruno Bettelheim, psicanalista e professor de psicologia, prisioneiro em Dachau e Buchenwald em 1939.{178}

Ao ingressar num campo de concentração, os prisioneiros eram bruscamente isolados de seus interesses adultos do passado. Isso já era em si um grande golpe contra a sua personalidade, além do confinamento físico. Uns poucos, somente uns poucos, conseguiam trabalhar às escondidas em algo que os interessava no passado, embora fazê-lo sozinhos fosse muito difícil; mesmo falar sobre esses interesses mais amplos, ou mostrar alguma iniciativa em cultivá-los despertava a hostilidade dos outros prisioneiros. Os recém-chegados procuravam conservar suas atividades, mas «os mais antigos pareciam concentrados no problema de viver o melhor possível dentro do campo».

Para os antigos, o mundo do campo de concentração era a única realidade.{179} Estavam reduzidos à preocupação infantil com a alimentação, a eliminação, a satisfação de necessidades físicas primitivas; não tinham vida particular, nenhum estímulo do mundo exterior. Mas, acima de tudo, eram forçados a passar os dias fazendo um trabalho que causava fadiga — não porque fosse fisicamente pesado, mas por ser monótono, infindável, não exigir concentração mental, esperança ' de progresso ou reconhecimento, às vezes sem sentido e controlado pelas necessidades dos outros, ou pelo ritmo das máquinas. Era trabalho que não emanava da personalidade do prisioneiro, não permitia iniciativa, auto-expressão e nem sequer uma demarcação verdadeira de tempo.

E quanto mais os prisioneiros renunciavam à própria personalidade, mais se preocupavam com o medo de perder a potência sexual e com as mais simples necessidades humanas. A princípio, era um conforto para eles renunciar à personalidade, perder-se no anonimato da massa, sentir que estavam todos no mesmo barco. Mas, estranho como pareça, as amizades não floresciam em tais condições.{180} Até a conversação, passatempo predileto dos prisioneiros, não tornava a vida mais suportável e breve deixava de ter qualquer significado.{181} E assim crescia a ira. Mas a ira de milhões, que poderia ter vencido o arame farpado e as armas dos SS era voltada contra si mesmos e contra outros prisioneiros mais fracos que eles próprios. Sentiam-se, então, ainda mais impotentes do que de fato eram, vendo as cercas e os SS ainda mais impregnáveis do que na realidade.

Finalmente os prisioneiros tornaram-se seus próprios inimigos, piores ainda que os guardas, porque não conseguiam ver com realismo sua situação, porque a própria realidade de seu problema lhes era negada, porque se «adaptavam ao campo como se este fosse a única realidade, tornando-se prisioneiros de sua própria mente. As armas dos SS não eram bastantes para manter submissos todos aqueles milhões de seres humanos. Estes foram manobrados de modo a encarcerar-se a si mesmos, transformando o campo de concentração no seu mundo, fechando-se ao universo mais vasto, às responsabilidades do presente e às possibilidades do futuro. Os que sobreviveram, ou não foram exterminados, eram justamente os que retiveram em grau essencial os valores e interesses adultos que haviam sido a essência de sua personalidade no passado.

Tudo isto parece muito distante da vida tranquila da dona de casa americana. Mas não será sua morada confortável um campo de concentração? As mulheres que vivem segundo a mística feminina não se terão encarcerado nas estreitas paredes do lar? Aprenderam a adaptar-se ao seu papel biológico, tornaram-se dependentes, passivas, infantis, renunciaram a uma personalidade adulta para viver ao nível mais baixo dos objetos e alimentos. O trabalho que executam não exige capacidade adulta; é infindável, monótono, não-compensador. A americana não está preparada para o extermínio em massa, naturalmente, mas está sofrendo morte lenta da mente e do espírito. Como os prisioneiros dos campos de concentração há algumas que resistiram à morte, conseguiram conservar parte de sua personalidade, não perderam contacto com o mundo exterior e usaram sua capacidade com sua finalidade criativa — são as mulheres de espírito decidido e inteligência, que se recusaram a «adaptar-se».

Foi dito inúmeras vezes que a educação impediu a americana de ajustar-se ao seu papel de dona de casa. Mas se a educação, que serve ao desenvolvimento humano, que destila aquilo que a mente descobriu e criou no passado, dando ao homem capacidade para construir o futuro — se a educação leva um número cada vez maior a se sentirem encurraladas, frustradas, culpadas, com certeza isto é sinal bem claro de que *a mulher ultrapassou a função doméstica.*

Não é possível conservar a personalidade adaptando-se por algum tempo a uma estrutura de referências que é por si mesma destrutiva. É muito difícil para o ser humano manter seu íntimo dividido, vivendo exteriormente de acordo com uma realidade, e interiormente segundo os valores que essa realidade nega. O confortável campo de concentração em que a americana se aprisionou, ou para o qual foi impelida, é exatamente uma realidade assim, isto é, uma série de padrões que negam a personalidade adulta da mulher. Adaptando- se, ela cerceia sua inteligência, afasta-se de sua individualidade para tornar-se um robô biológico numa multidão passiva. Torna-se menos que humana, curvada sob inúmeras pressões e ela própria pressionando marido e filhos. E quanto mais se dobra, tanto menos sente que existe. Procura segurança em objetos, esconde o medo de perder a capacidade humana pondo à prova sua potência sexual e vivendo uma vida de empréstimo através de devaneios, ou por meio do marido e dos filhos. Não quer que lhe lembrem o mundo exterior; está convencida de que nada pode fazer na vida que se reflita no resto do mundo. Mas, por mais que diga a si mesma que essa renúncia à própria personalidade é um sacrifício necessário à família, o objetivo não tem nenhuma utilidade. Então, a agressividade que deveria estar usando num mundo transforma-se numa terrível ira, que não ousa voltar contra o marido e tem vergonha de descarregar sobre os filhos. Volta-a então contra si mesma, até ter a impressão de não mais existir. Contudo, tanto no campo de concentração verdadeiro como no confortável, algo de muito forte resiste à morte da personalidade.

Descrevendo uma experiência inesquecível num campo de concentração, Bettelheim fala de um grupo de prisioneiros nus — simples robôs obedientes, sem mais nada de humano — em fila para entrar na câmara de gás. O oficial SS,

sabendo que uma das mulheres havia sido dançarina, ordenou-lhe que dançasse. Ela obedeceu e dançando aproximou-se dele, agarrou-lhe a pistola e abateu-o. Foi imediatamente liquidada, mas Bettelheim indaga:

> «Não é provável que, apesar da grotesca situação, pela dança tenha voltado a ser uma criatura humana? Dançando, distinguira-se como indivíduo, agira no que antes fora sua vocação por escolha. Deixara de ser um número, um prisioneiro despersonalizado, voltara a ser a dançarina que fora. Transformada, embora momentaneamente, respondera com sua antiga personalidade, destruindo o inimigo que a destruíra, embora morrendo no processo.
>
> Apesar das centenas de milhares de mortos-vivos que caminhavam traqiiilamente para a morte, este exemplo mostra que se pode recuperar num instante a personalidade, desfazer a própria destruição, uma vez que se resolva livremente deixar de fazer parte de uma engrenagem. Exercendo a liberdade perdida, que nem o campo de concentração poderia arrebatar, decidindo o que pensar e sentir sobre as condições da própria vida, a dançarina libertara-se da prisão porque estava disposta a arriscar a existência para recuperar a autonomia».{182}

A casa de subúrbio não é um campo de concentração, nem as mulheres americanas estão a caminho da câmara de gás. Mas vivem acuadas e para escapar precisam, como a dançarina, exercer a liberdade humana, reconquistar a personalidade, recusar-se a ser despersonalizadas, manobradas, anónimas, e voltar a viver sua vida de acordo com um objetivo livremente escolhido. Precisam começar a evoluir.

XIII
A personalidade desperdiçada

Os ESTUDIOSOS DO COMPORTAMENTO HUMANO ESTÃO interessando-se cada vez mais pela necessidade básica de evolução, pelo impulso humano de atingir a própria plenitude. Os mais diversos pensadores — de Bergson a Kurt Goldstein, Heinz Hartman, Allport, Rogers, Jung, Adler, Rank, Horney, Angyal, Fromm, May, Maslow, Bettelheim, Riesman, Tillich e os existencialistas — todos pregam uma tendência positiva para a evolução, que conduz o organismo a um desenvolvimento mais amplo, à auto-realização. Esta «vontade de poder», «auto-afirmação» ou «autonomia», conforme é diversamente chamada, não implica em agressão ou esforço competitivo no sentido habitual da expressão; é a afirmação individual da existência e potencialidade de um ser em seus direitos; é a «coragem para ser um indivíduo».{183} Além disso, vários desses pensadores apresentaram novo conceito de adulto psicologicamente sadio, de normalidade e de patologia. A normalidade é considerada «a maior excelência de que somos capazes». A premissa é: o homem é feliz, sadio, equilibrado, livre de complexos de culpa, somente quando se está realizando, tornando-se o que pode de fato ser.

À luz deste novo conceito psicológico, que procura compreender o que torna humano o homem e define a neurose em termos do que destrói a capacidade de realização, o termo significativo situa-se no futuro. Não basta a um indivíduo ser amado e aceito pelos outros, nem adaptar-se a sua cultura. Precisa ainda levar a sério sua existência, comprometendo-se com o presente e o futuro; caso não se realize totalmente desperdiça a sua vida.

Durante anos os psiquiatras procuraram curar os conflitos de seus pacientes adaptando-os à sua cultura. Mas a adaptação que não permite a realização total não é uma cura, segundo o novo pensamento psicológico.

> Então o paciente aceita um mundo limitado, sem conflitos, pois seu mundo é idêntico à sua cultura. E já que a ansiedade só vem com a liberdade, o paciente vence a ansiedade, é claro: desaparecem os sintomas porque êle renuncia às possibilidades que causaram a ansiedade... Surge, a essa altura, a questão: até que ponto essa libertação do conflito graças à renúncia da personalidade pode avançar sem gerar em indivíduos e grupos um desespero surdo, um ressentimento que mais tarde explodirá em autodestruição, pois a história afirma repetidamente que mais cedo ou mais tarde a necessidade humana de ser livre explodirá?{184}

Esses pensadores talvez não saibam que estão descrevendo minuciosamente a espécie de ajuste exigido às donas de casa americanas. O que descrevem como autodestruição invisível no homem é, creio, igualmente destrutivo na mulher que se adapta à mística feminina e espera viver por

intermédio do marido e dos filhos; que só deseja ser amada, sentir-se segura, ser aceita pelos outros e nunca tomar um compromisso com a sociedade ou com o futuro, nunca realizam seu potencial humano. As ajustadas, ou curadas, que vivem sem conflitos ou ansiedade num mundo limitado do lar, renunciaram à própria personalidade; as outras, as infelizes, frustradas, ainda têm alguma esperança. Pois o problema sem nome, do qual tantas mulheres sofrem hoje nos Estados Unidos, é causado pelo ajuste a uma imagem que não lhes permite tornar-se o que podem ser. É o crescente desespero das mulheres que renunciaram à própria existência, embora assim agindo tenham fugido também àquele sentimento de solidão e medo que sempre acompanha a liberdade.

A ansiedade surge quando o indivíduo se defronta com uma potencialidade ou possibilidade de realizar sua existência, mas essa mesma possibilidade envolve a destruição da presente segurança, o que provoca a tendência a negar a nova potencialidade.{185}

A nova maneira de pensar, que não está de forma alguma limitada aos existencialistas, não pretende analisar «à distância» a culpa de alguém, recusando-se a aceitar as possibilidades intelectuais e espirituais de sua existência. Nem todos os sentimentos de culpa são infundados; o remorso pelo assassínio de alguém, assim como pelo próprio suicídio deve ser examinado com empenho. «O paciente era culpado porque havia isolado algumas de suas potencialidades essenciais ».{186}

O fracasso de concretizar todas as suas potencialidades não foi estudado patologicamente na mulher, pois é considerado um ajuste normal feminino nos Estados Unidos e em quase todos os países do mundo. Mas podem-se aplicar a milhões de mulheres que se adaptaram ao papel de donas de casa as palavras de neurologistas e psiquiatras que estudaram pacientes do sexo masculino com porções do cérebro destruídas por disparo, e esquizofrênicos que por outros motivos haviam renunciado à sua possibilidade de relacionamento com o mundo real. Verificou-se agora que esses pacientes perderam a marca singular do ser humano: a capacidade de transcender do presente e agir à luz do possível — a misteriosa capacidade para forjar o futuro.{187}

Esta capacidade humana singular para transcender do presente e viver sua vida segundo objetivos colocados em futuro distante, viver não à mercê do mundo, mas como alguém que planeja e constrói esse mundo — constitui precisamente a diferença entre o comportamento animal e o comportamento humano, entre o ser humano e a máquina. No estudo de soldados que haviam sofrido ferimentos no cérebro, o dr. Kurt Goldstein descobriu que haviam perdido nada mais, nada menos que a capacidade do raciocínio abstrato — pensar em termos de «possibilidade», pôr ordem no caos dos detalhes concretos, graças a uma ideia, agir de acordo com uma finalidade. Esses homens ficavam presos à situação imediata em que se encontravam; tinham o sentido de tempo e espaço seriamente afetado e haviam perdido a liberdade humana.{188}

Um imediatismo similar reduz o mundo do esquizofrénico depressivo, para quem «cada dia é uma ilha, sem passado e sem futuro ». Quando o paciente sente a aterradora ilusão de que sua execução é iminente, esta é «o resultado e não a causa de sua atitude destorcida em relação ao futuro».

> «Não havia desejo ou ação que, emanando do presente, se prolongasse para o futuro, cobrindo todos os dias tediosos e similares. Como resultado, cada dia tinha uma independência fora do comum; desconhecendo qualquer continuidade, a vida recomeçava diariamente, tal uma ilha solitária num mar cinzento... Não havia o desejo de avançar; cada dia era uma exasperadora monotonia das mesmas palavras, das mesmas queixas, dando a impressão de que aquele ser perdera todo o sentido de continuidade... Sua atenção era de rápida duração e aparentemente não conseguia responder senão às perguntas mais banais».{189}

Um trabalho experimental recente, feito por vários psicólogos, revela que as ovelhas são capazes de ligar o passado e o futuro pelo presente durante cerca de quinze minutos, e cães por meia hora. Mas o ser humano pode trazer o passado de milhares de anos para o presente, utilizando-o para orientar suas ações pessoais; pode projetarse em imaginação no futuro, não só durante meia hora, mas por semanas e anos. Esta capacidade para «transcender os limites imediatos do tempo», agir e reagir e encarar as próprias experiências em dimensões tanto do passado como do futuro é a característica singular da existência humana.{190} Os soldados feridos no cérebro estavam, portanto, condenados ao inferno desumano do eterno «cotidiano».

As donas de casa que sofrem o terror do problema sem nome são vítimas do mesmo cotidiano. Uma delas me disse: «Sei enfrentar os problemas reais. É o tédio dos dias infindáveis que me deixa desesperada». As donas de casa que vivem segundo a mística feminina não têm um objetivo que as faça voltar-se para o futuro. Mas sem tal objetivo para despertar sua capacidade total não podem realizar- se. Sem esse propósito perdem o senso de quem são, pois é o ideal que dá sentido à vida.{191}

As donas de casa americanas não receberam ferimentos no cérebro, nem são esquizofrênicas no sentido clínico, mas se esta nova corrente de pensamento fôr correta e o impulso fundamental humano não é a busca do prazer ou a satisfação das necessidades biológicas, mas sim a necessidade de evoluir e realizar-se plenamente, seus dias confortáveis, vazios e sem finalidade são de fato a causa do terror indefinido. Em nome da feminilidade fugiram às opções que lhes dariam um objetivo, um sentido pessoal. Pois, como dizem os existencialistas, os valores da vida humana jamais surgem automaticamente. «O ser humano pode perder-se por sua própria escolha, o que não acontece com uma árvore ou uma pedra».{192}

O que psicólogos anteriores consideraram exato do potencial sexual da mulher é também válido em relação a todo o resto do seu potencial humano: se impedida de realizar sua verdadeira natureza, a mulher ficará doente. A frustração dos impulsos, não só sexuais como de todos os seus talentos individuais, pode resultar em neurose. A ansiedade pode ser acalmada pela

terapia, ou por meio de pílulas, ou temporariamente desviada para uma atividade. Mas o mal-estar, o desespero são um aviso de que sua existência como ser humano está em perigo, embora ela se tenha realizado como esposa e mãe, segundo os padrões da mística feminina.

Só recentemente aceitamos a existência de uma escala evolucionária, ou hierarquia das necessidades humanas, que vai desde os instintos, assim chamados porque encontrados também nos animais, até os que surgem mais tarde na evolução humana. Essas necessidades tardias de conhecimento e auto-realização são tão instintivas, no sentido humano, como as partilhadas com os animais: alimentar-se, reproduzir e sobreviver. O nítido aparecimento das necessidades mais tardias parece repousar na satisfação anterior das necessidades fisiológicas. O homem extremamente faminto não tem outro interesse além do alimento. As capacidades que não sejam para satisfazer a fome são temporariamente ignoradas. «Mas que acontece quando há alimento em abundância e o homem vive cronicamente satisfeito? Imediatamente as outras necessidades mais altas surgem e, substituindo os apetites fisiológicos, dominam o organismo».{193}

Em certo sentido, esta hierarquia evolutiva das necessidades afasta- se cada vez mais do nível fisiológico, que depende do ambiente material e tende a um nível relativamente independente, cada vez mais marcado pela autodeterminação. Mas é possível ao homem fixarse em nível inferior, confundindo as necessidades mais altas ou canalizando- as para caminhos obsoletos, de onde talvez nunca possam emergir. O progresso que leva ao mais alto nível humano pode ser facilmente bloqueado pela privação de um impulso inferior, como a necessidade de alimento ou de sexo; pode ser bloqueado ainda pela canalização de toda a existência para essas necessidades inferiores e pela recusa em reconhecer outras que mais altas existem.

Em nossa cultura, a evolução da mulher foi bloqueada ao nível fisiológico, ignorando-se qualquer necessidade acima do amor e da satisfação sexual. Até a necessidade de auto-estima, respeito próprio e estima alheia — «o desejo de força, realização, adequação, domínio e competência, confiança diante do mundo, independência e liberdade» — não é claramente aceito para a mulher. Mas não há dúvida de que o cerceamento da auto-estima, que produz sentimentos de inferioridade, fraqueza e impotência no homem têm sobre a mulher o mesmo efeito. A auto-estima em ambos os sexos só pode basear-se em verdadeira capacidade, competência e realização; em respeito alheio, e não adulação imerecida. Apesar de terem glorificado a ocupação de dona de casa, se esta não exigir ou permitir a total realização da capacidade feminina não poderá proporcionar auto-estima bastante e muito menos abrir caminho para um nível mais alto de realização pessoal.

Estamos vivendo numa época em que muitas das necessidades humanas mais elevadas são reduzidas ou encaradas como representações simbólicas do impulso sexual. Vários pensadores avançados põem seriamente em dúvida essas «explicações por redução». Embora seja possível encontrar toda espécie de simbolismo sexual e patologia emocional, caso se explorem com esta finalidade

os trabalhos e a vida de Shakespeare, da Vinci, Lincoln, Einstein, Freud ou Tolstoi, essas «reduções» não explicam o trabalho que transcende o homem, a criação singular dele só, e não de alguém que sofresse patologia semelhante. Mas o símbolo sexual é mais fácil de ser percebido do que o próprio sexo como símbolo. Se a necessidade feminina de auto-realização, auto-estima e finalmente auto-expressão de sua individualidade humana exclusiva não é reconhecida por ela própria e pelos outros em nossa cultura, a mulher é forçada a procurá-la nos únicos caminhos que lhe são facultados: a realização sexual, a maternidade e a posse de objetos materiais. E, presa a essa busca, fica atrofiada em nível inferior, bloqueada no caminho de seus impulsos humanos mais elevados.

Naturalmente pouco se sabe sobre a patologia ou a dinâmica desses impulsos — o desejo de saber e compreender, a busca da verdade, da sabedoria, o anseio para desvendar os mistérios do cosmos — porque eles não são importantes na tradição clínica e médica da cura de doenças. Comparados aos sintomas das neuroses clássicas, como as que Freud estudou, provenientes do recalque de impulsos sexuais, esta espécie de psicopatologia seria pálida, sutil, passando facilmente despercebida, ou então sendo definida como normal.

Mas é fato documentado pela história, senão nas clínicas ou nos laboratórios, que o homem sempre buscou o saber e a verdade, mesmo em face dos maiores perigos. Além disso, recentes estudos de pessoas psicologicamente sadias demonstraram que essa busca, essa preocupação com as grandes questões é uma das características da saúde humana. Há algo de sub-humano nos que nunca se comprometeram com uma ideia, jamais se arriscaram a explorar o desconhecido, nunca tentaram novos caminhos na criatividade. A. H. Maslow declara:

> Uma capacidade clama por ser utilizada e só deixa de clamar quando bem empregada. Capacidade é também necessidade. Não só é divertido, como também necessário usá-la. Uma capacidade ou órgão desusado pode tornar-se um foco de doenças, ou então atrofiar, diminuindo a pessoa.{194}

Mas nos Estados Unidos a mulher não é encorajada a utilizar toda a sua potencialidade. Em nome da feminilidade é incitada a fugir à evolução humana.

> A evolução tem não só compensações e prazeres como dores intrínsecas. E sempre terá. Cada passo à frente é um passo no desconhecido, talvez perigoso. Frequentemente significa partida e separação, com a consequente nostalgia, solidão e luto. Significa também renunciar a uma vida mais simples e mais fácil, em troca de uma existência mais complexa e exigente. A evolução, apesar de tais perdas, exige do indivíduo coragem e força, assim como proteção, permissão e apoio do ambiente, sobretudo quando se trata da criança.{195}

Que acontece se o ambiente censura essa força e coragem, e às vezes virtualmente proíbe tal evolução na criança que será mulher? Que acontece quando a evolução humana é considerada antagónica à feminilidade, à realização como mulher, à sexualidade feminina? A mística feminina supõe uma escolha entre «ser mulher» e arriscarse às dores do crescimento humano. Milhares de pessoas, reduzidas pelo ambiente a viver ao nível biológico, embaladas em

confortáveis campos de concentração por um falso sentimento de segurança anónima, fizeram a opção errada. E a ironia da escolha é que a mística apresenta a «realização feminina» como premio de ser exclusivamente esposa e mãe. Mas não foi por simples acaso que milhares de mulheres não alcançaram esse prémio. A verdade pura e simples é que a mulher jamais conhecerá a realização sexual e a mais alta experiência do amor humano enquanto não a deixarem e a encorajarem a evoluir ao máximo como ser humano. Pois, segundo os novos teóricos da psicologia, a auto-realização, longe de impedir o pleno desenvolvimento sexual, está a ele inseparavelmente ligada. E há mais do que razões teóricas para se crer que isso acontece a ambos os sexos.

Em fins da década de trinta, o Professor Maslow pôs-se a estudar o relacionamento entre a sexualidade e o que êle chamou de «sentimento de dominação», ou «auto-estima», ou «nível do ego» na mulher, entre cento e trinta pessoas do sexo feminino, com curso superior ou inteligência elevada, entre vinte e vinte e oito anos, a maioria das quais casadas, de origem protestante, classe média e habitantes da zona urbana.{196} Descobriu, ao contrário do que se poderia esperar baseado nas teorias psicanalíticas e da imagem convencional de feminilidade, que quanto mais «dominante» a mulher, maior sua capacidade de gozo sexual e de «submeter-se» no sentido psicológico, isto é, entregar-se livremente ao amor, atingir o orgasmo. Não que essas mulheres fossem mais sexuadas. Eram, acima de tudo, completamente, livremente elas mesmas — e isso parecia inseparável da maior capacidade para se entregar no amor. Não eram «femininas» no sentido comum da palavra, mas realizavam-se sexualmente muito melhor e em grau muito mais elevado do que as convencionalmente femininas também observadas.

Nunca vi os resultados desta pesquisa discutidos na literatura psicológica popular referente à feminilidade e à sexualidade da mulher. Talvez tivesse passado despercebido na época, inclusive pelos psicólogos. Mas essa descoberta faz pensar na americana que vive segundo os ditames da mística feminina. É preciso ter em mente que o estudo foi realizado em fins da década de trinta, antes que a mística adquirisse todo o seu vigor. Para aquelas mulheres fortes, educadas e decididas evidentemente não havia conflito entre a força que as impelia a serem elas próprias, e o amor. Comparando-as com suas irmãs mais «femininas», em termos gerais e de sexualidade, o professor Maslow concluiu:

> O sentimento de dominação inclui autoconfiança, segurança pessoal, elevado conceito de si mesmas, um sentimento geral de capacidade ou superioridade, ausência de timidez ou embaraço. O baixo sentimento de domínio inclui falta de confiança em si e de auto-estima; em seu lugar há intenso sentimento geral e específico de inferioridade, timidez, medo, embaraço... A pessoa que se considera completamente desprovida do que ela chama de «autoconfiança em geral», poderá mostrar-se confiante no lar, cozinhando, costurando ou no papel de mãe... mas quase sempre subestima em maior ou menos grau seus talentos e dotes específicos; a pessoa de personalidade dominante em geral descreve suas habilidades correta e realisticamente.{197}

As mulheres de personalidade dominante não eram «femininas» no sentido convencional, em parte por se sentirem livres para optar, em vez de estarem

presas a convenções, e em parte porque, comoindivíduos, eram mais fortes que a maioria das mulheres.

> Preferem ser tratadas «como pessoas, e não como mulheres». Preferem ser independentes, livres, e em geral não dão atenção a concessões que sugerem serem elas inferiores, fracas, necessitadas de atenções especiais, incapazes de cuidar de si mesmas. Isto não significa que não saibam portar-se convencionalmente. Fazem-no quando necessário ou desejável por qualquer motivo, mas não levam a sério as convenções. Entre elas há uma frase frequente: «Posso ser suave, feminina e dependente como qualquer outra, mas acho graça na história toda». . . . Regulamentos em geral nada significam para esse tipo de mulheres. Só obedecem quando elas próprias os aprovam, depois de verificar as razões que as ditaram... São fortes, decididas e vivem segundo um regulamento, mas este é autónomo e pessoal...
>
> As mulheres de personalidade menos dominante são muito diferentes... Em geral não ousam infringir as regras, mesmo quando as desaprovam. .. Sua moralidade e ética são inteiramente convencionais, isto é, fazem o que lhes ensinaram os pais, os professores ou a religião. Não discutem abertamente a autoridade e são mais aptas a aprovar o *status quo* em todos os setores da vida — religioso, económico, educacional e político.{198}

O professor Maslow descobriu que quanto mais forte a personalidade, ou a força pessoal da mulher, tanto menos egocêntrica e mais voltada estava para as pessoas e os problemas mundiais. Por outro lado, a principal preocupação das convencionalmente femininas é a sua própria pessoa e seus pontos fracos. Do ponto de vista psicológico, a mulher de personalidade forte era mais parecida com um homem de personalidade semelhante que com uma mulher de outro tipo, O professor Maslow sugeriu que se descrevesse como «masculina» a personalidade forte tanto do homem como da mulher, ou que se deixasse inteiramente de usar os termos femininos e masculinos, uma vez que são tão «ilusórios».

> As mulheres de forte personalidade sentem-se mais próximas dos homens que das mulheres em gostos, atitudes, preconceitos, aptidões, filosofia e atitude interior, de modo geral... Várias das qualidades consideradas masculinas por nossa cultura são nelas encontradas em alto grau, isto é: espírito de liderança, força de caráter, finalidades sociais, emancipação das trivialidades, ausência de medo e de timidez, *etc.* De modo geral se interessam em ser apenas donas de casa. Desejam conciliar casamento com uma profissão... Seu salário talvez não seja mais alto que o de uma governanta, mas sentem que o outro trabalho é mais importante que costurar, cozinhar, etc.{199}

Acima de tudo, a mulher de forte personalidade era mais livre psicologicamente, mais autónoma. A de fraca personalidade não se sentia livre para ser ela própria e orientava-se pelos outros. Quanto maior a autodepreciação e a falta de autoconfiança, tanto mais capaz de dar valor à opinião dos outros, em detrimento da própria, desejando ser alguém que não ela mesma. Tais mulheres em geral «admiram e respeitam mais os outros do que a si mesmas»; e junto a esse «tremendo respeito da autoridade», a idolatria e a imitação dos outros, a «subordinação absoluta e voluntária a outrem» existia o «ódio, o ressentimento, a inveja, o ciúme, a suspeita e a desconfiança».

Enquanto as mulheres de temperamento forte ficavam livremente zangadas, as outras não tinham energia bastante para dizer o que pensavam e a coragem de manifestar sua zanga quando necessário. Assim, a tranquilidade «feminina» vinha acompanhada de «timidez, sentimentos de inferioridade e a sensação geral de que

qualquer coisa que dissessem seria tolice e motivo de riso. Esse tipo de mulher só quer ser líder na fantasia, pois tem medo de se destacar, medo da responsabilidade, achando-se incompetente».

Mais uma vez o professor Maslow descobriu um elo evidente entre «a força da personalidade e a sexualidade, a liberdade de ser elas mesmas e a liberdade para submeter-se». Descobriu que as mulheres «tímidas, modestas, bem arrumadas, quietas, introvertidas, cheias de tato, mais femininas e convencionais» não eram capazes de se realizar sexualmente com a mesma intensidade das de forte personalidade e auto-estima.

> «Era como se cada impulso sexual ou desejo surgisse livremente e sem inibição neste tipo de mulher... Geralmente o ato sexual não é considerado um rito severo, com aspectos temíveis, diferindo fundamentalmente de todos os outros atos, e sim um jogo divertido, um ato animal causador de grande prazer». {200}

Além disso, Maslow descobriu que até em sonhos e fantasias as mulheres de dominação acima da média sentiam prazer na sexualidade, enquanto que as outras, em sonhos de caráter sexual, eram sempre «do tipo romântico, ou então ansioso, destorcido, simbólico e hermético».

Teriam os criadores da mística esquecido essas mulheres fortes, capazes de gozar alegremente do sexo, quando definiram a passividade e renúncia às realizações pessoais e atividades no mundo como preço da realização feminina? Talvez Freud e seus discípulos não tenham encontrado esse tipo de mulher em suas clínicas, ao criarem a imagem da passividade feminina. Talvez a força da personalidade que Maslow encontrou, nos casos por êle estudados, fosse um fenómeno novo na mulher.

A mística impediu até os cientistas behavioristas de explorar o relacionamento entre sexo e personalidade da mulher, na era seguinteMas, independente de questões femininas, nos últimos anos, os behavioristas hesitam cada vez mais em basear a imagem da natureza humana em um estudo de seus espécimes doentes ou bloqueados. Neste contexto, o professor Maslow dedicou-se mais tarde a estudar pessoas vivas e mortas que não revelassem sinais de neurose, psicose ou personalidade psicopática; pessoas que, a seu ver, mostrassem sinais positivos de auto-realização, ou «auto-atualização», que êle definiu como «a total exploração e uso de talentos, capacidades, potencialidades. Tais pessoas parecem estar-se realizando e dando o máximo de si mesmas. . . São tipos que evoluíram e continuam evoluindo até atingir sua estatura máxima». {201}

Várias coisas surgiram deste estudo que se refere diretamente ao problema da americana de hoje. Por um lado, entre as figuras públicas incluídas no estudo, o Professor Maslow encontrou apenas duas mulheres realizadas: Eleanor Roosevelt e Jane Addams (Entre os homens havia Lincoln, Jefferson, Einstein, Freud, G. H. Carver, Debs Schweitzer, Kreisler, Goethe, Thoreau, William James, Spinoza, Whitman, Franklin Roosevelt, Beethoven). Além das figuras públicas e históricas estudou de perto um pequeno número de pessoas anónimas

que se encaixavam nos seus critérios — todas entre 50 e 60 anos — e observou 3.000 universitários, encontrando apenas 20 que pareciam estar evoluindo para a auto-realização; também aí era pequeno o número de mulheres. Para ser exato, suas descobertas diziam implicitamente que a auto-atualização, ou a plena realização do potencial humano, era quase totalmente impossível em nossa sociedade.

O Professor Maslow descobriu ainda que as pessoas que se atualizavam invariavelmente assumiam um compromisso, tinham uma missão na vida que as levava a viver num mundo bastante amplo, com uma escala de valores que transcendia as mesquinhas preocupações da existência cotidiana.

> Esses indivíduos têm em geral uma missão na vida, uma tarefa a cumprir, um problema exterior a si mesmos, que exige muito de suas energias... Geralmente essa tarefa não é pessoal, nem egoística; relaciona-se com o bem de uma nação ou da humanidade em geral... Preocupados com assuntos básicos e questões eternas, vivem em termos muito vastos.. . Trabalham com uma escala de valores ampla e não mesquinha, universal e não local, em termos de século e não do momento presente...{202}

Além do mais, o Professor Maslow observou que essas pessoas que vivem em um mundo mais amplo nunca se entendiam com o cotidiano, as trivialidades que se tornam insuportáveis para os que nada conhecem além delas. «Têm a maravilhosa capacidade de apreciar continuamente, com prazer sempre renovado, os bens essenciais da vida, experimentando o prazer, a surpresa e até o êxtase, por mais monótonas que essas experiências sejam para os outros».{203}

Registrou ainda «a forte impressão de que os prazeres sexuais são sentidos de maneira intensa e extática pelas pessoas realizadas». Aparentemente a concretização de seus talentos pessoais em um mundo mais vasto abria novos panoramas de gozo sexual. No entanto o sexo, ou mesmo o amor, não era a finalidade básica de sua vida.

> Nas pessoas realizadas, o orgasmo é simultaneamente mais e menos importante do que na média das outras pessoas. É com freqiiência uma experiência profunda e quase mística, no entanto a ausência de sexualidade é mais facilmente por elas tolerada... O amor em nível mais elevado faz com que as necessidades inferiores e suas frustrações e satisfações sejam menos importantes, menos centrais, mais facilmente esquecidas. Mas também serão melhor gozadas, quando a pessoa a elas se entrega... O alimento é simultaneamente apreciado e considerado de relativa importância no esquema total da existência. .. As experiências sexuais são profundamente sentidas, para além das possibilidades da pessoa de gabarito médio, embora não representem um papel central na filosofia de vida. São algo a ser gozado, aceito, basicamente importante, como a água ou o alimento, e tão apreciadas como estes, mas a gratificação deve ser aceita com simplicidade.{204}

Em tais pessoas, o orgasmo sexual nem sempre é «uma experiência mística»; pode ser aceito facilmente, proporcionando «alegria, divertimento, sensação de bem-estar... É cordial, bem humorado e brincalhão, e não um esforço. É basicamente uma alegria e uma delícia ». Descobriu ainda, em contradição, tanto com os pontos de vista convencionais, como com as teorias esotéricas sobre sexo, que nas pessoas realizadas tanto a qualidade do amor como a satisfação sexual evoluem com o decorrer do relacionamento. («É frequente ouvir dessas

pessoas que o relacionamento sexual parece cada vez melhor»). Pois com o passar dos anos a pessoa se torna cada vez mais ela própria, mais autêntica, aprofundando seu relacionamento com os outros, tornando- se capaz de maior fusão, mais amor, mais perfeita identificação, mais transcendência dos próprios limites, sem jamais renunciar à própria individualidade.

> «O que observamos é uma fusão de grande capacidade para amar com um grande respeito próprio e alheio... Durante os mais intensos casos de amor essas pessoas continuam a ser elas mesmas, vivendo pelos seus padrões, embora gozando intensamente do relacionamento com outrem». {205}

Em nossa sociedade o amor é em geral definido, pelo menos no que se refere à mulher, como uma total fusão de egos e uma perda da individualidade, renúncia da personalidade, e não o seu fortalecimento. Mas o amor das pessoas realizadas, observou Maslow, fortalece a individualidade, «em certo sentido um ego funde-se no outro, mas em outro permanece separado e vigoroso como antes. As duas tendências, para transcender a individualidade e para aguçá-la e fortalecê-la, devem ser consideradas associadas e não contraditórias».

Descobriu ainda no amor desse tipo de pessoas uma tendência para espontaneidade cada vez maior, a queda de barreiras, uma crescente intimidade, sinceridade e auto-expressão. Achavam possível tais pessoas serem elas próprias e agirem com naturalidade; podiam estar psicológica e fisicamente inferiorizadas e, no entanto, sentiam-se amadas, desejadas e seguras, revelando sem pejo suas falhas e fraquezas psicofísicas. Nem sempre se mostravam sob seu melhor aspecto, não ocultavam a dentadura postiça, cabelos grisalhos, os sinais da idade; não estavam sempre «cultivando» suas amizades, havia menos mistério e glamour, menos reservas e segredos. Para tais pessoas não parece haver hostilidade entre os sexos. Na verdade, Maslow descobriu que não fazem «diferenciação nítida entre as funções e as personalidades feminina e masculina».

> Isto é, não achavam que a mulher devia ser passiva e o homem ativo, no amor, no sexo ou em qualquer outro campo. Estavam tão seguros de sua feminilidade ou masculinidade que não se importavam em assumir alguns dos aspectos culturais do sexo oposto. É especialmente digno de nota que podiam ser amantes ativos ou passivos, sendo esta a sua característica mais nítida no ato sexual. Beijar ou ser beijado, estar em cima ou embaixo no ato sexual, tomar a iniciativa ou receber amor, excitar ou ser excitado — tudo isso se encontra em ambos os sexos. {206}

Assim, enquanto que do ponto de vista convencional o amor masculino ou feminino, ativo ou passivo, parece encontrar-se em pólos opostos, nas pessoas realizadas «as dicotomias foram resolvidas e o indivíduo torna-se ao mesmo tempo ativo e passivo, egoísta e generoso, masculino e feminino, interessado e esquecido de si mesmo».

Esse tipo de amor diferia ainda da definição convencional em outro ponto: não era motivado por uma necessidade, por uma deficiência em si mesmo. Era um «dom», uma espécie de «admiração espontânea ». {207}

Esse amor e admiração desinteressados eram considerados uma qualidade sôbre-humana e não natural do homem. Mas, conforme observa Maslow, «o ser

humano plenamente desenvolvido mostra diversas características que antigamente se julgava constituírem prerrogativas sobrenaturais».

Nas palavras «plenamente desenvolvido» encontra-se a chave do mistério do problema sem nome. A autotranscendência no orgasmo sexual e na experiência criadora só pode ser alcançada por alguém que seja totalmente êle mesmo, que tenha realizado sua personalidade. Os teóricos sabem que isso é exato para o homem, embora nunca tenham pensado no assunto em relação à mulher. Os médicos, ginecologistas, obstetras, pediatras, orientadores conjugais e infantis e ministros religiosos que se debruçam sobre os problemas da mulher observaram todos a mesma coisa, sem lhe dar nome, classificando-a como fenómeno. O que viram confirma que tanto para o homem como para a mulher a necessidade de auto-realização — autonomia, independência, personalidade, atualização — é tão importante como a necessidade de sexo, e tem consequências igualmente sérias quando frustradas... Os problemas sexuais da mulher são, neste sentido, subprodutos da supressão de sua necessidade básica de crescer e concretizar a própria potencialidade como ser humano, potencialidade que a mística de realização feminina ignora.

Os psicanalistas há muito suspeitam que a inteligência da mulher não desabrocha totalmente quando ela nega sua natureza sexual; neste caso, como pode a natureza sexual desabrochar totalmente quando a mulher nega a inteligência, seu mais elevado potencial humano? Tudo o que se escreveu criticando a mulher americana por castrar marido e filhos, dominar a família, ser ávida de bens materiais, frígidas ou negar sua feminilidade pode simplesmente disfarçar um fato: nem a mulher, nem o homem podem viver somente de sexo. Sua luta por uma identidade, pela sua autonomia — essa «orientação produtiva, baseada na necessidade humana de participação ativa numa tarefa criadora» — é inseparável da realização sexual, como condição de maturidade. Tentando viver apenas de sexo, segundo a imagem da mística feminina, terá que «castrar» marido e filhos, que jamais podem dar-lhe a satisfação totalmente, a fim de compensar a falta de personalidade, e transmitir às filhas seu desapontamento, autonegação e descontentamento.

O Professor Maslow contou-me que a atualização da personalidade, em sua opinião, só é possível para a americana de hoje se uma pessoa puder evoluir através de outra — isto é, se a mulher conseguir explorar suas potencialidades através do marido e dos filhos. «Ignoramos se isto é ou não possível», disse êle.

Os novos teóricos, que são homens, têm fugido à questão da auto-realização da mulher. Iludidos pela mística feminina, crêem que talvez haja alguma estranha «diferença» que permita à mulher realizar- se vivendo através do marido e dos filhos, enquanto que o homem deve realizar-se sozinho. É ainda muito difícil, mesmo para os mais avançados psicólogos, olhar a mulher como um ser independente, um ser humano com a mesma necessidade de evoluir que o homem. A maioria das teorias convencionais sobre a mulher, assim como sobre a mística feminina, baseiam-se nesta «diferença». Mas a verdadeira base desta diferença é o fato de que a possibilidade de realização até agora não existia

para a mulher.

Vários psicólogos, inclusive Freud, cometeram o erro de concluir> baseados na observação de mulheres sem cultura e liberdade para representar seu verdadeiro papel no mundo, que a natureza essencial feminina era ser passiva, conformista, dependente, temerosa, infantil — exatamente como Aristóteles, que situou sua imagem da natureza humana em sua própria cultura e naquele período de tempo em particular, cometendo o erro de concluir que, só por ser escravo, esta era a natureza essencial do homem e que portanto «era bom para ele ser escravo».

Agora que a educação, a liberdade, o direito de trabalhar nas vastas fronteiras humanas — os caminhos que conduziram o homem à auto-realização — estão facultados às mulheres, somente a sombra do passado, embebido da mística feminina, as impede de encontrar seu objetivo. A mística promete realização sexual por intermédio da renúncia ao próprio eu, porém há estatísticas provando que a simples abertura desses caminhos ao seu lugar na sociedade acarretou um aumento dramático na capacidade de realização da mulher: o orgasmo. Nos anos que medeiam a emancipação conquistada pelas feministas e a contra-revolução sexual da mística feminina, a americana gozou de um aumento progressivo do orgasmo sexual. E as que o experimentaram mais plenamente eram sobretudo as que mais se adiantaram no caminho da auto-realização, as que se educaram para uma participação ativa no mundo exterior ao lar.

Esta evidência encontra-se em dois estudos famosos, em geral não citados com esta finalidade. O primeiro, o relatório Kinsey, baseava- se em entrevistas com 5.940 mulheres que cresceram nas décadas do século vinte em que a emancipação da mulher foi conquistada, e antes da era da mística feminina. Mesmo segundo a medida de realização sexual de Kinsey, o orgasmo (que vários psicólogos, sociólogos e analistas criticaram pela ênfase estreita, mecânica e superfisiológica e o descaso pelas nuances psicológicas básicas), o estudo revela um dramático aumento de realização sexual durante essas décadas. O aumento começou na geração nascida entre 1900 e 1909 e que casou na década de 20, a era do feminismo, da conquista do voto e da grande ênfase sobre os direitos da mulher à independência, profissões, igualdade com os homens, e inclusive o direito à realização no domínio sexual. O maior número de mulheres capazes de orgasmo e a diminuição de frigidez caminhou progressivamente a cada nova geração, até a última estudada por Kinsey, e que estava casando na década de 40. {208}

As mais emancipadas, com estudos superiores e preparo profissional, denotavam muito mais capacidade que as outras para o gozo sexual completo, o orgasmo. Ao contrário do que dizia a mística feminina, as cifras de Kinsey revelavam que, quanto mais culta a mulher, com mais frequência chegava ao orgasmo e menos perigo tinha de ser frígida. E essa capacidade de gozo relativa ao nível de cultura manifestava-se desde o primeiro ano de casamento, prosseguindo no quinto, décimo e décimo quinto ano de vida conjugal. Embora Kinsey encontrasse apenas uma mulher em dez que jamais havia chegado ao orgasmo, a maioria das entrevistadas não o atingia completamente, todas as vezes

em que tinha relações — exceto as que haviam estudado ainda além da universidade. As cifras de Kinsey revelavam também que as mulheres que casaram antes dos vinte eram menos capazes de chegar ao orgasmo, no casamento ou fora dele, embora tivessem começado sua vida sexual cinco ou seis anos mais cedo que as que terminavam os estudos e faziam cursos de pós-graduação.

Embora os dados do relatório revelassem que com o decorrer dos anos «uma proporção nitidamente mais alta de mulheres cultas, relativamente às de curso primário ou ginasial, alcançavam o orgasmo nas relações sexuais», o maior gozo experimentado não significava, na maioria dos casos, um aumento de sexo na vida da mulher. De modo geral, havia uma ligeira tendência na direção oposta. E o aumento de vida sexual extraconjugal era menos marcado entre as mulheres preparadas para uma profissão.{209}

Talvez algo na pseudofôrça «não-feminina», ou na auto-realizaçao da mulher educada para uma carreira profissional, a capacitasse a atingir um nível mais alto que o das outras no gozo sexual — do qual o orgasmo é a medida — estando assim menos inclinada a buscá- lo fora do casamento. Ou talvez tivesse menos necessidade de procurar prestígio, realização ou personalidade no sexo. O relacionamento entre a realização no campo sexual e a auto-realização pessoal indicado pelas descobertas de Kinsey é sublinhado pelo fato de que, conforme vários críticos apontaram, a amostragem do estudo era abundante em profissionais, universitárias, mulheres com um vigor de personalidade excepcionalmente alto. A amostragem continha poucas donas de casa «típicas», que se dedicavam inteiramente ao marido, aos filhos e ao lar e pequeno número de mulheres sem cultura. E como empregou voluntárias, havia poucos exemplares de mulheres passivas, submissas, conformistas, as quais Maslow notou serem incapazes de gozo sexual.{210} O aumento de realização no campo sexual e a diminuição nos índices de frigidez, que Kinsey observou nas décadas seguintes à emancipação feminina, talvez não tenha sido experimentado pela dona de casa americana média, tanto como por essa minoria de mulheres que sentiram diretamente a emancipação através da cultura e da participação numa carreira profissional. Contudo, a diminuição de frigidez foi tão dramática nessa amostragem vasta, embora não-representativa, de quase 6.000 mulheres, que até os opositores de Kinsey a consideraram significativa.

Não é por mero acaso que o aumento de realização sexual da mulher acompanhou o progresso na participação de direitos, educação, trabalho e decisões na sociedade americana. A simultânea emancipação sexual do homem americano — o desaparecimento do aspecto desprezível e degradante das relações sexuais — relacionava-se, com certeza, com a nova atitude do homem diante da mulher; êle passou a considerá-la em plano de igualdade, uma pessoa como êle próprio, e não apenas um objeto sexual. Evidentemente, quanto mais a mulher progredia, tanto mais o sexo tornava-se um ato de relacionamento humano e não motivo para piadas escabrosas entre os homens; e quanto mais capazes de amar eram as mulheres, menos se submetiam passivamente, e às

vezes com desagrado, aos seus desejos sexuais. Na verdade, a própria mística feminina, reconhecendo na mulher um sujeito e não apenas objeto do ato sexual e compreendendo que sua participação ativa e voluntária era essencial ao prazer do homem, não poderia ter surgido sem a emancipação feminina. Conforme as primeiras feministas previram, a conquista dos direitos de fato promoveu uma satisfação sexual mais profunda, tanto para o homem como para a mulher.

Outros estudos demonstraram que a educação e a independência aumentavam a capacidade da mulher americana para gozar o relacionamento com o homem e assim afirmar mais plenamente sua natureza sexual de mulher. Inúmeros relatórios, anteriores e posteriores aos de Kinsey, revelaram um índice de divórcio muito mais baixo que o da média, entre as mulheres de curso universitário. Mais especificamente, um extenso e famoso estudo sociológico de Ernest W. Burgess e Leonard S. Cottrell indicava que as chances de felicidade no casamento aumentavam à medida que crescia o preparo profissional —• professoras, enfermeiras, médicas e advogadas acusavam menos casamentos infelizes que qualquer outro grupo de mulheres. Estas revelavam-se mais capazes de felicidade conjugal que as que trabalhavam em cargos especializados de escritório; e estas, por sua vez, pareciam mais felizes que as que não haviam trabalhado antes do casamento, não tinham ambições profissionais, arrastavam-se num emprego em desacordo com suas ambições, ou então só tinham experiência de trabalhos domésticos. De fato, quanto mais alto o salário da mulher por ocasião do seu casamento, mais provável era a sua felicidade conjugal. Os sociólogos assim o explicam:

> «Aparentemente, no caso da esposa, as características que acarretavam sucesso na vida profissional, representado por salário elevado, eram as mesmas que acarretavam o sucesso na vida conjugal. Pode-se dizer, portanto, que indiretamente o salário é medida da educação, uma vez que o nível de preparo tem influência sobre os rendimentos». {211}

Em 526 casais, menos de 10% revelaram «pequeno» ajuste conjugal, sempre que a esposa trabalhara sete anos ou mais, completara um curso superior ou tivera preparo profissional, e não casara antes dos vinte e dois. Quando as mulheres haviam tido instrução *além da universitária,* menos de 5% dos casamentos revelavam baixo índice de felicidade. A tabela abaixo mostra a relação entre casamento e nível educacional da mulher.

ÍNDICES DE AJUSTE CONJUGAL
EM DIFERENTES NÍVEIS EDUCACIONAIS

NÍVEL EDUCACIONAL DA MULHER	Indice de Ajuste Conjugal			
	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto
Pós-graduação	0.0	4.6	38.7	56.5
Universitário	9.2	18.9	22.9	48.9
Secundário	14.4	16.3	32.2	37.1
Primário	33.3	25.9	25.9	14.8

Graças a esta evidência pode-se prever uma chance relativamente pequena de felicidade conjugal, ou realização sexual, e até orgasmo para as mulheres a

quem a mística encorajou a casarem antes dos vinte, abandonar a educação superior, carreiras, independência e igualdade com o homem em favor da feminilidade. E, para ser exata, o grupo de esposas mais jovens estudado por Kinsey — a geração nascida entre 1920 e 1929 e que encontrou a mística feminina pela frente em 1940, ao ter início o êxodo para o lar — revelava no quinto ano de casamento uma nítida reversão da tendência em direção ao maior ajuste sexual no casamento, que fora manifesto em todas as décadas desde a emancipação da mulher, em 1920.

> «A porcentagem de mulheres que atingiam o orgasmo, em toda ou quase toda a sua vida conjugal, no quinto ano de casamento, subira de 37% na geração nascida antes de 1900 para 42% nas gerações nascidas nas duas décadas seguintes. O grupo mais jovem, cujo quinto ano de casamento caía em fins da década de 40, atingira o orgasmo em menos casos ainda (36%) que as mulheres nascidas antes de 1900».{212}

Um novo relatório Kinsey encontraria as jovens esposas que são produtos da mística feminina realizando-se sexualmente ainda menos que suas avós mais emancipadas, mais independentes, mais cultas e mais maduras ao casar? Apenas 14% das mulheres entrevistadas por Kinsey haviam casado aos vinte anos; uma ligeira maioria — 53% — estava casada aos vinte e cinco, embora quase todas se casassem. Isto revela uma grande diferença da América de 1960, quando 50% das mulheres casam ainda adolescentes.

Recentemente, Hélène Deutsch, eminente psicanalista, foi além de Freud ao equacionar a feminilidade com a passividade masoquista. E, prevenindo as mulheres de que «atividades voltadas para o exterior» e a intelectualidade «masculinizante» poderiam prejudicar o orgasmo total feminino, criou um verdadeiro tumulto numa conferência psicanalítica sugerindo que talvez se tenha dado demasiada atenção ao assunto. No ano de 1960, declarava-se não muito segura de que a mulher devesse ou pudesse ter um verdadeiro orgasmo. Talvez só fosse conveniente esperar uma realização mais «difusa». Afinal, entre suas pacientes havia mulheres absolutamente psicóticas que experimentavam o orgasmo, mas a maioria das que a consultavam não pareciam senti-lo absolutamente.

Que significa isso? Não seria a mulher capaz de atingir o orgasmo? Ou acontecera algo durante esse período de tempo, em que tanta atenção se dera ao assunto, para impedi-la de chegar ao clímax sexual? Os peritos estavam em desacordo. Mas, em outros contextos não relacionados com a mulher, os analistas registravam que as pessoas passivas, que se sentiam «psicologicamente vazias», que não conseguiam «desenvolver uma personalidade adequada», tinham pouco «senso da própria personalidade», não conseguiam submeter-se à experiência do clímax sexual por medo de sua não-existência.{213} Impelidas a uma obsessiva busca de sexo pelos divulgadores da «feminilidade » freudiana, inúmeras mulheres haviam, de fato, renunciado a tudo para conseguir o gozo tão prometido. Para não exagerar, pode-se dizer que haviam orientado grande parte de seus impulsos e energias emotivas em direção ao ato sexual. Alguém disse, falando de uma mulher verdadeiramente bela: sua imagem surgia com tanta

insistência em anúncios, televisão e cinema que quando ela aparecia em pessoa desapontava. Sem sequer mergulhar nas profundezas sombrias do inconsciente, pode-se dizer que era pedir demais do orgasmo que não só correspondesse às suas tão propaladas qualidades, como ainda fosse um equivalente a diploma na vida sexual, aumento de salário, boa crítica em noite de estreia, promoção a editor-chefe e sobretudo a «experiência básica da personalidade», o senso de identidade.{214} Um psicoterapeuta declarou:

> Por ironia, uma das principais razões por que tantas mulheres não se realizam sexualmente hoje em dia é o fato de estarem decididas a fazê-lo.
>
> Envergonham-se de tal modo por não atingirem o clímax da sensualidade que prejudicam tragicamente seus próprios desejos, isto é, em vez de se concentrarem no verdadeiro problema à sua frente, voltam-se para um aspecto inteiramente diferente, dizendo por exemplo: «Sou completamente idiota e incompetente já que não consigo satisfazer-me sem dificuldade». As mulheres de hoje estão obcecadas pela ideia de *como* fazer, e não *o que* fazer nas relações conjugais. E isso é fatal».

Se o próprio sexo está começando a ter uma qualidade «depressiva » nos Estados Unidos, conforme observou outro psicanalista, talvez seja porque muita gente — as mulheres ávidas de sexo principalmente — está lançando na busca sexual todos os seus impulsos frustrados de auto-realização. A mulher americana está sofrendo em massa uma doença, a do sexo despersonalizado. Ninguém a avisou que sexo não pode substituir personalidade, proporcionar identidade, nem à mulher, nem ao homem, e não haverá realização sexual para aquele que se busca a si mesmo por intermédio de atividades sexuais.

A questão de como pode alguém realizar mais plenamente todas as próprias potencialidades e assim conquistar sua identidade humana tornou-se a grande preocupação dos filósofos, sociólogos e psicólogos contemporâneos — e com bons motivos. Pensadores de outros tempos lançaram a ideia de que as pessoas eram, em grande parte, definidas pelo trabalho que realizavam. A tarefa que um homem executava para sobreviver e enfrentar as necessidades físicas de seu ambiente determinava a sua identidade. E neste sentido, em que o trabalho é encarado apenas como um meio de sobrevivência, a identidade humana era ditada pela biologia.

Mas hoje em dia o problema modificou-se, pois o trabalho que definia o lugar do homem na sociedade, lhe dava o senso de si mesmo, transformou o mundo em que vivemos. O trabalho e a evolução do saber diminuíram a dependência do homem pelo seu ambiente; sua biologia e o trabalho que precisa executar com vista à sobrevivência biológica bastam para definir-lhe a personalidade. Isto pode ser claramente verificado em nossa sociedade abastada: o homem não mais precisa trabalhar diariamente para alimentar-se. Goza de uma liberdade sem precedentes na escolha da espécie de trabalho a que quer se dedicar; e dispõe também de tempo sem precedentes, à parte as horas e dias em que deve trabalhar para se sustentar. De súbito, compreende-se o significado da crise de identidade hodierna — a da mulher e também, cada vez mais, a do homem. Percebe-se o significado humano do trabalho, não apenas como meio de sobrevivência biológica, mas como doador de si mesmo, transcendendo a si

próprio, criador da personalidade e da evolução humanas.

Pois a auto-realização, ou «identidade», não se obtém contemplando ao espelho a própria imagem. Os que mais plenamente se realizaram, num sentido que pode ser reconhecido pela mente humana, embora não claramente definido, conseguiram-no a serviço de uma finalidade mais ampla que eles próprios. Homens de diferentes disciplinas usaram diferentes palavras para definir esse misterioso processo do qual emana o senso de si mesmo. Os místicos, os filósofos, Marx, Freud — cada qual tinha um nome diverso para a mesma coisa: o homem se encontra perdendo-se a si mesmo; o homem define-se pelo seu relacionamento com os meios de produção; o ego, a personalidade, evolui através da compreensão e do domínio da realidade, através do trabalho e do amor.

A crise de identidade, que foi observada por Erik Erikson e outros no homem americano, nos últimos anos, parece ocorrer por falta de trabalho, e ser curada pelo encontro do próprio trabalho, da causa, ou da finalidade que desperte sua criatividade.{215} Alguns jamais a encontram, uma vez que não emana do atavismo, ou de obediência a um relógio de ponto, de trabalho rotineiro, executado apenas para ganhar a vida e conservou um lugar seguro numa grande organização. O próprio argumento de Riesman e outros, segundo o qual o homem não mais se identifica com o trabalho só para sobreviver, supõe que a identidade se origine da tarefa criadora, que traz uma contribuição para a comunidade humana: a personalidade desperta interiormente, torna-se real e evolui através do trabalho que leva o progresso à sociedade humana.

Trabalho, material de consumo dos economistas, tornou-se uma nova fronteira da psicologia. Os psiquiatras há muito usam a terapia ocupacional para os doentes mentais. Recentemente descobriram, porém, que para ter verdadeiro valor terapêutico ela precisa ser trabalho de verdade, servindo a um objetivo real da comunidade.

O trabalho pode ser agora considerado a solução do problema sem nome. A crise de identidade da mulher americana teve início há um século, quando as tarefas importantes para o mundo e que costumavam utilizar sua capacidade humana, proporcionando-lhe autorealização, começaram a ser-lhes arrebatadas.

Até o século passado e mesmo um pouco além precisava-se de mulheres fortes e capazes para abrir novas fronteiras; ao lado do marido, elas dirigiam fazendas, plantações e lares no Oeste. Eram respeitadas e respeitavam-se a si mesmas como membros de uma sociedade cujo objetivo pioneiro concentrava-se no lar. Força e independência, responsabilidade e autoconfiança, autodisciplina e coragem, liberdade e igualdade faziam parte do caráter tanto do homem como da mulher, em todas as primeiras gerações americanas. As mulheres que vieram da Irlanda, Itália, Rússia e Polónia trabalhavam junto ao marido nas oficinas e lavanderias, aprendiam a nova língua e economizavam para mandar os filhos à universidade. As mulheres nunca foram tão «femininas» ou tão desprezadas na América como na Europa. A americana, para os viajantes europeus, muito antes da nossa época, pareciam menos passivas, infantis e femininas que as francesas,

alemãs ou inglesas. Por um acaso histórico, a americana partilhou durante mais tempo do trabalho social, evoluindo ao lado do homem. A educação primária e média para meninos e meninas era de regra, quase sempre; e no oeste, onde as mulheres participaram do trabalho pioneiro num período mais longo, as universidades eram mistas desde o início.

A crise de identidade não começou para a mulher senão quando o entusiasmo, a força e a habilidade da pioneira deixaram de ser necessárias nos lares da classe média do leste e do meio-oeste, quando o trabalho de conquista terminou e o homem começou a construir a nova sociedade com indústrias e profissões fora do lar. Mas as filhas das pioneiras haviam-se acostumado à liberdade e ao trabalho, não se contentando com o lazer e a feminilidade passiva. {216}

Não foi uma americana, e sim uma sul-africana, a sra. Olive Schreiner, quem preveniu, em começos do século, que a qualidade e quantidade das funções femininas no universo social estavam decrescendo tão depressa quanto a civilização evoluindo; que se a mulher não reconquistasse seu direito à participação num trabalho útil e honroso, sua mente e seus músculos definhariam; os filhos, meninos ou meninas, enfraqueceriam progressivamente e a própria civilização se deterioraria. {217}

As feministas viram claramente que a educação e o direito de participar do trabalho mais avançado da sociedade eram os principais impulsos da mulher. Lutaram e conquistaram o direito a uma personalidade nova e plenamente humana. Mas poucas de suas filhas e netas decidiram usar de sua cultura e capacidade para um objetivo criador mais amplo, uma tarefa responsável na sociedade. Quantas foram enganadas, ou enganaram a si mesmas, transformando-se em figuras infantis, que se definiam com «Ocupação — dona de casa»?

Não foi uma questão sem importância essa escolha errónea. Sabemos agora que existe a mesma gama de potencialidade para o homem e a mulher. Tanto ela como êle só se encontram pelo trabalho que utilize toda a sua capacidade. A mulher não pode encontrar-se por intermédio do marido e dos filhos, nem da tediosa rotina das tarefas domésticas. Pensadores de todas as épocas declararam que somente quando o ser humano encara a possibilidade de desperdiçar sua vida torna-se verdadeiramente consciente de si mesmo e começa a levar a sério a existência. Às vezes essa percepção só ocorre no momento da morte. Às vezes advém de um modo mais sutil de enfrentála: a morte da personalidade pelo conformismo passivo e o trabalho sem significado. A mística feminina prescreve essa morte em vida para a mulher. Diante de sua lenta destruição, a americana precisa começar a levar a vida a sério.

«Nós nos medimos por diversos padrões» — disse o grande psicólogo William James, há quase um século. «Nossa força, inteligência, riqueza e até boa sorte são coisas que aquecem o coração e nos dão ânimo para enfrentar a vida. Mais profundo que tudo isso, porém, e capaz de se bastar a si mesmo, existe o sentido do esforço que devemos realizar». {218}

Se a mulher não realizar esse esforço para tornar-se tudo o que tem

possibilidade de ser desperdiçará seu potencial humano. A mulher de hoje que não possua objetivo, propósito, ambição orientando seus dias para o futuro e levando-a a evoluir para além do punhado de anos em que seu corpo preenche a função biológica, está cometendo uma espécie de suicídio. Pois esse futuro, meio século após os anos fecundos, é um fato que a americana não pode negar. Assim como não pode negar que, como dona de casa, o mundo de fato passa diante de sua porta, enquanto ela se limita a olhar. E o terror que sente é real, pois não há lugar para ela neste mundo.

A mística feminina conseguiu enterrar vivas milhões de mulheres. Não há maneira de fugir ao seu confortável campo de concentração, exceto fazendo um esforço — o esforço humano que vai além do biológico, além das estreitas paredes do lar — a fim de colaborar na criação do porvir. Somente por meio de um compromisso pessoal com o futuro poderá sair da armadilha doméstica e realizar-se verdadeiramente como esposa e mãe, concretizando suas possibilidades de ser humano independente e singular.

XIV
Um novo plano de vida para a mulher

— É FÁCIL DIZER — OBSERVA A DONA DE CASA, de dentro da sua prisão — mas que posso fazer sozinha, com as crianças gritando, a roupa por lavar e sem avó que dê uma ajuda? É mais fácil viver por intermédio de outra pessoa do que evoluir totalmente. A liberdade para planejar a própria vida é assustadora quando enfrentada pela primeira vez. Dá medo perceber finalmente que a única resposta à pergunta «quem sou eu?» é a voz íntima de cada um. A mulher talvez passe anos no sofá do psicanalista procurando adaptar-se ao papel feminino, dissolvendo o bloqueio que a impede de «realizar-se como esposa e mãe». Mas a voz íntima continua a dizer «Não basta». Nem mesmo o melhor analista é capaz de incutir-lhe coragem para ouvir seu protesto interior, no sentido de encontrar a própria identidade neste mundo em evolução. Precisa criar, com seus impulsos e talentos, um novo plano de vida, nele encaixando o amor dos filhos e do lar, que no passado definia a feminilidade, com o trabalho para um objetivo mais amplo que amolde o futuro.

Enfrentar o problema não é resolvê-lo, mas enfrentando-o, com» as mulheres de todo o país estão fazendo hoje, sem muita ajuda dos especialistas, perguntando a si mesmas «que farei?», começarão a descobrir por si mesmas as respostas. Tão logo se desfaçam das ilusões da mística feminina e compreendam que nem marido, nem filhos, nem os objetos domésticos, nem sexo, nem o fato de serem iguais a todas as outras mulheres é capaz de dar-lhes uma personalidade, encontrarão, mais rápido que imaginavam, a solução do problema.

Entre as várias mulheres com quem conversei em subúrbios e cidades, algumas começavam a enfrentar o problema, outras estavam a caminho de resolvê-lo, e para outras ainda este deixara de existir. Na calma de uma tarde de abril, depois que as crianças tinham ido para a escola, uma delas me disse:

> Dediquei todas as minhas energias às crianças. Levava-as de um lado para outro, ensinava-lhes uma série de coisas. De repente, senti-me terrivelmente vazia. Todo o trabalho voluntário que eu havia assumido — escoteiros, Pais e Mestres, fadinhas — pareceu-me, de repente, sem importância. Quando menina sonhara ser atriz. Tarde demais para pensar nisso agora. Ficava em casa o dia inteiro, inventando arrumações que não fazia há anos. E passava muito tempo chorando, simplesmente. Meu marido e eu conversávamos a respeito, achando que era um problema da mulher americana, isso de renunciar a uma profissão por causa dos filhos e, de súbito, verificar que não havia possibilidade de voltar atrás. Sentia tanta inveja das poucas que tinham um talento e o continuavam explorando. Meu sonho de ser atriz não era real — não lutei nesse sentido. Mas teria que dedicar-me totalmente às crianças? Passei a vida inteira mergulhada nos outros, sem saber que espécie de pessoa eu era. Agora acho que nem tendo outro filho resolveria o problema do meu vazio por muito tempo. Não é possível voltar atrás... é preciso continuar. Mas deve haver um jeito de progredir, também para mim.

Esta mulher estava iniciando a busca da própria identidade. Outra havia resolvido o problema e era capaz de olhar retrospectivamente com segurança.

Sua casa era colorida, tranquila, porém ela deixara de ser «apenas uma dona de casa». Estava trabalhando como pintora profissional. Contou-me que quando deixara de submeter- se ao quadro convencional da feminilidade começara a *gostar* de ser mulher:

Costumava trabalhar tanto para conservar este belo quadro de mim mesma, como esposa e mãe. Tive todos os meus filhos pelo parto sem dor e amamentei-os ao peito. Uma vez fiquei furiosa porque uma senhora, numa festa, depois que eu disse que dar à luz é a coisa mais importante da vida, o ato animal básico, perguntou-me: «Não gostaria de ser mais que um animal?»

A pessoa quer ser mais, porém nem sempre sabe como. E então dedica- se com maior afinco à vida doméstica, que não é bastante exigente: passar vestidos das meninas (acaba-se comprando modelos que dêem mais trabalho só para engomar), preparar o pão em casa, recusar uma máquina de lavar pratos. Assim a pessoa julga que, dando mais importância ao trabalho, este se tornará mais satisfatório. Mas é inútil.

Quase tive um caso, pois vivia tão insatisfeita com meu marido. Ofendia-me quando êle não me ajudava no trabalho de casa, insistia em que lavasse os pratos, esfregasse o chão, tudo. Não brigávamos, mas no meio da noite é impossível enganar a si mesma.

Não conseguia abafar o desejo de algo que transcendesse a minha vida, de modo que fui consultar um psiquiatra. Este tentou levar-me a gostar de ser feminina, mas não adiantou... Depois fui a outro, que procurou fazer-me descobrir quem eu era e esquecer a linda imagem feminina. Compreendi então que andava furiosa comigo mesma e com meu marido porque abandonara os estudos.

Costumava pôr as crianças no carro e dirigir a esmo, por não suportar ficar sozinha em casa. Queria fazer algo, mas tinha medo de experimentar. Certo dia, numa estrada, vi um artista pintando e, sem poder controlar-me, perguntei: «O senhor dá aulas de pintura?»

Cuidava da casa e das crianças o dia inteiro e à noite pintava. Então ocupei o quarto que estava destinado ao outro bebe — cinco filhos faziam parte do meu bonito quadro — transformando-o em estúdio. Lembro-me de uma noite em que trabalhei até duas da madrugada sem sentir. Quando terminei o quadro tive a impressão de que me encontrara.

Não sei o que pretendia fazer com a minha vida, antes. Encaixar uns quadros novos numa velha imagem de mulher pioneira, talvez. Agora não preciso provar que sou mulher costurando minhas próprias roupas. Sou mulher, sou eu mesma, compro minha roupa feita e *gosto* muito dela. Não sou mais aquela mãe paciente, carinhosa, perfeita. Não mudo as roupas das crianças da cabeça aos pés diariamente. Nada mais de vestidos com babadinhos. Mas tenho a impressão de que gozo mais de sua companhia. Não gasto mais tanto tempo com os trabalhos de casa, mas tudo está pronto quando meu marido chega. Compramos uma máquina de lavar pratos.

Quanto mais tempo se gasta lavando pratos, menos se tem para outras atividades. Não é criativo repetir a mesma coisa indefinidamente. Por que sentir remorsos ao livrar-se desse trabalho monótono? Não há virtude em lavar pratos, esfregar o chão. Dacron, tecidos sintéticos — tudo isso é ótimo, é neste sentido que a vida física deve encaminhar-se. Só vivemos uma vez. Não podemos desperdiçar nossos dias. Tempo é a única coisa de que disponho e agora sei como utilizá-lo.

Não preciso fazer tanto alarde do meu casamento, agora que êle é algo de real. De certo modo, quando comecei a ter o senso de mim mesma principiei também a ter mais consciência de meu marido. Antes era como se êle fizesse parte de mim, em vez de ser uma pessoa humana independente. Só depois que desisti de ser feminina é que comecei a gostar de ser mulher.

E houve outras, oscilando de um lado para outro, cônscias do problema, porém sem saber como resolvê-lo. A diretora de um comité destinado a recolher fundos, num bairro de subúrbio, contou-me:

Invejo Jane que fica em casa e faz o que quer. Não abro meu cavalete há dois meses. Fico tão envolvida em comités que não me interessam! É o que se deve fazer para ajustar-se ao pessoal daqui. Mas isso não me dá a paz interior que eu sentia quando pintava. Um artista da cidade disse-me: «Devia levar a pintura mais a sério. É possível ser artista, dona de casa e mãe, tudo ao mesmo tempo». Acho que não insisto porque dá tanto trabalho!

Uma jovem de Ohio disse-me:

Ultimamente tenho sentido este impulso. Achava que precisávamos de uma casa maior, acrescentar um quarto, mudar para outro bairro. Andei organizando mil festas, mas isso era como viver nos intervalos da própria vida.

Meu marido acha que ser uma boa mãe é a mais importante carreira do mundo. Eu acho que é ainda mais importante que uma carreira, mas não creio que todas as mulheres sejam unicamente mães. Gosto das crianças, mas não de passar o dia inteiro com eles. Não tenho a sua idade. Poderia fazer com que o trabalho da casa levasse mais tempo, mas só preciso passar o aspirador no chão duas vezes por semana. Minha mãe varria todos os dias.

Sempre desejei tocar violino. Quando fui para a universidade, as moças que estudavam música pareciam meio estranhas. De repente, tive a impressão de que uma voz dentro de mim dizia: «É agora ou nunca — não terá outra oportunidade». Senti-me embaraçada por estudar aos quarenta. Fico cansada, sinto dores no ombro, mas agora tenho a impressão de me dedicar a algo que me transcende. O universo tornou-se real e eu faço parte dele. Tenho a impressão de que existo.

Seria inteiramente errado de minha parte oferecer soluções fáceis do problema para todas. Não há respostas fáceis nos Estados Unidos, hoje em dia; é difícil, penoso, e talvez leve muito tempo para que cada qual descubra a sua solução. Primeiro é preciso dizer «não» à imagem da dona de casa. Isto não significa, naturalmente, divorciar- se do marido, abandonar os filhos, renunciar ao lar. Não é preciso escolher entre casamento e profissão — esta foi a opção errada da mística feminina. Na verdade, não é tão difícil como se sugere conciliar casamento e maternidade com o objetivo pessoal que antigamente recebia o nome de «carreira». É necessário apenas fazer um novo plano de vida, em termos da existência inteira.

O primeiro passo é considerar o trabalho doméstico tal qual ele é na realidade — não uma profissão, mas algo que deve ser feito com o máximo de rapidez e eficiência. Uma vez que a mulher deixe de considerar as tarefas de cozinhar, arrumar, lavar e passar como «algo mais» poderá dizer: «Não, não quero um fogão de cantos arredondados, não quero quatro tipos diferentes de sabão». E será capaz de dizer *não* a esses devaneios em massa apresentados pelas revistas femininas e a televisão, *não* aos pesquisadores e aos psicólogos comerciais que querem dominar sua vida. Depois usará o aspirador, a lavadora de pratos e todos os eletrodomésticos e até o amassador de batatas, dando-lhes o valor que realmente têm: economizar tempo para tarefas mais criativas.

O segundo passo, e talvez o mais difícil para os produtos de uma educação orientada para o sexo, é encarar o casamento como ele de fato é, pondo de lado o véu de *glamour* imposto pela mística feminina. Várias mulheres com quem conversei sentiam-se estranhamente descontentes com os maridos, permanentemente irritadas com os filhos, ao perceberem que o casamento e a maternidade não eram a realização máxima de sua vida. Mas quando começaram a utilizar seus diversos talentos com um propósito social não só mencionaram uma nova sensação de vivacidade e plenitude, como uma diferença difícil de definir nos sentimentos para com o marido e os filhos. Várias fizeram eco às palavras desta mulher:

O engraçado é que agora gosto mais dos meus filhos, depois que criei um lugar para mim. Antes eu me dedicava inteiramente a eles, tinha a impressão de que via tudo por seu intermédio. Não conseguia apreciá-los como os aprecio agora, como algo estranho e independente de mim.

Antes andava tão presa a eles que procurava fugir mentalmente. Talvez seja preciso uma mulher encontrar-se *a si mesma* para estar de fato *com* os filhos.

A mulher de um advogado da Nova Inglaterra disse-me:

Pensei que estava acabada. Casara, tivera um filho, um casamento feliz, mas vivia tão desconsolada, pensando que minha vida estava terminada! Uma semana eu dedicava a forrar a mobília, a seguinte, à pintura. Minha casa era impecável e eu dedicava tempo de mais ao meu filho, que não precisava de tanta companhia adulta. Uma mulher madura brincando com uma criança o dia inteiro, desintegrando-se em mil direções diferentes para encher o tempo, preparando pratos complicados quando ninguém precisava disso e ficando furiosa quando ninguém comia... Perde-se o bom senso, o próprio senso de si mesma como ser humano.

Agora estou estudando história, um curso de ano inteiro. Trabalho, mas ainda não faltei uma só noite. Breve começarei a ensinar. Adoro ser esposa e mãe, mas sei agora que quando o casamento é a finalidade única, por não se ter outro objetivo, a vida se torna miserável, monótona. Quem disse que a mulher precisa ser feliz, divertir-se? Ela precisa trabalhar. Não é necessário ter um emprego, e sim encontrar algo pessoal, dedicar-se para sentir-se viver».

Uma hora por dia, um fim de semana, ou até uma semana inteira afastada dos filhos não é resposta ao problema sem nome. Essa «hora de folga» {219} aconselhada por especialistas em assuntos da família, ou por médicos intrigados, como o antídoto para a fadiga da dona de casa, ou o sentimento de claustrofobia, supõe automaticamente o fato de que a mulher «é apenas uma dona de casa», agora e para sempre. Uma pessoa totalmente realizada pelo trabalho goza melhor do lazer. Mas as mães com quem conversei não encontravam nenhum alívio mágico na hora de folga; na verdade, renunciavam a ela ao mínimo pretexto, ou por sentimento de culpa, ou por tédio. A mulher sem finalidade social, que não se permite pensar no futuro porque nada faz para nele encontrar o seu lugar, continuará a sentir-se desesperada no presente — por mais horas de folga que arranje. Até as mais jovens devem primeiro considerar-se como seres humanos, e não como mães com algumas horas livres e planejar em termos de seus talentos e compromisso pessoal com a sociedade, onde suas obrigações de esposa e mães se integrarão.

Uma mulher que entrevistei, assistente social, que durante muitos anos fora apenas dona de casa em comunidade do subúrbio, resume assim a situação:

Lembro-me de sentir que a vida não era bastante rica para mim. Não estava utilizando meus talentos, não estava organizando um lar agradável. Impossível encerrar novamente o génio na garrafa. Impossível ignorar a mente, a inteligência. É preciso participar do esquema social.

E olhando através das árvores do jardim para a tranqüila rua de subúrbio, falou:

Se bater de porta em porta, quantas mulheres encontrará utilizando seus talentos? Você as encontrará bebendo, conversando com as vizinhas, vigiando os filhos, porque não suportam ficar sozinhas. Ou então vendo televisão, ou lendo. A sociedade ainda não se interessou pela mulher, não encontrou um meio de utilizar sua capacidade e energia, exceto para procriar. Nos últimos quinze anos, creio que todas vêm fugindo de si mesmas. A razão por que as mais novas engoliram essa história da mística é por acharem mais fácil satisfazer-se em casa mesmo. Mas não é. Chega um certo ponto em que se é obrigada a fazer um balanço para se encontrar como mulher.

A única maneira, tanto para o homem como para a mulher, de se encontrar

a si mesmo é fazer um trabalho criativo pessoal. Não há outro modo. Um emprego, qualquer emprego, não é a resposta. Na verdade pode até fazer parte da armadilha. As que não procuram trabalho de acordo com sua capacidade, que não desenvolvem interesses e objetivos que exijam sério estudo e preparo, que arranjam um emprego aos vinte ou aos quarenta anos só «para ajudar em casa», ou matar o tempo, estão se encaminhando, tão certo como as donas de casa que não se libertam da armadilha doméstica, para um futuro vazio.

Já que o trabalho é o meio de libertação, precisa ser levado a sério, fazer parte de um plano de vida, segundo o qual a mulher possa evoluir e participar da sociedade onde vive. As comunidades suburbanas, principalmente as mais novas, onde os padrões sociais, educacionais, culturais, políticos e recreativos ainda não estão firmemente estabelecidos, oferecem inúmeras oportunidades à mulher inteligente e capaz. Nem sempre esse trabalho é um «emprego». Em Westchester, em Long Island, nos subúrbios de Filadélfia, mulheres fundaram clínicas para doentes mentais, centros de arte, acampamentos diurnos. Nas grandes cidades e também nas pequenas, da Nova Inglaterra à Califórnia, têm sido pioneiras em movimentos políticos e educativos. Mesmo que esse trabalho não seja considerado um «emprego» ou uma «carreira», era tão importante para as comunidades que hoje em dia há profissionais pagos para executá-los.

Para a voluntária, em alguns subúrbios e comunidades existe agora pouco que fazer exigindo inteligência — à exceção dos raros cargos de chefia, que a maioria das mulheres de hoje não tem a independência, o vigor e a autoconfiança para assumir. Se a comunidade apresenta uma elevada proporção de elementos cultos, não há cargos bastantes para todas. Em consequência, o trabalho comunitário transforma-se às vezes numa espécie de estrutura *self-service,* cheia de comités e burocracia, no mais puro sentido da lei de Parkinson, reduzindo-se a sua verdadeira finalidade apenas a manter mulheres ocupadas. Esse ativismo não é satisfatório para a pessoa amadurecida e nem ajuda a imatura a evoluir. Isto não quer dizer que ser chefe de fadinhas, fazer parte de diretoria de Pais e Mestres, organizar uma ceia beneficente não sejam trabalhos úteis. Mas para uma mulher inteligente e capaz não bastam, simplesmente.

Certa pessoa a quem entrevistei envolvera-se num infindável redemoinho de atividades comunitárias de mérito, mas que não lhe davam qualquer orientação para o futuro, nem utilizavam verdadeiramente sua inteligência excepcional. De fato, esta parecia estar-se desgastando. Padecendo do problema sem nome cada vez mais intensamente, resolveu dar o primeiro passo em direção a um compromisso sério. Hoje, é professora catedrática, e tranquila esposa e mãe.

Para começar, encarreguei-me do comité que angariava fundos para o hospital e do comité das escriturárias voluntárias para a clínica. Além disso, organizava as excursões dos escoteiros, tomava aulas de piano, que constituíam uma despesa de trinta dólares por semana e pagava babás para poder tocar para meu próprio prazer. Estudei o sistema decimal Dewey para a biblioteca que

iniciamos e tomava conta das crianças por turmas, nas reuniões de pais e mestres. O esquema financeiro de toda estas atividades necessárias para encher meus dias absorvia uma boa parcela dos rendimentos de meu marido. E nem assim eu achava a minha vida satisfatória. Vivia nervosa e deprimida. Chorava sem motivo algum. Nem conseguia concentrar-me num romance policial.

Estava tão ocupada, correndo da manhã à noite, que nunca me sentia satisfeita. Educam-se os filhos, muito bem. Mas isso basta para justificar a própria existência? É preciso haver um objetivo mais amplo, uma finalidade a longo prazo, que nos faça progredir. As atividades comunitárias são finalidades a curto prazo. Organiza-se um projeto. Este é realizado. Depois, inicia- se outro. Quando se trata de trabalho comunitário é costume não perturbar as mães com filhos pequenos. As tarefas ficam para as senhoras de meia idade, cujas crianças já estejam crescidas. Mas são exatamente as de filhos pequenos que precisam disso. E quando não se está presa a um compromisso de família, o melhor é largar tudo e começar um trabalho de verdade.

Por causa da mística feminina (e talvez do medo muito humano de fracassar em uma competição, sem a desculpa do privilégio sexual) o salto de amador a profissional é geralmente o mais difícil para a mulher que se quer desprender da armadilha. Mas, ainda quando não seja obrigada a trabalhar para viver, só poderá satisfazer-se com algo de real valor para a sociedade{220} — trabalho pelo qual, geral- 2 A ideia de que o trabalho precisa ser "real", e não apenas uma "terapia" ou atividade, a fim de proporcionar uma base para a personalidade está-se tornando cada vez mais evidente nas teorias da personalidade, mesmo que não haja referência específica à mente, a nossa sociedade costuma remunerar. Trabalho remunerado é, naturalmente, mais que uma recompensa — implica em um compromisso definido. Por medo a esse compromisso, centenas de donas de casa talentosas e cultas iludem-se sonhando que poderiam ser escritoras ou atrizes, fazendo tentativas amadorísticas de arte e música, ou procurando empregos de recepcionistas, balconistas, tarefas muito inferiores à sua verdadeira capacidade. Estes são também métodos de fugir à própria evolução.

O tédio crescente da mulher americana com o trabalho voluntário e a sua preferência por empregos remunerados, mesmo de baixo nível, foram atribuídos ao fato de que os profissionais se apoderaram da maioria dos lugares que exigiam inteligência, nas atividades comunitárias. Mas o não se terem tornado profissionais, a relutância nos últimos vinte anos para comprometer-se com qualquer tarefa, remunerada ou não, que exija iniciativa, liderança e responsabilidade, é devida à mística feminina. Esta atitude de não-envolvimento foi confirmada por um recente estudo feito em Westchester County.{221} Em bairro residencial de gente economicamente bem situada, mais de 50% de um grupo de donas de casa, entre 25 e 35 anos, com maridos ganhando acima de 25 mil dólares por ano, queriam trabalhar: 13% imediatamente, as outras dentro de 5 a 15 anos. Das que queriam trabalhar, 3 em 4 sentiam-se despreparadas (todas haviam estudado alguns anos de faculdade, mas somente uma se graduara; um terço casara-se com vinte anos ou menos). Estas mulheres não eram obrigadas a

trabalhar por motivos económicos, mas sim, segundo a pesquisa antropológica, pela chamada «necessidade psicológica de serem economicamente produtivas». Evidentemente o trabalho voluntário não satisfazia tal necessidade; embora 62% dessas mulheres executassem trabalho voluntário, faziam-no por «um dia ou menos». E embora a maioria quisesse trabalhar e se sentisse despreparada, das 45% que seguiam cursos, poucas pretendiam diplomar-se. Dos seus planos fantásticos de trabalho eram prova as atividades iniciadas e abandonadas com triste regularidade. Quando uma associação de antigas alunas organizou um fórum sobre «Como as Mulheres de Meia Idade Podem Voltar a Trabalhar» compareceram vinte e cinco mulheres. Para começar, pediu-se a cada uma que voltassem na segunda reunião com um resumo de suas ideias. O resumo exigia reflexão e, conforme disse o pesquisador, «sinceridade de propósitos». Apenas uma teve a seriedade de escrevê-lo.

Em outro bairro há um centro de orientação, que nos primeiros anos do movimento em prol da saúde mental proporcionava verdadeiro campo de trabalho para as mulheres inteligentes e cultas da comunidade. Não faziam terapia, naturalmente, mas a princípio administravam o centro e orientavam os grupos de debates educativos. Agora que a «educação para a vida em família» tornou-se profissionalizada, o centro é administrado e os grupos de debates são orientados por profissionais, muitas vezes vindos da cidade, com diplomas médicos ou doutorados neste setor. Em raros casos as mulheres que se encontraram através do trabalho pelas clínicas de orientação continuaram na nova profissão, diplomando-se e obtendo títulos. A maioria afastou-se, pois continuar significaria abandonar o trabalho de dona de casa e engajar-se seriamente numa profissão.

Por ironia, o único trabalho que permite a uma mulher capaz explorar plenamente sua capacidade, conquistar um lugar na sociedade, num plano que lhe permita conciliar casamento e maternidade, é justamente o da espécie proibida pela mística feminina: o compromisso com a arte, a ciência, a política ou uma profissão. Tal compromisso não se encontra limitado a uma localidade ou tafera específicas. Permite variar de ano para ano — um trabalho remunerado por tempo integral em uma comunidade, meio expediente na outra, o exercício do talento profissional em tarefa voluntária levada a sério, um período de estudos durante a gravidez ou logo depois do parto, quando um trabalho em expediente integral não seria possível. É um fio contínuo que se mantém vivo por meio de esforço, estudo e contactos no seu campo, em qualquer parte do país.

As mulheres que haviam conservado tais compromissos não sofriam do problema sem nome, e não viviam à imagem da dona de casa. Mas a música, a arte ou a política não ofereciam solução mágica às que não podiam ou não queriam comprometer-se com seriedade. As artes, à primeira vista, parecem a solução ideal para a mulher. Afinal, podem ser exercidas em casa. Não implicam necessariamente no temível profissionalismo, são femininas e parecem oferecer infinitas oportunidades de evolução pessoal, sem necessidade de competição na sociedade. Mas observei que quando uma mulher não se dedica à pintura ou

cerâmica com bastante seriedade para tornar-se profissional, receber remuneração pelo trabalho, ou ensiná-lo aos outros, a ponto de ser reconhecida como igual por profissionais, mais cedo ou mais tarde abandona o interesse; a pintura de domingo, a cerâmica ociosa não proporcionam aquela sensação de ser necessária, pois não têm valor para mais ninguém. O amador ou diletante, cujo trabalho não tem suficiente gabarito para que alguém pague para ouvi-lo, vê-lo ou lê-lo, não conquista um verdadeiro lugar na sociedade, ou verdadeira identidade, reservados para os que se esforçaram e adquiriram conhecimento e talentos, a fim de tornarem-se profissionais.

Existe, naturalmente, um certo número de problemas de ordem prática quando se toma um sério compromisso profissional. Mas, por qualquer motivo, estes só parecem intransponíveis quando a mulher se encontra ainda meio submersa dos falsos dilemas e complexos de culpa criados pela mística, ou quando o desejo de ser «algo mais» não passa de fantasia, ou ela não deseja fazer o esforço necessário. Ouvi muitas vezes que o passo crucial foi simplesmente dirigir-se pela primeira vez a uma agência de empregos, ou buscar o certificado de professora, ou marcar um encontro para conseguir emprego na cidade. É surpreendente a quantidade de obstáculos e racionalizações que a mística feminina evoca para impedir alguém de fazer a viagem ou escrever a carta.

Certa dona de casa suburbana, que eu sabia ter sido jornalista, acreditava jamais poder conseguir um emprego em sua antiga profissão; estivera afastada durante muito tempo. Além disso, não podia deixar os filhos (que, a essa altura, passavam o dia na escola). Quando finalmente decidiu tomar uma providência, encontrou excelente emprego em sua especialidade, após duas viagens à cidade. Uma senhora, assistente social, declarou que não poderia aceitar certo emprego sugerido por agência. Faria somente trabalhos voluntários, sem prazo marcado, que ela pudesse pôr de lado quando julgasse necessário, pois não tinha empregada. Na verdade, se tivesse contratado uma, o que suas vizinhas faziam com muito menos razão, teria que assumir uma série de compromissos que seriam um verdadeiro teste para a sua capacidade. É evidente que ela temia esses testes.

Um grande número de donas de casa desiste de atividades voluntárias, artísticas, ou de algum emprego no momento em que é necessário assumir um compromisso mais sério. Um membro da associação de pais e mestres não quer fazer parte da diretoria da escola. A diretora da Liga das Mulheres Votantes tem medo de se atirar na atlvidade de um partido político. «As mulheres não podem ter posições decisivas» — declarou alguém. «E não estou disposta a colar selos». Naturalmente seria preciso maior esforço para conquistar essa posição decisiva no partido, contra os preconceitos e a competição masculina.

Algumas aceitam os empregos, mas não fazem o necessário planejamento de vida. Entrevistei duas, muito competentes e aborrecidas com a vida de dona de casa, ambas empregadas no mesmo instituto de pesquisas. Adoravam o trabalho cada vez mais exigente, sendo 300 rapidamente promovidas. Mas, com trinta anos, e dez de donas de casa, ganhavam pouco. A primeira, reconhecendo

o que o trabalho representaria no futuro para ela, gastava todo o salário com uma empregada três vezes por semana. A segunda, que julgava que o emprego só se justificaria se «ajudasse nas despesas da família», não quis gastar com empregada, não pensou em pedir ao marido e aos filhos que a ajudassem nas tarefas domésticas, nem se lembrou de economizar tempo fazendo as compras pelo telefone, ou mandando a roupa para ser lavada fora. Teve que deixar o emprego ao fim de um ano, de pura exaustão. A primeira, que tomara as providências domésticas necessárias, hoje, com trinta e oito anos, ocupa um dos lugares mais importantes do instituto e traz uma contribuição substancial para os rendimentos da família, muito acima do que gasta com uma empregada. A segunda, após duas semanas de «descanso», recomeçou a sofrer o antigo desespero, mas persuadiu-se de que estaria prejudicando o marido e os filhos se não encontrasse um trabalho para fazer em casa.

A imagem da dona de casa feliz, realizando no lar um trabalho criativo — pintura, escultura, literatura — é uma das ilusões da mística feminina. Há homens e mulheres que o conseguem, mas quando um homem trabalha em casa, a mulher afesta as crianças do seu caminho. Não acontece o mesmo com ela; caso leve a sério o trabalho terá que arranjar fora um lugar para realizá-lo, ou então arriscar-se a ser uma megera para os filhos, exigindo tranquilidade. Fica com a atenção dividida entre o trabalho e as tarefas de mãe, não consegue concentrar-se. Um emprego das nove às cinco, nitidamente independente do trabalho doméstico, exige muito mais disciplina e em geral é muito menos solitário. O estímulo e as novas amizades que fazem parte do mundo profissional são perdidos pela mulher que procura encaixar a carreira nos limites físicos de sua vida de dona de casa.

É preciso dizer um *não* bem decisivo à mística feminina, a fim de resistir à disciplina e ao esforço exigidos por qualquer compromisso profissional. Pois a mística não é uma simples elaboração intelectual. Muita gente julga ter, ou tem um interesse investido na «ocupação: dona de casa». Por mais tempo que as revistas femininas, os sociólogos, educadores e psicanalistas levem para corrigir os erros que perpetuam a mística, a mulher precisa enfrentá-los agora, nos preconceitos, temores e desnecessários dilemas manifestados pelo marido, os amigos, os vizinhos, talvez o ministro, o padre ou o rabino, a professora do jardim de infância, a bem intencionada assistente social e seus próprios filhos inocentes. Mas a resistência, seja qual fôr sua fonte, é melhor julgada pelo seu próprio valor.

Até a tradicional resistência da ortodoxia religiosa é hoje disfarçada pelas técnicas da psicoterapia. Mulheres de origem católica ou judeu-ortodoxa não se desligam facilmente da imagem da dona de casa, consagrada pelos cânones de sua religião, pelos ditames de sua infância e a do marido, e pelas definições dogmáticas de casamento e maternidade próprias do seu credo religioso. A facilidade com que o dogma pode revestir-se das roupagens psicológicas da mística é revelada no «Esboço de Debates para Casais», da Organização de Vida Familiar, da arquidiocese de Nova York. Um grupo de três ou quatro casais, após

ensaio com um padre orientador, são instruídos para debater a questão: «Pode a mulher que trabalha fora tornar-se um desafio à autoridade do marido?»

A maior parte dos casais de noivos estão convictos de que não há nada de extraordinário ou errado no fato da mulher trabalhar fora... Não antagonize. Faça sugestões, não seja dogmático... Os casais devem mostrar que a noiva satisfeita com um emprego de 9 às 5h precisa levar em conta o seguinte: a) poderá estar minando sutilmente a posição do marido como ganha-pão e chefe da família. O mundo dos negócios, tão competitivo, poderá inculcar na jovem atitudes e hábitos que tornem difícil a aceitação da liderança do marido...

b) ao fim de um dia de trabalho ela terá a mente e o corpo cansados, justamente quando o marido espera a alegria e o entusiasmo da esposa...

c) para algumas esposas, a dupla tensão do trabalho profissional e de dona de casa pode ser um dos fatôres que contribuem para a esterilidade...»

Uma senhora católica a quem entrevistei retirou-se da diretoria das Mulheres Votantes porque, além do desagrado do vigário e do marido, o psicólogo da escola alegava que as dificuldades que a filha encontrava nos estudos eram devidas à sua atividade política.

— É muito mais difícil para uma católica ser emancipada, por isso renunciei. Será melhor para todos se eu fôr apenas dona de casa.

Nesse momento o telefone tocou e eu ouvi com interesse uma meia hora de alta estratégia política, evidentemente não da Liga, e sim do Partido Democrata local. A política aposentada voltou à cozinha para terminar de preparar o jantar, confessando que escondia dos de casa as suas atividades políticas, «como uma alcoólatra ou uma viciada em drogas, que não consegue livrar-se do vício».

Outra senhora, de tradição judia, renunciou aos estudos de medicina ao casar-se com um clínico, passando mais tarde a dedicar-se aos quatro filhos do casal. O marido não ficou muito satisfeito quando ela voltou a estudar para prestar os exames, depois que o mais moço entrou na escola. Decidida e tranquila, fêz um esforço inacreditável para diplomar-se após quinze anos de inatividade. E contoume, como a desculpar-se:

— Não é possível desinteressar-se de algo de que a gente gosta. Fiz um esforço, mas não consegui.

E confessou que quando recebe um chamado à noite, sai às escondidas, como se fosse ao encontro de um amante.

Mesmo para a mulher de tradições menos ortodoxas, a mais poderosa arma da mística feminina é o argumento de que está rejeitando o marido e os filhos para trabalhar fora de casa. Se uma criança fica doente ou o marido tem problemas de qualquer espécie, a mística feminina e as vozes insinuantes da comunidade e até a voz íntima da própria mulher acusam-na de ter «rejeitado» sua função de dona de casa. É então que o compromisso consigo mesmo e com a sociedade morre ou assume um ângulo dramático.

Uma jovem disse-me que renunciou a um emprego na televisão porque, de repente, o marido começa a achar que seus problemas profissionais eram causados pelo fato de ela resusar-se a assumir seu papel feminino; estava competindo com ele, queria «usar as calças na família». Como a maioria das suas companheiras nos dias de hoje, mostrou-se vulnerável a essas acusações. Um

psiquiatra chama a isso «síndrome de culpa da mulher profissional». Começou, então a voltar para a família todas as energias que dedicava ao trabalho e a assumir um interesse crítico e irritante pela carreira do marido.

Nas horas de folga, contudo, conseguiu retumbante sucesso local dirigindo um pequeno grupo de teatro amador. Isto, além das suas críticas, foi muito mais destruidor para o ego masculino e fonte de irritação mais constante para êle e para os filhos do que o trabalho profissional, onde ela competia impessoalmente com outras pessoas de seu meio, em um mundo afastado do lar. Certo dia, quando estava dirigindo um ensaio do grupo de teatro, seu filho foi atropelado por um automóvel. Culpando-se pelo acidente, renunciou ao grupo teatral, prometendo a si mesmo que de então em diante seria apenas dona de casa.

Quase de imediato começou a sofrer seriamente do problema sem nome. Sua dependência e depressão tornaram a vida do marido um inferno. Procurou uma analista e este, afastando-se da atitude nãodiretiva dos ortodoxos, ordenou-lhe voltar ao trabalho. Começou, então, a escrever a sério, assumindo finalmente o compromisso a que fugira, mesmo nos tempos em que tinha emprego. Assim absorta, deixou de preocupar-se com a carreira do marido e de imaginar novo acidente toda vez que o filho não se encontrava sob suas vistas. Ainda assim, embora tivesse avançado demais no trabalho para recuar, as vezes perguntava a si mesma se não estaria arruinando seu casamento.

Contrariando a mística, o marido, reagindo talvez ao exemplo contagioso do seu comprometimento, ou então pelo alívio de não mais vê-la histericamente dependente, ou por outras razões pessoais — conseguiu o equivalente em sua própria carreira. Surgiram outros problemas, naturalmente, mas não os antigos. Quando os dois libertaram-se de suas respectivas armadilhas, o relacionamento do casal tornou-se muito mais positivo.

Contudo, em toda espécie de evolução existem riscos. Encontrei uma senhora cujo marido pedira o divórcio pouco depois que ela começara a trabalhar. O casamento tornara-se destrutivo para os dois. O senso de identidade alcançado pela mulher através do trabalho talvez tenha feito com que ela se sentisse menos apta a aceitar aquele caráter destruidor, precipitando o divórcio, mas tornou-a também mais capaz de reagir.

Em outros casos, porém, soube de maridos que deixaram de protestar violentamente quando a mulher tomou de fato a decisão de trabalhar e a concretizou. Teriam exagerado as objeções para fugir a uma decisão que era também deles? Os maridos que entrevistei no mesmo contexto mostravam-se às vezes surpreendidos por não serem mais o sol na vida das esposas. Deixaram também de ser objeto de irritação e inesgotáveis exigências, livrando-se ainda do complexo de culpa pelo descontentamento da mulher. Um deles me disse:

— A responsabilidade financeira tornou-se mais leve — e francamente, isso é um alívio — assim como todos os encargos de nossa vida tornaram-se mais fáceis depois que Margaret começou a trabalhar.

Há maridos, porém, cuja resistência não é *tão* facilmente vencida. Os que não suportam ver a mulher dizer *não* à mística feminina muitas vezes foram

seduzidos pela fantasia infantil da mãe onipresente e procuraram reviver a infância. É difícil a mulher dizerlhe que não é sua mãe e que os filhos se sentirão melhor sem sua atenção constante. Se ela se tornar mais autêntica, recusando-se a colaborar nessa fantasia, talvez êle desperte, vendo-a sob nova luz. Ou então sairá a procura de outra mãe.

Outro risco a enfrentar para livrar-se da armadilha doméstica é a hostilidade das demais donas de casa. Assim como o homem que foge a evoluir no trabalho se ressente da evolução de sua mulher, a que vive por intermédio do marido e dos filhos ressente-se da que tem uma vida pessoal. Em jantares, em reuniões de pais e mestres, na escola maternal, a mulher que seja mais que dona de casa ouvirá indiretas de suas vizinhas suburbanas, pois não tem mais tempo para as fofocas em torno de infindáveis xícaras de café, não compartilha da ilusão de conforto haurida de «estarem todas no mesmo barco». Sua própria presença destrói a ilusão. E deve contar também que sua casa, o marido e os filhos sejam bisbilhotados com curiosidade acima da média, à espera do menor sinal de «problema». Essa espécie de hostilidade às vezes disfarça uma inveja secreta. A mais hostil das donas de casa talvez seja a primeira a consultar a vizinha trabalhando fora sobre um emprego para si própria.

Para a mulher que progride há sempre o senso de perda que acompanha uma mudança: velhos amigos, rotinas familiares perdidas e as novas ainda pouco definidas. É muito mais fácil dizer *sim* à mística feminina, não se arriscando às dificuldades de progredir, de fazer o esforço, tão necessário como a competência, para escapar da armadilha. As palavras «ambição» e «profissão» tornaram-se palavrões graças à mística feminina. Quando Polly Weaver, editora da coluna *College and Careers* («Colégios e Carreiras») da revista *Mademoiselle,* entrevistou 400 mulheres sobre ambição e competição{222} a maioria revelou remorsos para não ser ambiciosa. Procuravam, segundo a pesquisadora, «dar uma ideia de algo elevado, e não mundano e egoísta. Ficamos surpresas. .. com o número de mulheres que passam o dia despendendo esforço num emprego, num trabalho comunitário, mas não desejam a menor remuneração. Não querem dinheiro, posição social, poder, influência, reconhecimento... Estarão enganando a si mesmas?»

A mística gostaria que a mulher renunciasse à ambição pessoal. Casamento e maternidade são o objetivo; fora isso, só se espera que a mulher tenha ambição pelo marido e os filhos. Muitas, iludidas, os impulsionam para concretizar sonhos seus, pessoais. Havia mulheres francamente ambiciosas entre as que responderam à pesquisa de *Mademoiselle* e, no entanto, não pareciam sofrer com isso.

As mulheres ambiciosas que responderam ao nosso questionário pouco lamentavam o sacrifício de velhos amigos, piqueniques de família, tempo livre para ler livros obscuros. Ganharam mais do que aquilo a que renunciaram, citaram os novos amigos, o mundo mais vasto em que circulavam, a grande evolução que experimentavam em si mesmas, trabalhando ao lado de pessoas brilhantes e talentosas — e acima de tudo a satisfação de lutar com todo o entusiasmo, como numa panela de pressão. Na verdade, as ambiciosas e felizes alegram as pessoas que vivem à sua volta — marido, filhos, colegas... Já uma ambiciosa que deixe todo o seu prestígio por conta dos sucessos do marido, não será feliz... Para a mulher dinâmica, a ambição é

o fio que percorre sua vida de princípio ao fim, dando-lhe unidade e permitindo-lhe encará- la como uma obra de arte, em vez de uma coleção de fragmentos...

Para as mulheres por mim entrevistadas, e que haviam sofrido e resolvido o problema sem nome, realizar uma ambição pessoal, antiga ou recente, dar o máximo de sua capacidade, sentir que estão realizando algo foi como procurar uma peça desaparecida no quebracabeça da vida. O dinheiro que ganhavam muitas vezes tornava mais fácil a existência da família inteira, mas nenhuma pretendia ser esta a única razão de seu trabalho, ou a principal recompensa. O senso de plenitude, de participação da vida do mundo — «não ser uma ilha, e sim parte do continente» — viera com o trabalho. Sabiam que este não era o único motivo e sim o conjunto: vida conjugal, filhos, casa, a própria transformação, os elos cada vez mais fortes com a comunidade. Voltavam a ser seres humanos e não «apenas donas de casa». Estas foram as mulheres de sorte. Algumas talvez tenham sido impelidas por uma rejeição de infância, por uma adolescência de patinho feio, por um casamento infeliz, divórcio ou viuvez. É uma ironia e uma condenação da mística feminina o fato de esta muitas vezes forçar as infelizes, as feias a se encontrarem, enquanto que as ajustadas ao feliz papel de donas de casa jamais descobrirão sua própria personalidade. Mas dizer que frustração é uma boa coisa seria perder o verdadeiro sentido da história. A frustração não deveria ser o preço da identidade, nem a solução de problemas. A mística impediu tanto as feias como as bonitas de descobrir seus talentos e escrever poesias como Edith Sitwell. Impediu esposas felizes e infelizes de encontrarem a própria vocação, como Ruth Benedict a encontrou através da antropologia.

De súbito, encaixa-se a peça final do quebra-cabeças. Há um elemento sem o qual nem as mais frustradas conseguiram sair da armadilha. Independente de experiências da infância ou sorte no casamento, havia algo que deixou frustradas todas as que procuraram ajustar-se à imagem da dona de casa, algo que era partilhado por todas as que finalmente encontraram sua vocação.

A chave da armadilha é, naturalmente, a educação. A mística feminina deu uma conotação suspeita aos estudos superiores, acusando- os de desnecessários e até perigosos. Mas creio que só a educação salvou e pode salvar a americana dos perigos ainda maiores que a mística.

Em 1957, quando me convidaram a elaborar o questionário das antigas alunas de Smith, quinze anos após a graduação, aproveitei-me da oportunidade, julgando que poderia arranjar provas contra a crescente convicção de que a cultura tornava a mulher «masculina», prejudicava seu desenvolvimento sexual e causava desnecessários conflitos e frustrações. Descobri que as críticas eram em parte verdadeiras: a educação era perigosa e causava frustrações, mas somente quando não usada.

Das 200 mulheres que responderam ao questionário de 1957, 89% eram donas de casa e haviam passado por todas as frustrações que a cultura pode trazer às pessoas de sua situação. Mas diante das perguntas: «Que dificuldades encontrou ao exercer sua função de mulher?... Quais as maiores satisfações e

frustrações de sua vida, hoje em dia?... Como modificou interiormente?... Que acha da velhice?... Que desejaria ter feito de maneira diferente?», descobriu- se que seus verdadeiros problemas não eram causados pela instrução. De modo geral lamentavam apenas uma coisa — não terem levado os estudos mais a sério, nem feito planos de utilizá-los mais tarde.

Das 97% que se casaram — em geral três anos após saíram da universidade — somente 3% se divorciaram; das 20% que se haviam interessado por outro homem depois de casadas, a maioria «nada fêz». Das mães, 86% haviam planejado a chegada dos filhos e ficado satisfeitas com a gravidez; 70% amamentaram as crianças ao seio, de um a nove meses. Tiveram mais filhos que as suas mães (média: 2,94) mas somente 10% revelaram que se sentiam «martirizadas » como mãe. Embora 99% declarasse que sexo era apenas um fator entre outros na sua vida, não se julgavam sexualmente realizadas, nem sentiam a satisfação de ser mulher. Cerca de 85% registrou que «a vida sexual evolui com o passar dos anos», mas achavam também que passava a «ser menos importante que antes». Partilhavam da vida do marido «tanto quanto possível com outro ser humano», mas 75% prontamente admitiam ser impossível partilhar a vida inteira.

A maioria (60%) não podia dizer sinceramente, ao falar de sua ocupação principal (dona de casa), que a julgava «capaz de realizar totalmente uma pessoa». Gastavam apenas uma média de quatro horas diárias com os trabalhos domésticos e não os apreciavam. Talvez fosse exato que a educação as tornava frustradas como donas de casa. Estudando numa era anterior à mística feminina, várias haviam experimentado uma áspera transição entre sua personalidade recémdesabrochada e o papel de donas de casa. Contudo, a maioria continuou a evoluir dentro da estrutura de sua vida suburbana, talvez por causa da autonomia, dos objetivos e do compromisso com valores mais amplos que a educação lhe inculcara.

Cerca de 79% descobriram um modo de atingir os objetivos apontados pela cultura, quase sempre nos limites físicos de sua comunidade. Apesar das caricaturas da velha Helen Hokinson, sua aceitação de responsabilidades comunitárias era, em geral, um ato de maturidade, um compromisso que utilizava e renovava a confiança em si mesma. Para estas, as atividades comunitárias tinham quase sempre o selo da inovação da individualidade, e não da conformidade, da procura de prestígio, ou da fuga. Organizavam creches em subúrbios onde estas não existiam; inauguravam cantinas para os jovens, bibliotecas nas escolas, onde os alunos não liam simplesmente porque não havia bons livros. Traziam aos programas educacionais inovações que achavam fazendo parte do curriculum. Uma foi pessoalmente responsável pela obtenção de 13.000 assinaturas num referendum popular para eliminar a política do sistema escolar. Outra discursou em público, denunciando a segregação nas escolas do sul. Outra conseguiu que crianças brancas frequentassem um estabelecimento para negros, no Norte. Outra conseguiu fazer passar no legislativo uma medida a favor de clínicas para doentes mentais, em estado do oeste. Outra organizou programas de visita a museus de arte para as crianças das

três cidades em que morou depois de casada. Outra organizou grupos corais, teatro cívico,-grupos de estudo de política exterior. Trinta por cento tomavam parte nos partidos políticos locais, desde o nível da organização de comités até a assembleia do estado. Mais de 90% declararam ler o jornal de ponta a ponta, diariamente, e votarem com regularidade. Evidentemente jamais assistiam aos programas diurnos de televisão e quase nunca jogavam bridge, ou liam revistas femininas. Dos quinze aos trezentos livros que liam num ano, metade não eram *best-sellers*.

Nas proximidades dos quarenta anos, a maioria declarava com franqueza que o cabelo estava ficando grisalho e a «cútis sem vitalidade », contudo, não lamentavam muito a mocidade perdida. «Tenho um senso cada vez mais nítido de auto-realização, força e serenidade interior». «Tornei-me mais autêntica».

«Como imagina sua vida depois que os filhos estiverem todos crescidos?» indagava o questionário. A maioria (60%) tinha planos concretos de trabalhar ou estudar. Pretendiam finalmente completar sua educação, pois várias das que não tinham ambições profissionais na universidade passaram a tê-las depois. Algumas «chegaram às profundezas do desespero», «aos limites extremos da desilusão» procurando viver apenas como donas de casa. Umas poucas confessavam que «dirigir a casa e educar nossos quatro filhos não fazem exigências à educação e ao talento que antigamente julgava ter. Se fosse possível conciliar uma profissão com a maternidade...» A mais amarga declarou:

— Jamais descobri que espécie de pessoa sou eu. Desperdicei a universidade tentando realizar-me pela vida social. Hoje em dia lamento não me ter aprofundado bastante em algo para poder viver uma vida construtiva.

Mas a maioria sabia então quem era e o que desejava fazer; e 80% lamentavam não ter planejado seriamente utilizar sua cultura num trabalho profissional. A apreciação passiva e até a participação ativa em atividades comunitárias não bastariam quando os filhos estivessem mais velhos. Várias declaravam planejar dedicar-se ao ensino no futuro; felizmente para elas, a grande falta de professores deu-lhes oportunidade de voltar à ativa. Outras antecipavam anos de estudos antes de se sentirem capacitadas para os setores de sua escolha.

Estas 200 diplomandas de Smith encontraram similares em todo o país, mulheres inteligentes e capazes, lutando para sair da armadilha doméstica, ou jamais inteiramente prisioneiras, graças a sua cultura. Mas as diplomandas de 1942 foram das últimas a se educarem antes da mística feminina.

Em outro questionário respondido por quase 10.000 diplomandas de Mount Holyoke, em 1962 — 125º aniversário de fundação — observa- se o efeito da mística sobre as mulheres que estudaram nas duas últimas décadas. As alunas de Mount Holyoke denotavam uma alta incidência de casamentos e poucos divórcios (2%, ao todo). Mas antes de 1942, a maioria casava-se com vinte e cinco anos ou mais; depois de 1942, a idade de casamento começou a baixar dramaticamente e a porcentagem de filhos, quatro ou mais, começou a subir. Antes de 1942, dois terços ou mais das diplomandas continuaram os

estudos, mas essa proporção foi caindo sensivelmente. Nas mais recentes classes, poucas obtiveram doutorado em ciências, arte, direito, medicina, em relação aos 40% de 1937. Um número drasticamente menor parece interessar-se para assumir compromissos mais amplos, em âmbito nacional ou internacional; a participação nos clubes políticos locais baixou para 12% na classe de 1952. De 1942 em diante, poucas tinham qualquer filiação profissional. Metade havia trabalhado durante algum tempo, mas abandonara o trabalho, em primeiro lugar por haver escolhido «a função de dona de casa». Algumas voltaram a trabalhar, tanto para ajudar nas despesas, como por simples gosto. Mas nas turmas de 1942 em diante, onde a maioria era dona de casa, quase a metade não tinha a menor intenção de voltar ao trabalho.

De 1942 em diante, a área cada vez menor de compromissos com o mundo exterior ao lar é uma clara indicação do efeito da mística feminina sobre a mulher culta. Tendo observado o desesperado vazio, a sensação de aprosionamento de tantas jovens compreendi o significado da experiência de minhas colegas de classe. Por causa de sua cultura, muitas conseguiram conciliar compromissos pessoais com as obrigações domésticas. Participavam de atividades comunitátárias que exigiam inteligência e responsabilidade e continuavam a evoluir com alguns anos de preparo, em direção a um trabalho social ou ao magistério. Conseguiam empregos como suplentes de professoras, ou trabalhavam como assistentes sociais, a fim de financiar os cursos necessários à obtenção de um diploma. E chegaram ao ponto de não voltar aos campos onde haviam trabalhado após a universidade, ingressando num âmbito novo com o lastro de autonomia concedido pela educação.

Mas que acontecerá com as jovens de hoje, que nunca souberam o que é educação superior e deixaram a faculdade para casar, ou mataram tempo à espera de marido? Que será delas aos quarenta anos? Donas de casa de todos os subúrbios estão hoje a procura de instrução, como se qualquer curso lhes desse a identidade que procuram. Mas os cursos que fazem poucas vezes têm uma verdadeira utilidade social. Mais ainda que a educação a que se esquivaram aos dezoito, por meio de fantasias sexuais, a educação que a mulher obtém aos quarenta é permeada, contaminada, diluída pela mística feminina.

Cursos de golfe, bridge, tapeçaria, culinária, costura destinam-se, suponho, a uma utilidade prática para a mulher que permanece na armadilha doméstica. Os cursos chamados intelectuais, dos centros de educação de adultos — arte, cerâmica, literatura, conversação em francês, Grandes Obras, Astronomia da Era Espacial — destinam-se apenas ao «enriquecimento pessoal». O estudo, o esforço e até os deveres exigidos por um compromisso a longo prazo não são pedidos a uma dona de casa de hoje.

Na verdade, muitas das que seguem esses cursos precisam desesperadamente de uma séria educação; mas se nunca receberam nem uma parcela não sabem como, nem onde procurá-la, nem compreendem que tais estudos para adultos não são satisfatórios simplesmente por não serem sérios. A dimensão de realidade, essencial mesmo ao «enriquecimento pessoal», está

excluída, quase por definição, de um curso especificamente destinado a donas de casa. Isto é exato mesmo nos casos em que a instituição que o oferece tenha os mais altos padrões de ensino.

Recentemente, Radcliffe anunciou um «Instituto para Mulheres de Executivos» (e ao qual se seguiria, provavelmente, um Instituto para Mulheres de Cientistas, ou Mulheres de Artistas, ou Mulheres de Catedráticos»). A esposa do executivo, ou do cientista, aos trinta e cinco ou quarenta, com os filhos na escola, dificilmente conseguirá uma nova identidade aprendendo a participar mais minuciosamente do mundo de seu marido. O que precisa é de instrução para um trabalho criativo pessoal.

Entre as mulheres que entrevistei, a educação era a chave do problema sem nome somente quando fazia parte de um novo plano de vida e supunha uma utilidade social — amadora ou profissional. E essa educação só era possível nos colégios e universidades regulares. Apesar do que afirma a mística feminina, às jovens e seus educadores, estudos interrompidos aos dezoito ou vinte são muito mais difíceis de se retomar aos trinta ou quarenta pela mulher com marido, três ou quatro filhos e uma casa para cuidar. Enfrentará no colégio ou na universidade os preconceitos criados pela mística e, por mais rápida que seja a sua ausência do campo académico, será obrigada a provar repetidamente a seriedade de seus objetivos; para ser readmitida terá que competir com a multidão de filhos que ela e suas semelhantes colocaram em excesso no mundo. Não é fácil para um adulto assistir a classes destinadas a adolescentes, ser novamente tratada como adolescente, e ter que provar que merece ser tratada tão a sério como uma adolescente. Terá que usar de grande habilidade, suportar inúmeras rejeições e decepções para encontrar o que lhe convém, e ao mesmo tempo se encaixe com seus outros compromissos de esposa e mãe.

Uma senhora a quem entrevistei e que não cursara a universidade, resolveu, após psicoterapia, fazer dois cursos por ano em uma faculdade próxima que, felizmente, tinha aulas noturnas. A princípio não tinha a menor ideia de onde o estudo a estava conduzindo, mas dois anos depois resolveu diplomar-se em história e preparar-se para ensinar em nível médio, conseguindo boas notas, embora às vezes se impacientasse com a lentidão do curso. Mas, pelo menos estudando com uma finalidade, sentia-se melhor do que lendo livros e revistas de mistérios, enquanto as crianças brincavam no play-ground. E acima de tudo os estudos conduziam a uma finalidade real no futuro. Mas com dois cursos por ano (que custavam então 420 dólares, duas noites por semana) levaria dez anos para conseguir bacharelar-se. No segundo ano, com pouco dinheiro, pôde fazer apenas um curso. Não tinha direito a pedir bolsa, ou empréstimo para estudos, a menos que estudasse em horário integral, o que só seria possível depois que o mais moço entrasse na escola. Apesar de tudo, resistiu durante quatro anos — reparando que um número cada vez mais de donas de casa desistiam por falta de dinheiro, *ou* porque o «curso era muito demorado».

Depois que o mais moço entrou no primeiro ano, tornou-se estudante de horário integral num colégio regular, onde o ritmo era ainda mais lento porque

os estudantes eram «menos sérios». Não podendo suportar a ideia de todos aqueles anos à sua frente para obter o diploma (necessário para ensinar História no seu estado) resolveu fazer um curso de pedagogia. Não teria com certeza persistido nesses estudos dispendiosos e tortuosos se não fizesse um plano de vida que os exigia. Comprometendo-se a ensinar no primário, conseguiu um empréstimo do governo para seus estudos de horário integral (que ultrapassava então a 1.000 dólares por ano) e dentro de dois anos terminaria o que planejou.

Mesmo diante de tantos obstáculos, um número cada vez maior de mulheres, sem qualquer ajuda da sociedade e com apoio duvidoso dos próprios educadores, volta agora à escola para obter a educação que lhes falta. Sua determinação revela a subestimada força da mulher e urgente necessidade de utilizá-la. Mas somente as mais fortes, após quase vinte anos de mística feminina, conseguem progredir sozinhas. Pois não existe apenas o problesma individual de cada mulher — é preciso não esquecer a influência da mística em escalanacional.

O problema sem nome — que se reduz ao fato de a americana ser impedida de evoluir até a plenitude de sua capacidade humana — está pesando mais na saúde física e mental do país que qualquer outra doença. Consideremos a alta incidência de colapsos nervosos entre as mulheres de vinte e trinta anos; o alcoolismo e os suicídios entre as de quarenta e cinquenta; a monopolização do tempo dos médicos pelas donas de casa. Consideremos a quantidade de casamentos entre adolescentes, o número crescente de filhos ilegítimos e, o que é mais sério, a patologia da simbiose mãe-filho. Consideremos a alarmante passividade dos adolescentes americanos. Se continuarmos a produzir milhões de jovens mães de evolução e instrução truncada, sem personalidade, sem um firme código dos valores humanos para transmitir aos filhos estaremos cometendo, simplesmente, o genocídio, a começar pelo enterro em massa da americana e terminando com a progressiva desumanização de seus filhos e filhas.

Estes problemas não podem ser resolvidos pela medicina e nem mesmo pela psicoterapia. Precisamos de uma drástica reformulação da imagem cultural da feminilidade, que permita à mulher alcançar a verdadeira maturidade, a plenitude pessoal, sem conflitos e com realização sexual. Uma tentativa em massa precisa ser feita por pais, educadores, ministros, editores de revistas, psicólogos, orientadores, a fim de deter os casamentos prematuros, impedir as jovens de desejarem ser «apenas donas de casa». Deter insistindo em que pais e educadores concedam desde a infância às meninas a mesma atenção que aos meninos, a fim de que também elas desenvolvam os recursos de personalidade, vontade e os objetivos que lhes permitam descobrir a própria identidade.

Não é fácil também a um educador dizer *não* à mística feminina. Mesmo os mais avançados e preocupados com o desespero das donas de casa, às voltas com um resto de vida vazia nas mãos, hesitam em deter a onda de casamentos prematuros. Foram censurados pelos oráculos da psicanálise popularizada e tremem ainda de remorso à ideia de interferir na realização sexual da mulher. O argumento de retaguarda, apresentado pelos oráculos que se encontram, em alguns casos, nos próprios *campus* das universidades, é o seguinte: já que o

principal caminho para conseguir uma identidade é casamento e maternidade, sérios interesses e compromissos culturais que podem causar conflitos com a função de esposa e mãe devem ser adiados até depois dos anos fecundos. Esse aviso foi feito em 1962 por um psiquiatra consultor da Universidade de Yale — que estava pensando em admitir mulheres como subgraduadas, oferecendo-lhes a mesma educação séria que aos homens.

Inúmeras jovens — senão a maioria — parecem ser incapazes de interesses intelectuais de longo alcance até terem cumprido as fases mais básicas de sua sadia evolução como mulher. .. Para ser bem realizada, a missão feminina de educar os filhos e organizar a vida da família precisa absorver todos os recursos emocionais e intelectuais, além de todo seu talento. Quanto melhor o seu preparo, tanto mais chances terá de se sair da tarefa, contanto que não surjam bloqueios em seu caminho, isto é, contanto que estabeleça uma boa base para o desenvolvimento de sua finalidade adulta e que no decurso de sua educação superior não esteja sujeita a pressões que afetem negativamente o seu desenvolvimento... Insistir em objetivos conflitantes, e no fato de que uma profissão no mundo masculino deveria ser a primeira consideração no planejamento de sua vida, pode afetar negativamente o pleno desenvolvimento de sua personalidade. De todas as liberdades sociais conquistadas pelas nossas avós, ela preza sobretudo a liberdade para ser uma mulher sadia e realizada, e deseja estar livre de remorsos e conflitos para consegui-lo... Isto significa que, embora seja possível ter um emprego no âmbito da vida de casada, «carreiras» raramente são admissíveis...{223}

Permanece o fato de que a jovem que desperdiça seus anos de universidade sem adquirir sérios interesses e desbarateia seus primeiros anos de trabalho matando tempo até encontrar marido, arriscase a não conquistar uma identidade e compromete suas possibilidades de realização sexual e materna. Os educadores que a animam a adiar interesses mais amplos até que as crianças cresçam tornam-lhe virtualmente impossível consegui-los. Não é assim tão fácil a uma mulher definir-se inteiramente como esposa e mãe durante dez, quinze ou vinte anos, e depois encontrar uma nova função aos trinta e cinco, quarenta ou cinquenta anos. As que o conseguiram são as que souberam assumir sérios compromissos mais cedo, as que haviam tido uma carreira, as que trouxeram para o casamento e a maternidade o sentido de sua personalidade, não as que esperavam adquiri-la mais tarde. Um recente estudo entre cinquenta mulheres graduadas, moradoras de um subúrbio do leste e da cidade, feito no ano seguinte àquele em que o filho mais velho deixara a casa, mostrava que, com poucas exceções, as únicas que tinham interesses a cultivar — emprego, atividades comunitárias, ou artísticas — os haviam adquirido no colégio. As que não os acusavam então eram também capazes de adquiri-los mais tarde; dormiam em seus ninhos vazios e não faziam outra coisa senão esperar a morte.{224}

Os educadores de iodos os colégios e universidades femininas, ginásios e

instituições comunitárias devem zelar para que a mulher assuma um compromisso para toda a vida (pode-se chamá-lo «plano de vida», «vocação», «objetivo de vida», se a palavra *carreira* apresentar demasiadas conotações de celibato) com um setor de pensamento, um trabalho de real importância para a sociedade. Devem esperar que tanto a jovem como o rapaz levem a sério um estudo a ponto de querer especializar-se mais tarde. Isto não significa abandonar a educação liberal em favor de cursos práticos vocacionais. A educação liberal, conforme é ministrada nos melhores colégios e universidades, não só treina a mente como proporciona um código indestrutível de valores humanos. Mas precisa ser planejada com uma finalidade séria e não apenas por diletantismo e apreciação passiva. Assim como as rapazes de Harvard, Yale, Columbia, ou Chicago passam das artes liberais para arquitetura, medicina, direito, ciência, as moças devem ser incentivadas a prosseguir, a traçar um plano de vida. Já ficou demonstrado que as jovens que assim se comprometem mostram-se menos ávidas de casar cedo, menos aflitas na busca de marido, mais responsáveis em seu comportamento sexual.{225} A maioria casa, naturalmente, mas em bases muito mais amadurecidas e o casamento não é uma fuga e sim um compromisso de duas pessoas, uma com a outra e de ambas com a sociedade. Se as moças forem assim educadas, a questão do sexo e a data do casamento perderão sua arrasadora importância.{226} É o fato de não terem uma personalidade sua que torna o sexo, o amor, o casamento e os filhos interesses únicos e essenciais na sua vida de mulher.

Diante da mística feminina, com suas poderosas forças ocultas, os educadores devem compreender que não podem inspirar as jovens a assumir um sério compromisso cultural sem tomar medidas extraordinárias. As poucas até agora experimentadas mal dão para resolver o problema. O novo Instituto de Estudos Independentes, de Mary Bunting, em Radcliffe, é ótimo para as que já sabem o que querem, já se diplomaram ou trabalham ativamente nas artes, precisando apenas de uma folga nas tarefas maternas para voltarem à plena atividade. Mais importante ainda: a presença desses elementos no *campus,* mulheres com filhos pequenos e maridos para atender e que no entanto continuam profundamente dedicadas ao seu trabalho pessoal, sem dúvida ajudará a desfazer a imagem da profissional celibatária, e afastará algumas segundanistas de Radcliffe daquele clima de «falta de expectativas» que as leva, depois de atingir o mais alto padrão educacional do país, a usar sua cultura apenas no casamento e na maternidade. Era isso o que Mary Bunting tinha em mente. E pode ser feito também em toda parte, por processos mais simples. Seria compensador para todos os colégios e universidades que pretendam incentivar a mulher a levar a sério sua educação contratar para seu corpo docente todas as mulheres que tivessem conciliado casamento e maternidade com a vida do espírito — mesmo com intervalos de gravidez; — ou destruir o velho tabu que proíbe contratar a mulher de um catedrático, detentora de seu respeitável diploma em artes ou qualquer outro doutorado. Quanto às professoras solteiras, não devem ser tratadas como párias. A verdade é que levaram a sério sua existência, realizando

todo o seu potencial humano. Talvez devam ser, e às vezes são mesmo, invejadas pelas que vivem como donas de casa abastadas, mas desperdiçando seus talentos. Tanto o homem como a mulher que cria raízes no trabalho humano, cria raízes na vida.

Acima de tudo é essencial que os próprios educadores digam *não* à mística feminina e encarem o fato de que vale a pena educar a mulher até o limite máximo de sua capacidade. Ela não precisa de cursinhos de preparação para o casamento e a vida familiar para casar e ter filhos; não precisa de cursinhos de economia doméstica para organizar sua casa. Mas precisa estudar ciência para descobrir a ciência, estudar as ideias do passado para criar novas ideias; estudar a sociedade para ser pioneira social. Os educadores devem também renunciar a esses compromissos parcelados — «uma coisa de cada vez». Essa diversificação de «educação», «sexo», «casamento», «maternidade », «interesses para o último terço da vida» não resolverão a crise total. A mulher deve ser educada para uma integração em novas funções. Quanto mais for incentivada a fazer um plano de vida — unindo um compromisso sério, duradouro para com a sociedade, com o casamento e a maternidade, tanto menos conflitos e desnecessárias frustrações sofrerá como esposa e mãe, e tanto menos suas filhas farão opções erróneas por falta de uma imagem total de mulher.

Foi o que verifiquei ao investigar a corrida das jovens universitárias para os casamentos prematuros. As poucas que não estavam com pressa de casar e que se dedicavam a interesses a longo prazo — sem medo de perder a feminilidade — quase todas tinham mãe dedicada a um objetivo importante («Acontece que minha mãe é professora», «A mãe de minha melhor amiga é médica. Está sempre tão ocupada e satisfeita»).

A própria educação pode ajudar a proporcionar essa nova imagem, tão logo cesse de contemporizar com a antiga ideia do «papel feminino». Tanto para a mulher como para o homem, a cultura deve ser a matriz da evolução humana. Se hoje em dia a americana está finalmente se libertando da armadilha doméstica, em busca de uma nova identidade é simplesmente porque tantas provaram o gosto da educação superior — incompleta, desfocada, mas ainda assim bastante poderosa para forçá-las a prosseguir.

Pois esta batalha, a última e a mais importante, pode ser combatida na mente da própria mulher. Mesmo sem uma imagem pessoal, várias jovens americanas, que foram educadas como pessoas, simplesmente, adquiriram o senso das possibilidades humanas que as levou para além das velhas noções de feminilidade, para além da busca de segurança no amor do homem, até encontrar sua verdadeira personalidade. Uma diplomanda de Swarthmore, ao ingressar como interna, contou-me que a princípio, sentindo-se cada vez mais independente na universidade, começou a preocupar-se com namorados e casamento, achando melhor apoiar-se num rapaz. «Queria ser feminina à força. Depois principiei a me interessar pelos estudos e deixei de me preocupar».

«Tem-se a impressão de sofrer uma transformação. Começa-se a sentir a própria competência ao fazer isto ou aquilo. É como uma criança começando a andar. A mente se

amplia, a pessoa descobre sua vocação. E isso é maravilhoso. Fazem-se as coisas com amor, sentindo que são importantes... Isto compensa qualquer tristeza. Diz-se que o homem precisa sofrer para crescer, talvez isso também aconteça com a mulher. A pessoa começa a não ter medo de si mesma».

É preciso tomar medidas drásticas para reeducar as mulheres iludidas pela mística feminina. Várias das que entrevistei e que se sentiam prisioneiras, nos últimos anos começaram a libertar-se. Mas há outras que regrediram por não descobrirem o que gostariam de fazer, ou então a maneira de realizá-lo. Em quase todos os casos a tentativa resultou em desperdício de tempo e dinheiro com os recursos educacionais existentes. Poucas donas de casa podem estudar o dia inteiro. Mesmo que as faculdades as aceitassem em regime de meio expediente — e a maioria não quer — raras suportariam a lentidão do ritmo de estudos, que se prolongariam por mais de dez anos. Algumas instituições mostram-se agora dispostas a aceitar donas de casa, mas terão a mesma boa vontade quando o caudal de seus filhos atingir a idade dos estudos superiores? Os programaspilotos iniciados em Sarah Lawrence e na Universidade de Minnesota começam a abrir caminho, mas não resolvem o problema tempo-dinheiro que, para a maioria das mulheres, é insolúvel.

O que é necessário agora é um programa educativo de âmbito nacional, semelhante ao projeto que beneficia os ex-combatentes, para as mulheres desejosas de assumir um compromisso profissional. A lei facultaria às mulheres qualificadas recursos para pagar seus estudos e mais uma quantia para outras despesas — livros, viagens e até, caso necessário, ajuda em casa. Esta medida custaria muito menos do que a que beneficiou os ex-combatentes e permitiria às mães utilizarem- se de recursos educacionais já existentes, em meio horário, além de estudo individual e pesquisa em casa, nos anos em que o comparecimento às classes fosse impossível. Todo o conceito de educação da mulher seria reorientado, passando dos quatro anos universitários a um plano a longo prazo, segundo o qual ela poderia continuar seus estudos sem entrar em conflito com o marido e os filhos.

Os soldados, amadurecidos pela guerra, precisavam de educarse para encontrar seu lugar na sociedade. Sem disposição para perder tempo, surpreenderam os professores e a si mesmos com seus feitos escolásticos. As mulheres que amadureceram como donas de casa serão capazes de repetir a proeza. Sua urgente necessidade de educação e a desesperada precisão de suas reservas de inteligência em todo o país e em todas as profissões justificam tais medidas de emergência.{227}

Para as que não ingressaram na universidade, ou saíram logo nos primeiros anos, para as que se desinteressaram de suas antigas especialidades, ou nunca levaram a sério os estudos, eu sugeriria em primeiro lugar uma reimersão intensiva e concentrada em humanidades, simplesmente. Nada de seleções e obras abreviadas, como as usadas em geral pelos alunos do primeiro e segundo anos, e sim um estudo intensivo, como as experiências tentadas pela Companhia Telefónica Bell ou a Fundação Ford, para jovens executivos que se haviam

ajustado de tal forma aos moldes de uma grande organização, que se tornaram incapazes da visão e iniciativa necessárias nos mais altos escalões administrativos. Para a mulher, isto poderia ser realizado segundo um programa nacional, nas linhas do movimento Danish Folk-High School, que começaria por conduzir a dona de casa à corrente de ideias contemporâneas, num curso concentrado de seis semanas, uma espécie de terapia de choque intelectual. Os estudos seriam *custeados* de modo que ela pudesse sair de casa e internar-se num colégio desocupado durante o verão. Ou então dirigir-se a um centro metropolitano, em bases igualmente intensivas, durante o verão, por seis ou oito semanas de cinco dias, com um dia de acampamento com as crianças.

Supondo-se que o tratamento de choque educacional desperte mulheres competentes a finalidades que exijam o equivalente do programa universitário de quatro anos e mais treinamento profissional, esse. programa seria completado em quatro anos ou menos, sem frequência diária, por meio de cursos intensivos de verão e mais leituras, trabalhos e projetos obrigatórios, feitos em casa, durante o inverno. Cursos pela televisão ou em colégios e universidades comunitárias poderiam ser combinados com conferências mensais. Seriam feitos para obtenção de conceitos ou notas, valendo os diplomas normais. Seria preciso elaborar um sistema de «equivalências», a fim de que uma aluna não ganhasse notas por um trabalho que não estivesse de acordo com as exigências do regulamento, mas recebesse crédito por um estudo verdadeiramente sério, mesmo quando feito em horas, locais e métodos que violasse os padrões académicos convencionais.

Algumas universidades automaticamente recusam donas de casa, impossibilitando a frequência de meio expediente. É possível que a culpa caiba às diletantes. Mas trabalhos orientados segundo um plano sério são a única espécie de estudo que impedirá a dona de casa de tornar-se uma simples amadora; a única maneira pela qual uma mulher com marido e filhos poderá fazer ou continuar sua educação. Poderia ser também o plano mais prático do ponto de vista da universidade. Com seus recursos já sobrecarregados por excesso de alunos, tanto as universidades como a mulher se beneficiariam com um programa de estudos que não exigisse frequência regular às aulas. Embora seja bastante conveniente para a Universidade de Minnesota pôr em funcionamento seu excelente Plano para Continuação de Estudos{228} dentro dos recursos normais da instituição, isso não ajudará à mulher que tiver que começar tudo da estaca zero, a fim de descobrir o que de fato deseja ser. Mas os recursos existentes em qualquer estabelecimento de ensino podem ser utilizados para preencher os vazios, enquanto a mulher faz seu novo plano de vida.

Colégios e universidade precisam também de um novo plano de vida, a fim de se tornarem instituições duradouras para os alunos, oferecer-lhes orientação, cuidar de seus relatórios, mante-los a par de trabalhos avançados por meio de cursos de atualização, feitos onde quer que seja. Contarão com muito maior lealdade e apoio financeiro das ex-alunas se, em vez de chás para colher doações e uma reunião sentimental a cinco de junho, elas puderem contar com o colégio

para o prosseguimento e a orientação de seus estudos. As diplomadas em Barnard podem voltar para fazer algum curso em qualquer ocasião, sem despesas financeiras, caso tenham preparo para tal. Todos os colégios poderiam organizar cursos de verão, para manter as antigas alunas atualizadas em suas respectivas especialidades, durante os anos em que os filhos são pequenos. Poderiam também aceitar estudantes em horário especial e organizar cursos de extensão para as donas de casa que não pudessem assistir regularmente às aulas. Poderiam inclusive orientá-las em leituras, trabalhos, ou projetos realizados em casa. Ou elaborar um sistema segundo o qual os trabalhos sobre educação, higiene mental, sociologia e ciências políticas em suas comunidades valessem pontos para a obtenção de um diploma. Em vez de recolher doações, que voluntárias façam seu aprendizado profissional obtendo crédito em lugar de pagamento pelo serviço de médico interno, por exemplo. Do mesmo modo, quando alguém fizer cursos em diferentes instituições, devido talvez a transferência do marido, ganhará pontos da agência, hospital, biblioteca ou laboratório, e o colégio onde estudou ou qualquer outro centro nacional de educação ouviria seus exames orais ou aceitaria as provas necessárias a obtenção de um diploma. O *conceito* de «educação permanente» já é uma realidade para os homens de diversas especialidades. Por que não para as mulheres? Nada de educar-se para uma carreira antes de ser mãe, ou para «ser melhor esposa e mãe», e sim educar-se para ser útil como membro total da comunidade.

Mas quantas americanas de fato desejam evoluir? — indagam os céticos. Um número fantástico de donas de casa de Nova Jersey respondeu a uma oferta de treinamento intensivo em matemática para ex-universitárias desejosas de ensinar a matéria. Em janeiro de 1962, uma simples notícia no *New York Times* dizia que Esther Raushenbush, do Sarah Lawrence, conseguira uma doação para auxiliar mulheres competentes a terminarem sua educação em horários especiais, adaptáveis às suas obrigações de donas de casa.]

A reação literalmente arrasou a pequena mesa telefónica do Sarah Lawrence. Dentro de vinte e quatro horas a sra. Raushenbush recebera mais de cem telefonemas. «Tinha-se a impressão de que todas queriam ingressar imediatamente, por medo de perder a oportunidade», comentou a telefonista.

Entrevistando as mulheres que se inscreveram no programa, a sra. Raushenbush, assim como Virgínia Senders de Minnesota, convenceu- se de que todas o necessitavam, na realidade. Não estavam «rejeitando neuròticamente» o marido e os filhos, não precisavam de psicoterapia, e sim de mais estudo — e com urgência — de modo a não prejudicar a família.

A educação e reeducação da mulher americana para uma finalidade mais séria não pode ser efetuada por uma ou duas instituições de visão mais atilada; tem que vir em escala muito mais ampla. E todos os que repetirem, por expediente ou diplomacia, os clichés da mística feminina a estarão prejudicando. É erróneo dizer, como alguns educadores de prestígio andam dizendo hoje, que a mulher deve utilizar-se naturalmente de sua educação, mas não em carreiras onde entre em competição com o homem.{229} Quando leva a sério estudos e talentos,

utilizando-os, mais tarde competirá com os homens. E é melhor competir impessoalmente na sociedade, como fazem eles, do que competir pela ascendência no lar, ou com os vizinhos por uma posição sem significado, abafando os filhos, que não podem ainda entrar na arena. Estudemos uma recente notícia sobre a última terapia ocupacional destinada a curar o espírito competitivo da mulher:

> Dia de semana típico em Dallas. Papai está no trabalho. O bebe tira a soneca da manhã. No quarto ao lado, o irmãozinho (3 anos) está cavalgando um cavalo de madeira e a irmãzinha (5 anos) assiste a desenho animado na televisão. E mamãe? Mamãe está a poucos passos, agachada diante do boliche de salão, o quadril voltado para a esquerda, a fim de orientar melhor a bola azul e branco e marcar um ponto. Em Dallas ou Cleveland, Albuquerque ou Spokane, enérgicas donas de casa abandonaram flanelas e aspiradores e conduziram os filhos às pistas de boliche, onde vigilantes, trabalhando em expediente integral, tomam conta das crianças em play-grounds bem equipados.
>
> O gerente de um salão de boliche de Albuquerque declarou: «Depois de casada, onde é que a mulher pode competir? Ela precisa, tanto quanto o homem, de competição... É muito melhor do que ficar em casa lavando pratos». {230}

Será talvez inútil observar que os salões de boliche e os supermercados têm creches, enquanto as escolas, os colégios, os laboratórios e as repartições do governo não as têm. Mas vale a pena dizer que se uma mulher saudável deixa de usar sua energia e capacidade com uma finalidade útil (que obrigatoriamente será competitiva, pois existe competição em todas as tarefas de valor da nossa sociedade), desgastará suas energias em sintomas neuróticos, exercícios estéreis ou «amor» destruidor.

É tempo de deixar de curvar-se à ideia de que não há mais lutas para a mulher americana, que seus direitos já foram todos conquistados. É ridículo dizer às jovens que se mantenham discretas ao entrarem em um novo setor, ou mesmo num antigo, para que os homens não reparem na sua presença. Em quase todos os campos profissionais, nos negócios, nas artes e nas ciências, a mulher continua a ser tratada como cidadã de segunda classe. Seria de grande ajuda dizer-lhes, às que esperam trabalhar na sociedade, que não se espantem diante dessa discriminação sutil e incomoda, mas também que não fiquem quietas, esperando que ela desapareça, e sim que a combatam. Uma jovem não deve esperar privilégios por causa de seu sexo, nem adaptar-se aos preconceitos e à discriminação.

Deve aprender a competir, não como mulher, mas como ser humano. Só depois que muitas abandonarem os lugares marginais e penetrarem no verdadeiro curso da sociedade conseguirão os meios para planejar vida nova. Mas todas as que conseguirem estudar direito ou medicina, e utilizando depois os estudos, ajudarão as outras a progredir. Cada mulher que combata as últimas barreiras no caminho da igualdade total, barreiras disfarçadas pela mística feminina, facilitará o caminho das que vierem atrás. A própria existência da Comissão Presidencial relativa ao Status da Mulher, sob a liderança de Eleanor Roosevelt, cria um clima onde é possível reconhecer e combater a discriminação da mulher, não só em termos de salário como de oportunidades de trabalho. Mesmo na política ela deve prestar a sua contribuição, não como dona de casa,

mas como cidadã. Foi um passo avante quando uma mulher protestou contra as experiências nucleares, sob o slogan «A Mulher Luta pela Paz». Mas porque motivo a ilustradora profissional que encabeçava o movimento declarou ser «apenas uma dona de casa»; e por que suas companheiras afirmavam que, tão logo os testes nucleares cessarem, ficarão em casa, muito felizes, junto aos filhos? Mesmo nas cidadelas dos grandes partidos políticos a mulher pode — e está começando — a modificar as insidiosas regras não-escritas que lhes permitem fazer apenas a cozinha do partido, enquanto os homens tomam as decisões.{231}

Quando um número significativo de mulheres fizer planos de vida orientados para seus verdadeiros talentos, lutarem em favor de licenças de maternidade, creches dirigidas por profissionais e outras alterações de legislação que se revelem necessárias, não serão obrigadas a sacrificar o direito a uma competição honrosa, do mesmo modo que não precisarão sacrificar casamento e maternidade. É errado ficar apontando opções desnecessárias, que levem a mulher inconscientemente a resistir a um compromisso ou à maternidade{232} e que impedem o reconhecimento das necessárias alterações sociais. A questão não é obter vantagens de ambos os lados. A mulher é prejudicada pelo sexo e assim prejudica a sociedade, copiando servilmente os padrões masculinos de evolução profissional, ou recusando-se a competir com o homem. Ma se tiver visão para fazer um novo plano de vida poderá saldar compromissos profissionais e políticos e enfrentar o casamento e a maternidade com idêntica seriedade.

As mulheres que assim agiram, apesar dos lúgubres avisos da mística feminina, são, de certo modo, «mutações», isto é, a imagem do que a americana poderia ser. Quando não podiam trabalhar em expediente integral para ganhar a vida, ocupavam algumas horas em tarefa que verdadeiramente as interessava; uma vez que para elas o tempo era essencial, muitas vezes passavam por cima dos detalhes e trabalhos inúteis da vida doméstica, tão do agrado da ativista profissional.

Soubessem ou não, estavam seguindo um plano de vida. Tinham os filhos antes ou depois do período de estágio, ou entre dois diplomas. Caso não conseguissem ajuda nos primeiros anos das crianças, renunciavam aos empregos, aceitando um de meio expediente, que talvez não remunerasse muito bem, mas permitia manter-se em dia com a profissão. As professoras traziam inovações aos grupos de pais e mestres; as médicas arranjavam empregos em clínicas ou centros de pesquisa próximos de casa; as editoras e escritoras trabalhavam como *free-lances*. Mesmo que o dinheiro assim ganho não fosse necessário para as despesas da casa (mas geralmente era) elas conquistavam assim uma prova tangível de sua capacidade para contribuir. Não se consideravam «mulheres de sorte» por serem donas de casa; competiam na sociedade. Sabiam que o casamento e a maternidade são parte essencial da vida, mas não toda ela.

Essas mulheres sofreram e venceram a «descontinuidade cultural no condicionamento ao seu papel», a «crise de situação» e a crise de identidade. Enfrentaram problemas e bem sérios, jogando com a gravidez, procurando babás e governantas, desistindo de boas situações quando o marido era transferido.

Tiveram também que aguentar muita hostilidade das outras mulheres e inúmeras suportaram o ressentimento ativo do marido. Além disso, por causa da mística, várias sofreram desnecessários complexos de culpa. Era preciso — e ainda é — uma força de vontade extraordinária para ser fiel a esse plano de vida quando a sociedade não o apoia. Contudo, à diferença das donas de casa prisioneiras, cujos problemas se multiplicam com o passar dos anos, resolveram suas crises e prosseguiram caminho, resistindo às persuasões e às pressões, sem renunciar aos seus valores, muitas vezes dolorosos, pelos consolos da conformidade. Não se recolheram às suas conchas — enfrentaram os desafios do mundo. E hoje em dia sabem muito bem quem são.

Realizaram, talvez sem o perceber, o que todo homem ou mulher deve fazer para se manter a par com o ritmo acelerado da história e encontrar ou conservar a sua individualidade em nossa sociedade niveladora. As crises de personalidade de homens e mulheres não podem ser resolvidas de uma geração para a outra; em nossa sociedade em rápida mutação precisam ser continuamente enfrentadas e resolvidas, para serem novamente enfrentadas e solucionadas no período de uma só existência. O plano de vida deve estar aberto a mudanças, à medida que novas possibilidades se apresentem, na sociedade e no íntimo de cada um. Americana alguma que inicie hoje sua busca saberá ao certo onde ela a conduzirá. Nenhuma a iniciará hoje sem lutas, sem conflitos, sem fazer apelo a toda a sua coragem. Mas as que conheci e que se adiantavam rapidamente nessa estrada desconhecida não lamentavam as dores, os esforços, os riscos.

À luz da longa luta pela emancipação, a recente contra-revolução sexual nos Estados Unidos foi talvez uma crise final, um estranho intervalo, antes que a lagarta rompesse o casulo para alcançar a maturidade — espaço de tempo durante o qual vários milhões de mulheres entraram no congelador e deixaram de evoluir. Diz-se que um dia a ciência conseguirá fazer com que o corpo humano viva mais tempo por meio de congelamento. Dltimamente a mulher americana vive muito mais que o homem, arrastando-se nesta sobrevida como uma morta-viva. Talvez o homem viva mais tempo quando a mulher participar mais intensamente da batalha da vida, em vez de ser mais um encargo. Creio que suas energias desperdiçadas continuarão a ser destruidoras para o marido, os filhos e ela própria enquanto não forem empregadas na batalha do mundo. Quando, porém, tanto a mulher como o homem emergirem da sua função biológica para se realizarem como seres humanos, essa metade desperdiçada da vida da mulher talvez venha a ser a época de suas maiores realizações.{233}

Então, a cisão da imagem desaparecerá e as filhas não terão que enfrentar aquele dilema aos vinte e um, ou aos quarenta e um anos. Quando mães realizadas as conduzirem à segurança de sua condição de mulher não será necessário esforçar-se por ser feminina. Poderão evoluir à vontade, até que por seus próprios esforços encontrem sua personalidade. Não precisarão da atenção de um rapaz ou de um homem para se sentirem vivas. E quando não mais precisarem viver através do marido e dos filhos, os homens não temerão o amor e a força da mulher, nem precisarão das suas fraquezas para provar a própria

masculinidade. E finalmente homem e mulher verão um ao outro como de fato são, o que talvez venha a ser um passo adiante na evolução humana.

Quem sabe o que será a mulher quando finalmente livre para ser ela mesma? Quem sabe qual a contribuição da sua inteligência quando esta puder ser alimentada sem sacrifício do amor? Quem sabe das possibilidades do amor quando o homem e a mulher compartilharem não só dos filhos, do lar, de um jardim, da concretização de seu papel biológico, mas também das responsabilidades e paixões do trabalho que constrói o futuro humano e traz o pleno conhecimento da personalidade? Mal foi iniciada a busca da mulher pela própria identidade. Mas está próximo o tempo em que as vozes da mística feminina não poderão abafar a voz íntima que a impele ao seu pleno desabrochar.

{1} Lee Rainwater, Richard P. Coleman e Gerald Handel, "Working-man's Wife" (Mulher de Operário), Nova York 1959.

{2} Betty Friedan, "If One Generation Can Ever Tell Another" "Se Uma Geração Pudesse Dizer à Outra), *Smith Alumnae Quarierly,* Northampton, Masc, Inverno de 1961. Percebi pela primeira vez o problema sem nome e seu possível relacionamento com o que acabei batizando de "mística feminina" em 1957, quando preparava um questionário intensivo^ e dirigia uma pesquisa de minhas colegas de classe do Smith College, quinze anos após a graduação. 0 questionário foi mais tarde usado por classes de antigas alunas de Radcliffe e outros colégios femininos, com resultados similares.

{3} Jhan e June Robbins, "Why Young Mothers Feel Trapped" (Por que as Jovens Mães se Sentem Prisioneiras), *Redbook,* setembro de 1960.

{4} Marian Freda Poverman, "Alumnae on Parade" (Antigas Alunas em Desfile), *Barnard Alumnae Magazine,* julho de 1957.

{5} Betty Friedan, "Women Are People Too" (Mulheres Também São Gente), *Good Housekeeping,* setembro de 1960. As cartas vindas de todos os pontos do país em resposta a este artigo continham tal intensidade emocional que eu me convenci de que o problema sem nome não se iimitava, de maneira alguma, às mulheres diplomadas pelas mais importantes universidades.

{6} Na década de 60, começaram a surgir de vez em quando heroínas que não eram felizes donas de casa", nas revistas femininas.
Um editor de *McCalVs* explicou: "De vez em quando publicamos um conto fora do comum, só por diversão". Há uma novela deste tipo escrita por encomenda por Noel Clad Para *Good Housekeeping,* janeiro de 1960 e intitulada "Men Againt to Women" (Os Homens contra as Mulheres). A heroina — uma feliz profissional — quase perde o filho e o marido.

{7} Erik H. Erikson, "Young Man Luther, A Study in Psychoanalysis and History" (O Jovem Lutero, um Estudo de Psicanálise e História), Nova York 1958, p. 15. Ver também Erikson, "Phildhood and Society" (Infância e Sociedade), Nova York 1950, e Erikson, "The Problem of Ego Identity" (O Problema da Identidade), *Journal of the American Psychoanalytical Association,* Vol. 4, 1956, pp. 56-121.

{8} Ver Eleanor Flexner, *Century of Strugglc: The Woman's Rlghts Movement in the United States* (Século de Lutas: O Movimento pelos Direitos da Mulher nos Estados Unidos); publicado em 1959, no auge da mística feminina, não recebeu a atenção que merece do leitor inteligente e dos intelectuais. Em minha opinião deveria ser leitura obrigatória para todas as universitárias americanas. Uma das razões da persistência da mística é o fato de que poucas mulheres com menos de quarenta anos conhecem de fato o movimento em

prol dos direitos da mulher. Muito devo a Eleanor Flexner pelas inúmeras pistas que sem ela me passariam despercebidas na luta pela verdade que jazia por detrás da mística feminina e sua monstruosa imagem das feministas.

{9} Consultar Sidney Ditzion, *Marriage, Morale and Sex in America — A History of Ideas* (Casamento, Moral e Sexo nos Estados Unidos — História de Ideias), Nova York 1953. Esse extenso ensaio bibliográfico, feito pelo bibliotecário da Universidade de Nova York, documenta o contínuo relacionamento entre os movimentos em prol de reformas sociais e sexuais nos Estados Unidos, especificamente o movimento do homem pela maior realização pessoal e sexual, e o movimento em prol dos direitos da mulher. Os discursos e documentos reunidos revelam que a luta pela emancipação da mulher era muitas vezes considerada pelo homem, assim como pelas mulheres que a lideravam, em termos de "criar um equilíbrio de forças entre os sexos", em benefício de "uma expressão mais satisfatória da sexualidade para ambos".

{10} Yuri Suhl, *Ernestine L. Rose and the Battle for Human Rights* (Ernestine L. Rose e a Luta em prol dos Direitos Humanos), Nova York 1959, p. 158. Uma vívida narrativa da luta da mulher casada pelo direito de propriedade e salário.

{11} Flexner, op. cit., p. 30.

{12} Elinor Rice Hays, *Morning Star, A Biography of Lucy Stone* (Estrela da Manhã — Biografia de Lucy Stone), Nova York 1961, p. 83.

{13} Flexner, op. cit., p. 64.

{14} Hays, op. cit., p. 136.

{15} Ibid., p. 285.

{16} Flexner, op. cit., p. 46.

{17} Ibid., p. 73.

{18} Hays, op. cit., p. 221.

{19} Flexner, op. cit., p. 117.

{20} bid., p. 235.

{21} Ibid., p. 299.

{22} lbid., p. 173.

{23} Ida Alexis Ross Wylie, "The Little Woman" (A Mulherzinha). *Harper's Magazine,* novembro de 1945.

{24} Clara Thompson, *Psychoanalysis: Evolution and Development* (Psicanálise — Evolução e Desenvolvimento), Nova York 1950, p. 131: "Freud não só enfatizou o biológico acima do cultural, como desenvolveu uma teoria cultural própria, baseada na teoria biológica. Havia dois obstáculos para a compreensão da importância dos fenómenos culturais que êle observou e registrou. Mas Freud estava demasiado ocupado em elaborar suas teorias biológicas para dar muita atenção aos outros aspectos dos dados que recolhia. Interessava-se principalmente por aplicar à sociedade humana sua teoria dos instintos. Supondo a existência de um instinto da morte, por exemplo, elaborou uma explanação dos

fenómenos culturais que observou em termos desse instinto. Já que não tinha a perspectiva que se obtém com o estudo comparativo das culturas, não podia avaliar os processos culturais como tais Muita coisa que Freud julgava ser biológica os pesquisadores modernos provaram ser uma reação a determinado tipo de cultura e não característica da natureza humana universal.

{25} Richard La Piere, *The Freudian Ethic* (A Ética Freudiana), Nova York 1959, p. 62.

{26} Ernest Jones, *The Life and Work of Sigmund Freud* (A Vida e a Obra de Sigmund Freud), Nova York 1953, Vol. I, p. 384

{27} Ibid., Vol. II (1955), p. 432.

{28} Ibid., Vol. I, pp. 7-14, 294; Vol. II, p. 483.

{29} Bruno Bettelheim, *Love is Not Enough: The Treatment of Emotionally Disturbed Children* (O Amor não Basta: Tratamento de Crianças Emocionalmente Perturbadas), Glencoe, HL, 1950, p. 7.

{30} Ernest L. Freud, *Letters of Sigmund Freud* (Cartas de Sigmund Freud), Nova York
1960, Carta 10, p. 27; carta 26, p. 71; carta 65, p. 145.

{31} Ibid., Carta 74, p. 60; carta 76, p. 161.

{32} Jones, op. cit., Vol. I, p. 176.

{33} Ibid., Vol. II, p. 422.

{34} ibid., Vol. I, p. 271.

"Suas descrições de atividades sexuais são tão diretas que muitos leitores as acharam quase secas, totalmente desprovidas de calor. Por tudo o que dele sei, posso dizer que demonstrou menos que o interesse pessoal normal no que é com frequência um tópico absorvente. Não havia nenhum sabor na menção das questões sexuais... Dava sempre a impressão de uma pessoa excepcionalmente casta —• a palavra puritana não seria exagerada — e tudo o que sabemos a respeito de sua primeira formação o confirma".

{35} Ibid., Vol. I, p. 102.

{36} Ibid., Vol. I, p. 110.

{37} Ibid., Vol. I, p. 124.

{38} rbid., Vol. I, p. 127.

{39} ıbid., Vol. I, p. 138.

{40} ıbid., Vol. I, p. 151.

{41} Helen, Walker Puner, *Freud, His Life and His Mind* (Freud, Sua Mente e Sua Vida), Nova York 1947, p. 152.

{42} Jones, op. cit., Vol. II, p. 121.

{43} Ibid., Vol. I, p. 301. Nos anos em que Freud estava germinando sua teoria sexual,
antes de sua heróica auto-análise, que o libertou da apaixonada dependência de uma série de homens, suas emoções estavam fixadas num brilhante otorrino-laringologista, chamado Fljess. Esta foi uma coincidência histórica muito decisiva para a mulher, pois Fliess propôs e obteve o apoio de Freud a uma fantástica "teoria científica", que reduzia todos os fenómenos da vida e

da morte à "bissexualidade", expressa em termos matemáticos por intermédio de uma tabela periódica baseada no número 28, o ciclo menstrual feminino. Freud aguardava seus encontros com Fliess "como para a satisfação da fome e da sede". E escreveu-lhe: "Ninguém pode substituir o relacionamento com um amigo que um ângulo particular, talvez feminino, de mim exige". Mesmo depois de sua auto-análise, Freud ainda esperava morrer no dia previsto pela tabela de Fliess, segundo a qual tudo podia ser calculado em termos do número feminino 28, ou do masculino 23, derivado do fim de um período menstrual até o começo do seguinte.

{44} Ibid., Vol. I, p. 320.

{45} Sigmund Freud, "Degradation in Erotic Life" (Degradação na Vida Erótica), *The Collected Papcrs of Sigmund Freud* (Coletânea de documentos de Sigmund Freud), Vol. IV.

{46} Thompson, op. cit., p. 133.

{47} Sigmund Freud, "The Psychology of Women" (A Psicologia da Mulher), *New Introductory Lectures on Psychoanalysis* (Novas Leituras Explicativas sobre a Psicanálise), traduzido por W. J. H. Sprott, Nova York 1933, p. 170.

{48} Ibid., p. 182.

{49} lbid., p. 182.

{50} Thompson, op. cit., p. 12:

A guerra de 1914-18 fêz voltar mais ainda a atenção para os impulsos do ego...

Outra ideia introduziu-se na análise, neste período... tanto a agressão como o sexo poderiam ser importante impulso recalcado... O problema consistia em como incluí-la na teoria dos instintos... Mais tarde Freud resolveu-o com sua segunda teoria dos instintos. A agressão situava-se como parte do instinto de morte. E' interessante que a auto-afirmação normal, isto é, o impulso para dominar, controlar, ou chegar a termos de autorealização com o ambiente não foi muito enfatizada por Freud.

{51} Sigmund Freud, "Anxiety and Instinctual Life" (A Ansiedade e a Vida Instintiva), A^iv *Introductory Lectures on Psychoanalysis,* p. 149.

{52} Marynia Farnham e Ferdinand Lundberg, *Modem Woman: The Lost Sex* (Mulher Moderna: O Sexo Perdido), Nova York e Londres 1947, p. 142.

{53} Ernest Jones, op. cit., Vol. II, p. 446.

{54} Helene Deutsh, *The Psychology of Women — A Psychoanalytical Interpretatlon* (A Psicologia da Mulher — Uma Interpretação Psicanalítica), Nova York 1944, Vol. I, p. 224.

{55} Ibid., Vol. I, p. 251.

{56} Sigmund Freud, "The Anatomy of the Mental Personality" (A Anatomia da Personalidade Mental), *New Introductory Lectures on Psychoanalysis,* p.

96.
{57} Henry A. Bowman, *Marriage for Modems,* Nova York 1942, p. 21.
{58} Ibid., p. 22.
{59} Ibid., p. 62.
{60} Ibid., pp. 74-76.
{61} Ibid., p. 66.
{62} Talcott Parsons, "Age and Sex in the Social Structure of the United States" (Idade e Sexo na Estrutura Social dos Estados Unidos), *Essays in Sociological Theory,* Glencoe, III, 1949, p. 223.
{63} Talcott Parsons, "An Analytical Approach to the Theory oi Social Stratification"
(Um Aspecto Analítico da Teoria da Estratificação Social), op. cit , p. 174
{64} Mirra Komarovsky, "Women in the Modem World, Their Education and Their Uilemmas" (A Mulher no Mundo Moderno — Sua Educação e Seus Dilemas), Boston
{65} Ibid., p. 66.
{66} Ibid., pp. 72-74.
{67} Mirra Komarovsky, "Funcional Analysis of Sex Roles" (Análise Funcional dos Papéis Sexuais), *American Sociological Revicw,* agosto de 1950. Ver também "Cultural contradictions and Sex Roles" (Contradições Culturais e Papéis Sexuais), *American Journal of Sociology,* novembro de 1946.
{68} Kingsley Davis, "The Myth of Funcional Analysis as a Special Method in Sociology and Anthropology" (O Mito da Análise Funcional como Método Especial de Sociologia e Antropologia), *American Sociological Review,* Vol. 24, N« 6, dezembro de 1959, pp. 757- 772. Davis observa que o funcionalismo se tornou mais ou menos idêntico à sociologia. Há uma sugestiva evidência de que o próprio estudo da sociologia, nos últimos anos, persuadiu as universitárias a restringir-se às suas funções sexuais tradicionais. Um relatório sobre "The Status of Women in Professional Sociology" (A Posição da Mulher na Sociologia Profissional). (Sylvia Fleiss Fava, *American Sociological Review,* Vol. 25, N"? 2, abril de 1960) demonstra que, embora a maioria dos estudantes de Sociologia sejam mulheres, de 1949 a 1958 houve um forte declínio tanto no número como na proporção de diplomas desta matéria concedidos ao sexo feminino (de 4.143 em 1949 desceu para 3.200 em 1955, e 3.606 em 1958). E embora de metade a dois terços dos certificados dos subgraduados fossem concedidos a mulheres, estas receberam apenas 25 a 43% dos diplomas de graduação, e de 8 a 19% dos doutorados. O número de mulheres diplomadas em todos os campos declinou violentamente na era da mística feminina, mas o campo da sociologia acusou um índice de abandono ainda mais alto.
{69} Margaret Alead, "Sex and Temperament in Three Primitive Societies (Sexo e Temperamento em três Sociedades Primitivas), Nova York 1935, p. 279.
{70} Margaret Mead, "From de South Seas" (Dos Mares do Sul), Nova York 1939, p. 321.

{71} Margaret Mead, "Male and Female" (Macho e Fêmea), Nova York 1955, pp. 16-18.
{72} Ibid., p. 26.
{73} Ibid., anotações, p. 289.
"Só comecei a trabalhar seriamente com as zonas do corpo depois que fui ao Arapesh,
em 1931. Embora estivesse familiarizada, de modo geral, com os trabalhos de Freud sobre o assunto, não percebi como poderiam ser aplicados neste campo até que li o primeiro relatório de Geza Roheim, "Psychoanalysis of Primitive Culture Types" (Psicanálise ds Tipos de Cultura Primitiva)... Mandei então buscar as obras de K. Abraham. Depois de familiarizar-me com Erik Homburger Erikson e sua maneira sistemática de lidar com tais ideias, estas tornaram-se parte integrante de meu equipamento teórico".
{74} Ibid., p. 50.
{75} Ibid., p. 72.
{76} Ibid., p. 84.
{77} Ibid., p. 85.
{78} Ibid., p. 135.
{79} Ibid., p. 274.
{80} Ibid., p. 278.
{81} Ibid., pp. 276-285.
{82} Margaret Mead, Introdução de *From the South Seas,* Nova York 1939, p. XIII. "Era inútil permitir às crianças cultivarem valores diferentes dos de sua sociedade...".
{83} Marie Jahoda e Joan Havei, "Psychological Problems of Women in Different Social
Roles — A Case History of Problem Formulation in Research" (Problemas Psicológicos da Mulher em Diferentes Funções Sociais — Histórico da Formulação do Problema env Pesquisa), *Educational Record,* Vol. 36, 1955, pp. 325-333.
{84} Mabel Newcomer, "A Century of Higher Education for Women" (Um Século de
Educação Superior para a Mulher), Nova York 1959, p. 45. A proporção de mulheres entre os estudantes universitários subiu, nos Estados Unidos, de 21% em 1870 para 47% em 1920; declinara para 35,2% em 1958. Cinco colégios femininos fecharam as portas; 21 tornaram-se mistos e 2, junioratos. Em 1956, três em cada cinco mulheres inscritas em colégios mistos faziam cursos de secretariado, enfermagem, economia doméstica. Menos de 1 em dez doutorados eram concedidos às mulheres, quando em 1920 era 1 em 6 e em 1940, 13%. Somente antes da Primeira Guerra Mundial os índices de mulheres diplomadas em carreiras profissionais estiveram tão baixos como nesse período. A extensão do retrocesso da americana pode também ser medida em termos do seu fracasso para desenvolver suas potencialidades. Segundo o *Woman-power,* de todas as jovens capazes de acompanhar um

curso universitário, apenas uma em quatro vai para a universidade, enquanto a proporção para os homens é de 50%; somente uma em 300 capazes de alcançar o doutorado consegue o Ph. D., enquanto a proporção para os homens é de 1 para trinta. Se a atual situação continuar, a americana em breve vai figurar entre as mulheres mais "atrasadas" do mundo. Os Estados Unidos são provavelmente o único país onde a proporção de mulheres com educação superior decresceu nos últimos 20 anos; na Suécia, na Grã-Bretanha e na França, assim como nas novas nações da Ásia e nos países comunistas aumentou constantemente. Na década de 50, mais francesas que americanas beneficiavam- se de educação superior e a proporção de profissionais duplicou nos últimos cinquenta
anos. Só no setor da medicina, a proporção de francesas é o quíntuplo das americanas; 70% dos médicos na União Soviética são mulheres, enquanto que nos Estados Unidos, apenas 5%. Consultar Alva Myrdal e Viola Klein, "Women's Two Roles — Home and Work" (Os dois Papéis da Mulher — Lar e Trabalho), Londres 1956, pp. 33-64.

{85} Mervin B. Freedman, "The Passage Through College" (Passagem pela Universidade), em "Personality Development During the College Years" (A Evolução da Personalidade Durante os Anos Universitários), publicado por Nevitt Sanford, no *Journal of Social Issues,* Vol. XII, N? 4, 1956, p. 15.

{86} John Bushnel, "Student Culture at Vassar", no *American College,* publicado **por** Nevitt Sanford, Nova York e Londres 1962, p. 509.

{87} Lynn White, "Educating our Daughters" (Educando nossas Filhas), Nova York 1950, pp. 18-48.

{88} Ibid., p. 76.

{89} Ibid., p. 77.

{90} Ibid., p. 79.

{91} Ver Dael Wolfle, "America's Resources of Specialized Talent" (Recursos Americanos de Talento Especializado), Nova York 1954.

{92} Citado num discurso da juíza Mary H. Donlon, no processo da "Conferência sobre
os Atuais Estatutos e Perspectivas de Pesquisa sobre a Educação da Mulher", 1957, Conselho Americano de Educação, Washington, D. C ver "The Bright Girl: A Major Source of Untapped Talent" (A Jovem Brilhante — Fonte de Talento Inexplorado), *Guidance Newsletter,* Science Research Associates Inc., Chicago, 111., maio de 1959.

{93} Ver Dael Wolfle, op. cit.

{94} John Summerskill, "Dropouts from College" (Desistências da Universidade), *The American College,* p. 631.

{95} Joseph M. Jones, "Does Overpopulation Mean Poverty" (Superpopulação Significará
Pobreza?), Centro de Desenvolvimento Económico Internacional, 1962. Ver ainda "United Nations Demographic Yearbook" (Anuário Demográfico das Nações Unidas), Nova York 1960, p. 580. Em 1958, nos Estados Unidos,

casavam-se mais moças entre os 15 e os 19 do que em qualquer outro grupo etário. Em todas as outras nações desenvolvidas, e em muitas das jovens nações subdesenvolvidas, a maioria das moças casa-se entre 20-24, ou depois dos 25. A tendência americana para o casamento entre adolescentes só encontra paralelo em países como o Paraguai, Venezuela, Honduras, Guatemala, México, Egito, Iraque e as Ilhas Fiji.

{96} Nevitt Sanford, "Higher Education as a Social Problem" (Educação Superior como Problema Social), *The American College,* p. 23.

{97} Elizabeth Douvan e Carol Kaye, "Motivational Factors in College Entrance" (Fatôres Motivacionais para o Ingresso na Universidade), *The American College,* pp. 202-206.

{98} Ibid., p. 208.

{99} Esther Lloyd Jones, "Women Today and Their Education" (A Mulher de Hoje e
sua Educação), *Teacher's College Record,* Vol. 57, Ne 1, outubro de 1955; e n' 7, abril
de 1956. Ver ainda Opal David, *The Education of Women — Signs for the Future,* American Council on Education, Washington, D. C, 1957.

{100} Mary Ann Guitar, "College Marriage Courses — Foun or Fraud?" (Cursos de Preparação para o Casamento — Diversão ou Fraude?), *Mademoiselle,* fevereiro de 1961.

{101} Helene Deutsh, op. cit., Vol. I, p. 290.

{102} Mirra Komarovsky, op. cit., p. 70. Pesquisas indicam que 40% das universitárias
se fingem de tolas junto aos homens. Uma vez que entre as que não agem assim se encontram as não muito inteligentes, conclui-se que a grande maioria das jovens americanas dotadas de inteligência brilhante habitua-se a escondê-la.

{103} Jean Macfarlane e Lester Sontag, pesquisa entregue à Comissão sobre a Educação da Mulher, Washington, D. C, 1954.

{104} Harold Webster, "Some Quantitative Results" (Alguns Resultados Quantitativos), in
Pcrsonality Development During the College Years, publicado por Nevitt Sanford, *Journal of Social Issues,* 1956, Vol. 12, N<? 4, p. 36.

{105} Nevitt Sanford. "Personality Development During the College Years, *Journal of Social Issues,* 1956, Vol. 12, N« 4.

{106} Mervin B. Freedman, "Studies of College Alumnae" (Estudos sobre Universitários),
The American College, p. 878.

{107} Lynn White. op. cit., p. 117.

{108} Ibid., p. 119.

{109} Max Lerner, (America as a Civilization" (A América como Civilização), Nova
York 1967, pp. 608-611:

"O ponto crucial reside, não na incapacidade biológica ou económica da mulher, mas no fato de se encontrar presa entre o mundo masculino, que não deseja conquistar, e seu próprio mundo, onde acha difícil realizar-se... Quando Walt Whitman exortou a mulher *"a* renunciar aos brinquedos e à fantasia para lançar-se, como o homem, na vida real, independente, tempestuosa..." estava pensando — assim como vários de seus contemporâneos — numa espécie errónea de igualdade... Se a mulher pretende descobrir sua personalidade precisa basear a confiança em si própria na condição de mulher e não no movimento em prol do feminismo. Margaret Mead observou que o ciclo biológico feminino possui certas fases bem marcadas, desde a menarca ao nascimento do primeiro filho e a menopausa; e que nesses estágios de seu ciclo vital, assim como no ritmo básico de seu corpo, sente-se segura de sua feminilidade, não tendo que provar sua potência, como o homem. Do mesmo modo, embora confusos, ela os cumpre sem desviar-se, caso esteja segura de que sua função central é a de mulher... Esta função principal, contudo, permanece a de criar um estilo de vida para si mesma e para a família, da qual é criadora e protetora".

{110} Ver Philip E. Jacob, "Changing Values In College" (Valores em Transformação na Universidade), Nova York 1957.

{111} Margaret Mead, "New Look at Earlv Marriages" (Novo Estudo dos Casamentos Prematuros), entrevista publicada no *U. S. News and World Report,* 6 de junho de 1960

{112} Ver *United Nations Demografic Yearbook,* Nova York 1960, pp. 99-118, 476-490 e
580. O índice anual de aumento de população nos Estados Unidos nos anos de 1955-59
foi muito mais elevado que os das outras nações ocidentais e inclusive o da índia, Japão,
Burma e Paquistão. Na verdade, o aumento de população na América do Norte (1.8) excedeu o mundial (1.7). O índice europeu foi .8, na Rússia 1.7, na Ásia 1.8, na Africa 1.9 e na América do Sul 2.3. O aumento de população nos países subdesenvolvidos foi em grande parte devido, naturalmente, ao progresso da medicina e à queda dos índices
de mortalidade; nos Estados Unidos foi quase inteiramente devido ao aumento de natalidade, aos casamentos prematuros. Pois o índice de nascimentos continuou a subir de 1950 a 1959, enquanto caía em países como a França, a Noruega, a Suécia, a Rússia, a Índia e o Japão. Os Estados Unidos eram a única nação "desenvolvida" e uma das raras no mundo inteiro onde, em 1958, as jovens se casavam entre os 15-19 anos, mais que em qualquer outra faixa etária. Mesmo os outros países que acusavam aumento no índice de natalidade — Alemanha, Canadá, a Grâ-Bretanha, Chile, Nova Zelândia e Peru — não apresentavam o fenómeno do casamento de adolescentes.

{113} Ver "A Mulher Inteligente" (continuação), *New York Times Magazine,* 17 de janeiro

de 1960, cartas de leitoras ofendidas em resposta ao artigo de Marya Mannes, "Inteligência Feminina — Quem a Quer?", *New York Times Magazine,* 3 de janeiro de 1960.

{114} Ver Nacional Manpower Council, *Womanpower,* Nova York 1957. Em 1940, mais de metade de todas as mulheres empregadas nos Estados Unidos tinham menos de 25 anos, e um quinto, mais de 45. Na década de 50, o ápice da participação em empregos remunerados ocorre entre as jovens de 18-19 anos e as senhoras de mais de 45, das quais a grande maioria ocupava cargos pouco exigentes. A nova tendência das mulheres casadas mais velhas a ingressar no contingente de trabalho é em parte devida ao fato de que poucas das de vinte e trinta anos trabalham hoje em dia, nos Estados Unidos. Duas em cinco de todas as mulheres empregadas têm agora mais de 45 anos, quase sempre casadas e mães de família, trabalhando meio expediente em cargos sem especialização. Os relatórios que falam de milhões de americanas casadas trabalhando fora são enganadores em mais de um sentido: de todas as empregadas, apenas um terço tem cargos de expediente integral, um terço trabalha nessas bases apenas metade do ano — por exemplo, como vendedora, pela época do Natal — e um terço trabalha em meio expediente, parte do ano. As profissionais são, na maioria, aquele número cada vez menor de mulheres solteiras; as mais ve has, donas de casa e mães, assim como as de 18 anos sem qualificações, concentram-se na parte inferior da escala de habilitações e salários — operárias, vendedoras e empregadas de escritório. Considerando-se o aumento da população e da profissionalização do trabalho nos Estados Unidos, o espantoso fenómeno não é o muifo anunciado e relativamente insignificante aumento no número de americanas que trabalham, agora, fora de casa, e sim o fato de que duas em três mulheres adultas *não* trabalham fora, constituindo milhões de mulheres jovens não preparadas e educadas para trabalhar em qualquer profissão. Ver também Theodore Caplow, "The Sociology of Work" (A Sociologia do Trabalho), 1954, e Alva Myrdal e Viola Klein, "Women's Two Roles — Home and Work" (Os dois Papéis da Mulher — **Lar** e Trabalho), Londres 1956.

{115} Edward Strecker, "Their Mothers' Sons" (Filhinhos da Mamãe), Philadelphia e Nova York 1946, pp. 52-59.

{116} Ibid., p. 31.

{117} Farnham e Lundberg, *"Modern* Woman — The Lost Sex" (A Mulher Moderna — O Sexo Perdido), p. 271. Ver também Lynn White, *Educating Our Daughters,* p. 90.

"Os resultados preliminares de um cuidadoso estudo dos hábitos sexuais do

americano,
feito na Universidade de Indiana pelo Dr. A. C Kinsey, indica que há uma correlação inversa entre a educação e o capacidade da mulher para atingir habitualmente o orgasmo nas relações sexuais. Diante das atuais evidências, reconhecidamente experimentais, quase 65% das relações conjugais de mulheres com estudos superiores não alcançam
o orgasmo, enquanto que entre as casadas que não ultrapassaram os estudos primários,
o índice é 15%.

{118} Alfred C Kinsey e outros, Equipe do Instituto de Pesquisas Sexuais, Universidade
de Indiana, "Sexual Behavior in the Human Female" (Comportamento Sexual da Mulher),
Filadélfia e Londres 1953, p. 378

{119} Lois Meek Stolz, "Efeitos do Emprego da Mãe sobre a Criança — Resultados de
Pesquisa" — *Chila Development* (Desenvolvimento da Criança), Vol. 31, N» 4, 1960, pp. 749-782.

{120} Stolz, op. cit., ver também Alyrdal e Klein, op. cit., p. 125.

{121} Benjamim Spock, "Russian Children Don't Whime, Squabble or Break Things —
Why?" (As Crianças Russas não Choramingam, não Fazem Manhas e não Quebram Óbjetos — Por quê?), *Ladies' Home. Journal,* outubro de 1960.

{122} David Levy, "Maternal Overprotection" (Superproteção Maternal), Nova York 1943.

{123} Arnold W. Green, "The Middle-Class Male Child and Neurosis" (O Menino de Classe Média e a Neurose), *American Sociological Review,* Vol. II, N? 1, 1946.

{124} Os estudos em que se baseia este capítulo foram realizados pela equipe do Instituto
de Pesquisa Motivacional, dirigida pelo Dr. Ernest Dichter. Foram colocados à minha disposição por cortesia do Dr. Dichter e seus colegas, e encontram-se nos arquivos do Instituto em Croton- on- Hudson, Nova York.

{125} Jhan e June Robbins, "Why Young Mothers Feel Trapped" (Por que se Sentem as Jovens Mães Prisioneiras), *Redbook,* setembro de 1960.

{126} Carola Woerishoffer — Departamento de Economia e Pesquisa Social, "Women During the War and After" (A Aíulher Durante a Guerra e Após), Rryn Mawr 1945.

{127} Theodore Caplow observa em "The Sociology of Work" (A Sociologia do Trabalho),
p. 234, que, com a rápida expansão da economia depois de 1900 e a urbanização extremamente rápida dos Estados Unidos, o aumento do mercado de trabalho para mulheres passou de 20,4% em 1900 para 28,5% em 1950, cifra excessivamente modesta. Recentes estudos sobre o tempo gasto pela

dona de casa americana nos trabalhos domésticos, que confirmam a minha descrição do efeito de Parkinson, são resumidas por Jean Warren em "Time: Resource or Utility" (Tempo — Recurso ou Utilidade), *Journal of Home Economias,* Vol. 49, janeiro de 1957, pp. 21 ss. Alva Myrdal e Viola Klein em "Women's Two Roles — Home and Work" (Os Dois Papéis da Mulher — Lar e Trabalho), citam um estudo francês demonstrando que as mulheres que trabalham fora reduzem, em comparação com as donas de casa de tempo integral, o período dedicado às tarefas domésticas em 30 horas por semana. A semana de trabalho de uma mãe de três filhos com emprego fora perfaz 35.2 horas no emprego e 48.3 nas tarefas domésticas; a dona de casa de expediente integral passa 77.7 horas nos trabalhos caseiros. A mãe de família com emprego ou profissão *fali time,* acumulando ainda o serviço de casa e das crianças, trabalhava apenas uma hora a mais por dia do que a dona de casa exclusiva.

{128} Robert Wood, *Suburbia, Its People and Tlieir Politics,* Boston 1959.

{129} Ver "Papa's Taking Over the Pta Mama Started" (Papai Substituiu Mamãe), Nova
York, *Herald Tribune,* 10 de fevereiro de 1962. Na convenção nacional de 1962 das Associações de Pais e Mestres revelou-se que 32% dos 46.457 atuais prsidentes são homens. Em alguns estados, a porcentagem é ainda mais alta, inclusive em Nova York (35%), Connecticut (45%) e Delaware (80%).

{130} Nanette E. Scofield, "Some Changing Roles of Women in Suburbia: A Social Anthropological Case Study" (Algumas Funções Modificam-se para a Mulher dos Subúrbios, — Um Estudo Antropológico e Social), da Academia de Ciências de Nova York, Vol. 22, N» 6, abril de 1960.

{131} Mervin B. Freedman, "Studies of College Alumni" (Estudos de Universitários), *The American College, p.* 872.

{132} Murray T. Pringle, "Women Are Wretched Housekeepers" (As Mulheres São Péssimas Donas de Casa", *Science Digest,* junho de 1960.

{133} Ver *Time,* 20 de abril de 1959.

{134} Farnham e Lundberg, "Modern Women: The Lost Lex" (Mulher Moderna: O Sexo Perdido), p. 369.

{135} Edith M. Stern, "Women Are Household Slaves" (As Mulheres São Escravas Domésticas), *American Mercury,* janeiro de 1949.

{136} Russell Lynes, "The New Servant Class" (A Nova Classe das Criadas), *A Surfeit of Honey,* Nova York 1957, pp. 49-64.

{137} Vários historiadores sociais comentaram a preocupação com o sexo nos Estados Unidos, do ponto de vista do homem. "A América vem dando mais destaque ao sexo que qualquer civilização desde a romana", diz Max Lerner, *Americana as a Civilization,* p. «78. David Riesman em "The Lonely Crowd" (A Multidão Solitária), New Haven 1950, p. 172, chama ao sexo "A Última Fronteira". "Mais que nunca, à medida que a mentalidade do emprego declina, o sexo permeia os dias e a diversão consciente. E' encarado como um bem de consumo, não só pelas antigas classes ociosas, como pelas massas modernas,

beneficiadas pelo lazer... Uma das razões da mudança é que a mulher deixou de ser objeto do consumidor, passando a competidora... Hoje em dia, milhões de mulheres, libertadas pela tecnologia das inúmeras tarefas domésticas, recebem também da tecnologia auxílio para o romance, tornando-se, ao lado do homem, pioneiro nas conquistas sexuais. À medida que se tornam consumidoras bem informadas, aumenta a ansiedade do homem pelo possível fracasso em satisfazê-las...

Os clínicos gerais têm observado que os homens são "consumidores" menos ávidos que as mulheres. O falecido Dr. Abraham Stone, a quem entrevistei pouco antes de sua morte, declarou que as mulheres queixam-se cada vez mais de maridos sexualmente insatisfatórios. O Dr. Karl Menníger declara que para cada mulher que se queixa da excessiva sexualidade do marido, uma dúzia lamenta que êle seja apático ou impotente. Estes problemas são citados nos meios de comunicação de massa como mais uma prova de que a mulher americana está perdendo a "feminilidade", confirmando a mística. Consultar John Lageman, "The Male Sex", *Redbook,* dezembro de 1956. Albert Ellis, "The FoMclore of Sex" (O Folc'ore do Sexo), Nova York 1961, p. 123.

{138} Ver a engraçada paródia "The Pious Pornographers" (Ós Pornógrafos Puritanos), de Ray Russell, no *The Permanent Playboy,* Nova York 1959.

{139} A. C. Spectorsky, *The Exurbanites,* Nova York 1955, p. 223.

{140} Nathan Ackerman, "The Psichodinamics of Family Life" (A Psicodinâmica da Vida de Família), Nova York 1958, pp. 112-127.

{141} Evan Hunter, "Strangers When We Meet" (Estranhos Quando nos Encontramos), Nova York 1958, pp. 231-235.

{142} Kinsey e outros, "Sexual Behavior in the Human Female" (Comportamento Sexual da Mulher), pp. 353, 426.

{143} Doris Menzer-Benaron e outros, "Patterns of Emotional Recovery from Hysterectomy" (Padrões de Recuperação Emocional da Histerectomia), *Psychosomatic Medicine,* XIX, N"? 5. setembro de 1957, pp. 378-388.

{144} O fato de que 75 a 85% das jovens mães americanas sentem hoje emoções negativas — ressentimento, dor, desapontamento, rejeição — quando ficam grávidas pela primeira vez ficou confirmado em diversos estudos. Na verdade, os criadores da mística feminina divulgam descobertas para tranquilizar as jovens mães: segundo estas são "normais" esses estranhos sentimentos de rejeição durante a gravidez e o único problema é o remorso deles resultante. *Redbook,* em "How Women Really Feel about Pregnancy" (Como as Muíheres se Sentem em Relação à Gravidez) (novembro de 1958) registra que a Escola de Saúde Pública de Harvard achou que 80 a 85% das "mulheres normais rejeitam a gravidez quando engravidam"; 0 Hospital Escola de Long Island descobriu que menos de um quarto das mulheres ficam "felizes" com a gravidez; um estudo de New Haven encontra apenas 17% de mulheres contentes por ter um filho. Comenta o editor: O verdadeiro perigo quando sobrevêm uma gravidez indesejada e perturbada é que a mulher sinta pânico e remorsos, acreditando que suas reações são anormais. Tanto as

relações conjugais como as de mãe-filho podem ficar prejudicadas... Às vezes um especialista em saúde mental é necessário para tranquilizar o sentimento de culpa... Não há ocasião em que a mulher normal não se sinta deprimida e cheia de dúvidas ao saber que está grávida. Tais artigos nunca mencionam os vários estudos indicando que a mulher nos outros países, mais e menos adiantados que os Estados Unidos, e até "profissional" são menos sujeitas a esta rejeição emocional da gravidez. A depressão nesse período pode ser "normal" para a mãe doméstica da era da mística feminina, mas não é normal na maternidade. É como disse Ruth Benedict: não é a necessidade biológica, e sim a nossa cultura que cria os desconfortos físicos e psicológicos do ciclo feminino. Ver "Continuities and Discontinuities in Cultural Conditioning" (Continuidades e Descontinuidades no Condicionamento Cultural).

{145} Consultar William J. Goode, "Alter Divorce" (Depois do Divórcio), Glencoe, 111, 1956.

{146} A. C Kinsey e outros, em "Sexual Behavior in the Human Male" (Comportamento Sexual do Homem), Filadélfia e Londres 1948, pp. 259, 585-588.

{147} O desprezo masculino pela mulher americana depois que ela se amoldou à mística
feminina é manifesto de maneira deprimente no número de julho de 1962 de *Esqiúrc,*
"The American Woman, A New Point of View" (A Mulher Americana — Um Novo Ponto de Vista). Consultar especialmente "The Word to Woman — 'No' " (A Palavra para a Alulher: Não), de Robert Alan Arthur, p. 32. A falta de atrativo da americana ávida de sexo é comentada por Malcolm Muggeridge, "Bedding Down in the Colonies" (Relações Sexuais nas Colónias), p. 84: "Como mortificam a carne para torná-la apetitosa! Sua beleza é uma vasta indústria, sua aparência conservada, uma disciplina que as freiras e os atletas talvez achem excessiva. Demasiado carregadas de sexo para serem sensuais e demasiado encantadoras para encantar, a idade não as faz murchar e o hábito não destrói sua infinita monotonia".

{148} Kinsey, "Semal Behavior in the Human Malc", p. 631.

{149} Ver Donald Webster Cory, "The Homosexual in America" (O Homossexual na América), Nova York 1960, prefácio da segunda edição, p. XXII. E também Albert Eliis, op. cit., pp. 186-190. E Seward Hiltner, "Stability and Change in American Sexual Patterns" (Estabilidade e Mudança nos Padrões Sexuais Americanos), em "Sexual Behavior in American Society" (Comportamento Sexual na Sociedade Americana), Jerome Hinelhoch e Sylvia Fieis Fava, Nova York 1955, p. 321.

{150} Sigmund Freud, "Three Contributions to the Theory of Sex" (Três Contribuições para a Teoria do Sexo), Nova York 1948, p. 10.

{151} Kinsey, "Sexual Behavior in the Human Male" (Comportamento Sexual do Homem), p. 610. Ver também Donald Webster Cory, op. cit., p. 97.

{152} Os nascimentos ilegítimos aumentaram 194% de 1956 para 1962; as

doenças venéreas entre os jovens, 132% *(Time,* 16 de março de 1962).
{153} Kinsey, "Sexual Behavior in the Human Male", pp. .348, 427-433.
{154} Idem, ibidem', pp. 293, 378, 382.
{155} Clara Thompson, "Changing Concepts of Homosexuality in Psichoanalysis" (Modificação nos Conceitos da Homossexualidade em Picanálise), em "A Síudy of Iterpersona! Relations, New Contributions to Psychiatry" (Um Estudo das Relações Interpessoais, Novas Contribuições para a Psiquiatria), Patrick Mallahy, Nova York 1949, p. 218.
{156} Erich Fromm, "Sex and Character — Kinsey Report Viewed from the Standpoint of Psychoanalysis" (Sexo e Caráter — O Relatório Kinsey Visto do Angulo da Psicanálise), em "Sexual Behavior in American Society" (Comportamento Sexual da Sociedade Americana), p. 307.
{157} Cari Binger, "The Pressures on College Girls Today" (As Pressões sobre a Universitária Moderna), *Atlantic Monthly,* fevereiro de 1961.
{158} Sallie Bimgham, "Winter Term" (Tempo de Inverno), *Mademoiselle,* julho de 1958.
{159} Mnrjorie K. McCorquodale, "What They Will Die for in Houston" (Por isto Eles Morrerão em Houston), *Harper's,* outubro de 1961.
{160} Ver David Riesman, "The Lonely Crowd" (A Multidão Solitária); e também Erich
Fromm, "Escape From Freedom" (Fugindo à Liberdade), Nova York e Toronto 1941, pp. 185-206. E ainda Erik H. Erikson, "Childhwood and Society" (Infância e Sociedade), p. 239.
{161} David Riesman, introdução a Edgar Friedenberg: "The Vanishing Adolescent" (Os Adolescentes Desaparecidos), Boston 1959.
{162} Harold Taylor, "Freedom and Authority on the Campus" (Liberdade e Autoridade
no Campus), em *The American Collegc,* p. 780.
{163} David Riesman, introdução a "The Vanishing Adolescent", de Edgar Friedenberg.
{164} Ver Eugene Kinkead, "In Every War But One" (Em Todas as Guerras, menos Uma),
Nova York 1959. Houve uma tentativa, recentemente, de lançar o descrédito ou abafar
estas descobertas. Mas a gravação de uma conferência feita na Associação de Psiquiatria Americana, em 1958, pelo Dr. William Mayer, que integrou uma das equipes de psiquiatras e oficiais de informação que entrevistaram os prisioneiros de regresso em 1953, analisando os dados assim obtidos, levou vários pediatras e especialistas em puericultura a indagar, nas palavras do Dr. Spock: "Os pais extremamente indulgentes são mais numerosos hoje e estarão debilitando o caráter de nossas crianças?" Benjamin Spock, "Are We Bringing Up Our Children Too 'Soft' for the Stern Keality They Must Face?" (Estaremos Criando Nossos Filhos com Demasiada Indulgência para as Sérias Realidades que Deverão Enfrentar?), *Ladies' Home Journal,* setembro de 1960. Por mais ofensivo ao orgulho americano, deve haver uma explicação

para o colapso dos prisioneiros na Coreia, uma vez que diferia não só do comportamento dos soldados americanos em guerras anteriores, como do de outras nacionalidades na Coreia. Nenhum prisioneiro americano conseguiu fugir dos
campos de concentração inimigos, conforme aconteceu em outras guerras. O chocante índice de mortalidade — 38% — não pode ser explicado, segundo as autoridades militares, à base de clima, alimentação ou recursos médicos inadequados, nem foi causado por brutalidade ou tortura. "Desânimo" é como um médico classificou a doença de que morreram os americanos. Passavam simplesmente os dias encolhidos debaixo dos cobertores, reduzindo a dieta a água somente, até morrerem, o que geralmente ocorria dentro de três semanas. Isto parece ter sido um fenómeno exclusivamente americano. Os prisioneiros turcos, que também faziam parte das forças das Nações Unidas na Coreia, não perderam homens por doença ou fome; mantinham-se unidos, obedeciam aos oficiais, aos regulamentos sanitários, cooperavam no tratamento dos doentes e recusavam-se a prestar informações sobre os colegas.

{165} Edgar Friedenberg, "The Vanishing Adolescent", p. 212.

{166} Andras Angval, médico, "Evasion of Orowth" (Fuga ao Crescimento), *American*
Journal of Psychiatry, Vol. 110, N1? 5, novembro de 1953, pp. 358-361. Ver ainda Erich Fromm, "Escape FrÒm Freedom" (Fuga à Liberdade), pp. 138-206.

{167} **Ver** Richard E. Gordon e Katherine K. Gordon, "Social Factors in the Prediction
and Treatment of Emotional Disorders in Pregnaney" (Fatôres Sociais na Previsão e Tratamento de Perturbações Emocionais da Gravidez), *American Journal of Obstetrics and Gynecology,* 1959, pp. 1074-1083; e também Richard E. Gordon e Katherine K. Gordon, "Psychiatry Problems of a Rapidly Growing Suburb" (Problemas Psiquiátricos de um Subúrbio em Rápido Crescimento), *American Medicai Association Archives of Neurology and Psychiatry,* 1958, Vol. 79; "Psychosomatic Problems of a Rapidly Growing Suburb" (Problemas Psicossomáticos de um Subúrbio em Rápido Crescimento), *Journal of the American Medicai Association,* 1959, pp. 170:15; e "Social Psychiatry of a Mobile Suburb" (Psiquiatria Social de um Subúrbio em Mutação), *International Journal of Social Psychiatry,* 1960, pp. 89-99. Algumas destas descobertas foram divulgadas nas histórias verídicas de "The Split Levei Trap" (A Armadilha da Casa Moderna), escrita pelos Gordons, em colaboração com Max Gunther (Nova York 1960.

{168} Richard E. Oordon, "Sociodinamics and Psychoterapy" (Sociodinâmica e Psicoterapia), Associação Médica Americana, "Arquivos de Neurologia e Psiquiatria", abril de 1959, Vol. 81, pp. 486-503.

{169} Adelaide M. Johnson e S. A. Szurets, "The Génesis of Antisocial Acting Out in
Children and Adults" (Génese da Imitação Anti-social em Crianças e

Adultos), *Psychoanalytic Quarterly,* 1952, pp. 323-343.
{170} Ibid.
{171} Beata Rank, "Adaptation of the Psychoanalytical Technique for the Treatment of
Young Children with Atypical Development" (Adaptação da Técnica Psicanalítica para o Tratamento de Crianças Pequenas, de Desenvolvimento Atípico), *American Journal of Orthopsychiatry,* XIX, janeiro de 1949.
{172} Ibid.
{173} Ibid.
{174} Beata Rank, Marian C Outnam e Gregory Rochlin, médicos, "The Significance of
the Emotional Climate" (A Significação do Clima Emocional), Early Feedings Difficulties (Primeiras Dificuldades Alimentares), *Psychosomatic Medicine,* X, 5 de outubro de 1948.
{175} Richard E. Gordon e Katherine Gordon, "Social Psychiatry oí a Mobile Suburb",
op. cit., pp. 89-100.
{176} Ibid.
{177} Oscar Sterbach, "Sex Without Love and Marriage Without Responsability" (Sexo
Sem Amor e Casamento Sem Responsabilidade), palestra da 38* Conferência Anual da Associação de 12 de março de 1962, Nova York.
{178} Bruno Bettleheim, "The Informed Heart — Autonomy in a Mass Age" (Coração
Bem Informado — Autonomia na Era das Massas), Glencoe, Illinois 1960.
{179} Ibid., pp. 162-169.
{180} Ibid., p. 231.
{181} Ibid., p. 233.
{182} Ibid., D. 265
{183} Rollo May, "The Origins and Signiíicance of the Existential Movement in Psychology" (As Origens e o Significado do Movimento Existencialista na Psicologia), "Existence, A New Dimension in Psychiatry and Psychology" (Existência — Uma Nova Dimensão da Psiquiatria e Psicologia), Rollo May, Ernest Angel e Henri F. Ellenberger, Nova York 1958, p. 30. (Ver também Erich Fromm, "Escape from Freedom", p. 269; A. H. Maslow, "Motivation and Personallty" (Motivação e Personalidade), Nova York 1954; David Riesman, *The Lonely Crowd.*
{184} Rollo May, "Contributions of Existential Psychotherapy" (Contribuições à Psicoterapia Existencial), em *Existence, A New Dimension in Psychiatry and Psychology,* p. 87.
{185} Ibid., p. 52.
{186} Ibid., p. 53.
{187} Ibid., p. 59.
{188} Ver Kurt Goldstein, "The Organism, A Holistic Approach to Biology

Derived From
Pathological Data on Man" (O Organismo — Um Angulo Novo para a Biologia, Derivado de Dados Patológicos sobre o Homem), Nova York e Cincinnati 1939; e também "Abstract and Concrete Behavior" (Comportamento Concreto e Abstrato), Evanston, 111., 1950; "Case of Idiot Savant" (Caso do Idiota Sábio), com Martin Scheerer, Evanston, 1945; "Human Nature in the Light of Psychopathology" (A Natureza Humana à Luz da Psicopatologia), Cambridge 1947; "After-Effects of Brain Injorics in War" (Efeitos Retardados dos Ferimentos no Cérebro Durante a Guerra), Nova York 1942.

{189} Eugene Minkowski, "Findings in a Case of Schizophrenic Depression" (Descobertas
em um Caso de Depressão Esquizofrênica), *Existence, A New Dimension in Psycliiatry*
and Psycholagy, p. 132

{190} O. Hobart Mower, "Time as a Determinant in Integrative Learning" (O Tempo como Fator Determinante no Aprendizado Integral), "Learning Theory and Personality Dynamics" (Teoria do Aprendizado e Dinâmica da Personalidade), Nova York 1950.

{191} Eugene Minkowski, op. cit., pp. 133-138: Pensamos, agimos e desejamos para além da morte a que não podemos escapar. A própria existência de tais fenómenos, como o desejo de fazer algo pelas futuras gerações, indica claramente nossa atitude a esse respeito. Em nosso paciente, era o impulso para o futuro que parecia faltar totalmente... Neste ímpeto pessoal existe um elemento de expansão; vamos além dos limites do nosso ego e deixamos um selo pessoal no mundo à nossa volta, criando trabalhos que se separam de nós para viver sua própria vida. Isto é acompanhado de um sentimento específico, positivo, a que chamamos contentamento — o prazer que acompanha toda ação realizada, ou firme decisão. Como sensação é inigualável... Toda a nossa evolução individual consiste em procurar ultrapassar o que já foi feito. Quando a nossa vida mental se obscurece, o futuro fecha-se diante de nós...

{192} Rollo May, "Contributions of Existential Psychotherapy", p. 31. Na filosofia de
Nietzsche, a personalidade e a dignidade humanas "nos são entregues como uma tarefa
que nós mesmos devemos resolver"; na filosofia de Tillich, se a pessoa não tem a "coragem de ser", perde a sua personalidade; na de Sartre, a pessoa são suas próprias escolhas.

{193} A. H. Maslow, "Motivation and Personality" (Motivação é Personalidade), p. 83.

{194} A. H. Maslow, "Some Basic Propositions of Holistic-Dynamic Psychology" (Algumas Proposições Básicas de Psicologia Dinâmica), estudo inédito, Universidade de Brandeis.

{195} Ibid.

{196} A. H. Maslow, "Some Basic Propositions of Holictic-Dynamic Psychology" (Algudencia, Personalidade e Conduta Social da Mulher), *Journal of Social Psychology,* 1939, Vol. 10, pp. 3-39; e "Se!f-Esteem (Dominance-Feeling) and Sexuality in Women" (Auto- Estima e Sexualidade na Mulher), *Journal of Social Psychology,* 1942, Vol. 16, pp. 259-294.
{197} A. H. Alaslow, "Dominance, Personality and Social Behavior in Women", opcit., pp. 3-11.
{198} Ibid., p. 13.
{199} Ibid., p. 180.
{200} H. Maslow, "Self-Esteem (Dominance-Feeling) and Sexuality in Wotnen", p. 288.
Maslow observa, porém, que as mulheres de personalidade insegura fingem uma auto-estima que não possuem na verdade. Tais mulheres precisam "dominar", no sentido comum da palavra, no relacionamento sexual, a fim de compensar sua insegurança; tornam-se assim castradoras ou masoquistas. Conforme observei, devem ser muito abundantes numa sociedade que concede à mulher poucas oportunidades de verdadeira auto-estima; esta é sem_ dúvida a base do mito da mulher devoradora, e da equação de feminilidade com inveia do pênis e/ou passividade masoquista, segundo Freud.
{201} A. H. Maslow. "Motivação e Personalidade", p. 200.
{202} Ibid., p. 211.
{203} Ibid., p. 214.
{204} Ibid., p. 242.
{205} Ibid., p. 257. Maslow descobriu que as pessoas que se auto-atualizam "têm em grau
superlativo a rara capacidade de se alegrar, em vez de se sentirem ameaçadas pelos êxitos de um companheiro... O exemplo mais impressionante é o orgulho sem reservas do marido pelas realizações da mulher, mesmo quando ultrapassam as ' suas" (ibid., p. 252).
{206} Ibid., p. 245.
{207} Ibid., p. 255.
{208} A. C Kinsev, "Sexual Rehavior in the Htiman Female" (Conduta Sexual da Mulher),
p. 356, Tabela 97, p. 397; Tabela 104, p. 403.
{209} Ibid., p. 355.
{210} Ver Judson T. Landis, "The Women Kinsey Studied" (As Mulheres que Kinsey Estudou), George Simpson, "Nonsense about Women" (Tolices de Mulher) e A. H. Masiow e James M. Sakoda, "Volunter Error in t.he Kinsey Study" (Erro Voluntário no Relatório Kinsey), em "Sexual Behavior in American Society" (Comportamento Sexual na Sociedade Americana).
{211} Ernest W. Burgess e Leonard S. Cottrell Jr., "Predicting Sucess or Failure in
Marriage" (Predizendo Êxito ou Fracasso no Casamento), Nova York 1939, p.

271.
{212} A. C Kinsey, "Sexual Behavior in Human Female", p. 403.
{213} Sylvían Keiser, "Body Ego During Orgasm" (O Ego Físico Durante o Orgasmo),
Psychoanalytic Quarterly, 1952, Vol. XXI, pp. 153-166: Os indivíduos deste grupo são caracterizados pelo fracasso no desenvolvimento do próprio ego... Sua dedicação e cuidados minuciosos e cheios de ansiedade ao corpo revelam sentimentos íntimos de vazio e insuficiência... Esses pacientes têm pouco sentido de identidade e estão sempre prontos a assumir a personalidade de outra pessoa. Têm poucas convicções pessoais e cedem facilmente às opiniões alheias... E' sobretudo entre tais pacientes que as relações sexuais só podem ser gozadas até um ponto antes do orgasmo... Não ousam atingi-lo de maneira desinibida, com a resultante perda de controle, perda de sensação do próprio corpo, ou morte... Em casos de incerteza sobre a estrutura e os limites da imagem corpórea, pode-se dizer que a epiderme não age como o invólucro que define nitidamente a transição entre pessoa e ambiente; um gradualmente se funde no outro; não há certeza de ser uma entidade distinta, dotada de força, para entregar-se sem pôr em risco a própria integridade.
{214} Lawrence Kubie, "Psychiatric Implications of the Kinsey Report" (Implicações Psiquiátricas do Relatório Kinsey), em "Sexual Behavior in the American Society", p. 270: Este simples objetivo biológico é sobrepujado por diversas finalidades mais sutis. Das quais o próprio indivíduo em geral não tem consciência. Alguns são acessíveis; outros, não. Quando a maioria o é, o resultado final da atividade sexual é uma sensação de tranquilidade, plenitude e satisfação. Porém, quando os objetivos inconscientes não são acessíveis, haja ou não orgasmo, a pessoa permanece num estado após-coito de insatisfação e às vezes de medo, ira ou depressão.
{215} Erik H. Erikson, "Childhood and Society" (Infância e Sociedade), pp. 239-283, 267-380. Consultar ainda Erich Fromm, "Escape from Freedom" (Fugindo à Liberdade) e "Man for Himself" (Por conta própria), e David Riesman, "The Lonely Crowd".
{216} Alva Myrdal e Viola Klein ("Women's Two Roles") observam que o número de americanos trabalhando hoje fora de casa parece maior do que é na verdade porque a base de comparação era extremamente reduzida: há um século a proporção de mulheres trabalhando fora era muito menor do que nos países europeus. Em outras palavras, o problema da mulher nos Estados Unidos foi provavelmente mais sério ainda porque do
afastamento do elemento feminino do trabalho essencial e com definição na sociedade foi muito mais drástico —• em primeiro lugar, por causa do rápido desenvolvimento e industrialização da *economia* americana. As mulheres que haviam evoluído ao lado dos homens no tempo do pioneirismo foram banidas, quase de um dia para outro, para o anonimato — expressivo termo sociológico para a sensação de não-existência e falta de
identidade, sofrida por todos os que não têm um verdadeiro lugar na

sociedade — quando o importante trabalho executado em casa deslocou-se para fora. Pelo contrário, na França, onde a industrialização foi mais lenta e as fazendas e pequenas lojas de artesanato familiar são ainda muito importantes na economia, as mulheres há um século trabalhavam em grande número, nos campos e nas lojas. Mesmo hoje em dia a maioria das francesas não são donas de casa em tempo integral, no sentido americano da mística, pois um número significativo continua a trabalhar nos campos, além daquela proporção de uma em três que estão empregadas na indústria, no comércio, nos escritórios e em diversas profissões. A evolução da mulher francesa ocorreu paralelamente à da sociedade, uma vez que a proporção de franceses em diversas profissões dobrou nos últimos cinquenta anos. E' interessante observar que a mística feminina não prevalece na França no mesmo grau que nos Estados Unidos; lá existe uma imagem legítima da profissional e da intelectual, e os franceses parecem reagir sexualmente a ela sem equacionar feminilidade com um vazio prestigiado, ou com a mamãe devoradora de homens. A família também não enfraqueceu — na realidade ou na mística — com o trabalho da mulher na indústria e nas outras profissões. Myrdal e Klein demonstram que as profissionais francesas continuam a ter filhos, mas não em grande número, como a mulher americana culta.

{217} Sidney Ditzion, "Marriage, Morais and Sex in America, A History of Ideas", Nova York 1953, p. 277.

{218} William James, "Psychology", Nova York 1892, p. 458.

{219} Ver "Mother's Choice: Manager or Martyr" (Opção Materna. Gerente ou Mártir) e "For a Mother's Hour" (Para a Hora da Mamãe), *New York Times Magazine,* 14 de janeiro de 1962 e 18 de março de 1962.

{220} A ideia de que o trabalho precisa ser "real", e não apenas uma "terapia" ou atividade,
a fim de proporcionar uma base para a personalidade está-se tornando cada vez mais evidente nas teorias da personalidade, mesmo que não haja referência específica à mulher. Assim, ao definir o início da "identidade" na criança, Erikson afirma em "Childhood and Society", p. 208: A criança em crescimento deve haurir um senso vitalizante de realidade do conhecimento de que sua maneira individual de enfrentar uma experiência (síntese do ego)
é uma variação bem sucedida de uma identidade de grupo e está de acordo com seu plano de espaço-tempo e vida. Nisto a criança não pode ser enganada com elogios ociosos e apoio condescendente. Talvez precise aceitar o encorajamento artificial de sua auto-estima em lugar de algo melhor, mas sua identidade obterá real vigor somente com o reconhecimento sincero e consciente de uma verdadeira realização, que tenha significado na cultura.

{221} Nanette E. Scofleld, "Some Changing Roles of Women in Suburbia: A Social Anthropological Case Study", publicação da Academia de Ciências de Nova York, Vol. 22, 6 de abril de 1960.

{222} Polly Weaver, "Whafs Wrong with Ambition?" (Que é que há de errado com a ambição?", *Mademoiselle,* setembro de 1956.

{223} Edna G. Rostow. "The Best of Both Worlds" (O Melhor de Dois Mundos), *Yale Review,* março de 1962

{224} Ida Fisher Davidoff e May Elish Markewich, "The Postparental Phase in the Life
Cycle of Fifty College-Educated Women" (A Fase pós-Fecunda no Ciclo Vital de 50
Mulheres Cultas), estudo inédito do Teacher's College, Universidade de Colúmbia, 1961. Essas mulheres educadas haviam sido donas de casa e mães de famílias nos anos em que as crianças cursavam e escola. Com a partida da última, as que sofriam sérias perturbações por não possuírem nenhum interesse mais profundo fora do lar incluíam algumas cuja capacidade de realização era bastante elevada — haviam sido líderes em trabalho comunitário, mas sentiam-se "esquesitas", "sem autenticidade", executando trabalho "que uma menina de dez anos poderia fazer". A orientação das autoras na escola de ajuste funcional leva-as a deplorar o fato de que a educação deu a essas mulheres objetivos "não-realistas" (um surpreendente número delas, com 50-60 anos, continuavam a desejar ter seguido a carreira de medicina). Contudo, as que haviam conservado seus interesses iniciais no tempo do colégio, trabalh?ndo mais tarda em política, arte ou outros setores, não se sentiam "esquesitas", e nem sofreram as perturbações da menopausa. Apesar de as que não tinham outros interesses sofrerem o mal-estar desse período, nenhuma delas desejava voltar a estudar depois de seus anos fecundos: o pouco tempo que lhes restava não justificavam o esforço. Assim, continuaram no "papel da mulher" fazendo de mãe para os pais idosos, ou adotando animaizinhos, plantas, ou pessoas para substituir os próprios filhos. A interpretação das duas educadoras familiares, que haviam sido conselheiras conjugais na meia idade, é bastante interessante: "Para as mulheres de nosso grupo, com grandes aspirações ou grande capacidade intelectual, ou ambas, a discrepância entre alguns dos valores realçados em nossa sociedade orientada para o sucesso, e as realizações e oportunidades disponíveis à mulher mais idosa e sem treinamento profissional era fonte de perturbação... A porta aberta para a mulher com habilitações ficava fechada para a despreparada. mesmo que e'a procurasse um lugar entre os empregos remunerados.
Os riscos da situação eram aparentemente percebidos pela maioria. Não se sentiam preparadas para o tipo de trabalho que as atraía, nem dispostas a gastar tempo e energias
necessários para seu treinamento, em fase do limitado número de anos ativos à
sua frente... Era preciso contornar a falta de entusiasmo resultante da pequena responsabilidade a ser enfrentada... Terminada a tarefa básica da maternidade, as satisfações do trabalho voluntário, antigamente uma válvula de escape secundária, pareciam diminuir . . . As atividades culturais dos subúrbios eram limitadas... Mesmo na cidade, a educação dos adultos... parecia ser apenas "ativismo" sem finalidade...

Assim, algumas m:inifestaram-se lamentando: "E' tarde demais para aprender uma
profissão". "Se eu me tivesse orientado numa só direção teria utilizado totalmente a
minha potencialidade". Mas as autoras observam com agrado que "a grande maioria se adaptou ao seu lugar na sociedade". Uma vez que nossa cultura exige da mulher certas renúncias de atividade e limita sua participação na vida, neste sentido ser mulher pareceria uma vantagem e não um obstáculo. Durante toda a sua existência ensinaram-lhe a mostrar-se sensível aos sentimentos e as necessidades alheias. Sua vida, em ocasiões estratégicas, exigiu renúncias. Teve^ portanto, oportunidade para praticar mais esta última renúncia... Toda a sua existência de mulher deu-lhe esta capacidade, a qual ela pode usar livremente sem maiores preparos...".

{225} Nevitt Sanford, "Personality Development During the College Years" (Evolução da
Personalidade nos Anos Universitários), *Journal of Social Issues,* 1956, Vol. 12, N» 4, p. 36.

{226} A agitação pública, no verão de 1962, sobre a virgindade das moças de Vassar é
o caso em questão. Mas o verdadeiro problema do educador, a meu ver, é descobrir se essas jovens estão obtendo dos estudos os objetivos permanentes que somente a educação pode conferir. Se a resposta fôr afirmativa, pode-se confiar em que se mostrem responsáveis em sua conduta sexual. O Presidente Blanding desafiou a mística declarando* que se uma jovem não se encontra na universidade para educar-se é melhor que se retire. Os protestos resultantes da declaração mostram a amplitude da educação orientada para o sexo.

{227} A impossibilidade de se estudar medicina, ciência e direito em horários reduzidos,
nas principais universidades, impediu mulheres de grande capacidade de seguir esses cursos. Mas. em 1962, a Escola de Graduação de Harvard pós abaixo tal obstáculo, a íim de atrair donas de casa talentosas para o magistério. Em Nova York foi anunciado um plano no sentido de permitir às médicas fazerem o estágio de psiquiatria e trabalho de pós-graduação em bases de meio-expediente, levando-se em conta suas responsabilidades de mães de família.

{228} virgínia L. Senders, "The Minnesota Plan for Women's — Continuing Educaíion"
(Plano de Minesota para a Educação Contínua da Mulher), era "Unfinished Business —
Continuing Education for Women" (Um Caso Inacabado — A Educação Contínua da Mulher), *The Educational Record,* Conselho Americano de Educação, outubro de 1961, p. 10.

{229} Mary Bunting, "The Radcliffe Institute for Independent Study" (Instituto Radcliffe

de Estudos Independentes), ibid., p. 19. A diretora de Radcliffe reflete a mística feminina ao deplorar "o uso que as primeiras diplomandas fizeram de sua educaç3o superior. Com frequência tornaram-se batalhadoras, reformistas, apaixonadas, destemidas e desembaraçadas, mas também, às vezes, exageradas. O protótipo da mulher educada surgiu da mente popular e atualmente existem preconceitos contra essa imagem e contra a educação". E declara, nas mesmas linhas: Não fizemos todas as tentativas respeitáveis para suprir as necessidades educacionais da mulher no passado, e isto é prova de que nossos objetivos foram orientados exclusivamente para os padrões vocacionais dos homens. Deslocando esta ênfase, porém, nossa finalidade não seria preparar e incentivar a mulher a competir com o homem... Por não ser em geral o ganha-pão da família poderá talvez ser mais útil trabalhando nas tarefas em que o homem não se pode arriscar. Há sempre lugar à margem, mesmo quando a competição no mercado intelectual é mais intensa. O fato de as mulheres usarem hoje sua educação "nos postos marginais" é resultado da mística feminina e dos preconceitos contra a mulher por ela encobertos; é duvidoso que as barreiras restantes caiam se até os educadores desanimam as mulheres talentosas de se tornarem "lutadoras, reformistas, apaixonadas, destemidas e desembaraçadas"... e bastante exageradas para que todo mundo as ouça.

{230} *Time,* novembro de 1961. Ver ainda "The Housenives at the $2 Window" (Donas de Casa na Vitrine dos Dois Dólares), New *York Times Magazine,* 1' de abril de 1962. que descreve como o serviço de *baby-sitters* e as clinicas para as donas de casa dos subúrbios são agora anunciadas nos prados de corridas.

{231} Observações de- Dorothy Bell Lawrence, membro republicano da assembleia legislativa, de Manhattan, publicado no New York Times, 8 de maio de 1962. A primeira mulher eleita como chefe de distrito na cidade de Nova York, explicou. "Eu vinha fazendo todo o trabalho, de modo que resolvi dizer ao presidente da comarca que queria ser presidente. Éle me disse que era contra as regras uma mulher ocupar o posto, mas depois resolveu mudar as regras". No movimento de reforma democrática de Nova York as mulheres estavam também começando a assumir postos de liderança de acordo com seu trabalho e as antigas senhoras auxiliares, organizadoras de comités, principiavam a desaparecer.

{232} Entre as mulheres que entrevistei, muitas das quais haviam renunciado completamente às suas ambições, conforme aconselha a mística, observei uma série de casos de aborto. Somente depois que a mulher voltava ao trabalho, ou aos estudos, conseguia completar uma desejada gravidez.

{233} A perspectiva de vida da mulher americana — 75 anos — é a mais longa do mundo. Mas, conforme Myrdal e Klein observam em "Women's Two Roles",

há uma
convicção cada vez mais fundamentada de que a idade cronológica difere da idade biológica no ser humano: "Na idade cronológica de 70 anos, as divergências de idade
biológica podem ser tão vastas como entre as idades cronológicas de 50 e 90". Os recentes estudos sobre a velhice indicam que os que têm mais cultura e ainda mais complexa e ativa, com interesses profundos e disposição para novas experiências e aprendizados não envelhecem no mesmo sentido que os outros. O estudo de 300 biografias (ver Charlotte Buhler, "The Curve of Life Studied in Biographies" (A Curva da Vida pelo Estudo de Biografias), *Journal of Applied Psychology,* XIX, agosto de 1935, p. 405, revela que na segunda metade da vida a produtividade da pessoa independe de seu equipamento biológico e, na verdade, encontra-se em nível mais alto que sua eficiência biológica, isto é, *se a pessoa emergiu da vida biológica.* Quando os "fatôres espirituais" dominavam a atividade, o ápice de produtividade surgia na segunda metade de vida; quando os "fatôres físicos" eram decisivos na vida do indivíduo, o ponto culminante era alcançado mais cedo e a curva psicológica estava mais próxima da biológica. O estudo de mulheres cultas acima citado revelou muito menos sofrimento na menopausa do que o considerado "normal" hoje nos Estados Unidos. A maioria dessas mulheres, cujos horizontes não ficaram confinados à vida doméstica e à função biológica, aos cinquenta e sessenta anos não se sentiam "velhas". Várias revelaram, surpreendidas, que haviam sofrido muito menos problemas na menopausa do que esperavam, baseadas no que lhes dissera sua mãe. Therese Benedek sugere em "Climaterium: A Development Phase" (Cli^matério: Uma Fase Evolutiva), Psychoanalytycal Quarterly, XIX, 1950, p. 1, que o menor desconforto e a explosão de energia criativa que muitas experimentam na menopausa é, pelo menos em parte, devido à "emancipação" da mulher. As cifras de Kinsey parecem indicar que as mulheres emancipadas pela educação de uma existência puramente biológica experimentam o clímax da realização sexual muito mais tarde do que era de esperar e continuam a senti-lo após os quarenta e a menopausa. Talvez o melhor exemplo deste fenómeno seja Colette — aquela francesa verdadeiramente humana e emancipada, que viveu, amou e escreveu com tão pouca deferência por sua idade cronológica, que aos 80 dizia: "Se eu ainda tivesse cinquenta e oito... Porque nessa idade a pessoa ainda é desejada e vive cheia de esperanças no futuro".